

FALANDO COM VOCÊ



LEDA MARIA FLABOREA

FALANDO COM VOCÊ

Leda Maria Flaborea

Data de publicação: 29/7/2021

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina - Paraná – Brasil

www.oconsolador.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação

Flaborea, Leda Maria.

F568f

Falando com você / Leda Maria Flaborea;
revisão Eunice de Oliveira Cazetta; capa
Ana Luísa da Silva Neto. - Londrina, PR :
EVOC, 2021.

625 p.

1. Literatura brasileira-crônicas. 2.
Literatura espírita. I. Neto, Ana Luísa da Silva.
II. Cazetta, Eunice Oliveira. III. Título

CDD B869.4
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

Agradecimentos.....	10
Sobre a autora.....	11

PARTE PRIMEIRA

A inevitável solidão humana.....	13
A parte que nos toca.....	18
Que Deus é esse? A Procura de Deus.....	21
A Renovação exige coragem e perseverança.....	24
A Voz de Deus em mim.....	28
Aflições.....	31
Busca Interminável.....	35
Cada um tem seu querer.....	39
Cartão de Natal.....	44
Ciranda.....	46
Consciência cósmica.....	49
Consequências do passado, alavancas do futuro.....	53
Divisor.....	60
Eu no espelho.....	64
Falando com você.....	68
Frutos.....	72
Guerras particulares.....	75
Insondáveis razões.....	78
Lar, pequena praia.....	81
Libertação dos escravos.....	84
Mansos e pacificadores.....	86

Mensagem de Natal.....	89
Não matarás.....	95
Novo amanhecer.....	99
O Dízimo e a casa Espírita.....	103
O Hábito de julgar.....	106
O Natal nosso de cada dia.....	109
Reflexões sobre as guerras.....	113
Ressonâncias afetivas.....	117
Servos de Deus.....	125
Vamos nos conhecer?.....	129
Vida e morte.....	133
Vivência do evangelho na atualidade.....	136

PARTE SEGUNDA

A caminho do amor.....	140
A felicidade está em nós.....	147
A ovelha perdida.....	151
A propósito da busca do bem em nós.....	157
A propósito das bênçãos de Deus.....	161
Amargura.....	167
As energias sexuais e suas consequências.....	170
Automatismo e corpo espiritual.....	178
Boas maneiras.....	189
Buscando respostas.....	194
Caminhar para Jesus.....	198
Caridade e riqueza.....	202
Como “viver” o Espiritismo.....	205

Compreendendo.....	208
Conduta Espírita ante as tribulações.....	216
Condutores da Existência.....	220
Liberdade! Liberdade!.....	224
Mendigos de Afeto.....	228
Misericórdia para todos!.....	232
Moradas.....	235
Não te afastes.....	239
Não vim para batizar.....	243
No ato de orar.....	248
O Bom Samaritano.....	253
O Centro Espírita.....	259
O Dever.....	263
O Expositor espírita.....	267
O querer.....	272
O Sono da Alma, Perigosa Tentação.....	277
Oração e Renovação.....	281
Orai pelos que vos perseguem.....	286
Os dois fundamentos.....	292
Os Sermões de Jesus.....	298
Ouvidos de ouvir.....	303
Parábola do joio.....	306
Parábola do Mordomo Infel.....	310
Parábola do Semeador, a viagem do Espírito.....	314
Parábola do Tesouro Escondido e da Pérola Oculta.....	318
Parábola dos Trabalhadores da Vinha.....	323
Perdão, remédio para a alma.....	330

Procuram-se.....	333
Promessas.....	338
Psicografia, a comunicação dos Espíritos.....	341
Quadro-negro.....	347
Reencarnação, princípio evolutivo.....	353
Reflexões sobre a benignidade.....	358
Reflexões sobre o auxílio do invisível.....	364
Reflexões sobre o tempo.....	368
Renovação Mental para um viver melhor.....	372
Ricos e pobres.....	378
Sejamos pacientes!.....	382
Sexo perante o Espiritismo.....	386
Viver no Mundo.....	395

PARTE TERCEIRA

A cada um o seu cuidado.....	399
A constante presença de Jesus em nós.....	405
A cura verdadeira.....	410
A propósito da busca do bem em nós.....	416
A verdade nos libertará, certeza de Jesus.....	420
Acalma meus passos, Senhor!.....	424
Amor e temor.....	427
Amparo & sustentação.....	431
Ante a luz da verdade.....	437
Apascenta.....	441
Aproveita.....	446
Autoevangelização e empatia.....	451

Com ardente amor.....	454
Confiança e trabalho.....	458
Confiemos em Deus, confiemos em nós.....	461
E agora, por que te deténs?.....	466
E Jesus prossegue ensinando.....	469
E os fins?.....	471
Em que estou melhorando?.....	476
Em torno da palavra falada.....	480
Fé e obra.....	485
Filhos da luz.....	489
Herdeiros da Terra.....	494
Jesus e nós outros.....	498
Mundo, campo de trabalho!.....	503
Na conquista da liberdade.....	508
Na renovação de cada dia.....	513
No auxílio a todos.....	518
No deserto do silêncio.....	524
Nos domínios da humildade.....	528
Nossa conta particular ante a contabilidade divina.....	534
O carácter atual da simbologia da candeia.....	540
O carácter sagrado das palavras de Jesus.....	544
O outro filho.....	548
O talento da coragem.....	553
Observemo-nos.....	558
Pão da alma.....	562
Parábola do joio.....	565
Parábola do Rico e de Lázaro.....	569

Pedras do caminho.....	575
Prometer é barganhar com Deus.....	579
Reforma íntima, já!.....	583
Salva-te a ti mesmo.....	589
Seguir a luz para encontrar o caminho.....	594
Semeaduras e Colheitas.....	598
Servidores imperfeitos.....	604
Trabalhos e trabalhadores.....	608
Tribulações.....	613
Indicação, por ordem alfabética, dos Livros Bíblicos.....	615
Referências bibliográficas.....	620

Tempo de travessia

Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas
Que já têm a forma do nosso corpo
E esquecer os nossos caminhos que
nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia
E se não ousarmos fazê-la
Teremos ficado para sempre
À margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Apresento-lhe o livro que desnuda um pouco o Espírito inquieto, inquiridor e observador da vida que habita em mim.

Certamente não concordaremos com muitas colocações, mas a ideia é exatamente esta: repensar as diferenças, pois nenhuma conclusão pessoal é isenta de ponto de vista.

Cada tema desenvolvido foi pensado no como me tocou e de que maneira poderia tocar você.

Se consegui, só o tempo poderá dizer.

E agradeço profundamente a Temi Mary Faccio Simionato e Natália Faccio Simionato que generosamente ajudaram-me na organização destas páginas.

Sobre a autora

Nascida em Marília (SP), Leda Maria Flaborea mudou-se para a capital do estado de São Paulo ainda jovemzinha.

Pedagoga por formação e vocação, transferiu todo o conhecimento adquirido como profissional da área para dar sustentação à tarefa que ela considera a mais importante nesta encarnação: a divulgação dos conceitos espíritas.

Como educadora espírita e palestrante, percorreu diversas Casas, dentre elas a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), na qual permaneceu muitos anos.

Como articulista escreveu para vários periódicos no Brasil e no exterior, dentre eles os jornais da FEESP e a revista **O Consolador**, de cujo grupo faz parte a EVOC – Editora Virtual O Consolador, que publica este e-book.

PARTE PRIMEIRA

Aqui estão reunidos os resultados de profundas e possíveis imersões no íntimo de um mundo, ainda em descobertas, que muitas vezes me assustaram e, em outras, angustiaram-me, mas de todas elas saí muito mais consciente da real razão pela qual estou aqui.

A inevitável solidão humana

Diante do aparente silêncio do Universo, o homem encontra-se absolutamente só. De todos os seres da Natureza, somente ele vive só, porque deve viver consigo mesmo. E é natural que assim seja, pois é o único que pode, através do processo evolutivo ao qual se encontra submetido, ser consciente da sua condição de criatura, do mesmo Criador de tudo que existe ao seu redor. Essa condição de ser consciente, portanto, pensante e responsável pelos seus pensamentos, é o que o diferencia de todos os outros seres vivos que habitam o Universo e aonde mais o imaginário de cada um puder levar.

Nessa condição, tornamo-nos assim – homens que somos – diferentes entre si por características que nunca se repetem, pois inerentes à condição de criaturas divinas e juizes dos próprios atos. Apenas nós e somente nós nos condenamos, nos absolvemos, criando para nós as punições que tantas vezes nos martirizam a existência, num processo de culpas que parece não ter fim. Nem mesmo o deus punitivo, celebrado por diferentes crenças, é capaz de tanta perversidade quando se trata de punir faltosos. Não necessitamos de advogados que nos defendam, nem de promotores que nos acusem. Nossos atos representam todo um processo de acusações ou aprovações pelos quais nossa consciência, juiz implacável, nos demandará as penas que se fizerem justas. Está aí, certamente, o maior erro que cometemos. Autoflagelamo-nos psiquicamente, criando quadros de punições que se refletem, com o tempo, nas doenças do Espírito e do corpo material. Doenças psíquicas inexplicáveis, doenças físicas

de diagnósticos impossíveis...

Orgulho e egoísmo são certamente duas molas que movem os homens nesse julgamento. Imaginando-se sabedor de todas as coisas, não admitindo errar e vendo-se diante do fato incontestado, impõem-se penas tão severas como a mostrarem a si próprios que podem suportá-las, porque se julgam mais fortes e mais corajosos diante das tribulações inerentes à existência terrena. Não têm misericórdia para consigo e não terão, certamente, para com os outros. Penas brandas ou perdão pelos próprios erros não fazem parte das atitudes de quem se julga mestre, e não aprendiz da Vida. Essa posição, na maioria das vezes inconsciente, acaba por levar a comportamentos de rebeldia, inconformismo e intolerância para com tudo e com todos que os cercam, como vítimas perenes da existência. Tempo roubado na caminhada evolutiva...

Ninguém consegue penetrar nesse recesso, e somente na solidão de suas experiências e lembranças podem os homens encontrar-se consigo mesmos e com Deus. Essa viagem interior é absolutamente necessária, mais cedo ou mais tarde, mas deve ser feita sempre sozinho. Impossível ser de outra forma. Pretender fugir à própria consciência é tarefa inútil. Talvez se consiga por algum tempo, mas, mesmo quando acreditamos não ter que prestar contas de nossos atos a quem quer se seja, nem ao nosso juiz interior, percebemo-nos falando sozinhos. Sozinhos? Realmente alguém fala sozinho? E quem é esse interlocutor com quem falamos? Por ventura, não será nossa consciência a nos direcionar caminhos?

As ciências humanas nos dizem que o homem é um ser gregário e isto é um fato. Em nenhuma outra circunstância podem-se colocar em prática os valores morais indispensáveis à nossa evolução, a não ser na troca e nas

oportunidades que surgem, quando nos relacionamos com o outro. Entretanto, as resoluções que tomarmos ao vivenciar esses valores serão, incontestavelmente, individuais e, nesse momento, ninguém, absolutamente ninguém, deverá interferir sem que com isso acarrete prejuízos para ambos. A decisão de um ao aceitar ou não as sugestões do outro será de sua total responsabilidade, porque será sua a escolha; o outro, ao sugerir o que quer que seja, estará assumindo diante de sua consciência a responsabilidade por todas as consequências que advierem de sua interferência.

É importante não se perder de vista que ao falarmos de interferência não incluamos as amorosas orientações que recebemos dos que nos querem bem e que nos acenam, dentro do possível, com possibilidades que nos permitam escolhas acertadas ou, ao menos, com menores chances de erros e, portanto, com menores comprometimentos futuros. Se para quem ouve e segue as sugestões recebidas a responsabilidade é grande, para quem orienta ela não é menor, pois, em nome desse bem querer, quantos enganos se tem cometido. Nesse momento, somente o bom senso, o comedimento e o equilíbrio devem ser as molas propulsoras de cada ato, de ambas as partes, quando existirem as condições de discernimento para tal.

Sempre a escolha para o Espírito... Sempre a solidão do Espírito...

Mas, mesmo sendo o homem um ser gregário, se tivermos o olhar um pouco mais atento, perceberemos esse ser só. Igual a todos os corpos do Universo, os homens se atraem e se repelem num constante movimento de aproximação e afastamento. Tantos chegam e passam em nossas existências. Seres simpáticos ou não,

respirando a mesma atmosfera de desejos e ideais ou contrários às nossas expectativas, vão e vêm enriquecendo-nos sempre, porque aprendemos sempre, mesmo que só venhamos a nos dar conta disso muito mais tarde. Todavia, apesar de toda movimentação ao nosso redor, permanecemos sozinhos.

E como assusta essa solidão para aqueles que confundem essa intrínseca necessidade com a ausência constante ou não de pessoas ao redor! Quantos buscam permanecer na superficialidade das relações por medo de estarem sós... Sensação de abandono ou profundo receio de ficar só consigo mesmo que se traduz, muitas vezes, pela aceitação de qualquer coisa, em lugar de nenhuma. Perde-se qualidade com a ilusão de se ganhar em quantidade; banalizam-se ideais e esperanças em troca da não tomada de posição perante seu juiz interior. Porém, cedo ou tarde, teremos de nos colocar frente a frente com nossa consciência.

Entendemos claramente essa imensa dificuldade que o ser humano tem em não enxergar a riqueza do seu mundo interior, postergando esse encontro com seu íntimo; de não se sentir capaz de realizar dentro de si as mudanças necessárias que o levarão a entender, de vez, que pode caminhar junto com outros, embora totalmente isolado na sua individualidade.

Se a troca é imperativa ao crescimento, ela é também igual para todos. Uns caminham já à nossa frente; outros, todavia, ainda se encontram mais atrás. Entretanto, existe a imensa massa de seres que como nós prossegue com as mesmas dificuldades, em busca do progresso. Podemos, certamente, nos dar as mãos ajudando-nos mutuamente, amparando-nos uns aos outros, até mesmo nos solidarizando, mas ninguém caminhará por nós. É tarefa

individual, intransferível e absolutamente solitária.

Pub. – O Semeador (FEESP) – dezembro/2007.

A parte que nos toca

Nossa vinda para esse planeta é o resultado da imensa misericórdia divina. Tantos mundos para pisar; mas era aqui mesmo nosso destino nesse início. Início difícil é verdade. Não conhecíamos o planeta e ele não nos conhecia. Entretanto, nossa destinação era certa: progredir em conhecimento e moralidade, em direção ao Pai, para sermos plenamente felizes.

É fácil e cômodo imaginar que aqui chegamos prontos e estamos hoje. Todavia, mesmo tomando a nós próprios como parâmetro, podemos perceber a imensa distância que existe ente mim e o outro, entre nós e os outros. Ainda que semelhantes - nunca iguais - fisicamente na constituição orgânica, guardamos na nossa história evolutiva, no caminho que percorremos para até aqui chegar, uma tão grande diferença que assustaria a mais brilhante inteligência que pretendesse nos nivelar.

O quando, o como e o porquê de estarmos sobre esse chão não poderemos saber por ora, pois pertencem aos desígnios do Pai Celeste; mais precisamente ao resultado da aplicação de Suas sábias, justas e amorosas leis.

Cada ser humano é em essência um mundo particular. E esse mundo, na maioria das vezes, ignoramos, seja por incapacidade de entendê-lo, seja por medo do que encontrar se mergulharmos nele. Nos dois casos, queiramos ou não, esse encontro acontecerá mais cedo ou mais tarde. É da nossa destinação. É a chave que nos abrirá a porta da liberdade, do autoconhecimento, como na Parábola do Filho Pródigo, tão necessários ao crescimento

evolutivo e à conquista da plena felicidade.

No Templo de Delfos, na Grécia, o célebre filósofo Sócrates encontrou grafada a seguinte frase cunhada por seu sapientíssimo confrade Sólon: "*conhece-te a ti mesmo*". Este conceito é tema recorrente das ciências humanas modernas na busca do bem viver. Que longo caminho foi percorrido!... E ainda hoje não compreendemos ou não desejamos compreender o que verdadeiramente isso significa.

Somos análogos na estrutura orgânica, é verdade, mas muito longe da igualdade moral. Uns caminham mais rápidos, porque se fizeram mais fortes, determinados e corajosos, apesar das dificuldades que enfrentaram. Outros, a maioria, permanecem dormindo, aguardando o dia em que serão despertados e se verão felizes sem esforços e sem méritos. Ledo engano!...

O planeta que a todos acolhe também se modifica fisicamente. A humanidade que o habita mal se dá conta disso e continua depauperando-o. Junto com ele, essa população se renova todos os dias, trazendo novas gerações que, essencialmente, estarão mais despertas, mais conscientes da sua destinação, mais preparadas física, intelectual e moralmente para enfrentar as novas dificuldades.

Assim como para nós as dificuldades eram grandes e os recursos poucos, as novas gerações enfrentarão outros desafios que nós, hoje, não conseguimos sequer perceber que existem. Mas terá outro mundo, outras fontes de saber, outra ética. Mais próximos do "*ama teu próximo como a ti mesmo*", perceberão que toda a Natureza – e o homem está incluído nela – é teu próximo.

Nosso dever, neste momento, é dar o máximo que

pudermos, dentro das nossas limitações, as mínimas condições para que essa nova gente, que continua chegando, encontre, pelo menos, um planeta com menos lixo de toda ordem, de todos os quilates.

Não dá para fazer tudo de uma vez. Mas, jogar seu lixo na lixeira, ceder seu lugar no transporte público a quem necessite ou tenha direito preservado em lei, dirigir com respeito às normas de trânsito, guardar a ideia de que não é mais possível misturar o que é público com o privado, procurando lembrar que dependemos uns dos outros no dia a dia, e que é nessa troca que vamos nos fortalecendo para enfrentar com mais coragem os embates da vida, isso, sim, dá para fazer e pouco custa.

O outro, ainda que diferente, é nosso igual, pois irmanados em humanidade e filhos do mesmo Pai Criador. Estamos todos juntos nessa jornada de crescimento, aprendendo e ensinando, ajudando e sendo ajudados, pedindo e agradecendo a Deus, diariamente, a bendita oportunidade da vida.

Pub. - Revista Eletrônica O Consolador, edição nº 375.

Que Deus é esse? A Procura de Deus

Que Deus é esse, senhor de todas as coisas, que habita o coração dos homens e traz tanto desassossego? Que, com impiedade que só entre os homens encontramos, coloca seus filhos na eternidade de sofrimentos infernais, de muitos desvairados, ou no enlouquecimento ocioso da angelitude de tão poucos! Que deus cruel é esse que cria homens fortes para resistirem às paixões inferiores e tão fracos que sucumbem a elas? Que sobem aos céus ou descem aos infernos, que se tornam anjos ou se perpetuam como demônios, sem aprender que o Bem é maior que o Mal e sem chances de redenção.

Que Deus é esse que por capricho coloca sobre o planeta seres sadios e doentes, do corpo ou da alma, e que, não compreendendo suas leis, se lançam ao limo da terra ou se elevam à vaidosa superioridade? Que homem é esse, Senhor, que cria um deus à sua imagem e semelhança, com todos os seus defeitos e nenhum atributo, buscando justificar sua iniquidade, seu desamor com o semelhante, seus desatinos? Que homens são esses que, sem perceberem sua essência divina de luz e de amor, se lançam cegos à conquista do efêmero sem atinarem com a vacuidade que criam em suas existências? Por que perguntar, se somos nós esses homens!

Mas eis, Senhor de todas as preces verdadeiras, que uma nesga de esperança surge nessas vidas turbinosas. Homens cansados de carregar tantas aflições, depauperados pelo peso da responsabilidade sobre seus atos, que não podem transferir a ninguém, iniciam agora

sua viagem de retorno. E buscam o Pai de perdão. Não o pai irado e vingativo que pune sem dar ao filho a chance de reiniciar o caminho, de onde um dia se perdeu. Buscam o Pai misericordioso que lhes mostra como recomeçarem, através do arrependimento, a resgatar as consequências de suas escolhas insensatas. Buscam o Pai que é só Amor a lhes iluminar a viagem interior, tão necessária para o reencontro consigo mesmo, onde encontrarão Deus.

Crianças medrosas que aprendem, desde cedo, que existem um céu e um inferno circunscritos, como nos jogos de amarelinha da nossa infância, onde se vai para o céu quando se acerta e para o inferno quando se erra. Que colocam nesse céu um deus tão distante de si que mal conseguem imaginá-lo e, assustadas, o trazem para perto como homem. Ser antropomórfico, criatura palpável porque igual a eles. Crianças inseguras que, com perninhas curtas, costumam a atravessar a rua na busca do pique, objetivo do folguedo infantil, tentando escapar do companheiro perseguidor. A distância parece tão longa e a rua tão larga... O porto seguro onde podem se abrigar parece tão longe...

Será que é assim que todos nós nos sentimos em relação a Deus, para colocá-Lo tão longe de nossas vidas? A imensa distância com a qual O afastamos nos permite imaginar quão pequenos são ainda nossos passos para alcançar esse porto seguro, inacessível – porque intocável, assim imaginamos nós –, e de quanto esforço ainda necessitamos para avançar, mesmo que lentamente. É fácil compreender, quando assim nos vemos, a necessidade de se criar um deus mais próximo, mais humano, mesmo que falível e injusto. É preciso ter algo que nos sirva de proteção e que nos traga segurança. Algo para onde fugir. O pique de outrora.

Porém, já não somos mais crianças. A rua parece, por ora, tão comum... E a distância está longe de ser aquela interminável de nossa infância. Hoje, não mais crianças, não precisamos mais ter passos tão pequenos, nem distâncias invencíveis. Hoje, que tudo parece estar no seu tamanho normal, por que Deus continua tão distante?

Entretanto, se já conseguimos nos fazer essa pergunta, é sinal claro de que agora queremos encontrá-Lo. O ensinamento evangélico nos diz "buscai e achareis", mas também nos alerta que ninguém acha o que não quer encontrar.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – julho de 2001.

A Renovação exige coragem e perseverança

O trabalho de renovação das disposições íntimas vai exigir de todo aquele que se proponha executá-lo perseverança e determinação. Perseverança, por causa da necessidade da repetição contínua e sistemática na correção do desvio feito nos caminhos da existência, e determinação, para que não se abandone o comprometimento com essa nova atitude.

As ideias fantasiosas que temos sobre renovação deixam-nos manietados a outros erros e iludidos na certeza de que a estamos realizando. Quase sempre, por desconhecimento, apenas trocamos o nome, o rótulo de antigos enganos, que insistimos em manter – nos apraz tal situação –, distorcendo o verdadeiro significado de tal fato. Esse engano, parece-nos, está ligado à noção equivocada de que estamos realmente comprometidos com a mudança e que a estamos realizando. Mas a verdade é que, se observarmos nossa conduta, poderemos perceber, muitas vezes, que insistimos em cometer os mesmos erros, fazendo as mesmas escolhas e guardando a certeza de que já havíamos superado essa fase. Todavia, a consciência dessa repetência permitirá que nos coloquemos em alerta, porque nos permitirá saber que, ainda, estamos no início da caminhada e distantes dessa superação.

As situações nas quais somos chamados a dar testemunho daquilo que já aprendemos – e quase sempre supomos que já o fizemos – se constituem em excelentes vitrines para essas observações. São armadilhas que surgem para que nos testemos, para que tenhamos um

parâmetro da nossa evolução, para que possamos medir o quanto, ainda, a paciência, a tolerância com as diferenças, o entendimento fraterno a quem nos agride, a capacidade de perdoar e esquecer e tantos outros que imaginávamos já dominar estão longe do ideal da prática amorosa que Jesus nos ensinou. São decepções que infligimos a nós mesmos e que sacodem a nossa acomodação, no pouco que fizemos, mas que supomos ser muito.

É importante lembrar aqui que qualquer avanço na senda do progresso é louvável e, às vezes, requer muito esforço de quem o executa. O que não pode ocorrer é a estagnação desse movimento renovador, com a justificativa de que muito já foi feito. Isso nos desequilibra e nos adoce física e emocionalmente, permitindo que, inúmeras vezes, sejamos alvos fáceis de aproximação de outras mentes em desalinho, sejam elas encarnadas ou desencarnadas.

Por essa razão, a superação de sentimentos inferiores, sob o ponto de vista de Jesus, como os de revide, vingança, vaidade, personalismo, por exemplo – expressões do egoísmo na vida de relação – é de vital importância para a recuperação e manutenção do equilíbrio e da harmonia no âmbito da vida íntima. É essa condição que nos permitirá não sermos feridos pelas correntes aflitivas e conflitantes que nos cercam, proporcionando um outro olhar sobre essas armadilhas, um olhar com objetividade, dando a cada situação o justo peso de importância.

Para que isso ocorra, faz-se mister buscar conhecer nossos sentimentos – raiz de nossas escolhas –, dimensioná-los, estabelecendo prioridades para serem trabalhadas, com foco nas suas transformações, partindo do mais simples e, portanto, do mais fácil – aquele mais

imediatamente, mais próximo, que está mais claro para nós – para o mais complexo e mais difícil. O mais importante nesse processo, em última análise, é ter a coragem de identificar esses sentimentos malsãos, iniciar a tarefa de renovação e, depois, permanecer nesse caminho. Passeando entre a luz e a sombra, a razão e a emoção, nunca acertaremos a rota se não nos comprometermos com a mudança e perseverar nela, mesmo que se tenha de refazer os passos mil vezes.

Muitos de nós creem que somente a fé em Deus seja suficiente para que essas mudanças ocorram. Entretanto, a proposta de renovação que Jesus nos convida a realizar transcende a simples fé divina. Ela vai além e toca na essência do Espírito, na vontade genuína de realizá-la. Daí, a presença dessas duas forças transformadoras em nós: a fé humana e a fé divina, porque, ainda que se aceite a soberana presença de Deus em nossa vida; ainda que a fé nos leve a adorá-Lo em Espírito e Verdade; ainda que a Natureza O revele através das belezas que nos cercam, se não O sentirmos e mostrarmos ao mundo, através de nossas atitudes, nada terá sentido.

Aceitar a Sua presença e não vê-Lo no próximo é cegueira mental; adorá-Lo em Espírito e Verdade e só colocá-Lo em altares terrenos é diminuir-Lhe a majestade; e vê-Lo revelado em Suas obras e não entendê-Lo é olhar-se no espelho e não reconhecê-Lo em si mesmo.

É na busca dessa identidade com o Criador que reside nossa luta renovadora. “O Pai e eu somos um só”, disse Jesus, mostrando que somente pela superação de nós mesmos e da materialidade na qual insistimos em permanecer seremos livres e nos reconheceremos, finalmente, como filhos de Deus.

A Voz de Deus em mim

Na inquietude do nosso ser, ela aparece. Palavra solta, saída do nada... Às vezes frase, soprando feito vento sem rumo, sem direção. Voz que soa dentro de nós; gritos interiores que nos perturbam. Surge calma, surge revolta, mas sempre nos surpreende porque estamos desprevenidos. Sopro divino ou lembranças outras que extraímos dos nossos guardados, passados ou presentes... Quem poderá dizê-lo? E o que era apenas inquietude transforma-se também em pesar.

Diante do inesperado, nossa alma sofre. Que seta é essa que surge em nossas mentes sem que lhe compreendamos o significado? Onde a ouvimos, onde a lemos? Que importância terá tido para que, de repente, surja assim do nada?

Na verdade, que isso importa? Ela ali está e nos incomoda. É preciso desvendá-la para entendê-la. Às vezes surge como ponto de partida de algo que há por vir, outras como fim de aflição que já experimentamos. Mas somente entenderemos isso quando conseguirmos, num átimo, movimentar dentro de nós furacões e calmarias, alegrias e tristezas, revisando nossas idas e vindas em contínuas experiências de aprender com os próprios erros. São tantas lembranças e somos tantos a revolver guardados... Lembranças infinitas boas e más, perdidas no tempo.

Todavia, é necessário silenciar, por ora, todas as vozes que nos cercam e permitir, ao menos uma vez, que essa "outra" voz, na nossa consciência, nos guie nessa procura. Difícil exercício esse! Por que necessitamos desse barulho

ensurdecedor que produzimos? Esse turbilhão de palavras e sons que toma conta da nossa mente? E como é melancólico precisarmos da balbúrdia exterior para não escutar os apelos de Deus a soar dentro de nós, a nos chamar para a vida. Vida que pulsa em nós e fora de nós, vida que se transforma nos transformando, que se sublima nos sublimando, que é nossa cúmplice ao nos proporcionar oportunidades de escolhas em cada momento das nossas existências.

E assim, permanecemos nós sempre e eternamente diante de escolhas. Direito inalienável de todo ser humano, pois nada mais no Universo escolhe: simplesmente cumprem leis divinas, eternas, imutáveis. Somente ao homem é dado esse direito – direito de escolher entre o bem e o mal, o certo e o errado – mas, também somente a ele é dada a responsabilidade sobre suas escolhas. A cada um segundo as suas obras, não é disso que nos falam as lições evangélicas? Onde, portanto, a estranheza, a dúvida? Onde a injustiça divina?

De alguma forma a palavra antes solta e difusa parece ensaiar um esboço, uma definição.

Mesmo nos incomodando, a seta parece fazer algum sentido, pois só prestamos atenção àquilo que nos perturba. Há quanto tempo terá estado próxima sem que detectássemos sua presença? Sinal claro de que, em algum momento, no turbilhão mental, um espaço para a quietude aconteceu. Ensejo único nesse caos que geramos dentro e fora de nós. Momento mágico em que força de Deus se fez presente em nós, e nos despertou para a necessidade de crescer, e, por ainda não nos darmos conta desse chamamento, sentimo-nos aturdidos e perplexos.

Porém, é necessário buscar esse entendimento. É vital

alargar esse espaço que aconteceu e que propiciou o surgimento dela, em algum momento, em nós, ainda que não saibamos quando nem por quê. A seu tempo e à sua hora, todos compreenderemos. E é na procura desse espaço que lentamente vamos organizando nossos gritos.

Que clamores são esses que de repente exigem de nós tamanho esforço, tanto desgaste? E o cansaço de pedir por paz nos vence, porque não basta pedir apenas. É chegado o momento de reavaliação; é preciso analisar valores e ideias; modificar atitudes saneando pensamentos. Buscando essa quietude interior, vamos examinar cuidadosamente verdades que considerávamos eternas e, com isso, jogamos fora lembranças guardadas sem razão e sem sentido, ocupando espaço precioso em nossos corações. Momentos difíceis e delicados de desligamento e abandono daquilo que julgávamos eterno porque nos sentíamos seguros assim. Ilusão?... Nem tanto. Apenas desconhecimento da realidade. Culpas?... Nenhuma. Afinal somos todos aprendizes da Vida. O que não podemos, e talvez seja esta a única certeza que temos, é de não tentar fazer tudo de uma só vez. O tempo é nosso aliado nesse lento trabalho de recuperação e de transformação. Estamos restaurando almas, curando chagas e, para isso, há que se ter cuidado e paciência.

Ao atingirmos essa vaga noção do que nos acontece, já teremos, certamente, percebido a maneira amorosa com que o Criador nos conclama à modificação. Sopro Divino a nos acalantar docemente com palavras que imaginamos vindas do nada e que, adormecidas em nossa consciência, nos despertam, convidando-nos ao imenso banquete do amor através do perdão. A nós próprios e ao outro.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP), julho de 2006.

Aflições

Hoje, talvez mais atentos às nossas atitudes e certamente mais conscientes de nossas responsabilidades na roda da vida, entendemos melhor os ensinamentos que pessoas amorosas, preocupadas em nos preparar para as lutas futuras, nos transmitiram. É bem verdade que somente com o correr do tempo e as dificuldades vividas, superadas algumas, esquecidas outras, mas ainda marcadas em nós após tanto tempo, já somos capazes de compreendê-los.

A frase “cada um é responsável pelos seus atos” ainda soa em nossos ouvidos como a nos mostrar que essa é uma verdade inexorável que nos acompanhará sempre, por toda eternidade, pois é intransferível. Hoje, fica claro que se cada um é responsável não só pelos seus atos, mas também por suas palavras e pensamentos – somos escravos daquilo que geramos –, enquanto a criatura humana não modificar seu comportamento e passar a agir com mais caridade, não conseguirá livrar-se das situações aflitivas que lhe norteiam a existência.

Todavia, se é verdadeiro o ensinamento evangélico de nossa infância, não é menos verdadeiro o ensino que adquirimos, nos embates da vida, de que cada um receberá por aquilo que obrou. Neste momento, mister se faz que paremos e reflitamos no que isso verdadeiramente representa para cada um de nós. Colocamo-nos sempre como vítimas de alguém ou de circunstâncias, pois jamais admitiremos que um processo de aflição, qualquer que seja ele, começa em nós e só em nós termina.

Talvez, se pudermos transformar a ideia, que nos parece tão ruim, em imagens de fácil percepção, a apreensão dessa verdade não seria tão angustiante. Vejamos, pois, nessa pequena viagem, até onde pode nossa imaginar caminhar na tentativa de transformar algo impossível – não somos os geradores das nossas aflições, e é nisso que acreditamos –, em algo palpável: se geramos aflições, também podemos gerar tranquilidade, tornando-se esse, a partir de agora, nosso novo enfoque.

Vamos nos imaginar agricultores e recebendo cada qual igual pedaço de terra para ser cultivado. Quem nos doou a terra não determinou o que deveríamos plantar e nem como deveríamos fazê-lo. Deu-nos as ferramentas e permitiu que cada um escolhesse sua sementeira. Impôs somente uma condição, o que nos parece justo diante de tanta generosidade: o resultado dessa colheita seria de total responsabilidade do cultivador.

E nossa pequena história continua quando partimos todos para o trabalho. Na pressa de um plantio mais rápido, para ficarem mais tempo na ociosidade, muitos não adubam a terra adequadamente e escolhem descuidados as sementes a serem plantadas, não se importando muito com a qualidade que possam apresentar. Há urgência em terminar logo o trabalho! Outros, ainda, talvez um pouquinho mais cuidadosos, tratam de preparar a terra para o plantio e semeá-la, mas acreditando que haverá muito tempo até o desabrochar da tenra planta, não cuidam adequadamente da sua lavoura, permitindo que ervas daninhas cresçam e sufoquem a frágil muda no seu nascedouro.

Mas, entre tantos ociosos e desatentos, existem aqueles que pacientemente preparam a terra que irá receber sementes escolhidas com desvelo. Cuidam com

zelo daquilo que lhes deu trabalho preparar, pois sabem que existem salteadores de todos os matizes que podem danificar ou destruir sua semeadura, e esses agricultores não querem perder seu trabalho. O tempo é bem precioso e não pode ser desperdiçado.

Como em histórias infantis que guardam na sua essência ensinamentos morais, perguntamos: “De todos esses, quem terá melhor colheita?” É, pois, momento de refletir para sabermos que tipo de cultivadores desejamos ser, e que tipo somos, pois assim somos nós em relação aos nossos sentimentos. Somos os agricultores de existências. As ferramentas, materiais preciosos que relegamos à ociosidade, tantas vezes pela nossa própria inércia, são a nossa inteligência, o entendimento, a vontade, a esperança, a fé e o nosso intransferível e inalienável direito de escolher. As sementes, podemos dizer que são nossos atos e o adubo, certamente, não poderia ser outro senão os nossos sentimentos.

Durante nossas existências plantamos o que vamos colher. Se hoje colhemos aflições não poderemos ter plantado senão angústias e castigos, levando lágrimas e sofrimentos àqueles que um dia cruzaram nosso caminho. A dificuldade material que vivenciamos hoje, certamente é colheita de uma semeadura de desperdícios, de desordens e de falta de limites na satisfação dos nossos desejos. E se nesse momento experimentamos a falta de paz em nossos corações, não podemos ignorar a existência de um plantio de discórdia. Se vivemos guerras internas ou se espalhamos o medo e a dor, não podemos esperar pela paz íntima. Assim também acontece onde a tristeza e o desamor imperam. São eles o resultado do cultivo de mágoas e de ressentimentos que vamos espalhando.

Onde acaba nossa imaginação, começa a nossa

certeza. E essa certeza nos mostra claramente que cabe somente a nós modificarmos esse quadro hoje.

Jesus também é semeador e Suas palavras, sementeira fecunda. A parábola evangélica nos lembra de que nossos corações também são terrenos a serem cultivados. E se somos cultivadores relapsos, preguiçosos ou cuidadosos no trato das nossas sementeiras, também assim o seremos com as coisas divinas. Nossos corações poderão ser pedregosos, secos, cheios de espinhos ou solo fértil onde caem as sementes amorosas do Mestre. Mas, mesmo sabendo que muitos ainda não O compreendem, diferentemente dos homens, Ele acredita na capacidade que temos de nos transformarmos e com isso transformar o que estiver ao nosso redor. Por isso nos aguarda.

Ontem semeamos. Hoje, colhemos...

Pub. – jornal O Semeador – maio de 2001.

Busca Interminável

A viagem que cada um de nós realiza em torno de si mesmo, buscando alcançar a liberdade de ação, é desgastante porque é desesperadora. O sentimento de prisão e a sensação de amarras que sentimos, literalmente, em nossos movimentos, nos impedem sempre de agir. Difícil compreender de onde vêm e porque estão tão presentes em nós. A consciência dessa presença é tão viva que nos dá a impressão de ser um estado natural e, portanto, impossível de ser desfeita. O que torna tudo isso incrível é a necessidade de liberdade de movimentos – e não falamos, apenas, de movimentos físicos, sejam eles de que ordem forem, que convivem, de alguma forma, com essa constante presença em nossas vidas: as amarras.

Apesar da dificuldade, vamos procurar compreender o significado dessa contradição que nos impede de crescer para essa amplidão psíquica que nos é de direito possuir. O sentimento de liberdade – não importam agora as diferentes conceituações que se possam dar a ele – está inserido na própria natureza humana quando da sua criação. Essa liberdade, no nosso entender, não se refere àquela em que cada um pode realizar o que deseja – e muitos apreciariam esse estado de coisas – para satisfazer seus mínimos caprichos; se buscamos isso, basta olhar ao nosso redor para entendermos que a liberdade de cada um encontra limite na liberdade do outro. O direito que exigimos de ser livres também é o direito do outro.

Esse sentimento ao qual nos referimos é a vontade de

alcançar algo acima das amarras que nos prendem ao solo. Quantas vezes, cada um de nós já não desejou, ao olhar para o espaço, projetar-se em um imenso mergulho nessa imensidão. E estamos falando do mergulho físico, literalmente. O sentimento de liberdade ainda se liga ao da sensação que precisamos experimentar. As nossas emoções precisam, ainda, de parâmetros físicos. Por essa razão, quando falamos ou pensamos em tal conceito, nos imaginamos voando ou, para aqueles que preferem, mergulhando nas profundezas do oceano, ou ainda em altas velocidades procurando chegar mais depressa a lugar algum.

É muito pouco comum o ser humano perceber com clareza qual a liberdade que ele experimenta e qual realmente deseja. A confusão é evidente tendo-se em conta que o mundo que nos cerca é basicamente estruturado em razão de vivências sensitivas. Necessidade do Espírito para o seu crescimento! Assim, apesar de em algumas ocasiões experimentarmos essa liberdade "física" – mesmo que por breves instantes – acabamos retornando ao solo e nos sentimos amarrados. Duas necessidades que aparentemente se contrapõem, mas absolutamente importantes para aprendermos a separá-las e vivenciá-las, cada uma no seu momento.

É importante levarmos em consideração que o processo de identificação, separação e vivência conceitual pode ser o mesmo do crescimento físico pelo qual passamos da infância à maturidade. Nossos primeiros contatos com o mundo material se iniciam através do tato e muito lentamente passamos da fase do concreto para a conceitual. Por exemplo, primeiro sentimos a mesa (sensação física, táctil) para depois entendermos que a mesma palavra significa não só aquela mesa que primeiro

nos serviu de parâmetro, mas todo e qualquer objeto que tenha a mesma finalidade.

Transportando para o conceito de liberdade é inevitável depararmos com tal similitude. Entretanto, enquanto não abandonarmos a ideia de girar ao redor de nós mesmos, nessa busca interminável, nenhum passo conseguiremos dar em direção ao sentimento idealizado. O máximo que poderemos alcançar é, indubitavelmente, o realizado por causa da nossa total limitação psíquica de apreender o verdadeiro significado de liberdade.

No estágio evolutivo em que o homem se encontra, e só podemos falar agora do nosso planeta, esse máximo conquistado representa, por ora, uma grande vitória. Entretanto, é imprescindível levar-se em conta que, apesar de o tempo trabalhar a nosso favor, não podemos adiar mais a decisão de nos preparar-nos para o verdadeiro mergulho. Jesus nos deixou, em passagem evangélica, a confirmação de que somos muito mais capazes do que julgamos ser, e diz claramente que poderíamos ser como ele era e realizar o que ele realizava. O Mestre conhecia a alma humana; sabia de toda a potencialidade e também de todos os seus medos.

O ser e o realizar, como ele significa no nosso ponto de vista, é o movimentar-se dentro do mais profundo respeito com toda a obra divina, a começar por si próprio. Entendemos que esse respeito só se dá na medida em que conhecemos o objeto da nossa preocupação; na medida em que reconhecemos em todos os cantos a obra divina. Sem essa premissa verdadeira, dificilmente seremos capazes de nos reconhecermos como tal e, portanto, de nos respeitarmos. Mas, quando isso acontece, iniciamos a preparação para o mergulho dentro de nós mesmos.

No reconhecimento do outro como parceiro, porque também criatura do mesmo Criador, e não mais como adversário na conquista do direito de ser livre, vamos desenvolver o que há de mais precioso nessa batalha pessoal: a fraternidade. Quando nos reconhecemos como iguais, detentores dos mesmos direitos, nos sentimos em condições de compreender o outro em toda a sua capacidade, de aliado a nós, ser agente modificador de tudo que nos cerca. Essa possibilidade que se abre ao Espírito em luta na busca de sua liberdade proporciona o encontro com seu EU, com sua consciência cósmica, dando-lhe a certeza de que sua liberdade está na união das duas vertentes que se lhe apresentam, no início, como sendo contraditórias: a vertente material – vida de sensações, limitada – e a vertente espiritual – vida consciencial, não limitada.

A aparente dualidade que o ser humano vivencia é que lhe traz esse desespero e a sensação de estar preso a amarras. Essa dualidade é necessária. O que se torna dispensável é a valorização que se dá apenas a uma delas, pois somente através da experiência material pode o Espírito crescer em entendimento de suas verdadeiras potencialidades, como obra de Deus, criado para ser perfeito dentro de toda a relatividade possível, mas, inevitavelmente, destinado a ser foco de luz a clarear outros corações, que um dia estarão vivendo as mesmas angústias e os mesmos medos que hoje experimentamos.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – novembro de 1999.

Cada um tem seu querer

Pouco importando qual seja o querer, todos nós iremos em busca desse objetivo. Inerente à existência humana, essa busca se faz quase sempre no momento em que sentimos um imenso vazio – ou acreditamos senti-lo – tomando conta de nós, e que não detectamos a tempo de evitar frustrações. Todavia, não basta ter um querer, como também não é suficiente saber qual seja ele.

O ter não significa poder realizá-lo, o que certamente contraria o dito popular de que “querer é poder”; por outro lado, não saber qual ele seja pouco significa se, verdadeiramente, não estamos tão dispostos a concretizá-lo. É imprescindível, portanto, que estabeleçamos algumas coordenadas nessa busca, seja ela de realização do objetivo já conhecido e desejado, seja ela do descobrimento da sua existência como meta de vida. Conscientemente, necessitamos analisar o que temos e o que nos falta.

Em qualquer interior que envolva desejos íntimos, vamos esbarrar logo de início com nossa imensa resistência em nos expormos, a nós próprios, deixando cair uma máscara ou máscaras, com as quais pautamos nossa existência até o momento em que esse vazio se instala. Assim, é preciso ultrapassar esse obstáculo inicial. Por ser o primeiro, é certamente o mais difícil, e por isso mesmo o mais doloroso. É natural o medo de se olhar para dentro e ter a sensação de que tudo o que se fez parece não representar nada nesse momento.

Sentimentos de frustração, de impotência e de

incapacidade para nos realizarmos como pessoas tomam conta da nossa mente. Perigosos sentimentos que, não encontrando vontade firme de buscar esse verdadeiro querer, podem nos levar a abismos difíceis de se sair... É preciso, assim, nos observarmos interiormente com bastante calma, sabendo que sempre é possível recuar, já que nem todos nós estamos prontos, ainda, para essa conquista; mas, se quisermos prosseguir, ter a coragem de se olhar de frente e, mesmo não gostando do que vê, lembrar que sempre é possível mudar para melhor.

Iniciemos então essa viagem interior procurando saber, quando já temos objetivo, como realizá-lo, pois nos parece que muitos estão a fazer coisas sem, contudo, realizar algo que lhes dê prazer pessoal. E pensando em realizações materiais – onde aparecem as maiores decepções – podemos observar que inúmeras vezes temos uma exagerada expectativa em relação à vida, pois esperamos que ela nos dê o que fantasiámos possuir. Nosso maior problema em relação a isso se encontra alicerçado em uma vontade de realização que está longe da possibilidade de viabilização. Sob esse aspecto, é importante coloquemos os pés no chão e a cabeça na realidade para adequarmos essas duas balizas e caminharmos entre elas.

O equilíbrio entre o sonho e a possibilidade é que nos dá a justa medida que nos permitirá sermos pessoas mais felizes com o que temos, pois dentro do que temos poderemos viabilizar todos os projetos de realização pessoal. Talvez não os desejados, mas certamente os que mais nos convêm.

Será enganoso imaginar que ao falarmos em posse estamos apenas nos referindo aos bens materiais. É imprescindível termos em mente que cada um de nós possui imensas limitações em talentos morais, intelectuais,

sociais, o que cerceia como campo de ação na busca da realização do nosso objetivo. Desejamos ser administradores de grandes empresas, ganhar muito dinheiro, e na verdade mal conseguimos administrar o orçamento doméstico; outras vezes, sonhamos realizar grande obra assistencial, em ajuda aos mais necessitados e, entretanto, só a ideia de sair de casa toda semana, em dia marcado, nos aflige porque teremos de reorganizar a nossa vida já tão bem estruturada. Podemos perceber como é difícil equacionar situações tão diversas e às vezes tão díspares. A harmonia que precisamos adquirir para estabelecer o equilíbrio será sempre nosso grande desafio. Sua conquista representa a grande vitória sobre nós mesmos na busca da felicidade.

Nessa viagem que estamos empreendendo ao nosso interior, chegamos a uma estação onde alguns desceram na busca de entender a melhor maneira de realizar seus objetivos, entretanto, outros viajores permaneceram imóveis, procurando chegar quem sabe, com alguma sorte, a algum lugar seguro na busca de ao menos saber se tem algum querer, e, se tem, qual será ele.

Nosso tema de reflexão nos afirma que cada um tem seu querer, realizável ou não, dependendo do enfoque que se dê a ele. Mas, como ficamos todos nós que ainda não percebemos qual ele seja? Podemos imaginar que nossa viagem, dessa maneira, nunca terá fim!

Vamos ainda, mais uma vez, buscar essas respostas dentro de nós. Procuremos fazer um inventário de tudo o que realizamos durante o nosso dia, não importando se coisas pequenas ou grandes, seja em atos, palavras ou pensamentos. Busquemos, por exemplo, nos lembrarmos, depois de pronta a relação, o que nos deu maior prazer naquele dia. E no anterior? De que maneira acordamos

pela manhã para o novo dia que se inicia?

Evidentemente, em muitos dias, acordamos com grande vontade de ficar na cama e, no aconchego do nosso lar, nos esquecermos dos compromissos assumidos. Pensemos um pouco agora e procuremos perguntar a nós mesmos se isso é um querer ou simplesmente desejo passageiro de estar consigo por alguns momentos. A resposta a essa questão fará toda diferença na condução da nossa viagem. Esse momento precioso de encontro conosco é fundamental para a nossa organização mental e abastecimento de energias, que nos darão condição de prosseguir. É um momento de ligação com mentes superiores que através de canais que criamos conseguem nos reequilibrar. Mas, permanecer nesse estado diariamente, não nos parece algo que nos leve à realização pessoal, a menos que não compreendamos realização pessoal acompanhada de obras no Bem. Sob esse aspecto, não nos parece importante saber qual é o objetivo na vida e se ele é passível de realização.

Mas, e aqueles que procuram apenas um momento de solidão consigo próprios? A esses lembramos que ao observar cuidadosamente o rol elaborado, ficarão surpresos ao notarem que várias coisas ali relacionadas lhes dão prazer pelo simples fato de que viver lhes é extremamente gratificante. O fato de se estar vivo e poder usufruir de todas as benesses do Criador lhes dá uma plenitude que ignoram, porque faz parte da sua própria natureza. Não há inércia, mas tão somente uma perfeita harmonia entre o possível e o imaginado.

Evidentemente, entre tantos, vamos encontrar muitos que, indolentes, ficam esperando que as oportunidades lhes batam à porta e lhes perguntem se estão disponíveis. Certamente serão surpreendidos com a demora em

despertar para a busca do seu querer. Mas, como estamos todos a caminho nessa viagem evolutiva, vamos prosseguir juntos, nos sustentando mutuamente, amparando retardatários, tirando vendas de cegos, despertando mentes ainda adormecidas, pois não sabemos – e agora falamos no vazio imaginário – se nosso querer está justamente no amparo daqueles que nos cercam e que podem ter em nós o exemplo que os mobilizará para a luta.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – outubro/2001.

Cartão de Natal

Quantos cartões de Natal virtuais já recebemos e a data festiva ainda estava longe de acontecer... Ficamos alegres, é verdade, pela lembrança, pelo carinho de tantos que nos prezam a amizade, mas nada, absolutamente nada se compara quando nos chega às mãos o cartão real, palpável, escrito de próprio punho.

É inevitável, a nós, pelo menos, fazermos o caminho de volta ao tocarmos o papel, cheirá-lo, perceber que o excesso de cola, tantas vezes, dificulta sua abertura. Mas, que importa? Alguém se lembrou de nós!

Foi atrás daquele cartão que mais se parecia conosco, que mais diria, a nós, que ele nos conhece o suficiente, para que entendêssemos o que ele quis nos dizer. Isso dá trabalho, exige tempo, requer escolha cuidadosa e, sobretudo, amorosa.

E o que dizer da mensagem que nos tocará o coração, sem dúvida, porque nos dirá do quanto somos lembrados, do apreço que tem por nós... E nada paga esse gesto de amizade.

O deslocar-se até um lugar onde possa postar o cartão...

O selo que tantas vezes nos remete a algo, a alguém, a algum fato...

Já perceberam o quanto olhamos para um envelope subscrito ao recebermos uma carta? O que será que tem lá dentro? Será que vamos entender a mensagem? Tudo isso nos passa pela mente nesse momento. Mas, já nos demos

conta disso?

Abrimos o envelope e lemos na letra miúda ou grande, bem desenhada ou não, o quanto somos queridos, importantes, lembrados. E como nosso coração se aquece... Como o sorriso se desenha na boca... Como a lágrima surge espontânea e fácil... Alguém pensa em nós. Ainda que seja uma única vez no ano, alguém pensa em nós! Não estamos sozinhos.

Temos ouvido de algumas pessoas que não mais enviam cartões de Natal, porque o outro não responde. E daí? Você lembrou-se dele. Você tem apreço por ele. O sentimento é seu e é preciso exteriorizá-lo. O outro precisa saber disso. Fazer algo de bom para o outro e ficar aguardando retorno, é mandar fatura para pagamento mais adiante. Quem recebe, sabe disso e se entristece. Não subestime a capacidade de sentir do outro. Assim, é melhor fugir dessa armadilha.

A vontade de enviar um cartão de Natal real, palpável, a quem gostamos, é algo sublime, é um pouco de nós que caminha junto, chegando ao destino certo.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 598.

Ciranda

A vida circula rápido demais para quem tem, na maioria das vezes, necessidade de parar para acertar comandos. A cada momento e em todos os momentos da nossa existência terrena nos encontramos à frente com circunstâncias para as quais devemos dar direção. E a cada instante nos vemos, sem sombra de dúvida, diante da eterna e angustiante paralisia da escolha. Um passo determinará sempre o seguinte... Um movimento criará sempre as consequências para o próximo... E quando temos consciência disso, tudo fica mais difícil, porque nos permitimos errar.

Mas, querendo ou não querendo essas circunstâncias em nossas vidas, elas aí estão nos impondo sua presença, nos obrigando a tomadas de decisões que desejaríamos protelar indefinidamente, se possível. E é na ciranda da vida que nossa tibieza se mostra sem subterfúgios, sem máscaras a nos proteger, a nos camuflar.

A indolência característica de quem busca eternizar o adiamento a essa tomada de posições nos leva a acreditar que a vida nos espera e que, portanto, não há pressa. Tudo pode e deve ser deixado para depois, pois cada dia representa enorme fardo a ser carregado. Cada aspecto que vivenciamos no dia a dia representa, na nossa visão tacanha, um obstáculo a ser vencido, exigindo de nós um imenso esforço. Nossas experiências, ao invés de nos servirem de elemento transformador e de progresso, nos lembram arenas de lutas ferrenhas onde somente os mais bem dotados saíam vivos.

Todavia, se prestarmos atenção a essas experiências, buscando modificar esse enfoque, onde percebemos somente o elemento obstrutor sem, contudo, nos darmos conta do elemento renovador, poderemos aprender seu real significado. Procuremos entender esse sinal que a vida nos dá e busquemos observar o que nos acontece verdadeiramente.

Brinquemos um pouco de roda a partir de agora. Nossa imaginação pode correr solta nos tempos em que, com liberdade infantil, nos reuníamos nas ruas para buscar na ingenuidade dos tempos o melhor divertimento, a ciranda de rodas! Naquele momento, unidos pelo mesmo objetivo, vidas diferentes, representadas por um a um naquela roda, giravam em uníssono: a mesma música, o mesmo riso, a mesma alegria. Momento mágico a se perder no tempo. Será? Continuemos a girar... A música era sempre a mesma e a alegria também. O riso? Quase sempre o mesmo. Mas as vidas que giravam juntas nem sempre o eram. Tantas mudaram de endereço ou se perderam de nós. Outras surgiram e enriqueceram a roda. Aceitávamos com certa tranquilidade esse ir e vir da vida, pois o que contava sempre era a roda que precisava girar.

Hoje, não mais crianças, acreditamos que a brincadeira acabou. A rua não existe mais. O objetivo não existe mais. As vidas se transformaram porque nossa vida se transformou e com isso a roda parou. Parou?

A vida não para porque nós paramos! A vida deixa de existir porque insistimos em nos mantermos paralisados. A vida que circula eternamente dentro de nós, e que pulsa ininterruptamente nos acordando para novo dia, também coloca à nossa disposição um imenso arsenal de oportunidades de trabalho a nos mostrar que, mesmo que não queiramos, ela vai continuar girando; que,

independentemente de nossa vontade, continuamos respirando, renovando ares, criando esperanças, determinando caminhos.

Produzimos Imensas dificuldades para não percebermos esse processo. Temos medo de tomar nossas vidas nas próprias mãos; temos receios em ser os únicos responsáveis pelas escolhas que fizermos. Tão mais fácil culpar o outro... não importa quem ele seja. Longe estamos de entender ainda que a ciranda é a própria vida que se inicia em nós e termina em nós. Longe ainda está o dia em que poderemos compreender, com lucidez, que a vida somos nós, pulsando em uníssonos com a música do Universo; colocando nessa roda vidas idas e por virem; deixando marcas indeléveis que nos transformam, nos enriquecem e nos fazem crescer. E mesmo paralisados ou indolentes seremos obrigados a girar.

Criamos tempo, abrimos espaços na execução da divina tarefa de crescimento interior em busca da perfeição. Cada movimento para a frente, retornando a nós em forma de sabedoria – experiência vivida – e cada impulso para o alto, projetando-se sobre nós em forma de iluminação – consciência divina, inerente a todo ser – fecham o círculo perfeito da evolução. Ora para a frente ora para o alto, cada um desses movimentos se intercala com os demais, enriquecendo nossa roda, ciranda bendita, de vidas vividas, de vidas que hão de vir, permitindo o caminhar eterno do Espírito livre em direção ao Amor.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – fevereiro/2000.

Consciência cósmica

"Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei." – Allan Kardec.

Ensinam-nos quando ainda em tenra idade, mas já capazes de compreender, conceitos aparentemente tão complexos – não se iludam os ingênuos –, que é no campo do Espírito, berço dos sentimentos, que acalentamos nossos sonhos, desejos e, dizemos nós hoje, todas as imperfeições morais que somente mais tarde terão as condições propícias para se manifestarem. E é nesse momento da vida que seres amorosos – às vezes nem tanto – nos conduzem, com relativa segurança – às vezes nem sempre –, a caminhos menos tortuosos, nos propiciando oportunidades em que possamos desenvolver algumas potencialidades que garantirão, em fase adulta, a possibilidade do sustento material e moral.

Ensinam-nos, também, que todos os sentimentos, sejam eles quais forem, devem, necessariamente, passar por um filtro para que possamos viver uma vida comunitária, onde leis sociais regulam as relações entre os homens. Não nos é facultado, assim, exprimir todos os nossos sentimentos – sejam eles bons ou maus – sem correremos o risco de infringir as leis humanas, não nos importando, por ora, onde e quando essas leis são praticadas, podendo, com isso, sofrer severas punições. Esse filtro, chamam-no razão. Dessa forma, tudo que recebemos e emitimos deve passar por esse crivo para que, com equilíbrio, tenhamos nossos direitos respeitados e aprendamos a respeitar os do outro.

Avançamos, assim, como que envoltos em uma nuvem densa, vivenciando situações que nos causam, na maior parte do tempo, verdadeiro pânico pelo nosso total desconhecimento do que fazer e como fazer com as dificuldades que, inevitavelmente, surgem – porque são partes da própria vida. Somos ainda as crianças de outrora, tateando o mundo ao nosso redor, descobrindo objetos, ensaiando passos, para aprender, mais adiante, a dominar o espaço em que vamos nos movimentar. E lentamente, descobrindo nossos limites e, com muita dificuldade e pouca tolerância, o limite do outro; testando ações e reações – a nossa e a do outro – para termos a certeza de poder manipulá-las, trazendo algum benefício para nós próprios. Tentativas de ensaio e erro, entre nós e o outro, em jogo de aprendizes, onde imaginar que se pode levar vantagem sempre é perder por antecipação. Brincadeira de crianças que acreditam ser o resultado o objetivo final.

Justamente por não se saber o que fazer e como fazer é que permanecemos nessa situação aflitiva de errar e recomeçar, e errar novamente para acertar mais além, que parece interminável. E por mais angustiante que seja esse momento em que nos encontramos, dentro do processo evolutivo, não poderá ser de outra maneira por ora. Ainda nos encontramos e nos sentimos como ser dual: de um lado coração e de outro razão. Um, o berço; outro, o filtro dos mesmos sentimentos. Confusão natural para quem busca o Ser Total.

No nosso entendimento, a confusão só se instala na medida em que há dúvida ou desordem. Sabemos todos que a criação obedece a Leis Universais, e que se vemos desordem na obra divina, ela é apenas aparente, pois nossa visão não alcança a totalidade dessa criação.

Desconhecemos, quase que totalmente, a perfeita harmonia entre todos os elementos que estão ao nosso redor – e isso, para falarmos apenas do mundo material que percebemos. E se longe estamos de perceber inclusive o equilíbrio que se faz presente dentro de nós, no nosso próprio corpo físico, o que dizer, então, da Criação! Restamos, assim, verificar a dúvida.

Parece-nos claro que à medida que o homem se percebe ora como razão, ora como coração, não consegue se encontrar como unidade, como Ser criado para evoluir e ser feliz. Quase nunca se dá conta de que ambos os momentos, em alternância contínua na eternidade da existência, representam partes dessa unidade, e que, por essa razão, têm a mesma importância no processo evolutivo. Miríades de oportunidades surgem para que isso ocorra; mas, pelo fato de não se identificar como unidade, estabelece-se a dúvida: será uma coisa, ou será outra? E a confusão instala-se, pois no fundo de sua consciência, ainda que de forma nebulosa, tem certeza dessa sua totalidade como Ser. Essa incerteza é angustiante!

A noção que esse homem parcial tem dessa totalidade, que não consegue apreender, mas que se percebe como tal, encontra explicação na ideia de que o germe da árvore contém a árvore, mas não é ela; dessa maneira, a noção de ser consciência cósmica – Ser Total – e, portanto, infinito, está contida na mente desse homem, sem que seja ela própria essa consciência. Tal conceito, no nosso entender, nos sugere que a mente - limite temporal e espacial -, presa a um corpo físico – limite material – é a representação dela para sua manifestação e evolução infinitas. Enquanto presa a essa matéria densa, essa consciência representa uma totalidade relativa – se levamos em conta sua capacidade constante de expansão

– de todas as experiências vividas até o presente momento.

O homem *ter* uma consciência cósmica e *não ser* a consciência cósmica é humanamente compreensível e compreensivelmente humano, na medida em que se identifica, ainda, como criatura humana pelo *que possui* e não pelo *que é*. Limitações evolutivas na compreensão da obra divina!...

Lentamente, caminhamos para essa percepção. Movimentos lentos, ainda, ora em direção à razão – necessidade de conhecimento –, ora rumo ao coração – necessidade de sabedoria – a nos possibilitarem avançar sempre, mais rápidos alguns, mais lentos outros, para o cumprimento da Lei do Progresso. Destino nosso? Certamente! E, na verdadeira acepção da palavra, é algo do qual não nos é dado fugir. Poderemos acelerá-lo, retardá-lo, adia-lo, mas evitá-lo... Jamais! E quão tolos somos ao tentar fazê-lo. É da Lei que progredimos e assim será, queiramos ou não. Retardatários somos todos nessa caminhada. E ainda bem que somos forçados a caminhar.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – abril de 2000.

Consequências do passado, alavancas do futuro

Quando entramos em contato com a Doutrina dos Espíritos, buscamos quase sempre soluções imediatistas para nossos problemas, sejam eles de ordem moral ou material. Esperamos quase sempre que ela realize um milagre ao nos dar a solução para nossas aflições e necessidades. Esperamos conseguir bens materiais, resolver problemas amorosos e conseguir paz sem que precisemos nos esforçar para obter tudo isso. Esse é, certamente, um dos aspectos mais curiosos de quem busca o Espiritismo.

Entretanto, outro também existe e tão interessante quanto o primeiro, porque nos mostra como ainda estamos presos a misticismos e adivinhações de todos os tipos. Todas as vezes que pedimos o que ele não tem para nos dar, corremos o risco de nos envolver com charlatões de todos os matizes e de todos os calibres.

Via de regra, sempre encontramos alguém que conhece alguém e que pode nos dizer do nosso presente, do nosso passado e do nosso futuro. Geralmente cobrando alguma coisa, seja de maneira ostensiva ou velada, sugerindo que não é para si, mas para alguma assistência social que realiza.

Se pararmos para analisar essas três possibilidades, verificaremos que em relação ao presente ninguém precisa nos dizer nada, pois estamos vivendo esse momento agora. Mas, a partir do momento em que agimos por um ato, uma palavra ou pensamento, já estaremos vivendo outra realidade, pois as consequências das nossas atitudes

já estarão em ação, trazendo para nós os débitos ou os créditos daquilo que escolhemos fazer. E o que era algo distante – o futuro – e só estava na nossa imaginação, passa a ser concreto, presente em nossas vidas.

Vamos ver então o nosso futuro. Se ele é o momento seguinte a tudo que fizemos, seja em atos, palavras ou pensamentos, então precisamos prestar mais atenção nas nossas atitudes, pois estamos a cada momento presente determinando nosso futuro. Em outras palavras, estamos plantando neste exato segundo – observe cada um que está pensando agora – o que vamos colher em seguida, seja agora ou mais adiante. Tudo vai depender de como estamos vivendo o presente.

Dizem os estudiosos que com isso criamos um quadro de resgates que nós próprios construímos, pois que estamos determinando como vai ser nosso futuro: futuro de boa colheita ou de má colheita, de frutos doces ou amargos, de flores perfumadas ou de espinhos, sementeira que realizamos e teremos de colher. E não precisamos retroceder muito na nossa idade para descobrirmos que tipo de cultura fizemos há bem pouco tempo. Se gastamos muito, hoje certamente vivemos com dificuldade; se não ensinamos aos nossos filhos, ou àqueles seres que foram colocados sob nosso cuidado para evoluírem, o valor da amizade, da gratidão, da fraternidade, e se não arrancamos deles, como se arranca ervas daninhas, os primeiros sinais do orgulho, do egoísmo e da vaidade, por exemplo, não podemos nos queixar se hoje nos trazem desgostos e solidão.

Até agora, está nos parecendo que somente nós somos encarregados de construir nosso futuro. Assim, não existe nada determinando que somos obrigados a sofrer para sermos criaturas melhores e mais felizes, a não ser

nossas próprias decisões. O Pai Criador não nos criou para o sofrimento, mas para a luz e a felicidade. Mas, como cada um quer chegar de maneira diferente a essas conquistas, é natural que muitos se desviem para caminhos menos seguros, porém mais tentadores. Na maioria das vezes, buscamos facilidades na resolução dos nossos desejos porque acreditamos que somos mais espertos que os outros, mais inteligentes ou temos maiores recursos financeiros e maior prestígio social. Enfim, os motivos são variados, mas são plantações que vamos realizando na nossa caminhada, espalhando muitas vezes dores e lágrimas por onde passamos e longe de imaginar que seremos obrigados a colher o produto delas. Será que com um quadro assim construído não é fácil entender nossas aflições atuais?

Já falamos sobre o presente e sobre o futuro e nosso tema é sobre as consequências do passado. Esse é outro aspecto bastante interessante daquelas pessoas que buscam o Espiritismo para saber quem foram em outras vidas, posto que não estão satisfeitas com suas existências atuais. Dessa maneira, recorrem a “entendidos” que possam lhes dizer o que gostariam de ter sido, mais como uma maneira de fugir à realidade do que vontade de saber para serem hoje melhores do que eram ontem. O que nos chama a atenção nesses casos é a constante repetição de personagens, pois que encontramos diferentes pessoas dizendo que foram a mesma rainha, o mesmo rei, o mesmo sábio e outros tantos destaques históricos, sem que se deem conta de que o Espírito é um só, modificando-se apenas o corpo no qual vai habitar. Um Espírito para cada corpo. Essa é a lei.

Assim, é difícil compreender como vários de nós pudemos ter sido, por exemplo, a rainha Cleópatra ou o rei

Luís XV, ou um pintor famoso etc., e quase nunca termos sido homicidas, suicidas, mendigos, assaltantes, pessoas simples do povo, professor desconhecido, pais amorosos, padres obscuros, para não dizer de atividades moralmente abomináveis. Precisamos ser sempre pessoas de destaque. Se não somos hoje, por que não no passado?

E aí está nosso grande engano! Ninguém precisa nos dizer o que fomos e não nos interessa saber disso, pois se retornamos à carne é porque ainda temos muito a aprender. Ainda temos muito que modificar no nosso íntimo, nos nossos sentimentos, na nossa maneira de entender a vida como fonte de crescimento e não de sofrimentos; como forma de conquistar a paz e o equilíbrio e não como forma de contendas com nosso próximo, porque ele é diferente de nós, não pensa como nós e não merece ser feliz como nós merecemos.

É imprescindível que paremos para verificar quais são nossas tendências, nossos gostos, nossas dificuldades. É importante examinarmos o que nos aborrece, verdadeiramente, mas, sobretudo, com qual sentimento nosso temos maiores dificuldades em trabalhar: é o orgulho, a vaidade, a impaciência, o preconceito, a inconformação com os problemas financeiros, as dificuldades de relacionamentos afetivos de qualquer espécie, ou é a cólera? E quando estamos com alguém, o que mais nos incomoda naquela pessoa? Porque aquilo que no outro nos incomoda é, certamente, o que recusamos em nós. É na verdade o argueiro no olho do outro que se transforma em trave no nosso, a qual nos furtamos a enxergar.

É preciso que respondamos a essas questões a fim de que possamos melhor nos prepararmos na construção do nosso futuro. Se hoje encontramos dificuldades na nossa

existência, certamente não fizemos boas escolhas no passado. Assim, não é necessário buscar quem fomos, mas sim, descobrir como fomos para que possamos ser melhores amanhã. E só saberemos como fomos se examinarmos honestamente nossas tendências atuais, visto que pouco mudamos, apesar de já termos mudado bastante.

O passado só é importante para entendermos o quanto ainda nós precisamos caminhar, e de como ainda estamos longe dos ensinamentos de Jesus a nos chamar para a prática das virtudes que veio nos ensinar.

O Espírito é imortal e para progredir precisa passar por várias experiências materiais, físicas, para aprender e isso ele só conseguirá se tiver uma maneira de se manifestar. E qual forma é essa? É através do corpo físico. Esse corpo passa a ser, portanto, um vaso sagrado para sua vivência na matéria. Cuidar dele é dever sagrado de todo aquele que já compreende a responsabilidade que tem sobre a saúde e o equilíbrio desse vaso que carrega, bem tão precioso. Tudo aquilo que levá-lo ao desequilíbrio, seja material ou através de uma mente doentia, causando prejuízos a esse instrumento emprestado a nós para que, como Espíritos que somos, possamos crescer, responderá perante as leis divinas e colherá certamente todas as consequências advindas desse mau uso.

Estamos colocando aqui os desequilíbrios causados pelas diferentes viciações, sejam elas por ingestão de álcool, fumo e outras drogas; de alimentação exagerada que sobrecarrega todos os órgãos; pelo sexo desenfreado; pelas mentes em desajustes que levam desequilíbrios ao funcionamento do fígado, do estômago, do coração, aos músculos de todo o corpo quando se abandonam à cólera, ao rancor, à ausência de caridade, à prepotência ou a

mentes que cultivam pensamentos infelizes de suicídio ou que permanecem presas a vinganças, a remorsos, sem nada fazer para modificar esses quadros. Falamos das mentes que podendo usar a arte em qualquer das suas manifestações, e, podendo ajudar, acabam desviando outras criaturas do caminho reto.

Enquanto nos preocupamos em saber quem fomos, estamos nos esquecendo de verificar como somos para que, a partir do nosso presente, possamos efetivamente iniciar as modificações tão necessárias a um futuro de mais paz e mais felicidade.

Certamente, muitos dirão que estão felizes com sua vida de hoje e isso está se tornando, lentamente, uma situação comum. Isso é muito bom, pois devemos verificar se já estamos colocando em prática os ensinamentos evangélicos. Estamos simplesmente mostrando aos outros que as palavras de Jesus só se cumprem quando realizamos a nossa parte, como cooperadores Dele, na construção de um mundo melhor.

Quando o Mestre de Nazaré nos disse que bem-aventurados são os mansos e pacificadores porque eles herdarão a Terra, não falava de outra terra a não ser do nosso planeta. E se hoje já conseguimos aceitar com maior resignação as dificuldades – e isso significa não nos rebelarmos com as leis divinas, visto que somos os próprios causadores dos nossos sofrimentos – é porque já estamos usufruindo da promessa Dele de que herdaríamos a Terra que estamos transformando em terra de amor e de fraternidade, onde o mal, pouco a pouco, vai sendo afastado, para que o Bem prevaleça, definitivamente, no coração de todas as criaturas.

Não vamos deixar de fazer o que deve ser feito

porque no passado encontramos dificuldade, e porque temos medo de fracassar no futuro. Nosso tempo é hoje! Nosso futuro é agora quando, neste momento, estamos escolhendo ser pessoas melhores.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – novembro de 2002.

Divisor

Que estranha imagem nos surge... Difícil entender ou apreender seu real significado. Misto de perplexidade pelo inusitado ou medo pela necessidade de entendê-la.

O ser humano percorre sua vida desejando coisas que na maioria das vezes não saberia sequer o que fazer com elas. E um divisor de águas nos surge em determinado momento e em determinada hora nos obriga, inevitavelmente, a tomar posições diante das nossas dúvidas, sejam elas quais forem e, sobretudo, diante dos nossos receios.

Que estranha imagem é essa que vem perturbar o que acreditávamos estar harmonizado e que coloca em movimento o que necessitávamos estivesse na inércia?

Quando nos colocamos esse estado de paralisia voluntária diante da vida, fazemos escolhas que não desejamos ver mudadas. Encaminhamos mente e corpo para situações que julgamos seguras, porque definidas, e com isso nos tranquilizamos. Todavia, o turbilhão que existe ao nosso redor, mais dia menos dia, nos atinge de forma violenta, porque não percebemos sua presença ou porque nos recusávamos a vê-lo ou porque, simplesmente, ignorávamos sua existência. O mundo pequeno – porque pessoal –, que idealizamos e que julgávamos suficiente para nos manter em equilíbrio, vem ruindo às nossas vistas sem que nada possamos fazer para impedir. A lei do progresso é imperativa e todos precisam crescer!

Como nosso crescimento quase sempre se faz horizontalmente, por nos preocuparmos mais com

quantidade do que com qualidade, é inevitável essa saturação de sentimentos superficiais, de situações feéricas que plasmamos, dentro e fora de nós, como sendo reais e absolutamente necessárias à nossa tranquilidade e, conseqüentemente, à nossa felicidade.

Com a saturação, o divisor surge e a imagem se concretiza. Sentimo-nos, literalmente, diante de uma muralha, como se fosse uma bifurcação, dividindo o espaço que imaginávamos uno, indivisível. De um lado, a amplidão, o espaço, a liberdade, o encontro com seu EU. De outro, o caminho estreito que, mesmo assim, nos dá a sensação de segurança. E aí está o primeiro obstáculo à compreensão do que ocorre: é só sensação de segurança; não é verdadeira na acepção da palavra por não ser conquista pessoal – mas não sabemos disso.

Passado esse momento de estupor pelo inusitado da imagem clara e definida diante de nós, deparamo-nos com o segundo obstáculo: o medo da escolha de novas experiências, de novos caminhos. Se a sensação que até hoje experimentamos não é real, o que nos impede, então, de prosseguir por outras estradas? Escolher o caminho é imperioso, pois não é mais possível permanecer nessa situação de saber o que fazer e não conseguir, ou não poder fazer porque o medo nos impede. É imprescindível escolher porque é da lei divina que prossigamos.

Toda amplidão assusta aquele que tem receio de exercitar seu legítimo direito de crescer. Insegurança, inconsciência ou ambos? Anseios, frustrações ou esperança de que se está no caminho certo? Em algum momento, quem saberá quando alguém nos disse que aquele era o melhor. A criança confia e segue. E o adulto, por que continua?

Tem-se a impressão de que a criança persiste em existir dentro desse adulto, pois a amplidão e o espaço que ele deveria buscar e necessita lhe surgem imenso diante desses olhos infantis; e o medo se estabelece e se faz presente, impulsionando-o a permanecer no que conhece. Talvez a ideia de homens maus ou de monstros noturnos ainda o assuste; não mais como figuras de contos infantis, mas representados nos problemas que novas experiências possam trazer, e que acredita não terá condição de solucionar sem que se machuque. Ou sofra!

Sufrimento, todavia, não é sinônimo de progresso. Podem existir simultaneamente, mas, nunca, um representando o outro no quadro evolutivo ao qual o homem está sujeito. O surgimento de ambos em nossa jornada na busca de uma perfeição relativa – só Deus tem a perfeição absoluta –, está na razão direta das escolhas, boas ou más, felizes ou infelizes, que houvermos feito diante dos obstáculos que criamos ao nosso redor em tempos pretéritos, próximos ou remotos.

Mas, apesar da solidão que nos abate e que tantas vezes nos consome nas constantes escolhas que necessitamos fazer – e somente cada um de nós em profundo isolamento interior pode fazê-las –, o Criador se faz presente em nós – porque Onipresente – e nos acena com a esperança; esperança de que a iluminação para a qual estamos destinados já inicia seu despertar em nós, no momento em que nos colocamos diante da muralha. Ontem, mal sabíamos de sua existência; hoje, com alguma lucidez, já percebemos a imensa oportunidade de realizarmos nosso destino divino: o de sermos luzes.

Todavia, mesmo percebendo os contornos dessa nova estrada, já não tão mergulhada na escuridão, temos a consciência de que para chegarmos a essa nova proposta

de vida – chegar à Luz como luzes – é preciso abandonar esses atavismos, essas inseguranças, e entregar-se à fé construtiva sem desculpismos de qualquer natureza nos permitindo fazer o que deve ser feito.

O novo contorno aí está. Ainda surge na nossa vida como algo a ser melhor definido e melhor compreendido. Breve, mas muito mais breve do que cada um de nós possa imaginar, os contos de fada das nossas infâncias, carregados de monstros e homens maus, diluir-se-ão, e essa criança, ainda medrosa porque insegura, desabrochará. Marcha firme? Certamente! Alguns temores? É provável. Mas, agora, a certeza de que nunca mais será criança porque, nunca mais, alguém lhe dirá por onde seguir. Suas escolhas serão suas para sempre.

Pub. – jornal O Semeador – janeiro/2000.

Eu no espelho

O que pensaria eu se me visse fazendo o que faço? Para responder a essa questão, seria preciso que tivéssemos a coragem de nos olharmos em um espelho e, afastando-nos dele, pudéssemos nos ver como um personagem, outra pessoa que, em ação e em determinada situação, colocasse em movimento todos os seus sentimentos, fossem eles bons ou maus.

O problema para se chegar a essa resposta não está na falta de consciência de que essa questão precisa e deve ser respondida, mas na nossa falta de coragem para encarar o que realmente somos e não aquilo que aparentamos ser. É extremamente difícil aceitarmos nossas imperfeições, ligadas que estão, quase sempre, a sentimentos inferiores que procuramos, também, com muito esforço, fazer de conta não possuir, quando minimamente temos consciência de que eles existem. Assim, como não podemos ou não queremos nos ver, vemos o outro. Percebemos seus defeitos físicos e as imperfeições morais e nos horrorizamos com eles, apontando-os ostensiva ou veladamente, procurando diminuir-lhes o valor, não importando o que de bem ou de bom faça ou tenha feito.

O que deve nos preocupar nesse processo – gritante para nós – é que, ao destacar-lhe as imperfeições, o fazemos tomando-nos como exemplo, pois precisamos de um modelo para que a comparação aconteça, caso contrário, passariam despercebidas. O belo nos chama a atenção, porque comparamos com o feio – segundo nosso

ponto de vista; só percebemos o dia, porque convivemos, também, com a noite; e necessitamos da luz, porque já conhecemos a treva.

A falta de coragem vem-nos, justamente, pelo processo comparativo que teríamos de fazer, caso quiséssemos nos ver, pois precisaríamos tomar alguém perfeito para nos servir de parâmetro. Todavia, ao fazermos isso, teríamos de destacar nossos defeitos e imperfeições e, certamente, não é isso que desejamos. Assim, ao apontarmos no outro suas imperfeições, estaremos comparando-as com as que julgamos não possuir.

Diante de tal quadro, torna-se imprescindível nos atermos à nossa real situação em relação aos papéis que representamos na vida. Ao nos colocarmos como expectadores de nós mesmos, teremos grandes chances de nos ver como realmente somos e, como críticos severos dos outros, poderemos, com muita dificuldade, mas firme vontade de nos melhorarmos, ser também, e com maior justeza, críticos ainda mais severos de nós mesmos e não somente da vida alheia.

Certamente, teremos quedas nessas tentativas, mas se nos lembrarmos que só cai quem caminha, nossas chances de acertos e de nos mantermos em pé serão cada vez maiores. Mister se faz que acordemos de vez dessa sonolência que a fantasia das nossas imperfeições cria em nossas mentes, na qual nos permitimos enredar. Como espectadores de nós mesmos, nos veremos, quase sempre, em um palco, onde representamos vários papéis, dos quais, na maioria das vezes, nem nos damos conta tão arraigados estão em nosso inconsciente. Representamos cada um deles tantas vezes, dependendo do lugar, da situação, das pessoas ao nosso redor, que acabamos por esquecer o que realmente desejamos e quem somos

verdadeiramente.

É importante lembrarmos que não nos será possível, simplesmente, anular velhos papéis e de imediato colocar novos no lugar, pois esse processo é lento, a exigir perseverança e paciência, renúncias e sacrifícios, humildade e desprendimento, o que nem sempre estamos dispostos a fazer. Entretanto, se procurarmos desenvolver em nós qualidades contrárias às imperfeições que temos, ficará mais fácil, pois poderemos ir enfraquecendo uma, enquanto fortalecemos a outra, o que nos permitirá deixar de ser personagens de vidas emprestadas, para nos transformarmos em autores das próprias existências.

O que percebemos como observadores de nós mesmos assusta-nos, porque nos vemos piores do que realmente somos: intransigentes, intolerantes, impiedosos, ambiciosos e tantas outras imperfeições que nos ligam, ainda, a condições de inferioridade. E por que nos vemos assim? Na maioria das vezes não nos damos conta de que necessitamos estar acima dos outros, e, para que isso aconteça, precisamos anulá-los. Para tanto, é importante lhes apagar o brilho, destacando-lhes os defeitos. É, na verdade, a única maneira que temos de nos destacarmos e sermos aplaudidos ou reverenciados. Triste realidade íntima essa nossa que não nos deixa entender que somos capazes de brilhar sem precisar ofuscar o outro.

Todavia, não precisamos nos entristecer ou desanimar diante disso. Nesse momento é necessário parar e perceber que somos, na verdade, um farol direcionado para um objetivo de cada vez, e isto significa que, em um momento, nosso foco está para o TER MATERIAL e, em outro, para o TER ESPIRITUAL. São diferentes tempos no quadro de crescimento que nos levará, inexoravelmente, à UNIDADE DO SER – etapa final do caminhar evolutivo do

Espírito.

Na medida em que evoluímos esse refletor terá, cada vez mais, um campo maior de luz. De uma visão limitada na qual cada um retém o que lhe é mais valioso no momento, passaremos a abranger um espaço cada vez mais amplo, não focalizando somente um aspecto ou um objeto para o nosso crescimento, mas buscando incorporar a esse aspecto único, novos interesses que nos enriquecerão, permitindo que essa luz se expanda em todas as direções, beneficiando, também, aqueles que compartilham conosco essa caminhada.

Pub. - jornal O Semeador (FEESP), maio de 2008.

Falando com você

– Alô, é Fulano?

– Sim, sou eu!

– Sou Beltrana, amiga de sua mãe...

– Pois não!

– Desculpe-me por interromper suas férias, bem merecidas com certeza..., mas eu gostaria de lhe dizer que sua mãe foi internada.

– Está mal?

– Muito, não. Está muito fraca, muito magra e muito cansada. O médico achou melhor interná-la.

– Que ela estava assim, eu já sabia. Falei com ela antes de viajar. Só não fui vê-la porque não deu tempo. Sabe como é viagem de férias... São tantas providências a serem tomadas...

– Entendo como é difícil conciliar tudo!

– Mas se ela não está tão mal assim, terça-feira estarei de volta.

– Você deve saber o que está fazendo, afinal é sua mãe e deve conhecê-la melhor que Sicrano que está com ela no hospital, cuidando para que nada lhe falte. Nem mesmo o carinho da família. Se bem que acabo de me lembrar, ele não faz parte da família, pois é só afilhado dela, não é verdade?

– É verdade. Ela o batizou!

– Fulano, desculpe-me, mais uma vez, ter interrompido

seu descanso, suas merecidas férias. Estou falando muito, não é? Mas acabo de me lembrar de uma vez em que sua mãe estava muito feliz por ter sido aprovada em um concurso público que daria a ela a chance de iniciar uma vida profissional e, na data em que deveria se apresentar, você amanheceu com uma febre muito alta e foi preciso chamar o médico com urgência. Sua mãe quase enlouqueceu de tanto sofrimento pelo medo de perdê-lo. O médico riu muito dizendo a ela que você só tinha uma inflamação na garganta e que a febre era normal nesses casos. Ele o medicou e para a sua mãe foi um longo dia de espera até que você, na manhã seguinte, não tivesse mais nada. É claro que ela perdeu a oportunidade do trabalho profissional, mas para ela o que interessava era que seu filho estivesse bem.

– Ela comentou qualquer coisa assim, uma vez...

– Sabe, lembro-me dela jovem, bonita, corpo bem feito, muito inteligente, sempre muito alegre, como somos todos antes que a maturidade ou os problemas nos obriguem a encarar a vida com maior responsabilidade e mais consciência. Quando ficou grávida, parece que ficou mais bonita ainda. E com que felicidade exibia o seu “estado de graça”, como ela dizia. Mas a gravidez lhe trouxe problemas posteriores. Seu corpo deformou-se e essas marcas ficaram para sempre. Pensa que ela se queixou? Qual nada! Dizia que você era mais importante do que qualquer medida estética.

Sua mãe teve muitos sonhos interrompidos, muitos projetos que nunca se concretizaram porque não havia tempo para ela. E as noites que passou em claro, cuidando da sua catapora, da caxumba, das dores de ouvido que não o deixavam dormir. Você e toda a família!! Descanso? Nem pensar! No dia seguinte lá estava ela cuidando de

você, da casa, do seu pai... Ela sempre foi assim: incansável. Digo porque hoje, tão velhinha e tão doente, não é nem uma sombra daquela mulher forte – ou se fazendo de forte tantas vezes para que você não desanimasse diante dos dissabores da vida – que faria qualquer coisa para vê-lo bem.

E quando você foi para a escola pela primeira vez! Quanta vez ficou estudando – assuntos que nem se lembrava mais – para melhor ajudá-lo a compreender o mundo que se abria para você. Era um misto de felicidade, orgulho e muito medo, porque você estava crescendo. E, acredite, não era medo de perdê-lo, mas, sim, de que você não fosse feliz com seus filhos, quando os tivesse, como ela era com você. Porque Deus, dizia ela, nunca tinha sido tão generoso com seus filhos como havia sido com ela ao mandá-lo para seus braços. Mas você deve estar sabendo de todas essas histórias. Não conheço mãe alguma que não goste de contar casos sobre seu filho. Penso que faz parte da felicidade de ser mãe.

– Mas, se está dizendo que ela não está tão mal, eu volto, então, só na terça-feira.

– Veja você que estou novamente a tagarelar. Desculpe-me, mais uma vez, e tenha um bom dia e bom descanso com sua família.

É através da luta planetária que nos proporciona penas e aflições, com ocultas lições de crescimento, que a voz de Deus nos fala. Sábia e amorosa a nos conclamar em cada momento à reflexão e à renovação de valores. Voz interior que nos assombra – voz de Deus em nós – e que nos chama ao cumprimento do dever moral frente ao Amor, à Justiça e à Caridade, com orientação segura a nos guiar o caminho evolutivo, rumo à felicidade.

- Alô, é fulano? Quem está falando é Beltrana, novamente. Lamento informar que sua mãe descansou.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – maio de 2000.

Frutos

O homem moderno vive a era da inteligência, trazendo frutos desenvolvimentistas nas áreas das Ciências tecnológicas, médicas, de progresso nos transportes, meios de comunicação, segurança, tendo por objetivo tornar sua vida mais confortável, mais segura e mais fácil possível. Frutos do uso racional da inteligência.

Deve o homem, agora, ingressar em nova era: o tempo do desenvolvimento da humanidade, da sensibilidade, do autoconhecimento para aplicar, de forma equânime, todos os recursos que lhe foram colocados à disposição – para a evolução material – pela Misericórdia Divina. Mas, mesmo vivendo numa época de predominância de tudo que seja material, é indispensável que esse homem, responsável por tanto progresso, faça um balanço de como esses recursos estão sendo utilizados em benefício do próximo – e em seu próprio benefício – para que não se perca a utilidade de tantas descobertas.

Se isso é verdadeiro para a vida física, muito mais o é para a espiritual. Não nos ateremos a questões irrelevantes ou contestações inócuas, para nos lembrarmos de que mesmo diante de quadros aterradores, provocados pelo próprio homem, há pontos de luzes – obra desse mesmo homem – que são inquestionáveis. Almas existem que continuam lutando para que o bem prevaleça em situações que, às vezes, nos parecem sem saída ou sem sentido. E, mesmo essas almas, entregues ao trabalho no Bem, sentem o peso de todas as iniquidades praticadas pela humanidade que está sobre o planeta. Por essa razão,

é necessário examinarmos a qualidade das nossas ações. É importante verificarmos de que modo estamos praticando os ensinamentos iluminados que Jesus nos deixou. O que estamos deixando de fazer, apesar de não ignorar como fazê-lo.

O amor ao próximo como a si mesmo não se configura como letra morta, nesse momento pelo qual tanto o planeta quanto a humanidade que nele habita passam. Muito pelo contrário, nunca se fez tão necessário – nunca mesmo, na história da evolução humana, da qual somos seus agentes – percebermos a importância desse ensinamento; nunca a solidão esteve tão presente; nunca a miséria moral plantou tão fundas raízes; nunca o medo e a angústia foram tão condutores das ações; nunca tamanho vazio existencial tomou conta do homem em seu caminhar. A presença desse vazio, dessa solidão que traz medos e angústias, entretanto, apesar do aparente mal que causam, é sinal de que é preciso modificar algo, preencher esse espaço para que essas dores passem.

Todo o progresso material conquistado não resolve o problema da existência humana porque ele não está na solução prática da vida física, do corpo, mas nas respostas que o Espírito busca, após haver saciado seus caprichos e desejos e resolvido seus interesses. Ele, o Espírito, quer saber, nessa etapa de sua existência, de onde veio, para onde vai, por qual razão sofre tanto – muitas vezes, mesmo possuindo tudo – e o que fazer para mitigar esse sofrimento. O homem já está se cansando do que tem. A novidade já não o atrai e, como criança em loja de brinquedo, percebe que nada é diferente. Então, ele se pergunta: “O que me falta? Por que esse vazio tão grande, essa insatisfação?”. Falta o acordar para a vida do Espírito, a verdadeira vida.

Para aqueles que já despertaram e que já iniciaram essa busca, torna-se vital essa avaliação das ações, para que não se perca o esforço, para que a semeadura seja boa e a colheita farta. O homem que luta, que refaz caminhos, que tem a coragem de rever os enganos colherá os frutos doces da vindima do Senhor. Não sem razão, o meigo Rabi da Galileia ensina-nos que pelos frutos seremos conhecidos.

Pub. - Jornal Espírita de Três Lagoas (MS) - maio/junho de 2013.

Guerras particulares

A ideia está viva em nós e sabemos disso, porque neste exato momento o barulho da rua nos parece tão distante, que nos sentimos verdadeiramente isolados. Mais que sensação, é a vivência real! Absolutamente nada fantasiosa. Todos os nossos sentidos se voltam para o que está acontecendo. Agora, mais atentos, podemos perceber barulhos que ignorávamos estivessem ali presentes. Vozes da Natureza nos assombam pela harmonia e beleza. Cores antes ignoradas surgem aos nossos olhos a nos dizerem que sempre estiveram em nosso caminho, mas que nossa dispersão angustiosa não nos permitia vê-las. Rapidamente, o farfalhar das folhas nos acorda para movimentos embalados pelo vento, que antes não notávamos e que agora nos conforta, como se nossa mente voasse com esse vento e, tocando outras folhas, regêsemos sublime sinfonia sob inspiração divina.

Momentos preciosos de intimidade com o Criador nos quais nos percebemos ser parte e não donos de tudo que nos cerca. E o silêncio interior que se estabelece entre nós e a Natureza nos proporciona a paz de que tanto necessitamos para compreender nosso outro lado, nossa ilha de aflições, local de desordens onde travamos, ininterruptamente, pesadas guerras particulares com nosso maior inimigo: nós próprios. Benditos sejam esses momentos, agora vividos, nos quais, em consciente isolamento, podemos nos aconchegar ainda que por pouco tempo nos braços de Deus.

Imagens continuam a nos assaltar e nos sentimos

transportados, como em sonho, à pequenina clareira onde vozes infantis ressoam em nossos ouvidos, trazendo sons já ouvidos de músicas da nossa infância: Nesta rua, nesta rua tem um bosque/ que se chama, que se chama solidão... Nosso bosque de solidão... Nossa ilha de aflições!... Inevitável comparação estabelece-se entre nossa ilha de paz fugidia, porque não conseguimos concretizá-la em nós ainda, com a ilha desordenada, caótica, dentro da qual sempre estivemos, porque julgávamos que assim eram os bosques.

A clareira... Espaço limitado, coerente com nosso estado mental, cria ao nosso redor parede tangível a nós, embora invisível aos outros. Parede que em movimentos contrários se contrai e se expande, ora nos permitindo maior mobilidade, ora nos obrigando a uma resistência asfixiante para que, de alguma forma, não nos sufoquemos, pressionados que somos pela nossa própria desordem interior. Desordem plenamente sentida na solidão barulhenta que estabelecemos como estado natural. Solidão a dois, a três, a tantos que mal nos damos conta. Encontros superficiais, desencontros abismais, seguidos quantas vezes de difíceis retornos, de doloridos reencontros... Parece que nos sufoca e que teimosamente insistimos em manter. E que força fazemos para mantê-la, para afastá-la... Que incoerência é essa na qual persistimos e que, lentamente, nos estrangula até o limite de nossas forças? Por que nos maltratamos tanto assim? Por que não nos permitimos empurrar essa parede, afastando-a de nós, ampliando nosso espaço de movimentação, dando-nos uma chance de respirar?

A clareira mental que ora descobrimos existir, passível de ser ampliada, deve ser nossa ilha de paz. E ela assim o é, e para sempre será quando pudermos incorporá-la à

nossa vida. Refúgio divino de prazer em que, protegidos por nós mesmos, poderá nos dar o direito de criar uma fonte de bem-estar íntimo, indescritível, intransferível, por ser conquista pessoal, e absolutamente necessário ao nosso equilíbrio. Abrigo seguro contra nós próprios, na medida em que isolados mentalmente do torvelinho que nos cerca e das circunstâncias que nos levam a atitudes inconsequentes, muitas vezes, e irresponsáveis, outras tantas, nos é possível uma trégua às guerras íntimas que travamos em nosso interior e que permite a revisão de todas as nossas atitudes mentais. Refrigério amoroso que o Pai Criador nos concede para que, em plena batalha evolutiva, possamos vislumbrar as imensas possibilidades que possuímos de poder ser, a cada dia, pessoas melhores e mais felizes.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – outubro de 2006.

Insondáveis razões

Juízes implacáveis dos atos do outro, sequer nos damos conta de que não conhecemos suas razões – apesar de muitos julgarem que sim –, passando a traçar modelos de conduta para o outro, modelos esses que quase nunca seguimos. Zeladores da moral alheia, mestres na arte de viver a vida estranha, vamos nos esquecendo de cuidar da própria existência, nos permitindo enredar em situações constrangedoras que poderíamos perfeitamente evitar.

O que sabemos nós, tu e eu, das histórias que não vivemos e que o outro vive? O que entendemos nós das razões que levam um coração a tantos desatinos, a tanto desespero? O que compreendemos nós dessas trajetórias interrompidas, desses sonhos desfeitos, dessas esperanças vãs, se temos nós outras razões que nos levam a desencantos, que frustram nossos sonhos, que nos trazem desesperanças? Se não conseguimos entender sequer a nossa própria história, como julgar a história alheia?

Trazemos ainda nossos corações conservados no fel das mágoas e no vinagre da amargura, para que tenhamos piedade com mágoas e amarguras do outro. Incapazes de nos tolerarmos e de nos perdoarmos, transferimos para a vida alheia nossos fracassos e, através dela, nos punimos, punindo o outro. E como não conseguimos nos perdoar, não perdoamos o outro pelos seus desacertos, que na verdade são os nossos.

Assim caminhamos prestando atenção no caminho de quem está ao nosso lado, nos esquecendo das pedras que nos levam a tropeços que tantas vezes nos derrubam.

Nessas quedas, algumas, demoramos a nos levantar ou, às vezes, nem isso conseguimos. Densa névoa envolve nossas mentes nesses momentos, isolando-nos da realidade e levando-nos a criar um mundo de ilusória superioridade. Colocamo-nos acima dos enganos humanos e não mais nos damos o direito de errar. Quem erra é o outro e não nós! E é a partir desse estado mental de suposta superioridade na caminhada evolutiva, em que cada um tem sua cota de aflições, que passamos a julgar e a condenar o outro. Isto pelos nossos valores e pelas nossas experiências que, certamente, não devem servir de parâmetro para as experiências alheias. Experiências e valores individuais, absolutamente intransferíveis, porque únicos para cada ser.

Entretanto, nesse momento e no nosso entender, a vida alheia não é mais alheia, mas nossa, pois ao julgá-la e sentenciá-la, nós a vivemos como se nossa fosse. Organizamos a outra enquanto a nossa permanece desorganizada. Resolvemos os problemas do outro e os nossos permanecem sem solução. Será que nos damos conta de que eles existem? Será que tomamos consciência, mesmo que seja por alguns segundos, de que ao cumprirmos nossos deveres – e não está aí incluída a vigilância da vida do semelhante –, os fantasmas das nossas aflições se afastam e muitos dos nossos problemas se resolvem quase que naturalmente?

Caminhamos todos muito lentamente, não na mesma velocidade e nem com o mesmo entusiasmo para essa conscientização. Ao julgarmos quem quer que seja, o fazemos, via de regra, sem compreender a nossa limitação no conhecimento de todos os fatos – nem a limitação do outro. Não nos damos conta de que o julgado também é limitado, como nós, no entendimento de todos eles. Como

então queremos julgá-lo? Possuímos, todos, insondáveis razões para sermos como somos, para agirmos como agimos e, por não permitirmos que sejam descobertas, também não podemos esperar ter acesso às razões alheias. Quando compreendo minhas limitações em julgar a tua limitação, não me reconheço mais em ti. E não me reconhecendo, também não identifico mais minhas razões – que supunha serem as tuas – para que tua vida continue sendo minha. Justifico tuas atitudes porque sei das tuas limitações – como hoje sei das minhas, mesmo acreditando que não as tivesse – e com isso me alivio. Não preciso mais me preocupar com as tuas preocupações e tampouco resolver teus problemas, como se tu fosses, pois não o sou. Não necessito mais da tua vida, das tuas asas, porque me descobri capaz de voar sozinho, sem escoras ou sem amarras, que eu mesmo me coloquei ao transferir para ti a responsabilidade dos meus enganos.

Ah, ignoto amigo! Se tu soubesses a alegria que se esboça e depois se concretiza em nossos corações ao sentir que somos capazes de ser livres, porque dirigimos a própria vida, de vivenciar com alegria as próprias experiências, recolhendo de cada momento lições benditas de crescimento pessoal... Se tu soubesses do sentimento de plenitude que envolve nosso Ser ao nos percebermos capazes de aceitar o outro como ele é, mas principalmente de nos aceitarmos como somos...

Ah, meu amigo, se tu soubesses... De quanto amor carregamos dentro de nós e temos medo de mostrar... Com quanta doçura poderíamos te envolver, sem medo de amar... Ah, meu amigo, se nós próprios soubéssemos disso...

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – setembro de 2006.

Lar, pequena praia...

Lar, nos dicionários da Língua Portuguesa, é confundido com a ideia de família e, figurativamente, como um local para onde se retorna, seja a casa, a cidade ou o país de origem... A Doutrina Espírita, por sua vez, amplia esse significado na medida em que afirma ser muito mais que uma reunião de pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa. São criaturas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por alianças, criando laços sociais.

As questões 205, 205-a e 774 de *O Livro dos Espíritos* esclarecem que somente através da reencarnação os laços familiares podem ser menos precários, permitindo aumentar os deveres da fraternidade uma vez que essas pessoas já estiveram ligadas, anteriormente, sobre bases da afeição ou da inimizade. É pela necessidade de progresso que esses encontros acontecem. Os laços sociais são necessários ao progresso e os laços de família estreitam tais laços.

O cadinho doméstico é constante desafio para cada um de seus membros, tendo em vista que cada um traz uma história de existências pregressas no bojo de seus sentimentos que se manifestam através de suas ações, palavras e pensamentos. Difícil trabalho esse de buscar a harmonia entre indivíduos tão distintos, ligados entre si por passados às vezes escabrosos, permeados de cobranças, vitimizações, abandonos e sofrimentos, com medos e angústias de um futuro desconhecido.

Entretanto, a necessidade desses encontros é

fundamental para que a vida, em seu esplendor, prossiga segundo um programa reencarnatório pensado, avaliado e fixado nessas consciências, com a finalidade de se cumprir a lei do progresso, através de ajustes das consequências de escolhas infelizes, feitas em existências anteriores.

Cansados de sofrer, esses Espíritos, ainda na Erraticidade, pedem, imploram muitas vezes para retornarem à carne ao lado desses comparsas, desafetos, a fim de remirem suas dores morais. E aqui estamos nós mergulhados em águas revoltas do presente, resgatando débitos do passado, com vistas a um futuro mais sereno, ainda que incerto.

Sem lutas não há progresso. E o lar passa a representar, assim, a primeira escola de amor na qual Deus nos matriculou para aprendermos valores espirituais indispensáveis ao nosso crescimento moral, como a paciência, a gratidão e o amor incondicional...

A cada batalha vencida nessa pequena praia, abrem-se, diante de nós, inúmeras oportunidades de navegação em águas mais calmas e mais profundas, em direção a praias mais extensas, a trabalhos com maiores responsabilidades. Aprendemos aqui no restrito, para ensinar e mais aprender no amplo. Do simples para o complexo. Da realidade material para a espiritual. E nesse processo contínuo de aprender, ensinar, mais aprender e mais ensinar iremos todos cumprindo nossa destinação de sermos felizes em plenitude.

Pacientemente ou não, vamos resolvendo nossas mazelas junto a esses irmãos que, como nós, foram colocados como companheiros nossos nessa jornada de aprimoramento.

Se por um lado nos sentimos atados a eles, com

vontade de romper esses laços, porque a obrigação nos pesa, por outro lado, eles também se sentem assim muitas vezes. Se com o outro não é fácil a convivência, viver conosco deve ser mais difícil ainda.

Assim, até que aceitemos esses irmãos como instrumentos de nosso aprendizado pela prática da caridade para com todos eles, respeitando-os nas suas diferenças e limitações, retornaremos junto deles para continuarmos nosso curso como alunos rebeldes até a aprovação final.

Pub. – Revista Eletrônica O Consolador, edição nº 499.

Libertação dos escravos

Há alguns anos, durante uma palestra evangélica, perguntamos aos irmãos presentes qual era a Lei Áurea, e um deles disse-nos que era a lei que libertou os escravos no Brasil. Educadamente, como deve ser, respondemos que não era aquela a resposta desejada para dar prosseguimento ao nosso tema. Hoje, essa cena voltou à nossa mente e à memória, guardiã atenta de tudo que nos acontece, do que sentimos, fez com que repensássemos esse episódio. O porquê não sabemos, mas o que hoje, um pouco mais observadores, percebemos é que a resposta daquele companheiro estava certa, mesmo em relação à pergunta feita.

Naquele momento, o objetivo era refletir sobre o Maior Mandamento, aquele que nos convida a "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". E não é que, tanto tempo depois, conseguimos perceber que a resposta do nosso irmão, naquele momento, não poderia ter sido outra. Nada mais coerente, nada mais lúcido!... Quem, amando Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, não está livre da escravidão do egoísmo?! Quem, pensando mais no outro do que em si próprio, a ponto de perceber as necessidades do irmão que sofre, ainda que nenhuma palavra seja dita, atendendo-o de todo coração, não está livre das algemas das vãs fantasias, das ilusões que cegam e transformam os homens sobre a Terra em Espíritos que dormem, mesmo estando com os olhos físicos abertos?! Quem, respeitando as diferenças de crenças, de escolhas pessoais que levam os homens a buscarem a felicidade – direito inalienável,

concedido por Deus quando da Criação – não está liberto dos grilhões da ignorância, do preconceito de todos os tipos, e da violência gratuita contra seu irmão em Jesus, filhos todos do mesmo Pai?!

É verdadeira a frase de que Deus não cria nada inútil, pois, de repente, uma resposta dada a uma pergunta – talvez o erro estivesse na pergunta e não na resposta – pudesse nos levar, tanto tempo depois, a refletir sobre ela. Provavelmente, se a pergunta tivesse sido feita de outra forma e, portanto, gerado outra resposta, não estaríamos aqui pensando e escrevendo sobre isso. É possível que o ato da princesa Isabel, libertando os escravos – história vergonhosa de nosso país – não teria feito nosso irmão citá-la na nossa palestra. E é certo que também nós não estaríamos refletindo sobre tudo isso!

No seu ato político, a filha do Imperador não poderia imaginar quão imensa seria essa libertação: libertação dos escravos negros e libertação de todos nós, ainda que todo esse processo não chegará ao fim sem dor e sofrimento, lutas e redenção... Mas, não importa o tempo que dure. O que importa é que a transformação em andamento acontecerá e não terá mais como voltar ao seu ponto de partida, porque ninguém retrograda em se tratando de mudanças para melhor, seja o mundo, seja um país, seja um só homem. É impossível retroceder quando ela se inicia, pois nada e nem ninguém voltará a ser o que era antes.

Os Espíritos amigos, sempre atentos à nossa ancestral ignorância, permanecem mostrando as soluções através de conselhos e orientações seguras. Kardec, eterno mestre, mostra que Jesus é o caminho para chegar a elas.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 393.

Mansos e pacificadores

Jesus afirma que herdarão a Terra aqueles que forem mansos de coração, afáveis e dóceis, porque benevolentes com o próximo. Afirma também que serão chamados filhos de Deus aqueles que antes de pacificarem o meio em que vivem, pacificam seu mundo íntimo, através da paciência diante da dor pessoal e do próximo, resignado perante a vontade do Pai, mas laborioso na luta contra as próprias imperfeições.

Os Espíritos superiores dão uma imagem bastante esclarecedora em relação a essa máscara que usamos externamente: dizem que é uma roupagem cujo corte bem calculado disfarça as deformidades ocultas. E dão exemplos que merecem nossa reflexão. O mundo está repleto de pessoas que trazem um sorriso nos lábios e o veneno no coração. Quando falam face a face, sua língua, antes bondosa, transforma-se em dardo venenoso.

A essa classe pertencem aquelas pessoas que são benignas fora de casa, mas verdadeiras tiranas domésticas. Fazem a família e os subordinados sofrerem com seu orgulho e despotismo. É sem dúvida uma forma de compensarem o constrangimento que passam por não poderem impor suas vontades lá fora. Se o fizerem, seriam colocadas em seus devidos lugares. Assim, preferem ser temidos por aqueles que deveriam amá-las, sentindo orgulho por essa situação de terror que criam ao seu redor.

O que se entende, segundo o ponto de vista de Jesus, é que não adianta os lábios destilarem mel se o coração

nada tem com isso, permanecendo-se tão somente no campo da hipocrisia.

A doutrina de Jesus ensina sempre a obediência e a resignação. Não a obediência cega, a negação da vontade, mas aquela que é consentida pela razão, pois que se entende ser a melhor escolha. E a resignação, certamente, não é a negação do sentimento, mas aquela que é consentida pelo coração, pois entende que ela poderá ajudar a carregar o fardo que às vezes parece tão pesado.

Quando obedecemos a Lei do Progresso, seja esse progresso material ou espiritual, quando cedemos à vontade do Pai que nos orienta a marcha, colocamo-nos em sintonia com a força que emana do Celeiro divino, para a conquista da felicidade plena. São, portanto, bem-aventurados os mansos e pacificadores porque darão ouvidos dóceis aos ensinamentos de Jesus.

O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo 9, traz exemplo bastante esclarecedor: um homem inclinado à cólera desculpa-se, quase sempre com o seu temperamento. Em vez de se considerar culpado, atribui a falta ao seu organismo, acusando Deus de suas próprias imperfeições. Sou mal-humorado porque sofro do fígado.

É sempre o egoísmo, manifestado através do orgulho, que se encontra no centro de todas as suas atitudes grosseiras, coléricas. O corpo não dá impulsos de cólera a quem não os tem, como não dá outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. Sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade?

Jesus sintetiza todos os sentimentos contrários à violência e todo o desejo do homem que luta pela paz, nessa bem-aventurança: *“bem-aventurados os mansos e pacificadores porque eles herdarão a Terra e serão*

chamados filhos de Deus”.

Mensagem de Natal

Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens. (Lucas, 2: 14)

O Novo Testamento nos fala do nascimento de Jesus e narra de maneira sublime a vinda Dele entre nós. O Evangelho de Lucas conta do aparecimento de um anjo aos pastores, enviado por Deus, anunciando a presença de Seu Filho, o Cristo, ungido por Ele, nosso Pai Celestial, com a missão de trazer a todos os homens a Sua paz. O anúncio que o anjo de Deus fez e o aparecimento das legiões que o acompanhavam nos permitem refletir um pouco sobre esse momento de sublimidade, que a cada ano vemos repetir-se sem, contudo, alterar nossas vidas.

Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens, nos disse o Emissário Celeste, conduzindo os pastores, que guardavam seus rebanhos durante a noite, a buscarem a luz da estrela que ficaria brilhando para sempre em nossos corações.

Na verdade, louvamos ao Pai nas Alturas Celestes por nos ter enviado o Messias, o Cristo. Mas, também, é verdade que, ainda hoje, não conseguimos entender Seus ensinamentos e por essa razão a mensagem do anjo não se

concretiza. Não temos ainda condição de através de Jesus estabelecermos a paz na Terra porque não conseguimos ter boa vontade uns com os outros. Ou será que o anúncio da boa vontade a que o anjo se referiu é a boa vontade de Deus para com os homens ao nos enviar Jesus?

É importante refletirmos sobre isso para que não repitamos as palavras do anjo, apenas em cartões de Natal, que enviamos, às vezes, por simples obrigação, mas sim, porque desejamos realmente compartilhar a alegria desse dia. É imprescindível verificarmos se no abraço que damos no companheiro, repetindo as palavras paz em seu lar ou muita paz em seu coração representam, verdadeiramente, o sentimento fraterno de que desejo ao outro o que quero para mim, ou se somente cumprimos um ritual social ao qual estamos acostumados.

É necessário repensarmos nossos sentimentos nesta ocasião porque Natal significa nascimento e nascimento quer dizer renovação, recomeço ou, talvez, apenas começo. Começo de nova caminhada, de novos entendimentos, de nova compreensão do porquê estamos aqui, de quais são nossas tarefas, de quais são nossas reais necessidades, de procurarmos descobrir com vontade firme e perseverança nossas capacidades interiores de sermos pessoas melhores, de aprendermos a ser mais tolerantes, mais misericordiosos, mais companheiros dos nossos companheiros de jornada, porque nunca caminhamos sozinhos. De sermos também mais indulgentes com quem nos magoa, mais generosos conosco ao pararmos de nos sentir culpados por termos escolhido caminhos tortuosos que ignorávamos e que não deveriam ser percorridos.

Desconhecíamos, antes, a Lei Divina de que tudo que fizemos aos outros a nós retorna. Porém, hoje, mais conscientes dos nossos deveres morais para com nossos companheiros de caminhada evolutiva, já não cometemos tantos equívocos. Apesar de ainda termos dificuldades para perdoar, de não conseguirmos nos desprender de preconceitos, de ainda sermos intolerantes para com

aqueles que não atendem nossos desejos, de ainda nos julgarmos mais importantes que os outros, por razões que perante as Leis de Deus, não têm nenhuma importância, já somos capazes de pequenas renúncias em favor dos nossos filhos e de nossos entes amados. Já nos permitimos não guardar rancores, apesar de ainda alojarmos mágoas em nossos corações, frutos de um sentimento de egoísmo que ainda é tão presente em nossas atitudes.

Hoje, já somos capazes de não agir com violência física e, às vezes, até verbal diante de situações que, certamente, ontem, nos fariam cometer desatinos. Tudo isso nos mostra o quanto pudemos caminhar.

Algumas vezes dizemos: "*Mas falta tanto!*". É verdade, mas também é bom olharmos o quanto já caminhamos. Basta voltarmos nossos olhos para trás e, voltando no tempo, percebermos as grandes mudanças na nossa maneira de conduzir a vida.

Natal significa nascimento, nosso nascimento a cada dia que amanhece.

Assim como a luz do Cristo brilhou para nós com Sua vinda, a cada manhã a luz da renovação brilha em nossos corações nos convidando ao aperfeiçoamento e à iluminação.

E que renovação é essa a qual somos convidados a realizar cada dia? Que luz é essa que sentimos brilhar dentro de nós e que nos fortalece para que comecemos nossa jornada com ânimo e alegria? A resposta a essas perguntas encontramos dentro de nós próprios, na certeza de que somos amparados, de que apesar das dificuldades de cada dia, colheremos o fruto da nossa sementeira de lutas. Mas, para que isso aconteça, é preciso que tenhamos fé. Não aquela fé de quem hoje crê, porque tudo

está bem e está relativamente feliz e em paz, e amanhã não crê porque a dificuldade lhe bate à porta, chamando-o para a luta redentora. Estamos falando da fé de quem sabe que pela Bondade Divina temos Jesus ao nosso lado, nos sustentando através do Seu Evangelho de Luz e de Amor.

Sabemos que a Terra não é lugar só de alegrias, pois encontramos aflições e lágrimas por todos os cantos e, por causa disso, muitas vezes, um sentimento de pesar toma conta de nossos pensamentos, e nos deixamos envolver na atmosfera de iniquidade que nos rodeia, pela violência sem sentido, pela falta de respeito com a vida. Todavia, quando esse sentimento se fizer sentir em nossos corações, lembremo-nos de Jesus. Lembremos de que a cada um será dado conforme suas obras e que cabe a nós, a cada um de nós, a construção de um planeta melhor, com mais amor, com mais fraternidade e mais tolerância de uns para com os outros. Estaremos, certamente, espantando de nossas mentes essas imagens desequilibrantes que desarmonizam nossa alma e nos fazem valorizar o que precisa e deve ser combatido com fé e com amor, através de pensamentos construtivos no bem. Cabe a nós nos lembrarmos sempre de que a paz na Terra a que se referiu o Emissário de Deus, anunciando o nascimento de Jesus, não é a paz entre conflitos, mas a paz construída diariamente, incessantemente, dentro de nós, buscando a mansidão, a doçura e a meiguice nos nossos pensamentos, nos nossos atos e nas nossas palavras, como nos exemplificou o doce Rabino da Galileia.

A paz na Terra é a paz da bem-aventurança prometida por Jesus, em nome de Deus, e que já está sendo vivida por aqueles que irradiam ao seu redor uma atmosfera de amor para com todos; daqueles que são capazes de praticar o bem sem nada pedirem em troca; daqueles que

podem dizer, ao se prepararem para dormir: *"Obrigado, Jesus, por ter podido ser útil ao meu próximo neste dia"*.

A conquista da paz interior é exercício do amor verdadeiro em benefício dos outros e esse exercício não cansa o coração que ama. Muito pelo contrário, nos fortalece e nos anima para as lutas diárias, nos acalma e nos alegra mesmo diante de dificuldades, porque, acima de tudo, acreditamos na promessa de que somos os herdeiros do Reino dos Céus. Herdeiros de um céu que já existe em nós quando compreendemos o porquê da vinda de Jesus, quando atendendo ao chamado do Pai, buscamos a luz do Cristo através dos Seus ensinamentos.

Natal significa nascimento Dele em nossos corações. Significa o nascimento da esperança, a cada dia, quando conseguimos compreender a semeadura de luzes que o Mestre veio realizar em nós. E quando nos dermos conta de que temos, ao despertar em cada manhã, infinitas possibilidades de trabalho para nossa elevação, e que na realização delas encontramos as sementes luminosas do Mestre clareando nossa caminhada, entenderemos o que significa comemorar o Natal, porque o estaremos realizando em nossos próprios corações.

Temos consciência de que é com bastante dificuldade que conseguimos nos manter, algumas vezes, ligados a essa luz. Mas também temos consciência de que nosso esforço para que isso aconteça mais de uma vez e para que esse tempo dure cada vez mais é sempre recompensado pelas benesses divinas. Cada movimento que fazemos para nos elevar acima dos sentimentos egoístas que ainda nos comandam a vida nos aproxima do Mestre Jesus. Cada vez que abaixamos os olhos e conseguimos ver nosso irmão necessitado, principalmente em nossos lares, tendo a coragem de estender-lhe a mão,

reerguendo-o para que caminhe ao nosso lado, estamos fazendo Jesus nascer dentro de nós.

Somos ainda Espíritos jovens no entendimento das coisas divinas. Sentimos Jesus tão distante de nós e não O percebemos ao nosso lado, representado pelo cuidado que dispensamos ao nosso lar, pelo atendimento aos aflitos que nos cruzam o caminho, pela necessidade que sentimos de fazer o bem, pela paciência que temos com o colega de trabalho que se encontra aturdido, pela educação com que tratamos aqueles que nos servem, e tantas outras formas, que nem sabemos quantas.

E justamente por não compreendermos bem onde está Jesus, ficamos aguardando, tanto no Natal como em todos os dias, que o Divino Amigo venha nos abençoar e atender nossas rogativas. Ficamos esperando que Ele desça até nós atendendo aos nossos desejos, enquanto o Mestre querido, pacientemente, permanece aguardando que, através das luzes dos Seus ensinamentos, subamos até Ele.

Que possamos todos, principalmente neste Natal, renovar nossas disposições de atender ao chamamento de Jesus: *"Vinde a mim vós que estais aflitos que eu vos aliviarei"*.

(Publicado no Boletim GEAE, nº 406, de 12 de dezembro de 2000.)

Não matarás...

A menos que tenhas um bom motivo para isso.

Por milhares de anos essa vem sendo a lei. Enganei-me? Ao leigo, pode parecer que sim. Ao desavisado, pode parecer que haja uma deturpação das palavras de Maomé, Abraão, Moisés ou Jesus. Mas, seus seguidores, afinal, nos esclarecem que a lei é clara.

Não matarás a menos que tenhas bons motivos para isso. E se puder haver um exemplo a ser dado, para que outros não deem os mesmos motivos, tanto melhor.

Vejamos: a mulher adúltera. Eis aí um belo motivo para se dar um bom exemplo a todos. Que seja apedrejada até sua morte! Ela deu-nos um bom motivo. E é bom que todos vejam, preferencialmente as mulheres, para que não sigam seu exemplo; sobretudo crianças, para que cresçam conscientes. E não nos esqueçamos dos homens que são os cumpridores dessa lei de Deus.

Vejamos: a bruxaria. Fogueira em nome de Deus Pai todo-poderoso, que deve ser defendido dos poderes do inferno. Sempre, é claro, em praça pública. Mas não nos esqueçamos de dar ao condenado o direito ao arrependimento. É um dever cristão. Galileu soube aproveitar-se bem dele.

Vejamos: a pena de morte. Injeção letal, cadeira elétrica, com foto da família da vítima estampada na primeira página do jornal. Já houve casos até de transmissão ao vivo por telão.

Vejam: a guerra contra o terrorismo. Todos aqui têm bons motivos. Então, fica ainda mais difícil condenar alguém por fugir da Lei. Todos, aqui, estão cheios de boas justificativas, excelentes razões para fazerem o que vêm fazendo. O que se vê, então, é um lado condenando o outro, todos obedientes até suas mortes, fiéis ao seu Deus ou à sua pátria.

Todos, ao longo da História, buscam defender a justiça e a lei de Deus. Não matarás a não ser por um bom motivo. Tomam seus cajados de líderes e donos da verdade. Vence sempre a verdade do mais forte; vence sempre a verdade do mais espetacular, pois o marketing da morte é o que lhe dá legitimidade e aquiescência de todo um povo. Convença-me de que tens um bom motivo e, é claro, estarás absolvido por matares.

Irmãos em Cristo! Não permitamos que nosso doce Jesus de Nazaré entre para a História dessa maneira. Não foi justamente Ele a salvar a mulher adúltera? Nem Maomé, nem Moisés podem ter seus nomes limpos por nós, que não somos seus seguidores; deixemos isso a cargo de outros irmãos. Mas, se se diz que a árvore é reconhecida pelos frutos, vamos mostrar melhores frutos do Cristianismo do que esse que temos visto a cada dia em todo o mundo. Vamos fazer jus à missão do rabi da Galileia: tirar do coração o olho por olho e instalar em seu lugar "o atire a primeira pedra quem não tiver nenhum pecado".

Nunca seremos coniventes com a violência, mas seremos nós, os cristãos, a provocar maiores escândalos do que os que já foram provocados, é deturpar o nome e a obra de um líder, já que a obra dos alunos define o mestre.

Irmãos espíritas! Trabalhar e servir – eis a chave para o entendimento do que acontece ao nosso redor. Trabalhar pelo bem de todos – não importa onde, quando e quem –, servindo sempre que possível. Perdoar setenta vezes sete, disse-nos Jesus: eis o código. Unir esforços em vibrações pacificadoras: eis o caminho.

Lembremo-nos de Gandhi, de Francisco de Assis, de Madre Tereza, de Chico Xavier. Lembremo-nos de todos os anônimos que, pacificadamente, têm conduzido suas tarefas sobre o planeta, permitindo que o amor, o entendimento e o perdão a companheiros transtornados pelas sombras da rebeldia, que invadem seus corações e mentes, levando sofrimento e desequilíbrios a tantos outros corações, possam ser semeados para que a luz, a esperança e a renovação brotem por toda parte.

Pacificar o mundo ao nosso redor, iniciando por nossos lares é o caminho que a misericórdia divina nos oferece para nossa redenção, com passado tantas vezes comprometido com a desfaçatez, o cinismo e a ociosidade.

Não permitamos que audiências exploradoras contem conosco. Não aceitemos certos espetáculos grotescos e parciais que a todo instante tentam invadir nossas mentes, convencendo-nos de que esse é o único caminho possível.

No mais, recorramos a Kardec, que veio nos trazer o Consolador. Consolemo-nos, usando nossa capacidade de raciocinar, a fim de não entregarmos nossa tranquilidade nas mãos de quem nos leva por caminhos de violência, como se fosse a única opção justa e digna. Queremos justiça ou vingança? O olho por olho ou a primeira pedra? Reflitamos sobre isso à luz do Evangelho.

Violência justificada é o que nos oferecem a cada instante. Mas isso, queridos irmãos, não existe.

Deixemos gravado na História, como obra de cristãos autênticos, o que, na sua simplicidade, Jesus veio nos trazer: "*Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*". E nisso está contido Não Matarás. E ponto final.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – outubro de 2008.

Novo amanhecer

Nascer, dormir e nascer novamente a cada manhã num círculo bendito de idas e vindas na busca da liberdade. Liberdade apenas sentida, misto de lembranças e sonhos, às vezes deixando saudade – vontade de continuar – às vezes causando pesar – vontade de nunca ter sentido –, misturando medos e alegrias, ânimos novos e desejo de não sair do lugar. Indefinidos momentos nos quais, envolvidos em densa névoa, não conseguimos perceber onde estamos. Entretanto, com um pouco mais de atenção, podemos sentir esse retorno que a cada dia o Criador nos contempla para que continuemos perseguindo nosso objetivo final: o de sermos felizes.

Paremos um instante nesse momento e busquemos entender o que realmente está acontecendo, pois, na maioria das vezes, sequer imaginamos como é possível que em fração de segundos tomemos posse do nosso corpo físico, passando tudo a fazer sentido. Percebemos onde estamos, lembramos compromissos do dia e nem de longe nos damos conta do milagre que está acontecendo conosco.

Paremos um instante nesse momento e procuremos perceber a oportunidade que nos está sendo dada: no qual temos ainda, mais uma vez, em mais um dia, a possibilidade de rever posições e priorizar sentimentos; de retomar compromissos abandonados porque eram trabalhosos, exigiam sacrifícios e renúncias de nossa parte, e que nem sempre estamos dispostos a fazer; de limpar espaços em nossas mentes e corações para que novos

valores encontrem abrigo, a fim de nos lembrarmos de que necessitamos pedir perdão a quem ofendemos no dia anterior – fruto do nosso orgulho e do nosso egoísmo – e, principalmente, de perdoar a quem, ignorando nossos melindres, de alguma maneira nos ofendeu; de entender mais uma vez, e quantas vezes mais forem necessárias até que tenhamos aprendido, que não é possível mais adiarmos as decisões que precisam ser tomadas, mesmo que nos doam, com a finalidade de remover essa camada de indiferença e de medo que tanto dificulta nossos movimentos em direção ao Amor.

E que medo é esse que nos causa esse sentimento que na boca de tantos é sinônimo de doação, entendimento, tolerância e tantos outros significados que não conseguimos aprender, porque não temos ainda condição de compreendê-lo para poder vivenciá-lo? Que indiferença é essa que faz com que nos isolemos em nosso mundo pequeno, que julgamos seguro e que nos afasta de qualquer contato que possa nos trazer dor?

Estamos sempre a imaginar que somos na verdade espelhos para o outro e que o outro precisa e deve nos ver como ele imagina e não como somos na realidade. Colocamo-nos sempre como vítimas na busca de justificar nossa incapacidade, ou será falta de coragem, de dizer não. Quão mais fácil é sentir-se vítima do outro, da Vida... E por conta disso, dessa total inversão de culpabilidade, vamos nos vingando; algumas vezes, obrigamos o outro a ser nosso espelho; outras, cobramos gratidão por qualquer gesto, por mais simples que seja, como se fosse um privilégio para o outro receber e, para nós, um favor em fazê-lo. Triste figura fazemos quando queremos nos vingar. Mas, na verdade, de quem nos vingamos? Será do outro, pela sua insensibilidade em não perceber as

necessidades que temos, como se fosse possível adivinhar o que se passa em nosso coração, ou nos vingamos de nós próprios por não conseguirmos assumir a responsabilidade perante nossos atos, julgando mais fácil ou mais cômodo transferir para o outro?

E vamos colocando ao nosso redor todas as camadas que nos escondem dos outros e de nós mesmos, resultado quase sempre de tristezas, decepções, sonhos sonhados e destruídos, risos contidos pelo véu das convenções e tantas luzes interiores que fomos apagando por medo de não sermos espelhos, ou por remorso de ser imagem para o outro. Enterramo-nos em nosso casulo e nos julgamos protegidos. Só que nosso casulo envelheceu e ensaia romper-se e, angustiados, vamos tentando retardar o que é impossível evitar. A cada manhã esse romper se inicia e também a cada manhã lutamos para que isso não aconteça.

Todavia, o caminho do progresso é inexorável em sua trajetória, pois querendo ou não somos obrigados, a cada dia de nossa existência, a percorrer um trecho. Na luta para fugir, acabamos nos perdendo em atalhos pedregosos e às vezes lamacentos. Porém, uma força está sempre tentando nos reconduzir. Luta inglória essa nossa! Esforço inutilmente despendido para evitar o inevitável! Quando o processo de abertura se inicia, não há mais volta e o recomeçar – ou será começar? – acontece, desejemos ou não. Teremos de aprender a conviver com a nova realidade; teremos de aprender a dizer basta a tudo o que nos sufoca, que nos desequilibra; é fundamental tomarmos consciência de que é preciso respirar melhor, criando outra atmosfera ao nosso redor; e sobretudo, entender que ninguém precisa sofrer por amar, porque, se o amor significa doação, tolerância, entendimento, não nos parece

verdadeiro o amor que exige recibo.

A cada manhã podemos perceber ao despertarmos esse casulo se rompendo. Paremos nesse momento onde quase nunca conseguimos nos situar e permitamos que o milagre da Vida aconteça em nós. Trabalho solitário, intransferível, mas absolutamente necessário porque renovador. E é impossível contê-lo porque a Lei do Progresso nos solicita, a cada manhã, um novo amanhecer.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), junho de 2000.

O Dízimo e a casa Espírita

O dízimo já era praticado antes da vinda de Jesus. Encontra-se muito claro no Antigo Testamento e significava a décima parte consagrada a Deus. A Lei requeria que a décima parte do grão, do vinho, do azeite produzido a cada ano, assim como os primogênitos dos rebanhos e das manadas, e de tudo mais que se produzisse, fosse entregue aos levitas e sacerdotes, com o objetivo de manterem os templos em funcionamento. Podemos constatar essa prática no Pentateuco: terceiro livro (Levítico, 27:30-32), no quinto livro (Deuteronômio, 14:22), e ainda em Neemias, 10:32, nos livros históricos.

O interessante, ao abordarmos essa questão, é percebermos que Jesus não o condenou, mas foi além ao dizer: *"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pois que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e desprezais o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas sem omitir aquelas"*. (Mateus, 23:23.)

O que podemos aferir dessa advertência de Jesus é que Ele, em momento algum, criticou ou proibiu a ajuda monetária à manutenção dos templos, mas cobrava, sim, o cumprimento da Lei de Amor, convidando todos ao exercício da beneficência, da indulgência e do perdão. Vivendo em um mundo material, não ignorava as necessidades básicas para a sobrevivência do que quer que fosse material – templo ou corpo físico.

E se isso era verdadeiro na época de Jesus, muito mais o é hoje. Assim, se transportarmos tudo isso para a Casa

Espírita, independentemente de sua dimensão ou complexidade de funcionamento, perceberemos, sem qualquer sombra de dúvida, que os recursos financeiros são fundamentais para que ela se mantenha de portas abertas.

Cada Casa Espírita possui uma dinâmica de trabalho e sabe do que necessita para atender às suas necessidades. Por essa razão, cabe a cada um de nós que frequentamos o grupo, contribuir espontaneamente, no limite de nossas posses (financeiramente ou tempo disponível) – o óbolo da viúva é o mais claro exemplo –, para a manutenção desses prontos-socorros em funcionamento, voltados para o atendimento aos necessitados do corpo e da alma, como já estivemos um dia.

Todavia, é de suma importância não confundirmos atividades destinadas à manutenção física da instituição com a cobrança pela assistência espiritual, envolvendo o passe magnético, as reuniões mediúnicas de desobsessão ou a venda de água magnetizada, por exemplo. Qualquer atividade de assistência espiritual que envolva o concurso dos Espíritos deve ser totalmente gratuita, lembrando a assertiva de Jesus aos discípulos: “Curai os enfermos, expeli os demônios; dai de graça o que de graça recebestes”.

Mas, também, é que a venda de quadros, elaborados nas reuniões de pintura mediúnica e a de livros psicografados são sempre revertidas – independentemente dos custos materiais que eles envolvem para suas elaborações – para as obras de assistência social que a instituição desenvolve. É difícil imaginar uma casa espírita sem seu braço social, porque contraria um dos pilares da Doutrina Espírita: Fora da caridade não há salvação. Ambas as formas de assistência devem seguir paralelas em

atendimento à saúde integral do homem: pão para o corpo, pão para o Espírito.

Com a afirmação que faz e o preceito que estabelece, o Mestre determina que não se deve cobrar por aquilo por que nada se pagou. O dom de curar, de afastar os Espíritos não evangelizados, de levar alívio aos que sofrem, tudo isso foi dado de graça por Deus.

Como colocar preço no sorriso que recebe o assistido na casa de Jesus? A entrevista que orienta e alivia, a palestra que consola, esclarece e reconforta, o passe que acalma, minimiza e cura a dor, como cobrar por isso? Não se pode, porque não se pode colocar preço no que emana do coração. Mas, diferentemente do dízimo obrigatório, o espírita não deveria se furtar a colaborar materialmente com a Casa que o acolhe e lhe proporciona as oportunidades de trabalho para sua elevação espiritual, doando um pouco do muito que recebe todos os dias – em atendimento ao convite de Jesus – e ajudar, pois, toda colaboração é muito bem-vinda se vier em nome do Mestre de todos nós.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 423.

O Hábito de julgar

Na lição número 12, do livro *Palavras de Vida Eterna*, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier, o estimado benfeitor espiritual reporta-se à última ceia que Jesus fez com Seus discípulos, durante a qual avisa que alguém, entre eles O trairia.

A história de Judas incomoda-nos tanto, a ponto de rapidamente condená-lo, incriminando-o, senão por gestos e atos de violência – comuns nas festividades de Páscoa – ao menos por pensamento. Mas por que esse fato nos incomoda?

A Psicologia moderna explica e vamos contar uma pequena história, buscando, através dela, responder a essa questão:

“Uma mulher vai ao seu terapeuta, que a atende semanalmente, e entra queixando-se das agressões verbais recebidas do marido, censurando-a por ser péssima mãe e péssima esposa. Diz ela sentir-se agredida e humilhada porque sabe ser ótima mãe e esposa devotada. O médico ouve-a atentamente e quando ela encerra as reclamações ele diz:

- Eu não me importaria com isso, mas sim, com a mancha que tem no rosto.

- Eu não tenho mancha no rosto, retruca ela.

- Tem sim, eu estou vendo – afirma o médico.

- Não, eu não tenho, contesta a paciente convicta.

A conversa continua com os queixumes dela. Depois

de algum tempo, ele pergunta à mulher:

- Por que você não se incomodou com a minha afirmação de que tinha uma mancha no rosto?

- Porque sei que não tenho, responde ela.

- Eis aí, diz o médico, a resposta que precisava para suas lamentações. Se as agressões do seu marido lhe fazem tanto mal, e a incomodam muito, é porque você própria não tem certeza de ser boa mãe e boa esposa. A agressão atingiu-a porque refletiu sua própria realidade interior”.

Certamente, é isso o que acontece conosco quando julgamos e condenamos o discípulo leviano e os nossos semelhantes.

Emmanuel traz para nós, na lição acima citada, a essência do ensinamento evangélico do “*não julgai para não serdes julgados*”, por nós mesmos.

A advertência tem razão de ser, na medida em que conclama à prática do Evangelho como forma de proteção contra nós próprios, permitindo-nos sair desse círculo de sofrimentos em que nos colocamos, pela nossa ignorância das coisas divinas.

O conhecimento e a prática dos ensinamentos de Jesus fazem-nos, lentamente, perceber que somos todos discípulos Dele, e não mestres como muitos supõem, aprendendo a vigilância dos próprios atos, para não fracassarmos mais; e discípulos em testemunho, a fim de aprendermos a exemplificar, compreendendo, agindo e perdoadando, como o Mestre sempre fez.

Estamos caminhando com bastante dificuldade, mas através da escola bendita da reencarnação – “*Necessário vos é nascer de novo*” –, vamos combatendo o egoísmo,

sendo menos exigentes nos prazeres egoísticos, percebendo a necessidade do outro. Também já estamos conseguindo ter alguma consciência da necessidade de cuidar da vida espiritual, e não ir somente à caça de bens materiais.

Jesus sabe das nossas limitações e não desconhece nossas fragilidades, e por isso nos conclama, através do Seu amor, refletido em todos os Seus ensinamentos, a desenvolver a humildade – sentimento contrário ao orgulho – para que não apenas Ele, mas nós próprios, também, reconheçamos nossos limites. Esse é, sem sombra de dúvida, o primeiro passo para conseguirmos superar nossas limitações e iniciarmos a construção do edifício íntimo do Reino de Deus em nossos corações.

Lembra Emmanuel, na obra supracitada, que “na edificação íntima do Reino de Deus, meditemos nossos erros, conscientes ou não, definindo nossas responsabilidades e débitos para com a vida, para com a Natureza e para com os semelhantes e, em todos os assuntos que se refiram à deserção perante o Cristo, teremos bastante força para desculpar as faltas do próximo, perguntando com sinceridade, no âmago do coração: *‘Porventura existirá alguém mais ingrato para contigo do que eu, Senhor?’*”

Dia virá em que, revestidos de poder e força, não mais julgaremos nossos semelhantes, pois teremos compreendido que quanto mais força moral e poder tivermos, mais nos compadeceremos das fragilidades humanas e mais estenderemos nossas mãos amorosas para socorrer, elevar e amparar, exatamente como Jesus faz conosco hoje.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – maio de 2006.

O Natal nosso de cada dia

Nascer e renascer... Círculo sublime da vida que se renova a cada dia nas nossas existências. Trabalho incessante da Natureza a nos mostrar que nada se acaba. Misericórdia Divina que nos concede o privilégio de acordarmos para a realidade, na eterna busca do crescimento. E assim o é porque não poderia ser de outra forma. Trabalho silencioso do Pai Criador nos proporcionando renovação contínua dentro e fora de nós, queiramos ou não.

Abrimos os olhos pela manhã e não percebemos a pergunta que intuitivamente nos fazemos: "Onde estou?" A dúvida que surge permanece, entretanto, e num átimo, e rapidamente, ainda sem nos darmos conta, nos assenhoreamos de toda a situação. Nem de longe imaginamos o que realmente aconteceu. Nessa infinita fração de tempo, nosso pensamento viaja por misto de sonhos ou lembranças - algumas agradáveis, outras nem tanto - entorpecidos ainda na nossa mente. E nesse exato momento, com pouco mais de atenção, poderemos sentir o retorno, o nascer, o dar vida ao nosso corpo físico. É como um recomeçar a cada dia que se inicia. É beijo de amor a nos despertar para a outra realidade - ou não será realidade? - da qual, sem nos darmos conta, fazemos parte, inseridos que estamos todos no imenso planejamento universal de caminharmos, sempre, todos, em direção à perfeição possível.

E mais uma vez nos sentimos atados, presos, no estreito limite do nosso corpo material, procurando quem

sabe nos apegarmos, ainda, a uma réstia de liberdade que pressupomos – ou não? – tenhamos experimentado. Difícil retorno é verdade, mas bendito seja ele que, na eternidade dos tempos, tem nos proporcionado condições de evoluir através das lutas diárias, do esforço que empreendemos no sustento desse mesmo corpo, ou no trabalho em benefício de outros. Bendito renascer que tantas vezes nos impede de cometer erros maiores, ou que nos permite compreender que hoje podemos ser melhores do que ontem. Bendita oportunidade que nos consente acreditar que ainda há tempo de pedir perdão, a quem tenhamos ofendido; de perdoar quem julgamos nos tenha ofendido; de saber que ainda é possível aprender a amar sem exigir nada em troca; mas, sobretudo, de ter esperança. E são bem-aventurados os que têm esperança, pois é disso que nos falam os ensinamentos evangélicos.

A cada ano, o mundo cristão comemora o nascimento do Messias e a cada ano, também, o colocam na cruz, para fazê-lo renascer mais adiante. Incoerência de criança que ainda precisa de símbolos para se identificar com o mundo que a cerca. Colocam-No numa manjedoura ao invés de colocá-Lo no coração; cultuam Seus pais terrenos, mas são incapazes de ser pais de amor e de respeito às criaturas colocadas sob seus cuidados, para evoluírem; trocam presentes e não sabem dar amor uns aos outros, nem tolerância, nem compreensão, nem qualquer sentimento que possa representar um gesto de fraternidade. Como é difícil abrir-se para o Amor!

Mas bendito seja nosso Natal de todos os dias, que a cada dia nos abre os olhos para que possamos entender nossa tarefa neste planeta! E o momento que poderia ser precioso em entendimentos, em perdão, esvazia-se, e na manhã seguinte iniciamos a crucificação Dele. O "Glória a

Deus nas Alturas!" já está esquecido. A "Paz na Terra" não é problema de ninguém. A "Boa Vontade com os homens" não interessa, pois ninguém a tem com quem quer que seja!

O importante é saber que Jesus aguarda que tomemos Suas palavras como norma de conduta, no nosso esforço diário. Essa tomada de decisão, de seguir com o Cristo, nos dará maior fortalecimento para enfrentarmos nossas próprias dificuldades e modificarmos nossa visão, quase sempre tão estreita, da verdadeira dimensão dos nossos problemas. Assim, quando nos propomos a seguir com o Mestre, no exercício do Amor que Ele veio nos ensinar, estaremos, certamente, vivenciando Seus ensinamentos.

Sabemos todos que caminhar para Jesus, em direção a Ele, é difícil, porque nos perdemos sempre pelos atalhos do caminho em busca de facilidades, o que nos obriga sempre, queiramos ou não, a retornar para a estrada reta. Agora, caminhar ao lado Dele, com Ele, vai requerer de cada um de nós uma grande dose de coragem e perseverança, pois vai exigir renúncias que dificilmente estamos dispostos a fazer.

Tristezas infinitas, desesperos, culpas e arrependimentos vêm à tona, pois sabemos todos – conscientes uns, inconscientes muitos – que não permitimos Seu renascimento todos os dias em nossos corações. A promessa de fidelidade à prática de Seus ensinamentos são palavras vãs, na medida em que, ao surgir a primeira dificuldade, O crucificamos, como fazemos todos os dias com o Evangelho de Luz que nos deixou. Entretanto, se o nascer e renascer a cada manhã nos traz de volta a esperança que julgávamos haver perdido no dia anterior, diante das inúmeras dificuldades pelas quais passamos, é sinal de que a semente dessa

árvore frondosa, que é esse Evangelho bendito a nos guiar com segurança no caminho da evolução, já está em nós. A prova disso é que estamos na busca de compreender o que é ser cristão, o que é seguir com Jesus.

Estamos todos juntos nessa jornada evolutiva, em direção ao mesmo objetivo comum, ou seja, o de sermos felizes. Vamos assim nos permitir que essa semente germine e cresça em nós. Vamos cuidar para que ela produza as flores da esperança e os frutos da fraternidade, para que possamos abraçar a cada um, amanhã, com verdadeira alegria, pois todos os dias, a partir desse momento, será Natal!

Bendito seja o Natal nosso de todos os dias, que nos dá a oportunidade, quem sabe em alguma manhã, de permitir que Jesus renasça em nossos corações, e que ali permaneça para sempre a nos iluminar o caminho e o caminho de todos aqueles que estiverem ao nosso redor.

Não é possível desanimar. Já chegamos até aqui. Já sabemos hoje o que ignorávamos ontem, e só por isso já nos sentimos mais leves e um pouco mais felizes. Vez por outra conseguimos resolver nossos problemas sem grandes dificuldades. Nossa vida é outra? Não. Nós é que mudamos, pois temos agora uma nova visão do que realmente é importante para nós. Temos recaídas? Certamente! E muitas. Mas, agora, somos mais conscientes e sabemos onde foi que erramos, e, assim sendo, fica mais fácil não errar mais, porque nos parece claro que não desejamos mais sofrer quando sabemos que só cabe a nós sermos felizes. Que Jesus ampare nossa coragem e boa vontade nessa luta.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, dezembro de 2007 – edição nº 36.

Reflexões sobre as guerras

Todas as guerras são preocupantes, seja ela política, econômica, religiosa ou étnica; seja entre nações ou grupos em um mesmo país, ostensiva ou velada – recebendo outros nomes, mas sempre o mesmo combate –, porque o preconceito, a ganância desmedida e o prazer pelo poder estão, quase sempre, no cerne de todas elas.

O que nos deixa perplexos é o fato de todos nós estarmos direta ou indiretamente envolvidos nessas contendas, pois é difícil não tomar partido, formar opinião, já que as consequências dessas batalhas acabam por nos afetar, trazendo inquietações de todos os tipos. Todavia, mesmo sendo um momento de pesar, também é momento de se refletir sobre todas as causas e implicações desses fatos. Para isso, é necessário que estabeleçamos que a guerra não acontece externamente ao homem – ela é só reflexo – porque, na verdade, ela tem início dentro do próprio homem.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo IX, item 8, os Espíritos dizem que *"cada época é marcada pelo cunho da virtude ou do vício que a devem salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual, seu vício é a indiferença moral"*. Nada mais verdadeiro do que aquilo que hoje presenciamos. E ainda, no item 9, eles nos lembram que o orgulho é o que nos leva a esse estado de coisas, por nos julgarmos superiores aos outros. Cada líder, não importa sua área de atuação, não pode se colocar como se fosse a sua religião, o seu povo ou o seu grupo, porque não pode ser a

individualidade que cada criatura representa. Cada homem perante Deus é o seu próprio representante e, portanto, responsável por suas escolhas perante a Lei Divina.

Todas as vezes que tomamos a parte pelo todo, corremos o risco de cometer grandes equívocos. Imaginemo-nos chegando a uma cidade desconhecida e nos defrontando com uma periferia carente de tudo – situação fácil de ser imaginada nos nossos dias. Diante de tal quadro, recusamo-nos a continuar a viagem por supor, erroneamente, com base naquilo que vemos, que toda a cidade seja igual.

Muitas vezes, sem perceber, julgamos uma pessoa por uma atitude isolada, por uma palavra dita, por um gesto, esquecendo-nos quase sempre de que, quando colocados em determinadas circunstâncias, podemos agir de forma diferente da qual estamos acostumados. Por exemplo, quando estamos em um meio religioso nos sentimos calmos, em paz e fraternos. Mas, quando voltamos à realidade estressante do dia a dia, não conseguimos manter o mesmo comportamento mental. Evidentemente que o ideal seria permanecermos na mesma harmonia, mas isso é, ainda, impossível.

Não podemos, portanto, imaginar que o povo islâmico seja como seus líderes radiais; ou que o Presidente americano pense e age como todo o povo que representa; ou ainda que os líderes israelenses sintetizem as opiniões e o pensamento de todo o povo judeu. Poderíamos citar infinitamente outros tantos exemplos, mas vamos permanecer apenas com esses.

Jesus é claro quando nos lembra de que o escândalo é recurso para modificação de atitudes, mas também nos adverte de que a responsabilidade de quem o provocar

será muito grande perante a Lei de Deus. Inúmeras vezes presenciamos situações em que os escândalos foram divisores da maneira de pensar e agir, tanto de uma nação quanto dos indivíduos isoladamente. É instrumento de progresso quando obriga o homem a repensar seus valores, conceitos e sentimentos mais íntimos.

Essas lutas que infelizmente surgiram desde que o homem se colocou sobre dois pés, mostrando-nos o quanto ainda temos que caminhar para transformar a guerra íntima em paz, que se expande de dentro de nós para todos os que nos cercam. Não podemos, assim, supor que a paz almejada possa ser imposta de fora para dentro, pois a própria história do homem – pessoal ou social – é calcada na transgressão de qualquer regra que seja imposta, seja na política, na vida social, na educação, nas artes ou na religião.

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 728, Kardec pergunta aos Espíritos superiores se a destruição é uma lei da Natureza e eles dizem que sim, se tomarmos a palavra destruição como sinônimo de transformação. Assim acontece quando um animal mata o outro para se alimentar ou se defender, garantindo a sua própria sobrevivência e conseqüente reprodução. Estabelece, com isso, o equilíbrio na Natureza onde a presença de muitos indivíduos de uma mesma espécie pode destruir, para sempre, uma outra espécie.

Entretanto, na questão 742, Kardec indaga: "*Qual é a causa que leva o homem à guerra?*" Os orientadores espirituais são categóricos em afirmar que é a predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e a satisfação das paixões. E na questão 745, lembram-nos que aquele que provocar a guerra em seu próprio proveito "*este é o verdadeiro culpado e precisará*

de muitas existências para expiar todos os homicídios dos quais foi a causa, porque responderá pelo homem, cada um deles, ao qual causou a morte para satisfazer sua ambição”.

O homem progredirá em saber e humanidade mais cedo ou mais tarde. Como não é natural querer o mal para si, dia virá em que ele entenderá o convite amoroso de Nosso Senhor Jesus Cristo: *“Ama o teu próximo como a ti mesmo”.*

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 17.

Ressonâncias afetivas

Eram dezenove horas e trinta minutos de uma segunda-feira. Nada, até aquele momento, fazia com que ela suspeitasse da mudança programada para sua vida. Entrava tranquila em uma sala de aula de uma casa espírita que frequentava há anos, no bairro onde morava. O curso que ia fazer já havia começado e por motivos pessoais não conseguira iniciar junto com a turma. A expectativa em qualquer início de atividade de estudo é sempre normal. Quem seria o expositor? Entrou calma. Ele estava de costas. Cumprimentou-o com um alegre “olá” e ele virou-se. Dois profundos olhos azuis a fitaram e, como se um furacão lhe varresse a mente, se perguntou: “De onde o conheço?”. Tinha certeza absoluta de nunca o ter visto, pois certamente não esqueceria aqueles olhos. E ele sorriu. A fisionomia se completava e ao invés de serenar seu coração parecia, naquele momento, que o mundo parava.

O tempo se encarrega de apagar lembranças que desejamos, mas também se encarrega de nos colocar novamente na mesma ciranda para que aprendamos a rodar juntos, em uníssonos com o Universo. E ali estava ele, colocado diante dela sem que um soubesse qual lembrança estava acontecendo na mente do outro. A imagem de hoje esvaneceu-se e à sua frente surgiu, como em imensa tela de cinema, o púlpito majestoso e nele a inconfundível figura de Monsenhor Renard. Parecia que todo poder e toda glória da Igreja se resumiam naquele homem. Quando falava, suas palavras percorriam a imensa nave, envolvendo cada um que ali estava.

A jovem Stella se sentia pequena, frágil e absolutamente impotente diante daquela fortaleza. Ele a dominava somente com o som da sua voz. Que poder era aquele que lhe tirava suas forças e não a deixava raciocinar, ponderar, e buscar em Deus o fortalecimento necessário para fugir daquele jugo? E que Deus era aquele que não afastava de sua vida aquele homem? Como era difícil para ela cumprir seus deveres cristãos, pois não conseguia paz para isso! Sedução era a palavra que ela não conseguia pronunciar, mas era a que traduzia, sem sombra de dúvida, o que acontecia com ela. O pregador silencia e ela se deixa ficar onde está. Estática.

A nave central se esvazia e ela sequer dá-se conta disso. Quando quis se levantar uma mão estendida lhe ofereceu apoio. Era Monsenhor Renard. Olhar profundo, envolvente, cravando em seu coração... Ele vinha buscá-la a fim de, mais uma vez, tê-la sucumbida em seus braços. Dois amantes ensandecidos, vítimas de seus próprios desejos. Ela, sem poder dizer não, sem conseguir resistir; ele, não querendo abrir mão de seu poder de sedução. Conhecia seu poder sobre ela. Sabia do seu poder sobre todos.

Corações enfermos, em mentes desarvoradas, trazem sofrimento para si próprios e o espalham ao seu redor, envolvendo a todos que lhes cruzam o caminho ou que partilham com eles a jornada evolutiva. Paixões incontidas, levando a desatinos e permitindo sintonias de baixo padrão vibratório atraírem, sem pudores, entidades que gravitam na mesma atmosfera fluídica. Viciações, desequilíbrios, abandono, a busca da morte como saída daquele inferno. No horror da vilania sofrida, envolta no ódio da humilhação sentida, e no abandono de quem não tem na vida a não ser o objeto amado, de quem não se vê, de quem não se

ama, de quem não se sente como individualidade, precisando gravitar ao redor de outrem para ter um objetivo, Stella pôs fim a uma existência que poderia ter sido proveitosa e benéfica para si e para os outros.

Sentimento de ódio e desejo de vingança nortearam a vida desse Espírito durante dezenas de anos. Mas a bondade de Deus nos concede inúmeros recursos de reabilitação e de fortalecimento para isso. O tempo, correndo célere, é nosso aliado e a bênção do esquecimento nos alcança quando somos solicitados a retornar à experiência terrena. Encontros e reencontros se sucedem e assim vamos aprendendo a valorizar a vida e as oportunidades de trabalho para nosso crescimento.

A imagem antiga se apaga e a figura do expositor volta a ocupar a sua visão. Num átimo de segundo ela compreendeu. Mas e os sentimentos antigos, onde ficaram? O que aconteceu para que hoje, ela não os sentisse mais? Coração acelerado, a tentativa de disfarçar o que estava acontecendo, o receio de ser pega nessa inquietação, mas principalmente o temor de que ele também se lembrasse, fizeram com que lentamente retornasse à serenidade. A Natureza não dá saltos e, assim, só nos é dado conhecer o que podemos compreender.

Apresentações, votos de boas-vindas, companheiros de curso chegando, tudo isso propiciou um retorno ao equilíbrio dessa criatura verdadeiramente perplexa diante do que acabara de vivenciar. Novos conhecimentos, estudos mais profundos vão nos dando as condições de melhor entendermos o que nos acontece e o que acontece ao nosso redor. O que parecia anormal, milagroso ou sobrenatural, nos surge agora como normal, pois que faz parte das leis naturais. E, apesar de toda lembrança

experimentada, ele era, naquele momento, o único homem a quem ela confiaria seu coração.

Semanas se sucedem e a camaradagem toma conta de todos naquela sala. Tempo produtivo de aprendizagem e esclarecimentos. Oportunidades benditas de colocar em prática o que se aprende vão surgindo a cada dia na vida de todos. Uma aparente confiança entre ela e o expositor parecia prenunciar que tudo estava muito bem.

Um dia, companheiros de classe descobriram a data do aniversário dele. Natural alegria tomou conta de todos e, tal qual alunos querendo agradar o mestre, preparam para ele festa surpresa. Alegria, risos, abraços amorosos de quem é grato a alguém que se afasta do aconchego do lar, e que vem abnegadamente ajudar os que buscam aprender. Ela também se aproximou para abraçá-lo e, ao fazê-lo, viu o medo que aquela aproximação física causava a ele. O coração dele acelerou e gentilmente a afastou. Ignorava ele o porquê da sua atitude, o que lhe causara temor. Não era dado a aventuras amorosas, mas, o que o levou a afastá-la de si? O gesto o agradou! O contato físico acalentou seu coração naquele momento. O que estava acontecendo com ele?

A noite, amiga silenciosa, nos surpreende muitas vezes com lembranças as quais nem nos apercebemos estarem em nossa mente. Veladas, silenciosas, vão chegando lentamente a esse coração inquieto. Armand. É esse seu nome. Antes, Renard. Um professor pacato e tímido. Uma praça, e no meio dela aquela mulher brilha. Dança, canta e representa com o grupo de artistas mambembe que recolhe da caridade alheia, em cada cidade que se apresenta, o seu sustento. Naquele momento, para ele, o tempo parou. Pela primeira vez aquele pacato homem sentiu que estava vivo e a única coisa que desejava era

estar para sempre ao lado de Teresa. Antes Stella.

Os companheiros partiram maldizendo a perda daquela que na verdade era a responsável pela existência do grupo. Não que fossem talentosos, muito pelo contrário; mas, a beleza e a força sensual de Teresa davam a eles sempre o que comer durante alguns dias, após cada apresentação. Como a maioria das mulheres, a artista queria apenas ser mulher. O abandono do grupo foi inevitável. O casamento com Armand, a alegria dos primeiros tempos, a tristeza dos filhos que não vinham, os cuidados com a casa, a monotonia, as dificuldades financeiras. O viço da vida despreocupada, que antes atraía muitos homens, começa a dar os primeiros sinais de desaparecimento. Teresa amava seu marido, mas a preocupação dele era sempre com seus alunos, como se ele precisasse conduzi-los, constantemente, ao caminho reto. Armand sentia uma espécie de remorso, de culpa, que não entendia, em relação a todos os seus alunos e, por incrível que pareça, também por Teresa. Daí realizar todos os seus desejos. Mas ela queria mais.

O Espírito dela se inquieta. O desejo de novidades, de quem percorre o mundo na alegria da vida irresponsável, começa a tomar conta de sua mente. Mas ela ama seu marido e sabe que ele também a ama! Onde a razão dessa insatisfação? Por que esse amor não a alegra mais? Por que esse desejo de ir além, mesmo sabendo que pode feri-lo moralmente, magoá-lo?

Sintonizamos sempre com o que nos afinamos. E outros homens chegaram na vida de Teresa. Presentes que ela dizia ter recebido de amigas. Joias que escondia para não serem vistas. Armand sabia, pois conhecia sua mulher; mas também a amava e sobretudo se sentia culpado por ela ter mudado assim. E essa sensação de culpa que nunca

o abandonava fazia com que a perdoasse sempre. Ele tinha certeza de que um dia ela voltaria para ele e que poderiam ser felizes, um ao lado do outro.

O sobressalto, o corpo molhado, a respiração ofegante. Assim ele acorda como que saído de um turbilhão. As ideias parecem não ter lógica e ele demora longos minutos para retornar ao domínio de sua mente. Minutos demorados e benditos que permitiram àquele coração inquieto compreender a razão do seu medo. A lembrança do passado chega a ele, agora, com toda força e com todas as emoções que acompanharam os fatos. Sabia de Renard e Armand, não ignorava mais Stella e Teresa, todos personagens de vidas vividas e sofridas. Mas bendita seja essa dor que proporciona crescimento, quando podemos aceitá-la como forma do Amor de Deus às Suas criaturas.

O conhecimento que vamos adquirindo a cada experiência vivida nos faz entender que nada dá saltos. Cada etapa da evolução espiritual que experimentamos nos conduz com segurança para a seguinte. Assim, mais preparados e mais atentos, vamos cumprindo todas elas, queiramos ou não. Como vivemos, assim morremos. O tumulto que criamos dentro de nós acaba sempre nos levando a desligamentos corporais de grande dor. Respiramos a mesma atmosfera aqui e lá. Espíritos renitentes, insistimos em continuar ignorando as leis amorosas que nos regem a conduta. Tateamos qual cegos na busca de sentir o que o Espírito materializado procura, através do corpo. E sem condutor seguro, nos perdemos, quase sempre, em labirintos tortuosos que não nos permitem enxergar a saída.

Segunda-feira, dezenove horas e trinta minutos. Ela entra na sala. É sempre a primeira a chegar. Pela primeira

vez, durante tantas semanas, ele não aparece. Um substituto é enviado para continuar os trabalhos. Nós paramos, o Plano Espiritual não. A busca de ajuda através do Evangelho de Jesus e o conforto da prece realizam milagres dentro de nós. E nos fortalecemos para os embates que nos chegam a cada momento; a Misericórdia Divina se faz presente em nossas vidas através do sono reconfortante. Espíritos libertos buscam encontrar afins. Amigos Invisíveis conduzem esses dois corações ao encontro tão necessário. Lágrimas, sorrisos, e o abraço amoroso sem medo unem as duas almas. Compromissos anteriores se cumprem e o amor desvairado e egoísta, que tanto sofrimento lhes trouxe, surge transformado sob a forma de perdão e esquecimento das faltas. Todo amor sublimado resplandece no trabalho do Bem, e espalha ao redor daquele que ama uma atmosfera de paz e confiança que não se consegue esconder. Sempre foi assim e para sempre será. A capacidade de perdoar de cada um é muito maior do que sua vontade de colocar em movimento essa usina de amor.

Segunda-feira, dezenove horas e trinta minutos. Ela entra na sala. É sempre a primeira a chegar. Ele lá está, de costas. Um alegre "olá" o obriga a voltar-se. Seus olhos se encontram. Nada os perturba. O tempo não parou o coração não acelerou. Apenas paz e entendimento habitam aqueles corações. Eles voltaram a estar juntos, caminhando a mesma estrada, buscando o mesmo fim. Um amor imenso os une agora, para sempre, porque verdadeiro. Ela entrega a ele um livro com delicada dedicatória: "Querido irmão, tenha certeza de que estamos juntos por uma razão muito forte: auxiliar o próximo, pelo amor de Jesus. Um abraço fraterno e muita paz".

Não havia assinatura, não havia endereçamento. Que

nomes colocaria? Armand estava certo. Um dia estariam juntos para sempre.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – agosto de 2006.

Servos de Deus

Existe uma história muito bonita contada pelo Irmão X, no livro *Estante da Vida*, psicografada por Francisco Cândido Xavier, com o título "Parábola do Servo", na qual ele narra as dificuldades pelas quais passa um Espírito nobre, até alcançar a condição de Servo de Deus, isto é, daquele que traz, dentro de si, o Reino de Deus com a pureza e a humildade que ele representa, às quais Jesus se refere no capítulo 8 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Nosso narrador fala, em verdade, do nosso caminhar e das ilusões fantasiosas que criamos para fugir ao compromisso assumido, diante das leis divinas, de sermos os gestores de nossa própria evolução espiritual, únicos responsáveis pelas consequências de nossos atos, palavras ou ações que podem nos impulsionar ou nos atrasar nesse processo de crescimento. Assim, segundo a história que o benfeitor espiritual narra, tornamo-nos, primeiramente, provedores, na medida em que nos preocupamos somente com nossa apresentação pessoal, com a casa onde moramos, com o ano e o modelo do carro que temos e, até mesmo, com o uso dos recursos materiais na prática do bem, através da distribuição de alimentos, remédios e agasalhos. É louvável nosso comportamento, mas é necessário que aprendamos a plantar as bênçãos do Amor.

E, outra vez, retornamos ao planeta, em nova oportunidade, mas preocupados, ainda, com a opinião alheia. Muitas vezes, de posse de grandes valores ou de cargos elevados, ajudamos a construir estradas, escolas, casas, estimulamos as artes, ajudando, dessa forma,

milhares de pessoas. Realizamos o que nos é possível, naquele momento evolutivo, dentro da nossa capacidade de entender o que seja amar ao próximo como a nós mesmos. Entretanto, mesmo realizando muito, somos, tão somente, administradores, porque não cultivamos a lavoura do Amor.

Depois, nos são dadas outras novas oportunidades de voltar à matéria, e avançamos mais um pouco, tornando-nos, então, benfeitores, na medida em que, através de ganhos, podemos assalariar empregados que nos representem junto aos necessitados, distribuindo socorro, consolação, criando instituições que abriguem as misérias humanas. Todavia, apesar de todo o nosso empenho em dar condições para que muitas pessoas possam ajudar, em nosso nome, aos necessitados de todos os quilates, ainda não conseguimos semear o Amor.

Mas Deus, Pai de misericórdia, concede-nos mais retornos, até que aprendamos a abandonar as ilusões. E, despreocupados com as aparências, com a posse de bens, renunciando a todas as vantagens que esses bens possam trazer, sejam títulos, nome de família, recursos financeiros, ou posição social, entregamo-nos, pessoalmente, em benefício dos outros, preferindo ser útil: sossegando aflições alheias, apagando discórdias que poderiam levar a crimes, dissipando as trevas da ignorância, lutando para que a luz alcance as criaturas, levantando os caídos da estrada da vida sem nos incomodarmos com a calúnia, a perversidade ou a ingratidão. E agora, mais conscientes dos nossos compromissos junto aos semelhantes, e, mesmo acreditando que ainda não merecemos o título de servos, eis-nos atravessando o lugar onde o céu se encontra com a Terra e onde se inicia a claridade celeste, cobertos de

glória, coroados em luzes.

Esta história do Irmão X convida-nos a uma profunda reflexão acerca da nossa preparação para avançarmos um pouco mais no nosso progresso espiritual. Hoje, ainda, precisamos de balizas que nos coloquem na rota certa. Por isso, os ensinamentos de Jesus são tão importantes, pois não conseguimos caminhar sozinhos por medo de nos soltarmos das ilusões.

A passagem evangélica contida no capítulo 8, citada acima, tão conhecida e tão mal interpretada, mostra-nos que precisamos ter pureza e humildade em nossos corações – como uma criança, símbolo tomado por Jesus –, deixando de vez esse coração que ainda abriga sentimentos inferiores, que a criança ainda não tem. O símbolo é importante porque temos, de um lado, essa criança física representando a pureza de coração que, para Jesus, quer dizer o “amor a todos os semelhantes”; enquanto que do outro lado temos o adulto, representando o sentimento contrário, ou seja, o egoísmo, que quer dizer o amor individualista e apego a tudo que signifique posse pessoal. Por conta disso somos fracos, viciosos, doentes da alma, crianças espirituais que precisam do Mestre para que nos tornemos fortes, puros e saudáveis.

A consciência desse Amor, existente em nós desde a nossa criação, que nos transformará em Servos de Deus, requer exercício constante, intenso e prolongado. Necessitamos superar o provedor, o administrador e o benfeitor; é fundamental derrubarmos a muralha que nos separa do Pai para alcançarmos, em definitivo, o título de Servo. O modelo a ser seguido, Jesus; o caminho a ser percorrido, a ação no bem; a bússola a ser seguida, o Evangelho.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 113.

Vamos nos conhecer?

Na questão 909 do *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta se o homem poderia sempre vencer suas más tendências pelos seus esforços. Os Espíritos benfeitores respondem que “Sim, e algumas vezes por fracos esforços. É a vontade que lhes falta”, e encerram a resposta com o seguinte comentário: “Quão poucos dentre vós fazem esforços”. Sabemos o que é virtude e o que é vício, mas como saber se estamos sendo virtuosos?

Dispomos de alguns recursos que nos permitem esta avaliação. Dispomos da razão, da inteligência e do livre-arbítrio e, ligada a essa condição de escolha, temos a vontade. Associada a esses fatores contamos ainda com a fé raciocinada que é a compreensão do nosso dever moral em relação a Deus e a nós mesmos. Todavia, se temos a consciência de nossa inferioridade espiritual, como identificá-la? Duas atitudes priorizam essa identificação: o apego demasiado às coisas materiais e o interesse pessoal, frutos do mesmo sentimento de egoísmo que norteia os objetivos que perseguimos em cada existência na matéria.

O mundo é regulado por leis divinas que estabelecem limites em função das nossas necessidades. Assim, em qualquer aprendizado que o homem realize, seja em um ofício, na arte ou mesmo no exercício de um poder qualquer, ele acaba criando mais prejuízo a si próprio do que aos outros, pois não consegue ou não sabe distinguir o uso do abuso (excessos), gerando perturbações danosas ao seu organismo e ao seu psiquismo. Podemos ter alguns exemplos:

Na alimentação – que, de uma necessidade que nos dá prazer, pelo excesso se transforma em “prazeres da mesa” – o homem passa a viver para comer o que leva à enfermidade e à morte.

Na recreação – que, necessária ao Espírito como fonte de higiene mental pode ser transformada, pelo excesso, em sedução pela emoção (de qualquer tipo), pelo lucro fácil, o que leva, inevitavelmente ao vício do jogo.

E o que dizer da necessidade de afeto e de carinho que todo ser humano tem? A necessidade de dar e receber afeição, que deve ser compartilhada com a família, os amigos e os semelhantes, pelo excesso, concentra-se em uma só pessoa, transformando-a em “objeto de amor”, levando ao desequilíbrio espiritual quando de sua perda (golpe danoso).

Ainda mais um exemplo pode ser dado se nos lembrarmos da necessidade de autoafirmação. Todos nós precisamos de projetos que nos levem ao sucesso pessoal, seja no campo social ou profissional. Todavia, quando transformamos essa ideia em um processo obsessivo, quase sempre nos esquecemos dos demais projetos de vida, tão importantes quanto esse, e não enxergamos mais nada ao nosso redor. Dessa maneira chegaremos ao monoideísmo (ideia fixa) que certamente trará imensos prejuízos ao nosso equilíbrio psíquico.

Kardec pergunta aos Orientadores Espirituais se essas paixões são irresistíveis e eles respondem que não. Acrescentam, nos alertando, que algumas pessoas dizem querer resistir, mas falta-lhes a vontade real, e seus Espíritos, pelas suas condições inferiores, se comprazem nessa situação; e que aquele que procura reprimi-los, realmente, já compreende a natureza espiritual e isso é

um triunfo do Espírito sobre a matéria.

A melhor maneira de resistir ao mal é, portanto, conhecendo-se. E como fazê-lo? O exame de nossas reações a algumas situações pode nos alertar: no convívio com o próximo, na dor, no isolamento - quando possível - ou então como fazia Santo Agostinho que inventariava diariamente suas ações, ao deitar, para procurar a maneira de ser melhor no dia seguinte. Fazia uma lista daquilo que havia feito de bem e de bom, daquilo que não pôde fazer, do que poderia ter feito e não fez, e do que fez de mal. Isso não é complicado de executar e, com um pouco de vontade, também podemos fazer.

Durante nossas existências, colecionamos situações aflitivas e conflitantes que necessitamos esconder sob máscaras adequadas às circunstâncias que nos cercam. Mas gastamos tanta energia para ocultá-las que, quando feridas são abertas, é como se nos faltasse energia - cria-se um vazio - para continuar a luta. Compreendemos, face a isso, que quanto maior for a transparência de sentimentos, maior será a energia disponível para enfrentarmos a vida, e muito mais rapidamente retornarmos ao equilíbrio diante de qualquer situação que possa nos desarmonizar momentaneamente.

Independentemente do grau evolutivo em que nos encontramos hoje, todos buscamos o mesmo objetivo, a evolução e a felicidade. Não é fácil, pois sempre atenuamos nossos defeitos e exacerbamos o alheio. Por isso "é necessário sermos sinceros conosco e aquilatarmos os nossos defeitos em função de como os classificáramos quando praticados por outros. Não pode haver dois pesos e duas medidas para Deus. O paradigma a ser seguido é JESUS. O código, o EVANGELHO.

Pub. - Revista Internacional de Espiritismo (Matão) -
setembro de 2001.

Vida e morte

- Você tem medo de morrer?
- Nem penso nisso.
- Como assim, não pensa nisso?
- É. Não penso.
- Não pensa na morte?
- Não.
- Por quê? Eu penso tanto...

- Por algumas razões bem simples: a primeira, porque a hora é certa – nada vai mudar isso; a segunda, porque o dia já está previsto – e nada vai alterar isso, também; e, a terceira, porque o gênero, ou seja, a forma como vou morrer, é determinada pelas leis divinas, segundo a maneira como houver vivido nesta e em outras vidas. Então, se não conheço nenhum desses fatos, vou me preocupar com o quê? Além do mais, quem fica pensando na morte, não pensa na Vida e quem não pensa na Vida esquece-se de experimentar momentos incríveis de beleza, de descobertas, de constantes aprendizados. Quem não pensa na Vida, esquece de viver, e quando a morte chegar, vai perceber quanto tempo perdeu, sem ter conseguido saber quando e como isso aconteceria, sem ter aprendido nada ou conseguido aprender muito pouco.

Preste atenção: quem pensa na morte não se lembra de realizar as tarefas que são de sua responsabilidade e com as quais se comprometeu antes de voltar à “vida”, e permanece aguardando a morte para de novo retornar à

“vida”, e continuar esperando a morte, até que aprenda, definitivamente, que não há morte, mas somente Vida. Aprende que são nos intervalos entre esse contínuo ir e vir, viver e morrer que tudo acontece. São esses intervalos da vida de lá e da vida de cá, de cá e de lá, que nos proporcionam o crescimento, o amadurecimento, o aprimoramento dos nossos sentimentos, o desenvolvimento intelectual, a descoberta das nossas potencialidades, a conquista – pelo despertar e desenvolver – das virtudes que nos transformam em anjos.

Diante desse leque de possibilidades, como posso pensar em morte ou ter medo dela? Não tenho tempo, não. Tem muito trabalho a ser feito e ele começa com o que tenho dentro de mim: meus sentimentos – raízes das minhas imperfeições e viciações – e com tudo o mais que esteja ao meu redor. Pensar no que não existe? Tô fora!

- O que faço, então, para não pensar mais nisso?

- Ocupação.

- Como?

- É. Ocupação. Quando o corpo está trabalhando em coisas úteis para si e para os outros, a mente mantém-se ligada na tarefa. É processo natural. E mente ocupada, meu amigo, você sabe, não pensa no que não deve. No final do dia, os dois estão tão cansados que só querem repousar, dormir para, no dia seguinte, começarem tudo de novo.

- E se o trabalho for só mental?

- É a mesma coisa. Mesmo quando o trabalho é apenas mental, aí, nesse caso, é o corpo que se liga à mente. Mente ocupada não tem espaço para medos ou angústias, desde que voltada para o que for edificante e nobre.

- Você acha que isso dá certo?
- Você é quem dirá. Só você. Mas se não tentar...

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 356.

Vivência do evangelho na atualidade

Esperamos vivenciar os ensinamentos de Jesus, como nos ensinaram e ainda nos ensinam, amigos nos dois Planos da Vida, através de tarefas de destaque. Todavia, essa prática acontece, na maioria das vezes, sem que as percebamos – prova inconteste de que os ensinamentos já começaram a brotar em nós: nos pequeninos gestos, nas palavras mais simples, ou nos pensamentos bondosos que já conseguimos emitir. É bem verdade que ainda permanecemos no sono e em sonhos ilusórios que não nos comprometem com a verdadeira realidade, ou seja, a verdade de que somos Espíritos imortais, criados para evoluir sempre. Assim, com medo de despertarmos, ainda que não tenhamos consciência disso, para essa responsabilidade, isto é, crescermos e fazermos crescer aqueles que estão ao nosso redor - conforme o convite de Jesus - é que permanecemos nesse torpor, nesse acordar lento e preguiçoso, sem vontade de levantar e assumir as obrigações que nos cabem nesse processo evolutivo. A própria dificuldade que temos pela manhã, quando despertamos, pode servir de exemplo, ainda que grosseiramente, para entendermos o que acontece conosco em relação à nossa vida espiritual. Mas, apesar disso e sem nos darmos conta, já estamos realizando pequeninas coisas que detectam a Luz de Deus em nós, ainda que de forma bastante tênue. Isso nos mostra a imensa potencialidade que possuímos para fazer brilhar essa luz em nós. As pequenas conquistas aí estão, no dia a dia, a nos indicarem o quanto nós já caminhamos:

- no cuidado com nossa casa e com os seres que

conosco convivem;

- na palavra gentil a um companheiro de trabalho;
- no gesto simples ao ceder o lugar a quem necessite, independentemente de lei que nos obrigue a isso;
- no sorriso sincero de agradecimento a quem nos diz bom dia, ou no nosso desejo verdadeiro ao dizer bom dia àquele que nos cruza o caminho;
- no pensamento amoroso de paz e luz àquela pessoa que, pelo desconhecimento do Evangelho – pois já possuímos algum –, nos envia pensamentos não tão amorosos;
- na carta, no telefonema ou no *e-mail* que leva notícias e conforto a quem, muitas vezes, aguardando ansioso, se julgava esquecido;
- na visita ao doente, conduzindo bom ânimo e desejo sincero de saúde;
- na informação correta a alguém que busca orientação;
- na valorização da tarefa que se tem em mãos, não importando se grande ou pequena, e que pode trazer momentos de aprendizagem, de conquistas perenes através da resignação.

São tantas as formas pelas quais podemos exteriorizar esses ensinamentos que caberia a cada um de nós prestar atenção em si mesmo, nos seus atos, palavras e pensamentos, despreocupando-se com as manifestações alheias, procurando verificar de que maneira aquilo que já se aprendeu está sendo praticado. Não há outro caminho: a escolha de como e quando Jesus entrará definitivamente em nossos corações é tarefa de cada um e, portanto,

intransferível e solitária.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), dezembro de 2004.

PARTE SEGUNDA

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

- Cora Coralina

Essa tem sido minha luta constante.

Transferir é mais fácil que exemplificar.

A caminho do amor

“Desculpismo sempre foi a porta de escape dos que abandonaram as próprias obrigações.”¹

O chamamento divino tem sido constante ao longo dos milênios para toda a Humanidade que, no entanto, o tem relegado a segundo plano, em favor dos interesses materiais.

- “Estou muito jovem ainda”...

- “Sou velho demais”...

- “Tenho muitos compromissos e não posso atender ao convite”...

- “A casa toma muito meu tempo”...

Deus chama as criaturas humanas para a posse dos bens espirituais, mas aqueles que são convidados e não aceitam não podem ser alimentados espiritualmente, não porque o alimento lhes seja negado, mas porque não estão interessados em recebê-lo. Seus focos de atenção estão voltados para as satisfações de ordem material. As evasivas para o não atendimento ao convite são tão veementes e tão convincentes, que ouvintes menos atentos ficam convencidos de que estão diante de pessoas sofredoras e tão incapazes, que acabam por ajudá-las nessa fuga. Todavia, enganando a si próprias, terminam um dia por acordar envoltas em compromettimentos ruinosos, consequência de suas leviandades e, constrangidas, rogam a oportunidade de novas

¹ *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição - Editora Comunhão Espírita Cristã – Uberaba/MG – 1995, lições 127 e 128.

reencarnações.

O ser humano, naturalmente, volta-se para a busca da felicidade, da realização pessoal. É como uma intuição que tem do próprio futuro, ainda que de forma nebulosa. Mesmo sem ter essa certeza, ele a procura, como algo pleno, ignorando que, na verdade, essa é a nossa destinação como Espíritos imortais que somos. O fato é que não temos, ainda, a perfeita compreensão da nossa identidade. Não sabemos quem somos, de onde viemos, para onde vamos.

Ignoramos a nossa condição de filhos de Deus, de seres espirituais, portadores de dons, de faculdades, de forças latentes que, aos poucos, vamos desenvolvendo através do próprio esforço. Seres portadores da própria essência divina que, transitoriamente, sob vestes carnis – apenas de passagem pelo mundo –, buscam enriquecer-se com novas experiências que o campo material oferece, favorecendo nossa condição.

Morrer é viajar, e o que levamos é somente o que somos. Entretanto, nossa atenção, sempre absorvida pelos interesses materiais, ofusca a visão da nossa vida infinita, e permanecemos iludidos, julgando que a felicidade está na satisfação dos nossos desejos imediatos; imaginando que podemos ser felizes, apenas por possuímos isto ou aquilo; por desfrutarmos desta ou daquela posição social; por determos algum tipo de poder transitório, esquecidos da nossa realidade espiritual. Se as necessidades materiais – transitórias – são importantes por estarmos revestidos de um corpo material, muito mais importantes são as espirituais, tendo em vista que são eternas, pois prosseguiremos vivendo, ainda mais intensamente, após a passagem pelo túmulo.

Se morrer é viajar, então só levamos o que somos. Assim, todo conhecimento adquirido, todas as virtudes e dons desenvolvidos, em nossa vida material, são patrimônios eternos do Espírito. É o tesouro que não se perde, que não se tem roubado e que não pode ser devorado pelas traças. Jesus ensinou-nos a buscar, antes, o Reino de Deus e Sua Justiça, porque tudo o mais nos seria dado por acréscimo de Sua Misericórdia. Por essa razão, todo conhecimento, todas as virtudes e todas as qualidades morais representam poder espiritual que se reflete, imediatamente, na vida material, transformando a nossa realidade por completo, em uma vida mais bela, porque em harmonia com as Leis Divinas. E o caminho para transformarmos a nossa realidade é o caminho do amor a Deus e ao próximo como a nós mesmos. Em síntese, é a prática do Bem.

O sentimento religioso que possuímos, embora não tenhamos, muitas vezes, uma religião – como a definimos –, deixa-nos em uma situação privilegiada para atendermos ao chamamento divino.

O berço é somente o início de uma viagem laboriosa. Em se tratando do espírita, particularmente, muito mais isso é verdadeiro, pois contamos com o conhecimento da vida espiritual e com a consciência de que não há fatalidade absoluta nos acontecimentos que nos cercam, porque sabemos que não somos marionetes, uma vez que somos dotados de livre-arbítrio, razão e inteligência. Já compreendemos, perfeitamente, o que significa o ensinamento evangélico de que “a cada um será dado segundo suas obras”, endossado pelos Espíritos Superiores como Lei de Causa e Efeito e confirmado pela Ciência Humana como Lei de Ação e Reação, lei universal a nos chamar à responsabilidade dos nossos atos. Não

desconhecemos a afirmativa de Jesus de que se semearmos o bem, o bem será nossa colheita. Temos, portanto, liberdade para agir e modificar, a qualquer tempo, o nosso caminhar.

Diante dos conhecimentos com que a Doutrina Espírita nos brinda, através de estudos nobremente conduzidos, não vemos mais a ideia da reencarnação como dogma religioso ancestral, mas como um fato comprovado, cientificamente, pela Psicologia Transpessoal; temos o conhecimento de que somos Espíritos imortais; que o berço é somente o início de uma viagem laboriosa para a alma necessitada de experiência; que continuaremos vivos após o cumprimento da tarefa planetária que nos compete realizar por Misericórdia Divina; que é permanente a comunicação e a solidariedade entre os dois planos da Vida; que quando oramos, mentalizando os entes queridos que estão na dimensão espiritual, nós os beneficiamos, os fortalecemos com nossa mensagem de amor e paz, na mesma medida em que somos amparados por eles, muitas vezes, sem suspeitarmos disso.

A luz que o Espiritismo coloca em nossas mentes faz com que não tenhamos mais dúvidas acerca da existência de muitas moradas na casa do Pai – sejam estados físicos ou conscienciais. Que estamos fazendo com o conhecimento adquirido?

Após conhecermos as obras da codificação da Doutrina Espírita, através das mensagens de O Evangelho segundo o Espiritismo, O Livro dos Espíritos, O Céu e O Inferno, O Livro dos Médiuns e A Gênese, e de outras obras contemporâneas psicografadas por médiuns sérios e abnegados, e de estudiosos honestos em suas colocações, dando-nos informações detalhadas dos diversos mundos, que se estendem ao infinito, em perfeito acordo com as

descobertas científicas de físicos, astrônomos, que nos revelam um Universo em expansão, o planeta Terra – que é hoje o nosso mundo – descortina-se como um minúsculo ponto no espaço, situado na periferia de uma modestíssima galáxia, a Via Láctea, entre bilhões de outras galáxias.

Com todo esse conhecimento, por que duvidarmos ainda da nossa imortalidade? Por que continuarmos excessivamente apegados aos interesses materiais que terminam por nos infelicitar, quando não usados com bom senso e caridade? Será que com todas essas informações já temos condição de responder a questões que nos acompanham a caminhada, como por exemplo: “Somos plenamente felizes?”, “Somos criaturas realizadas?”, “Como estamos vivendo?”, “O que estamos fazendo com o conhecimento adquirido, em nosso benefício e daqueles que foram colocados sob nossos cuidados para progredirem?”.

É importante refletirmos sobre a luta dos homens para solucionar os problemas sociais da pobreza, do vício, do crime, das enfermidades, por ser uma luta inglória, na medida em que vamos colecionando fracassos incontáveis, porque até então tem sido alicerçada sobre conceitos materialistas. O homem, ignorando sua realidade espiritual, não se deu conta de que todos esses problemas têm sua origem no Espírito – orgulho, egoísmo, vaidade, ambição, avareza, possessivismo, para citar apenas alguns – e, portanto, somente pelo Espírito esses males poderão ser vencidos.

Todos nós temos condições de assumir tarefas no Bem. Emmanuel diz-nos que hoje estamos passando por muitas dificuldades, mas se não mais ignorarmos que a nossa realidade, hoje, é a consequência dos nossos atos de

ontem – por força da Lei de Causa e Efeito, que atua mecanicamente em todo o Universo –, não podemos esquecer que temos hoje condições para criar, pela força da mesma Lei Divina, um novo destino para nós.

É fundamental termos a consciência da possibilidade de recomeçar sempre, desde que, realmente, assim desejarmos, pois cada dia que amanhece é uma nova oportunidade que a vida nos oferece. Mas é importante sermos firmes nesse recomeço. É imprescindível não cultivarmos lembranças amargas, desfazendo-nos do pessimismo, dos enganos anteriores, das aflições que nos impedem de progredir. As quedas que vivemos no passado e que muitas vezes nos colocam na posição de criaturas menos dignas – assim pensamos –, na qual os remorsos, os sentimentos de culpa e os complexos de inferioridade nos fazem estagnar num tempo ido, engessam nossas ações para o avanço em direção ao futuro.

O alívio que buscamos para a nossa libertação, encontramos-lo em Jesus, em Seu chamado para que fôssemos a Ele, atribulados que estamos, pois Ele nos aliviará.

Aceitando o convite, é inevitável o nosso encontro com o consolo, a esperança, a resignação e, mais que tudo isso, o entendimento das nossas potencialidades para caminharmos com segurança sobre os próprios pés, rumo a um porvir muito mais feliz.

Todos nós, sem exceção, temos ainda limitações morais para caminharmos sozinhos. Entretanto, ao toque do Evangelho em nossos corações, eis-nos transformados para o Bem, que ainda hoje podemos realizar, desfazendo o mal do passado, porque o amor cobre a multidão de pecados. E com calma, paciência e orientação segura que

os ensinamentos de Jesus nos propiciam, construiremos uma vida superior compatível com a nossa condição de filhos de Deus.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) em outubro de 2007.

A felicidade está em nós

Na questão 920 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta aos Espíritos Superiores se o homem pode gozar, sobre a Terra, de uma felicidade completa. Respondem que, tendo em vista esse homem viver sobre o planeta em provas e expiações, depende dele, amenizar seus males e ser tão feliz quanto se pode ser sobre a Terra, visto ser ele o artífice de sua própria infelicidade, uma vez desviado que se encontra da prática das leis de Deus. Conclui-se, portanto, que a felicidade plena como tantos desejam não é possível por ora.²

É sabido que vivemos cercados de problemas de toda ordem, mas também não ignoramos que essas atribulações são inerentes à própria vida, tendo em vista o grau evolutivo em que a humanidade terrena se encontra. Defrontamo-nos, assim, com problemas pessoais, profissionais e aqueles que envolvem a sociedade na qual estamos inseridos. Observamos que, independentemente de posição social, intelectual ou profissional, todos têm dificuldades pela existência na qual transitam. Muitas vezes, essa dificuldade não está no campo individual, mas surge quando nos relacionamos com o outro, situação inevitável de quem vive em sociedade – somos seres gregários por excelência. Outras vezes, a situação se inverte: o outro é que tem problemas no relacionamento conosco, apesar dos nossos esforços em diminuir os pontos de atrito – todo esforço para o estabelecimento da harmonia é salutar.

2 KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos* – Livro IV, Capítulo I – Penas e Gozos Terrestres.

Por conta de tantas situações de desajuste, ouvimos frequentemente as pessoas dizerem que a felicidade não é deste mundo. O interessante é que, muitas vezes, são criaturas que têm à sua disposição todos os recursos que facilitam sua vida, ou seja, que não lhes trazem problemas de ordem material. Muitos que se dizem infelizes têm a juventude, ou a beleza, ou a fortuna e às vezes as três juntas, bens tão cobiçados pela maioria das pessoas. Diante dessa constatação, é importante perguntarmos: se a maioria das pessoas deseja esses bens e se muitas são infelizes apesar de possuí-los, por que os desejam? O Evangelho lembra-nos que ainda somos criaturas ligadas a tudo que é material e que poucos de nós buscam, verdadeiramente, se libertarem dessas amarras. Felicidade e bens materiais caminham juntos, no nosso julgamento ainda tão estreito.

Os que buscam essa libertação são aqueles que já compreenderam que, além do corpo físico, somos um ser espiritual, e isto representa uma vitória do Espírito sobre a matéria. E começam a entender que os valores materiais não são suficientes para preencher esse vazio que se forma em suas vidas, em um determinado momento. A beleza física já não faz sentido por ser apenas externa e, como tudo o que a ela se assemelha, o tempo se encarrega de transformar. A fortuna já não compra mais o que realmente se necessita. A juventude somente já não representa mais a força necessária para se continuar caminhando com segurança.

Em cada um desses elementos há um vazio que precisa ser preenchido. Então, o que falta? Falta o despertar para os verdadeiros valores. Falta acordar para os novos dias que estão se anunciando para nós. Falta a conscientização de que somos Espíritos em evolução, e não corpos que se

deterioram com o tempo. Somos Espíritos imortais, habitando, temporariamente, corpos mortais, finitos.

Como preencher esse vazio? O primeiro passo é a aceitação dessa nova realidade, com o entendimento e a coragem de voltar sobre os próprios passos e reiniciar a caminhada com novos propósitos e firmeza de decisão. É imprescindível abandonar os velhos valores que nada acrescentam em nossa vida e nem nos fazem criaturas melhores. É indiscutível negar que necessitamos buscar a fortuna da sabedoria, a juventude da esperança – força renovadora que nos impulsiona à frente, constantemente – e a beleza da prática do amor, pela caridade com o próximo e igualmente conosco. “A luz com a qual clareamos caminhos alheios é crédito perante a vida, entretanto, somente a luz que fazemos no íntimo nos pertence e é fonte de liberdade e equilíbrio, paz e riqueza na alma.”³

Esse processo, nas palavras de Ermance Dufaux, exige tempo, disposição incansável de recomeçar, meditação, cultivo de novos hábitos, oração, renúncia, capacidade de sacrifício, vigilância mental, vontade ativa, disciplina sobre os desejos, diálogo fraternal, dever cumprido e amparo espiritual. E, dizemos nós, não todos ao mesmo tempo, e, por isso mesmo, o Criador nos concede a misericórdia da reencarnação. Muitos dizem que a felicidade não é desse mundo. Certamente que é! Não a felicidade plena porque nossa existência, nesse momento, não comporta, mas é do mundo de luz que cada um cria dentro de si, na luta contra suas tendências inferiores que estão sempre nos afastando de Deus, e que tanto nos pesam. A felicidade é possível, sim, neste mundo. Não do mundo de necessidades

3 Oliveira, Wanderley S. *Mereça Ser Feliz*, ditado pelo Espírito Ermance Dufaux – 2ª edição - Editora INEDE, Belo Horizonte/MG, 2003 - Capítulo 2.

fantasiosas, fictícias que criamos, mas do mundo do amor ao próximo pela tolerância, pela aceitação do outro como ele é, pela alegria de poder ser útil sem querer nada em troca, pelo cumprimento do dever realizado, sem levar em conta sua importância ou seu tamanho. E os Espíritos Superiores nos alertam para isso na questão 926 ⁴, dizendo que aquele que sabe limitar seus desejos, e vê sem inveja os que estão acima de si, poupa-se de muitas decepções nesta vida. O mais rico, dizem textualmente, é aquele que tem menos necessidade. Somos os responsáveis pela construção desse novo mundo. Se erramos nas nossas escolhas, o fizemos por desconhecimento de que havia outro caminho; mas, hoje, ao entendermos isso, nos colocamos em condição de aceitar o outro, pois sabemos que ele ignora hoje o que desconhecíamos ontem.

“A felicidade, tão procurada no mundo da transitoriedade, está em nós, no ato de penetrarmos na desconhecida gleba do eu, arando esse terreno fértil para que floresça a Divindade da qual somos todos portadores. Essa é a felicidade dos Espíritos Superiores, conforme assertiva da codificação; todavia, pode ser a nossa, ainda agora...” ²

Sejamos, pois, os iniciadores dessa transformação que atingirá todo planeta, tornando-nos um ponto de luz a espalhar o exemplo do amor por onde passarmos.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 241.

4 KARDEC, Allan – *O Evangelho segundo o Espiritismo* – Cap. 5 – Bem-aventurados os Aflitos, item 20.

A ovelha perdida

A humanidade conhece, admira e respeita, no campo religioso, vultos que, até entenderem e aceitarem o Cristo, poderiam ser, ainda que de forma equivocada, considerados inconvertíveis. A história de todos eles retrata uma luta íntima, caracterizada por um período de transição em que, ao despertarem para a verdade do Cristo, convertem-se em apaixonados pela Luz. Figuras que buscam honrar a obra e o pensamento de Jesus, entender-lhe a divina vontade e viver-lhe os ensinamentos: Paulo de Tarso, Madalena ou Maria de Magdala, Zaqueu, Santo Agostinho... Em cada um deles, vimos o despertar, a conscientização e a transformação através do Cristo. Para cada um deles não bastou, como não basta para nenhum de nós, apenas o arrependimento dos atos praticados, porque este é só o primeiro passo. É preciso ir além, e eles foram. Regeneraram-se, transformaram-se e resgataram, até o último centavo, seus débitos com a lei divina. Foram salvos por Jesus, porque assim desejaram.

Nosso tema fala de salvação, de amparo e da não desistência do Amado Mestre para nos acordar. A Parábola da Ovelha Perdida ou Desgarrada, base das nossas reflexões, é semelhante à Parábola da Dracma Perdida, e pode também ser entendida na Parábola do Filho Pródigo.

No Evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos 4 a 7, Jesus coloca a seguinte pergunta aos discípulos e ao povo que o ouviam: "Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as

noventa e nova, e vai atrás da perdida até que venha a achá-la? E achando-a, coloca-a sobre os ombros. E chegando à casa, convoca os amigos e vizinhos dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”.

Podemos compreender que assim como um pastor se aflige e sai à procura de uma só de suas ovelhas que não tenha penetrado o redil, e por fim a encontra, e alegrando-se com isso a traz de volta, porque todas merecem o seu cuidado e por todas se sacrifica, também quando um homem se desvia do caminho certo, a palavra do Senhor o alcança, e se é ouvida, o fato é comemorado, porque há sempre alegria quando o evangelho atinge um coração e ele se redime.

Todos nós teremos esse momento glorioso ao qual podemos chamar “Caminho de Damasco”, que traduz o momento mágico do encontro de Paulo de Tarso com Jesus nas escaldantes areias do deserto sírio. Para todos nós aplicam-se as palavras do dito popular de que o fruto só amadurece a seu tempo, pois assim como o Mestre resgatou Madalena já à beira do abismo, dos vícios, da dissolução e da vaidade, e também tirou Zaqueu no despenhadeiro da ganância e livrou Judas de Kerioth das escolhas perigosas que estava fazendo, os mensageiros do Cristo buscam todos aqueles em iminentes quedas nos vícios e na miséria moral.

Os enviados do Alto estão constantemente “advertindo todos os seres encarnados que se defrontam com problemas agudos do crime, da intemperança e da

revolta”.⁵ Paulo de Tarso encontrou Jesus, já em Espírito, na estrada de Damasco, convidando-o a abandonar o fanatismo e a perseguição que fazia aos cristãos. Assim também os enviados do Cristo agem, constante e abnegadamente, para erradicar a fé cega e a intolerância religiosa em que os seres humanos estão mergulhados.

Sabemos que o corpo material, denso, que abriga o Espírito é um imenso obstáculo à assimilação desses conselhos. Todavia, é nos momentos de reflexão e repouso, em que os laços materiais que unem corpo e Espírito são afrouxados, que esses amigos dedicados ao bem têm condição de se fazerem sentir, hora em que suas influências benfazejas nos alcançam. O convite de Jesus a Paulo não foi, portanto, apenas para ele, mas para toda a humanidade.

A afirmação do Mestre de que há mais alegria no céu por um homem que se arrepende de seus atos, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento, joga por terra a crença inaceitável da condenação eterna e irremissível das almas.

O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo 27, itens 20 e 21, mostra que, segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, nem os remorsos e o arrependimento são considerados a favor do homem que errou nas suas escolhas. Para ele, todo o desejo de melhorar-se é inútil; está condenado a permanecer eternamente no mal. Todavia, a lei divina é justa, equitativa e misericordiosa, e não fixa nenhuma duração para a pena, qualquer que seja ela. Assim, o Evangelho é claro quando afirma que:

- 1 – O homem sofre as consequências de suas faltas;

⁵ GODOY, Paulo Alves. *As Maravilhosas Parábolas de Jesus*, 9ª ed., Edições FEESP, SÃO PAULO/SP – “A Parábola da Ovelha Perdida” - 2008 – p. 31.

não há uma única infração à lei de Deus, que não tenha efeitos dolorosos;

2 – A severidade desses efeitos é proporcional à gravidade da falta;

3 – A duração deles, para qualquer falta, é indeterminada, pois fica subordinada ao arrependimento e ao seu retorno ao bem;

4 – É necessária também a reparação da infração à lei de Deus. É por isso que nós nos vemos submetidos a novas provas, nas quais podemos sempre, pela vontade de fazer o bem, reparar o mal anteriormente praticado.

Como podemos perceber, não basta querer modificar-se. É imprescindível que haja vontade real, firme decisão de não mais abandonar o rebanho.

Deus é Pai de Amor, e ele “não deseja a morte do ímpio, não quer a condenação do ingrato, do injusto, mas sim a sua regeneração, a sua salvação, a sua vida, a sua felicidade” ⁶, ainda que para isso ele tenha que retornar à Terra, tantas vezes quantas forem necessárias, trazendo na sua bagagem as marcas do seu débito com a lei divina.

Todo crescimento é um processo de experimentação, de vivência, no qual as falhas são parte do processo, tanto quanto os acertos. É lição repetida até que se aprenda. Só depois, terá condição de avançar para novos conhecimentos. Então, não existem vítimas nem algozes, apenas estudantes; não existe o certo e o errado, mas existem as consequências. Lembra o apóstolo Paulo de Tarso que tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém. Com o tempo aprenderemos a reter apenas o bem. Apesar

⁶ SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus*, 14ª ed., Casa Editora O Clarim, MATÃO/SP – Primeira Parte, 1997 – p. 18.

de tudo isso, a salvação do homem é tão certa como a da ovelha perdida e lembrada na parábola, “porque todos que arrastam o peso da dor, os guias e protetores os assistem para conduzi-los ao porto seguro” do amor de Deus.

Em *O Livro dos Espíritos*, nas questões 1007 a 1009, Allan Kardec coloca uma série de dúvidas aos Espíritos Superiores, que merecem destaque, e uma delas é a seguinte: pergunta o codificador se existem Espíritos que jamais se arrependem. Respondem os amigos dos Planos Espirituais mais elevados que muitas vezes o arrependimento é tardio, mas pretender que jamais melhorem seria negar a Lei do Progresso e dizer que a criança não pode tornar-se adulto. Lembram-nos que Deus não deseja senão o bem de Suas criaturas, aceita sempre o arrependimento e o desejo de melhorar nunca é estéril.

Concluem os Espíritos Superiores que, por isso, as penas impostas jamais poderiam ser eternas. Que isso seria a negação da bondade de Deus, lembrando-nos, mais uma vez, que a eternidade das penas corresponde à eternidade do mal. Então, enquanto existir o mal entre os homens subsistirão também as penas. A eternidade é, portanto, relativa e não absoluta.

A Parábola da Ovelha Perdida dirige-se a todos nós: ao rico avarento e egoísta; ao pobre revoltado; ao pai que não educa; ao filho ingrato; ao homem preguiçoso e ao juiz parcial... Dirige-se também aos que têm o dever de pregar as verdades divinas e não o fazem; aos cônjuges que traem, em todos os aspectos, os compromissos assumidos com os companheiros de jornada; aos falsários, sonegadores, ciumentos, invejosos e a todos aqueles que enveredaram pela porta larga da devassidão e falta de respeito pelos direitos alheios. Mas, dia virá, prosseguem os Espíritos Iluminados orientando-nos a jornada, em que

todos os homens se revestirão, pelo arrependimento, da roupagem da inocência, e nesse dia não haverá mais sofrimentos.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, em 2 de setembro de 2012.

A propósito da busca do bem em nós

Uma característica de Jesus era a exaltação das qualidades das pessoas, incentivando-as a buscarem o reino interior: "Vós sois o sal da terra"...; "Vós sois a luz do mundo"...; "Resplandeça a vossa luz diante dos homens"...; "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus"...

Jesus ensinava a redenção e o amor. Conquistava a todos com sua personalidade radiante. Ele cativava, atraía. Despertava cada um para a realidade espiritual que existe em cada ser, pela condição divina de filhos de Deus que todos temos. Destacava as qualidades superiores e estimulava para a ação no bem e para a vivência em nível superior. Por essa razão fez o convite para sermos perfeitos como Deus o é. Mas é importante lembrarmos que essa perfeição é relativa e representa a soma de virtudes como:

- A tolerância para com todos, mas principalmente para com aqueles que convivem conosco;

- A indulgência, que é a aceitação do outro como ele é, sem querer mudá-lo;

- O devotamento, que se traduz na ajuda ao próximo, mesmo com sacrifícios pessoais;

- E tantas outras virtudes que nos levam a pensar primeiro no outro e depois em nós.

Tudo isso representa a essência da perfeição. Como ainda não conseguimos entender o significado moral dos Seus ensinamentos, Jesus nos propôs um modelo que nos

permite essa compreensão: apresentou o Pai como síntese absoluta da perfeição, inalcançável para nós, porque o Espírito jamais poderá igualar-se ao seu Criador. Essa busca sugere, portanto, a transformação moral e que é possível de ser conquistada, apesar das nossas atuais imperfeições. Vamos pensar um pouco sobre isso.

1 – O homem é um ser criado para viver em sociedade, porque somente no contato com o outro é que ele tem a oportunidade de evoluir. Nessa troca, podemos aprender, ensinar, ajudar e sermos ajudados. O próprio Jesus mostra essa verdade, quando pediu a Deus que ajudasse seus discípulos, após a sua partida, sem, contudo, afastá-los do mundo. E que de outra forma poderiam levar os conhecimentos que o Mestre trazia, se não fosse em contato com as pessoas? Mesmo pessoas virtuosas necessitam viver com os outros e como os outros, não importando se são bons ou maus, amigos ou inimigos. É importante sabermos que Deus nos criou para ajudá-Lo na transformação deste mundo, a partir da nossa própria transformação íntima, com trabalho e alegria pelas oportunidades que nos são oferecidas todos os dias.

2 – Então, se precisamos dos outros para evoluir, o amor ao próximo é um dos caminhos para essa realização. O que podemos entender por amar ao próximo? Companheirismo, solidariedade no sofrimento e na alegria, amizade nas situações embaraçosas, capacidade de perdoar, produzindo uma vinculação afetiva capaz de suportar os atritos e os conflitos de cada qual. Esse é um amor diferente daquele que oferecemos aos desafetos. E o que podemos oferecer a eles? O bem em troca do mal; a oração para que encontrem a mesma paz que buscamos; não nos alegrarmos com seus fracassos; enfim, ajudá-los mesmo que não saibam. E isso é bom? É, pois estamos

sendo tolerantes e tendo compaixão por aqueles que não nos querem bem e que ainda não compreendemos.

3 – Mesmo já tendo aprendido esses ensinamentos, precisamos agora colocá-los em prática: por exemplo, transmitindo, pelas nossas atitudes, aos que nos cercam, a grandeza dos ensinamentos de Jesus, porque nos transformamos nos novos semeadores das suas palavras.

E como fazer isso? Em primeiro lugar, acreditando na capacidade que cada um de nós tem de se modificar e, com isso, modificando o que estiver ao seu redor; depois, não desistindo de ensinar, através do exemplo, a quem ainda não consegue aprender, levando esperança, fé e amor, mesmo que seja a corações envoltos em sentimentos infelizes. Talvez as palavras não os toquem, mas, os exemplos, sim.

É importante lembrarmos que, em qualquer tempo e em qualquer lugar, onde existir um coração aflito e uma mente em desalinho, as lições do Mestre Jesus ali estarão como o pão que mata a fome, como a água que alivia a sede, como o remédio que cura todos os males do Espírito, nas palavras de Emmanuel.

4 – Um outro ponto sobre o qual podemos refletir diz respeito às oportunidades de trabalho de que dispomos no presente, levando em conta as que perdemos no passado para não cairmos nos mesmos enganos. Mas, antes de mergulharmos na aceitação das novas tarefas, seria bom examinarmos, com cuidado, se já compreendemos os nossos próprios deveres, ou seja, deveres morais para conosco, para com os que estão ao nosso redor e para com o meio no qual estamos vivendo e progredindo.

Temos uma conta-corrente com as Leis Divinas e é certo que não nos convém ficarmos em débito com ela.

Necessitamos estar atentos às dificuldades que temos na execução desses deveres, porque eles se acham em antagonismo com os nossos desejos e nossos interesses pessoais. E temos dificuldades em cumprí-los, porque estamos entregues ao nosso livre-arbítrio, ao direito que temos de escolher entre o certo e o errado, entre o fazer e não fazer. E a luta torna-se grande, porque nossa consciência nos adverte que estamos no caminho errado e nos estimula a decidir pelo bem. O dever é sempre estimulado pela consciência e não pelas regras sociais. E quem ganha essa luta? Por causa do nosso grau evolutivo, quase sempre são os interesses pessoais, os caprichos, os desejos, enfim, o egoísmo, as regras sociais. O importante é não desistirmos de nós próprios, porque somos capazes de nos modificar: somos luzes, somos filhos de Deus.

Somos capazes, sim, de nos transformarmos, alterando também, para melhor, o meio em que vivemos. Já temos algum conhecimento dos ensinamentos de Jesus e não podemos mais esperar para fazer o que deve ser feito. Mãos à obra, então!

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) - julho de 2006.

A propósito das bênçãos de Deus

Muitas vezes, em determinados dias da nossa existência terrena, e algumas vezes todos os dias, nos queixamos e nos revoltamos ante as dificuldades que nos surgem e que somos obrigados a enfrentar. Lamentamos nossa sorte – gostaríamos de realizar todos os nossos desejos e caprichos – porque nos achamos injustiçados diante da Justiça Divina.

Temos a sensação de que merecemos muito mais do que recebemos, independentemente das nossas atitudes, e, por isso, nos revoltamos, pois acreditamos ser melhores do que os outros; aguardamos ter mais privilégios e direitos que os outros, por causa da nossa posição social, do nosso nome ilustre, da nossa fortuna e, até mesmo, muito comum hoje em dia, da nossa beleza física. Quase não conseguimos enxergar um milímetro que seja além da nossa visão moral estreita, por causa do nível evolutivo em que nos encontramos. Ainda presos às paixões terrenas, sequer nos damos conta de que temos uma vida espiritual que precisa e deve ser cuidada com o mesmo zelo que dedicamos à nossa vida material.

Se cuidássemos dessa vida que vai muito além da pequenez dos nossos sentidos físicos, certamente não teríamos um décimo das aflições que hoje nos consomem a existência, e que nos adoecem tantas vezes. Se cuidamos da higiene do corpo, da casa, daquilo que ingerimos, por que não cuidamos da nossa higiene mental? Por que permitimos que pensamentos inferiores, doentios, saiam de nossas mentes? Por qual razão permanecemos

desatentos com aquilo que entra em nossas mentes, através dos nossos olhos, ouvidos, de todos os sentidos, enfim?

Por tudo isso é que o Pai nos envia, sempre, sinais de que é chegado o momento da nossa renovação. É chegado o momento em que a necessidade da transformação interior deve ser conscientizada em nós para que a mudança aconteça dentro de nós. Sem esse primeiro passo fica mais difícil iniciarmos a tarefa de elevação e aprimoramento.

É bem verdade que ela acontecerá queiramos ou não de forma bem mais dolorida, mas se colocarmos à nossa disposição a vontade firme a serviço dessa tarefa, tudo será mais fácil. Por esse motivo é que a generosidade de Deus está presente nas concessões, nas oportunidades que nos oferece, por toda parte, com igualdade a todas as suas criaturas, a fim de que percebamos que enquanto o homem "raciona a distribuição deste ou daquele recurso, Deus não altera suas leis de abundância".⁷

Observemos ao nosso redor: O Sol magnífico, nutrindo a vida, espalha-se em todas as direções; o ar puro e sem medida é celeiro de bênçãos divinas e, alimentando nosso corpo, faz a vida continuar em nós... A fonte que se dá sem reservas, engrossando rios, mares, levando a vida à terra sedenta que recebe carinhosamente a semente que dorme... Tudo doado a todos, infinitamente, igualmente repartido...

Se a bondade divina nos concede tantas graças no campo material, também assim acontece no reino do Espírito. Tudo está aí, à nossa disposição: "os tesouros da

⁷ XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição – Editora CEC – Uberaba/MG – 1995 - lições 02 e 180.

Ciência, as alegrias da compreensão humana, as glórias da arte e as luzes da sublimação interior”⁸, acessíveis que são a todas as criaturas. Entretanto, do rio das graças da vida, cada alma retira a porção de riqueza que consegue perceber e carregar para utilizá-la proveitosamente. Por essa razão, o Pai nos chama à renovação: para aprendermos a estudar, observar, trabalhar e a renovar-nos, ajudando a nós mesmos através da ajuda ao outro. Emmanuel recorda-nos que “Deus a ninguém dá seus dons por medida, contudo, cada alma traz consigo a medida que instalou no próprio íntimo para a recepção dos dons de Deus”.⁸

Mas que rio de graças é esse de que nos fala o querido instrutor espiritual? Observemos nas nossas próprias vidas, a presença dessas graças: acreditamo-nos frágeis e recorremos a Deus para suprir nossas energias, e Ele as supre. Quantas vezes, desanimados e sem forças para continuar a luta redentora, nos aprontamos para a deserção, para a fuga, e algo acontece – um fato ou a palavra de alguém, não importa – que nos coloca em movimento, fazendo com que nos sintamos mais fortalecidos, mais esperançosos, porque renovados em nossas forças.

Prestemos atenção na maneira como o Pai age com suas criaturas: usa o próprio homem para ajudar os homens. Silenciosamente. Sem alardes. E quase sempre aguardamos grandes manifestações divinas vindo em nosso socorro. Temos às vezes atitudes infantis diante da sabedoria divina; quando éramos crianças e acreditávamos que o brinquedo maior, o mais enfeitado e o mais barulhento era o melhor.

Hoje, mais amadurecidos na idade, deveríamos já ter compreendido que a utilidade não está subordinada ao

tamanho, à beleza ou a qualquer outra característica que chame a atenção dos nossos sentidos. Reconheçamos nossas próprias limitações e Deus nos conferirá o crescimento, e isso é certo, queiramos ou não crescer. Alguns o farão de forma mais rápida, outros mais lentamente, mas sempre cresceremos porque é da lei de Progresso que assim seja. Outras vezes declaramo-nos pobres e, no entanto, temos à nossa disposição as riquezas infinitas do Pai. Aquilo que não conseguimos obter não é porque nos falte o recurso, mas porque não conseguimos vê-lo ao nosso redor.

Todavia, precisamos entender que o processo para assimilação desses recursos será sempre o serviço prestado aos outros. Sob esse aspecto, não podemos, portanto, alegar inaptidão, fraqueza, desalento ou penúria para fugirmos da tarefa que nos cabe na construção do edifício do bem. Mais trabalho, mais entendimento, melhor captação dos recursos divinos à nossa disposição, representam a chave para abrir as comportas desse manancial de luz. Queixas contínuas, lamentações descabidas, tristezas sem motivos reais, intolerância, maledicência são portas fechadas para o processo de assimilação desses benefícios.

Assim, cada momento que pudermos dedicar ao companheiro necessitado de uma palavra de reconforto, de otimismo, necessária ao fortalecimento para continuar suas lutas, Deus nos abençoa.

Pelo gesto de silêncio, com a palavra não dita, pela prece silenciosa com a qual podemos amparar e sustentar o equilíbrio de todos que nos cercam, seja em nosso lar, no nosso trabalho, na casa de oração que nos serve de abrigo espiritual, seja nos trabalhos de assistência que realizamos em benefício de tantos, Deus nos abençoa.

Quando com caridade temos a oportunidade de usar palavras esclarecedoras, assegurando o entendimento fraterno, aliviando corações mergulhados em sentimentos dolorosos de culpas e arrependimentos por atos impensados, fortalecendo almas enfraquecidas pela desesperança e falta de fé, Deus nos abençoa.

Pela migalha de tempo ou de socorro que dispensamos no apoio àqueles que nada têm e que de tudo carecem, onde essa migalha pode ser a diferença entre a vida e a morte, onde muitas vezes será a única ajuda que receberão, mas que poderá mantê-los lutando por mais alguns dias, Deus nos abençoa.

Pela atitude de tolerância e serenidade que pudermos manter frente à incompreensão que nos rodeia a existência, e que nos convida a testemunharmos nossa fé e nossa disposição de praticar o ensinamento evangélico do "amar ao próximo como a ti mesmo", Deus nos abençoa.

Diante desse convite à renovação e ao aprimoramento, ficamos pensando: mas, se não somos capazes de realizar nem um milésimo de tudo isso, como pode Deus nos abençoar?

Sem dúvida alguma, convivemos com almas heroicas, abençoadas por Deus, capazes de renunciarem a si próprias e de sacrificarem a felicidade pessoal em benefício da felicidade alheia. Mas, se Deus abençoa esses rios de almas que são capazes de garantir as searas do campo, na expressão de Emmanuel, pelo imenso desprendimento que demonstram, pela fé inabalável em Deus e na Sua Justiça, também é verdade que Ele "abençoa cada gota de orvalho que ameniza a sede da rosa".

Erros e acertos marcaram nossa estrada até ontem.

Hoje, entretanto, é momento de nos voltarmos para Deus, com sinceridade em nossos corações, “refazendo a esperança e suportando sem mágoas as acusações do caminho”. É natural termos sempre alguém nos censurando. Mas ouçamos com paciência. Se existe bom senso na advertência, aproveitemos o conselho para que possamos crescer mais um pouco; se a crítica for injusta, conservemos a tranquilidade, na certeza de que temos a consciência pura por estarmos fazendo o melhor que podemos. Em qualquer dificuldade que venhamos a enfrentar, apoiemo-nos na confiança em Deus, “trabalhando e servindo com alegria, na certeza invariável de que Deus” nos abençoa e nos vê.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) – julho de 2006.

Amargura

"O fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem." – Lacordaire.⁸

No nosso entender, a palavra amargura pode ter dois significados: o primeiro, ligado à inconformação, à rebeldia ante os desígnios de Deus; e o segundo, significando queixume, descontentamento com a própria vida. Independentemente de sua significação, esta é uma atitude que não combina com o servidor de Jesus, se desejamos ser – pressupõe-se que essa deva ser, cristãos que somos, nossa busca constante – Seus discípulos.

Problemas todos nós temos, até porque o comprometimento ante as leis divinas, que criamos nas estações planetárias pelas quais transitamos, não nos permitiria uma vida isenta de preocupações. Por exemplo, no lar, jardim de espinheiro onde angústias e inquietações exigem de cada um de nós renúncias e sacrifícios; no trabalho profissional, que não nos agrada realizar, porque quase sempre nos julgamos merecedores de melhores posições, mesmo que não tenhamos as aptidões necessárias para tal; no grupo de assistência social ou espiritual do qual fazemos parte, que não valoriza nossas ideias e esforços, geralmente – segundo nosso ponto de vista – melhores e maiores do que as que estão sendo praticadas. Tudo isso são dificuldades colocadas em nosso caminho, obrigando-nos a refletir sobre o verdadeiro

⁸ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora LAKE São Paulo/SP – 1989 - Capítulo V, item 18.

significado de sua presença em nossa existência.

Somado a isso, surgem no campo de atuação no qual estamos inseridos aqueles problemas inerentes à própria existência, uma vez que o planeta onde estagiamos, presentemente, é eivado de dificuldades para nossa sobrevivência. Isto quer dizer que vivendo em um planeta ainda tão materializado, habitando corpos ainda tão grosseiros, necessitamos de recursos materiais para não perecermos, sem termos cumprido o programa reencarnatório a nós destinado. Evidentemente que Deus sempre proverá o planeta e a humanidade que nele habita com os recursos necessários, para que a Lei do Progresso se cumpra, segundo Seus desígnios. Então, não importa o tamanho ou a importância desses problemas – recursos financeiros que faltam, enfermidade que chega a nós ou em ente querido, desajustes afetivos que não conseguimos administrar, tribulações que nos intranquilizam –, o fato é que o Pai precisa nos encontrar executando as tarefas que nos competem para poder nos ajudar.

Destacamos isto porque, muitas vezes, pensamentos de pesar, de vitimização – “Deus me abandonou” ou “ninguém olha por mim” – afastam-nos das nossas obrigações mais simples, contaminam os companheiros de jornada, afetam o trabalho, o grupo no qual atuamos e nos adoecem. Agora, se permanecemos atentos, agradecendo ao Pai as oportunidades oferecidas, Seus Mensageiros encontrarão, na própria tarefa, os meios de nos socorrer. Por tudo isso é importante prosseguirmos ajudando os outros dentro das nossas limitações. Poderemos ser ou estar limitados neste momento, mas não poderemos ser ou estar ociosos, física e/ou intelectualmente.

Santo Agostinho nos recorda que ainda na condição de desencarnados, vagando no espaço, escolhemos a prova,

porque nos considerávamos bastantes fortes para suportá-la. E pergunta-nos, com toda razão: "Por que murmurais ora?" E prosseguindo, alerta: "Vós, que pedistes a fortuna e a glória o fizestes para sustentar a luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de alma e corpo contra o mal moral e físico, sabeis que quanto mais forte fosse a prova, mais gloriosa seria a vitória, e que se saísseis triunfantes, mesmo que vossa carne fosse lançada sobre o monturo, na ocasião da morte, ela deixaria escapar uma alma esplendente de alvura, purificada pelo batismo da expiação do sofrimento".⁹

Emmanuel destaca, ainda, com propriedade, a diferença entre amargura real e amargura injustificada. Na primeira, é compreensível, mas não pode paralisar nossa ação junto daqueles que estão ligados a nós.

Na segunda, se os fatos são de menor importância, não merece de nós nem o fato de ficarmos descontentes ou queixosos. Judiciosamente, o benfeitor espiritual adverte para guardarmos reflexão e prudência, a fim de não perturbarmos a obra do Mestre, e para que aqueles que nos cercam, sobretudo os nossos amados, não se privem da graça de Deus.¹⁰

Assim, em qualquer circunstância, não nos esqueçamos de que, em nos queixando do que e de quem quer que seja, "estaremos intimando, a nós mesmos, a viver em nível mais alto e a fazer coisa melhor".¹¹

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – setembro de 2009.

9 _____ - item 19.

10 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel -14ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1996 - lição 123.

11 _____. *Palavras de Vida Eterna* - 20ª edição - Editora Comunhão Espírita Cristã - Uberaba/MG - 1995 - lição 100.

As energias sexuais e suas consequências

“A organização do corpo físico constitui o exaustor ideal para o equilíbrio daquele que se encontra, temporariamente, desarmonizado.”¹²

Partindo desse conceito, passamos a compreender o porquê da necessidade da reencarnação para todos aqueles que vivem mergulhados nas paixões inferiores de todos os quilates. Entretanto, a luta que o homem encarnado trava só terá valor se ele souber se reconstruir, enquanto se empenha nessa contenda.

É importante lembrarmos que somente a destruição das qualidades inferiores que o homem traz arraigadas em seu íntimo, sem a progressiva substituição por qualidades positivas, ao mesmo tempo, não dará a ele a condição para a continuidade do seu processo evolutivo.

No livro *A Grande Síntese*, capítulo “As vias da evolução humana”, Pietro Ubaldi diz textualmente: “Se ao ser se impõe uma morte no nível animalidade, deveis oferecer um renascimento do nível espiritual. As paixões são grandes forças que não deveis tentar destruir, mas utilizá-las e elevá-las, porque na evolução tudo procede por continuidade”.

O ÊXTASE SEXUAL

Lamentavelmente, o ponto de vista da ciência, em relação à energia sexual, ainda se encontra no âmbito físico e, portanto, de forma superficial. Mesmo Freud,

¹² ANDREA, Jorge, *Forças Sexuais da Alma* – Editora FEB – Cap. V, p. 149 – 1991.

apesar de haver penetrado em alguns ângulos mais profundos, e de haver chegado a alguns desvios, manteve idêntica postura. À luz da Doutrina Espírita, entretanto, três aspectos podem ser vistos no que diz respeito ao êxtase sexual ou energia sexual, pois ele vai muito além das sensações:

1 - Ela pode ser periférica, isto é, percebida pelos sentidos corpóreos – observação da ciência – que aparece na maioria dos homens, cujo exemplo podemos encontrar em D. Juan;

2 - Em seu oposto, temos a energia sexual de profundidade, ou seja, aquela percebida pelos sentidos do Espírito – não faz parte das observações e estudos científicos – que surge em uma minúscula parcela dos homens, cujo exemplo temos em Francisco de Assis;

3 - Entre os dois extremos encontramos um estágio intermediário, no qual já se vislumbra a necessidade que o homem tem de ampliar a energia sexual para além do corpo físico, sem, contudo, abandoná-lo.

Em relação a essa busca, Emmanuel esclarece, no prefácio do livro Vida e Sexo, o seguinte: “Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas emprego digno com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade”. Podemos entender, portanto, a necessidade reencarnatória para que o homem possa, através de experiências repetidas no corpo material, encontrar a harmonia nesse campo de forças criativas.

Alguns aspectos devem ser lembrados no que diz respeito à presença dessa força no Universo e de como se manifesta no homem: pela emissão de energia, ela poderia ser um campo atrativo para aqueles Espíritos que

necessitam reencarnar; mas não é uma porta aberta. Por ser um campo específico de radiação, o êxtase sexual se transforma em um verdadeiro convite às almas que, em sintonia com os pais, dentro de estruturas apropriadas, ou seja, a formação de um lar pela união com afeto, a se envolverem no complexo processo da reencarnação.

Todavia o êxtase sexual não tem apenas a finalidade de atender à necessidade procriativa para novos seres, em novas experiências, pois não podemos fixá-lo apenas nesse processo quando falamos em energia sexual, mas também o de ser um mecanismo de profundas trocas energéticas entre dois seres.

É necessário nos lembrarmos, também, daqueles seres que, por esgotamento procriativo, no caso das mulheres, ou por lesões físicas, em algum dos cônjuges, têm no êxtase o despertamento para a abertura de outros campos mentais com o surgimento do amor mais purificado. Podemos citar ainda os casos onde não há encontro sexual físico. Sendo a energia sexual inerente ao homem, há a necessidade de drenar esse potencial acumulado, no caso acima, para a energia criativa direcionada ao Bem, através de movimentos fraternos de todos os tipos. Muitos exemplos existem de homens e mulheres que renunciaram à vida pessoal para direcionarem suas energias a trabalhos que levam esperança, reconforto e fé a todos os necessitados.

Qualquer forma de exteriorização do instinto sexual na Terra nunca será destruída, mas transmutada em estado de sublimação. A própria história da humanidade nos mostra esse caminhar em direção ao divino amor. A coletividade humana se transforma à medida que avança no progresso moral, e a força criadora do sexo passa a ser a alavanca que impulsiona o homem para frente nesse

processo. Do homem e da mulher - instinto animal - vemos surgir o homem-pai e a mulher-mãe; a tribo, transformando-se em família; a taba, em lar; a floresta selvagem e inóspita dando lugar à lavoura pacífica; e dos impulsos heterogêneos individuais, onde cada um visa apenas seu interesse pessoal, vemos surgir os ideais coletivos de progresso, onde todos participam do bem comum.

É sabido que muito temos ainda que caminhar no que diz respeito à presença dessa força criadora em nossas vidas. Os desvarios sexuais, os desequilíbrios são problemas do Espírito em evolução e somente ele, através da sua consciência, nas idas e vindas reencarnatórias, poderá resolver.

A LIBERDADE

Se existe um fator que podemos chamar de estopim de toda essa desorientação que viveu a segunda metade do século vinte, e que ainda perdurará por muito tempo, enquanto o homem não se conscientizar da realidade da sua existência, é o anticoncepcional. Os anos 60 marcaram o comportamento feminino como a década da liberdade. Os movimentos feministas pela liberdade e igualdade das mulheres perante a lei civil, o mercado de trabalho e o surgimento do contraceptivo, trouxeram à mulher uma condição que não possuía e que há muito desejava ver conquistada. Todavia, tanto o homem quanto a mulher, na sua grande maioria, não estavam, como ainda não estão, prontos para gozar dessa liberdade, uma vez que não têm a consciência moral de que quanto maior a liberdade maior a responsabilidade.

O sexo deixou de ser objeto de escravidão do homem para com a mulher e de chantagem da mulher para com o

homem. O compromisso da maternidade e da paternidade ficou relegado a segundo plano quando, sem o risco de uma gravidez, ambos puderam se envolver com outros parceiros. Sem educação e sem informação, as doenças sexualmente transmissíveis se proliferaram. Evitou-se a gravidez, não as doenças, e foi no rastro dessa situação que a Aids surgiu. O abuso na aplicação dos anticoncepcionais, o aborto delituoso – abertura de clínicas, sobretudo em países mais ricos, em nome da saúde da mulher – levando a morte a milhares de mulheres, fecharam as portas reencarnatórias, contribuindo para a desorientação das energias desencadeadas pelo êxtase sexual.

Sexo grupal, troca de casais, amizade colorida, não importa o nome que se dê, são situações derivadas do amor livre, tão em moda nos anos 70 e que ainda permanecem entre nós sob as mais diferentes designações, sobretudo entre os jovens. Qualquer uma dessas situações apresenta sempre um desequilíbrio da organização psíquica dos envolvidos. O processo obsessivo está sempre presente nessas circunstâncias, não se podendo perder de vista que é bilateral, ou seja, os envolvidos – encarnados e desencarnados – se comprazem dessa situação de desarmonia, uma vez que a influência só ocorre se se oferece campo mental propício à penetração do mal, “pois a obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades”.¹³

Nas obsessões baseadas no sexo existe a presença de uma entidade dita masculina ou feminina dominando um homem ou uma mulher que, se utilizando das tendências

13 XAVIER, F. C. *Vida e Sexo*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 13ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – Lições 19 e 20 – 1991.

inclinatórias aos arrastamentos do encarnado, o leva a quedas deploráveis diante de si mesmo, do próximo e da sociedade. Nesses casos temos o adultério, a prostituição e a desonra irrecuperável.

Se de um lado encontramos o encarnado com características às paixões inferiores, de outro, temos os obsessores que assim agem “pelo simples prazer de, através das vibrações materializadas da sua presa, que lhes concede clima vibratório propício, dar livre curso a apetites inferiores dos quais abusaram no estado humano e os quais, degradantemente, conservam como desencarnados, em vista de sua inferioridade de princípios que gostosamente retêm consigo, o que lhes estimula a mente, inibindo-a do desejo de progresso e iluminação espiritual”.¹⁴

Esses processos obsessivos são muitas vezes insolúveis em apenas uma etapa reencarnatória, devido ao jugo sobre a vítima. São séculos que se seguem, muitas vezes até na espiritualidade, de lutas com grandes sofrimentos, criando-se grandes dramas, até que um deles, após reflexão, desperte em si o desejo de emendar-se, quebrando assim essa ciranda da inversão de domínio na possessão.

CONSEQUÊNCIAS

Essa desorientação das energias sexuais não atinge somente as pessoas envolvidas diretamente, mas todas aquelas que fazem parte do grupo familiar, pois trazem no seu bojo as razões de suicídios (ideias de sentimentos traídos), da criminalidade (pelo ciúme e sentimento de vingança), de doenças sexualmente transmissíveis e de

14 PEREIRA, Yvonne do Amaral, *Dramas da Obsessão*, ditado pelo Espírito Bezerra de Menezes – 2ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – 1969 – p. 24.

abortos delituosos, marcando seus perispíritos de forma a precisarem ser restaurados em reencarnações sucessivas de bastante sofrimento. Dessa forma, o grupo familiar é envolvido, pois que gera sofrimentos a todos que indiretamente participam dos desmandos egoístas, na busca da satisfação pessoal.

Na esteira de comprometimento que esses homens e mulheres teceram pelo uso sem critério do respeito e do amor, surgem em novas experiências com doenças e inibições genésicas variadas, que pela misericórdia divina vêm como recursos inibidores para novos desmandos. Trancando as portas reencarnatórias, essas criaturas não são apenas responsáveis pelo prejuízo moral que trazem a si próprias e aos encarnados envolvidos no processo, mas também aos Espíritos que, através de compromissos com os futuros pais, aguardavam a chance de recomeçarem a jornada terrena.

A CURA

É de difícil tratamento, tendo em vista três fatores: O primeiro é que, não raro, essas situações aprazem à vítima e ela deseja conservá-las. Em segundo lugar, essas infiltrações mentais sutis dos obsessores são ignoradas de todas as pessoas. E em terceiro lugar, porque envolve renovação moral através da reeducação mental, da aquisição de princípios elevados que, na maioria das vezes, faltaram desde a infância, e porque nem sempre os envolvidos estão dispostos a renúncias e sacrifícios.

CONCLUSÃO

Somente a compreensão da máxima “Amai-vos uns aos outros” que Jesus nos deixou fará com que os homens, escravos das perturbações sexuais, entendam os sofrimentos alheios que seus desvarios infringem.

Concluindo, Emmanuel, na lição 27, do livro “Dos Híppies aos Problemas do Mundo” ¹⁵, diz: (...) “o amor como fonte divina de manifestação de Deus é o oceano de forças em que nós todos vivemos, porque nós todos vivemos num oceano de amor, mas que o sexo é responsável quando instrumento do amor. Portanto, as nossas ligações de natureza sexual devem obedecer ao critério da lei, da palavra empenhada, do compromisso, da monogamia enfim, embora nos amemos infinitamente uns aos outros, mas, no terreno do sexo, o amor precisa represar para que ele não faça uma inundação destrutiva, criando calamidades sentimentais suscetíveis de arrasar a família com a nossa organização social. O amor vindo de Deus é livre, mas, no sexo, ele, o amor, é responsável”.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) – novembro de 2003.

15 XAVIER, F.C. *Dos Híppies aos Problemas do Mundo*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 3ª edição – Editora LAKE – 1989 – São Paulo/SP.

Automatismo e corpo espiritual

O corpo espiritual modela o corpo físico que o representa. Nossa proposta, a partir dessa afirmação, é a de salientar que a Lei de Evolução é igual para todos os seres, ligando-os entre si em dependência para o crescimento de todos. Se assim é na sociedade, onde os indivíduos entregam o resultado do seu trabalho a ela para que lhe devolva em benefícios e segurança, mais ainda podemos notar entre os reinos menores onde cada indivíduo depende do outro para seu crescimento.

A se perder no tempo, o princípio inteligente vem plasmando, em seu próprio veículo de exteriorização, as condições que lhe facultam – no plano terrestre e espiritual – o automatismo fisiológico que lhe permite executar, sem obstáculos, os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida. Temos, por exemplo, a escrita e a leitura que só se tornam atividades mecânicas com o treino na coordenação de olhos, lábios e mão, após a assimilação do alfabeto. A repetição dos atos é indispensável ao seu desenvolvimento. Nessa mesma base de repetição é que o corpo espiritual, através do nascimento, morte e renascimento – na vida física e extrafísica – em diferentes experiências, incorporou todos os conhecimentos da inteligência a se refletirem no “cérebro do futuro” pelas chamadas atividades reflexas do inconsciente.

No século XVIII, encantado com a complexidade dos nervos e com o patrimônio gigantesco que representa a mente humana, Descartes formulou a “teoria dos espíritos

animais” que, encerrados no cérebro, circulariam nas redes nervosas, atendendo aos movimentos de respiração, dos humores e da defesa orgânica sem participação consciente da vontade. Elaborou essa teoria observando os animais que considerava “máquinas desprovidas de pensamento”.

Para André Luiz, culturalmente, a inteligência é seguida pela razão, e esta, pela responsabilidade. No transformismo evolutivo, o reflexo precede o instinto que se manifesta na atividade refletida que, por sua vez, é a base da inteligência manifestada através do conhecimento adquirido em atividade milenar de aquisição e transmissão, seguida pela razão e pela responsabilidade. Quando estudamos o corpo espiritual (Indivíduo espiritual), não podemos separar automatismo (Fisiologia) e herança (Psicologia), porque, ao longo do tempo, vemos a consciência ainda latente construindo suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando gradativamente toda atividade nervosa em atividade psíquica.

Conceito de corpo – Conceituado genericamente, corpo é toda e qualquer quantidade de matéria limitada que impressiona os sentidos físicos, que modela forças animadas ou não, ao impulso de princípios vitais, anímicos e espirituais. Estágio físico por onde transita o elemento anímico na longa jornada em que visa à perfeição, na qualidade de espírito puro.

Empréstimo divino, é instrumento da evolução espiritual na Terra. Lentamente, no suceder dos tempos, vai abandonando as construções orgânicas grosseiras por contornos e funções mais úteis às experiências futuras. Nosso corpo ainda é hoje, no dizer de Joanna de Ângelis, “laboratório de experiências pelas quais os Construtores da Vida, há milênios, vêm desenvolvendo possibilidades

superiores para culminarem em conjunto ainda mais aprimorado e sadio”.

Preservar o corpo é mais do que um dever. É compromisso elevado do qual ninguém se libertará. Amá-lo, preservá-lo e utilizá-lo com nobreza é tarefa que nos cabe, sem cansaço, para o nosso próprio bem. Paulo de Tarso lembra bem desse compromisso na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 4:4, quando escreve: “Que cada um de vós saiba possuir o seu corpo em santificação e honra”.

Pequeno Histórico – A Paleontologia fez em 1950 a classificação atual para os hominídeos fósseis, simplificando todas as anteriores, num único Homo, distribuído em três classes: *transvaalensis*, *erectus* e *sapiens*, possibilitando com isso novas pesquisas e descobertas.

O pensamento filosófico, desde seus primórdios, sempre teve como preocupação o problema da evolução do homem. Da filosofia grega que tudo reduzia a incessantes transformações, mediante as quais as espécies vivas eram mutáveis, até Spencer, com uma visão mais ampla da evolução, e passando pela “seleção natural” darwiniana, não se pode negar os conceitos evolucionistas, comprovados hoje pela ciência, nos diferentes campos em que se expressa.

Papel do Espírito nas exteriorizações somáticas: “Merece examinar, porém, que ao princípio espiritual, nas sucessivas reencarnações, se deve a transmissão às formas mais grosseiras das necessidades psíquicas que impõem o surgimento de órgãos e caracteres novos a se transmitirem por hereditariedade e se fixarem, prossequindo o processus evolutivo incessantemente”.

Essa afirmação de Joanna de Ângelis no livro *Estudos*

Espíritas, cap. 5 ¹⁶, psicografado por Divaldo Franco, nos faz compreender que, a princípio, o Espírito se encontrava em atrasada expressão, utilizando a forma símio em transição para fixar-lhe implementos novos: a função precede o órgão e a função procede do Espírito que modela as novas formas de que precisa para crescer e produzir experiências não conhecidas. À medida que a forma se aprimora, Espíritos Superiores impõem-lhe outros atributos que, através dos milênios, dão forma ao corpo que hoje ainda serve de morada ao Espírito, que plasmará novas formas com as quais a Humanidade continuará progredindo.

Joanna de Ângelis ainda nos presenteia com o seguinte pensamento, extraído do mesmo livro, citado no referido capítulo: "Ao Espírito que é o ser, se devem as exteriorizações somáticas que constituem o não ser". Torna-se claro, assim, entendermos corpo físico como reflexo do corpo espiritual. Aperfeiçoada através de longo período, essa evolução obedece, portanto, a um Plano Maior. Dessa maneira, o corpo físico recebe orientações do Espírito, desde atos reflexos (por exemplo, tirar a mão diante do fogo), até intelectuais, e este recebe daquele as impressões do mundo material através dos órgãos dos sentidos.

O corpo é um ser vivo formado pela união de células que, reunidas, formam tecidos, órgãos, e quando vários órgãos realizam o mesmo trabalho, temos um sistema.

As células variam de forma e tamanho, mas se unem como ímãs umas às outras, segundo uma vontade orientadora que as associa para a mesma função e as governa. No dizer de André Luiz, são "peças

16 FRANCO, Divaldo P. *Estudos Espíritas*, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis - 3ª edição, Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ, 1983 - Cap. V.

eletromagnéticas inteligentes, em máquinas eletromagnéticas superinteligentes”. Atendem com precisão matemática a essa vontade que é a inteligência, seja ela simples ou complexa, lembrando nessas formações a superposição de tijolos.

As células e sua submissão ao sistema nervoso

É importante lembrarmos que, segundo a Biologia moderna, a célula é a sede de todas as reações metabólicas do organismo; origina-se de células pré-existentes, pois não há geração espontânea; contém o material hereditário por meio do qual as características específicas são transmitidas da célula-mãe para a célula-filha; forma os órgãos e esses são cercados pelo sistema nervoso que, somado ao controle feito pelos hormônios, realizam o funcionamento ideal para a preservação da vida normal.

Dessas organizações celulares, a que apresenta função mais complexa e extremamente delicada é a célula nervosa ou neurônio que, dividida em funções específicas, cuida, de um lado da vida de relação, voltada para atividades conscientes através dos órgãos dos sentidos; e de outro, para as atividades autônomas que comanda, fora da ação da vontade: o sistema circulatório, respiratório, digestivo, por exemplo. Esse conjunto de nervos e gânglios forma os plexos que correspondem, no perispírito, aos Centros de Força. Na Medicina, feixes de músculos e vasos também são considerados plexos.

A repetição automática do trabalho para a execução das tarefas às quais as células são obrigadas, pela inteligência, para manter o funcionamento à preservação da vida, caracteriza o automatismo celular.

Através de complexos elétricos e eletrônicos, o corpo

humano é autorreparador. Arquivo de microfotografias nos centros da memória, pode ser equiparado a uma construção que pelas técnicas de miniaturização, com que se elaboram os computadores, esses departamentos ocupariam mais ou menos uma área de 160.000 quilômetros cúbicos, com informações de uma única reencarnação. As células são, dessa maneira, sob comando da mente, submetidas ao sistema nervoso e isso lhes dá um teor de saturação tal que explica as demonstrações de materialização mediúnic. É um estado de estresse que faz com que o corpo do médium exteriorize essa energia (ectoplasma) que, manipulada por uma mente externa (Espírito), toma a forma plasmática desejada por essa mente, para o objetivo em questão.

Evolução e sexo

O aparecimento de qualidades magnéticas positivas e negativas em células e bactérias, desfechadas pelos Orientadores Espirituais, encarregados do progresso do planeta, inicia a evolução animal. Uma bactéria diferenciada (leptótrix) que lembra um girino, coberta de ferro do qual se nutre e que é obrigada a nadar quando se desvencilha dessa carapaça até que outra semelhante a envolva, serve a esses Instrutores para impulsioná-la à transformação. Após longo período de novas experimentações, renasce na forma de algas verdes, inaugurando a comunicação sexual sobre o mundo. O hiato que existe entre o leptótrix e o surgimento da alga verde deixa sem resposta os biólogos mais modernos, quando tentam estabelecer uma linha evolutiva dessas estruturas. Esse espaço foi preenchido pelas atividades no Plano Maior que submeteu a primeira a profundas alterações, transmutando-lhe os indivíduos mais complexos, fazendo-os reaparecerem metamorfoseados na referida alga,

instalando assim novo ciclo de progresso e renovação.

Quando transcorridas eras imensas, o princípio inteligente, após experiências em dois planos distintos, se mostra trabalhando com constituição mais complexa, recebe do Plano Superior concentrações fluídico-magnéticas especiais nos cromossomas, que André Luiz chama de "dons da reprodução mais complexa". Diz o autor espiritual que, na falta de terminologia, essas concentrações podem ser comparadas aos "moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica". Os cromossomas partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam, por serem grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática. São constituídos pelos elementos chamados genes, que dão a eles características de imortalidade nas células, pois que se renovam transmitindo às sucessoras suas particularidades. Com a evolução, os cromossomas se diferenciam dando origem às diferentes espécies. Formas monstruosas aparecem e desaparecem até que as espécies consigam acomodação nos tipos. Mas "os cromossomas permanecem imorredouros através dos centros genéticos de todos os seres".

André Luiz nos chama a atenção para que observemos que as leis da reprodução animal, desde o leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, são as mesmas na evolução filogenética da organização de qualquer veículo humano na fase embrionária. Assim, se há uma ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do Espírito.

Hereditariedade – Lei que define a vida, circunscrita à forma em que se externa.

Arquitetos espirituais gastaram séculos preparando as células que serviriam de base ao reino vegetal. Era necessário estabelecer um nível seguro de forças constantes entre a bagagem do núcleo e o citoplasma. Processos de divisão celular são testados. Surge a mitose, divisão simples e indireta, alterando naturalmente a mônada celeste, que se reflete no núcleo, já renunciando maiores transformações. Através do Centro celular (núcleo), os Espíritos Superiores mantêm a junção das forças físicas e espirituais; e é nesse "ponto que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomas", fixando a carga hereditária em número e valores diferentes para cada espécie.

Essa consciência latente (crisálidas de consciência) dentro do princípio de repetição: nascimento – experiência – morte – experiência – renascimento, nos planos físico e extrafísico, procede como seres autotróficos (André Luiz usa um termo que não é mais usado pela moderna Biologia), isto é, seres autossuficientes que produzem o próprio alimento, como as plantas, por exemplo. Nesse estágio, o princípio inteligente, servindo-se da hereditariedade e das experiências recapituladas, progride para uma diferenciação maior na escala animal, onde o corpo espiritual já oferece moldes mais complexos, diante das reações do sistema nervoso, "eleito para a sede dos instintos superiores, com a faculdade de arquivar reflexos condicionados".

Novas transformações nas células são necessárias porque o elemento espiritual deve viver agora como ser heterótrofo ou heterotrófico, isto é, ser que não produz a energia para sua nutrição, como, por exemplo, os animais (o termo alótrofos, citado por André Luiz, não

aparece nos compêndios de Biologia atualmente). Avançando na rota do progresso, o princípio inteligente plasma implementos novos no veículo de expressão – elementos para equilibrar os sais nas células e elementos digestivos para o equilíbrio da nutrição (protozoários). Conquista, enfim, um “carro fisiológico” estruturado em sistemas constituídos de órgãos que são formados por tecidos, compostos por moléculas com estruturas e funções específicas que, no ato da fecundação, mesclam-se às unidades masculina e feminina e, obedecendo à repetição na lei da hereditariedade, vão determinar a sua descendência genética.

Já como homem, o Espírito e não mais o princípio inteligente comanda, pela própria vontade – com sua presença, ou simples influência –, os mais complexos fenômenos de divisão celular no interior do ovo materno, edificando as bases de seu próprio destino, no estágio em que se encontra para nova experiência, dentro do merecimento que venha a possuir.

Conclusão

O processo de criação do homem é uma lenta elaboração desde os primórdios do tempo. Da maneira como os cientistas admitem a existência humana – processo evolutivo no qual o homem é o resultado de uma filogênese fantástica –, tem-se a impressão que desde a sua criação, a partir do mineral, o homem não tenha qualquer outra experiência além daquelas que enfrentou nesse processo evolutivo. Mas a inteligência criadora, inerente ao homem, o torna capaz de não ter limites na sua imaginação e que, somada a um anseio crescente de tornar-se cada vez melhor, o impulsiona a ir além da sua própria condição humana. Se no início os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas e as rotas ao

mundo celular, em favor do princípio inteligente, à medida que ele progride, passa a se responsabilizar por si mesmo.

Com base na hereditariedade, toma a forma física e se desfaz dela, para retomá-la em nova encarnação, num processo para elevar-se cultural e moralmente ou, quando não, para refazer tarefas esquecidas ou abandonadas. Compelido a viver entre seus semelhantes – hereditariedade e afinidade no plano físico e no extrafísico são leis imutáveis –, vai aprendendo, pela própria escolha, a conduzir-se pelo bem, assegurando assim o equilíbrio e o poder de alterar circunstâncias no meio ambiente em que vive, e a interferir na formação do corpo que vai lhe servir de instrumento a maiores conquistas evolutivas, se dispõe de méritos para tal, através de valores mais elevados para seus impulsos de perfeição. Nesse anseio de elevação e de comunicação com os planos superiores, ele cria cada vez mais um contraste entre sua condição primitiva e a do homem que busca sua elevação. De onde vem tudo isso? A resposta está no retorno à ideia de Deus, inata na criatura humana: o Ser perfeito de Descartes encontrado no fundo da nossa própria imperfeição e a Lei de Adoração que Kardec nos traz na Codificação.

O acaso da concepção materialista na construção do Universo perde-se se olharmos para elementos mais simples como o átomo e seu universo microscópico. Não precisamos sequer pensar na complexa formação do homem, ou das galáxias, ou dos sistemas solares. Assim também será se olharmos as “experiências de Deus” procuradas através dos artifícios religiosos para explicar o surgimento desse homem sobre o planeta.

“Não importa se criado do limo da terra, segundo a alegoria bíblica, ou arrancado das entranhas do reino mineral, segundo a teoria evolucionista espírita, o homem

continua em formação, amadurecendo nas experiências que enfrenta na existência corporal.” O corpo é seu instrumento de elevação, vivo e ativo que precisa e deve ser controlado pela força do Espírito. É, portanto, o único responsável pelo sucesso ou fracasso da sua caminhada. Deus é nesse homem o poder orientador e mantenedor, não força punitiva. Sua consciência será seu juiz e, seus atos, o processo.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP), abril de 2005.

Boas maneiras

O desenvolvimento da humildade em nós é um convite perene do amado Mestre para um viver mais feliz e mais pleno de realizações, entendendo-se a humildade como um sentimento contrário ao orgulho. Vestes simples, pouca instrução ou poucas posses materiais, como sinônimo de humildade, é ideia falsa, pois que encontramos muitos ricos de bens materiais e ricos em humildade; como também nos deparamos com pobres de bens materiais e ricos em orgulho.

Como vários outros ensinamentos de Jesus, este também aparece no Evangelho, em muitas passagens, no campo da simbologia, mas também como todos os outros, podemos deslocá-lo para a vida comum, aquela que experimentamos todos os dias. Isto significa que as recomendações do Cristo, os convites que nos faz à reflexão prestam-se a situações em que nos vejamos convocados a examinar algo novo, por exemplo, nossas atitudes baseadas no orgulho, junto aos semelhantes, principalmente para todos aqueles que já receberam as palavras do Mestre em espírito e verdade.

Constantemente o Excelso Amigo nos chama a abandonar o orgulho, a nos humilharmos, a nos tornarmos pequenos, tendo em vista que segundo Ele e não segundo nosso imperfeito entendimento, o menor da Terra será o maior no reino dos céus. Percebemos que é comum aos orgulhosos, que querem ostentar grandeza, ocuparem na sociedade em que vivem as posições de destaques mais distintas para atrair atenções, muitas vezes sem o devido

preparo para ocupar tais postos. Por essa razão, aconselha-nos ainda a nos sentarmos nos últimos lugares, longe de destaques, para que não venhamos a ser convidados a nos retirarmos deles, dando lugar a quem de fato os mereça.

Ficamos assim em um impasse diante dos convites de Jesus: de que maneira podemos entender essa sua sugestão se o progresso é uma lei natural e se o nosso destino é evoluir? Como poderemos conciliar o ensinamento evangélico com a realidade da lei do progresso, que podemos constatar em toda criação? Basta para isso observarmos a evolução que se processa em todos os reinos da natureza. É suficiente que prestemos atenção à própria história da Humanidade e o quanto temos evoluído, desde o homem da caverna, que pouco diferia de um animal, até o homem da civilização científica e tecnológica. Entretanto, se no campo intelectual o homem conquistou tão grande progresso, no campo moral não aconteceu o mesmo. Eis aqui a razão do sofrimento humano: somos todos vitimados pelo nosso próprio comportamento, distanciados que estamos das leis de Deus. Justifica-se, assim, o porquê de Jesus nos alertar para a necessidade de despertarmos, em nós, as virtudes da humildade e da simplicidade.

Não é difícil encontrarmos pessoas que justificam suas atitudes prepotentes e arrogantes, de não se humilharem e nem se rebaixarem diante de ninguém, por acreditarem que somente aqueles que se impõem vencem no mundo. Pobres companheiros que ignoram que, segundo Jesus, humildade nada tem a ver com servilismo. Na excelência de sua pedagogia, quando o Mestre nos ensina simplesmente que “todo aquele que se eleva será rebaixado”, reporta-se ao sentimento de orgulho, porque

toda elevação pessoal que tem por base o orgulho é ilusória. Assim, todo aquele que utiliza o mal como alavanca de elevação será rebaixado, pois só o bem que cultivamos em nós é indestrutível e nos oferece base sólida para todas as realizações.

A vida em sociedade estimula a competição, mas, longe de ser uma competição saudável, ela tem levado as criaturas a perderem o bom senso, a razão e a se comportarem como se vivessem não entre companheiros, mas entre adversários. Nas situações comuns da vida, julgam ter “vencido”, na maioria das vezes, os que usam a esperteza – no sentido negativo do termo – esquecidos de que todas as posições são transitórias, e que mais cedo ou mais tarde serão rebaixados por não possuírem a base sólida do amor em suas conquistas, situação essa que lhe reclamará reajustes, mais tarde.

A nossa vitória só será real quando conquistarmos a elevação sobre nós mesmos, na consciência daquele que diz: hoje, eu cresci em conhecimento; hoje, eu fui melhor do que fui ontem; hoje, eu sou mais paciente, tenho mais coragem moral, sou mais prudente, mais calmo; hoje, eu cresci nos meus valores afetivos, nas minhas qualidades positivas...

Dos vários momentos da vida comum de Jesus, no convívio com seus discípulos, encontramos muitos nos quais Ele aproveita para nos ensinar sobre a humildade. Deles, vamos destacar um que nos parece bastante significativo: Estando em uma festa e observando o comportamento dos convidados, ensinou que, quando convidados, nunca tomássemos assento entre os primeiros lugares para que, ao chegar outro convidado mais considerado, o anfitrião não precisasse nos pedir para ceder nossos lugares. Mas, ao contrário, que buscássemos

os últimos lugares para que fosse motivo de glória o anfitrião nos convidar a tomar lugar de maior destaque.

Eis a valorização da humildade, pois só aquele que compreende a sua condição de aprendiz da vida por ser Espírito imortal, em constante processo de aprendizagem, pode ser humilde; e só pode ser humilde aquele que compreende que a posição de superioridade é acréscimo de responsabilidade espiritual para produzir o Bem, para amparar, para servir. Quanto mais sabemos, maior será nossa responsabilidade com esse saber e com o uso que fizermos dele.

Auxiliar a todos para que todos ao nosso redor se elevem, assim como desejamos também nos elevar é algo possível, realizável. Precisamos despertar e ver que milhões de criaturas, em posição inferior à nossa, nos pedem que estendamos nossas mãos, que abramos nossos corações em irradiações de entendimento, fraternidade, ajudando-as incondicionalmente.

Meus amigos, quando um cristão pronuncia as sagradas palavras "Pai Nosso", está reconhecendo não só a Paternidade de Deus, mas aceitando também, por sua família, a Humanidade inteira. Portanto, é nosso dever moral a assistência incondicional ao necessitado em qualquer esfera da existência, não importa onde, não importa quando e nem a quem.

Então, com vistas a isso, podemos nos fazer algumas perguntas todos os dias:

1 – Acredito na vitória do bem sem que me disponha a trabalhar para isso?

2 – Admito minha capacidade de errar a fim de aprender ou, acaso, me julgo infalível?

3 – Nas horas de crise, consigo me colocar no lugar da pessoa em dificuldade para melhor ajudar?

4 – Quando digo que não perdo quem me ofende, por acaso estarei acreditando que amanhã não precisarei do perdão de alguém?

5 – É possível que determinados companheiros me incomodem presentemente, no entanto, será que tenho vivido, até agora, sem incomodar ninguém?

Assim, a partir do momento em que modificarmos a nossa postura de orgulho diante da vida, já poderemos sentir-nos imediatamente mais felizes, porque bem-aventurados. Por essa razão Jesus ensinava incansavelmente o princípio da humildade como condição essencial à felicidade prometida.

Pub. – revista eletrônica O Consolador, edição nº 565.

Buscando respostas

– Por que sofro tanto?

– Por que tantas dificuldades à realização dos meus desejos?

– O que fiz para merecer tudo isso?

Estas perguntas, que fazemos com frequência, não estão ligadas apenas ao aspecto material da vida, mas, também, à saúde, à afetividade, aos problemas de ordem emocional, moral ou profissional. Por essa razão, Deus nos enviou Jesus, a fim de que Ele colocasse em nossos corações e em nossas mentes o entendimento das Leis divinas, através dos Seus ensinamentos que, de forma amorosa, nos convidam a meditar sobre esses pesares e dificuldades pelos quais passamos.

Deus não possui dois pesos e duas medidas, mas nós achamos que sim. Todas as vezes que os problemas nos pesam, pensamos que Ele é injusto, porque consideramos nosso sofrimento maior do que o do outro. Mas, ao contrário, se o outro sofre é porque deve merecer. Estabelecemos assim uma imagem de Deus à semelhança do homem: do homem que privilegia uns em detrimento de outros, que é parcial, que age por capricho; do homem que não percebe que, se Deus é bom para com ele, também é bom para com o outro. E se Ele é toda Bondade e Justiça – e sem essas perfeições não seria Deus –, então, a causa de cada sofrimento, seja grande ou pequena, também é justa.

O que dificulta nosso entendimento é não conhecer as

razões das nossas aflições. O Evangelho segundo o Espiritismo, em seu capítulo 5, consolando e trazendo esperança, nos mostra que elas podem ter suas causas ainda nesta encarnação ou em encarnações passadas. Assim, para procurarmos as causas atuais das nossas aflições, necessitamos compreender a essência dos atos que praticamos nas nossas atividades diárias, pois não basta obedecer às leis humanas, é indispensável que examinemos a qualidade dessas atitudes, pois aquilo que semeamos será devolvido a nós, porque isto é da Lei de Deus.

Somos livres para plantar, mas seremos obrigados a colher aquilo que plantarmos. E se consultarmos nossa consciência, na busca da fonte de tantas aflições, ela, certamente, nos dirá: "se não tivesse feito tal coisa, isso não teria acontecido e eu não estaria nessas condições"! Entretanto, ao invés de nos reconhecermos como criadores do próprio sofrimento, buscamos fora de nós essas causas. Primeiro culpamos a Deus, depois a sorte, depois outras pessoas e outras tantas causas. Na verdade, essas dificuldades são uma advertência de que andamos mal. Isso é tão verdadeiro que muitas vezes dizemos ou ouvimos dizer: "se soubesse antes o que sei hoje, quantas coisas teria evitado"!

Mas as causas desses sofrimentos também podem estar em plantios antigos, de outras vidas, feitos sem cuidado e que nos obrigam, hoje, a colheitas amargas. Dessa maneira, se hoje colhemos aflições e sofrimentos, certamente plantamos angústias e penalidades; se colhemos dificuldades materiais, devemos ter semeado o desperdício, pensando somente em nós, na satisfação egoísta de nossos desejos e caprichos; como, também, não podemos colher paz se semeamos discórdias, ou

colher alegria se plantamos tristezas, ou ainda colher amor se plantamos mágoas e desamor. É da Lei Divina que tudo retorna à fonte de emissão. Ademais, o ontem já passou e nada mais podemos fazer. Todavia, neste momento, através de uma mudança nas nossas atitudes, nos nossos pensamentos, podemos iniciar outra sementeira, com vistas a um futuro mais feliz. Cabe somente a nós mudarmos esse quadro, hoje. Se desejarmos no futuro uma colheita farta e de boa qualidade, precisamos cuidar do que estamos plantando hoje, agora, neste momento.

Jesus é o Grande Semeador e se Ele encontrar em nós solos propícios, adubados com a boa vontade, a esperança, o amor e a resignação diante dos desígnios de Deus, e não mais mágoas ou queixumes, as sementes que Ele depositar em nós brotarão e se cumprirá a promessa que Ele nos fez, em nome do Pai: aqueles que souberem aproveitar essas corrigendas que Deus nos dá, através dos sofrimentos, terão o Reino de Deus, terão a felicidade plena.

Muitos dizem que a felicidade não é deste mundo. Mas ela é sim. É do mundo de luz que cada um de nós cria dentro de si na luta contra as tendências inferiores, que nos afastam de Deus e que nos trazem um sentimento de desesperança e de profundo pesar.

A felicidade é deste mundo sim, não do mundo de necessidades fantasiosas, mas do mundo do amor ao próximo pela tolerância, pela aceitação do outro como ele é, pela alegria de ser útil sem querer nada em troca. Vamos, pois, fazer novos plantios, tornando-nos uma pequena luz a espalhar o exemplo do amor por onde passarmos.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) –
maio de 2006.

Caminhar para Jesus

Todos nós, em determinado momento da nossa existência, percebemos o quanto estamos cansados, desanimados, desesperançados de vivenciarmos sempre os mesmos problemas, que parecem não ter solução. Se ficarmos atentos a esses sinais, poderemos verificar que, na sua maioria, as dificuldades são o resultado das mesmas escolhas infelizes que fazemos, dos mesmos enganos que cometemos, esperando que as coisas mudem. Parece claro, portanto, que escolhas iguais não levam a soluções diferentes. E é nesse momento que nos damos conta, também, de que alguma coisa, em nós, está exigindo mudanças. É o início da tomada de consciência e da necessidade de transformações em nosso mundo íntimo.

Nosso problema aparece, assim, no como fazer isso. Caminhar para Jesus é, certamente, a resposta mais acertada. Mas, por que Jesus? Porque ninguém como Ele espalhou tanta alegria, esperança e fortalecimento de ânimo.

É verdade que encontramos na Terra muitas lágrimas e sofrimentos, e assim o é pelo grau de evolução no qual a humanidade terrestre que se encontra sobre ela vive, senão esse planeta seria o paraíso. Mas, apesar disso, Cristo nunca condenou os tristes e os que padeciam, ao contrário, procurou trazê-los para junto de si, consolando-os, dizendo: "Vinde a mim todos que andais em sofrimento e sobrecarregados, e eu vos aliviarei".

Afinal, que consolo era esse? O consolo que Seus

ensinamentos nos trazem, ainda, até hoje. Ensina Ele a termos fé na bondade e na justiça divinas, para que possamos recolher as benesses paternas. E agora, nesses tempos sombrios, mais do que nunca, Suas palavras são bálsamos em nossos corações.

Todavia, se é fácil ouvir Jesus dizer vinde a mim, como é difícil ir até Ele! É difícil porque os laços imediatistas que nos prendem aos bens terrenos ainda são muito fortes, apesar de nos sentirmos cansados, infelizes, vazios por dentro, percebendo que nos falta algo que não conseguimos definir. E quando já possuímos algum conhecimento evangélico, não temos paciência para aguardar o momento da ajuda divina, isso quando conseguimos solicitar tal auxílio e o orgulho não nos impede de fazê-lo; também temos pressa para ver cumprida a promessa de Jesus de que Ele nos aliviaria, como se os problemas que temos tivessem surgido de repente.

Não ignoramos que o melhor remédio para nossas aflições é a oração, mas como não conseguimos resolver os problemas, rapidamente, como desejaríamos, abandonamo-nos ao desânimo, ao desespero, à revolta, e julgamo-nos esquecidos pela providência Divina. Por essa razão, os Espíritos amigos convidam-nos, através das mais diferentes formas, à calma e à paciência.

Não podemos dizer que Jesus não nos inspira para adotarmos o caminho certo. A vida atual está repleta de recursos de comunicação e a vida espiritual não depende do tempo ou do espaço. Aqui, é uma mensagem nobre que nos chega através da televisão; ali, é o telefone que nos põe em contato com um amigo que pode nos ajudar, se quisermos; é a mensagem escrita e fraterna que vem até nós, através dos computadores, e às vezes de pessoas que

nem conhecemos; é a leitura edificante de uma crônica ou artigo, em um jornal ou em uma revista, escrita por alguém que admiramos, mas nunca vimos.

Assim, também, são nossas ligações com o Cristo. Jesus não é ausente ou símbolo morto, conforme lembra Emmanuel, estimado benfeitor espiritual. Ele é e sempre será para nós, os que declaramos aceitar-Lhe a governança de nossas vidas, o mentor vigilante e o exemplo vivo. Prometeu-nos, ao falar aos discípulos: “Eis que estarei convosco, todos os dias, até a consumação dos séculos”.

O Excelso Amigo permanece de braços estendidos, convidando-nos a nos submetermos ao seu doce amor. Os que creem sentem esse convite do Alto, mas a maioria, entretanto, não mostra firmeza para buscar-Lhe a companhia. Por essa razão, Jesus propõe recursos para nos libertarmos dessas sombras que nos envolvem como a inércia, a ignorância, o possessivismo etc. Mostra que é possível conquistar o equilíbrio, a harmonia, a luz interior.

E que recursos são esses? Jesus fala-nos do amor e da fé. Do amor que, sustentado pela fé, transforma-se em canal que nos liga a Deus – fonte inesgotável de Amor – a nos irrigar o Espírito, para nos revitalizar diante das lutas redentoras. Aquele que crê e ora recebe as forças espirituais vindas de regiões inacessíveis a nós, por enquanto, produzindo harmonia e luz permanentes em seu mundo íntimo, que se reflete ao seu redor, envolvendo tudo e todos. Esse canal coloca-nos em sintonia com mentes superiores e nos impregna de energias saturadas de paz. Nesse momento, é de fundamental importância não nos entregarmos ao desânimo ou ao pessimismo, não importa o motivo que nos levou a orar, para não impedirmos que esse canal seja obstruído por sentimentos

e pensamentos negativos.

Diante de qualquer situação aflitiva ou conflitante, tranquilizemos a vida ao nosso redor, o quanto for possível, para que as bênçãos do Pai cheguem até nós, pois tudo se encaminha para a paz, para a harmonia e a fraternidade. Tudo o mais é transitório, passageiro, porque é da lei do progresso que toda treva se encaminhe para a luz; que toda ignorância seja superada pela sabedoria; que todo egoísmo se transforme em fraternidade; e que todo ódio seja substituído pelo amor.

A luta redentora que enfrentamos hoje, resultado de escolhas infelizes e ilusórias, muitas vezes de um passado não tão distante, precisa ser vista e sentida como uma oportunidade abençoada de reparação em direção a Jesus. O Mestre está trabalhando a nosso favor, mas precisamos fazer a nossa parte, pois não vale ter esperança na inércia, na preguiça, no descaso diante das dificuldades. Ele está conosco todos os dias. E nós, estamos com Ele? Façamos essa pergunta à nossa consciência e busquemos uma resposta verdadeira, transparente, sem disfarces ou desculpismos dentro de nós.

Será que o fardo que Jesus nos propõe de sermos mais humildes, mais caridosos, mais fraternos, não desistindo dos ideais de beleza interior, de não cedermos espaço ao mal, de não negociarmos com as tentações de qualquer tipo, de permanecermos de consciência reta é mais pesado que aquele que carregamos hoje? Estamos todos a caminho. Uns mais na frente que outros. Não será a hora de aproveitarmos as oportunidades que diariamente nos são oferecidas? O Senhor está conosco esperando que estejamos com Ele.

Pub. – O Consolador – edição nº 628.

Caridade e riqueza

Na lição 49, do livro *Palavras de Vida Eterna*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito Emmanuel, o Instrutor espiritual busca no Evangelho de Paulo, na carta aos Efésios, capítulo 2, versículo 10, a inspiração para seu conteúdo. Nessa epístola, o apóstolo Paulo chama a atenção para o fato de termos sido criados iguais a Jesus. Vale dizer que trazemos, assim, dentro de nós, os mesmos dons que sustentaram e objetivaram Sua caminhada sobre o planeta; os mesmos dons que Ele espalhou a todos os corações que ainda buscam compreender Seus ensinamentos. Durante esses séculos e com a consciência mais esclarecida pela razão, vimos procurando conquistar valores iluminativos, não sem sofrimentos e muito pouco sucesso.

E por que caminhamos tão pouco e tão lentamente? Precisamos entender que nosso campo de luta não está fora de nós, no outro – que temos em conta mais como adversário do que como companheiro de jornada –, mas sim, situado em nossa vida íntima. E por isso sofremos. A animalidade ainda tão presente em nós – porque ainda estamos fortemente ligados aos bens materiais – teima em lutar com a espiritualidade que insiste em despertar, em nós, porque somos Espíritos imortais à procura de luz. É o homem velho, caracterizado pelo preconceito de todos os matizes, pela intolerância com o engano alheio, pelo egoísmo que nos coloca como centros do mundo, que permanece em luta contra o despertar do homem novo, cósmico, espiritualizado que, “pouco a pouco entre as

alternativas de vida e de morte, renascimento no corpo e retorno à atividade espiritual, vai plasmando em si mesmo as qualidades sublimes, indispensáveis à ascensão, e que, no fundo, constituem as virtudes do Cristo, progressivas em cada um de nós”.¹⁷

Todos esses dons, que também são de Jesus, podemos compartilhar, distribuir aos nossos semelhantes no eterno trabalho no bem.

Acreditamos, muitas vezes, que somente o bem material pode ser a base da caridade, e com isso nos esquecemos da imensa riqueza que o Mestre espalhou sem ter, contudo, onde repousar a cabeça. Nada tinha de seu e, assim mesmo, levou aos aflitos o remédio para seus males; o Seu amor por todos os homens, bem maior, cuja aquisição ouro nenhum compra.

Desse modo, todas as vezes que procuramos harmonizar, ou, no dizer de Emmanuel, aclimatar as qualidades cristãs em nós mesmos – não importa onde estivermos –, estaremos nos convertendo em instrumentos milagrosos para a exteriorização do bem. Estaremos, sem dúvida alguma, multiplicando as graças de Deus ao nosso redor, beneficiando primeiro a nós próprios para depois chegarmos aos companheiros necessitados.

Procuremos, pois, observar o que temos de melhor a fim de poder dilatar essa parte boa que possuímos – e às vezes ignoramos – ao infinito se verdadeiramente desejarmos. Se não temos o bem material para minimizar a dor alheia, não faz mal! Emmanuel aconselha, judiciosamente, a todos nós, a oferecer aprovação e estímulo no bem, não importando se a ação é simples ou

17 XAVIER, F.C. *Fonte Viva*, ditado Espírito Emmanuel - 16ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1988 - lição 25.

de relevância; para socorrermos com nosso apoio e conforto a dor daqueles que sofrem; para que levemos compreensão e esperança aos amigos, companheiros de trabalho ou, simplesmente, aos conhecidos, espalhando ternura, alegria, ajuda espontânea e fraternidade a quem necessite, começando pelos nossos familiares; e para que aprendamos a receber com gentileza e bondade aqueles que nos procuram. Como podemos perceber, não necessitamos ter recursos financeiros para iniciar a tarefa no bem. Com o conhecimento evangélico que já possuímos, somos capazes de atender aos nossos companheiros de jornada.

Conforme pondera o Instrutor espiritual na mensagem sobre a qual refletimos: "lembra-te que o amor é inesgotável na fonte do coração e de que Jesus, ainda hoje, com Deus e com amor, vem multiplicando, dia a dia, os eternos tesouros da Humanidade".¹⁸

Pub. – Jornal O Semeador (FEESP) – fevereiro de 2002

18 Idem - *Palavras de Vida Eterna* - 20ª edição - Edição CEC, Uberaba/MG – 1995 - lição 49.

Como “viver” o Espiritismo

Quando Allan Kardec foi questionado de que forma poderíamos “viver” o Espiritismo, ou seja, de que maneira poderíamos ser espíritas verdadeiros, a resposta dele não deixou dúvidas: “vós tendes uma senha que é compreendida de um ao outro extremo do mundo: a caridade”. Essa resposta nos dá a exata medida de como deve ser a nossa atitude em relação à Doutrina. Precisamos “encarnar” a mensagem espírita em nossas atitudes no mundo, de maneira a mostrar a esse mesmo mundo a grandeza do que abraçamos, e não somente aparentarmos essas atitudes pelo simples fato de frequentarmos uma casa espírita, ou porque compreendemos seus postulados.

A mensagem espírita de que “Fora da caridade não há salvação”, uma das bandeiras do Espiritismo, nos remete a pensar na necessidade de colocar em prática, de forma urgente e definitiva, o maior mandamento que Jesus nos deixou como ponto de partida para o nosso progresso: “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos”. E não existe, no nosso entendimento, melhor forma de vivenciar esse ensinamento senão pela prática da caridade para com todos.

Mas o que é caridade? *O Evangelho segundo o Espiritismo*,¹⁹ em seu capítulo 13, diz que caridade é amor em movimento. Assim, qualquer atitude, palavra ou pensamento no bem, endereçados a alguém, é movimento de forças do Amor em benefício do outro e, principalmente,

19 Kardec, Allan – *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora LAKE – 1989 - Capítulo 13.

de quem o pratica.

É difícil conquistar esse entendimento? Nem tanto. Jesus veio em nosso socorro quando nos alertou para a necessidade de nos colocarmos no lugar do outro antes de agirmos. O “não faças ao outro o que não queres que seja feito a ti”; o “perdoai para serdes perdoado”; o “buscai e achareis” são apenas alguns exemplos do sentimento de caridade que podemos ter para com o outro. Assim, percebendo as consequências dos nossos atos ou de nossas palavras no coração alheio, poderemos avaliar o mal que estamos fazendo, pois nossos corações também sangrariam se alguém agisse da mesma maneira conosco; perdoadando aquele que nos ofendeu, às vezes sem perceber que o fazia, estaremos agindo com caridade duas vezes: a primeira para conosco, porque um grande fardo sairá do nosso coração; e a segunda, porque estaremos dando ao outro a oportunidade de se corrigir ao ver em nós um exemplo real de entendimento fraterno; e buscando ajudar aquele que sofre dores morais ou físicas, levando às vezes, tão somente, um sorriso amigo, encontraremos mais adiante alguém que nos ajudará quando formos nós os necessitados de caridade.

Pensamos quase sempre no bem material – necessário sem dúvida, mas não tão importante quanto o moral – ao nos referirmos à caridade e, no entanto, são inúmeras as formas pelas quais ela pode se manifestar: no benefício do ombro amigo, na carta consoladora, nas palavras de esperança, no fortalecimento da fé, na alegria compartilhada, na indulgência com os enganos alheios, na visita ao doente, no abraço fraterno, no pão que alimenta... São tantas as faces pelas quais a caridade se manifesta que, dificilmente, por menos recursos que tenhamos, não deixaremos de encontrar alguma forma de

praticá-la. Não se poderá dessa maneira dizer-se espírita sem buscar essa consciência espírita dentro de nós, através da renovação dos nossos sentimentos em vista do que aprendemos: “Fora da caridade não há salvação”.

O importante é não esperarmos nos santificar para iniciar a tarefa. Não necessitamos nos tornarmos bons primeiro para depois trabalharmos no bem. O dia para esse início é hoje e o momento é agora. Não há mais por que adiarmos a nossa renovação, e só conseguiremos essa vitória se entendermos que a caridade se concretiza em nossas vidas, sobretudo em nossos corações, quando aprendermos a silenciar os nossos lábios e nossos pensamentos em relação ao que praticamos.

Somente Deus precisa saber do bem que fazemos. Somente nossa consciência poderá nos dizer se estamos no caminho certo.

Pub. - Jornal Espírita (FEESP) – setembro de 2005.

Compreendendo

No capítulo 21 do livro *Palavras de Vida Eterna*, de autoria do estimado benfeitor Emmanuel, trazido até nós pela bendita psicografia de Francisco Cândido Xavier, encontramos a postura amorosa de um verdadeiro terapeuta espiritual que, em nome de Jesus Cristo, vem-nos despertar para a realidade do Espírito. Por essa razão, talvez, tenha a sua mensagem o título de “Compreendendo”, no qual compreender significa, também, conter em si. Conter na própria consciência a verdadeira identidade. Esta é a meta. Com essa compreensão, somos capazes de transformar por completo a nossa existência, somos capazes de transformar o próprio destino.

Para nos trazer esta mensagem, Emmanuel buscou no Novo Testamento inspiração na Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios e destacou do seu capítulo 4 o versículo 7, para chamar nossa atenção sobre as possibilidades luminosas que cada um guarda em si mesmo, e que nem sempre delas tem consciência, ou se sabe utilizá-las com sabedoria em benefício da própria existência.

Para entendermos esse pensamento de Paulo, temos antes que refletir sobre os acontecimentos que marcaram a história do Apóstolo. Saulo era seu nome, e após seu encontro com Jesus, em Espírito, às portas da cidade de Damasco, compreendeu a imortalidade espiritual da criatura humana, e com esse entendimento pôde, finalmente, crer em Jesus a quem perseguia, transformando-se em um novo homem: Paulo.

Os historiadores que pesquisaram, e que ainda pesquisam a origem do Cristianismo declararam-se perplexos e se perguntaram como teria conseguido sobreviver uma pequena seita judaica, porque assim eram considerados os primeiros seguidores de Jesus, se foram praticamente exterminados pelos romanos no massacre de Jerusalém que curiosamente ocorreu trinta e três anos após o desencarne do Mestre, e perdurou por quatro anos até o ano 70 d.C. Perguntavam-se também como teria sido possível a expansão do Evangelho por todo o mundo se seus seguidores, praticamente, haviam sido exterminados. A pergunta não deixou dúvidas: a expansão dos ensinamentos de Jesus deu-se graças a Paulo de Tarso, por isso considerado o maior divulgador. Foi ele quem permitiu que a Boa Nova atravessasse todas as fronteiras, vencendo tempo e espaço, marcando a própria história da Humanidade. Mas o que nos chama a atenção é que esse trabalho de divulgação realizado pelo apóstolo ocorreu de maneira incomum. Após a sua conversão religiosa, enfrentou dificuldades e obstáculos imensos: foi rejeitado no seu próprio meio familiar, considerado desertor no seu círculo íntimo de amigos, considerado subversivo pelas mesmas autoridades que antes havia liderado, tendo sido, portanto, deixado no mais absoluto abandono. Por outro lado, padecia a desconfiança dos cristãos que antes havia perseguido, de forma que, em sua trajetória para a divulgação do Evangelho, nunca encontrou facilidades. Sofreu abandono, incompreensão, passou frio, fome, foi perseguido, sofreu acidentes, adoeceu, foi apedrejado, espancado, mas, a cada revés, espantosamente, se fortalecia.

Quando preso, impossibilitado de pessoalmente continuar divulgando os ensinamentos de Jesus, não se

acomodou e começou a escrever as suas cartas para continuar orientando aquelas primeiras comunidades cristãs nascentes, cartas que estão contidas no Novo Testamento, com a denominação de Epístolas, e que até hoje nos servem de fonte de orientação espiritual na vivência do Evangelho.

Mas a questão que nos interessa saber é onde Paulo de Tarso encontrou forças, coragem, bom ânimo para agir com tanto destemor e determinação. Nessa mesma carta aos Coríntios, o apóstolo revelou que apesar de todos os seus padecimentos, a tarefa que havia abraçado em nome de Jesus era uma bênção, considerando-a uma concessão da Misericórdia Divina. Encontrava-se cercado de tribulações, é verdade, mas nunca se sentiu angustiado; achava-se perplexo, mas em momento algum experimentou desânimo; apesar de perseguido, jamais se sentiu desamparado, e ainda que fisicamente abatido no seu íntimo, nunca se sentiu destruído.

Apesar de todos os percalços que enfrentava, pela sua compreensão espiritual da vida, prosseguia firme na realização de seus objetivos. Como entender sua autoconfiança, essa vitória íntima de Paulo?

Sua vida exterior era um caos, mergulhada em adversidades e, no entanto, narra que no seu íntimo sentia-se pacificado, fortalecido, sereno. Como isso é possível? Vamos encontrar a resposta neste trecho da mesma epístola que Emmanuel destacou para nos auxiliar. Paulo escreve: "*Temos, porém, este tesouro em vasos de barro para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós*". Referia-se ele ao poder de realização que todos possuímos, e que, por ter compreendido Jesus, soube utilizar sem hesitações. Confiava no seu ideal e no trabalho que estava realizando, pressentia o resultado positivo do

seu esforço, antes mesmo do surgimento de qualquer evidência que pudesse justificar sua luta, que aos olhos de muitos era insana. E assim procedia por ter consciência do seu poder, mas com a lucidez de reconhecer que o poder que manifestava não era dele, Paulo, mas de Deus. Afirmou então que este tesouro do bem, do poder, do amor que todos possuímos é manifestação de Deus em nós. Somos comparados pelo apóstolo a vasos de barro, criaturas frágeis, mas com um poder de realização no bem ilimitado, porque vem de Deus e não de nós.

Quando conduzimos a nossa existência em afinidade com os valores superiores do amor, sobretudo quando agimos com caridade de uns para com os outros, nos transformamos em canais do Amor Divino por onde fluem graças que nem suspeitamos, possíveis de serem realizadas. Na visão realista de Paulo, somos vasos de barro, sim, mas capazes de transportar uma grande riqueza que a nossa fragilidade não nos impede de abrigar: o Amor de Deus. Será que não teríamos nesse pensamento a explicação para a visão espiritual de Jesus de que somos luzes? Somos criaturas espirituais com responsabilidades imensas de zelarmos pela nossa vida, mantendo mente e coração elevados.

Com base nisso, reflitamos: por mais pura, límpida, cristalina, brote a água da fonte, se colocada num vaso contaminado ela também se contaminará e não poderá cumprir sua finalidade elevada na Natureza. Podemos fazer uma comparação conosco, no campo do Espírito: se nos cuidarmos bem, zelando pela nossa higiene mental, sustentando bondade e otimismo no campo dos nossos sentimentos, sem dúvida estaremos nos colocando na condição de vasos perfeitos para abrigar o amor de Deus, renovando nosso destino.

Do plano espiritual, benfeitores nos orientam em suas mensagens para cultivarmos a fé no Pai Celeste. Planejarmos metas de vida elevadas, cultivarmos atitudes construtivas, ampliarmos nossa capacidade de amar e servir, não será este o caminho se desejamos uma vida melhor? A nossa capacidade de progresso é ilimitada em todas as direções por ter o progresso sua fonte no manancial divino.

Espiritualizar-se é afinar a si mesmo para produzir o progresso para o qual estamos destinados.

Desta forma, Emmanuel traz nesta mensagem, alvo de nossas reflexões, o incentivo para não desertarmos da luta que devemos travar conosco, para a predominância do bem em nós. Se do Alto vertem incessantemente forças superiores em nosso benefício, sintonizar com essas forças é tarefa pessoal que ninguém pode realizar por nós.

Mas como proceder? Por onde começar? O benfeitor espiritual aconselha a nos valorizarmos mais, pois temos a inclinação de superestimarmos as nossas limitações. Temos o hábito de focalizar nossa mente no que é negativo. Todavia, carregamos conosco, de existências pretéritas, imperfeições, vícios, más tendências, mas, também, carregamos uma bagagem positiva de qualidades boas, de valores morais que hoje nos permitem essa mudança de foco para o que temos de positivo e de construtivo. Através da atitude de valorizarmos o que temos de bom em nós, vamos neutralizando os aspectos menos nobres da nossa personalidade. É para isso que reencarnamos: para progredirmos.

O Espiritismo, reconhecido como o Consolador Prometido por Jesus, tem oferecido alívio para as aflições humanas por esclarecer a causa dos sofrimentos, levando-

nos à resignação. Almas juvenis que somos a caminho da evolução, à medida que crescemos em maturidade espiritual, cada vez mais nos dispomos a abraçar nossos deveres sem vacilações. Desta forma, vamos conquistando as melhores oportunidades de aprendizado, de reajuste e de evolução espiritual.

Assim podem ser descritas nossas experiências terrenas: como oportunidades de crescimento. Os conflitos, os obstáculos, as dificuldades se alternam ou se acumulam nos problemas de relacionamentos familiares, de ordem profissional, de ordem afetiva, de saúde ou materiais que todos, sem exceção, conhecemos muito bem. No entanto, o que precisamos compreender é que, neste estágio evolutivo no qual nos encontramos, os problemas são inevitáveis, por servirem de alavancas para nosso crescimento.

Problema não é castigo, mas, sim, alavanca de progresso. A verdade é que temos sofrido mais do que necessitamos, senão vejamos: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo 4, 'Bem-Aventurados os Aflitos', esclarece que muitos dos nossos sofrimentos poderiam ser evitados. Isto quer dizer que muitas das experiências dolorosas que vivenciamos não foram programadas para acontecerem nesta existência, mas têm sua origem em causas atuais, provocadas pelo nosso próprio comportamento desajustado, representando uma notável parcela.

O Evangelho nos orienta a trabalharmos pelo nosso aperfeiçoamento e é exatamente o que propõe Emmanuel, independentemente das sombras da nossa personalidade que não devemos permitir nos paralisem. Somos constantemente aconselhados a fortalecer os pontos positivos que todos nós possuímos e que só será possível

se nos educarmos moralmente, aprimorando-nos espiritualmente. Essa educação e esse aprimoramento, ainda que não percebamos, já estamos realizando no nosso dia a dia através de atitudes fraternas que vamos incorporando à nossa conduta e que, com o tempo, surgirão espontaneamente em nosso comportamento. Um gesto de paciência e de perdão com aquele familiar difícil, a boa vontade e a tolerância com nosso vizinho, um gesto solidário com aquele que esteja em necessidade são atitudes próprias do comportamento cristão que, gradualmente, anulam o egoísmo em todas as suas formas de expressão, sentimento destruidor para quem o possui e para aqueles que lhe servem de alvo.

A nova terra prometida por Jesus é aquela que se refletirá do exercício pleno do amor que cada um contém em si. Quando cada um de nós colocar em prática o ensinamento do amado Mestre de amar ao próximo como a si mesmo, viveremos em paz e fraternidade.

Paulo de Tarso confiou nessa promessa e compreendeu que era capaz de auxiliar na construção da nova terra. O seu esforço excepcional superou até mesmo a barreira do tempo e continua produzindo doces frutos até hoje entre nós. Venceu a si mesmo superando a fragilidade humana.

Após conhecermos um pouco da história desse bravo cristão e refletirmos sobre as palavras de Jesus, não temos mais por que duvidar da nossa capacidade de realização, seja na esfera dos nossos interesses particulares, seja no campo das aspirações sublimadas. Enfermos pela força da fé se curam; pais e mães, amparados pela força do amor, salvam seus filhos da ruína; pessoas de condições as mais modestas, desprovidas de recurso, têm erguido obras admiráveis de amparo coletivo: fundam creches, hospitais, asilos, albergues, minorando o sofrimento de milhares de

irmãos nossos em rudes provações. Quem não se comove diante das obras de amor de Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, apenas citando alguns poucos? Todos, simplesmente, irmãos nossos que compreenderam e exercitaram a sua fé sem esmorecer.

Exaltamos Deus no Seu poder, na Sua glória, na Sua bondade e na Sua justiça quando estamos curados, quando recebemos o alívio para nossas aflições ou quando estamos relativamente felizes ou em paz. Mas a nossa fé é instável, hoje cremos, amanhã descremos, segundo nossas conveniências atendidas ou não. Somos assim, criaturas frágeis. Todavia, Emmanuel nos consola dizendo para não nos espantarmos diante desse conflito da luz e da sombra dentro de nós, para seguirmos a luz a fim de encontrarmos o caminho.

O estimado benfeitor espiritual conclui sua mensagem em plena concordância com Paulo de Tarso, e confirma que todo o bem que abrigamos, os nossos dons, a nossa inteligência, as nossas boas qualidades são tesouros do Senhor, que na feliz definição do apóstolo, transportamos no vaso da nossa profunda inferioridade, para que saibamos reconhecer que todo amor, toda sabedoria, toda beleza da vida não nos pertence de modo algum, mas, sim, à glória do nosso Pai, a quem nos cabe obedecer e servir, hoje e sempre, porque Jesus nos assegurou que se nós, sendo maus como somos, sabemos dar boas coisas aos nossos filhos, quanto mais nosso Pai que está nos céus! Isto significa que em momento algum podemos duvidar do amparo de Deus. Tudo quanto, pois, queremos que nos façam, assim também fazamos nós aos outros, porque esta é a lei e os profetas. Assim ensinou Jesus.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 606.

Conduta Espírita ante as tribulações

A Doutrina Espírita esclarece-nos aspectos importantes de nossa trajetória nesse mundo, quais sejam:

- tudo o que plantamos, colhemos. Portanto, somos responsáveis pelos nossos pensamentos, palavras e ações, e por todas as mentes externas que atraímos em razão dos nossos sentimentos, ainda, tão desarmonizados ante as Leis de Deus. É a aplicação prática da Lei de Sintonia, das afinidades entre os que se atraem;

- que, com isso, criamos um quadro de resgates que necessitamos liquidar a fim de nos harmonizarmos com nossa própria consciência;

- que, se não podemos fugir da Lei de Ação e Reação ou Lei de Causa e Efeito, podemos, todavia, escolher de que forma iremos vencer todas as dificuldades que nos cercam a existência.

Apresentam-se, assim, dois caminhos: um, de otimismo, de fé na Providência Divina e na assistência dos bons Espíritos, de esperança e de confiança em nós mesmos, pois sabemos ser filhos de Deus com infinitas capacidades para vencer – em cada fase da nossa evolução – as dificuldades inerentes a ela. O outro é o caminho da revolta ante os problemas que nos afligem, pela não aceitação de que somos os únicos agentes desses tropeços pelos quais passamos nesta encarnação; de desesperança; de atitudes que remetem aos outros as responsabilidades que são só nossas pelas próprias desventuras.

O primeiro é o bem sofrer, já que é inevitável essa

condição frente o que determina a Lei. O outro, é o mal sofrer cujas atitudes levam a um aumento das aflições que já possuímos, acrescentando ao sofrimento já existente um quadro de desequilíbrios forjado por nós mesmos, fruto das nossas escolhas equivocadas pela destemperança, caprichos e desejos de todas as ordens. Dois caminhos, uma escolha.

Jesus nos ensina que quando começamos a entender o valor educativo das aflições, nossa mente se eleva aos planos mais altos da vida. No início, essas corrigendas doem e as experiências pelas quais necessitamos passar, como alunos reprovados que necessitam refazer o ano, machucam-nos a alma. Mas, se conseguimos vencer as primeiras provas, as lutas que se seguirão serão consideradas, por nós, como alimento espiritual, porque entendemos que é só através do trabalho diário contra as imperfeições que se dará a nossa melhora como criaturas de Deus que somos. Todo Espírito consciente esforça-se e luta, adverte o Evangelho, num trabalho individual, intransferível e absolutamente solitário.

Então, o que Jesus pretendeu ensinar quando disse: "Bem-Aventurados os aflitos porque deles é o Reino dos Céus?" Não estava se referindo, certamente, àqueles que desanimam diante das dificuldades como forma constante de conduta. Deus que é justo não poderia oferecer, através de Jesus, o Seu Reino de Paz, o mundo de felicidade plena àqueles que não têm coragem, que não perseveraram e que se revoltam diante dos Seus desígnios. Se Ele recompensa quem luta para vencer as dificuldades, não poderia premiar a quem foge dela. Ele não tem dois pesos e duas medidas.

E se não temos essa coragem, onde buscá-la? O próprio Jesus nos convida quando diz: "Vinde a mim vós

todos que estais atribulados e eu vos aliviarei”.²⁰ Assim, buscando Jesus na prece, acreditando que não há órfãos na Criação e que somos capazes de vencer essas dificuldades – certamente com muito esforço –, torrentes de bênçãos cairão sobre nós, encorajando-nos, sustentando-nos a prosseguir na jornada sem esmorecimento, sem fraquejar.

Temos ouvido, frequentemente, que Deus não dá carga maior do que aquela que podemos carregar, e parece que não acreditamos muito nisso, pois estamos sempre nos queixando de que nossos problemas são maiores que os dos outros, ou que são insolúveis, ou que somos abandonados por Ele.

A Doutrina Espírita ensina que só trazemos débitos que podemos resgatar, mesmo que queiramos mais para apressar nossa evolução. Isto, porque quando retornamos ao corpo material nos esquecemos, temporariamente, dos compromissos assumidos e, bombardeados pelas tentações da matéria, quase nunca conseguimos cumprir todo o nosso programa reencarnatório. Assim, se a nossa carga é proporcional às nossas forças, a recompensa pelo nosso esforço também será proporcional aos resultados que obtivermos nas nossas lutas.

Refletindo sobre isso, podemos entender por que a vida é cheia de tribulações. É que a recompensa pelos esforços deve ser merecida. Se não há tribulações, não há luta. Se não há esforços, não há recompensa. E se assim não fosse, como poderia Deus avaliar nossa conduta? Travamos verdadeiros combates contra nós próprios, buscando nos tornar melhores a cada dia, combates esses muito maiores do que aqueles vividos em um campo de

²⁰ KARDEC, Allan – *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora LAKE - São Paulo/SP - Capítulo 5 – item 18.

batalha, conforme nos esclarece o Evangelho. Convida-nos a pensar sobre isso, alertando para o seguinte: O homem que vence a si próprio e aprende a dominar sua cólera, seus impulsos de impaciência, seu desespero, não recebe nenhuma medalha por isso, mas Deus lhe reserva um lugar glorioso, pois é recebido como um grande soldado, que pode dizer: "Fui mais forte, pois venci a mim mesmo".

E Emmanuel, estimado Instrutor Espiritual, adverte-nos, ainda, com a seguinte frase: "Não te perturbes, pois, diante da luta, e observa. O que te parece derrota, muita vez é vitória. E o que te afigura em favor de tua morte é contribuição para o teu engrandecimento na vida eterna".

²¹ Não basta, assim, sofrer simplesmente para ascender à glória espiritual ²², pois no cadinho das experiências, todos sofrem. Como nada existe de inútil no Universo, perguntemo-nos: "O que Deus quer que eu aprenda com isso?", e busquemos a resposta no fundo de nossas próprias consciências.

Pub. – Blog Autoconhecimento e Autotransformação, em 31/agosto/2013.

21 XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 16ª edição – Editora FEB - Brasília/DF – 1988 - lição 16.

22 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 14ª edição – Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1996 - lição 80.

Condutores da Existência

"Vivemos, hoje, não em função exclusivamente das circunstâncias, mas em esforço de recomposição de tudo aquilo que desarticulamos, por ignorância, nos dias pretéritos." – Emmanuel.

A Humanidade vive, hoje, dias tumultuosos com terríveis situações de conflito que se instalam entre os povos e no íntimo da própria criatura. Diante desse quadro, não nos é difícil observar que estamos colhendo o que semeamos em remotos pretéritos – e alguns não tão remotos assim –, obrigando-nos a resgatar nossas próprias atitudes equivocadas, mas nos constringendo, por mais paradoxal que possa parecer, a marchar para a felicidade, construindo, apesar de tantas iniquidades, um mundo melhor, um mundo de regeneração do qual nos falam os Espíritos Superiores.

Esse conflito íntimo surge no momento em que iniciamos a conscientização de que somos seres espirituais, vivendo experiências práticas na matéria, e não seres materiais, vivenciando algumas experiências espirituais. Nossa luta tem um inimigo oculto que não conseguimos identificar – ou não desejamos, porque, para fazê-lo, precisaríamos ter a coragem de nos olharmos no espelho e nos aceitarmos como somos, verdadeiramente – por não dispormos de informações suficientes sobre nós próprios, em função do momento evolutivo em que nos encontramos.

Hoje, desejamos cultivar a humildade, mas ainda temos o orgulho dentro de nós que nos impede de olhar,

horizontalmente, enxergando o próximo e, verticalmente, buscando Deus. Hoje, já ensaiamos atitudes de generosidade, de altruísmo, mas o fantasma do egoísmo ainda está presente em nós, através da ambição desmedida, do desejo insaciável pelo qual não nos basta ter apenas o necessário, mas, também, o supérfluo.

Deflagra-se, assim, a luta do homem, que começa a se esclarecer à luz do Evangelho Redentor, contra o homem que insiste em portar a vestimenta ilusória do poder, da sedução pelo dinheiro, pelo sexo, pelo cargo de destaque, pelo nome ilustre e tudo mais que possa excitar os sentimentos inferiores que ainda lhe dominam.

O conflito que se estabelece é entre *o que ainda somos* (e não aceitamos por nos julgarmos muito melhores) contra *o que desejamos ser* (e julgamos, efetivamente, sê-lo). Vivemos o presente, é verdade, respirando o passado, como nos alerta Emmanuel. Se aceitássemos os nossos problemas, teríamos, certamente, metade deles resolvidos; e a outra metade, o tempo se encarregaria de dar solução.

Somos Espíritos em desenvolvimento com algumas pendências a serem resgatadas – é a nossa conta-corrente espiritual que está no vermelho – e que vão exigir de nós alguns sacrifícios e renúncias, para que sejam saldadas, e que nem sempre estamos dispostos a realizar. Mas existem muitas formas de se fazer isso, uma vez que sempre teremos desafios à nossa frente, e que não nos infelicitem a existência.

Assim, se encararmos com desespero, sem fé, com sentimento de revolta contra Deus, estaremos gerando, em nós, um quadro de desequilíbrios que só nos dificultará a solução dos mesmos. Ficaremos enfraquecidos e sem

aproveitarmos a oportunidade de crescimento. Por outro lado, se mantivermos a postura de fé, de confiança na Providência Divina que sempre nos ampara, nos Espíritos amigos que sempre estão prontos a nos ajudar, mudaremos nosso campo mental, aproximando-nos, mais rapidamente, da solução desejada.

Todavia, é sempre bom, em qualquer situação aflitiva que surja, adotarmos atitudes de otimismo, através de leituras edificantes – que renovam a mente e o Espírito –, de um lazer saudável, que são formas terapêuticas que nos levam a enxergar melhor a dificuldade, dando a ela a verdadeira dimensão que possui. E somando-se a isso, posturas positivas inspiradas pela ação do bem, do amor, da compaixão e, sobretudo, da caridade em relação a nós e aos que nos cercam. O trabalho voltado para o bem nos protege para não cairmos, novamente, nas mesmas armadilhas que o egoísmo e o orgulho armam; e nos fortalece para suportarmos com dignidade e calma os problemas que nos cercam a existência.

Não podemos perder de vista, nesse processo, que esses desafios, bastante difíceis, são as consequências das nossas ações infelizes que na maioria das vezes pedimos ou aceitamos para nos libertarmos da cobrança de nossa própria consciência, que nos acusará de delitos que praticamos, não importa quando nem onde estivermos. O passado alcança o Espírito irresponsável, exigindo reparação.

São essas consequências que retornam a nós por nossa rebeldia ante as Leis divinas, que servirão para burilarmos a inteligência, os sentimentos, fazer com que modifiquemos nossa forma de olhar o mundo e as pessoas, e que despertarão, em nós, o homem de bem que jaz adormecido desde a nossa criação.

A Doutrina Espírita vem em nosso auxílio quando nos traz sua mensagem de esperança que esclarece, reconforta e consola, porque informa que somos os únicos artífices das vestimentas que queremos usar e que não estamos sozinhos, porque não há órfãos na Criação.

Mas o ontem já passou e nada mais podemos fazer. Colhemos hoje o que semeamos ontem. Entretanto, neste momento, através da nossa vontade e discernimento, estamos mudando para melhor, alterando nosso pensamento para atitudes de otimismo, de confiança em Deus e na nossa capacidade de renovação íntima. Estamos fazendo valer, a partir de agora, o nosso direito de sermos os condutores da nossa existência, modificando o presente para usufruirmos de um futuro brilhante, pois, afinal, estamos trabalhando para o nosso progresso espiritual.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo, janeiro de 2007.

Liberdade! Liberdade!

Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós! O refrão do samba carnavalesco nos faz supor a ideia de que liberdade é algo fora e acima de nós, ideia mais ou menos presente na consciência coletiva do homem que, quando desejoso de voar, construiu asas de cera. É Ícaro, representando essa humanidade. Essa mesma ideia encontramos também nos desejos de velocidade, de mergulho em profundezas oceânicas ou simplesmente na vontade de sentir o vento batendo no corpo. A sensação, em todos os casos, é física. Algo exterior a nós que almejamos conquistar. Todavia, liberdade é mais um estado consciencial do que tátil, caracterizando a individualidade do Ser, na sua maneira de ser, agir, expressar-se diante dos outros, estabelecendo as relações com o próximo e com Deus.

Na questão 833, de *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta se há no homem alguma coisa que escapa a todo constrangimento e pela qual ele desfruta de uma liberdade absoluta. E os Espíritos respondem que "É no pensamento que o homem goza de uma liberdade sem limites, porque não conhece entraves. Pode-se deter-lhe o voo, mas não aniquilá-lo". Estabelece-se, assim, no nosso entender, que somente o próprio homem, através do seu pensamento, determina se é ou não livre e que não depende de sistemas político, social, econômico ou religioso a "sensação" de liberdade. Sob esse ponto de vista, enquanto o homem estiver preso a interesses materiais, amarrado às imperfeições morais que lhe balizam as reencarnações, ele não se sentirá liberto. Ele próprio se

fixa, cada vez mais, à matéria e à conseqüente escravidão que se impôs, através do egoísmo, do orgulho, da vaidade, da ambição etc. São as amarras psicológicas que lhe mantêm escravo de si mesmo. Daí a importância da autolibertação. Autolibertar-se não significa fazer tudo quanto achar necessário e conveniente à conservação e ao desenvolvimento de sua vida, pois que essa liberdade não é absoluta. O homem vive em sociedade e tem o dever de respeitar esse mesmo direito em cada um, conforme nos lembra Kardec.²³

A evolução do homem através do desenvolvimento intelectual e moral propicia os recursos necessários para que ele conquiste essa liberdade. Mas, atenção, pois quanto maior for o conhecimento maior será a liberdade e, conseqüentemente, maior deverá ser a nossa vigilância em relação às nossas escolhas. Se o pensamento é livre, então o homem é responsável por ele perante Deus. Isto é fato, pois não ignoramos que pensamento é energia que se plasma e o homem é responsável pela emissão e absorção dessa energia, podendo trazer desajustes para si e para os outros. A escolha é sempre nossa e os resultados dela advindos, também.

A questão 843 de *O Livro dos Espíritos* confirma nossa colocação. Pergunta Kardec: O homem tem o livre-arbítrio dos seus atos? Os Espíritos respondem: "Visto que ele tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem livre-arbítrio o homem seria uma máquina".

Martins Peralva, em seu livro *O Pensamento de Emmanuel*,²⁴ lembra que o Espiritismo assegura que pelo

23 KARDEC, Allan - *O Livro dos Espíritos* - 86ª edição - Instituto de Difusão Espírita - Araras/SP - 1994 - Capítulo X.

24 PERALVA, Martins - *O Pensamento de Emmanuel* - 4ª edição - Editora FEB - Brasília/DF - pp. 200 e 201.

uso do livre-arbítrio, a alma fixa seu destino, prepara suas alegrias e dores; o destino é resultante das vidas sucessivas, de nossas próprias ações e livres resoluções; a liberdade e a responsabilidade são correlatas no ser e aumentam com sua elevação; e fatalidade (determinismo) e livre-arbítrio coexistem nos mínimos ângulos de nossa jornada planetária.

O autor explica essa colocação, mais adiante, na página 201, lembrando que antes de reencarnar o Espírito escolhe a família, o meio social e as provas - moral e/ou física - por que tenha de passar, usando seu livre-arbítrio, tendo em vista situações pretéritas vividas. Segundo a maneira como se comporta diante disso, o Espírito cria um "quadro de resgates" para o futuro: é o *determinismo relativo*. Esse quadro pode sofrer alterações, não essenciais, em função da Misericórdia Divina e dos próprios méritos do Espírito. Portanto, o *livre-arbítrio é relativo*, relativo à posição ocupada pelo homem na escala de valores espirituais.

Léon Denis, reportando-se ao livre-arbítrio, declara: "O primeiro uso que o homem fizesse da liberdade absoluta seria para afastar de si as causas de sofrimento e para assegurar, desde logo, uma vida de felicidade". Esse conceito exalta a Sabedoria Divina ao graduar o livre-arbítrio, por cujo uso o homem pode fugir das provas ou superá-las.

Conclui-se, portanto, com o Espiritismo: 1 - O homem não é absolutamente livre, nem determinado por fatores biológicos ou sociais (como produto do meio); 2 - O homem subordina-se ao livre-arbítrio relativo e ao determinismo relativo. Enquanto a escolha está no campo das ideias, o homem é livre; mas, uma vez feita a escolha, mesmo em pensamento, ele se subordina à Lei de Ação e Reação. A responsabilidade, no entanto, não é igual para

todos e em consonância com a justiça divina temos: “ao que mais recebeu, mais será exigido”. Isso vale dizer que o homem com menor evolução espiritual não saberá escolher com segurança entre o bem e o mal.

Assim, homem é um Espírito imortal criado por Deus para ser feliz. Se não o é, é porque não age em harmonia com as leis divinas e traz para si a dor e o sofrimento. *“Para a liberdade Cristo nos libertou; permaneçei, pois, firmes e não vos dobreis novamente a um jugo de escravidão”*, nos diz Paulo, em GALÁTAS, 5:1. ²⁵

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), junho de 2002.

²⁵ XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição - Editora CEC – Uberaba/MG - lição 27.

Mendigos de Afeto

Caridade é Amor em movimento. E como recurso, o tempo para aprender e praticar, assim nos ensina o Evangelho.

Lembram-nos os Espíritos Superiores que o homem é um dínamo produtor de força que vem descobrindo e administrando, desde a sua criação, tudo quanto o cerca e, “à medida que penetra a sonda do conhecimento no que jazia ignorado, descobre a harmonia em tudo presente, identificando um fator comum, causal, predominando em a Natureza, que pode ser decodificado como sendo o hábito do Amor, do qual surgiram os elementos constitutivos do Cosmo”.²⁶

Assim, somente quando conseguimos identificar essa força – Amor – é que temos condição de utilizá-la de forma consciente em nosso benefício e em benefício de tudo que esteja em nosso redor. Cada ser vivente absorve as emanções que vêm dela ou, então, sente a sua ausência. É dessa forma que as plantas, os animais e, sobretudo, o homem - muito mais perceptível a elas - vivem em função do amor ou desequilibram-se em razão de sua carência.

“Enquanto a irradiação do ódio, da suspeita, do crime, da inveja, da sensualidade são portadoras de elementos nocivos, com alto teor de energias destrutivas, o amor emite ondas de paz, de segurança, sustentando o ânimo alquebrado pela confiança que transmite, de bondade pelo exteriorizar do afeto, de paz em razão do bem-estar que

26 FRANCO, Divaldo P. Amor, Imbatível Amor, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis – 8ª edição – Editora LEAL – Salvador/BA – pp. 242-243.

proporciona, de saúde como efeito da fonte de onda de onde se origina”.³ Ao conseguirmos canalizar essa energia, vemo-la transformar-se em elemento terapêutico, que minimiza sofrimentos ou cura dores físicas e morais, em benefício de quem a emite e de quem a recebe.

Por ser a caridade o Amor em movimento, percebemos que ela é muito mais ampla do que aquela que se exterioriza na doação material de qualquer quilate. Abrange, sim, todos os instrumentos que Deus colocou à nossa disposição para vivenciá-la, ainda que não tenhamos consciência disso, nas diferentes existências planetárias pelas quais transitamos e transitaremos ainda: nossos pés, nossas mãos, a inteligência, nosso conhecimento, a capacidade que temos de ouvir, falar, ver, nosso tempo, nossa vontade de querer, realmente, olhar o outro e vê-lo.

As Entidades superiores falam-nos dessa caridade – a caridade moral – que busca atender as necessidades do sentimento do outro, que nada custa e, no entanto, é a mais difícil de ser praticada, porque envolve doação de sentimentos que ainda não temos, suficientemente desenvolvidos. Então, sob essa ótica, só é caridoso quem dispensa tempo para olhar para o outro e perceber suas necessidades; ouvir o outro e compreender suas aflições; falar com o outro e levar a palavra que consola e reconforta e que, acima de tudo, traz esperança. Só é caridoso quem entende que caridade não se resume no bem material, seja ele qual for – importante, sem dúvida –, mas atende aos rogos daquele que, mesmo tendo tudo, nada tem em atenção e carinho que possam lhe ser dispensados em troca de nada. Estamos falando dos mendigos de afeto.

O benfeitor espiritual Emmanuel baliza, de forma lúcida e clara, de que maneira aquele que já abraçou o

Espiritismo pode auxiliar o próximo, sem levar em conta, tão somente, a ajuda material. Diz ele:

– “Se já pode receber o amparo do Espiritismo, sustenta a obra espírita, a fim de que a obra espírita continue a auxiliar;

– Não sonegue o ensino e nem fuja do bem que possa fazer”.²

“Quantos esperam de alguém um aviso fraterno, uma palavra de entendimento, um livro tonificante ou um gesto de apoio, para evitar a queda iminente!...”²⁷ São os infortúnios ocultos dos quais nos fala o Evangelho.²⁷

Espíritas, reflitam nas aflições que se escondem sob os rituais da etiqueta e tenha compaixão; observem as obsessões ardilosamente embutidas nas inteligências usadas para atingirem objetivos nem sempre honestos, nem sempre edificantes e compreendam que esses seres – como nós próprios – ainda não atingiram a consciência espiritual; orem pelos bons, almas acordadas para a luz, e que enfrentam tantos obstáculos para ceder totalmente ao Bem. São dores bem-vestidas, remorsos que corroem consciências, corações revoltados que não aceitam a despedida de entes queridos que a morte, momentaneamente, separou... Mascarados de alegria, trazendo no peito um vaso de lágrimas; sucesso, fama, carregando consigo dificuldades e provações, mendigando socorro espiritual...

Do ponto de vista moral, há muitos infortúnios escondidos por toda parte, nos mais diferentes ambientes, nos momentos em que menos se espera, de pessoas que jamais pensaríamos sofrerem. O pranto pode cair às

²⁷ KARDEC, Allan - *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora Lake – São Paulo/SP - Capítulo XIII. Item 4.

escondidas e a aflição surgir inesperada. Por tudo isso, a verdadeira caridade deve ir além das aparências, além dos julgamentos pessoais. Compreender, perdoar, ajudar silenciosa e desinteressadamente é nossa tarefa, se já recebemos as luzes do Evangelho, onde estivermos, como for necessário e tanto quanto seja possível.

Emmanuel toca nossos corações quando lembra que há sombras e sombras. Que “para repelir as que assaltam os olhos basta o conhecimento da luz, mas para dissipar as que envolvem a alma será preciso a luz do conhecimento. Deixa assim, que o Espiritismo – a refletir o Sol do Evangelho – ilumine a vida atrás de ti”.²⁸

Pub. – Jornal O Clarim (Matão) – junho de 2007.

²⁸ XAVIER, F. C. e Waldo Vieira. *Estude e Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 6ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ - 1986, lição 12.

Misericórdia para todos!

A misericórdia é o complemento da mansuetude, pois quem não é misericordioso não pode ser manso e pacificador. Quando o Evangelho nos coloca esse conceito, entendemos porque é fácil ligarmos a misericórdia ao perdão das ofensas. Senão, vejamos: a alma ainda envenenada pelo rancor, pelo ressentimento, está sempre mergulhada nas sombras da amargura com fel e vinagre no coração – e no organismo; enquanto que a alma, que consegue esquecer as ofensas, se vê, sempre, envolta na luz da mansuetude e da caridade – luz de Jesus a nos trazer benefícios para o corpo físico.

É muito infeliz aquele que diz “jamais perdorei” porque, se não for condenado pela lei dos homens – e não existe lei civil que puna quem não perdoa, evidentemente, se não se transforma o sentimento em ato lesivo ao outro –, o será, certamente, pelas Leis Divinas. Perguntamos, então, que direito tem esse homem de pedir perdão a Deus se ele mesmo não consegue perdoar os ofensores?

O convite de Jesus à prática dessa virtude está contido na resposta que o Mestre deu ao discípulo, quando este lhe perguntou “quantas vezes devemos perdoar”. Respondeu o divino Amigo: “setenta vezes sete”, representando esse número a infinidade de vezes que devemos repetir, a fim de atender ao convite que nos foi feito, ou seja, exercitar o perdão com o esquecimento do ato ofensivo, sem estabelecer condições, sem ressentimentos, de forma ampla, total e inquestionável, como Ele exemplificou ao pedir ao Pai que perdoasse quem O estava crucificando.

Ser misericordioso, do ponto de vista de Jesus, é ter a capacidade de compreender que o outro erra como todos nós também erramos; que o outro se engana porque ainda não sabe como nós também não sabíamos um dia. E, quando dizemos não sabe, é porque não incorporou ainda à sua atitude, ao seu pensamento e às suas palavras, o entendimento dos ensinamentos de Jesus. Exatamente como nós, ainda.

Hoje, com um pouco mais de conhecimento das lições evangélicas, podemos nos perguntar em sã consciência: Temos condição de afirmar que seguimos ao lado do Mestre, fazendo o que Ele fazia, exemplificando como Ele, vivendo como Ele vivia a prática da misericórdia para com o próximo? Quem de nós pode afirmar que consegue esquecer os atos ofensivos sem guardar resquícios de mágoas, de ressentimento pelo amor próprio ferido? Provavelmente ninguém. Sinal claro da presença do orgulho na nossa existência.

Todavia, mais do que perdoar, que é a exteriorização da misericórdia, Jesus nos conchama à reconciliação com o adversário, com o ofensor. E isto é tão importante que nos permitirá eliminar dois efeitos da situação desequilibrante. Um é o material, aquele que nos dará a chance de conviver com o outro sem que nos desarmonizemos, intimamente, na sua presença, evitando assim uma série de transtornos emocionais que se refletirão, certamente, no nosso organismo físico, preservando nossa saúde orgânica. O segundo é que, no caso de desencarnação de um ou de outro, estaremos nos livrando do assédio dessas criaturas que permanecerão ligadas a nós, através de processo obsessivo que nós não desejamos. Não resta dúvida alguma de que a reconciliação com nossos desafetos representa o pagamento do último centil, ao qual o Mestre

se refere, que temos de débito, ainda, com a Lei de Amor.

O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo X, ²⁹ nos fala também de uma outra forma de exteriorização da misericórdia: “Não julgueis para não serdes julgados”. Cita dois exemplos de ensinamentos que Jesus nos deixou, e que vale a pena revermos como recordações de lições esquecidas nas lutas diárias a que todos nós somos submetidos. Um deles é o “argueiro e a trave”, que nos conclama a observar as nossas imperfeições e arrancá-las de nós, antes de apontarmos as alheias; e o outro, já tão nosso conhecido, e também tão esquecido, “atire a primeira pedra quem não tiver pecados”.

Amar quem nos ofende não é fácil, mas compreender que o outro é uma pessoa como nós no caminho da evolução, buscando as mesmas coisas que nós – felicidade e paz –, é menos difícil. Como lembra Emmanuel: *quando temos misericórdia com os outros, acharemos nos outros a misericórdia para nós.*³⁰

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – junho de 2003.

29 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora LAKE – São Paulo/SP - Capítulo X.

30 XAVIER, F.C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição – Editora CEC – Uberaba/MG - lição 69.

Moradas

Alguns de nós ainda têm na mente a ideia arraigada, pretenciosa mesmo, de que somos os únicos seres humanos no Universo, e que todas as estrelas e astros que estão no firmamento foram criados por Deus para alegrar nossos olhos. Mas, de um modo geral, todos nós ficamos a imaginar, desde pequenos, talvez por conta dessa ideia, para onde vão as pessoas que desencarnam. Por exemplo: aquelas que fizeram somente o bem; as que insistiram, pela dureza de seus corações, em praticar o mal; as pessoas que fizeram o bem que foi possível; e aquelas que poderiam ter feito muito mais, mas que, mergulhadas no egoísmo e preocupadas somente com seus próprios problemas, esqueceram-se de olhar ao redor e verificar que existem dores muito maiores. Como a ideia de um Céu ou de um inferno localizados em lugar definido não satisfaz mais nossa inteligência, permanecemos com as mesmas dúvidas.

Será, então, que Jesus gostaria que entendêssemos, nesse ensinamento, que existem outros mundos onde cada um de nós poderá habitar segundo o que houver feito de Bem e de bom? Se nossa suposição for verdadeira e os Espíritos Superiores, através de Kardec, nos mostram que somente assim a Justiça e a Misericórdia Divinas fariam sentido, então essas palavras de Jesus nos trazem um imenso consolo; renovam nossas esperanças e nos fortalecem para continuarmos lutando para ser melhores a cada dia, na busca de transformarmos nossos sentimentos, trocando pensamentos negativos – de doenças, de baixa estima, de vítimas eternas da vida – por pensamentos de

alegria pelo simples fato de se estar vivo, por pensamentos de agradecimento ao Pai por podermos realizar pequenas ou grandes coisas, não importa; por sermos sementes divinas que Deus espalhou pelo Universo, a fim de crescermos em amor e no entendimento de Suas Leis. Afinal, Jesus não disse que somos deuses e luzes? ³¹

Na Terra, cumprimos, até este dia, incontáveis progressos. Os homens, pela sua inteligência, chegaram a resultados surpreendentes em todos os ramos de atividade, sejam nas Ciências, nas artes ou no bem-estar material. Mas temos ainda um imenso progresso a realizar, ou seja, o de fazer reinar a caridade entre todos, a fraternidade e a solidariedade para assegurar o bem-estar moral. Assim, na medida em que a Humanidade está evoluindo moralmente, modifica-se, também, a atmosfera psíquica que envolve o planeta onde essa humanidade vive, permitindo que gerações mais adiantadas em inteligência e moralidade possam vir habitá-lo.

As grandes transformações pelas quais passou, hoje, não são mais necessárias; entretanto, continuam a ocorrer de forma isolada pequenos abalos, modificando inclusive a geografia dos países. Porém, como nos diz Kardec em *A Gênese*, capítulo XVIII, item 7 ³²: “Hoje, já não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade”. Nosso planeta está em franco processo de modificação, não só das inteligências, mas, também, dos sentimentos. A mudança de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração está aí, acontecendo ao nosso redor. Nós próprios somos testemunhas disso na medida

31 Revista Internacional de Espiritismo – Editora O Clarim, Matão/ SP – fevereiro de 2004 – pág. 17.

32 KARDEC, Allan – *A Gênese* – 14ª edição – Instituto de Difusão Espírita – Arara/SP - Cap. XVIII.

em que, tendo consciência de que tudo é harmonia na criação, que tudo revela a Misericórdia Divina, não conseguimos mais pensar, agir ou falar como fazíamos há alguns anos.

Mas parece-nos que é possível haver, ainda, uma outra forma de entender as palavras do Cristo. Convida-nos o Mestre, através de várias passagens evangélicas, a estabelecer em nós o Reino de Deus, isto é, a atendermos à Lei de Amor, lei maior que governa todo o Universo e todas as criaturas existentes, sejam homens, sejam estrelas. É um chamamento para que estabeleçamos, em nossos corações, a harmonia com tudo que existe ao nosso redor, pois tudo emana do Pai, começando por nós mesmos, ampliando essa atmosfera de paz aos nossos familiares e estendendo-a, por fim, a toda a Humanidade. É certo que até atingirmos essa consciência plena de Filhos de Deus, passaremos por vários estágios evolutivos, pois o progresso espiritual se faz lento, e cada uma dessas etapas será uma morada provisória onde permaneceremos durante algum tempo. Podemos, então, entender que ao estabelecermos o Reino de Deus em nós teremos encontrado nossa morada definitiva: um local de luz, de paz, de fraternidade – ingredientes da felicidade plena –, porque teremos tudo isso em nossos corações para sempre.

Assim, não importa sob qual forma venhamos a compreender o ensinamento de Jesus de que “Há muitas moradas na casa do Pai”. O importante é sabermos que vai depender de nós encontrarmos ou não essa morada. Se hoje vivenciamos atitudes íntimas de equilíbrio, de harmonia conosco e com os outros, com certeza estaremos espalhando essa mesma atmosfera no meio em que estivermos. E se muitos de nós já vivem assim,

certamente, unidos, criaremos um mundo melhor, não importa onde estejamos.³³

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo, maio de 2005.

³³ KARDEC, Allan – *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora LAKE – São Paulo/SP – Cap. 4.

Não te afastes

No Evangelho de Mateus encontramos a seguinte frase de Jesus: *"Mas, livra-nos do mal"*.³⁴

Quantos de nós já não pronunciaram essas palavras, seja em estado de preocupação verdadeira, seja pedindo ao Pai para nos colocar a salvo de perigos e tentações, na vida diária...

Em dois momentos, mostra-nos o Evangelho, Jesus faz essa solicitação a Deus: primeiro, na oração que nos ensinou, ao encerrar o Sermão da Montanha, dizendo *"não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal"* e depois no Sermão do Cenáculo ou última ceia, como é conhecida essa passagem, quando, despedindo-se dos discípulos, a faz em voz alta, para que ficasse gravada na mente dos amigos queridos, a Oração dos Discípulos na qual diz: *"não peço que os tireis do mundo, mas sim, que os guarde do mal"*.

Nas duas ocasiões, Jesus roga o amparo e a sustentação a nós e aos discípulos, o nosso não afastamento do mundo. E por que Ele age assim? Para entender isso é necessário compreender o homem no meio em que ele vive. O homem é um ser biológico, enquanto matéria, um ser psíquico enquanto Espírito e um ser social, enquanto relacionado com outros. Assim, quanto mais o homem evolui, mais aumenta a interdependência dele com as outras pessoas. Por isso, o progresso só acontece quando há trabalho em grupo, ajuda mútua. Sozinhos, nos embrutecemos e nos debilitamos, porque somos seres

34 MATEUS, 6:13.

gregários, criados para viver em sociedade, equipados com todos os instrumentos que possibilitam tal convivência. Dessa forma, vamos ajudando e sendo ajudados, aprendendo e ensinando, amando e sendo amados. Com isto em mente, é fácil perceber que só seremos úteis vivendo em grupo. Então, quando Jesus nos ensina no Pai Nosso para que Deus nos livre do mal, e pede a Ele que não afaste os seus discípulos do mundo, mas que também os proteja do mal, deixa claro que os homens não precisam isolar-se a pretexto de melhor servirem a Deus.

Se antigamente o isolamento de homens, que até hoje são reverenciados, era para despertar esse mesmo homem para os problemas da alma, hoje esse comportamento *"sem finalidade prática, sem proveito para os semelhantes, expressaria egoísmo e acomodação à boa vida. Significaria fuga ao trabalho"*.²

O mundo é sem sombra de dúvida a grande escola dos Espíritos encarnados. Diante disso, podemos entender que é *"impossível o ensinamento, fugindo à lição. Ninguém sabe, sem aprender"*.³⁵ Para tanto, citando judiciousa afirmação de Emmanuel, estimado benfeitor espiritual, é importante observarmos ao nosso redor para reconhecer *"onde, como e quando Deus nos chama, em silêncio, para colaborar com ele no desenvolvimento das boas obras, na sustentação da paciência, na intervenção caridosa em assuntos inquietantes para que o mal não interrompa a construção do bem, na palavra iluminativa ou na seara do conhecimento superior, habitualmente ameaçada pelo assalto das trevas"*.

Todavia, o que encontramos ainda é um grande número de discípulos do Evangelho que, ao entenderem,

35 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 14ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ -1996 - lição 57.

ainda que de forma incipiente, a luz espiritual, recusam-se a continuar aprendendo, tendo em vista a ideia enganosa de que já sabem o suficiente. Mas, se não aprenderam, não vivenciaram; e se não vivenciaram, não podem dar testemunhos da sua evolução. Não aceitam as tarefas para as quais foram encaminhados e recuam, assim, diante do esforço que os levará para frente. Declaram-se desejosos da união com o Cristo, mas abandonam os irmãos necessitados de amparo, esquecidos que o Mestre amado, em momento algum, afastou-se da humanidade terrena. Estimam a oração que ele ensinou, mas esquecem que Jesus rogou ao Pai que nos libertasse do mal, e não que nos afastasse da luta.

Lembra-nos Emmanuel que a sabedoria do Cristianismo não consiste em isolar o aprendiz na santidade artificialista, e, sim, em fazê-lo no campo de luta ativa de transformação do mal em bem, da treva em luz e da dor em bênção. A fidelidade que muitos dizemos ter ao Cristo não significa adoração eterna em sentido literal; significa, sim, espírito de serviço até o último momento das nossas forças físicas.

Em relação aos discípulos, no Sermão do Cenáculo, Jesus diz a Deus que Ele não pede que sejam tirados do mundo, mas, sim, que sejam guardados do mal, pois sabia das dificuldades pelas quais passariam, das lutas que enfrentariam, após sua morte, e que poderiam impedir os discípulos de darem continuidade à Sua tarefa. Tudo isso poderia criar um precedente perigoso para as futuras realizações do Evangelho. Tanto eles, ontem, quanto nós próprios, hoje, não prescindimos das lutas terrenas, porque elas corrigem, aperfeiçoam e iluminam os Espíritos necessitados, que retornam ao corpo físico para prosseguirem sua jornada iluminativa.

O certo é que “ninguém pode dar testemunho de valor espiritual se não vive provas difíceis, dramas intensos, complicados problemas... Ninguém pode dar testemunho de resistência moral se não sentiu o impacto de fortes tentações, sobrepondo-se, no entanto, a todas elas, pela inabalável determinação de vencer, pelo desejo de realizar-se”³⁶, ao menos aqueles que ainda estão atrelados à vida material grosseira, como é o caso da humanidade que vive sobre este planeta.

É prova difícil viver no mundo, sabemos; mas não impossível. Por essa razão o pedido de Jesus, tanto em uma quanto na outra oração é exortação à vigilância, para que não venhamos sucumbir ante o mal, nas suas mais diferentes manifestações, pois o mal, em qualquer circunstância, é desarmonia à frente da Lei e todo desequilíbrio tem como consequência a dificuldade e o sofrimento. Mas, independentemente de tudo isso, fortalecidos pelas eternas lições do Excelso amigo, iremos nos converter, como muitos já o fizeram, em exemplos vivos e atuantes de amor e trabalho no bem.

O Apóstolo Paulo de Tarso, na Carta aos Romanos, capítulo 12, versículo 21, pede que não nos deixemos vencer pelo mal, mas que vençamos o mal com o bem, pois, passada a tempestade, tudo se encaminha para o reajustamento e a harmonia. Sem dúvida, em lugar algum e em tempo algum, nada conseguiremos planejar, organizar, conduzir, instituir ou fazer sem Deus; no entanto, em atividade alguma, não nos é lícito esquecer que Deus, igualmente, espera por nós.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 570.

36 PERALVA, Martins. *Estudando o Evangelho*, 6ª ed., Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ - 1992 - cap. 5 – “O Cristão e o Mundo”, pp. 40 e 41.

Não vim para batizar...

Nos vários departamentos da atividade cristã, em todos os tempos, surgem controvérsias no que se refere aos problemas do batismo na fé. A sua origem está nas práticas dos povos ditos pagãos. Entretanto, ele se modifica no seu conceito, após Jesus: antes d'Ele, o batismo era feito com água e, depois d'Ele, com fogo. Os homens batizando na carne, Jesus no Espírito.

Irmãos nossos de outras crenças, cristãos ou não, têm em suas práticas o uso da água como purificação espiritual. O sacerdócio criou, para isso, cerimoniais e sacramentos. Assim, há batismos de recém-nascidos, há batismos de pessoas adultas, dependendo da crença que envolva as instituições. Sem desmerecer seus ritos, é necessário, todavia, que o examinemos à luz da Doutrina Espírita. Todo aquele que crê em Deus e aceita os ensinamentos do Mestre Jesus poderia analisar melhor esse assunto através da lógica. É importante nos lembrarmos desse procedimento, porque a renovação espiritual não se verificará somente por práticas externas, nesta ou naquela idade física. Determinadas cerimônias materiais, nesse sentido, segundo nosso estimado benfeitor espiritual Emmanuel, eram compreensíveis nas épocas em que foram empregadas.

Paulo deixou claro que o batismo como era realizado à época de Jesus não era mais importante que a divulgação, o ensino e a prática das luzes que Ele deixou. E o apóstolo assim dizia porque sabia que o ponto alto de sua missão era a evangelização das massas e não o batismo como era

prática comum entre os profetas e os apóstolos, daí a sua assertiva em uma carta aos coríntios, (1:14 a 17): "(...) *porque o Cristo me enviou não para batizar, mas para evangelizar*".³⁷

Evangelizar, então, segundo Paulo de Tarso, (São Paulo para os irmãos de outros credos cristãos), é levar àqueles que não sabem os ensinamentos de Jesus, ajudando-os a vivenciá-los, como forma de elevação espiritual e aperfeiçoamento moral.

Sabemos que nos anos iniciais da escola humana, mais precisamente na instrução infantil, os pequenos precisam da colaboração de figuras, de objetos, de tudo que seja concreto, coisas adequadas ao seu entendimento, para que possam atravessar as portas iniciais do conhecimento e avançar até estudos mais complexos, o que vai exigir, mais adiante, maiores elaborações do pensamento.

Todavia, em relação ao ensino do Evangelho, ele próprio não deixa dúvidas, pois faz imensa luz. E é em Atos, (19:5), que encontramos a conclusão: "(...) *E os que ouviram foram batizados em nome de Jesus*". Aí está o batismo de fogo: o convite do Excelso amigo à renovação, à transformação dos nossos sentimentos e nossos pensamentos, que demandará de cada um de nós atitudes de renúncia e sacrifícios, esforços e determinação... É o convite para "*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*", tão difícil de ser realizado, pois ainda estamos presos às raízes do egoísmo, do orgulho desmedido, do olhar para si mesmo e imaginar que somos o centro do mundo.

A proposta de Jesus a uma mudança na nossa forma de

37 GODOY, Paulo Alves. *O Evangelho Pede Licença*, 3ª ed., Edições FEESP – S. Paulo/SP - "Não vim para batizar" – 1997 – p. 145.

olhar o outro coloca-nos em situação de igualdade, irmanados nas mesmas dificuldades, pois, ao conseguirmos enxergar mais o outro do que a nós mesmos, atendendo ao convite bendito do Mestre de amor e bondade, teremos sido batizados em nome d'Ele. Aí reside a sublime verdade. "*A bendita renovação da alma àqueles que ouviram os ensinamentos do Mestre Divino, exercitando-lhes as práticas. Muitos recebem notícias do evangelho todos os dias, mas somente os que ouvem estarão transformados*", afirma Emmanuel com muita propriedade, no livro Vinha de Luz, na lição 158.

Sob essa luz, parece-nos possível concluir que, para o Espiritismo, batismo é a prática dos ensinamentos do Cristo, através do exemplo vivido com resignação, fé na Providência Divina e trabalho no bem. As nossas transgressões às leis divinas podem ser remidas através do batismo de fogo da expiação que elas suscitam. Provações e expiações terrenas são, portanto, formas de batismo; e, quando tivermos triunfado sobre elas, teremos sido batizados, mais uma vez, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec escreve, por causa da intensa perseguição que a Doutrina Espírita sofria no seu início, o seguinte comentário, lembrando outra forma de batismo: "*(...) A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa, e cresce com a magnitude e a importância da ideia*". Foi assim com Jesus; é assim com o Espiritismo!

Na concepção espírita do pecado original, posto que ninguém será responsabilizado pelo erro que o outro cometeu, o batismo deve ser encarado como uma cerimônia iniciática ou de consagração à crença que o postulante abraça. Como espíritas, entretanto, devemos

entender, segundo revelação dos Espíritos Iluminados, que o verdadeiro batismo da criança se processa através da educação. O Espiritismo educa o homem para a vida em sociedade, e prepara-o para a caminhada em direção a Deus. E como espíritas, na sagrada missão de paternidade, compreender que o batismo, aludido no Evangelho, é a solicitação das bênçãos divinas para todos aqueles que venham a se reunir no instituto da família.

Longe de quaisquer cerimônias de natureza religiosa, o espírita deve entender o batismo como o apelo do seu coração ao Pai de Misericórdia, para que os seus esforços sejam santificados no trabalho de conduzir as almas que lhes são confiadas, compreendendo, além disso, que esse ato de amor e compromisso divino deve ser continuado por toda a vida, na renúncia e no sacrifício, em favor da perfeita cristianização dos filhos, sob o pálio do trabalho, da dedicação. Assim afirma Emmanuel, respondendo a questão 298, do livro *O consolador*, psicografado pelo saudoso Francisco Cândido Xavier.

E é, ainda, no prefácio do livro *No Mundo Maior*, de André Luiz,³⁸ também chegado a nós pela abençoada mediunidade de Chico Xavier, que Emmanuel deixa registrada uma frase de grande alerta para todos nós. Diz ele, textualmente: "*O batismo simbólico ou o tardio arrependimento no leito de morte não bastam para garantir o futuro espiritual de ninguém. Se a mera arte humana exige a paciência dos anos para se chegar ao seu término, que dizer da obra sublime do aperfeiçoamento da alma, destinada a glórias indescritíveis*".

A generosa pedagogia de Jesus continua a propor até hoje que se busque o Reino de Deus, entendendo a

38 XAVIER, F. C. *Caminho, Verdade e Vida*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição - Editora FEB - lição 158, 1997.

expressão como a espiritualidade que devemos conquistar, conscientes de que ninguém a logrará à custa de rituais externos, por mais honestos que sejam, que não impliquem a mobilização de nossas forças intelectuais, morais e às vezes físicas.

O que nos parece verdadeiro é que cada movimento que fazemos na busca de solucionar nossas dificuldades, com dignidade, honestidade, com fé em Deus e em nós mesmos; cada luta que travamos conosco, no nosso íntimo, procurando ser criaturas melhores todos os dias; cada pequeno sucesso de superação das nossas imperfeições morais mostra que estamos no caminho certo. Caminho de luz, de harmonia dentro e fora de nós, de profundo agradecimento ao Pai Misericordioso pelas oportunidades que nos dá de sermos todos os dias batizados em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.³⁹

Pub. – RIE/ maio /2012.

39 SCHUTEL, Cairbar. *O Batismo*, Editora Casa O Clarim – MATÃO/SP.

No ato de orar

Jesus conhecia a dificuldade que o ser humano tem em expandir-se espiritualmente, por causa das preferências materiais, pelo desejo do prazer e do poder, que acabam por lhes criar inúmeros problemas que, cedo ou tarde, deverão ser solucionados, queira ou não.

O Mestre sabia disso porque, conhecedor da natureza humana, e entendendo os conflitos de todos aqueles que O procuravam sofridos, mascarando as realidades íntimas que lhes corroíam a alma, sem se darem conta das suas verdadeiras necessidades, não parava de lhes recomendar a mudança da conduta mental e moral.

O objetivo do Excelso amigo era o de que se operasse nas criaturas, sobretudo nos desejosos de saúde, a renovação interior, a fim de que se concretizasse, no mais profundo de si mesmos, o bem-estar.

A estimada benfeitora espiritual Joanna de Ângelis lembra que, como as criaturas nem sempre soubessem manter a vinculação com as Fontes da Vida, Jesus sugeriu a oração que se constitui numa ponte vibratória de fácil construção por todo aquele que deseje realmente a vitória sobre os sofrimentos e anelem pelo bem-estar pleno.

Oração é emanção do pensamento bem direcionado, rico em conteúdos vibratórios que se expandem até sincronizar-se com ondas semelhantes. A prece nos coloca, portanto, em relação mental com o ser a quem nos dirigimos.

Quando voltada para o amor e o bem, dilui energias

negativas e renova as forças morais daquele que ora, promovendo alterações na paisagem mental e orgânica, através de processos delicados de modificação da atmosfera psíquica na qual a pessoa se encontra.

Esse fluido é impulsionado pela vontade, pois é ela que conduz esse pensamento, ampliando-o ao infinito. Então, quando o pensamento se dirige para algum ser, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado ou vice-versa, uma corrente de energia se estabelece de um para outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som. Assim, a força dessa corrente vai depender da energia do pensamento e da vontade de quem ora.

É dessa forma que a prece é ouvida pelos Espíritos, onde quer que eles se encontrem. Também é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas sugestões (boas ou más) e que as relações se estabelecem entre os próprios encarnados.

Importante lembrar: ainda que a prece possa exercer ação direta e positiva, ela estará sempre sujeita à vontade de Deus, Juiz Supremo de todas as coisas e único que pode dar eficácia à sua ação.

Ensina-nos o Evangelho que a prece tem por objeto um pedido, um agradecimento ou um louvor. Daí a necessidade de prestarmos atenção ao que pedirmos, pois existe uma diferença entre o querer, o merecer e o precisar. A oração não modifica as leis estabelecidas, cabe a nós sermos absolutamente honestos e coerentes ao nos dirigirmos a Deus nas nossas preces.

O ato de orar já constitui uma expressão de humildade perante a Vida, e de alguma forma um despertar da consciência para a compreensão da existência de um ser superior. Certo que essa doação não é gratuita por parte

da Divindade de tudo aquilo que a insensatez busque, numa tentativa astuciosa e tola, de ludibriar as Leis Divinas. O homem, sendo responsável pelos seus atos, enfrentará sempre, no caminho, as consequências das escolhas infelizes que fizer.

A oração para o homem, que tem vontade real de superar suas dificuldades, sustenta-o, direciona-o para acertar o novo caminho; dá-lhe mais segurança para vencer os obstáculos e equipa-o com alegria e vigor para não desanimar diante dos obstáculos. Assim, quando qualquer um de nós resolve mudar suas atitudes e decide pedir ajuda, consegue se libertar dos grilhões do orgulho e se colocar receptivo ao auxílio do Mais Alto.

Essa transformação íntima é tão importante para que a ajuda venha que, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVII, item 11,⁴⁰ é dado um exemplo bastante esclarecedor: *“Um homem sente sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta até o fim de seus dias, uma vida de sofrimentos. Tem ele o direito de queixar-se se não conseguiu a cura? Evidente que não, porque poderia encontrar na prece a força para resistir às tentações”*.

Jesus sabia de tudo isso, e por essa razão estimulava os homens, como faz até hoje, a se esforçarem para conseguir o Reino de Deus dentro de si mesmos.

O Espiritismo faculta-nos compreender a ação da prece ao explicar a forma de transmissão do pensamento, seja quando o ser a quem oramos atenda ao nosso apelo, seja quando nosso pensamento se eleva a ele.

O poder da prece está no pensamento, sabemos hoje, e

40 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 37ª edição – Editora LAKE – São Paulo/SP - Capítulo 27, Itens 1 a 15.

não depende das palavras, nem do lugar, nem do momento em que é feita. Pode-se orar em qualquer lugar, a qualquer hora, a sós ou com outras pessoas. O lugar e tempo só dependem das circunstâncias que possam favorecer esse recolhimento.

Se dividirmos os males da vida em duas categorias, sendo uma a dos que o homem não pode evitar e a outra, a das atribulações que ele mesmo provoca, pelos seus descuidos e excessos, verificaremos que a segunda é muito maior que a primeira.

Parece evidente que somos os autores da maior parte das nossas aflições, que não existiriam se vivêssemos com prudência, sem ultrapassar o limite do necessário, em exigências vitais que provocam doenças, e às vezes até a morte.

Se limitássemos nossas ambições, não teríamos medo da ruína. Se fôssemos mais humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho ferido; se praticássemos a caridade em sua plenitude, não seríamos maledicentes, invejosos, nem ciumentos, evitaríamos discussões inúteis e dissensões. Se não fizéssemos mal algum, não teríamos o que temer. E tantas outras atitudes que poderiam nos fazer felizes e que não praticamos, muitas vezes, por não prestarmos atenção àquilo que fazemos ou dizemos.

O Evangelho nos alerta ainda para o seguinte: Admitindo que nada pudéssemos fazer contra os outros males; que todas as preces fossem inúteis para nos livrarmos deles; já não seria muito poder afastar todos os que decorrem da nossa própria conduta?

Neste caso, podemos conceber facilmente a ação da prece que tem por finalidade atrair a ajuda dos Bons Espíritos e pedir-lhes força para resistirmos aos maus

pensamentos, cuja execução pode nos ser funesta.

E por nos atenderem nisto, dizem os Espíritos superiores que *“não é o mal que eles afastam de nós, mas é a nós que eles afastam do pensamento que pode nos causar mal; não atrapalham em nada os desígnios divinos, nem suspendem o curso das leis, ao orientarem nosso livre-arbítrio”*. Mas o fazem sem que o percebamos, de maneira oculta, para não prejudicar a nossa vontade.

Deus quer que assim seja para que tenhamos responsabilidade dos nossos atos e para nos deixar o mérito da escolha entre o bem e o mal. Mesmo reduzida a essas proporções, a prece dá imenso resultado.

Renunciar a ela é ignorar a bondade de Deus; é rejeitar para si mesmo a Sua assistência, e para os outros, o bem que se poderia fazer.

Assim, pensando na responsabilidade que temos diante das leis divinas, conseguimos compreender a advertência do Mestre ao nos solicitar vigilância e oração na nossa vida diária.

Vigilância aos nossos sentimentos, aos nossos pensamentos, palavras e ações; e oração, buscando o amparo, a força e o discernimento para resistirmos às tentações. São ambos, vigilância e oração, escudos protetores do nosso caminhar seguro rumo ao Pai.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 419.

O Bom Samaritano

Na questão 897, de *"O Livro dos Espíritos"*, Kardec pergunta aos Espíritos Superiores se aquele que faz o bem sobre a Terra, tendo em vista uma recompensa no céu, pode ter seu adiantamento prejudicado, e os Espíritos de luz lhe respondem que é preciso fazer o bem por caridade, isto é, sem qualquer interesse. O codificador da Doutrina Espírita insiste, argumentando que é um desejo natural do homem progredir para escapar do estado penoso desta vida, e que os Espíritos nos ensinam a praticar o bem com essa finalidade. E conclui o seu questionamento perguntando se é um mal pensar que, em se fazendo o bem, deve-se esperar condição melhor sobre o planeta. Os Benfeitores espirituais respondem que não; que não há mal algum em pensar assim, quando se faz o bem sem intenção oculta, tão somente pelo prazer de ser agradável a Deus e ao seu semelhante sofredor. Concluem, dizendo que aquele que assim age já se encontra em certo grau de adiantamento moral, que lhe permitirá alcançar mais cedo a felicidade que procura, porque o faz impelido pelo calor natural do seu coração.

Aí está a essência da Parábola do Bom Samaritano, contada por Jesus a um doutor da Lei, quando este lhe perguntou o que deveria fazer para herdar a Vida Eterna. Atento à pergunta que lhe fizera, Jesus respondeu ao seu inquiridor com outra pergunta: *"O que está escrito na Lei?"* E o homem lhe disse: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua força e de todo teu entendimento e ao próximo como a ti mesmo"*. *"Respondeste bem"*, replicou Jesus. *"Faze isso e viverás."*

Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou ao Mestre: “*E quem é meu próximo?*”. Prosseguindo, Jesus lhe conta a história do bom samaritano. Narra o Mestre que um homem vinha da cidade de Jerusalém para a cidade Jericó – centro comercial da região -, quando caiu vítima de salteadores que o deixaram quase morto. Logo depois, passou pelo mesmo caminho um sacerdote que o ignorou; depois, um levita que não lhe deu importância. Todavia, um terceiro homem, um samaritano, que estava em viagem, condeu-se do estado dele e o ajudou, cobrindo-lhe as feridas e derramando sobre elas azeite e vinho. Levou-o, em seguida, para uma estalagem, pedindo ao dono que cuidasse dele. Deixou algum dinheiro para as primeiras despesas, garantindo, também, que o pagaria de outros gastos que tivesse, assim que retornasse da viagem.

Terminando a história, Jesus perguntou ao doutor da Lei qual dos três homens lhe parecia ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores. Respondeu ele que tinha sido aquele que usou de misericórdia para com o ferido. E, encerrando o assunto, disse-lhe Jesus: “*Vai e faze tu o mesmo*”, deixando claro que somente pela caridade chegaremos a conquistar a Vida Eterna, a felicidade plena. Se examinarmos atentamente a Doutrina de Jesus, veremos que em todos os seus princípios há a exaltação da humildade e a humilhação do orgulho. Todos aqueles repudiados pelas seitas dominantes, vítimas da fúria dos sacerdotes, dos doutores da Lei, são os preferidos de Jesus e julgados mais dignos do Reino dos Céus que os chamados poderosos da sua época.

A Parábola do Bom Samaritano é um exemplo elucidativo dessa postura do Mestre ao colocar dois representantes da classe da alta sociedade, que não

tinham misericórdia em seus corações, e um samaritano, considerado desprezível e condenado por eles, por não seguirem à risca as leis e os costumes, como figura preeminente da sua parábola.

O interessante nessa narrativa é que ela foi proposta a um doutor da Lei, que ali estava para inquiri-lo a respeito da vida eterna, com o intuito de pegá-lo em erro contra a Lei. O que Jesus deixa fixado na resposta que dá é que não é necessário ser doutor da Lei, sacerdote, nem assistir a cultos ou cumprir rituais desta ou daquela crença para ter a vida eterna. Para tanto, basta ter o coração tocado pelo amor, porque aquele que tem amor ajuda seu próximo em tudo que lhe for possível: seja com dinheiro, ou então moralmente, ensinando os que não sabem; seja levando palavras amigas de conforto e esperança àquele que sofre ou esclarecendo Espíritos encarnados e desencarnados sobre a vida eterna, através dos ensinamentos de Jesus, como samaritanos modernos, aceitando o convite do Mestre para amarmos o próximo como a nós mesmos.

O grande mérito da Parábola do Bom Samaritano, lembra Paulo Alves Godoy, no livro citado, reforçando o que existe de essencial na narrativa, é de nos provar que o indivíduo que se diz religioso, ou que seja expoente do sistema religioso oficial, não importa qual seja ele, nem sempre é o verdadeiro praticante das virtudes que geralmente, são ensinadas em profusão, mas pouco exemplificadas.

A preocupação de Jesus foi a de mostrar que o viver não se restringe ao movimento do corpo ou à exibição de títulos, cargos ou posição social. Estende-se a esferas mais elevadas, a outros campos de realização superior com a Espiritualidade Maior, na procura de sermos cada dia melhores, para que cada vez mais possamos ser assistidos

pelos Espíritos Superiores.

Esta mesma cena descrita por Jesus na Parábola do Bom Samaritano repete-se todos os dias em diferentes setores da vida, conforme esclarece Emmanuel, estimado Instrutor Espiritual. Diz ele que "grande número de aprendizes, plenamente integrados no conhecimento do dever que lhes compete, tocam a pedir orientação dos Mensageiros Divinos, quanto à melhor maneira de agir na Terra... A resposta, porém, está dentro deles mesmos, em seus corações, e temem a responsabilidade, a decisão e o serviço áspero..."

Portanto, segundo Jesus, o próximo passa a ser a pessoa que se avizinha dos nossos passos. E, atendendo ao convite do Mestre, preparemo-nos para ajudar infinitamente um familiar difícil, um superior hierárquico prepotente, um subordinado não cumpridor de seus deveres ou que esteja em aflição, ou um doente do corpo a exigir de nós mais atenção, na medida das nossas forças, sem esmorecimento ou reclamações indevidas, pois eles serão, sem sombra de dúvida, a grande oportunidade que o Pai nos concede em benefício do nosso próprio adiantamento.

Buscando entender um pouco mais essa parábola, podemos destacar alguns elementos que acabarão por se tornarem alvos de nossas reflexões de hoje. Um deles diz respeito à não identificação do homem assaltado. Jesus não fala da sua posição social, da sua origem, da sua profissão, ou da sua crença. E ainda assim, o samaritano o ajudou. Talvez fosse um inimigo seu, um daqueles que o desprezava, e, ainda assim, ele teria tido o mesmo gesto. Não ensinou Jesus que é do bom coração que se tira o bem? Não afirmou o Mestre que a caridade precisa ser desinteressada para ter valor diante do Pai Celestial?

Outro aspecto a ser destacado é o seguinte: Jesus falava inúmeras vezes usando alegorias e símbolos para explicar a realidade espiritual a um povo que só se preocupava com a realidade material. Então, podemos também entender o homem ferido como sendo a Humanidade terrena, sem valores espirituais, sem liberdade, presa à materialidade, preocupada com tudo que diga respeito às conquistas de bens materiais – transitórios, efêmeros –, e longe de preocupar-se com os verdadeiros bens, que são os do Espírito. O sacerdote e o levita representariam, certamente, os religiosos mais preocupados com os interesses do seu grupo do que com os da coletividade, que procura nos princípios, dogmas ou conceitos religiosos as respostas para as suas aflições. E o samaritano, o próprio Jesus, que veio curar nossas feridas morais e nos trazer esperança de felicidade futura.

Há, ainda, um outro elemento que vale a pena ser destacado: o hospedeiro da estalagem não tinha motivos para confiar naquele homem que lhe garantiu pagar as demais despesas com o ferido, caso houvesse. E, no entanto, ele confiou. Podemos refletir sobre esse trecho, lembrando de quantas vezes ouvimos ou lemos que o Bem gera o bem, sempre. O samaritano ajudou o próximo sem interesse e confiou-o ao hospedeiro, deixando-lhe, inclusive, algum valor para cobrir as primeiras despesas. Quem poderia lhe garantir que o outro, realmente, cuidaria do ferido? E se o dono da estalagem cumprisse o trato feito, quem poderia garantir que o outro o reembolsaria no caso de maiores gastos? Vamos pensar a respeito?

Assim, aprendizes que somos todos nós do Evangelho Redentor, precisamos escolher se ficamos com Jesus, de perto, agindo intensamente junto dele, ou com Jesus, de longe, retardando o avanço da luz, porque “no Evangelho,

a posição neutra significa menor esforço”.

Todos nós já cometemos enganos. Muitos de nós já se viram forçados a reerguer-se de muitas quedas. E por isso mesmo já temos condição de entender a indulgência, servindo aos companheiros que as duras provas maltratam, flagelam. Estão eles, em toda parte, pedindo socorro, muitas vezes silenciosamente.

Entretanto, apesar de sermos pequeninos, ainda, diante da Majestade do Cristo, estejamos convictos de que já podemos viver felizes, atendendo ao convite do Excelso Amigo, ajudando-o e ajudando aos incansáveis benfeitores espirituais a nos sustentarem na execução das tarefas com as quais nos comprometemos junto ao Pai.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão),
maio de 2011.

O Centro Espírita

“Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.” – Jesus (João, 13:35)

Na busca de inspiração para desenvolver o tema que dá título ao artigo, encontramos no artigo do companheiro Vinícius Lousada, publicado pela Revista Internacional de Espiritismo, em fevereiro de 2005, a ideia, bem colocada por ele, de que “ser espírita” não é apenas entender a Doutrina dos Espíritos, porque seus princípios nos são claros, ou porque frequentamos todas as semanas, rotineiramente, uma casa espírita para executar tarefas que lhe são próprias.

Refletimos bastante sobre isso e, mesmo assim, a insatisfação permanecia em nosso espírito. E mais uma vez, pedimos a assistência dos bons Espíritos para que pudéssemos receber alguma sugestão a fim de darmos continuidade à nossa busca. E ela veio através de um texto de Emmanuel, psicografado pelo nosso bem-amado Chico Xavier, intitulado “Doutrina Espírita”, do livro *Religião dos Espíritos*. Diz o Instrutor Espiritual que “ser espírita” é ter caráter espírita, é ter conduta espírita, ainda que possamos nos sentir em reajuste; que espírita deve ser o claro adjetivo da instituição onde trabalhamos, estudamos ou somos assistidos, seja em benefício próprio ou dos outros, mesmo que faltando as passageiras subvenções e a honraria terrestre.

Portanto, quando dizemos que frequentamos uma casa espírita, significa que essa instituição deva ter, efetivamente, bem claros os objetivos que os postulados

espíritas trazem em seu bojo. Se a Doutrina Espírita quer dizer Doutrina do Cristo e se esta é a doutrina do aperfeiçoamento moral, as casas espíritas que não atendem a esse objetivo não cumprem sua tarefa que é a da melhoria de todos os que as frequentam, através de um trabalho de conscientização pela educação dos sentimentos.

Não basta, assim, manter a aparência de espírita – nós ou a casa a qual frequentamos –, mas, sim, vivenciar através de suas atividades a experiência religiosa que o Espiritismo propicia. O Centro Espírita não pode continuar sendo encarado apenas como um pronto-socorro de corações aflitos e mentes em desalinho. É fundamental que se transforme numa escola de almas, não apenas pelo entendimento de seus postulados, mas pelo despertar de uma consciência espírita no que diz respeito à imensa oportunidade de usar esse conhecimento como recurso de transformação íntima. Allan Kardec deixou-nos orientação segura quanto a isso, quando afirmou, na *Revista Espírita, de fevereiro de 1862*, o seguinte: “Procurai no Espiritismo aquilo que vos pode melhorar. Eis o essencial”.

Parece-nos, assim, que necessitamos “encarnar” a mensagem espírita em nossas atitudes diárias, na forma de nos mostrarmos ao mundo, para que o mundo saiba da grandiosidade dos princípios que abraçamos. E onde poderemos encontrar o caminho para isso, senão no Centro Espírita?

É uma meta a ser alcançada, e para que ela se concretize é necessária a participação de todos os envolvidos na dinâmica da instituição, ou seja: seus dirigentes, trabalhadores - todos somos trabalhadores de Jesus e de mais ninguém - e assistidos - todos ainda somos assistidos nas nossas imperfeições e dificuldades.

Privilégios de títulos e recursos financeiros, purismo doutrinário exagerado que cega as mentes e isola o grupo, preconceito e sectarismo têm sido alguns dos "malfeitores" que atacam o grupo espírita, levando o desequilíbrio a todos os responsáveis pela manutenção das tarefas. Vaidade, personalismo - orgulho centrado no EU - e melindres, outros "bandidos da alma", têm levado ao afastamento das atividades e da própria fé trabalhadores de boa vontade que, infelizmente, não toleram as críticas construtivas que podem alertá-los para a necessidade da renovação de conduta, sejam elas pessoais, que acabam por interferir nas decisões administrativas, sejam na organização das tarefas pertinentes à instituição.

Com o afastamento de trabalhadores e dirigentes, em diferentes níveis de responsabilidade, o grupo acaba por se dissolver, os trabalhos passam a não atender a finalidade para as quais foram criados, e o caminho fica aberto àqueles companheiros que desejam e lutam para que se feche mais um ponto de Luz.

A invigilância de muitos companheiros na não aceitação da necessidade de reformularem seus conceitos pessoais ou grupais acaba por encerrar, com grandes prejuízos morais para todos, um trabalho que deveria ser fonte de esclarecimentos e renovação para muitos corações, sinceramente desejosos de crescimento espiritual.

Meus irmãos, é hora de revisão, não dos postulados e princípios espíritas, mas da forma como os estamos compreendendo e transmitindo. Vamos vivenciar e divulgar a Doutrina Espírita com alegria, pois existe severidade demais entre alguns dos nossos corações bem-amados. Vamos trabalhar com responsabilidade ante a tarefa que nos foi colocada nas mãos, procurando estudar seriamente as bases doutrinárias. Sabemos tão pouco dos seus

alicerces - e nos preocupamos tanto com o teto! Não nos esqueçamos de que um dia virá em que seremos convidados a prestar contas a ela.

Na Esfera Superior, somos vistos pelo que fazemos. "Amai-vos e instruí-vos", disse Kardec. Que se cumpram, pois, as suas palavras.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador - edição nº 90.

O Dever

Buscamos a paz. Falamos nela, dela e, decididamente, não a encontramos seja dentro ou fora de nós, porque ainda não conseguimos perceber que a busca deve ser feita de dentro de nós para o mundo que nos cerca.

Será que isso acontece porque vivemos a falsa ilusão de que conhecemos o que nos dá paz? É bem provável que sim. Essa questão nos remete a uma passagem do Evangelho de Lucas, capítulo 19, versículo 42, quando Jesus, junto a Jerusalém, fala a essa cidade – na verdade, falava para todos os homens – o seguinte: *"Ah, se tu conheceras por ti mesmo, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos"*.

As palavras do Mestre nos convidam a pensar no que seria do mundo se cada um de nós conhecesse o que, realmente, necessitamos para ter paz interior. E, na procura desses bens encontramos, para começar, as infinitas oportunidades de serviço de que dispomos no presente. Oportunidades que são nossas por benesse divina. Depois, podemos também perceber que possuímos a possibilidade de refletir sobre o que poderíamos ter feito no passado e não fizemos.

Tendo somente esses dois bens, já podemos observar que os convites de trabalho aí estão para quem deseja realizar algo. Todavia, antes de nos atirmos, inadvertidamente, aos trabalhos só porque nos sentimos culpados, é aconselhável que cada um de nós procure compreender, com dignidade, seus próprios deveres, isto é, os compromissos morais a que estamos sujeitos com

todos aqueles que nos cercam – encarnados e desencarnados –, sobretudo com nosso grupo familiar. Essa compreensão é importante porque, às vezes, deixamos de atender pequeninas exigências que são, na verdade, mais benéficas a nós do que aos outros.

Todos nós temos consciência de que nossa conta corrente com as leis divinas está em saldo devedor. Por essa razão, se cada um de nós cuidasse de cumprir suas obrigações para saldar esse débito, grande parte dos problemas sociais do mundo se resolveria naturalmente, e todos os fantasmas da inquietude que rondam nossa existência seriam afastados.

Mas por que é tão difícil o cumprimento desses compromissos morais? Por duas razões: a primeira delas é que, na ordem dos sentimentos, o dever se encontra em posição antagônica com as seduções do interesse e do coração; e em segundo lugar, porque ele está entregue ao livre-arbítrio, ao direito que temos de escolher entre o certo e o errado, entre o fazer e não fazer. O interessante nesse processo é que a consciência nos adverte quando nos enganamos, nos estimulando e sustentando para que decidamos sempre pelo certo, pelo bem. Entretanto, o não interessante é que quase sempre sucumbimos.

Agora, já que estamos buscando conhecer o que temos para conquistar a paz, é bom procurarmos saber, também, onde o dever moral começa e onde termina - vale lembrar que não estamos tratando aqui do dever profissional.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo 17, item 7, lembra que ele tem início quando ameaçamos a felicidade ou a tranquilidade do próximo (por exemplo, o desrespeito às normas estabelecidas na convenção de Condomínios, a fim de que todos possam viver em

harmonia), e termina no limite em que interferimos na livre escolha do outro (por exemplo, excessos de cuidados ou superproteção que impedem o crescimento ou as livres escolhas do outro).

Outro ponto importante do qual não podemos nos esquecer é o da confusão que ainda fazemos entre obrigação social e dever moral, tomando-se o significado do primeiro pelo segundo. Um exemplo bem simples que pode nos esclarecer é o seguinte: quando visitamos nossos pais ou avós, caso não moremos com eles, ou doentes, sejam familiares ou não, é imaginarmos que estamos cumprindo um dever moral (fraternidade) quando, na verdade, desejaríamos adiar essa visita indefinidamente.

Nesse momento, é bom prestarmos atenção às nossas atitudes. Se não existe alegria ou amor no gesto, melhor será fazer mudanças, entendendo que é preciso *amar o dever e não apenas executar e não apenas executar as obrigações que a sociedade nos impõe* (o que o outro vai dizer se eu não for). André Luiz diz na lição 17, do livro *Sinal Verde*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, que *“quando o trabalhador converte o trabalho em alegria, o trabalho se transforma na alegria do trabalhador”*.

A diferença então se estabelece quando percebemos que o dever é sempre estimulado pela consciência e não pelas regras sociais. Por tudo isso, podemos concluir que o convite ao bem, à prática do dever moral sempre nos acompanhou, apesar de dificilmente o percebemos. Isso aconteceu através dos nossos pais, das leituras que fizemos e que ainda fazemos, do sentimento religioso que nos consola e nos impulsiona ao exercício do amor ao próximo, dos amigos encarnados e desencarnados que nos auxiliam. E se já possuímos algum conhecimento dos ensinamentos de Jesus e já temos alguma consciência de

que somente através do dever cumprido encontraremos a paz que tanto buscamos, por que ainda esperamos para fazer o que deve ser feito?

O trabalho de transformação de nossas disposições íntimas necessita ser iniciado hoje, continuado amanhã, a cada minuto da nossa vida, até encontrarmos a divindade que existe em nós.

Afirma Cairbar Schutel, no livro *Parábolas e Ensinos de Jesus* – “Deveres Espíritas”: “*O homem que cumpre seu dever, a nada fica obrigado. Quando o homem faz o que pode, Deus faz por ele o que ele por si não pode fazer*”.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), março de 2004.

O Expositor espírita

"Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem." – Paulo (EFÉSIOS, 4:29.).

O expositor espírita não pode transferir para os mentores espirituais o esforço e o preparo que lhe cabem. Por essa razão, independentemente da escolha que se faça, é primordial o conhecimento, não apenas da Doutrina Espírita – é o mínimo que se pode exigir de quem fala em nome dela, sem "achismos", pontos de vista pessoais, isentos de sustentação doutrinária ou feitos de forma improvisada –, mas dos fatos que fazem parte do dia a dia da própria existência. O espírita é um homem do mundo e esse conhecimento pode ter sido adquirido de forma acadêmica ou não.

A falta de tempo não poderá ser uma desculpa para a ausência do estudo, da leitura de revistas, jornais ou outras fontes que permitam sua atualização. Aulas ou palestras são duas vertentes de um só objetivo: a divulgação do Espiritismo como doutrina consoladora e esclarecedora que abre novas perspectivas de entendimento da Vida e, em quaisquer desses trabalhos, o expositor espírita tem um compromisso com o aperfeiçoamento, porque sempre será responsável perante Deus e sua consciência pela consolação, esperança, reconforto e esclarecimentos aos assistidos ou alunos dos quais se fará portador. "O orador é responsável, pelas

imagens mentais que plasme nas mentes que o ouvem.”⁴¹

Se, na assistência espiritual, ele trabalha com o aspecto emocional de quem o ouve – é de primordial importância que suas palavras atinjam o coração e a mente de quem busca alívio para suas dores –, na aula, ele trabalha o conhecimento com objetividade. Em qualquer dos casos, é preciso muita atenção com o uso de uma linguagem acessível, pois se lida com um público heterogêneo. Esse aspecto é importante, porque o expositor espírita é um elo entre o Plano Espiritual e o público-alvo. Ele é, na verdade – e aí reside toda a sua responsabilidade –, um condutor de mentes.

O seu comprometimento com a tarefa assumida lhe mostrará a marca da sua evolução. Daí a necessidade do estudo nobremente conduzido e de um trabalho constante, intenso e prolongado para a transformação de suas disposições íntimas. Esses recursos, somados a outros, o ajudarão a fazer com que consiga a assimilação dos ensinamentos evangélicos e doutrinários para quem necessita deles. É preciso clareza de ideias e transmissão segura para que não haja margem de dúvidas ou interpretações equivocadas. Por essa razão, torna-se indispensável que o expositor espírita conheça o público-alvo ao qual se dirigirá, porque o mesmo tema poderá ter diferentes enfoques. Entretanto, em se tratando de palestras, a mensagem deverá conter, sempre, alegria, esperança, reconforto e confiança em Deus.

É importante lembrar que alguns que buscam a Casa Espírita o fazem em momento de dúvidas pelas lutas diárias e pelas frustrações, ou movidos apenas pela curiosidade, e é dever de quem expõe o Evangelho ou

41 XAVIER, F. C. e Waldo Vieira, *Conduta Espírita*, ditado pelo Espírito André Luiz - 18ª edição – Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1995, lição 14.

temas doutrinários fazer com que saiam esperançosos, com novos conhecimentos, satisfazendo a curiosidade sobre a doutrina ou espalhando paz. Crentes de outras religiões procuram esclarecimentos no Espiritismo e não desejam ser espíritas. Quem procura uma Casa Espírita, quase sempre, está nervoso e impaciente, necessitado da mensagem pacificadora que o Evangelho traz. Pode-se imaginar o que aconteceria se encontrasse um expositor impaciente e intransigente? Daí a adequação de termos de uma mensagem – com começo, meio e fim – que possa atuar na mente e no coração de quem sofre, sensibilizando-o e preparando-o para dar continuidade à assistência espiritual, se for o caso, por exemplo, o passe.

Podemos perceber, até agora, que para ser um bom expositor espírita são necessários alguns requisitos, elementos fundamentais que lhe permitirão um melhor desempenho. Podemos destacar, entre eles:

RESPEITO – a atitude de respeito à equipe encarnada e desencarnada traz harmonia e rendimento. Assim, o expositor espírita deve respeito aos dirigentes das tarefas, aos companheiros e, principalmente, aos assistidos ou alunos.

DISCIPLINA – envolve o compromisso com a tarefa: responsabilidade com a preparação adequada da mesma; humildade, consciente de que é somente um instrumento de Deus, em tarefa redentora de passado comprometido com escolhas equivocadas – muito poucos não o são –, e equilíbrio, ou seja, que suas palavras e atos estejam em harmonia, pois, querendo ou não, o seu exemplo fará diferença junto aos companheiros envolvidos no trabalho.

PONTUALIDADE – ninguém é insubstituível. Portanto, é indispensável chegar ao local para a realização da tarefa

com trinta minutos de antecedência, ao menos. A harmonização com o ambiente físico e espiritual é de grande importância, porque tudo isso ajuda no estabelecimento do equilíbrio para que a tarefa se realize a contento, ou seja, atinja os objetivos propostos.

VOCAÇÃO – este é um aspecto bastante interessante e que deve ser levado em conta na hora de fazer a escolha para essa tarefa: falamos do sentimento, isto é, da vontade real de ajudar o próximo dessa forma. Sem isso, todos os outros requisitos perdem sua importância, pois não conseguem, por si só, sustentar o trabalho.

VOZ E IMAGEM – tom monocórdio e um traje descuidado ou inadequado ao ambiente não permitirão que a atenção do assistido se volte para a mensagem exposta. Daí a necessidade da voz fraterna, audível, vibrante – sem gritar –, gestos simples e a imprescindível renovação interior, para transmitir com segurança a essência evangélica e doutrinária. Não se pode perder de vista que o assistido observa tudo e que, antes de emitirmos a voz, não importa em qual situação, nosso corpo fala através da postura, do olhar etc. Em síntese, é necessário amor nos gestos, no olhar e na voz.

VOCABULÁRIO – é impossível falar em nome da Doutrina Espírita sem usar o *vocabulário espírita*, contido na Codificação, procurando abolir nas palestras ou aulas os vocábulos impróprios, expressões pejorativas, gírias, historietas impróprias – o Evangelho está repleto de passagens ilustrativas – e anedotas reprováveis. E, sempre que possível, como alerta André Luiz, “preferir o uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, ao invés da primeira pessoa do singular, a fim de que não se isole da condição dos companheiros naturais do aprendizado, com quem distribui avisos e exortações. Somos todos

necessitados de regeneração e luz".⁴²

Todo trabalho na seara de Jesus é bendito, pois apesar do esforço que o expositor espírita fará para ser digno do seu salário espiritual, precisa conscientizar-se de que mesmo imperfeito e vacilante em relação à sua evolução espiritual, a Doutrina necessita de seu concurso; que o pouco que está fazendo em prol dela e da sua própria evolução, como aprendiz do Evangelho, é muito, considerando que está dando o primeiro passo; e que, no momento que fala, a ajuda espiritual não lhe faltará e, sim, que estará presente e atuante, se fizer a sua parte, compreendendo a importância do momento e dedicando-se, mentalmente, às vibrações de amor, paz, humildade e caridade.

E com humildade e simplicidade deve sentir-se motivado para proferir contínuas palestras, tendo a certeza da ajuda do Mestre e a convicção de que primeiro se ilumina quem acende um fósforo.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – janeiro de 2008.

42 OLIVEIRA, Alkindar - Decálogo do Expositor Espírita. *Revista Espírita de Campos*, out/dez -1997.

O querer

O Cristianismo do Cristo não tem por finalidade impedir que o homem evite apenas os atos maus, ou que pratique somente atos bons. O homem é um ser dual ainda: é noite e dia; é luz e treva, mas, sim, que se crie uma atitude boa. Ser bom é muito mais importante que fazer o bem, pois é do homem bom que nasce o fazer o bem. É sabido que uma pessoa pode fazer o bem sem ser bom, mas ninguém pode ser realmente bom e não fazer o bem. Qual é o tesouro que temos escondido em nosso coração?!

A verdadeira natureza do homem está inscrita em suas atitudes e não apenas nos seus atos. Assim, quem se diz cristão terá que sê-lo em todas as ações do seu dia e não apenas quando é solicitado a ajudar o próximo, porque os atos são intermitentes, ora acontecem, ora não. Os atos são manifestações das atitudes e, por essa razão, terão de ser permanentes. Portanto, não basta que pratiquemos atos externamente bons; é necessário que sejamos internamente bons.

O evangelista Mateus, escreveu no capítulo 5, versículo 33, ⁴³ que Jesus advertiu, no Sermão da Montanha, que nossa palavra fosse "sim, sim; não, não", mas é na Parábola dos Dois Filhos que encontramos o melhor exemplo da aplicação da advertência do Mestre. É muito fácil prometer, muito difícil, quase sempre, executar a promessa.

Via de regra, quando entramos em contato com a Doutrina dos Espíritos, tornamo-nos pródigos em

43 KARDEC, Allan – O Evangelho segundo o Espiritismo – Capítulo 25.

promessas - marcas atávicas de barganhas com Deus, porque nem sempre honramos a palavra dada -, mais pelo sabor da novidade do que pela verdadeira aceitação. O Espiritismo nos sugere algo diferente: novas responsabilidades, modificações íntimas, mudança de hábitos calcados em nós durante milhares de existências e por isso mesmo cristalizados, difíceis de serem alterados e aceitos. Por essa razão Jesus disse na parábola que mais vale dizer um "não" e arrepender-se, do que dizer "sim" e fugir do esforço renovador.

De qualquer forma, promessa não cumprida indica leviandade e isso se reflete em todas as atitudes da vida. Quem nada promete, depois reflete, e entrega-se ao trabalho do bem, agindo com bom senso. A Parábola dos Dois Filhos deveria ser objeto de mais acurada reflexão, sobretudo para nós, espíritas, que tanto temos recebido de Deus. O verbo nos apresenta, mas é nossa atitude que nos dirige.

No livro *Pão Nosso*, ditado pelo estimado benfeitor espiritual Emmanuel a Francisco Cândido Xavier, na lição 80, afirma judiciosamente: "o 'sim' pode ser muito agradável em todas as situações, o 'não', em determinados setores da luta humana, é mais construtivo. Satisfazer a todas as requisições do caminho é perder tempo e, por vezes, a vida. Tanto quanto o 'sim' deve ser pronunciado sem incenso bajulatório, o 'não' deve ser dito sem aspereza. Seja o vosso falar sim, sim; não, não, recomenda o Evangelho. Para concordar ou recusar, todavia, ninguém precisa ser mel ou fel. Bastará nos lembrarmos de que Jesus é o Mestre e o Senhor não só pelo que faz, mas também pelo que deixa de fazer".

Muitas vezes o amor exagerado converte-se em fardos que prejudicam nossa ascensão à Vida Superior. É preciso

estarmos atentos às nossas atitudes para não cairmos nas armadilhas da leviandade e da insensatez. Os próprios discípulos materializavam o ensinamento do Mestre sacudindo a poeira das sandálias, quando se retiravam de um lugar de rebeldia ou impenitência. Se alguém não recebe de boa vontade as sementes do bem, por que perder tempo? Melhor retirar-se sem mágoas, lembrando-se de que tanto eles quanto nós mesmos seremos chamados, no devido tempo, de retorno à verdadeira pátria.

Um aspecto interessante que é possível abordar em relação ao ensinamento de Jesus é que dizer “eu creio” parece fácil, mas quantos podem declarar, honestamente, “estou” transformado. Às vésperas do Calvário, Jesus recomendou a Simão Pedro que confirmasse aos irmãos na fé, quando se convertesse. Essa passagem evangélica é importante, porque notamos que Pedro foi o Seu mais ativo companheiro de apostolado e, no entanto, tinha dúvidas. Durante o messianato, presenciou acontecimentos assombrosos ao lado do Mestre; todavia, seriam necessários ainda trabalhos sacrificiais imensos, lutas ferrenhas consigo mesmo para que se pudesse converter e se transformar para Jesus. Assim, se não nos convertermos, demorará muito tempo até que estejamos habilitados para o testemunho da fé.

Huberto Rohden, no livro *Sermão da Montanha*,⁴⁴ tece considerações sobre as palavras que Jesus pronunciou: “não pensais que vim abolir as leis e os profetas; não, não os vim abolir, mas levar à perfeição”. Diz o autor que com essa afirmação Jesus deixa claro que Sua missão é de continuador da revelação divina. Que os recipientes mais

44 ROHDEN, Huberto. *Sermão da Montanha* – Editora Martin Claret, São Paulo/SP, pag. 165.

humanos e menos dignos que Jesus, veículos ainda contaminados pelas imperfeições humanas, receberam revelações de Deus; mas a puríssima revelação do Pai tornou-se parcialmente impura pelo contato com o recipiente ou veículo não perfeitamente puro. Por isso, a revelação puríssima apareceu contaminada.

A recepção da Verdade que Jesus veio trazer ficou limitada à capacidade que cada um tem, por causa dessa impureza que podemos traduzir por possibilidade de entendimento da Palavra Divina. Cada um de nós colherá aquilo que tiver conseguido apreender, seja como dedal, seja como balde. O importante nesse processo não é somente falar – “Fala para que eu te veja”, dizia Sócrates –, mas agir para que possamos mostrar como realmente somos.

Na pergunta 911, de *O Livro dos Espíritos*,⁴⁵ os Espíritos Superiores respondem à questão formulada por Allan Kardec que “há muitas pessoas que dizem ‘eu quero’, mas a vontade não está senão nos lábios; elas querem, mas estão bem contentes que assim não seja. Quando se crê não poder vencer as paixões, é que o espírito nelas se compraz em consequências da sua inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende a sua natureza espiritual; as vitórias são para ele um triunfo do espírito sobre a matéria”.

O cristão apareceu na Terra para estar com o Mestre, para transformar vidas e aperfeiçoando sua própria existência. A palavra é um dom divino quando acompanhada de atos que testemunham essa transformação. É através da palavra escrita ou falada, recebida como patrimônio divino, transmitida de geração a

45 KARDEC, Allan – O Livro dos Espíritos – questões 632 e 845.

geração, que o mecanismo do processo evolutivo acontece.

A verdadeira natureza do homem, voltamos a afirmar, é a sua atitude. Por essa razão, o ensinamento do Mestre de que seja nosso falar “sim, sim; não, não”, nos firma como seres conscientes da necessidade de coerência entre o fazer e não fazer; entre o ir e não ir; entre o creio e o estou transformado. Há muito a ser feito na seara e o tempo corre célere. Prossigamos, então, fortes e fiéis aos nossos objetivos. ⁴⁶

Pub. – Revista Internacional Espírita (Matão) – outubro de 2019.

46 O Reformador, junho de 1957 – editora FEB – Martins Peralva – “Promessas”.

O Sono da Alma, Perigosa Tentação

No Monte das Oliveiras, o crepúsculo anunciava a chegada da noite, momento sublime convidando à meditação. Jesus, na companhia de Simão Pedro, João e Tiago, alcançou o monte para viver a derradeira hora com os discípulos amados. Sabia que ali mesmo seria preso e condenado ao calvário.

Solicitou o Mestre aos companheiros que permanecessem em oração e vigilância, junto com ele, para que tivesse a glorificação de Deus no supremo testemunho. Afastou-se e, colocando-se em prece, a pequena distância, pôde ser observado em toda a sua sublimidade por aqueles corações que O ouviam e amavam.

Narra Lucas ⁴⁷ que, sem motivo que pudesse ser explicado, os três adormeceram no decurso da oração, enquanto Jesus orava fervorosamente, mesmo diante de tão grande dor que se avizinhava.

Essa passagem evangélica remete-nos a duas reflexões que devem ser expostas por estarem ligadas à nossa condição atual de eternos aprendizes da Sabedoria Divina. A primeira é uma chamada à conscientização das tarefas que estão sob nossos cuidados. Diz Emmanuel ⁴⁸ que o aprendiz do Evangelho deve ser "o campo de trabalho do Reino, onde se esforçará operoso e vigilante, compreendendo que o Cristo prossegue em serviço

47 Lucas, 22:46.

48 XAVIER, F. C. - *Caminho Verdade e Vida* - ditado pelo Espírito Emmanuel - 17ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - lições 87 e 88, 1997.

redentor para o resgate total das criaturas – *Nenhuma das ovelhas de meu Pai se perderá*”.

Todavia, não ignoramos a presença de inúmeros companheiros – e quantas vezes nós próprios! – com atividades alicerçadas nos ensinamentos cristãos, permanecerem dormindo nas conveniências pessoais, geralmente ligadas a interesses mesquinhos, nas vaidades efêmeras. Os chamamentos transitórios iludem-nos e fazem com que o tempo seja gasto em futilidades. Malbaratamos as oportunidades valiosas que nos são oferecidas para nosso crescimento espiritual e permanecemos voltados apenas para as questões pessoais que nos afetam o cotidiano.

Com propriedade, ainda, lembra Emmanuel ² que “falam do Cristo, referem-se à sua imperecível exemplificação, como se fossem sonâmbulos inconscientes do que dizem e do que fazem, para despertarem tão só no instante da morte corporal, em soluções tardias”.

Somos os discípulos de hoje que esquecem o mandato do qual somos portadores, que se inquietam pela rápida execução dos seus desejos e caprichos, procurando aproveitar cada momento da existência como se fosse o último, acreditando que os dias correm depressa demais, para tantos prazeres materiais a serem experimentados.

Olvidam que a vida é eterna e que o tempo no corpo físico, ante essa eternidade, é quase nada. E ao despertarem no mundo espiritual, os obreiros distraídos, sob a cobrança da própria consciência, choram e clamam pelo reencontro da paz do Cristo. *“A minha paz vos dou, não a paz do mundo, mas a minha paz.”*

Assim, como Jesus, ao ver os discípulos dormindo, lhes disse: *“Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai para*

que não entreis em tentação”, também o discípulo invigilante ouve, nos refolhos da sua consciência, a voz do Senhor dizendo a Pedro: *“Então, nem por uma hora pudeste velar comigo?”*.³ E se não conseguimos, ainda, permanecer uma hora com o Cristo, na prática dos Seus ensinamentos, como pretender a união com Ele para sempre?

Somos os Lázarus modernos a quem o Cristo chama: Acorda! Levanta! Sai! Acorda para a consciência de que és um ser espiritual, imortal, criado por Deus para viver na plenitude do Seu Amor. Levanta dessa ociosidade que te prende às algemas materiais que te limitam a mente e te engessam no passado. Sai do egoísmo que te bitola a visão do cosmo e que te faz imaginar que és o centro do Universo. Sai do teu “eu” fantasioso e amplia a mente para tudo que esteja ao teu redor, sê estrela, sê homem.

Abandona a velha estrutura que te mantém atado a valores antigos de cor, religião, posição social e entrega-te a Deus, como ser cósmico que és, ser divino com luz própria e infinitas capacidades de voar para a felicidade plena.

Uma segunda reflexão.

Sobre a narrativa de Lucas e Mateus encontramos – com grande beleza – em Humberto de Campos.⁴⁹ Diz o querido instrutor espiritual que após o episódio do Horto das Oliveiras, onde dormira com seus companheiros – não atendendo ao pedido de Jesus para a oração e vigília – no momento em que o coração amoroso do Mestre mais necessitava de assistência e afeto, João, o filho de Zebedeu, implorava, em lágrimas que Ele perdoasse seu

49 XAVIER, F. C. - *Boa Nova*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos – 25ª edição, Editora FEB, Rio de Janeiro/RJ – Cap. 27, 1999.

descuido da hora extrema.

“Certa noite, após as reflexões costumeiras, sentiu ele que um sono brando lhe anesthesiava os centros vitais. Como numa atmosfera de sonho, verificou que o Mestre se aproximava. (...) Precedendo suas palavras do sereno sorriso dos tempos idos, disse-lhe Jesus:

– João, a minha soledade no horto é também um ensinamento do Evangelho e uma exemplificação! Ela significará, para quantos vierem em nossos passos, que cada Espírito na Terra tem de ascender sozinho ao calvário de sua redenção, muitas vezes com a despreocupação dos entes mais amados no mundo. Em face dessa lição, o discípulo do futuro compreenderá que sua marcha tem que ser solitária, uma vez que seus familiares e companheiros de confiança se entregam ao sono da indiferença! Doravante, pois, aprendendo a necessidade do valor individual no testemunho, nunca deixes de orar e vigiar.”⁵⁴

Assim, necessário se faz que, enquanto nos encontrarmos no corpo físico, não durmamos em espírito, desatentos aos convites de Jesus.

É fundamental para nossa proteção e sustentação que nos levantemos e nos esforcemos, porque é “no sono da alma que se encontram as mais perigosas tentações, através de pesadelos e fantasias”.⁵⁰

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) - março/2007.

50 XAVIER, F. C. – *Caminho Verdade e Vida* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – lições 87 e 88, 1997.

Oração e Renovação

O tema fala de fé e obra, palavras e ações.

Várias passagens do Evangelho levam-nos a reflexões sobre a postura que temos em relação a essas escolhas, sem que possamos duvidar, de um lado, da fé ou da honestidade das nossas palavras, do nosso sentimento em relação a Deus, através da oração. E de outro lado, não poderemos nos esquecer dos obreiros do Senhor que com esforço cumprem suas obrigações na vida material. O problema, em verdade, está no manter-se apenas em um dos lados da questão: somente oração sem trabalho útil, ou somente trabalho, esquecendo-se da necessária renovação dos sentimentos.

Essa situação remete-nos a duas passagens dos ensinamentos de Jesus, ainda que existam muitas outras. Em uma delas o Mestre fala de um pai que tinha dois filhos. Chegando ao primeiro disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele respondeu: Irei, e não foi. O segundo disse: Não quero. Mais tarde, tocado pelo arrependimento, foi. A outra acontece no Monte das Oliveiras, quando o crepúsculo anunciava a chegada da noite. Jesus, na companhia de Simão Pedro, João e Tiago, alcançou o monte para viver a derradeira hora com os discípulos amados. Sabia que ali mesmo seria preso, sentenciado e condenado. Solicitou o Mestre aos companheiros que permanecessem em oração e vigília, junto com ele, para que tivessem a glorificação de Deus no supremo testemunho. Afastou-se e, colocando-se em prece, a pequena distância, pôde ser observado em toda a

sua sublimidade por aqueles corações que o ouviam e amavam. Sem qualquer motivo que pudesse ser explicado, os três adormeceram no decurso da oração, enquanto Jesus orava fervorosamente, mesmo diante da grande dor que se aproximava.

Por qual razão essas passagens são importantes para nosso tema? Porque estão ligadas à nossa condição atual de aprendizes da Sabedoria divina, e necessariamente nos levam a refletir: Primeiro, temos o chamamento à conscientização das tarefas que estão sob nossos cuidados. Diz Emmanuel que o aprendiz do Evangelho deve ser "o campo de trabalho do Reino onde se esforçará, operoso e vigilante, compreendendo que o Cristo prossegue em serviço redentor para o total resgate das criaturas – *'Nenhuma das ovelhas de meu Pai se perderá'*." (Mateus, 18:12-14 e Lucas, 15:3-7.)

Jesus mostra claramente nesta advertência que as almas transviadas não ficarão perdidas nos labirintos das paixões materiais. Serão procuradas pelo amor do Pai, e que se for preciso deixar de cuidar daquelas que já atingiram uma consciência relativa, os encarregados do rebanho sairão a campo à procura daquele que se perdeu.

O Pai não quer a condenação do mau, do ingrato, do injusto, mas sim a sua regeneração, a sua salvação, a sua felicidade. Fomos criados para ser felizes e se não o somos é porque nos desviamos das leis divinas.

Muitas vezes, nós próprios, alicerçados nos ensinamentos cristãos, permanecemos dormindo nas conveniências pessoais, geralmente ligados a interesses mesquinhos, nas vaidades efêmeras. Os chamamentos transitórios iludem-nos e fazem com que o tempo seja gasto em futilidades. Malbaratamos as oportunidades que

nos são oferecidas para nosso crescimento espiritual e permanecemos voltados apenas para as questões pessoais que nos afetam o cotidiano.

Com propriedade, ainda, lembra Emmanuel que falamos do Cristo, referindo-nos à sua imperecível exemplificação, como se fôssemos sonâmbulos inconscientes do que dizemos e do que fazemos, para despertarmos tão só no instante da morte corporal, em soluções tardias. Somos os discípulos de hoje que esquecem o mandato do qual somos portadores, que se inquietam pela rápida execução dos seus desejos e caprichos, procurando aproveitar cada momento da existência como se fosse o último, acreditando que os dias correm demais, sem tempo para tantos prazeres materiais a serem experimentados. Esquecemos que a vida é eterna e o tempo no corpo físico, ante essa eternidade, é quase nada. E ao despertarmos no mundo espiritual, obreiros distraídos que somos, muitas vezes, vemo-nos diante das próprias consciências, chorando e clamando pelo reencontro da paz do Cristo. *"A minha paz vos dou. Não a paz do mundo, mas a minha paz."*

As sublimes palavras do Mestre são para que aprendamos a viver em paz. Se nos guerreiam gratuitamente, se nos hostilizam a maneira de viver, tenhamos paciência, bondade e compreensão com essas almas amarguradas, que surgem aflitas, desesperadas, coléricas, prisioneiras da vaidade e da ignorância. Prossigamos nosso roteiro, procurando ajudá-las dentro dos nossos limites, pacificando-lhes o coração e a mente, pois nesse processo de ajuda ao outro, harmonizaremos nossa própria existência.

Emmanuel lembra carinhosamente que, ainda que as trevas envolvam a Terra em alguns momentos, o sol

sempre surgirá. Viver de qualquer modo, prossegue ele, é de todos, mas viver em paz consigo mesmo é serviço de poucos.

São muitas as nuances que surgem quando somos defrontados com situações que exigem tomadas de decisões. Entretanto, somos, também, aqueles trabalhadores que não creem, mas que racionalizando com lógica, num grande esforço intelectual, discernindo e refletindo sobre o convite ao trabalho no bem, transformam um "*não quero*", "*tenho muito trabalho*", "*não tenho tempo*" em ação produtiva. Somos, sim, ainda, os trabalhadores que tardam, que demoram a aceitar o trabalho e que, depois, na maioria das vezes, transformam-se em grandes obreiros da Seara Divina.

A fé é sempre o caminho, mesmo que ela não seja ostensiva. A caridade – trabalho no bem – é o fim. A fé, na essência, é a semente de mostarda do ensinamento evangélico, que crescerá na proporção do trabalho de elevação que realizarmos em nós. É a semente transformada em obras, beneficiando a tantos.

Nas palavras de Emmanuel, a fé sem obras constitui embriaguez perigosa que nos convida a aguardarmos benesses sem esforço pessoal. É a atitude do assalariado que aguarda pagamento sem ter trabalhado.

É importante não esquecermos que quando nos dedicamos à ação, colocamos em movimentos energias cósmicas que são acrescidas do poder divino. A nossa fé, nesse momento, é em Deus que nos sustenta a tarefa, e em nossa capacidade de realização. Por isso conseguimos realizar feitos incríveis, que julgávamos impossíveis de serem conseguidos.

A fé precisa ser revelada ao mundo através de obras

para a felicidade de muitos, pois somos cooperadores do Pai na construção de um mundo melhor. O nosso amor, através do trabalho, estimula o amor do outro. A nossa paz, conquista pessoal e intransferível, constrói a paz entre aqueles que nos cercam. A caridade nos nossos passos, através do exemplo, despertará a caridade no caminhar do outro.

E com nossa fé inabalável na Providência Divina, semearmos a fé ao redor de nós mesmos.

Orai pelos que vos perseguem

Jesus deixou-nos dois princípios básicos de Justiça Divina, entre tantos outros, quando nos aconselhou, primeiro, a orar pelos que nos perseguem e caluniam, e segundo, porque com a mesma medida com que medirmos a atitude do outro, também seremos medidos pelas nossas.

A dor moral que sentimos, por conta dessas atitudes, está de acordo com as necessidades próprias, com vistas aos resgates do passado, preparando-nos para a vida espiritual futura. Assim, quando recebemos a calúnia, a ofensa de alguém que se encontra dentro do nosso patamar de compreensão e do plano evolutivo é, sem dúvida, provação bem amarga, que não pode ser dispensada, em benefício do nosso processo de crescimento espiritual – lembra Emmanuel, respeitado benfeitor espiritual. Mas, também, existem as pedradas da ignorância e da má-fé, partidas de sentimentos inferiores, e convém que o cristão esteja preparado e sereno, de modo a não recebê-las com sensibilidade doentia, mas com o propósito de trabalho e esforço próprio, na educação dos seus sentimentos. Por essa razão, as advertências às quais Jesus nos convida a prestar atenção não se baseiam, tão somente, na lei universal da bondade para com os semelhantes. Vai além, fundamentando-se na lei das correspondências, das sintonias.

Não dá para ignorar que os sentimentos perniciosos, manifestados através de pensamentos destruidores, encontram na lei das trocas, das correspondências, da

sintonia, aqueles que sentem e pensam da mesma forma que nós. Portanto, detestar aqueles que nos detestam, retribuir o mal com o mal, é o mesmo que abrir portas em nós mesmos para a violência, para o desamor, para a aversão daqueles que nos convidam para sermos iguais a eles, para caminharmos com eles nas trilhas do desequilíbrio, das doenças, alimentando mágoas, raivas, desejo de revide e amarguras...

Mas, nosso Mestre Excelso convida-nos a ir além da bondade para com o próximo.

Vamos entender o que isso significa: 1 - Para o selvagem da floresta, não há outro paraíso além da caça, da pesca, da pequena agricultura para a manutenção da tribo; 2 - Para o estudioso da Astronomia, nosso mundo e outras descobertas não vão além de departamentos no Universo. Todavia, também nós temos um campo de experiência diária, e não podemos nos esquecer de que as situações externas serão retratadas no nosso plano íntimo, segundo aquilo que colhemos na consciência como material de reflexão. Ou seja: somos influenciados por situações que acontecem ao nosso redor, e através delas vamos colhendo aquilo que será alvo dos nossos pensamentos, daquilo que nos chamou a atenção por ter-se tornado foco de nosso interesse. Por exemplo: Se permanecermos na cólera, todas as formas ao nosso redor parecerão iradas; se preferimos a tristeza, poderemos notar que o desalento está em cada trecho do nosso caminho; se duvidamos da nossa capacidade na execução de tarefas que nos são dadas ou que desejamos realizar, é certo que ninguém confiará no nosso esforço; e se nos habituamos às perturbações e aos atritos, dificilmente saberemos viver em paz conosco.

Isso acontece porque, em torno dos nossos passos, a

paisagem será aquela que pensarmos dela. "*Respiraremos, assim, na zona superior ou inferior, torturada ou tranquila, em que colocamos nossa mente*"⁵¹, na observação judiciosa de Emmanuel, que prossegue lembrando que "*contra a labareda criminosa do mal, façamos chover os pensamentos calmantes do bem*".⁵²

Todas essas ilações mostram-nos que está em nós a possibilidade de renovação das nossas predisposições íntimas. E mais uma vez Jesus, o Mestre dos mestres, dá-nos a ferramenta para nosso crescimento em relação àqueles que nos caluniam e perseguem. Que ferramenta é essa?! Todas as vezes que nos dirigimos a Deus, pedindo perdão pelos nossos erros, estamos realmente arrependidos? E quando dizemos a alguém que perdoamos a ofensa sofrida, esquecemos realmente o ato danoso?

Na busca dessas respostas, torna-se importante perceber, em nossos corações e em nossas mentes, como essas atitudes se refletem dentro de nós (situação externa influenciando nosso pensamento). E para iniciar essa caminhada, é fundamental não esquecermos que todos nós cometemos equívocos e, portanto, sujeitos a críticas. O problema é que na maioria das vezes somos bastante tolerantes com nossos enganos, enquanto nos tornamos juízes severos dos enganos alheios.

Mas, afinal, por quais razões essa atitude se manifesta em nós? Porque imaginamos – e o egoísmo está no centro desse nosso comportamento – que temos motivos que justificam as nossas grosserias, as nossas injustiças, os

51 XAVIER, F. C. *Pão Nosso*, ditado pelo Espírito Emmanuel, 17ª edição. Federação Espírita Brasileira Editora. Rio de Janeiro/RJ – lição 72, 1996.

52 XAVIER, F. C. *Coletânea do Além*. Autores Diversos - Edições FEESP, 2001 - pág. 31.

nossos desmandos. Os outros não os têm para assim agirem, sobretudo se nós formos os alvos desse comportamento desequilibrado. Se for o outro esse alvo, certamente ele fez por merecê-lo.

A Doutrina Espírita propõe-nos duas questões que poderiam nortear nossa conduta diante dessa situação: 1 – como julgar os atos de criaturas que vivem experiências tão diferentes das nossas?; 2 – como poderemos saber o que se passa no coração daquele que nos ofende ou agride?

Certamente não podemos, pois quando também agimos assim os outros ignoram o que acontece conosco naquele momento. Para essa mudança, para essa nova forma de ver o outro, Emmanuel faz um convite: *"Renova o teu modo de sentir, pelos padrões do Evangelho, e enxergarás o Propósito Divino da Vida, atuando em todos os lugares, com justiça e misericórdia, sabedoria e entendimento"*.⁵³

Mas, por onde começar a corrigir?! Como fazer?! Deparamos aí com um grande problema íntimo: sabemos o que corrigir, mas não conhecemos o caminho para essa mudança. Mas eis a resposta certa à nossa indagação: Jesus é o modelo a ser procurado!...

O Mestre referiu-se, inúmeras vezes, ao perdão como instrumento valioso e indispensável à nossa evolução. O *"perdoai para serdes perdoados"*, que nos deixou em Seus ensinamentos, significa perdoar indefinidamente, tantas vezes quantas forem necessárias.

Gostaríamos, evidentemente, de ser perdoados todas as vezes que nos desviamos da trilha, mas como esperar o perdão que pedimos a Deus se ainda não somos capazes

⁵³ _____ *Fonte Viva*, 16ª edição, Federação Espírita Brasileira Editora – Rio de Janeiro/RJ – 1988, Lição 67.

de perdoar o próximo? Parece-nos que, em primeiro lugar, precisamos aprender a nos perdoar, pois se fizemos ou se ainda fazemos algo errado é porque não sabíamos - como ainda não sabemos - de que forma fazer o certo; e, em segundo lugar, buscar a resposta em Jesus porque, mais do que falar sobre o perdão, Ele o exemplificou em Sua caminhada de luz, exercitando a bondade, a mansuetude, de modo integral, completo, sem distinção a quem quer que fosse. E a prova disso está no pedido que fez ao Pai para que perdoasse aqueles que O crucificaram.

Médico de almas, o Cristo propôs o perdão como remédio para todos os nossos males. E é interessante notar a preocupação da Medicina moderna em tentar compreender por que essa atitude, praticada por muitos doentes do corpo, ajuda a curar ou a minimizar as dores. Os médicos, hoje, querem descobrir como e por que isso acontece. Jesus já sabia e veio nos ensinar. Só nos resta, portanto, aprender!

Aprendamos, pois, a perdoar conforme Ele nos ensinou: sem rancor, sem ressentimento, sem estabelecer condições, ajudando inclusive o ofensor, nem que seja com as nossas preces, mesmo que ele não saiba, fechando as portas da nossa mente a quaisquer sentimentos perniciosos, desequilibrados e desequilibrantes. Busquemos algum bem nessas criaturas, como nós gostaríamos que o encontrassem em nós, apesar do momento de desajuste emocional no qual estejamos envolvidos.

Mas, meus irmãos, é fundamental que não nos esqueçamos de render graças a Deus, porque já podemos prestar auxílio a alguém. É importante lembrar que se chegamos ao grau de restauração em que nos encontramos, é que, decerto, alguém caminhou

pacientemente conosco, com bastante amor de servir e bastante coragem de nos suportar.

Já temos o modelo, conhecemos os instrumentos e o caminho para realizar a transformação em nós. Estamos aguardando o quê?!

Pub. – Revista eletrônica O consolador – edição nº 384.

Os dois fundamentos

Após quarenta dias de silêncio e meditação, Jesus dá a primeira e mais importante mensagem ao povo, conhecida como o Sermão da Montanha, ou Sermão do Monte ou das Bem-Aventuranças, trazendo os fundamentos do Cristianismo e um código de conduta moral. Deixa-nos palavras consoladoras de fé, resignação nas adversidades, misericórdia e mansidão nas lutas.

Encerrando a mensagem, Jesus pronuncia as seguintes palavras: "Todo aquele, pois, que ouve estas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve as minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína". (Mateus, 7:24-27.)

A advertência de Jesus nessas últimas palavras é, em verdade, um convite para que tenhamos consciência da nossa responsabilidade diante das escolhas que fazemos. Essa conclusão do sermão resume, portanto, o seguinte: a essência da sabedoria e da felicidade da vida está em realizar as grandes verdades, e não somente ouvi-las.

Mas que palavras foram essas que Jesus proferiu e que devemos colocar em prática? Jesus estimula o que temos de melhor, convidando-nos a ser perfeitos como nosso Pai

Celestial é perfeito; para que não nos percamos na transitoriedade de tudo que seja material e para nos atermos ao que seja essencial e perene: a vida do Espírito; lembra-nos para rever ideias, atitudes, buscando pensar e fazer melhor do que se pensou e fez hoje; diz-nos para nos reconciliarmos, através do perdão, com nossos adversários, nossos desafetos; convida-nos a fazer caridade sem ostentação e a orar com amor, humildade, simplicidade, estabelecendo ligação harmoniosa com o Plano Maior.

No trecho evangélico, alvo da nossa atenção, o Mestre classifica os seres humanos em duas categorias: o homem sensato que edificou sua casa sobre a rocha e o imprudente que edificou sua casa sobre areia movediça. Sob esse aspecto, podemos encontrar três interpretações das palavras de Jesus: A primeira mostra que o livre-arbítrio, ou seja, o direito de escolher o caminho para nossa evolução espiritual é uma força criadora, capaz de levar o homem a realizar em si o que antes não existia. Estamos falando da transformação dos seus sentimentos, das mudanças na nossa forma de agir e pensar em relação ao outro.

Um exemplo bastante significativo é o da Parábola dos Talentos, na qual os dois primeiros servos – servos bons e fiéis – duplicaram as moedas que haviam recebido do seu senhor, entendendo o senhor como Deus, e as moedas, representando os talentos que todos nós possuímos. Isto significa que transformaram o “pouco” que receberam no “muito” da sua capacidade.

O Mestre coloca a suprema sabedoria do homem no fato de ela poder realizar, isto é, colocar em prática, através das suas escolhas, aquilo que ouviu e compreendeu como sendo a Verdade. Analisando o

ensinamento, podemos perceber que Ele não se refere a nada que seja externo ao homem, que esteja no mundo exterior, mas à criação de algo interno, de uma modificação essencial, isto é, da modificação do ego, do ser egoísta em um ser consciente da sua condição de filho de Deus e, portanto, irmão do outro. Isto acontece com o homem que edificou a casa da sua vida sobre a rocha da Verdade; Verdade essa que plenamente vivida gera a liberdade, liberdade que gera a felicidade. Esse homem consciente modifica as suas vivências em todos os setores da vida. Um exemplo clássico que podemos observar: Um homem é tido como calmo e cordato na casa de oração que frequenta, ou na vida social, ou mesmo no seu local de trabalho. Todavia, no lar, aborrece-se porque as coisas não acontecem como deseja, segundo seus caprichos.

O outro homem "*edifica a casa da sua vida sobre areia movediça de ruidosas atividades materiais, sociais e intelectuais; a sua vida se parece em tudo com uma enorme quantidade de grãosinhos de areia, justapostos, desconexos, sem nenhuma coesão interna*"⁵⁴. Toda a sua vida é repleta de quantidades e pouca ou nenhuma qualidade.

Uma segunda interpretação sobre nosso tema é a seguinte: Jesus compara a crença com um edifício: "*A boa crença é semelhante ao sólido edifício construído sobre a rocha; a má crença é como um edifício de má construção, levantado sobre areia movediça*".⁵⁹

A primeira, a boa crença, nasce do estudo, da análise, da observação. Ela é ativa, racional e científica. A segunda, a má crença, é passiva, que aceita todos os dogmas, as

54 ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas* – 12ª edição, Editora Martin Claret, SÃO PAULO/SP – “Casa sobre rocha – casa sobre areia” – 1997 - pp. 47-51.

verdades que lhe são sugeridas, sem um exame cuidadoso, sem convicção que possa sustentar os homens em momentos tumultuosos, de grandes aflições.

O que Jesus apresenta no final do Sermão da Montanha é uma alegoria belíssima. Vejamos, então: Quando pensamos na construção de uma boa casa, resistente às intempéries, alguns cuidados devem ser tomados: É preciso procurar um bom terreno e construir alicerces sólidos para sustentarem o peso dela. Outros não se importam muito com esses cuidados e acabam levantando construção que oferece perigo aos seus moradores.

"Assim é a Religião: quem procura com boa vontade e livre de ideias preconcebidas a Verdade, e está disposto a abraçá-la, está edificando sobre rocha: quem se submete a qualquer doutrina sem consciência do que faz, edifica sem base e em terreno movediço." ⁵⁵

Mas não basta encontrar o terreno, como não basta encontrar a Verdade para tê-la dentro de si.

É preciso construir a crença, como se constrói a casa. Para se levantar a casa, necessitamos dos alicerces; para se erguer a crença, é preciso buscar o material vindo do Céu. E esse alicerce só terá razão de ser se somarmos a esse material divino o nosso trabalho e o nosso esforço. E mais sólido e belo será esse edifício quanto maior for a dedicação para terminá-lo, e tornar-se nosso abrigo eterno.

É nas intempéries, nas provações da existência, que encontramos, nessa crença bem construída, a calma, a coragem e a fortaleza para vencermos as lutas do dia a

⁵⁵ SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus* – 14ª edição - Casa Editora O Clarim, MATÃO/SP – “Os dois Fundamentos” - 1997 – pp. 156-158.

dia.

Uma outra interpretação dessa passagem evangélica e que também merece destaque diz respeito aos pregadores do Evangelho, em uma palavra, seus divulgadores.

Essas pessoas sempre foram tidas como expressões máximas do Cristianismo; mas isso só aconteceu quando – nas palavras de Emmanuel – esses homens não esqueceram a vigilância indispensável ao correto testemunho: “Falo e ajo em consonância com o Evangelho que prego”.

É interessante notar que o Mestre destaca, entre todos os seus discípulos, aquele que lhe ouve os ensinamentos e os pratica.

Concluindo-se, daí, que não basta ser portador de talentos com a palavra, de ser orador brilhante, mas é fundamental que o discípulo de Jesus seja, igualmente, portador da atenção e da boa vontade, ante os ensinamentos do Mestre, examinando o seu conteúdo espiritual, a sua essência, para aplicar primeiro em si próprio, no esforço diário de renovação moral.

Continua nosso estimado benfeitor espiritual a nos informar que todas as criaturas em serviço no campo evangélico – não importa qual seja a tarefa – seguirão em direção à fé verdadeira, baseada nos alicerces da Verdade, da casa construída sobre rocha.

Isso será inevitável. Mas, afirma ele, que não podemos nos esquecer do valor dos homens moderados, que exemplificando os ensinamentos e avisos da Boa Nova, cuidaram e cuidam da solução de problemas do dia a dia, ou de dificuldades circunstanciais, *“sem permitirem que suas edificações individuais se processem longe das bases*

crisãs imprescindíveis".⁵⁶

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão),
setembro de 2001.

⁵⁶ XAVIER, F. C. *Pão Nosso*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 17ª edição – Federação Espirita Brasileira Editora – BRASÍLIA/DF – 1996 – Lição nº 09.

Os Sermões de Jesus

Jesus proferiu quatro sermões, públicos e privados, com destinação certa, procurando atingir seus objetivos. Os públicos eram feitos em lugares que marcaram a passagem do Mestre, que ensinava caminhando. Os privados, feitos em reuniões fechadas com Seus discípulos. O primeiro deles – e o mais importante – é o Sermão da Montanha, também chamado das Bem-Aventuranças. O segundo é o Sermão Profético. O terceiro é denominado Sermão do Cenáculo, e o último, o Sermão dos Oito “Ais”.

SERMÃO DA MONTANHA - Esse sermão é a primeira mensagem que dirigiu ao povo e é chamado Sermão da Montanha, por ter sido proferido nas colinas de *Kurun Hattin*, ao sudoeste do lago de Genesaré. Essas palavras podem ser consideradas a “plataforma do Reino de Deus”, usando uma linguagem política,⁵⁷ porque trouxe os fundamentos do Cristianismo; deu-nos um código moral que, sozinho, nos orientaria; afirmou que o Reino de Deus não é deste mundo e contradisse a suposição de ser um messias político.

Logo de início vêm as oito Bem-Aventuranças, nas quais o Mestre proclama felizes aqueles que o mundo considera infelizes: os pobres, puros, mansos, pacificadores, perseguidos etc. Depois, chama a atenção para a necessidade da prática desses ensinamentos, estimulando o que temos de melhor, convidando-nos a *ser perfeitos como o Pai Celestial o é*.

57 GODOY – Paulo Alves. *Os quatro sermões de Jesus*. 5ª. ed. São Paulo: FEESP, 2005.

Esse sermão representa, assim, o mais violento contraste entre os padrões do homem material e o ideal do ser espiritual. Nele Jesus pede para entrarmos em uma nova dimensão de consciência, ultrapassando a materialidade, buscando uma visão cósmica do outro, para entendermos a constante transitoriedade de tudo que seja material, para nos atermos àquilo que é essencial e perene: a vida do Espírito.

Há que se reservar, em cada dia, um tempo “para se interiorizar no seu Eu Divino, no seu Cristo Interno” ⁵⁸, rever ideias, atitudes, buscando pensar e fazer melhor do que pensou e fez ontem, substituindo os valores materiais por valores divinos, esvaziando-se do humano e abastecendo-se de Deus, como na Parábola do Filho Pródigo, que se afasta do pai e, depois, arrependido, busca reencontrá-lo, vencendo suas imperfeições.

Terminadas as “Bem-Aventuranças”, Jesus nos alerta para vivenciarmos esses ensinamentos, e por isso nos exalta, procurando destacar o que temos de melhor, mostrando que aqueles que exemplificam Suas palavras são considerados o *sal da terra*, porque estão preservados da corrupção; que Seus ensinamentos são a luz espiritual do mundo que deve ser espalhada e não escondida.

SERMÃO PROFÉTICO – Proferido no Monte das Oliveiras, podemos perceber, ainda que de forma velada, a amargura do Cristo com a incompreensão dos homens, diante das mensagens de Vida que Ele veio trazer. Mas qual era o objetivo do Mestre com esses ensinamentos? Nele, Jesus prognosticou uma série de acontecimentos que marcariam os séculos vindouros, devido à resistência dos homens em entenderem e aceitarem a mensagem cristã do

⁵⁸ ROHDEN, Huberto. *O sermão da montanha*. Martin Claret – São Paulo – SP.

"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Suas palavras deixam claro as catástrofes pelas quais o mundo passaria.

*"Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada"*⁵⁹. Com essa frase anuncia não só a ruína de Jerusalém, mas, também, a das instituições falidas: as de ontem e as de hoje, podemos assim entender, diante dos quadros de iniquidades que vemos atualmente. Adverte aos discípulos e ao povo quanto às dificuldades futuras; fala sobre o cuidado que devemos ter em relação aos falsos profetas que surgirão, lembra-nos da necessidade de vigilância e análise de tudo o que vemos e ouvimos; para que prestemos atenção às aparências, e redobrado cuidado com as interpretações errôneas dos ensinamentos recebidos. Fala do mundo novo que irá surgir e que não deveremos levar para ele as ideias velhas, os problemas do passado. E lembra que é preciso ficarmos atentos, vigiando e orando, preparados para passar pelas duras provas como verdadeiros cristãos, tirando delas o máximo proveito para o burilamento do Espírito. Neste sermão, Jesus fala sobre a Parábola da Figueira Seca. Conta, também, a Parábola das Dez Virgens e a Parábola dos Dez Talentos, ambas de orientação mais direta aos trabalhadores da Seara, através das quais Jesus mostra as consequências das nossas atitudes.

SERMÃO DO CENÁCULO - O Sermão do Cenáculo ficou assim designado por ter sido proferido no recinto onde Jesus fez a chamada última ceia, antes de Sua prisão.

Depois de repartir o pão, símbolo da doutrina que trazia, e o vinho (como essência da vida), representando o Espírito que há de vivenciá-la sempre; de ter lavado os pés

⁵⁹ Mateus, 5, 6, 6 e 24:2.

dos discípulos em sinal de humildade e pureza de alma, inicia Seu discurso com palavras de conforto, esperança e resignação: *"Não se turbe vosso coração; credes em Deus. Crede, também, em mim: na casa de meu Pai há muitas moradas..."* ⁶⁰

Jesus prossegue, despertando neles a certeza da imortalidade do Espírito, conscientizando-os de que Ele é a Verdadeira Videira e que eles, os discípulos, eram seus galhos. Os galhos saem do tronco e dão folhas, flores e frutos. E assim devem ser os discípulos do Mestre, pois o galho que não der frutos será cortado e lançado fora, mostrando a necessidade do trabalho espiritual.

SERMÃO DOS OITO "AIS" - Esse sermão é uma advertência aos escribas, aos fariseus e ao povo todo, incluindo-se as autoridades, alertando-os para o fato de que esses homens estavam sentados na cadeira de Moisés e, por essa razão, fizessem tudo que eles ordenassem, mas que não agissem em consonância com o que praticassem, pois estavam longe de exemplificar o que ensinavam. Proferiu oito "ais", dizendo, por exemplo: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e iniquidade". (Mt, 23:25)

Recrimina o fato de se preocuparem em demasia com os bens terrenos, explorando quem necessitasse de suas orações para abrandar a justiça divina e de valorizarem oferendas de alto valor, prevalecendo o material sobre o espiritual. Adverte sobre a excessiva preocupação com as aparências exteriores, descuidando-se da reforma interior, ostentando ares de bondade, sendo amáveis e corteses por fora, e verdadeiros lobos em peles de cordeiro. Diz Jesus,

60 João, 14, 15, 16 e 17.

nesse discurso, que se assemelham a sepulcros caiados, formosos por fora, mas, por dentro, cheios de ossos de mortos e imundícies. Chama a atenção para a sustentação de postulados de uma religião dogmática, impregnada de fanatismo e que se compraz na observância de vãs tradições. Não compreendendo a extensão da mensagem de Jesus, e com sentimento de ódio em relação a Ele e às Suas ideias, manipularam a verdade de forma a atender aos seus interesses, colocando entraves para impedir que o povo, e eles próprios, percorressem o caminho da redenção.

CONCLUSÃO - Nunca se fez tão necessário, como hoje, conhecer ou lembrar, em regime de urgência, os ensinamentos deixados por Ele e, sobretudo, manter em mente que, nos Evangelhos, encontramos as soluções para os problemas que nos angustiam. Sendo a linguagem inacessível *"para uma parcela dos que os manuseiam, torna-se necessário que vários temas abordados por Jesus sejam elucidados à luz do Espiritismo, doutrina consoladora, que vem, em época propícia, dar cumprimento às Suas promessas"*.⁶¹

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo – janeiro de 2008.

61 GODOY, Paulo Alves. *Os Quatro Sermões de Jesus* – 5ª edição – Editora FEESP – São Paulo/SP – 2005 – p. 10.

Ouvidos de ouvir

Irmão X, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, narra um fato ao qual deu o título de Os Três Crivos. Conta-nos ele que certo homem se aproximou de Sócrates, dizendo ter algo grave a lhe contar. O prudente sábio perguntou ao interlocutor se já havia passado o assunto pelos três crivos. "Quais crivos?", perguntou espantado o homem. "Primeiro", disse o filósofo, "o crivo da verdade: tem certeza da veracidade do que quer comunicar?". O interlocutor disse que não, pois só ouvira dizer. Sócrates continuou perguntando se ele já havia passado o assunto pelo crivo da bondade e o homem negou, argumentando que de bom nada havia. Diante disso, o sábio recorreu ao terceiro crivo, o da utilidade e, prontamente, o interlocutor disse que de útil, também, nada havia. "Bem, rematou o filósofo num sorriso, se o que tens a confiar não é verdadeiro, nem bom e nem útil, esqueçamos o problema e não te preocupes com ele, já que nada valem casos sem edificação para nós..."

Nessa pequena história, parece-nos muito claro o ensinamento de Jesus: "Quem tem ouvidos de ouvir, ouça". Todos nós, indistintamente, aguardamos ouvir os chamamentos de Jesus. Esperamos que vozes celestiais nos cheguem aos ouvidos convocando-nos para, em nome do Mestre, realizarmos grandes obras. É justo esperar, mas será que não precisaríamos antes melhorar nossa audição para ouvir os chamamentos? O benfeitor espiritual Emmanuel, na lição 72 do livro *Palavras de Vida Eterna*⁶²,

62 XAVIER. F. C. *Palavras de Vida Eterna*, pelo Espírito Emmanuel - 20ª edição - Edição CEC - UBERABA/MG - lições 72, 87 e 95.

lembra que analisar, refletir e ponderar são modalidades do ato de ouvir, pois que necessitamos estar atentos e dispostos a identificar o sentimento das vozes, bem como as sugestões e situações que as rodeiam. Mas por que precisamos ter esse cuidado? Porque somente após aprendermos a ouvir com atenção, analisar o que se ouviu, refletir sobre as palavras ditas, os sentimentos que as moveram e a ponderar sobre a sua utilidade, para o nosso crescimento e o dos outros, é que poderemos falar de modo edificante na estrada evolutiva que ora trilhamos.

O Orientador Espiritual afirma que quem ouve aprende, e quem fala doutrina. O primeiro retém e, o segundo, espalha, e somente aquele que guarda, na experiência que renova, pode espalhar com êxito. Todos nós, em experiência planetária, nascemos com uma função definida, pouco importando que ela seja simples ou complexa.⁶³ Para Deus, qualquer que seja sua importância, estará sempre ligada à nossa necessidade individual de aprimoramento. Nós, por não entendermos os desígnios divinos, é que não aceitamos essa condição. Julgamo-nos merecedores de tarefas mais importantes, de maior destaque, sem nos atermos ao fato de que, muitas vezes, sequer conseguimos realizar as pequenas tarefas diárias que nos são confiadas, ou pelas quais nos responsabilizamos. Apenas falando pode ser que abandonemos o trabalho no meio. Entretanto, se começarmos realmente a ouvir sempre e mais, com certeza atingiremos, e de forma serena, os fins aos quais nos destinamos.

Quando falamos em ouvir os chamamentos de Jesus é necessário nos lembrarmos do seguinte: no Cristianismo, o

⁶³ *Idem - Fonte Viva*. ditado pelo Espírito Emmanuel – 16ª edição - Editora FEB – RIO DE JANEIRO/RJ - lições 32 e 153.

chamamento do Mestre tem um significado bem específico, ou seja, o apelo do Cristo ao ministério religioso. Todavia, à luz do Espiritismo, ele é muito mais amplo, pois que, em cada situação da nossa existência, estejamos encarnados ou desencarnados, podemos registrá-los. Senão, vejamos: no seio familiar ele surge através dos problemas difíceis que necessitamos solucionar, após ouvir, com serenidade e isenção de ânimos, as partes envolvidas; diante do companheiro desconhecido que nos solicita cooperação; à frente do adversário que pede tolerância e entendimento, nos conclamando ao perdão com o esquecimento do ato ofensivo; junto ao enfermo a nos solicitar a assistência amorosa, seja no trato das feridas físicas ou espirituais; e na atitude de bondade e compreensão que nos roga a criança, exigindo de nós cuidados maiores diante da fragilidade dessa planta que necessita das mãos fortes do adulto para não fenecer.

Somos todos discípulos de Jesus, precisando ouvi-Lo, dando testemunhos da nossa fidelidade aos ensinamentos que deixou, procurando segui-Lo onde estejamos e como estejamos, na certeza de que somente através do exercício constante no bem estaremos atendendo ao chamamento do Divino Amigo, porque teremos, então, ouvidos de ouvir.⁶⁴

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – fevereiro de 2005.

64 Ibidem - *Caminho, Verdade e Vida*. Ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição – Editora FEB - RIO DE JANEIRO/RJ - lição 77.

Parábola do joio

"O joio está para o trigo, assim como o juízo humano está para as manifestações superiores." ⁶⁵

Menos popular que algumas das parábolas narradas por Jesus, esta é de uma riqueza incalculável quando podemos, à luz da doutrina Espírita, buscar a essência do que Ele propôs de ensinamento, por trás das palavras. E foi isso que nos moveu e nos levou a encontrar em três obras os subsídios para entendê-la.

Três autores que não deixam qualquer dúvida sobre a clareza, o entendimento e a coerência que precisamos encontrar quando, independentemente do estudo que realizamos de qualquer passagem evangélica, buscamos entender Jesus. São eles Cairbar Schutel, Huberto Rohden e o benfeitor espiritual Emmanuel.

A parábola do joio é bem interessante porque do ponto de vista material ela parece paradoxal, como muitas parábolas o são e, por isso mesmo, algumas questões podem ser levantadas: que lavrador deixaria a plantação cheia de ervas daninhas? Quantos proibiriam de colher o mato? Ainda que do ponto de vista material essas questões possam ser levantadas, do ponto de vista espiritual ela é muito mais ampla.

Todas as vezes que nos propomos a estudar para compreender o que o Mestre quis dizer em qualquer um dos Seus ensinamentos, precisamos buscar o objetivo que O

⁶⁵ SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus* - 14ª edição - Casa Editora O Clarim- MATÃO/SP - 1ª Parte, p. 5 - 1997.

moveu. Conseguimos compreender com nossos estudos que o objetivo em questão é o estabelecimento do espírito de fraternidade que, nas palavras de Cairbar Schutel, está contido no amor a Deus e ao próximo, no merecimento pelo trabalho, pela abnegação, pelas virtudes ativas. Afirma ainda que a fraternidade é o único sentimento capaz de resolver as questões sociais e estabelecer a paz no mundo. Entretanto, como em qualquer convite ou orientação vindos de Jesus, não é possível permanecer no significado literal, na letra, mas buscar também a essência contida nessas palavras. E qual é, pois, a essência da parábola do joio, objeto de nossa reflexão? Pela mistura das palavras do Cristo e pelas alterações que o homem viria fazer, atendendo desejos e interesses pessoais e de grupos, era necessário que a Verdade - o trigo - e as deturpações - o joio - amadurecessem juntas para, então, separá-las de suas exterioridades.

Voltemos à análise: como toda história que Jesus contava estava repleta de alegorias necessárias ao entendimento do povo de Sua época, esta também apresenta elementos que precisam ser traduzidos, por assim dizer. Senão, vejamos: o feixe é representado pelos débitos individuais e coletivos; o campo, o mundo da humanidade; o trigo sugere os homens bons ou os ensinamentos benditos, enquanto que o joio significa os homens maus ou a deturpação dos ensinamentos divinos. Mas aparecem também os homens dormindo, representando o desinteresse em relação às palavras do Excelso Amigo, a inconsciência do Espírito que dorme diante da vida espiritual. Jesus fala ainda da queima do feixe que significa a imensa paciência do Criador na espera que os homens amadureçam, acordem para a verdadeira vida: a vida do Espírito.

Deus não fez o homem nem bom nem mal. Criou-o simples e ignorante de Suas leis, mas depositou na sua consciência a "semente" da evolução para que na "estação" propícia ela germinasse. Foram necessários milênios incontáveis para que de posse do livre-arbítrio esse homem tivesse a possibilidade de escolher entre fazer o bem ou o mal, o certo ou o errado, de fazer alguma coisa ou simplesmente não fazer nada. Por tudo isso ele é o único ser na Natureza que possui essa bipolaridade: o direito de escolher entre o Céu e o Inferno, que ele mesmo constrói para viver.

Sob o enfoque de Huberto Rohden ⁶⁶, o homem pode tornar-se bom espontaneamente e não compulsoriamente. Tornar-se bom por escolha. Esse homem bom, esse ser-bom deve ser o resultado voluntário do QUERER e não o compulsório do DEVER. Tem todas as condições de ser mau e escolhe ser bom.

A parábola não diz que Deus extermina o joio, porque, em verdade, ele extermina-se a si mesmo pelo não cumprimento das leis divinas. O estimado benfeitor espiritual, através da bendita psicografia de Francisco Cândido Xavier, diz que Jesus não retirou do homem as oportunidades de crescimento e santificação possíveis.⁶⁷

Insiste o amigo espiritual que o joio não cresce por relaxamento do Divino Lavrador, mas, sim, porque o Celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem. Por essa razão, a colheita não é igual para todas as sementes lançadas no chão. Há que se esperar, porque cada espécie tem seu dia e sua estação.

66 ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas* - 12ª edição - Editora Martin Claret - SÃO PAULO/SP - p. 41 - 1997.

67 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz* - 14ª edição - FEB - RIO DE JANEIRO/RJ - Lição 107.

O mesmo acontece conosco. Surgindo o tempo certo de cada um e de cada coletividade, exige-se a extinção do joio, através de processos transformadores. Jesus saberá se Seus ensinamentos foram recebidos em vão. Essa é pedagogia do Cristo: respeito de realizar cada um, a seu tempo, o seu "destino". Mestre dos mestres, educador por excelência, facilitou nosso caminho para sermos criaturas melhores. Mostrou como fazê-lo, oferecendo inumeráveis exemplos, ajudando-nos a remover os obstáculos existentes.

Para o educador encarnado, para todo aquele que tem responsabilidade de transmitir conhecimentos, valores, não importando sua área de atuação, ou sua tarefa nesta encarnação, a única coisa certa a fazer é autoeducar-se para não se deixar contaminar pela vaidade do sucesso positivo ou pela frustração do insucesso.

Necessário se faz que cada um de nós seja o exemplo vivo da prática do evangelho, deixando luzes nos nossos passos, como tantos outros já o fizeram, indicando o caminho que hoje trilhamos com mais leveza.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – Edição nº março/2016.

Parábola do Mordomo Infiel

Cada homem é servidor e administrador frente à obra de Deus. Servidor porque trabalha na seara divina, e administrador porque terá de prestar contas à Justiça Divina. Podemos entender, então, que administrador não é aquele que cuida apenas dos interesses coletivos, particulares ou públicos com esforço pessoal, pois "*cada inteligência da Terra dará conta dos recursos que lhe foram confiados*", afirma o benfeitor espiritual Emmanuel⁶⁸, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Lembra também o mesmo benfeitor que esses recursos não são apenas a fortuna e autoridade. Vão além, muito além... O corpo físico, a saúde, as oportunidades de crescimento pelas possibilidades de servir, de estudar, de bem usar o tempo; o próprio lar, os amigos e as experiências pelas quais passamos e que nos permitem aprender mais são dádivas do Céu. Mesmo a ocasião de viver em harmonia com tudo e com todos que nos cercam a existência ou de ajudar alguém em necessidade são bênção vindas do Celeiro Divino do amor para a nossa evolução espiritual. Todos esses recursos são talentos preciosos que repousam em nossos corações, o tabernáculo sagrado da parábola, em nossas mãos e no nosso caminho. Por isso é preciso velar pelo que realizamos com eles, pois chegará o dia em que o Pai nos dirá: "*dá conta da tua administração*".

Fica clara na passagem evangélica a preocupação do Mestre em nos alertar tanto para o fato de que somos

68 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. 10ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1988, lição 75.

instrumentos para ajudar o outro (embora ambos, o outro e nós, sejamos imperfeitos), como para a possibilidade do uso dos bens materiais para fins espirituais. Assim, o Senhor das terras na parábola é Deus e nós o mordomo ou o administrador infiel.

O fato é que essa parábola talvez seja uma das mais difíceis de serem compreendidas em sua essência, a menos que pretendamos, com uma leitura literal, imaginar que Jesus possa compactuar com a esperteza, com a desonestidade. Se o Mestre não compactua com essas atitudes, o que Ele quis dizer? Para compreendermos isso, é necessário penetrarmos no campo do espírito: segundo a parábola, o mordomo foi denunciado por ser esbanjador, mas é preciso entender que ele não era gastador, ou seja, apenas facilitava os negócios, trazendo prejuízos ao patrão. O dono das terras agiu com justiça despedindo-o, e com misericórdia não o denunciando para ser preso e punido.

Esse fato é de grande importância para a sequência da história que Jesus narra, pois o administrador, tendo de prestar as contas ao patrão, aposta na misericórdia com a qual este o havia tratado e faz a mesma coisa com os arrendatários das terras: reduziu as dívidas deles, procurando imitar a conduta do patrão.

Mas, o que significa, no campo do espírito, reduzir a dívida do outro? Vamos entender essa lição do Excelso Amigo: do ponto de vista do Jesus, cada vez que auxiliamos alguém, conquistamos novos amigos encarnados e desencarnados e essa ajuda retorna a nós quando necessitamos, diminuindo a nossa conta na contabilidade divina. Granjeamos novos amigos, conforme o pedido d'Ele.

Quando ajudamos os tutelados desses amigos desencarnados, os Espíritos marcam o bem que fazemos e nos recompensam, mais tarde, quando precisarmos. Diminuímos os débitos dos companheiros encarnados, quando os impedimos, com nossa ajuda, de cometer novos desatinos, ou os induzimos a repensar suas escolhas, trazendo-os de volta ao equilíbrio. E de tanto fazer o bem, aprendemos a amar incondicionalmente. Não é isso que diz o apóstolo Pedro, na sua primeira carta, capítulo 4, versículo 8: “o amor cobre uma multidão de pecados”?

A leitura cuidadosa da parábola permite observar a proposta de Jesus para imitarmos o mordomo infiel, juntando tesouros no Céu e não na Terra, como lembra Mateus, no capítulo 6, versículo 20.

O benfeitor espiritual, através da abençoada psicografia de Francisco Cândido Xavier, diz: “(...) *creçamos na virtude e incorporemos a verdadeira sabedoria, porque amanhã serás visitado pela mão niveladora da morte e possuirás tão somente as qualidades nobres que houverdes instalado em ti mesmo*”.⁶⁹

Mas como poderemos nós imitar a atitude do mordomo? Como poderemos diminuir o débito das criaturas? Através das palavras que consolam, que confortam, que erguem as criaturas do desespero para a esperança. Mostremos ao amado Mestre nossa capacidade de auxiliar o próximo ofertando o ombro amigo, o alimento para o corpo e para o Espírito, o esclarecimento que o tira da ignorância das culpas e das penas eternas... Deus é Pai de amor, justiça e misericórdia e apesar das nossas imperfeições somos seus colaboradores na construção de um mundo melhor.

⁶⁹ _____ lição 177.

Granjeais amigos, diz-nos a parábola. Amigos sinceros, devotados pelo uso correto dos bens materiais, porque *"toda dificuldade do homem sobre a Terra está em assumir atitude correta em face dos bens materiais"*.⁷⁰

A riqueza das injustiças inclui nosso passado total, com todas as lições dolorosas que o caracterizam.

Para Cairbar Schutel ⁷¹, a parábola trata de duas qualidades: a fidelidade e a firmeza de caráter. Pergunta ele: somos fiéis nos nossos deveres? Temos reconhecimento, gratidão, indulgência, caridade e amor? Entendemos o convite do Mestre para sermos perfeitos como o nosso Pai Celestial o é?

Evidentemente que nossa dificuldade ainda é imensa frente aos generosos convites do Divino Amigo. Ainda não conseguimos compreender o que os ensinamentos evangélicos significam. A fidelidade, a justiça, mesmo no pouco, é algo difícil de realizarmos em nós. O que dirá então no muito?

Como o apóstolo Paulo de Tarso, ainda que demoremos, um dia faremos a mesma pergunta: ⁷² *"quem me separará do amor de Cristo"*?

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), junho de 2015.

70 ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas*. Martin Claret, 12ª ed. São Paulo/SP, pg. 76.

71 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 27ª ed. Casa Editora O Clarim, Matão/SP, capítulo O Mordomo Infiel.

72 PAULO (Romanos, 8:39.).

Parábola do Semeador, a viagem do Espírito

"Indubitavelmente, não basta apreciar os sentimentos sublimes que o Cristianismo inspira. É indispensável revestirmo-nos deles. Não bastam raciocínios, mas profundidade." ⁷³

A parábola do Semeador convida o homem a ser incondicionalmente bom e semear Verdade e Bem sem nenhuma segunda intenção de obter resultados objetivos. Basta-lhe a consciência do dever cumprido. Por esta razão, a maioria dos cristãos tem grandes dificuldades em colocar em prática os benditos ensinamentos de Jesus, porque se acostumaram a observar apenas as palavras, e algumas vezes literalmente, o que lhes dificulta uma compreensão mais profunda do verdadeiro significado que está embutido em cada uma delas.

Essa não apreensão estende-se há séculos por interesses outros que não o de levar, a quem tem essa tarefa, as verdades como Jesus as trouxe. Deturpações de todos os tipos acabaram por calcar em almas puras as interpretações esdrúxulas que lemos e ouvimos até hoje. Revestida de tantos mistérios, de dogmas, de retórica que, embora a Palavra permaneça, fica enclausurada na forma, sem que se possa ver o fundo, a essência. Não dissipam as trevas e nem abrandam os corações; não anunciam a Palavra, mas fazem dela um instrumento para receberem ouro ou glória. Somente com uma análise mais rigorosa e verdadeiramente interessada essas distorções podem ser

⁷³ XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de Luz* - 14ª edição - FEB - Brasília/DF - lição 89 - 1996.

esclarecidas e o verdadeiro ensinamento do Mestre vir à tona.

Nosso olhar, hoje, sobre a Parábola do Semeador passa pela evolução do homem como ser ainda adormecido sobre as coisas espirituais até seu despertar como Ser Total, como consciência cósmica. Da beira do caminho à terra fértil, esses elementos ilustrativos representam a forma como a palavra divina chega ao entendimento do homem. Fases do desenvolvimento espiritual pelo qual passa, caminhos a serem percorridos ou processos a serem sofridos até atingir a perfeição possível em cada uma dessas etapas.

É importante deixar claro que Jesus sabia dos resultados frustrantes que teria ao tentar semear em terrenos pouco apropriados para o plantio e sem nenhuma preparação para tal tarefa. É sabido, também, que nenhum lavrador deita sua semente em solo não preparado. É perda de tempo, de dinheiro e de sementes. Então, fica a pergunta: por que Jesus insistiu em fazer isso? O que pretendeu Ele? Trazendo sementes benditas a serem semeadas, sabia que era fundamental plantar a Verdade e o Bem, independentemente dos resultados.

Afirma Huberto Rohden, no livro *Sabedoria das Parábolas*, Primeira Parte, in Parábola do Semeador, que não nos cabe condenar a terra onde foram lançadas porque o ensino não trata do terreno material, e sim do terreno da alma humana, o campo do Espírito, esse, sim, imprevisível, onde o egoísmo ainda prevalece. Sob esse aspecto, a liberdade da criatura coloca limites à jurisdição divina. As leis divinas, não podemos ignorar, respeitam a liberdade do homem, sejam eles bons ou maus, mas o destino final poderá ser diametralmente oposto a essa liberdade de escolha. Um exemplo claro dessa destinação

está na parábola do joio e do trigo, na qual o joio cresce livre para no final ser extinto. A sementeira é livre, mas a colheita é compulsória. É a lei e assim deve ser cumprida.

No livro *Parábolas e Ensinos de Jesus*, Cairbar Schutel refere-se à parábola do Semeador como a parábola das parábolas, porque sintetiza os caracteres dominantes em todas as almas e, ao mesmo tempo, ensina a distingui-las pela boa ou má vontade de quem as recebe. Dessa forma, temos as almas “beiras de caminho”, ou seja, onde passam todas as ideias grandiosas, como pessoas nas estradas, sem gravarem nenhuma delas. São as pedras impenetráveis às novas ideias, são os espinhos que sufocam as verdades, como as plantas que não permitem o crescimento do que quer que seja ao seu redor. São homens e terras improdutivas. Mas também temos ao lado dessas almas, aquelas de boa vontade que recebem as palavras de Deus e as colocam em prática. Terra fértil que acolhe a semente bendita da qual resulta boa produção.

No momento evolutivo que vivemos, temos essas características em nós mesmos. Qualidades que já podem produzir bons frutos, mas também dificuldades que não permitem a germinação da boa semente. Como todo esse processo é longo, exige de cada um de nós o exercício da paciência, da perseverança e da coragem para lutar contra as próprias dificuldades, em acertos e erros contínuos, até que aprendamos a escolher somente o bem.

Entendemos que a semente é a palavra de Deus e seu aproveitamento não é uniforme entre os homens porque uns são mais atentos às coisas do Céu e outros mais apegados às coisas da Terra, ao transitório, ao fugaz. Portanto, a terra que recebe a semente representa o lado intelectual e moral de cada um: seja beira de caminho, pedregal, espinhal ou boa terra. Por exemplo, o amor que

se transforma em outro sentimento ou perde seu encanto e poesia, ou simplesmente desaparece, é por negligência exclusiva do seu cultivador e não de Deus. Era pouco e, após a transformação, ficou sem nada. Se fosse verdadeiro, teria sido multiplicado.

Assim, é de fundamental importância aprendermos a semear na própria gleba e depois ajudar o próximo. A necessidade de sair de si mesmo e ir ao encontro dos interesses gerais determina o quanto já apreendemos das lições transmitidas, mas para não falirmos mais uma vez, exige-se firmeza na nossa fé.

Pub. – jornal bimestral O Espírita Fluminense – edição nº 387.

Parábola do Tesouro Escondido e da Pérola Oculta

No capítulo 13 do Evangelho de Mateus, encontramos seis parábolas que fazem referência de forma direta ao Reino de Deus. São elas: do joio e do trigo, do grão de mostarda, do fermento, da rede, do tesouro escondido e da pérola oculta ou de grande valor.

No entendimento espírita o Reino dos Céus ou o Reino de Deus, como também é nomeado, indica um estado de alma, um sentimento de plenitude que não é um lugar circunscrito no plano físico ou no plano espiritual. Nas parábolas, alvo dos nossos comentários, Jesus enfatiza essa felicidade, essa ventura de quem encontra tais riquezas representadas pela pérola e pelo tesouro. E do ponto de vista Dele isso é tão grandioso e tão pleno que leva o homem que os encontra a dispor de todos os bens que possua. Em ambas, encontramos o predomínio da transformação espiritual pela aquisição de virtudes. Trata-se de um momento decisivo na vida de cada um de nós, porque estaremos tratando da modificação íntima, definitiva, no bem, ou a conquista do Reino de Deus.

Trata-se da descoberta da nossa consciência espiritual, da nossa ligação com Deus e das nossas capacidades para vencermos os obstáculos que surgem ao nosso progresso. O tesouro encontrado e a pérola descoberta representam o ápice do esforço de transformação no bem. E o local onde foram encontrados indica o plano onde desenvolveremos as experiências necessárias para esse crescimento, ou seja, a existência física ou os diferentes planos espirituais. Por isso ambos são comparados, por Jesus, ao Reino dos

Céus. Mas, para adquirir o Reino dos Céus, o homem precisa se desfazer do Reino do Mundo. Afirma Jesus que o Reino não vem com aparência exterior. (...) “A realização divina começará no íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno”.⁷⁴

Qual o significado, nas parábolas, da expressão vender o que se tem e comprar o campo ou a pérola? Significa a mudança do homem material para o homem espiritual – o apóstolo Paulo de Tarso refere-se a isso como do homem velho para o homem novo. É o desfazer-se dos bens materiais, no sentido de não se dar prioridade a eles, pelos bens espirituais, lembrando que para esse homem materializado, seu tesouro e sua pérola são os bens materiais que conquistou ou que deseja conquistar.

Cairbar Schutel⁷⁵ coloca questões interessantes em relação a isso, que precisam ser observadas. Pergunta ele: Por que o homem trabalha na Terra? Para que estuda? Por que luta a ponto de matar seus semelhantes? Responde ele: “*Para possuir tesouros!*”! Por essa razão o Mestre foi enfático ao afirmar que o tesouro imperecível é aquele que a ferrugem e a traça não corroem e os ladrões não roubam. Quando o homem terreno morre nada leva consigo; mas o homem espiritual carrega tudo que conquistou.

O homem materializado não compreende a doutrina do Cristo, como não aceita abandonar o que conquistou pela aquisição de algo invisível, impalpável. Ele vive para o reino do mundo e não tem interesse, por ora, no Reino dos Céus. Não compreende que aquele desaparece com a

74 XAVIER, F. C. – *Caminho, Verdade e Vida* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª ed. – FEB – Rio de Janeiro/RJ – lição 107.

75 SCHUTEL, Cairbar – *Parábolas e Ensinos de Jesus* – 14ª ed., Casa Editora O Clarim – Matão/SP – Parte 1, pp11 e 13.

morte física e este permanece com quem o possui.

Para Huberto Rohden, quando o homem descobre o Reino dos Céus, não se interessa mais pelos reinos da Terra. Assim como a pérola que só revela seu esplendor quando exposta ao sol, a conquista da felicidade plena só é revelada na luz da vida diária. É interessante lembrar o ensinamento de Jesus que nos convida a não conservarmos a luz sob o alqueire, mas colocá-la sobre o velador, iluminando caminhos, dando direções...

O que tudo isso quer dizer? Quer dizer que o homem, no nível evolutivo em que se encontra presentemente, precisa sair da superfície do ego (ser material) e mergulhar na misteriosa região do Eu Divino (ser espiritual). Essa passagem será, na maioria das vezes, dolorosa, mas o resultado só acontecerá quando se realizar o autoconhecimento. *"Antes de atingir a qualidade do seu Ser, corre o homem atrás da quantidade do ter ou dos teres. Mas, depois de descobrir o seu Ser qualitativo, torna-se indiferente aos seus teres quantitativos. E quando as circunstâncias o obrigam a possuir certos objetos externos, possui-os com estranha leveza e serenidade. Não se fanatiza por eles, nem jamais é possuído por aquilo que possui. Todos os caminhos estritos e todas as portas apertadas desaparecem em face do jugo suave e do peso leve de uma felicidade sem limites."*⁷⁶

Para o estimado benfeitor espiritual Emmanuel, ⁷⁷ *"tesouros são talentos que trazemos, independentemente da fortuna terrestre, a fim de ajudarmos aos outros, valorizando a si mesmo"*. Diz ele que cada um de nós, em

76 ROHDEN, Huberto – *Sabedoria das Parábolas* – 12ª ed. - Editora Martin Claret – São Paulo/SP – p. 95.

77 XAVIER, F. C. – *Seara dos Médiuns* – ditado pelo Espírito Emmanuel - 19ª ed., FEB – Brasília/DF – cap. "Tesouros Ocultos".

suas atividades, mostra esse tesouro. Por exemplo, um homem e uma mulher têm no amor o tesouro que constrói o santuário do lar. O professor amontoa tesouros da cultura e inteligência para transmitir a quem quer aprender. O escritor respeitável estabelece tesouros no livro nobre que leva consolação e assegura o progresso. Assim também com o compositor que cria um tesouro na melodia que compõe e encanta quem ouve. Continua dizendo que é preciso saber o que produzimos, a fim de sabermos para onde nos dirigimos. Fica claro, agora, para nós, o porquê da afirmação de Jesus ao dizer: "onde guardardes o vosso tesouro, tereis retido o coração".

Por essa razão, entendemos que para a redenção das criaturas, de todos nós, está na transformação dos sentimentos. Quando são dirigidos para o bem, são bênçãos para a obra de Deus. Mas, quando se voltam para o mal, impedem a concretização dos propósitos divinos, principalmente para nós próprios. Torna-se cada vez mais urgente trabalharmos essa ferrugem, porque Jesus nos espera para nos mostrar os tesouros imperecíveis.

Todos nós temos ouvido ou lido sobre a necessidade de transformação das nossas predisposições íntimas. Mas como proceder? O conhecimento de si, já o dissemos, é a chave do processo espiritual. É fundamental o autoconhecimento para sabermos: Quem sou eu? Qual é a minha obrigação para comigo e para com a sociedade na qual trabalho?

Encontramos um caminho em *O Livro dos Espíritos*, questão 919. Pergunta Kardec aos Espíritos superiores qual é o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e resistir à atração do mal. E eles respondem: "*Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo*". Como conseguir o

autoconhecimento? O que fazer? Quando fazer? Como fazer? A questão 919-a ajuda-nos nessa busca. Mas, é necessário, sem preguiça e com vontade real de aprender, tirar da estante o livro basilar da Doutrina Espírita e ler, sem pressa, as respostas de Santo Agostinho.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 494.

Parábola dos Trabalhadores da Vinha

Da enxada à cátedra tudo é trabalho na vinha. Decididamente a parábola não pode ser analisada apenas do ponto de vista religioso.

No nosso entendimento, essa frase sintetiza a essência do ensinamento de Jesus, que Emmanuel, estimado benfeitor espiritual, registra com maestria, no livro *Pão Nosso*, lição 29, trazido até nós pela bendita mediunidade de Francisco Cândido Xavier: *“A formosa parábola dos servidores envolve conceitos profundos. Em essência designa o local dos serviços humanos e refere-se ao volume de obrigações que os aprendizes receberam do Mestre divino. Por enquanto, os homens guardam a ilusão de que o orbe pode ser o trabalho de hegemonias racistas ou políticas, mas perceberão em tempo o clamoroso engano, porque todos os filhos da razão, corporificados na crosta da Terra, trazem consigo tarefas de contribuir para que se efetue um padrão de vida mais elevado no recinto em que agem transitoriamente”*.

Diferentes autores a nomeiam de formas outras como, por exemplo, parábola dos trabalhadores da última hora, do empregador generoso, mas que em nada altera o objetivo do Mestre ao narrá-la e a essência divina nela contida. O que precisamos fazer é nos debruçarmos sobre seu estudo e retirar da simplicidade da história o que é vital para nós: “o vinho”, a essência, a seiva vital.

Sobre isto, Cairbar Schutel⁷⁸ traz observações

⁷⁸ SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus* – 14ª ed., Casa Editora O Clarim – Matão/SP – “Parábola dos Trabalhadores da Vinha”.

interessantes e importantes que em parte são dirigidas aos espíritas. Diz ele que sem estudo, sem prática bem conduzida, sem orientação segura, muitas práticas não espíritas são tomadas como sendo espíritas, o que desvirtua o objetivo dos centros e dos trabalhos que devem ser norteados pela Doutrina. Cita o surgimento de obras contraproducentes (nada mais atual) que mais confundem do que explicam os princípios consoladores que dizemos professar. Coloca ainda o abandono dos familiares – em nome do trabalho “espírita” - bem como seus deveres para com a sociedade e o trabalho que lhes dão sustento da vida material. Sua afirmação de que “muitos trabalham, mas poucos cuidam da Seara do Senhor”, falhando nas tarefas que lhes foram confiadas, obriga-nos a repensar nossas próprias atitudes frente às obrigações assumidas com Jesus.

Para Huberto Rohden ⁷⁹ existe uma grande dificuldade no entendimento da parábola, tendo em vista que ela é, segundo ele, pura intenção espiritual do Cristo e que, diante disso, é difícil estabelecer comparações com a vida material, elemento fortemente usado pelo Mestre para explicar a vida do Espírito. Afirma que “esta parábola não comporta explicação no plano do nosso ego empírico-analítico” (análise intelectual). Importante lembrar que Ele usava elementos da realidade material, simples, para explicar a realidade espiritual, complexa.

Procurando entender o ensino do divino amigo, encontramos como objetivo estabelecer a diferença entre remuneração material e “remuneração” espiritual; e, como essência, a bondade e a justiça divinas dadas de graça a todos os Seus filhos.

⁷⁹ ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas* – 12ª ed., Editora Martin Claret – São Paulo/SP – “Os Trabalhadores da Vinha”.

Neste ponto, um leque de possibilidades abre-se para a interpretação da parábola – todas válidas e, ao mesmo tempo, nenhuma delas conseguindo penetrar no âmago da intenção do Cristo, pois Ele vai muito além. Poderemos “escanear”, ver vários e diferentes lados como uma impressora 3D, mas não poderemos, por ora, penetrar na profundidade dela. Todavia, com o que nosso intelecto nos proporciona, vamos fazer uma escolha, que certamente não será a melhor nem tampouco a única.

Compreendendo as alegorias ou elementos, encontramos a vinha como a representação do Reino de Deus e, no nosso caso, o nosso planeta, o orbe que nos recebe para essa nova experiência carnal. O patrão certamente é Deus – não há como ignorar isso e os trabalhadores somos todos nós, a humanidade terrena, com seu tempo de entendimento das coisas do Espírito. Os obreiros que reclamam, entendemos, são os judeus ressentidos, porque não aceitavam que os gentios (convertidos) também recebessem o Reino dos Céus. Aceitavam Deus há mais tempo e exigiam privilégios. Vamos nos lembrar da parábola do filho pródigo? E os trabalhadores da última hora, da duodécima hora? Este elemento dentro da parábola permite-nos fazer algumas indagações: Serão eles aqueles que se arrependem verdadeiramente no leito de morte? Serão os jovens convertidos e desprezados pelos mais antigos na fé e mais fervorosos em seus compromissos religiosos?

Essa contagem de tempo dividido em horas, trazido do Antigo Testamento, também é elemento importante, pois representa o processo de espiritualização do homem desde que recebeu o livre-arbítrio em priscas eras e nos leva a pensar que todos nós somos trabalhadores da última hora; que todos somos convidados a participar do Reino Celeste;

que todos somos filhos de Deus, recebendo as mesmas benesses, com diferentes capacidades para recolher o que podemos e percebemos.

Retornemos ao texto. Assim, do ponto de vista material o empregador é injusto, pois paga igualmente tempos diferentes de trabalho. Mas, do ponto de vista espiritual, não, pois se baseia na premissa de que o Reino de Deus não é deste mundo e, portanto, não pode ter os mesmos critérios para avaliação. Senão, vejamos: Não existe "recompensa" na medida em que o eu-espiritual não se desgasta com o trabalho, diferentemente do eu-material que se desgasta e precisa ser recompensado – ganha para gastar. Do ponto de vista espiritual, todos trabalham de graça, pois não vivem na dimensão do ego, do ser material. Por Moisés foi dada a lei, pelo Cristo veio a Verdade. Discípulos de Moisés trabalham dentro da Lei, por recompensa; discípulos do Cristo trabalham de graça, por amor.

O que nos chama a atenção diante dessa superficial análise é o que o evangelista Lucas narra no capítulo 17, versículo 10: *"Quando tiverdes feito tudo que devíeis fazer, dizei: somos servos inúteis, porque cumprimos a nossa obrigação, nenhuma recompensa merecemos por isto".*⁸⁰

Buscamos, também, em outras fontes, algumas análises que merecem destaques: a Bíblia de Jerusalém cita correlações com Mateus, capítulo 19, versículo 30, e Romanos, capítulo 9, versículos de 19 a 21. Coloca que ao pagar o salário integral dos trabalhos no final do dia, o Senhor demonstrou bondade, que vai além da justiça, mas sem ofendê-la; que os primeiros (aqueles que mantêm

80 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – São Paulo/SP - Capítulo 20, itens 2 e 5.

uma aliança com Deus desde os tempos de Abraão) não devem se escandalizar com o fato de Deus admitir em Seu Reino, também, os que chegavam tarde (pecadores e pagãos).

A Bíblia Peregrina nomeia a parábola como a dos "diaristas da vinha" e coloca: no começo anuncia-se uma inversão de valores que no final desemboca numa igualdade; a relação correta do homem com Deus decide-se no trabalho e quem quiser praticar boas obras fará um contato com Deus. Impossível não nos recordarmos de madre Tereza de Calcutá e de sua grande sabedoria ao dizer que "no final é tudo entre mim e Deus e não entre mim e os outros".

Lembra ainda que não é cabível alegar injustiça de Deus com base em uma perspectiva de justiça distributiva que exige proporção matemática entre trabalho e salário, pois se trata de uma perspectiva que gera inveja e mesquinhez; que não cabe exigir a proporção, mas aceitar com gratidão a desproporção, pois Deus não é injusto ao ser generoso. "Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom?" Não cabe ao homem querer submetê-Lo ao regime de justiça comutativa, presente nas relações sociais de troca, sendo que as partes devem dar e receber numa proporção matemática. Uma troca é justa, nesse conceito, quando os produtos que forem trocados equivalem-se, exatamente, quantitativamente.

Na Tradução Ecumênica da Bíblia, a parábola é nomeada como a dos "trabalhadores da undécima hora". Essa medida de tempo aparece no Antigo Testamento, em alguns profetas, e nada tem a ver com a contagem moderna de tempo. As horas do dia eram contadas a partir das 6h até às 18h e a undécima hora do texto seria entre 16h e 17h. O texto destaca que, em essência, Jesus quer

mostrar que a bondade divina ultrapassa os critérios humanos na retribuição concedida como salário devido sem, contudo, descambar na arbitrariedade que não leva em conta a justiça. Importante lembrar que eram homens pobres que trabalhavam durante as colheitas, em todas as suas etapas, e que precisavam da diária integral para o sustento da família.

Concluindo nossas reflexões: "saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha". O que isto significa? No nosso entender significa que há um dinamismo natural no homem de bem, aquele homem que não perde tempo com fantasias e ilusões e atém-se ao que realmente é importante na vida; que a evolução espiritual é meta divina definida desde que ocorreu o processo de humanização do princípio inteligente, na "madrugada da vida" humana, quando o Espírito era simples e ignorante das leis divinas, ainda que as tivessem ínsitas no seu ser.

Mister se faz que nos recordemos, ainda, que Deus ajusta o trabalho em nível da conscientização do obreiro e que esse homem trabalha no que pode. O Pai oferece o local, a forma e o valor da "remuneração". Recebe ainda a oportunidade de progredir, no campo que lhe foi destinado, selecionado em função da experiência que possui.

"E saiu perto da terceira hora, viu que outros estavam na praça desocupados e disse-lhes: ide também vós para a minha vinha, e lhes darei o que é justo. E eles foram." A hora de contratação dos trabalhadores equivaleria às diferentes convocações de Deus aos filhos, para o cultivo das virtudes. Interessante relermos a parábola da grande ceia e a parábola da boda de núpcias, procurando as comparações que surgirão muito claras com a parábola alvo dos nossos comentários.

Em inspirado texto, Eliseu Rigonatti, no livro *Evangelho dos Humildes*, capítulo 20, diz: *"uns começam mais cedo a cuidar dos seus espíritos; outros começam mais tarde. E, no entanto, para os bons trabalhadores, o salário é o mesmo, não importa a hora em que iniciaram o trabalho de se regenerarem"*.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, em 03 de julho de 2016.

Perdão, remédio para a alma

Quando nos dirigimos a Deus, pedindo perdão pelos nossos erros, estamos realmente arrependidos? E quando dizemos a alguém que perdoamos a ofensa sofrida, esquecemos realmente o ato danoso?

Na busca dessas respostas, pensemos sobre isso procurando perceber, em nossos corações e em nossas mentes, como essas atitudes se refletem dentro de nós. E para iniciar essa caminhada é importante lembrar que todos nós cometemos equívocos e que, por esta razão, estamos sujeitos a críticas. O problema é que na maioria das vezes somos bastante tolerantes com nossos enganos, enquanto nos tornamos juízes severos dos enganos alheios.

Por quais razões essa atitude se manifesta em nós? Porque imaginamos – o egoísmo está no centro desse nosso comportamento – que temos motivos que justificam as nossas grosserias, as nossas injustiças, os nossos desmandos. Os outros não os têm para assim agirem, sobretudo, se nós formos os alvos desse comportamento desequilibrado.

O Espiritismo propõe-nos duas questões que poderiam nortear nossa conduta diante dessa situação: 1 – como julgar os atos de criaturas que vivem experiências tão diferentes das nossas?; 2 – como poderemos saber o que se passa no coração daquele que nos ofende ou agride?

Certamente não podemos, pois quando também agimos assim os outros ignoram o que acontece conosco naquele momento. Para essa mudança, para essa nova forma de

ver o outro, Emmanuel nos faz um convite: “Renova o teu modo de sentir, pelos padrões do Evangelho, e enxergarás o Propósito Divino da Vida, atuando em todos os lugares, com justiça e misericórdia, sabedoria e entendimento”.

Mas por onde começar a corrigir? Como fazer? Deparamos aí com um grande problema íntimo: sabemos o que corrigir, mas não conhecemos o caminho para essa mudança. Jesus é o modelo a ser procurado! Eis a resposta certa à nossa indagação. O Mestre referiu-se, inúmeras vezes, ao perdão como instrumento valioso e indispensável à nossa evolução. O “perdoai para serdes perdoados”, que nos deixou em Seus ensinamentos, significa perdoar indefinidamente, tantas vezes quantas forem necessárias. Gostaríamos, evidentemente, de ser perdoados todas as vezes que nos desviamos da trilha, mas como esperar o perdão que pedimos a Deus se ainda não somos capazes de perdoar o próximo?

Parece-nos que, em primeiro lugar, precisamos aprender a nos perdoar, pois se fizemos ou se ainda fazemos algo errado é porque não sabíamos, como ainda não sabemos, de que forma fazer o certo; e, em segundo lugar, buscar a resposta em Jesus porque, mais do que falar sobre o perdão, Ele o exemplificou em Sua caminhada de luz, exercitando a bondade, a mansuetude, de modo integral, completo, sem distinção de quem quer que fosse. E a prova disso está no pedido que fez ao Pai para que perdoasse aqueles que O crucificavam. Médico de almas, o Cristo propôs o perdão como remédio para todos os nossos males. E é interessante notar a preocupação da Medicina moderna em tentar compreender por que essa atitude, praticada por muitos doentes do corpo, ajuda a curar ou a minimizar as dores. Os médicos, hoje, querem descobrir como e por que isso acontece. Jesus já sabia e veio nos

ensinar. Só nos resta, portanto, aprender!

Vamos, então, juntos com Jesus, usar a bondade para com todos. Aprendamos a perdoar conforme Ele nos ensinou: sem rancor, sem ressentimento, sem estabelecer condições, ajudando inclusive o ofensor, nem que seja com as nossas preces, mesmo que ele não saiba... Busquemos algum bem nessas criaturas, como nós gostaríamos que o encontrassem em nós, apesar do momento de desequilíbrio no qual estejamos envolvidos.

Quantas vezes notamos plantas aparentemente secas que voltam a ficar verdes com o milagre do Sol e da chuva! Já imaginaram o que aconteceria a um coração sedento de compreensão e amor?

Já temos o modelo, os instrumentos e o caminho para realizar a transformação em nós. Estamos aguardando o quê?

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – agosto de 2004.

Procuram-se

Quase todos sabem, mas poucos fazem.

Nas portas das fábricas, as tabuletas anunciam: "Procuram-se trabalhadores para diversas atividades. Não se apresentar sem as devidas qualificações". E a fila de candidatos às vagas torna-se imensa. São muitos os que, acreditando possuírem os requisitos para a função, vêm em busca de trabalho. Todavia, poucos são os que verdadeiramente apresentam as condições exigidas.

Assim também acontece com os convites que Deus nos faz para as tarefas de renovação em nós mesmos, convites esses que se apresentam nas mais diversas formas. São oportunidades diárias que aí estão como chamamento para as tarefas.

Muitos de nós acreditam que possuam os requisitos essenciais para elas, pelo simples fato de terem algumas atitudes no campo do assistencialismo. Vamos entender isso: muitos são os que conseguem desligar-se de algo material, ou seja, despojar-se de bens materiais em favor da beneficência, mas são incapazes de ceder um milímetro que seja da sua opinião, num esforço sublime de renúncia. Outros, ainda, se dispõem a ajudar em atividades assistenciais, desde que sejam executadas segundo seus caprichos e não segundo Jesus. Falamos aqui, tão somente, dos crentes cristãos.

E para nos alertar sobre a necessidade da evolução pelo desvio das tentações, pela apara das imperfeições, pelo esforço diário em vencermos as más tendências,

ainda tão presentes em nós, é que todos nós somos chamados para a tarefa de renovação em nossas vidas. Entretanto, poucos a realizam porque nem todos estão dispostos a renúncias e sacrifícios dos seus interesses e desejos.

Procurando clarear nosso entendimento é que *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo 18 – “Muitos os chamados e poucos os escolhidos” – nos apresenta quatro momentos nos quais esses convites do Pai Criador, através dos ensinamentos de Jesus, tornam-se pilares dos quais ainda necessitamos, a fim de ter onde nos apoiarmos, para iniciar a nossa preparação na execução da tarefa de transformar o nosso campo íntimo.⁸¹

O Mestre nos convida sempre a pensar a respeito da nossa existência: de que forma a estamos conduzindo? Estamos fazendo as melhores escolhas para nós? Infelizmente, ainda, temos muitas dificuldades em saber se estamos escolhendo certo ou errado, se devemos ou não fazer algo e, diante de tantas dúvidas, agimos feito crianças perdidas em loja de brinquedos, sem saber o que escolher. E é por causa dessa imaturidade afetiva que Jesus permanece nos amparando, enviando Seus mensageiros encarnados (pais, irmão, filhos, amigos, mestres e tantos outros) e desencarnados (benfeitores espirituais) para nos orientarem nos momentos de indecisão.

Procuremos então lembrar, ainda que superficialmente, esses momentos aos quais o Evangelho se refere, captando, na medida do possível, o melhor ensinamento de cada um deles. Nosso objetivo não é outro senão a essência do ensino para que fique gravado em nossa

81 XAVIER, F. C. - *Vinha de Luz* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 14ª edição, Editora FEB – Brasília/DF – lição 81.

consciência, sem nos preocuparmos, por ora, com análise mais profunda, visto que cada um deles apresenta material abundante para novas reflexões. Vejamos, então:

O primeiro deles é através da narração da Parábola da Festa de Núpcias, quando o Mestre fala sobre os primeiros emissários de Deus, antigos profetas, que foram enviados à Terra, anunciando que Ele estaria entre nós em momento oportuno, convidando os homens daquela época a compartilharem com Ele dos ensinamentos que vinha trazer. Diz ainda que esses emissários não foram compreendidos, pois a intolerância religiosa, fruto da ignorância das leis divinas, não permitiu que fossem escutados e muitos acabaram mortos. Poucos foram os que entenderam e aceitaram o convite feito pelo Pai Celeste, para que escutassem Jesus.

O segundo momento é um pedido de Jesus para que entrássemos pela porta estreita e não pela porta larga porque ela representava, como ainda representa, o caminho da perdição. Todos nós sabemos o que é uma porta e para que ela serve, não importando a época ou o lugar em que esteja. Assim, através de símbolos universais, o Mestre nos mostra que pela porta estreita só passaremos carregando o que tivermos acumulado de bom e de Bem em nossos corações, isto é, todos os valores morais que possamos ter conquistado. Ensina, também, que todos os outros bens materiais adquiridos – bagagem externa – ficarão quando ingressarmos no mundo espiritual, porque são bens transitórios (títulos, posses, nomes ilustres, cargos de destaque e tantos outros) que não têm valor no outro plano da Vida.

O outro momento a ser destacado é quando Jesus nos pergunta: *“Por que me chamais Senhor! Senhor! e não fazeis o que vos digo?”* Talvez fosse interessante nós

mesmos nos perguntarmos por qual razão O chamamos tanto se continuamos a fazer somente aquilo que queremos, segundo nossos desejos e caprichos, independentemente das orientações que recebemos de Seus enviados amorosos.

Sabemos da necessidade de vencer nosso orgulho, nosso egoísmo, mas continuamos presunçosos, vaidosos, deixando-nos envolver por pensamentos inferiores, abandonando tarefas no meio da execução ou fazendo-as malfeitas, quando conseguimos terminá-las. Melhor do que chamar constantemente por Jesus é fazer o que Ele nos pede que seja feito, em nosso benefício e em benefício de todos aqueles que estão ao nosso redor. Por que não podemos contribuir para a construção de um mundo melhor, começando essa melhoria por nós mesmos? Modificar o mundo é tarefa que se inicia em nós mesmos.

E por fim, num quarto momento, o Evangelho nos chama a observar as obras de quem se diz cristão. É preciso perceber a diferença entre saber e fazer. Quase todos sabem, mas poucos fazem. Todas as religiões, de uma maneira geral, ensinam o Bem. O problema é que nem sempre seus apóstolos ou seguidores praticam esses ensinamentos e incluímos também, aí, os espíritas!

Com relação a isso, Emmanuel nos alerta, no livro *O Espírito da Verdade*⁸², lembrando que "sem a chamada não há escolha. Mas, se estamos claramente informados de que a chamada vem de Deus, atingindo todas as criaturas na hora justa da evolução, só a escolha, que depende do nosso exemplo, nos confere caminho para a Vida Maior".

No dia em que conseguirmos entender que é o próprio

82 XAVIER, F. C. e Waldo Vieira – *O Espírito da Verdade* – Espíritos diversos – 10ª ed., Editora FEB – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – págs. 38 e 223.

trabalho que nos torna pessoas melhores, sem que precisemos de nenhuma outra condição para executá-lo, nossa existência será mais alegre e o fardo das nossas dificuldades mais leve.

Companheiros espíritas, reflitamos profundamente sobre a mensagem que Eurípedes Barsanulfo nos deixou, através da psicografia de Waldo Vieira, no livro *O Espírito da Verdade*, retomando os princípios evangélicos que Jesus nos legou: *“O Espiritismo, a rasgar-nos nas mentes acanhadas e entorpecidas largos horizontes de ideal superior, nos impele para a frente, rumo aos Cimos da Perfectibilidade.*

A Humanidade ativa e necessitada, a construir seu porvir de trunfos, nos conclama ao trabalho. O Espírito é um monumento ativo de Deus – o Criador Amorável. Honremos a nossa origem divina, criando o bem como chuva de bênçãos ao longo de nossas próprias pegadas.

Irmãos, sede os vencedores da rotina escravizante.

Em cada dia renasce a luz de uma nova vida e com a morte somente morrem as ilusões.

O Espírito deve ser reconhecido pelas suas obras.

É necessário viver e servir.

É necessário viver, meus irmãos, e ser mais do que pó!”

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – fevereiro de 2005.

Promessas

Neste momento de transição pelo qual a Humanidade passa, buscando respostas a tanto desequilíbrio e desatinos, surgem impostores se apresentando como enviados de Deus e criaturas ingênuas e desavisadas se deixam explorar por eles. É contra eles que devemos sempre estar em guarda, e é dever de todo homem honesto desmascará-los. Tudo isso vale, também, para o cuidado que devemos ter no trato com os Espíritos.

O evangelista João nos adverte para não acreditarmos em todos os Espíritos, mas verificarmos se são Espíritos de Deus, e somente poderemos realizar essa tarefa se não pedirmos ao Espiritismo o que ele não tem para dar. A Doutrina Espírita não realiza milagres e nem faz predições, isto é, não adivinha o futuro. O fenômeno espírita nada prova por si mesmo, pois a missão dos bons Espíritos e dos trabalhadores encarnados sérios se prova por efeitos morais, que nem todos podem produzir.

A profecia de Jesus de que surgiriam homens encarnados e Espíritos farsantes se cumpre nesse nosso tempo e por isso vemos tantos mistificadores prometendo o Reino dos Céus àqueles que puderem pagar, incutindo nessas mentes falsas noções de favores gratuitos da divindade. Triste daquele que julga não precisar se esforçar para conquistar sua elevação. Ninguém se furtará impune à percentagem de esforço próprio que lhe cabe na obra de seu aperfeiçoamento.

O trabalho material e o trabalho íntimo para renovação dos sentimentos, dos pensamentos, das atitudes, ainda

são a chave para o progresso evolutivo. Por nos acharmos menores do que realmente somos e incapazes de realizar essa tarefa é que nos tornamos alvos desses salteadores, que se aproveitam de nossas dúvidas e da nossa fragilidade. Mas, como reconhecê-los? Existem sinais que, se quisermos enxergar, nos darão a resposta:

1 - Deus só confiaria missões importantes a quem fosse realmente capaz de cumpri-las, porque o fardo é pesado demais;

2 - O mestre, como em todas as coisas, deve saber mais que o aluno, caso contrário ele não progride. Assim também é nas tarefas missionárias. Para fazer progredir a Humanidade são necessários homens superiores em inteligência e moralidade. Se não forem superiores ao meio em que vão agir, nada poderão fazer. O verdadeiro profeta ou missionário de Deus deve provar que de fato o é pela superioridade em virtudes, grandeza, pelos resultados e pela influência moralizadora de suas obras. Se estiver abaixo do papel que diz ter, seja pelo caráter, pelas virtudes ou inteligência, não passa de um farsante;

3 - Muitos missionários de Deus ignoram que o sejam. Realizam seu trabalho sem se darem conta do bem que fazem, porque não premeditam suas atitudes. Os verdadeiros profetas se revelam pelos seus atos e são descobertos pelos outros. Os falsos profetas se apresentam por si mesmos como enviados de Deus. Os primeiros são humildes e modestos; os segundos, orgulhosos e cheios de si, falam com arrogância e, como todo mentiroso, parecem sempre receosos de não serem aceitos.

Mas por qual razão nos deixamos enganar? E não falamos aqui apenas do aspecto religioso. Falamos da nossa vida, do nosso dia a dia, das pessoas que têm acesso às nossas mentes, das promessas vãs que

aceitamos como se fossem verdadeiras, desde que venham ao encontro dos interesses imediatistas que abraçamos. Referimo-nos a tudo aquilo que pode atender aos nossos caprichos e desejos mais egoístas. Estamos dizendo do atendimento às nossas necessidades materiais mais supérfluas. Somos tantas vezes enganados e tantas vezes nos deixamos enganar que nos esquecemos de prestar atenção às obras daqueles que nos falam e nos guiam.

Jesus estava certo em nos alertar, pois ainda aceitamos lobos em peles de cordeiro dirigindo nossas vidas. É preciso verificar se há humildade e caridade no lugar do orgulho e da ganância, desconfiando daqueles que buscam a vaidosa satisfação sobre a Terra. Mas, também, tenhamos a certeza de que a Justiça Divina os espera mesmo que não sejam punidos pela justiça dos homens.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), outubro de 2005.

Psicografia, a comunicação dos Espíritos

Os meios mais fáceis e rápidos de comunicação entre os homens e os Espíritos, assim como fazem os homens entre si, são a escrita e a fala. A escrita tem a vantagem de deixar registrada, de maneira material, a intervenção de uma inteligência oculta, no fenômeno mediúnico. Ao modo como se obtém essa comunicação, no caso, a escrita, dá-se o nome de psicografia. Para que isso aconteça é preciso a presença de um médium com tal aptidão (médium escrevente) e que esteja disposto a servir de intermediário (instrumento) entre os dois Planos da Vida. É necessário, também, um Espírito que queira transmitir uma mensagem; um objetivo nobre (estudo, consolo, esclarecimentos etc.); um ambiente devidamente preparado através do recolhimento e da prece e, sobretudo, permissão do Plano Superior para que tudo aconteça.

Portanto, podemos perceber que não basta desejarmos nos comunicar, ou o médium solicitar a presença dos Espíritos na hora que ele quiser, ou, ainda, no momento em que o Espírito achar conveniente. Não podemos e não devemos ficar à mercê das entidades espirituais, como também não devemos esperar que elas estejam à nossa disposição, atendendo a caprichos e vontades nossas. É preciso, antes de qualquer coisa, que haja seriedade de intenção dos interessados, respeito no trato com os Espíritos e permissão de Deus. Por essas razões necessitamos ter conhecimento para não sermos enganados. Kardec nos lembra que quem procura no Espiritismo o que ele não tem para dar acaba sendo

iludido. E são muitas as pessoas que, apesar dos conhecimentos que já possuem, ainda insistem em permanecer na ilusão de que podem saber sobre o futuro, sobre ganhos materiais, buscando solução para problemas amorosos; enfim, coisas imediatistas quase sempre ligadas a desejos fantasiosos.

É através da psicografia que os Espíritos revelam com mais clareza a sua natureza e o seu grau de evolução, exatamente como acontece com os homens que se revelam através daquilo que escrevem. Necessitamos ter, portanto, cuidado com as leituras que fazemos, não importa quais sejam elas. Mais uma vez Kardec nos lembra da necessidade de passá-las pela peneira da nossa razão, pelo nosso bom senso.

Nosso desejo, muitas vezes, é o de nos comunicarmos com determinados Espíritos – familiares ou amigos – e não conseguimos ser atendidos. Por que isso ocorre? Embora o Espírito esteja presente, pode acontecer que não tenha condição e nem permissão para atender ao nosso chamamento. Outras vezes, não está presente por se achar em outro local trabalhando, ou ainda por não ter condição de vir se manifestar, pelo seu estado debilitado, em razão da forma como chegou ao Plano Espiritual após o desencarne. Assim, quando solicitamos a comunicação escrita de determinado Espírito, poderemos ter, caso o pedido não possa ser atendido por ele, a manifestação de um Espírito desconhecido por nós ou do nosso anjo guardião. O fato é que Deus não deixará ninguém sem uma mensagem de consolo ou reconforto.

Como acontece a escrita? É preciso, antes de tudo, que haja afinidade de propósitos, de sentimentos, de intenções entre o médium escrevente e o Espírito comunicante. Essa ligação se dá sempre através do pensamento de ambos,

seja pela escrita mecânica quando o Espírito coloca a sua mão ou os dedos sobre a mão do médium e a usa para escrever (mais comum antigamente); seja ditando a mensagem, usando a faculdade de audição; ou, simplesmente, inspirando o médium a perceber, mentalmente, as palavras que ele quer que sejam escritas (mais comum hoje). Em qualquer uma das formas existe sempre a presença de uma inteligência externa atuando sobre a mente do médium.

PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

Os Espíritos sérios respondem com alegria às perguntas que visem ao bem e que podem levar os homens a progredirem. Mas afastam-se quando elas são inúteis ou feitas por curiosidade ou para experimentá-los. Quando esses bons Espíritos se afastam, o lugar fica disponível àqueles que não são evangelizados e passam a responder as perguntas por eles. Mesmo não sabendo as respostas, o fazem assim mesmo para não serem descobertos como mistificadores ou ignorantes. Não têm compromisso com a verdade, não se preocupam com isso e respondem a tudo.

1 – Perguntas sobre o futuro

Espíritos sérios não respondem, ou porque não sabem ou porque, se sabem, não ignoram que o homem se preocuparia mais com o futuro, negligenciando o presente.

Por exemplo: recebimento de uma herança – *"Se vou ficar rico amanhã, por que trabalhar hoje?"*.

Quando eles pressentem um acontecimento, geralmente não indicam nem hora nem dia, porque não devem ou porque não sabem. Só Deus conhece. Agora, os Espíritos levianos não têm escrúpulos e enganam. Por isso, toda predição com dia e hora marcados deve ser

considerada suspeita.

2 – Perguntas sobre as existências passadas e futuras

Deus pode permitir que as existências passadas sejam reveladas ao homem dependendo do objetivo. Se for para sua elevação espiritual e instrução, sim. Mas nunca para satisfazer a curiosidade. Entretanto, quando existe apenas isso, os Espíritos zombeteiros se divertem lisonjeando a vaidade das pessoas, com revelações e pretensas antecedentes tais como reis, rainhas, grandes nomes das artes etc. Por essa razão, acabamos encontrando em uma mesma encarnação várias Cleópatra, diversos Henriques VIII, esquecendo-nos de que cada Espírito só pode habitar um corpo. Como podem tantas pessoas serem, ao mesmo tempo, a reencarnação das mesmas figuras históricas? Somente a ilusão fantasiosa, alimentada pela vaidade, nos leva a crer que podemos ser quem realmente não somos ou não fomos.

Perguntou-se a Emmanuel se seria lícito investigar, com os amigos espirituais, as nossas vidas passadas. Diz o Benfeitor Espiritual que “se estamos mergulhados no esquecimento temporário, esse estado é indispensável à valorização das nossas iniciativas. Os Espíritos amigos conhecem nossas necessidades e nos proferirão no momento oportuno sem que percamos a espontaneidade dos atos”.

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 392, consta a seguinte observação dos Espíritos amigos: “se estudarmos o nosso presente, deduziremos o nosso passado”.

3 – Perguntas sobre questões morais e materiais

Pode-se pedir conselhos aos Espíritos, pois os bons não se negam a ajudar aqueles que pedem com fé, sobretudo

quando se trata de assuntos da alma. Repelem, todavia, aqueles que fingem buscar a luz, mas gostam de permanecer nas trevas: os hipócritas.

Conselhos particulares podem ser dados, e com maior exatidão pelos Espíritos familiares. Mas, geralmente, aconselham os encarnados, através da inspiração, dando-lhes boas ideias, sugerindo atitudes nobres, pensamentos positivos, não tirando o mérito da iniciativa e nem a responsabilidade do resultado.

4 – Perguntas sobre a situação dos Espíritos

Esclarecimentos sobre o mundo espiritual também são dados quando percebem que há simpatia e desejo de ser útil. Quando há apenas curiosidade, não respondem. Tendo isso na mente, é importante nos questionarmos o porquê de querermos saber como um Espírito se encontra no Plano Espiritual. Será que realmente desejamos ser úteis para ajudá-los a se fortalecerem, ou simplesmente curiosos?

5 – Perguntas sobre saúde

Por ser condição necessária ao trabalho na Terra, os bons Espíritos ocupam-se dela, com muita boa vontade. Entretanto, o fato de o Espírito ter sido uma celebridade na área de saúde, enquanto encarnado, não dá a ele condição de aconselhar bem, de esclarecer sobre o problema questionado. Pode-se perguntar, sim, mas, conforme nos lembra Kardec, uma vez mais passando tudo pelo crivo da razão, do bom senso.

6 – Perguntas sobre tesouros ocultos

Os Espíritos Superiores não se ocupam disso, mas os brincalhões, sim. Se existir uma riqueza oculta, destinada a alguém, ela será encontrada no momento certo.

Enquanto se espera, melhor trabalhar.

Emmanuel nos lembra que “cada criatura humana surge do berço para descobrir os talentos que traz, independentemente da fortuna terrestre, a fim de ajudar os outros, valorizando a si mesma. Somente o trabalho consegue formar os verdadeiros tesouros da vida. Ainda assim, é indispensável distinguir ação digna da exploração inferior. É preciso saber o que produzir, a fim de saber para onde se dirigir, porquanto o próprio Jesus afirmou, convincente: Onde guardares o vosso tesouro tereis retido o coração”.

E as palavras de Emmanuel tanto se referem às claridades do bem quanto às sombras do mal.

7 – Perguntas sobre os outros mundos

Podemos confiar nas descrições dos Espíritos sobre os outros mundos?

É preciso ficarmos atentos para o grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições. Os bons passam informações sobre o estado moral dos habitantes e não sobre o estado físico ou geológico desses globos. Fazem isso como ensinamento aos homens para melhorá-los e conduzi-los até esses mundos. É uma maneira de mostrar o que nos espera quando atendemos aos ensinamentos de Jesus. Por tudo isso é que os Espíritos levianos não são capazes de prestar quaisquer informações a esse respeito.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo em julho de 2004.

Quadro-negro

"(...) Todos nós atravessamos o período da fome de informações acerca de Cristo, mas, aderindo às interpretações do ensinamento cristão a que nos ajustamos, não raro confiamos apaixonadamente as manifestações superficiais de nossa fé." – Emmanuel.⁸³

Participamos de assembleias em templos materiais os mais diferentes, dependendo da nossa crença, e isso, sem dúvida, torna digno nosso pensamento religioso; também integramos grupos que cuidam de propagar as ideias com as quais concordamos, e isso mostra o nosso cuidado com os princípios que nos propomos seguir; procuramos mostrar, através de hábitos exteriores, às vezes em assuntos de alimentação, por exemplo, o jejum de algum alimento, e de rituais em ocasiões especiais, o nosso propósito de testemunhar publicamente a nossa forma de pensar, o que reforça nossa sinceridade. E ainda, muitas vezes, procuramos demonstrar, de outras maneiras, as nossas escolhas religiosas... Tudo isso – como manifestações externas que lembram o nome de Jesus e se reportem, de alguma forma, às lições benditas que nos deixou – é recurso precioso, transformado em sugestão edificante para nosso caminho evolutivo.

O Apóstolo Paulo, em carta ao povo de Roma, lembra-nos que "se alguém não tem o Cristo, esse tal não é d'Ele". É preciso reconhecer, então, que a palavra do Evangelho é demasiado clara ao proclamar a necessidade do Cristo em

⁸³ XAVIER, F. C. - *Palavras de Vida Eterna* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição, Edição CEC, Uberaba/MG – 1995 – lição 160.

nossa vida, através de sentimentos, de ideias, de ações e de condutas condizentes com a Sua doutrina. E por que nos lembrarmos das palavras de Paulo de Tarso? Quantas vezes pregamos o Evangelho atendendo a interesses demagógicos! Quantas vezes queremos o Cristo para que o Cristo nos sirva! Quantas vezes cultivamos a oração, pretendendo subornar a Justiça Divina! Essas atitudes de “demonstração e expressão de fé, à caça de vantagens pessoais, no imediatismo das gratificações terrenas”⁸⁴ têm-nos levado ao renascimento físico, retornando inúmeras vezes à matéria, trazendo a consciência pesada de culpas, como um lugar repleto de lixo e sucata de existências anteriores, impedindo de nos abirmos para o Sol da vida, para a Bondade Divina, para Deus, Pai Criador.

Para meditarmos e nos ocuparmos dos convites que Jesus nos faz, com vistas à renovação, é imprescindível conhecer os princípios evangélicos. Porém, mais que isso, é fundamental que exemplifiquemos com boas obras, independentemente das doutrinas que aceitemos, a fim de que sejamos cartas-vivas do Evangelho, nas palavras do Apóstolo Paulo de Tarso, do aproveitamento pessoal do qual somos manifestos. Com muita propriedade, Emmanuel, estimado benfeitor espiritual, diz o seguinte: “Quanto nos seja possível, estudemos as lições do Senhor e reflitamos em torno delas. Aprendamos, no entanto, a praticá-las, traduzindo-as em ação, no cotidiano, para que a palavra não se faça vazia e a fé não seja vã”.⁸⁵

Tudo isso é o chamamento aos testemunhos que teremos de dar no momento aprazado. “Cada discípulo

84 _____, lição 159.

85 XAVIER, F. C. - *Vinha de Luz* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 14ª edição - Editora FEB, Rio de Janeiro/RJ – 1996 – lição 114.

terá sua hora de revelação do aproveitamento individual.”⁸⁹

É como se tivéssemos, ainda, em uma sala de aula, diante do quadro-negro, sendo inquirido pelo professor. Ali, naquele momento, teremos que mostrar a ele o quanto aprendemos com suas lições. Ali, nenhum dos companheiros da sala poderá nos ajudar... Diante do quadro-negro, zona escura para nossos olhos materiais, o giz representará, fielmente, a nossa posição firme no aprendizado ou nossa insegurança, no exemplo de Emmanuel. O nobre mentor traz para nós, ainda, uma imagem bastante sugestiva ao afirmar que muitos aprendizes fracassam porque não sabem multiplicar os bens dos quais se fizeram depositários, e nem dividir.

Ignoram como encontrar a luz, no meio das trevas e acabam somando os conflitos que resultam em revides, rancores, mágoas, doenças físicas de todas as espécies. Esquecidos de que Jesus salientou o amor por máxima em todas as situações do Seu apostolado, entregam-se à devolução das injúrias, na mesma moeda, alimentados pelos melindres, pelas mágoas, desprezando o entendimento, o perdão e a serenidade.

Naturalmente, Jesus não se alegra de ver os homens mergulhados em sofrimento, mas também sabe da necessidade das provas e dos obstáculos para o crescimento desejado.

Se na escola os alunos são submetidos a provas de aproveitamento, capacitação, de testes de inteligência, também o Evangelho oferece situações semelhantes. Por exemplo:

1 - Sabemos que vivemos em um planeta bastante materializado, com corpos ainda grosseiros, o que acarreta, sempre, inúmeras dificuldades para nós;

2 – Problemas esses que são inerentes à própria existência, e por isso não podemos nos tornar criaturas tristes, desanimadas, sombrias, como quem está sempre à espera de padecimentos, fixados na ideia de que quanto mais sofrimento, mais chances de ir para o Céu;

3 – O planeta está repleto de tentações fantasiosas, necessidades ilusórias e não podemos chamar Jesus para que nos ajude a continuar a viver de ilusões.

Mas quando somos chamados para seguir o Mestre é para que aprendamos a executar a tarefa em favor da Esfera Maior, sem nos esquecermos de que o serviço começa em nós mesmos através da transformação dos nossos sentimentos, pensamentos, palavras e ações, na busca de sermos melhores hoje do que fomos ontem.

Lembra-nos, judiciosamente, Emmanuel que “quando o Mestre convida alguém ao Seu trabalho, não é porque chore em desalento ou repouse em satisfação ociosa. Se o Senhor te chamar, não te esqueças de que já te considera digno de testemunhar”.⁸⁶ Portanto, fugir ao convite, é comprometer ainda mais a presente encarnação, com acréscimos de débitos para as vindouras.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo V, “Bem-Aventurados os Aflitos”, encontramos o seguinte pensamento: “O fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem”. A atitude de fuga ante os compromissos assumidos ainda na espiritualidade antes de reencarnarmos, e apesar do esquecimento temporário, na matéria, só tornará mais penosas nossas existências: atual e futuras.

Apesar das provas às vezes ásperas, dos obstáculos

⁸⁶ _____. – *Caminho, Verdade e Vida* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição - Editora FEB, Rio de Janeiro/RJ – 1997, lição 71.

aparentemente intransponíveis, que nos obrigam a pensar no porquê de suas presenças em nossa existência, Deus precisa nos encontrar executando as tarefas que nos competem, para poder nos ajudar na hora do testemunho. Poderemos ser ou estar limitados nesse momento, mas não poderemos ser ou estar ociosos física e intelectualmente. Agora, se permanecermos atentos, agradecendo a Deus as oportunidades oferecidas, Seus Mensageiros encontrarão na própria tarefa os meios de nos socorrer.

Quando conscientes e não mais iludidos pensamos na nossa realidade íntima e na que nos cerca a existência, damos conta da sua rudeza. Todavia, Deus é Misericórdia Infinita e não nos deixa sem Seu amparo, ainda que muitas vezes nos sintamos abandonados. Nossa fé vacilante não nos permite entender que o não aos nossos desejos e caprichos é a forma que o Pai tem de nos dizer: "Pare, pense, escolha melhor...".

As provas que experimentamos hoje é o resultado das escolhas enganosas de ontem. Hoje, mais sábios, já aprendemos escolher com mais responsabilidade. E o que isto significa? Significa que nosso futuro se desenha radioso à nossa frente. Cada vez mais rapidamente e com mais coragem vamos vencendo todos os obstáculos, e nos preparando para o cimo da felicidade; felicidade que tanto desejamos, e que nos chegará por méritos próprios.

As provações espinhosas vão ficando para trás na medida em que, mais lúcidos das nossas obrigações ante as leis divinas, vamos cumprindo, dentro de nós, com alegria, as palavras do Excelso Amigo, Nosso Senhor Jesus Cristo: "Ama teu próximo como a ti mesmo", não importa onde, não importa quando, não importa quem.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) –
março de 2012.

Reencarnação, princípio evolutivo

Nosso tema está ligado ao conceito de reencarnação que significa nascer em outros corpos, tantas vezes quantas forem necessárias, com a finalidade de evoluirmos. Mas, o que acontece conosco entre o nascer novamente e o morrer mais uma vez, atendendo a essa necessidade evolutiva? É através da família que funciona o princípio da reencarnação. Por isso ela tem função educadora e regenerativa.

Quando estamos no plano espiritual, ou seja, desencarnados, e se aproxima o dia da volta a um novo corpo de carne, alguns de nós nos sentimos apavorados ante a expectativa desse novo empreendimento. É como estar arrumando a mala para uma viagem, através de mares revoltos e não sabemos se chegaremos com êxito ao final da travessia. Alguns pontos são programados antes de nascermos. Pontos importantes como: quem serão nossos pais, se casaremos ou não, que profissão teremos e qual será o gênero da nossa morte, entre outros. Mas não saberemos disso.

Essa programação, estabelecida anteriormente, dependerá, para ser executada, do nosso livre-arbítrio, da nossa vontade. Por isso é uma programação e não uma determinação. Portanto, não existe fatalismo. Dessa forma, poderemos seguir um caminho oposto ao que nos foi delineado. A programação é sempre feita obedecendo às leis divinas, e através dela teremos o que necessitamos para nosso crescimento espiritual. Nascemos, assim, com as condições internas e externas propícias ao nosso

adiantamento.

Parece claro, portanto, que temos o corpo ideal, a família necessária, o lugar propício e a melhor profissão para saldarmos, diante de Deus, os nossos débitos com suas leis. Bendito seja, pois, o retorno ao corpo, através do qual poderemos nos empenhar, de novo, em trabalho e aprendizado, daquilo que deixamos de fazer ou que fizemos malfeito.

Assim, partimos para uma nova viagem, levando na bagagem os recursos que conquistamos até aquele momento, aquisições feitas ao longo das existências, sejam elas boas ou más, pois são as nossas aquisições.

No campo afetivo não será diferente: teremos, ao nosso lado, pessoas que conquistamos, seja pelo afeto, seja pelo desamor. Conseguimos, então, compreender, por que são tão importantes as obras que realizamos, em todos os setores da vida, entre o nascer novamente e o morrer mais uma vez.

Existe uma frase de Emmanuel, estimado instrutor espiritual, que abre uma porta para que possamos compreender o que Jesus pretendeu dizer com "Necessário vos é nascer de novo". Diz ele: "Falhas do passado procuram-te o espírito irresponsável, seja no corpo, na família, na sociedade ou na profissão, pedindo-te reajuste". Essas palavras de Emmanuel permitem-nos refletir nos caminhos que temos para esse recomeçar, porque todas as vezes que falamos em renascer só pensamos em reencarnação na carne, ou seja, em novo corpo físico para continuar o processo evolutivo. Entretanto, quando paramos e prestamos atenção ao que acontece ao nosso redor e em nossa própria vida, podemos nos dar conta de que esse renascimento é contínuo e não

apenas após morrer e renascer em novo corpo.

Senão, vejamos: os anos se sucedem sempre da mesma maneira, e isto é um processo matemático: depois de 2010 virá, necessariamente, 2011. Mas os dias não. Estes, se prestarmos atenção, são sempre novos. Temos, então, 365 novas oportunidades, a cada ano, para a renovação moral, para realizarmos coisas incríveis, em nós e para aqueles que estão ao nosso redor. Já imaginaram o que poderá acontecer durante toda uma existência?

Diante desta constatação, fica uma pergunta que necessitamos fazer a nós próprios e que não pode mais ser adiada: "o que estamos fazendo com esse tempo precioso?".

Tristemente, a maioria de nós mantém-se guardando os detritos e as sombras do passado, mesmo aqueles que vêm revestidos, mascarados de encantamento e prazer ilusórios. Se, ao invés de conservarmos esse vinagre e esse fel, ainda hoje, por que não guardarmos na memória apenas o que foi bom e justo, belo e nobre? O que aconteceu, já aconteceu. Já passou e deve ficar como lição para que o nosso presente, nosso renascer neste dia, seja baseado na experiência vivida que nos enriquece, que nos permite caminhar, hoje, com segurança.

Uma outra atitude que infelizmente ainda mantemos como resquício desse passado, já tão repleto de enganos, é o de deixar que outros façam aquilo que nos compete. Continuamos esperando que os amigos espirituais, nossos benfeitores, realizem por nós e para nós aquilo que o comodismo não nos permite fazer. Tornamo-nos, assim, escravos de nossas próprias imperfeições. O ensinamento de Jesus de que é necessário nascer de novo, alerta-nos para esse comportamento de desleixo, de descaso para

com nossas obrigações diante da Vida. A nossa negligência nos fará retornar ao corpo material, necessariamente, com cargas de trabalho muito maiores do que a que supomos ter hoje.

Reportando-se à questão 676, de *O Livro dos Espíritos*, Emmanuel diz no livro *Religião dos Espíritos* que “a cada momento, o Criador concede a todas as criaturas a bênção do trabalho, como serviço edificante, para que aprendam a criar o bem que lhes cria luminoso caminho para a glória na Criação”. Todavia, o fato de praticarmos o bem, de sermos fraternos com os companheiros necessitados e trabalharmos como auxiliares de Jesus na Seara do Pai, não nos exime dos compromissos anteriormente assumidos, por conta dos nossos enganos.

O trabalho é uma dádiva celeste, porque nos fortalece para termos condições melhores de suportar a carga de comprometimento que trazemos, e nos protege para que não venhamos a falir outra vez, aumentando, ainda mais, a carga de dificuldades que já possuímos. É através dele que quitamos o passado, que criamos condições para nos realizarmos no presente, garantindo, por isso mesmo, os créditos para o futuro.

Vale a pena meditarmos a respeito desses ensinamentos que nos chegam através do Espiritismo. Vale a pena fazermos uma limpeza em nossa bagagem, jogando fora o orgulho, carga perniciosa que pesa em nossa economia moral. Vale a pena nos livrarmos do egoísmo, bagagem pesada e perigosa. É um trabalho diário, individual e intransferível.

A cada manhã, meus irmãos, ao acordarmos, agradeçamos ao Pai a nova oportunidade que surge, junto com o Sol ou a chuva, para a nossa renovação, para o

nosso renascer. Ela não acontece apenas quando retornamos ao mundo material, para novas experiências e, entre elas, a de refazer caminhos. Ela acontece todos os dias ao renascermos para a Vida.

Pub. – Revista Eletrônica O Consolador, em outubro de 2015.

Reflexões sobre a benignidade

O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo 16, item 9, fala da verdadeira propriedade e diz textualmente: “O homem não possui como seu senão aquilo que pode levar deste mundo (...). O que é então que ele possui? Nada que se destina ao uso do corpo e tudo o que se refere ao uso da alma: a inteligência, o conhecimento, as qualidades morais (...). Dele depende estar mais rico ao partir do que ao chegar neste mundo (...)”.

Paulo de Tarso alerta, na carta aos Efésios, capítulo 4, versículo 32, que se temos com que nos sustentar e vestir é importante estarmos contentes com isso. Baseado na advertência do apóstolo, Emmanuel lembra que aquele que detém o monopólio do trigo não necessita senão de algumas fatias de pão para saciar sua fome, e que o dono da fábrica de tecido não usará senão alguns metros de pano para confeccionar uma roupa. Ao procurarmos armazenar o que quer que seja, é importante levarmos em conta não os padrões da gula ou da vaidade, mas, sim, os princípios que regem a vida em seus fundamentos naturais. Por que precisamos esperar o banquete a fim de oferecer migalhas a quem passa faminto? Por que aguardar riquezas em moedas para ser útil ao necessitado? A caridade não depende de bolso ou mesa cheia, pois é fonte nascida no coração.

É sempre bom o desejo de possuir algo para socorrer o próximo ou a si mesmo em épocas de menor fartura; mas, subordinar a prática do bem ao cofre recheado ou à mesa

farta, mostra-nos o quanto, ainda, estamos escravizados aos bens materiais. Muitos de nós, aprendizes eternos do Evangelho, nos queixamos da ausência de oportunidades do mundo. Lamentamos, quase sempre, por não haver conseguido ainda um trabalho que nos trouxesse destaque; ou, porque, ainda, não situamos nosso nome em posição que proporcione o reconhecimento de todos, esquecendo-nos, quase sempre, dos pequeninos serviços que podem ser traduzidos num gesto de carinho, numa palavra de consolo ou num sorriso fraterno.

Podemos calcular o imenso favor que fazemos quando servimos um copo de água a alguém que esteja sedento? Quando nos calamos ante o mal que não pode ser esclarecido naquele momento? Na nossa tolerância diante de conversa enfadonha? Para muitas pessoas isso não tem valor. De maneira geral, nós próprios não valorizamos esses trabalhos, pois não os consideramos como tal. Preocupamo-nos mais com as grandes obras, nossas e dos outros, esquecendo-nos dos imensos sacrifícios que muitas pessoas fazem para que nosso dia não seja tão trabalhoso, se fizéssemos tudo sozinhos. E mesmo dizendo "obrigado" pela boca, nosso coração repete que não fazem mais que a obrigação. Mas, quando somos nós a realizá-los, sem reconhecimento e gratidão, nos rebelamos, mergulhamos em queixas e azedume, e passamos a desejar grandes trabalhos para nos destacarmos e sermos reconhecidos; desejamos ter posses para agir como aqueles que não nos reconhecem como trabalhadores, ou seja, de maneira egoísta, sem qualquer caridade para com aquele que realiza essas tarefas.

Na verdade, só desejamos mudar de lado porque nossos sentimentos de ingratidão a Deus continuam os mesmos. Inconformados e rebeldes diante da situação de

pequenos servidores, esquecemo-nos da lição evangélica de que aquele que for humilde na Terra será grande no céu, lembrando que o ser humilde da lição não significa ser servil, mas não ter orgulho. Por causa desse esquecimento, nos preocupamos com as grandes conquistas materiais sem olhar para o grande número de companheiros que gira ao nosso redor, dando-nos as condições dessas conquistas.

Queiramos ou não, estamos todos enredados na mesma teia, interdependentes uns dos outros, para que juntos aprendamos, uns com os outros, a tolerância, a indulgência, a caridade. Se assim não fosse, por que nos teria Deus colocado para vivermos juntos a experiência terrena? Respondendo a essa questão, descobrimo-nos ligados, todos, pelos mesmos sentimentos, bons ou maus.

Entendamos isso: se temos um carro – bem material simples, comum nos nossos dias – e ele quebra, a menos que conheçamos o funcionamento de todas as suas peças, precisaremos, sem dúvida, de um mecânico, falando apenas do motor. Mas, temos, ainda, o pintor, o funileiro, o borracheiro, os engenheiros que traçaram as ruas, os operários que as construíram, os guardas de trânsito etc. Dentro de casa, ou nos trabalhos profissionais, as coisas parecem mais interdependentes ainda. Perguntamos, então: se dependemos das outras pessoas, por que não sermos bondosos uns com os outros, como nos conclama Paulo? Onde está a dificuldade?

Olhemos para dentro de nós, busquemos essa resposta e, ao encontrá-la, nos surpreenderemos descobrindo que não temos, na verdade, nenhuma razão real para não sermos gentis. "Dividamos o pouco ou o muito que temos, e a insignificância dessa boa vontade, amparada pelo amor, se converterá em prosperidade comum."⁹¹

Emmanuel convida para que “meditemos um instante na Tolerância Divina a nos sustentar para não cairmos nos precipícios da violência”.⁹¹ Reflitamos um pouco na desculpa incessante do Pai Criador ante a perversidade e a crueldade dos homens, junto a Cristo. Bastaria isso para que entendêssemos a necessidade da bondade de uns para com os outros. Diz o amoroso Instrutor: “Quantas vezes fomos cegos e perversos para com o Cristo que nos tem dispensado favores constantemente?”⁸⁷ Cegos com Jesus por não enxergarmos a imensa luz que Ele faz brilhar através dos Seus ensinamentos. Perversos, porque mesmo já tendo algum conhecimento deles, ainda insistimos em permanecer nas sombras, fazendo sofrer os que nos cercam e trazendo sofrimento a nós próprios, contrariando o objetivo de nossa criação que é o de sermos felizes. Somos perversos com Jesus, porque ao descer da Espiritualidade Maior para dissipar a sombra que nos cobre até hoje, foi-Lhe negada guarida em nossos corações; apesar disso, Ele não nos priva de sua presença amorosa. Seu ensino redentor é a exemplificação do amor incondicional que sente por nós, mostrando que, somente através da bondade e da renúncia conquistaremos a felicidade: bondade para com todos, renúncia a tudo o que é sem importância para nossa evolução espiritual.

Em nome do Mestre, exemplo vivo da paz, a humanidade terrena fez guerras de ódios entre irmãos, acendeu fogueiras de extermínios e perseguiu e, nem por isso, Deus nos tirou a oportunidade de prosseguir, caminhando no tempo e no espaço, em processo de crescimento. Como podemos nós, seres pequenos e imperfeitos, não dar ao outro a mesma oportunidade?

87 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 20ª edição - Editora CEC - Uberaba/MG - 1995, lição 14.

Deixar de cumprir nossas pequenas tarefas, porque o outro não nos dá valor, leva-nos a refletir sobre o seguinte: já imaginou se Jesus não completasse sua missão porque os homens foram surdos, cegos e ingratos aos seus ensinamentos? E se Deus houvesse desistido de ter tolerância e misericórdia conosco por causa dos nossos constantes enganos? Se, com toda Benignidade Divina, ainda nos encontramos em atrasado estágio evolutivo, o que seria de nós, se não tivéssemos o Amor Incondicional do Celeste Emissário a nos dirigir com segurança aos braços do Pai, através das leis de Amor?

Quando paramos para refletir sobre essa questão, não nos parece justo colecionarmos mágoas e desapontamentos, ressentimentos e vingança, melindres e rancores. Como pedir perdão a Deus pelos nossos erros, e esperarmos ser atendidos, se a voz do Pai não chega a nós porque temos nosso coração mergulhado num vaso de fel! Nosso canal de ligação com Ele precisa estar limpo e seguro contra esses sentimentos tão danosos a nós próprios. É necessário, conforme adverte Paulo, usarmos de benignidade uns para com os outros, porque somente assim, como diz Emmanuel, "viveremos no clima de Jesus, que nos trouxe à vida a ilimitada compaixão e o auxílio incessante da Providência Celestial".⁹¹

Tudo, na Natureza, prossegue sem esforço, espontaneamente. Assim também deve caminhar o Homem na construção da própria existência. Não é preciso saber tudo, mas é indispensável saber amar, louvando o bem e esquecendo o mal. "A chuva, derramando-se em gotas, fertiliza o solo e sustenta bilhões de vidas. Algumas sementes plantadas e cuidadas com carinho, no correr dos anos, podem dominar imensas terras. Estejamos alegres e auxiliemos a todos que nos compartilham a marcha, pois,

se possuímos a bênção de contar com o pão e com o agasalho todos os dias, cabe-nos a obrigação de viver e servir em paz e contentamento.”⁸⁸

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) – agosto de 2006.

⁸⁸ XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 16ª edição – Editora FEB - Brasília/DF - lição 9.

Reflexões sobre o auxílio do invisível

"Cada Espírito possui o roteiro que lhe é próprio." - Emmanuel ⁸⁹

Diz Emmanuel para não procurarmos orientação com os outros sobre assuntos claramente solucionáveis por nosso esforço, e isso permite, a nosso ver, uma reflexão sobre a presença da ajuda nas nossas vidas, seja ela de encarnados ou desencarnados.

Esperamos sempre – ansiosamente – o auxílio do plano espiritual, não importando, por ora, o nome pelo qual ele seja designado frente às diferentes crenças que cada um possui. Espera-se ser ajudado pelas forças invisíveis, desde a colocação profissional no mercado de trabalho até os problemas afetivos, passando assim por uma gama infinita de pedidos prosaicos, uns justos, outros não; desde a solicitação de coragem para enfrentar uma doença grave, como para ajudar a arrumar um marido ou namorada, ou conseguir comprar o carro do ano.

O problema está, na verdade, no foco que existe para as necessidades que se cria das coisas materiais: a casa bem maior, mesmo que já se possua uma adequada às necessidades pessoais; um segundo carro, apesar de já se ter outro; o sucesso sem merecimento, porque se inveja a vida "de glamour" de pessoas de destaque, nas mais diversas áreas de atividade humana, sem que se tenha, mais das vezes, os requisitos essenciais para tal façanha; a aprovação em testes ou provas finais na escola, quando

⁸⁹ XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 31ª edição – Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ – 2005 – Lição 138.

não se preparou adequadamente para elas, durante todo o curso.

Evidentemente, os amigos espirituais, autorizados pelas Esferas Superiores, estão prontos a auxiliar o homem, tal como perguntou Jesus aos discípulos, quando vieram avisá-Lo que a multidão estava faminta: "*Quantos pães tendes?*" E disseram-Lhe: - "Sete". Essa passagem exemplifica a condição *sine qua non* de atendimento às necessidades humanas: O que cada um de nós tem para oferecer ao Mestre, a fim de ser centuplicado em favor do pedinte?⁹⁰

Em Atos, Capítulo 12, versículo 10, encontramos um relato, referindo-se à prisão de Pedro, a mando de Herodes Agripa, que mostra muito bem a ajuda que se pode receber e em quais limites acontece, uma vez que ela não pode interferir nas nossas escolhas. No cárcere, Pedro vê o Anjo do Senhor abrir-lhe as pesadas algemas e descerrar as portas que o libertariam da prisão. O pescador de Cafarnaum percebe o anjo caminhando junto dele, ultrapassando, com ele, os primeiros perigos da prisão até a um lugar seguro na rua, para depois vê-lo afastar-se, deixando-o entregue à própria liberdade de forma a não lhe desmerecer as iniciativas.

A contribuição recebida por Pedro é lição para todos nós. No momento oportuno o auxílio do invisível nos alcança a todos, nas suas mais diferentes formas de expressão: Aqui, é o ombro amigo que nos sustenta o pranto; ali, é a ajuda financeira que surge de onde menos se espera; mais adiante, é a melhora da saúde com a medicação correta; acolá, é a mensagem confortadora que acalma e permite que se possa enxergar a dificuldade sob

90 Marcos, 8:5.

outro prisma. São tantas as formas e tão variadas, que somente o coração disponível ao entendimento no Bem e a mente voltada para esferas mais elevadas podem percebê-las.

Todavia, é imprescindível não se viciar nessa cooperação. Necessário se faz o aprender a caminhar sozinho, usando a independência inerente da nossa condição de ser espiritual – criados por Deus – e a vontade real de se ser justo e útil. Estamos no mundo para aprender – e é isso que somos: eternos aprendizes das Leis divinas –, e não é possível se esquecer de que não podemos esperar que nossos instrutores, encarnados ou desencarnados, resolvam os problemas que competem a nós, como alunos, solucionar. É como pedir ao mestre que faça as provas, que nos aprovarão na série, por nós.

Todos esses são exemplos típicos de quem busca o auxílio da Espiritualidade. “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, no capítulo 17, item 7, e no capítulo 25, itens 3 e 4, bem como “*O Livro dos Médiuns*”, questão 291 e seguintes, e ainda o livro “*Sinal Verde*”, lição 17, de autoria do Espírito André Luiz, com psicografia de Francisco Cândido Xavier, apresentam algumas das fontes de onde poderemos tirar outros exemplos.⁹¹

A literatura espírita séria pode fornecer elementos importantes para meditações sobre o tema. Há séculos o remédio para os velhos enigmas das relações humanas entre os dois planos da existência está indicado nos ensinamentos de Jesus. Basta para tanto aos espíritas de boa vontade e aos neófitos da Doutrina consoladora, que nos sustenta a caminhada, buscar nas obras da Codificação e na literatura espírita, que dá sustentação à grandiosa obra

91 _____ *Caminho, Verdade e Vida*, ditado pelo Espírito Emmanuel – Editora Federação Espírita Brasileira, 17ª edição - Rio de Janeiro/RJ, 1997 - Lição 100.

de Kardec, os recursos para reflexão, entendimento e consequente prática dos ensinamentos evangélicos.

Não nos iludamos: Sem o estudo e a prática dos princípios doutrinários, dos postulados espíritas, não há caminhos seguros na evolução moral.

Pub. – Revista eletrônica - O consolador - edição nº 284.

Reflexões sobre o tempo

Nós, que estudamos a Doutrina Espírita, não ignoramos quantos abnegados benfeitores espirituais cooperaram para que cada um de nós possa retornar ao campo das experiências práticas evolutivas. Por essa razão, Emmanuel⁹² nos fala das circunstâncias harmoniosas que nos cercam a existência terrena, para que nosso aperfeiçoamento espiritual transcorra dentro dos programas estabelecidos, pois as leis que regem a criação são leis de amor, a nos falar de solidariedade entre os seres e os mundos.⁹³

O próprio planeta se perde na noite dos tempos, assim como bilhões de anos passaram até que a Terra se transformasse em aconchegante regaço, onde pudéssemos fazer nosso estágio evolutivo. Os elementos de todos os reinos da Natureza, mineral, vegetal e animal, com não menos larga parcela de tempo para serem formados, oferecendo-nos tudo aquilo de que necessitamos para nossa sobrevivência material. É a Natureza nos servindo, por misericórdia de Deus. Ainda dentro desse foco, se olharmos para o espaço, observaremos os astros, também, com incontáveis séculos para serem formados, garantindo as condições de vida na Terra e em outros planetas. Em tudo surge o tempo atuando em nosso benefício.

Alguém perguntou certa vez a um astrônomo: “O que aconteceria na Terra se a Lua fosse destruída?”. O

92 XAVIER, F. C. - *Caminho, Verdade e Vida*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 17ª edição - FEB - Brasília/DF - 1997 - lição 1.

93 _____ *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 31ª edição - FEB - Brasília/DF - Lição 10.

astrônomo respondeu que as espécies que dependem das marés para se desenvolverem e sobreviverem seriam afetadas, como, também, os movimentos de rotação e translação do planeta. Com a alteração das marés, continuou ele, a Terra sofreria um resfriamento, porque as imensas placas da Crosta que boiam sobre o magma atritam-se por influência dos movimentos das marés, e é esse atrito que mantém aquecida a temperatura interna do planeta. Assim, a Lua, humilde satélite da Terra, tem função vital para a manutenção da vida no orbe.

Deus não cria nada inútil. Tudo tem uma função. Conosco é a mesma coisa, pois também temos nossa função: estamos trabalhando no nosso progresso espiritual e nesse processo nos transformando em cooperadores da obra divina. Por essa razão retornamos, continuamente, tantas vezes quantas forem necessárias à matéria, a fim de nos aperfeiçoarmos, aprendendo a compreender e a praticar o Amor, em obediência aos desígnios de Deus. Em cada retorno, dispomos de vários recursos que podem ser usados em nosso benefício: a inteligência, o livre-arbítrio, o corpo material, a vontade e o tempo. Assim, entre o nascer e o morrer temos, à nossa disposição, imensas possibilidades de realizar o melhor em nosso proveito e de tudo o que nos cerca, sejam pessoas ou a Natureza.

Mas será que estamos aproveitando bem esse tempo? A maioria dos homens não percebe ainda os valores infinitos do tempo. Senão, vejamos: quando examinamos a anatomia do nosso corpo vemos milhões de células que se agrupam formando órgãos, sistemas interligados, funcionando harmonicamente como uma máquina perfeita, para que o Espírito (nós) que a utiliza possa se manifestar na vida material. Da concepção ao momento do renascimento foram necessários nove meses. E até

atingirmos a maturidade espiritual, quanto tempo passará? Cada um de nós tem seu tempo, mas em média, levamos – reencarnados – de vinte e cinco a trinta anos para iniciarmos a tarefa à qual nos propomos. E se refletíssemos sobre o período anterior à concepção, poderíamos perguntar: quantos séculos foram necessários para que pudéssemos nos preparar, programar a nossa reencarnação? A Misericórdia Divina permitiu que cada um de nós conquistasse a bênção de um novo tempo para nossa evolução. Voltamos a insistir: Será que estamos aproveitando essa oportunidade que nos foi concedida para cumprir a nossa tarefa?

Emmanuel apresenta-nos outra questão: é certo que todo homem conte com o tempo para sua realização profissional, pessoal, social ou espiritual; e se esse tempo estiver sem luz, sem equilíbrio, sem saúde, sem trabalho? Para que nos servirá? Essa questão deixa implícito que a saúde, o equilíbrio, a iluminação e a oportunidade de trabalho dependem da nossa participação. O benfeitor espiritual adverte-nos sobre isso, porque são raros aqueles que valorizam o dia. Ao contrário, o comum é o uso da expressão “matar o tempo”, mostrando a inconsciência, ainda tão presente em nós, no que se refere a essa dádiva divina. Chama-nos a atenção para a importância que tem um dia de paz, de harmonia, de iluminação em nosso próprio auxílio, na execução das Leis de Deus. Garantir condições de paz, de harmonia e de iluminação para a execução das tarefas que nos competem realizar é de nossa responsabilidade, frente às Leis do Trabalho e Progresso.

Destaca, ainda, a criatura humana envolvida pelos interesses materiais, dedicando tempo e esforço na conquista de bens transitórios e que, retornando ao Plano

Espiritual, chega com a obra incompleta, necessitando recapitular todo o aprendizado, as mesmas experiências – às vezes com maiores dificuldades que a anterior – no mesmo patamar evolutivo, porque viveu leviana e inconsequentemente, complicando a própria jornada espiritual.

Enquanto jovem na carne, a criatura humana age como uma criança que desconhece o valor do tempo. “Geralmente, contudo, quando a maturidade aparece e a alma já possui relativo grau de educação, o homem reajusta, apressado, a conceituação do dia. A semana é reduzida para o que lhe cabe fazer.” É nessa fase que ele se agita, inquieta-se, desdobra-se tentando multiplicar suas forças. E a morte do corpo encontra-o em atitude de expectativa ou de prazeres, sem lhe dar chance de recuperar o tempo perdido.

Sob o risco de dolorosos retornos, fiquemos vigilantes quanto ao tempo usado para nossa elevação espiritual. Não é sem motivo que Joanna de Ângelis nos adverte com extrema sabedoria: Hora vaga? Jamais!

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – janeiro de 2007.

Renovação Mental para um viver melhor

No livro *Nos domínios da Mediunidade*, capítulo 4, de André Luiz,⁹⁴ psicografado por Francisco Cândido Xavier, o autor espiritual apresenta alguns problemas importantes para todos aqueles que estão empenhados no esforço de autorrenovação com Jesus. Dentre eles, podemos destacar, em primeiro lugar, que não devemos nos esquecer de que nem sempre o obsessor é o desencarnado, pois não desconhecemos que a influência dos Espíritos sobre o encarnado se exerce pela sintonia.

O outro problema diz respeito ao próprio processo obsessivo que acontece desde o momento em que permitimos a infiltração de pensamentos estranhos em nosso campo mental, passando pelo desligamento dessa interferência, e chegando à manutenção da nova atitude mental. Exemplificando: quando nos apegamos em demasia a pessoas de nosso afeto, a situações que nos dão prazer ou a coisas que estimulam nossos sentidos, criamos, para nós próprios, verdadeiras prisões mentais. Esses estados tornam-se sem dúvida alguma um excelente atrativo para a aproximação de entidades com as quais nos afinizamos.

Estando isso estabelecido dentro de nós, a ajuda se faz necessária para que o desligamento desse estado doentio aconteça, e isso só será possível como fruto do esclarecimento e das ideias renovadoras que procuramos incorporar em nossas novas atitudes mentais. Ocorre

94 XAVIER, F. C. *Nos Domínios da Mediunidade*, ditado pelo Espírito André Luiz – 20ª edição – FEB Editora – Brasília/DF – Cap. 4.

assim um desligamento de “tomadas mentais”, através dos princípios libertadores que esclarecedores ou expositores distribuem na esfera do pensamento. A mudança do centro mental dos vampirizados, desde que o desejem realmente, é inevitável.

É interessante observar que em consequência dessa nova atitude, duas situações surgem em relação às entidades vampirizadoras: primeiro, elas fogem do local porque detestam o ambiente salutar que se forma – mas isso é temporário – e se preparam para novas investidas contra suas “vítimas” que, muitas vezes, procuram o reencontro; e segundo, muitas entidades permanecem no local desejosas de receberem maiores esclarecimentos. Sob esse ponto de vista, a função das outras crenças é muito importante.

Um exemplo muito interessante pode ser encontrado no livro *Estudando a mediunidade*, de Martins Peralva ⁹⁵, no qual o autor compara esse processo a um ferro elétrico. Diz-nos ele que quando necessitamos aquecer um ferro, nós o ligamos na tomada e ele aquece. Para esfriá-lo, basta desligá-lo. Assim acontece conosco em relação às entidades desequilibrantes: nós somos o ferro, a corrente elétrica são as projeções mentais da entidade e o fio elétrico representa a imantação, a vinculação dos dois campos vibratórios, o nosso e o do Espírito. Portanto, para nos desligarmos dele, basta tirar o fio da tomada.

Para a consolidação do equilíbrio, não basta apenas receber o esclarecimento. É preciso consolidar essas novas ideias com nossas atitudes diárias. Assim, faz-se necessário: Estudo + Meditação = Renovação + Trabalho = Libertação do incômodo do jugo das entidades menos

⁹⁵ PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade* – 20ª edição - FEB Editora – Rio de Janeiro/RJ – Cap. 8.

esclarecidas. A ausência de afinidades pela mudança dos centros mentais promove um verdadeiro “despejo da casa mental” que acontece:

1- Pelo esclarecimento do encarnado que despejará de sua casa mental o hóspede invisível;

2- Pelo esclarecimento do desencarnado que se libertará da prisão que o encarnado lhe vinha impondo;

3- Pela melhoria de ambos.

A palavra dita assume nesse processo uma importância fundamental, pois toda palavra inspirada no Infinito Bem traz, em seu bojo, objetivos de elevação moral. Por essa razão a palavra esclarecedora de quem conversa com os Espíritos ou do expositor em trabalho de assistência espiritual projeta nas mentes dos necessitados, nos dois planos da Vida, princípios libertadores.

Todos os santuários em seus atos públicos recebem essas almas necessitadas, o que nos alerta para a responsabilidade da palavra dita com conhecimento e caridade. Por causa disso, muitas curas de obsessões acontecem pelo simples comparecimento dos interessados às reuniões de estudo. Todos os que se mostrem verdadeiramente dispostos à renovação são beneficiados. Entretanto, sabemos que existem obsessões com raízes muito profundas que se perdem tantas vezes nos séculos do tempo, que exigem assistência direta e específica.

Um aspecto interessante a ser destacado no capítulo é a observação, com comentários, que o instrutor Aulus faz, chamando a atenção de André Luiz e Hilário sobre dois casos: o primeiro diz respeito à situação perispiritual do desencarnado com a presença de doenças que sobreviveram no perispírito, configurando-se como

estigmas de erros deliberados; e o segundo, a possibilidade de mudanças do quadro de sofrimentos no perispírito, quando da assimilação de ideias novas.

Lembra o instrutor espiritual que *"a renovação mental é a renovação da vida"* e que *"o túmulo revela as imagens que escondemos do mundo sob as vestes da carne"*. Prossegue alertando-nos que *"a consciência é um núcleo de forças, em torno do qual gravitam os bens e os males gerados por ela mesma"*. Essas advertências nos reportam, inevitavelmente, ao ensinamento de que receberemos as benesses divinas conforme o bem ou o mal que houvermos feito, respaldados que estaremos sempre nas circunstâncias que nos levaram ao engano.

Outro destaque que merece ser feito diz respeito ao estudo de dois casos. O primeiro trata de estado de amnésia apresentada por um companheiro desencarnado, vítima de vigorosa sugestão pós-hipnótica. Mantinha ele, embora desencarnado, os mesmos distúrbios trazidos da Terra – imantação às sensações físicas, submissão, enquanto encarnado a vontades estranhas e menos dignas às quais se teria associado – que demonstravam o poder que outras mentes mantinham sobre os recursos da memória. A orientação segura de Aulus sobre o caso de que *"a morte é a continuação da vida e como a vida é eterna, possuímos o que buscamos"*, nos fez lembrar de Jesus que nos convida a refletir sobre o *"buscai e achareis"*.

O outro caso é sobre monoideísmo ou ideia fixa: alcoolizado, jovem esbofeteia o pai por ter sido advertido e, em revide, o pai lhe amaldiçoa o gesto, desejando que seu braço fosse transformado em galho seco. Sugestionado pela força vibratória das palavras, embriagou-se mais, sofreu um acidente e perdeu o braço. Na sua mente, as

palavras paternas tiveram a força de uma ordem vingativa e a fixação mental se estabeleceu. Desencarnado, recuperou o braço ressecado e inerte no corpo perispiritual.

Num caso assim, o reajuste é difícil, exigindo tempo e tolerância. A mente subjugada pelo remorso alimentou a maldição; o trabalho dos médiuns, em qualquer situação semelhante, será de suma importância porque, para se ter sucesso na cura, eles devem transformar-se em instrumentos de amor a serviço do Pai.

Mais uma vez, vamos encontrar em Jesus o entendimento para esse caso: *"Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra"; "Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus"; "Ouviste o que foi dito aos antigos: não matarás, e quem matar será réu no juízo. Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão será réu no juízo; e o que disser ao seu irmão: raca, será réu no conselho; e o que disser: és louco, merecerá a condenação do fogo do inferno". (Mateus, V:21-22.)*⁹⁶

Com esse ensinamento o Mestre estabelece como lei a doçura, a moderação, a afabilidade e a paciência, porque não precisamos tomar cuidado apenas com o conteúdo das nossas palavras, mas com o modo como as emitimos. Somos duplamente responsáveis por aquilo que sai da nossa boca, porque vem impregnado do que temos no coração e não poderemos prever de que forma aquele que nos ouve vai receber nossas palavras. Por esta razão, Jesus condena palavras agressivas por possuírem vibração magnética destrutiva.

96 KARDEC, Allan – *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – LAKE Editora – São Paulo/SP – Cap. IX e XXV.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), em julho de 2005.

Ricos e pobres

É errôneo imaginar ou afirmar que o Reino dos Céus não receberá os ricos. É pretender colocar riqueza e felicidade em situação de antagonismo. Quem assim pensa e diz cita o próprio Mestre para justificar essa atitude, fazendo crer que só os pobres em bens materiais terão direito à felicidade plena. Baseiam-se no ensinamento evangélico de que "é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus". Maior engano é impossível se observarmos que:

1. Existem ricos de dinheiro e tão ricos de usura que se fazem mais pobres que os mendigos famintos da rua;

2. Existem ricos de tempo e tão ricos de preguiça que se fazem mais pobres que os escravizados às tarefas de sacrifício;

3. Existem ricos de afeto e tão ricos em ciúme, que se fazem mais pobres que os companheiros abandonados à solidão.

Jesus nunca condenou a riqueza, a posse de bens materiais, sobretudo porque é ela que promove o progresso sobre o planeta.

Fica claro que é dada somente uma interpretação do que está escrito como tal e não da essência das palavras benditas. Referia-se o Mestre aos sentimentos do orgulho, do egoísmo, da sensualidade e de tantos outros que nos tornam ricos em imperfeições e vícios dos mais diferentes quilates. Os pobres, aos quais se refere, são os pobres em orgulho, em egoísmo, ou seja, em tudo aquilo que excita

os sentimentos desenfreados do ser humano.

Expressões como, "eu tenho", "isto é meu", povoam nossas palavras e de tal maneira que não conseguimos pensar diferente. Acreditamos, realmente, que tudo o que está ao nosso redor, pessoas ou bens, são de nossa propriedade. Vamos refletir um pouco sobre isso: se isto ou aquilo me pertence, significa que posso levar para onde for. No meu pensamento, tudo que amealhamos nos pertence.

Será que temos razão em pensar assim? Vejamos: Ao nascer, nada trazemos de material e encontramos algumas coisas. Ao partir deste mundo, deixamos outras.

Durante o tempo em que aqui permanecemos, usufruímos desses bens. Então, se nada trazemos e nada levamos, podemos dizer que, verdadeiramente, nada temos, pois não podemos carregar conosco ao deixarmos o corpo físico.

Vamos nos imaginar precisando viajar para outro país com um clima diferente do nosso. Na bagagem levaremos, sem dúvida, aquilo que for útil nesse lugar. Assim, também, quando ingressamos no mundo espiritual só podemos levar o que nos for útil lá. Então, pensando na vida futura, na vida do Espírito, podemos nos perguntar: O que devo levar? A resposta virá imediatamente: "nada que seja material, nada que se destine ao uso do corpo, mas, sim, o que se refere à alma".

E o que se refere à alma? Podemos dizer que é a inteligência, a aquisição de conhecimento – que ajudam o homem a promover mais riqueza e mais progresso para si e para os que o cercam –, o desenvolvimento das qualidades morais. Tudo isso representa a nossa verdadeira propriedade, pois mesmo durante a experiência

planetária, podemos perder os bens materiais que amealhamos.

Quantos de nós conhecem casos em que famílias tiveram seus bens escorregando-lhes pelos dedos, julgando que os possuíam e vangloriando-se disso.

Esses desastres financeiros só vêm reforçar uma verdade: nada possuímos de nosso, pois os bens que julgamos ter nos são dados para serem gerenciados por nós.

Sempre que essa verdade é colocada, alguém pergunta: E o homem que trabalhou dura e honestamente para conquistar seus bens, eles não lhe pertencem? Certamente que sim. Deus quis recompensá-lo, ainda durante a existência, pelo esforço, coragem e perseverança. Mas, se ele não a empregou bem, pensando apenas em si, satisfazendo seu orgulho e seu egoísmo, o que ganhou de um lado, perdeu de outro, anulando, assim, seu mérito. Quando chegarmos ao Mundo dos Espíritos, ninguém querará saber qual posição ocupávamos, que nome ilustre usávamos, quais eram nossas posses. Perguntar-nos-ão o que trazemos em virtudes, em trabalho no bem e em qualidades do coração. Porque essas são as verdadeiras riquezas. Aquelas as quais Jesus nos conclama a possuir; aquelas que a ferrugem não corrói e ninguém nos rouba. A verdadeira propriedade.

Lembre-mos que todos nós somos ricos em alguma coisa, e que, usando esses talentos que a vida nos confiou na tarefa de fazermos mais felizes aqueles que nos rodeiam, chegará o momento – nas palavras de Emmanuel – em que nos surpreenderemos mais ricos que todos os ricos da Terra, porque teremos entesourado, no próprio coração, a eterna felicidade que verte do amor de Deus.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 106.

Sejamos pacientes!

Independentemente da posição social ou econômica, geográfica ou de crença na qual estamos inseridos hoje, reconhecemos a dificuldade em nos mantermos serenos diante dos problemas, porque já experimentamos ou estamos experimentando essa situação, o que nos predispõe à compreensão da dificuldade do outro.

Todavia, se entendermos o que a palavra paciência significa, talvez nos facilite o exercício dessa virtude. Ela é serenidade, calma, mas não aprovação ao desequilíbrio; é tolerância, mas não a conivência com o erro deliberado; é compreensão, mas não passaporte para o abuso. Paciência é, sobretudo, a capacidade de verificar a dificuldade ou os desacertos no seu cotidiano, buscando a solução do problema ou a transposição do obstáculo, sem alarde e sem irritação.

Mas como fazer isso? Recordemos Jesus. O Mestre foi o exemplo dessa virtude, mas não um conformista. Nunca ficou passivo diante do mal, embora lhe suportasse a presença, procurando os meios de renovar tudo para o bem. É preciso lembrar que Jesus foi tão paciencioso conosco, que voltou depois da morte ao convívio das criaturas humanas que O haviam abandonado, pois sabia que elas continuariam Sua obra redentora.

Ele nos deixou em Seus ensinamentos muitos caminhos a serem seguidos, cabendo a nós buscá-los para a prática da paciência. No Evangelho de Mateus, capítulo 19,

versículo 26 ⁹⁷, por exemplo, encontramos palavras de Jesus lembrando-nos de que “a Deus tudo é possível”. E o que isso significa? Significa que, muitas vezes, diante das perturbações que nos envolvem no dia a dia, não nos damos conta do trabalho divino em nosso benefício. Porém, é preciso parar e refletir: o fruto que nos serve de alimento é um trabalho silencioso, contínuo e paciente da árvore generosa.

Cada dia que se inicia, é Deus nos convidando a sentir Sua presença e a trabalharmos em Sua obra, em nosso próprio favor; e quando perdemos a serenidade e nos exasperamos, não conseguimos assimilar Seu plano de trabalho e nem ouvir a voz nos chamando à calma e à paciência.

É natural que a confiança no Pai vai nos exigir algum sacrifício. Mas não vale a pena? Encontramos a todo momento corações envenenados que só destilam irritação, desgosto, medo e fel. Aquietemos, pois, nossos corações em relação a essas criaturas e procuremos abençoá-las com a paz que já conseguimos sentir, mesmo que ela seja pequena.

Todos retornarão um dia ao equilíbrio: os doentes voltarão à saúde, os ingratos despertarão, pois é da lei divina que a luz domine as trevas, sem barulho e sem violência. Toda dor, não importa se física ou moral, um dia passará. É como uma nuvem que escurece, precipita-se e passa. É o temporal que assusta pela força que apresenta, mas, quando vai embora, fica um céu claro, um ar limpo e uma incrível sensação que não conseguimos explicar, de renovação da vida.

97 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição – Editora LAKE – São Paulo/SP – Capítulo IX, item 7.

E continuando a refletir, poderemos perceber ainda que ninguém pode exercer a paciência se não houver tribulações a nos convidarem para esse exercício. Se não houvesse dificuldades, se não tivéssemos opositores, se não nos sentíssemos abandonados, se nunca fôssemos criticados ou ridicularizados, se os entes amados não nos trouxessem problemas ou se nunca fôssemos induzidos às tentações de todas as espécies, de que maneira seríamos obrigados a entesourar as luzes da experiência que a nós permitem a prática de virtudes que nos fortalecem a alma? Onde buscar conhecimentos para prosseguir a jornada evolutiva senão nas lutas diárias?

Na lição 55 do livro *Palavras de Vida Eterna*, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier ⁹⁸, o benfeitor espiritual Emmanuel deixa uma amorosa advertência a nos conclamar ao exercício da paciência, a fim de não nos enclausurarmos em pontos de vista pessoal, fazendo com que não nos esqueçamos de dar continuidade à obra que o Mestre nos confiou. Diz o orientador espiritual: “O companheiro, cuja aspereza te ofende, e o aprendiz, cuja insipiência te irrita, são irmãos que te rogam cooperação e entendimento, e quantos te caluniam ou apedrejam, são doentes que te pedem simpatia e consolo. Mas, para que colabores e compreendas, harmonizes e reconfortes, é necessário que a tolerância construtiva te alente os passos. À frente dos óbices de todo gênero, guarda a paciência que ajuda, e diante dos ataques de toda ordem, cultiva a paciência que esquece”.

Agradeçamos, pois, ao Pai, as bênçãos das dificuldades pelas quais passamos. E, com respeito e amor, repitamos

98 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição - Editora CEC – Uberlândia/ MG – lições 55, 67 e 77.

tranquilos: "*Obrigado, meu Deus!*"⁹⁹

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – agosto de 2003.

99 FRANCO, Divaldo P. *Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia Profunda*, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis - 1ª edição – Editora LEAL – Salvador/BA – p. 69.

Sexo perante o Espiritismo

Na Terra, o homem não tem noção exata do que representa a sexualidade. Deus concentrou nessa força montanhas de energias que, liberadas indiscriminadamente, conduzem o homem à desilusão e ao desgaste com grandes comprometimentos reencarnatórios. Não se deve condenar nem exaltar em demasia as alegrias da sexualidade. Como tudo que Deus fez, deve se enquadrar na Lei do Equilíbrio.

Nada está errado na obra divina; assim, a união sexual representa manifestação divina quando as condições espirituais e os objetivos biológicos são seguidos.

Objetivos Biológicos - O Espírito não tem sexo. No plano físico tipifica-se na condição de *homem ou de mulher em função das tarefas que veio realizar*. É a oportunidade que o Espírito tem para se desenvolver através do processo reencarnatório. É através do sexo que se estabelece o lar, se ampliam as famílias e que as alegrias revitalizadoras do afeto e dos estímulos espirituais se realizam. É a permuta de hormônios e princípios magnéticos ativos (circuito de forças) pela qual ambos se alimentam psiquicamente.

Condições Espirituais - Ao lado dessa permuta de elementos materiais, encontramos outra de vibrações mais sutis e elementos espirituais vitalizantes de que ambos se abastecem no equilíbrio necessário das uniões afetivas dignas.

“Sexo é espírito e vida a serviço da felicidade e da harmonia do Universo”.¹⁰⁰ Reclama responsabilidade e discernimento; e é necessário que todos compreendam que os compromissos da vida sexual estão subordinados à Lei de Causa e Efeito.

Casamentos Desajustados - Através de programas elevados, estabelece-se na Terra a associação mais importante em sua função educativa e regeneradora: a *família*. É nela que todos aqueles ainda arraigados nas vidas passadas se reencontram para os ajustes e reajustes, tornando-se cada um o instrumento necessário ao aprimoramento do outro.

Frequentemente essa estrutura familiar não está preparada para assumir os compromissos de assistência de um para com o outro e de ambos para com os filhos. Seres imaturos espiritualmente acabam falhando quando são chamados ao trabalho no setor educativo. O que deveria ser uma escola bendita de exercício da lei do amor, transforma-se em “espinheiral magnético de vibrações contraditórias” provocado pelo ciúme, rebeldia, narcisismo e, muitas vezes, crueldade de todos os matizes.

a) atração sexual

Em todo o Universo, a força que une os elementos da matéria, sejam eles corpos orgânicos ou inorgânicos, é a mesma. A energia sexual é na essência o que constitui e sustenta todas as criaturas; por isso, é inerente à própria vida.

Inconsciente nos seres primitivos e em todas as criaturas que insistem em permanecer no nível dos brutos,

100 XAVIER, F. C. *Vida e Sexo*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 13ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ - pp. 10, 16, 76 e 104.

somente pela evolução poderão compreender que essa carga magnética envolve o impositivo do discernimento e da responsabilidade em seu uso. Qualquer abuso lhes acarretará prejuízos, se não estiver controlada por valores morais, seja na criação de novos corpos (constituição da família), seja na criação de obras científicas ou artísticas. Os artistas se corrompem pelo abuso da imaginação viciosa, trazendo, como consequência, reencarnação dolorosa com moléstias e mutilações que os impeçam de cair no mesmo erro.

De qualquer maneira, o uso irresponsável da energia criadora levará a reencarnações com moléstias inibidoras das funções genéticas como meio de contenção aos impulsos inferiores das paixões. André Luiz nos recorda que o mau uso da sexualidade, em se tratando do amor na Terra, desgasta pouco a pouco as células cerebrais do perispírito, levando o homem ao caminho rápido da imbecilidade.

b) Poligamia X Monogamia

O homem avança da poligamia para a monogamia, mas ainda carrega estímulos sexuais que reclamam educação e sublimação. Esse caminhar contínuo de reparação e reaprendizagem para a aquisição da necessária disciplina do mundo afetivo de cada um nos faz compreender a importância da reformulação do pensamento em torno do sexo, seja na transmissão de ensinamentos ou na prática dessa experiência evolucionista, com a sublimação de todo potencial energético que ela envolve.

Emmanuel nos dá, no prefácio do livro *Vida e Sexo*, as diretrizes desse processo, lembrando-nos que toda luta, para ser proveitosa, deve sempre recomeçar com a consciência dos compromissos assumidos e a persistência

na sua realização. Eis as diretrizes que nos propõe:

“Não proibição, mas educação.

Não abstinência imposta, mas emprego digno, com devido respeito aos outros e a si mesmo.

Não indisciplina, mas controle.

Não impulso livre, mas responsabilidade.”

c) *Divórcio*

- Sem justa causa - quando um dos parceiros rompe, sem justa causa, o equilíbrio emotivo que se estabelece entre os dois, através do circuito de forças, lesa o outro. Se o que foi prejudicado não tem esclarecimentos superiores que o defenda da agressão, o descontrole poderá levá-lo a atos que poderão beirar a criminalidade. Em casos assim, a justiça humana alcança apenas o contraventor social, mas a justiça Divina chega também ao contraventor da Lei do Amor.

- Com justa causa – muitas vezes, a escolha para a vida conjugal é feita pelo próprio Espírito. No sentido de poder, na Terra, ajustar débitos pretéritos com o outro, nem sempre encontra recursos para lutar contra a dilapidação moral ou física, ou ambas, a que é submetido. Quando atinge essa fronteira, o divórcio é necessário a fim de que medidas externas não lhe compliquem mais a jornada. “Não existem obrigações de cativo para ninguém nos fundamentos morais da Criação”.¹⁰⁴

Nos dois casos, Emmanuel nos alerta para o seguinte: em havendo filhos, que não haja renúncia ao dever de amparar essas criaturas: e que, o parceiro desprezado faça uma revisão criteriosa do próprio comportamento para verificar até que ponto terá provocado o rompimento – hoje somos vítimas; ontem, verdugos. E, em qualquer

resultado, que se chegue nessa revisão interior, perdoe incondicionalmente o ofensor.

O Mandamento Divino de nos amarmos uns aos outros estará certamente, um dia, impresso na consciência de cada ser.

Aborto

O aborto voluntário é crime perante as Leis Divinas caracterizando-se como fuga ao dever. Sua consequência mais imediata é a anulação de uma existência, tendo o Espírito que recomeçar o processo para seu retorno à vida corpórea.

Outra consequência é o processo reencarnatório de grandes sofrimentos para aqueles que o praticam, bem como desencarnes e permanências dolorosas na erraticidade; para aqueles que precisam permanecer na vida corpórea, surgimento de "moléstias de etiologias obscuras e de obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões".¹⁰⁴ Todavia, quando há risco de vida para a mãe, os Benfeitores Espirituais nos ensinam que é preferível salvar o ser que já está em tarefa, àquele que se prepara para a realização de uma.

Pais e Filhos

Refletindo sobre o item 9, do Cap. XIV, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: "A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos. Mas, a dos filhos para com os pais, apresenta caráter ainda mais odioso", o Orientador Amigo nos adverte que, se a relação dos pais para com os filhos tem caráter importante, na medida que cabe a eles, desde a tenra idade, cuidados especiais para seu desenvolvimento

integral, também os filhos devem aos pais particular atenção.

São consciências livres, ligando-se no mundo para o devido burilamento por resgates de débitos, reajustes e evolução, carregando cada um experiências pretéritas. Mas que os filhos não acusem os pais pelas dificuldades de suas existências, pois que "foram eles mesmos, os filhos, que na condição de Espíritos desencarnados, insistiram com os pais, através de afetuoso constrangimento ou grave processo obsessivo, para que os trouxessem ao corpo físico, instrumento do qual necessitavam para novas experiências redentoras".

Homossexualismo

O estudo do tema não encontra fundamentação psicológica nas especialidades de base materialista. *Sua compreensão só é possível à luz da reencarnação.*

O preconceito, tendo em vista a maioria heterossexual que constitui a sociedade, não vê a necessidade de atenção e respeito a essas criaturas, na mesma medida que necessitam os ditos "normais". Sinais morfológicos são indicativos, ainda na Terra, de masculinidade e feminilidade, esquecendo-se os homens que tal conceito não define a dignidade do ser humano, nem sua tarefa voltada para o bem ou não da coletividade.

Durante milênios, o Espírito passa por reencarnações, mudando a morfologia do seu corpo material, com vistas às necessidades experienciais, o que nos mostra que a bissexualidade, em maior ou menor grau, está presente em cada homem e em cada mulher sem que necessariamente haja uma absoluta caracterização psicológica. Assim, muitos traços dessas condições podem surgir quando o Espírito enverga um corpo diferente

daquele no qual ele esteve durante tantas encarnações enclausurado, muitas vezes, não apenas para cumprir as obrigações específicas de tarefas próprias ao corpo, mas também em tarefas regenerativas. Por exemplo, o homem que abusou do sexo arruinando a existência de outras pessoas, seja pela destruição de uniões construtivas, seja de lares diversos, renascerá em corpo feminino e psicologicamente oposto a esse corpo, em regime de prisão e para aprender a reajustar os próprios sentimentos. No caso da mulher que comete os mesmos enganos, a reencarnação será em corpo com morfologia masculina e psicologicamente contrária a ele. Esses corpos são verdadeiras armaduras contra arrastamentos que lhes dificultariam o alcance dos objetivos propostos.

Em relação ao sexo e ao amor, os erros e os acertos de qualquer um de nós serão analisados pela Justiça e Misericórdia Divinas. Um dia o ser humano aprenderá a compreender que todos estão presos, no que diz respeito à evolução nessa área, à sua própria consciência.

Abstinência e Celibato

No que diz respeito ao sexo, manifesta-se de duas formas:

a) *escolha voluntária* – para burilamento ou serviço com a finalidade de serem úteis à Humanidade, apesar de poderem ter uma comunhão afetiva. O sexo, nestes casos, torna-se sublimado e a energia sexual canalizada para outros objetivos. Essa obrigação de ordem espiritual que se impõem não significa indiferença ou anestesia de sentimentos. Temos como exemplos Jesus, Chico Xavier, Irmã Tereza de Calcutá e tantos outros.

b) *compulsória por inibições diversas* – do ponto de vista espiritual é egoísmo. Em relação à religião,

ordenações e providências de caráter externo não modificam o mundo íntimo de ninguém; e as realizações de fé só acontecem após muitas lutas interiores.

Pergunta-se: Como exigir a extinção dos estímulos genésicos de alguém por que se consagrou ao Serviço Divino da Fé, quando esses mesmos estímulos são ingredientes da vida e da evolução, criados pela Providência Divina para sustentação e elevação de todos os seres? A resposta só surge quando voltamos nossos olhos e mentes para as escolhas que cada ser faz, como provas, quando do seu ingresso em nova experiência terrena.

Carga Erótica

O instinto sexual nasce com a vida e orienta o processo evolutivo do homem. De existência em existência, o ser humano avança, educando e reajustando seus impulsos genésicos, segundo as leis superiores que regem a vida. Essa energia, longe de destruí-lo, lhe serve de elemento transformador e de elevação, rumo à perfeição.

Todos participam do amor. De irmãos presos nas celas da idiotia, por força de tarefas expiatórias abraçadas ou requisitadas por eles mesmos, à grande maioria de Espíritos encarnados e desencarnados, que na escala evolutiva compartilham das mesmas dificuldades e provas desse gênero; ou ainda, de Espíritos sublimados que se atraem uns aos outros, por laços de amor considerado divino.

Em conclusão: No corpo humano, o sexo adquire importância tão grande que as crueldades mentais que viermos a praticar, relegando-o a baixos níveis de conduta, nos acompanharão com seus efeitos, além do túmulo, e não teremos repouso algum até que houvermos terminado o serviço de reajuste.

À vista dos erros que cometemos e que certamente ainda cometeremos, melhor nos abstermos de julgar, censurando e condenando quem quer que seja. Coloquemo-nos no lugar do companheiro falido e, analisando nossos próprios sentimentos, procuremos verificar se estamos em condição de censurá-lo.

Emmanuel nos lembra que “diante do sexo, não nos achamos, de nenhum modo à frente de um despenhadeiro para as trevas, mas perante a fonte viva das energias em que a Sabedoria do Universo situou o laboratório das forças físicas e a usina dos estímulos espirituais mais intensos para a execução das tarefas que esposamos, em regime de colaboração mútua, visando ao rendimento do progresso e do aperfeiçoamento entre os homens”.

Cada um de nós traz consigo, quando não angelizado ou bloqueado por inibições criativas, anseios sexuais que somente “nas lavras da experiência, errando e acertando e tornando errar para acertar com mais segurança, que cada um de nós – os filhos de Deus em evolução na Terra – conseguirá sublimar os sentimentos que nos são próprios, de modo a erguer-nos em definitivo para a conquista da felicidade celeste e do Amor Universal”.¹⁰⁴

Viver no Mundo

A Ciência nos ensina que o homem é um ser gregário, e isto significa que ele não pode viver isoladamente. Sabemos todos – ou pelo menos a grande maioria – que somente quando nos colocamos em contato com os outros é que temos a oportunidade de evoluir em todos os aspectos da existência, porque podemos aprender se realmente desejarmos; ensinar, porque sempre temos algo a transmitir – pequeninas coisas que representam, às vezes, ajuda extraordinária no roteiro do crescimento humano; ajudar a quem quer que seja e da maneira que for possível, dentro das nossas limitações – só não vale deixar de fazer algo, porque imaginamos que ainda não estamos prontos para isso; e sermos ajudados em nossas necessidades, procurando abandonar de vez a ideia de que não precisamos de ninguém para o que quer que seja.

Somos todos sempre solidários uns com os outros, embora isso nos passe despercebido na maioria das vezes. E se assim não fosse, por que haveria Deus de nos colocar em sociedade para progredir? Sinal indiscutível de que só assim podemos evoluir, transformar o meio em que estamos inseridos.

Muitos de nós têm a ideia de que o homem dedicado à prática das virtudes deve isolar-se, para que as necessidades do mundo não o desviem desse caminho. Ledo engano! O homem que não vive essas necessidades, que não as experimenta, que não sofre, que não cai para em seguida levantar-se prosseguindo na luta muito mais fortalecido para a conquista da própria felicidade, não tem

qualquer condição de dizer que progrediu espiritualmente. Afastou-se de todas as oportunidades, isolou-se e, pensando somente em si, leva uma vida egoísta. Outros, ainda, cultivam a ideia de que pessoas virtuosas ou que praticam as virtudes morais que nos são ensinadas devam ter aparência severa ou, ainda, repelir os prazeres que o mundo oferece. E, mais uma vez, o engano se faz presente.

Não existe, no nosso entendimento, maior prazer do que poder ser útil ao próximo, não importa a quem seja ele, nem se a ajuda se restringe a coisas ínfimas. Não existe maior alegria que acordar pela manhã e saber que teremos mais um dia na busca de sermos melhores do que no dia anterior. Impossível imaginar maior satisfação que receber o calor do Sol, que é o mesmo para todos, e perceber que nosso coração continua batendo, movimentando o sangue que nos dá energia e nos sustenta como uma bomba incansável a nos dizer que estamos vivos!

Que ternura podemos sentir ao nos darmos conta de que temos tempo, ainda hoje, e mais uma vez, para pedir perdão a quem tenhamos ofendido, e de perdoar a quem, mergulhado ainda em tantas imperfeições – como nós próprios ainda estamos – em algum momento nos ofendeu; de aceitar o outro como ele é, permitindo também que este nos aceite como realmente somos, libertando-nos de máscaras sociais que nos sufocam e nos fazem sofrer; de aprender a amar sem querer possuir o objeto do nosso amor, como se fosse propriedade nossa, sem se sentir culpado por isso. Entretanto, o maior prazer é a imensa alegria que sentimos de poder agradecer a Deus pela Vida e pela oportunidade de vivê-la em toda a sua plenitude.

Este é o homem do mundo. Que vive como os outros e com os outros, sejam eles bons ou maus, solidários ou indiferentes à sua presença. É este homem que Deus criou para ajudá-Lo na transformação desse mesmo mundo, a partir da sua própria renovação. Não falamos aqui daquela renovação de quem fica eternamente com os olhos voltados para o Alto, mãos postas e paradas, sem nenhuma obra a realizar.

Deus precisa do nosso trabalho na melhoria deste planeta, onde fomos colocados a viver e a crescer em direção a Ele. E nós precisamos desse Pai amoroso a nos abençoar o início de nossa tarefa e o fim de cada uma delas. Tarefas realizadas com o suor e o cansaço dos nossos corpos, com a alegria dos nossos corações, mas sobretudo com o nosso agradecimento pelas oportunidades de trabalho que se nos apresentam todos os dias. Convites ao Bem e ao cumprimento do dever moral. Dever esse que nossa consciência sustenta e estimula e que nos permite ter a coragem para lutar contra os obstáculos ao nosso progresso, sentimento tão difícil de ser cumprido, porque antagônico com todas as seduções e interesses pessoais, mas que, quando fielmente observado, transmite à nossa alma o vigor necessário para que prossigamos, malgrado as dificuldades encontradas.

Tudo que nos envolve foi colocado à nossa disposição para que possamos usufruir em benefício próprio e em benefício do próximo, nesta contínua marcha evolutiva. Vai caber a cada um de nós estabelecer o que usar, o quanto usar e como usar cada um desses bens. Com o conhecimento evangélico que já possuímos, mesmo que seja mínimo, e com nossa consciência a nos orientar o caminho, fica mais fácil viver.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – em agosto de 2008.

PARTE TERCEIRA

Não sei quando conheci Jesus e Ele tocou-me.

Isso não é importante.

O importante foi a descoberta de que sou verdadeira e incondicionalmente amada por Ele.

A cada um o seu cuidado

"Levanta-te direto sobre teus pés." - Paulo (Atos, 14:10)

No livro *Caminho, Verdade e Vida*, lição 79, Emmanuel, estimado benfeitor espiritual, através da bendita psicografia de Francisco Cândido Xavier, inicia o texto, dizendo: "De modo geral, quando encarnados no mundo físico, apenas enxergamos os aleijados do corpo, os que perderam o equilíbrio corporal, os que se arrastam penosamente no solo, suportando escabrosos defeitos... Não possuímos suficiente visão para identificar os doentes do espírito, os coxos do pensamento, os aniquilados de coração".¹⁰¹

A esmagadora maioria de pessoas constitui-se de almas doentes que desconhecem a necessidade da saúde espiritual para, junto com a saúde do corpo, harmonizar-se com tudo que as cerca. Isso se chama, segundo alguns instrutores espirituais, saúde integral.

Não há ainda, para o homem comum, a consciência de que tanto o corpo quanto o espírito têm necessidades indiscutíveis. Enquanto a criatura permanece no corpo material, é natural que se preocupe com o problema da própria manutenção.

Na questão 718, de *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta aos Espíritos superiores: "A Lei de Conservação obriga a prover as necessidades do corpo?" E os

101 XAVIER, F. C. e Waldo VIEIRA. *O Espírito da Verdade* (Espíritos diversos). 10ª edição. Rio de Janeiro/RJ, lição 32, 1997.

benfeitores espirituais respondem que sim, porque sem a força e a saúde o trabalho seria impossível. Vivendo, pois, uma vida material, é necessário cuidar dela, seja no âmbito do próprio corpo, seja na vida de relação que estabelece com os demais seres.

O problema não está nessa necessidade natural, mas na maneira como entendemos isso, entendimento esse que nos coloca sob a força das leis divinas, que tudo harmonizam no Universo. Nisso reside, então, o conceito de que cada escolha que fazemos está sujeita às consequências que a preside, isto vale, também, para as questões do Espírito que necessita de manutenção e cuidados.

Do ponto de vista do Espírito, o corpo é uma prisão da qual ele necessita para viver experiências planetárias, em cumprimento evolutivo que lhe norteia a existência. Em última análise, esse corpo é sua casa.

Não sem razão, André Luiz, amoroso benfeitor espiritual, lembra: “cada dia é novo ensejo para adquirirmos enfermidades ou curar nossos males. O melhor remédio, antes de qualquer outro, é a vontade sadia, porque a vontade débil enfraquece a imaginação e a imaginação doentia debilita o corpo. Doença do corpo pode criar doença da alma, e doença da alma pode acarretar doença do corpo¹. Portanto, nossa obrigação é cuidar dele com respeito, o que vale dizer que todo aquele que acreditar que, maltratando o corpo, purifica a alma, comete ação contra o patrimônio divino”.¹⁰²

Por que o corpo é patrimônio divino? Muitos dizem: “*esse corpo é meu e faço o que quiser com ele*”. Será que

102 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 86ª edição – Instituto de Difusão Espírita – Araras/SP – 1994 - questões 718 a 727.

ele pertence verdadeiramente a nós? Somos Espíritos criados imortais, usando um corpo como instrumento para experiências evolutivas. Então, quem diz que o corpo é seu, pressupõe que ele pertença ao Espírito. Se assim é, por que esse aparelho físico não o acompanha quando se liberta e vai para o plano espiritual?

Sabemos que isso não acontece, temos consciência de que a matéria fica e o Espírito segue sozinho. Então, reafirmamos a questão: a quem pertence o corpo? Podemos responder, sem medo de errar, que ele é patrimônio divino, emprestado ao Espírito para que, através dele, possa se manifestar no mundo ao qual foi chamado a viver. E por ser emprestado é que precisamos zelar por ele.

O que significa, diante dessa afirmação, cuidar do corpo? Recorramos a Kardec. Em *O Livro dos Espíritos*, questão 719, o Codificador pergunta aos Espíritos superiores: "É repreensível ao homem procurar o bem-estar?" A resposta é clara: "O bem-estar é um desejo natural. Deus não proíbe senão o abuso, porque o abuso é contrário à conservação. Ele não incrimina a procura do bem-estar, se esse bem-estar não é adquirido às custas de ninguém e se não deve enfraquecer, nem as vossas forças morais, nem vossas forças físicas.

Podemos pensar, então, que cuidar do corpo significa nutri-lo, proporcionando-lhe bem-estar através da higiene, exercícios físicos e alimentação adequada – tudo isso sem exageros –, evitando os vícios – não importa quais sejam eles – que, lentamente, vão destruindo o que está sob nossa responsabilidade. Nosso corpo físico é um conjunto de órgãos vivos com necessidades peculiares, e ignorar essas necessidades é ignorar as leis da Natureza.

Ideias errôneas, que ainda hoje permeiam nossa existência – muitos povos as cultuam –, são levadas a extremos, constituindo-se em obstáculos ao caminhar evolutivo. De um lado, temos os que acreditam que maltratando o corpo purifica-se o Espírito; de outro, os que não acreditando que exista o Espírito, ou mesmo aceitando a ideia de sua existência, não o valorizam, cuidando apenas de cultuar o corpo. Extremos que se chocam e que acabam praticando violências recíprocas. Entre esses dois extremos, há uma multidão de criaturas preguiçosas e indolentes em relação ao corpo. Encontramos também aqueles que não se interessam em fortificar o Espírito com valores morais. É necessário compreender que ambos estão ligados entre si e que os excessos de um trazem consequências para o outro.¹⁰³

Dessa forma, quando nossa atenção está voltada para o fortalecimento dos músculos, esquecemo-nos de dar força ao Espírito, preparando-o para enfrentar os problemas do dia a dia. Se, de um lado, nossa atenção se concentra somente nas coisas do Espírito, não nos damos conta de que precisamos viver as coisas do mundo. Caso contrário, não progrediremos e não faremos progredir o que está ao nosso redor. É tolice ignorar que assim evitaremos as tentações, pois é na luta contra elas que nos tornamos mais fortes. A verdade é que, em ambas as situações, deixamos de cumprir as Leis do Trabalho e do Progresso, dadas a nós, por Deus, para nossa evolução.

O que fazer, então? O equilíbrio é sempre o melhor caminho! Tanto o corpo físico quanto o Espírito possuem necessidades particulares, que precisam e devem ser atendidas, pois elas se complementam. Buscar esse

103 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – LAKE Editora – São Paulo/SP - capítulo V, item 26 e capítulo 17, item 11.

equilíbrio com calma, respeito e dignidade, é nossa tarefa planetária, objetivando crescimento e evolução em todos os setores da vida; é sem dúvida alguma uma tarefa individual, porque cada um de nós será responsável pelas escolhas que quiser. É interessante destacar que nada fazer é, também, uma escolha, e arcaremos com as consequências advindas dela.

É bom não esquecer, também, que vigilância espiritual não exclui previdência material e vice-versa. É necessário ter prudência no que armazenamos na matéria ou no campo do Espírito – sentimentos menos edificantes são grandes entraves ao nosso progresso –, porque ainda não conseguimos viver plenamente os ensinamentos de Jesus. Torna-se fácil compreender, sob esse foco, o porquê do alerta evangélico do “vigiai para não cairdes em tentação”.

De tudo o que foi dito conclui-se, portanto, que a missão do Evangelho no mundo é muito maior e mais bela do que aquela que possamos imaginar. Jesus, médico das almas, ainda permanece derramando sobre todos nós as bênçãos do Seu amor. A cura do nosso Espírito doente é mais importante que a cura do corpo, pois é perene... Viajaremos no tempo com outros corpos físicos saudáveis ou não, mas o Espírito será o mesmo. Se ele estiver saudável, a viagem será amena e feliz. Para isso, faz-se necessário aguçarmos os ouvidos guardando as palavras do Mestre, através dos ensinamentos que Seus apóstolos deixaram para todas as gerações.

É imprescindível nos erguermos sobre nossos pés, individualmente, sem a ilusão de já termos asas de anjos que ainda não merecemos. Ergamo-nos do chão frio da inércia para o calor do movimento construtivo, elevando-nos do vale da indecisão para a montanha do serviço edificante. Só assim conseguiremos fugir à treva,

penetrando na luz. Só assim conquistaremos a reconstrução dos próprios ideais.

Se é verdade que estamos empenhados em nossos soerguimentos, como tantas vezes afirmamos, coloquemo-nos de pé, afastando-nos de vez de situações que dizemos querer abandonar. Aperfeiçoamento pede esforço, pois ninguém progride sem renovar-se. Desejamos um novo horizonte em nossas vidas? Isso é justo. Mas, para consegui-lo, precisamos nos elevar. Se aspiramos a uma vida superior é preciso caminhar para a frente, balizados pelos ensinamentos de Jesus.

Emmanuel deixa claro para todos nós, pela bendita mediunidade de Francisco Cândido Xavier, no livro *Fonte Viva*, lição 141, palavras de otimismo que nos convidam: "sê otimista e diligente no bem, entre a confiança e a alegria, porque enquanto o envoltório de carne se corrompe pouco a pouco, a alma imperecível se renova de momento a momento, para a vida imortal".

Nosso tempo é agora, e hoje é o dia em que nos compete fazer o que deve ser feito em nosso benefício. O amanhã? Bem... Esse é desígnio divino.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), fevereiro de 2015.

A constante presença de Jesus em nós

"Se vós estiverdes em mim e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito." – Jesus (João, 15:7.)

Hoje, e provavelmente ainda iludidos, supomos servir às autoridades terrenas; todavia, chegará o dia em que, conscientes, reconheceremos que sempre estivemos atendendo a Jesus.

O que isso significa? Significa que quando estivermos unidos a Ele, em verdade e espírito, através do cumprimento das Leis Divinas, teremos encontrado a paz que representa o problema fundamental, de busca interminável, na nossa existência. É a concretização da instalação do Reino de Deus em nós, ou seja, a conquista definitiva da felicidade plena. A descoberta de que podemos viver Nele e com Ele em nós, dá-nos a exata proporção do quanto ainda temos que caminhar, para nos livrarmos das amarras que nos prendem à vida material.

Evidentemente, que ao falarmos em desligamento da vida material, não nos referimos a uma vivência absolutamente voltada para as coisas do Espírito, mas, sim, de uma vida que dá justo valor aos dois aspectos que compõem a existência planetária. Sabemos que o homem não é só matéria ou só Espírito – ainda que ele seja, fundamentalmente, o segundo. Temos uma vida de relação que nos permite, através de trocas, aprender, ensinar e trabalhar para ajudarmos os que necessitam, assim como nós, também necessitamos ser ajudados, tantas vezes. Trocas importantes para a evolução à qual estamos

destinados, pois que na solidão, no isolamento físico, ninguém cresce.

Acreditamos, quase sempre, que o Mestre só está ao lado daqueles companheiros que se ligam à religião, não importando muito em quais setores atuem, sejam aqueles que ensinam a Revelação Divina ou que, através da palavra nas tribunas, transmitem consolo ou reconforto. O fato é que nos esquecemos de perceber à presença do Mestre em todas as manifestações do trabalho humano.

Lembra Emmanuel que o Divino Amigo¹⁰⁴ *“acompanha os que administram os bens do mundo e os que obedecem às ordenações do caminho, concorrendo na edificação do futuro melhor, nas organizações materiais e espirituais. Permanece ao lado dos que revolvem o chão do planeta, cooperando na estruturação da Terra Aperfeiçoada, como inspira os missionários da inteligência na evolução dos direitos humano”*.

Afligimo-nos, tantas vezes, sobre a destinação do mundo, com o aquecimento global, o desmatamento, a exploração insustentável dos recursos do planeta – esquecendo de que a Eterna Sabedoria conhece o que deve ocorrer à vida planetária –, sem nos darmos conta de que agora é o nosso tempo, o dia em que nos compete fazer o que deve ser feito.

Todos nós, indistintamente de classe ou posição social, de cargos ou poderes temporários, somos chamados a realizar a tarefa que nos compete nos círculos de serviços para o progresso da Humanidade. Por essa razão, é tão importante realizarmos, da melhor maneira possível, dentro das nossas limitações, a obra parcial

104 XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel, 31ª ed., FEB Editora – Rio de Janeiro/ RJ – lição 146.

confiada às nossas mãos, visto que, a parte maior, Deus a realiza.

O evangelista João deixa claro as palavras de Jesus de que somente estando Nele, e Ele em nós, conseguiremos realizar tudo o que almejamos. Isto significa o fato de termos deveres que se fazem essenciais, com os quais nos comprometemos, ou seja, criaturas que nos pedem apoio, o lar que deve ser sustentado com obrigações assumidas, enfim, causas nobres que precisamos atender...

E por qual razão o Mestre nos dá esse alerta? Porque muitas vezes nos dizemos cristãos, afirmando admirá-Lo e crer Nele. Ao dizermos isso, estamos subentendendo que também nós realizamos o que Ele nos pede para fazer. E, na verdade, não é isso o que acontece. Por esse motivo sua advertência e convite fazem todo sentido, nos dias que se seguem.

Com muita propriedade Emmanuel diz que, de repente, vemos nossa jornada comprometida com a presença da morte, quando menos contávamos com essa visita... Estamos sempre esperando ganhar para fazer, enquanto que nosso problema é, na verdade, o de fazer para ganhar.

E o benfeitor Emmanuel continua alertando¹⁰⁵ que *“a colheita não precede a sementeira, tanto quanto o teto não se antepõe à base”*. Lembra com lucidez que qualquer elemento, por mais desprezível que possa parecer, produz algo. E oferece alguns exemplos bastante sugestivos. Diz que as pedras produzem aspereza e, espinho, lacerações; que a lama produz sujidade e, o martelo, golpes.

105 _____ *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel, 20ª ed., CEU - Uberaba/ MG, lição 64.

É fácil para nós, a partir desses exemplos, saber que se produzimos para o bem, esses elementos em nossas mãos podem tornar-se instrumentos valiosos de progresso. Assim, as pedras ajudam na construção de estradas, hospitais, escolas e sabe-se lá o quanto mais. Do ponto de vista técnico, os espinhos (elemento cortante) podem ajudar nas cirurgias, salvando vidas, levando auxílio para as dores físicas. A lama, por sua vez, quando devidamente tratada, é rico adubo para as sementeiras. E, mesmo o martelo, quando devidamente controlado, torna-se valioso recurso para muitas tarefas.

Estabelecendo uma preciosa comparação, o mesmo acontece com nosso mundo íntimo: cada um de nós produzirá sempre de acordo com os agentes que nos inspiram.

Voltemos a Emmanuel. Destaca o orientador amigo o seguinte¹⁰⁶: para que possamos entender a ideia de que *“tudo que é alguma coisa produz algo”*, lembra que mesmo *“os seres mais lastimáveis, ainda que não queiram, estão sempre produzindo”*. Até mesmo o delinquente acaba produzindo o desequilíbrio; o preguiçoso, a miséria e, o pessimista, o desânimo.

Diante dessa grave afirmação, é imprescindível estarmos atentos às nossas atitudes, sejam elas expressas em pensamento, atos ou palavras. Não importa onde estejamos, estaremos sempre produzindo de acordo com as influências que nos agradam, e atuando, mecanicamente, sobre todos aqueles que se afeiçoam à nossa forma de agir.

Produzimos sempre e isso é inevitável, e certamente colheremos o resultado desse plantio. Por essa razão, o

106 _____ lição 103.

Evangelho nos recorda a necessidade de permanecermos com Jesus para que Ele permaneça em nós. Ele é a videira, o tronco, a árvore da vida. Nós, as varas, os galhos dessa árvore. Fora do tronco, os galhos secam e morrem, pois sem a essência da grandeza do Cristo, todas as obras humanas estariam destinadas a perecer. E vemos isso acontecer todos os dias diante dos nossos olhos: fortunas que se transferem de mãos, projetos que apresentavam todas as condições de sucesso falirem, e tantos outros exemplos, que podemos observar nas nossas próprias experiências.

Somos varas verdes da árvore gloriosa, e quando traímos nossos deveres para com as leis divinas, afastamo-nos da seiva bendita e rolamos no chão dos desenganos. E, somente através dos sofrimentos redentores, poderemos ser tomados novamente pelo Mestre, por conta da Sua misericórdia, para a nossa renovação.

Na condição de encarnados e desencarnados, ainda estamos caminhando para Jesus a fim de um dia experimentarmos essa união gloriosa. Mas, até lá, faz-se necessário que trabalhemos e vigiemos nossos sentimentos para que possamos, ao menos, compreender o que Deus deseja de nós.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), em novembro de 2010.

A cura verdadeira

"E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: é chegado a vós o reino de Deus." – Jesus. (Lucas, 10:9.)

Muito se fala das curas aos enfermos que Jesus realizou, e são inúmeras as passagens nas quais tais fatos são relatados. Todavia, é importante entendermos que não podemos dizer que estamos curados desta ou daquela doença – e que por isso temos saúde –, quando estamos apenas nos referindo ao corpo físico. Por esta razão, o tema que nos propomos tratar é o da cura legítima, e não apenas o da ausência de doenças. Estamos falando de saúde integral que significa condição de bem-estar.

No Evangelho de Lucas, capítulo 18, versículo 41, existe uma das mais belas figuras dos ensinamentos evangélicos: o cego de Jericó. Narra o apóstolo que o "infeliz andava pelo caminho mendigando, e, sentindo a presença do Mestre, põe-se a gritar, implorando misericórdia. Irritavam-se os populares em face dos insistentes pedidos. Tentam impedi-lo, recomendando-lhe calar as solicitações. Contudo, Jesus ouve-lhe a súplica e, aproximando-se dele, interroga-o com amor: *"Que queres que te faça?"*, diz o Mestre. E diante de tão grande liberdade, disse apenas: *"Senhor, quero ver"*.¹⁰⁷

O tema leva-nos a refletir sobre esse propósito do honesto e humilde cego, porque este deveria ser, também, o nosso propósito diante das circunstâncias da vida. Somos, muitas vezes, o cego de Jericó a esmolar a Jesus a

107 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 37ª edição – Editora Lake – São Paulo/SP - 1989 - cap. V, itens 18 e 19.

misericórdia pelo nosso sofrimento. E somos atendidos. Todavia, lembra Emmanuel, de forma bastante oportuna, que quando surge a oportunidade do nosso encontro com Cristo, além de sentirmos que o mundo se volta contra nós, colocamo-nos com indiferença diante do chamamento à tarefa renovadora. E esse posicionamento que temos diante da resposta divina está ligada à forma insensata com que pedimos ajuda.

A passagem evangélica nos lembra, de maneira amorosa, que não é necessário pedirmos muito, mas apenas ver, com compreensão, a exata importância de cada momento do nosso processo evolutivo. Observar com amor e justiça todas as coisas, pessoas e situações a fim de podermos sair desse labirinto que construímos ao nosso redor, e que nos impede de chegar ao seu fim. Por essa razão, é preciso traduzir a palavra saúde em harmonia, equilíbrio e bem-estar do corpo e da alma. Em uma palavra: cura.

E as "doenças" persistem porque não sabemos receber o que pedimos. Senão, vejamos: a vida nos chama ao trabalho de renovação e somos abençoados com a luz do conhecimento. O que fazemos? Permanecemos indecisos, sem coragem de caminhar para a realização da tarefa que nos elevaria. Somos conduzidos ao trabalho de ajuda ao próximo, para fortalecer nossos objetivos de crescimento, mas, por aguardarmos gratidão ou reconhecimento pelos nossos atos, afastamo-nos do serviço, quando isso não acontece. Companheiros difíceis são colocados a conviver conosco, seja no lar ou no trabalho, como atendimento de Jesus às nossas rogativas, e, no entanto, nos afligimos, revoltamo-nos, abandonando a luta redentora, afastando-nos deles.

A inércia diante dessas respostas aparece porque

esperamos, muitas vezes, a resposta materializada de Jesus. Esperamos o dinheiro, a evidência social sem trabalho ou merecimento e, quase sempre, exigimos d'Ele a transformação das circunstâncias que nos trazem aflições, e às quais estamos sujeitos no caminho evolutivo.

Em todas as curas que o Mestre realizou, uma constante pode ser observada, seja no cego de Jericó ou na mão ressequida do paralítico, que se fez sã: é a de não lhes ter dado nada material, mas, sim, de lhes devolver os instrumentos para o trabalho de crescimento, na conquista de realizações pessoais.

As lições do Excelso Amigo são para todos, em todos os tempos e em qualquer lugar, não importa quais sejam os templos de oração aos quais estejamos ligados. Não basta, somente, estender a mão a Jesus, rogando curas, sejam físicas ou do Espírito. É imprescindível aprendermos a receber Suas bênçãos. Não basta, tão somente, o interesse pela recomposição do veículo carnal, porque, acima de tudo, necessitamos da cura do Espírito.

O Evangelho alerta-nos para que entendamos o valor da saúde. A moléstia do corpo é sempre difícil de ser compreendida e muito menos de ser aceita, pois ainda sequer conseguimos entender por que o trabalho no bem nos traz equilíbrio orgânico! Quem de nós já percebe a lição oculta de Deus na moléstia que nos assalta? Certamente, nenhum de nós. Todavia, ela ali está, e quando pedimos para que nossas forças sejam restauradas, esperamos, sempre, não precisar fazer qualquer esforço para que isso se concretize.

O problema nessa atitude imatura prende-se ao fato de desejarmos ser curados para continuar a cometer atos desequilibrantes, que nos levariam a quedas maiores. E

como não conseguimos a cura desejada, segundo nossa vontade e caprichos, dizemos que Deus nos abandonou, e a fé que já não era firme, se acaba. Infelizmente, existem doentes que lastimam a retenção no leito e choram aflitos, não porque desejam reformular seus conceitos de vida, voltando-se para princípios mais nobres, mas, sim, porque se sentem impossibilitados de continuarem na prática dos seus desregramentos.

Todo enfermo deseja curar-se, e isso é justo. Mas é importante que ele conheça, também, o valor de todos os recursos colocados à sua disposição, para que sua experiência terrena seja coroada de benesses, benesses essas conquistadas em árdua luta contra a adversidade.

O Evangelho explica a todos nós que muitas das nossas doenças têm origem nas aflições que acumulamos e no nosso comportamento desregrado, seja ele qual for. Assim, se analisarmos nossos pensamentos e nossa conduta, vamos nos deparar com alimentações abusivas, consumo de álcool, fumo, abusos sexuais, pensamentos negativos, sentimentos inferiores como os de mágoa, ressentimentos, inveja, raiva, ciúme, medo e tantos outros que se refletem em nosso corpo físico, às vezes imediatamente, sob forma de enfermidades, que os médicos não conseguem diagnosticar.

Não importa que sejamos nós o doente ou outra pessoa: a cura só pode ser conquistada pela renovação mental, ainda que estejamos sob cuidados de médico da matéria. Quantos doentes se recusam a tomar o remédio receitado, ou a seguir as recomendações médicas, para uma recuperação mais rápida, preferindo continuar com seus queixumes, e assim sentirem-se vítimas infelizes e, às vezes, até abandonados. Estão doentes e desejam continuar assim, a menos que não precisem realizar

qualquer esforço para sua cura.

Jesus, O Médico divino, receitava a vigilância, a oração, o perdão e a prática da caridade como profilaxias. Recomendava, constantemente: "*Buscai e achareis*", deixando clara a necessidade do nosso movimento em direção à cura, a fim de nos fazer credores dos benefícios recebidos. Ao curar, explicava: "*a tua fé te salvou*", "*teus pecados te são perdoados*", "*vai e não peques mais*". Em momento algum Ele nos eximiu da responsabilidade sobre nossas doenças e sobre nossa cura.

Por isso, torna-se tão importante aprender a orar, sabendo agradecer, a pedir e a receber... Há imensa necessidade de modificarmos nosso interior pela transformação dos nossos sentimentos. Necessário se faz que busquemos o conhecimento e o amparo do Evangelho Redentor, mas, sobretudo, que aprendamos a praticar a caridade. Os Amigos Espirituais estão sempre nos assistindo em nossas reais necessidades, seja através da ciência médica, seja através da assistência espiritual que buscamos nas casas de oração. O amparo de Deus ao homem faz-se através do próprio homem; mas, sem que queiramos nos curar, ninguém poderá nos ajudar.

Emmanuel recorda que é sempre útil curar os enfermos, quando haja permissão de ordem superior para isso. Todavia, diz ele, em face de semelhante concessão do Altíssimo, é razoável que o interessado reconsidere as questões que lhe dizem respeito, compreendendo que um novo dia chegou para a sua redenção. Aceitá-lo, ou não, será escolha de cada um de nós.

Estamos hoje encontrando ou reencontrando a palavra do Cristo que perdemos em algum momento na nossa caminhada redentora. Já não é mais possível adiar o

trabalho de renovação das nossas predisposições íntimas. E por isso mesmo, sentimos o peso da nossa responsabilidade, dando-nos conta do tempo que permanecemos cegos, surdos e paralíticos ao chamamento à transformação. Estamos todos cansados de carregar o fardo das aflições e o peso da indecisão. Talvez este seja o momento mais decisivo da nossa vida. Jesus nos amparará nas decisões mais acertadas e nos intuirá a retomar o caminho do bem, caso insistamos em nossos desvios da rota, porque somente, na vivência do Evangelho encontraremos a cura para todos os nossos males.

O "*Vá e não peques mais*" é certamente a chave para que isso ocorra.

Pub. - Revista Internacional de Espiritismo (Matão, em junho de 2011).

A propósito da busca do bem em nós

Uma característica de Jesus era a exaltação das qualidades das pessoas, incentivando-as a buscar o reino interior: *"Vós sois o sal da terra"...*; *"Vós sois a luz do mundo"...*; *"Resplandeça a vossa luz diante dos homens"...*; *"Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus"...*

Jesus ensinava a redenção e o amor. Conquistava a todos com sua personalidade radiante. Ele cativava, atraía. Despertava cada um para a realidade espiritual que existe em cada ser, pela condição divina de filhos de Deus que todos temos. Destacava as qualidades superiores e estimulava para a ação no bem e para a vivência em nível superior. Por essa razão, fez o convite para sermos perfeitos, como Deus o é. Mas é importante lembrarmos que essa perfeição é relativa e representa a soma de virtudes como:

- *A tolerância para com todos*, mas principalmente para com aqueles que convivem conosco;

- *A indulgência* que é a aceitação do outro como ele é, sem querer mudá-lo;

- *O devotamento*, que se traduz na ajuda ao próximo, mesmo com sacrifícios pessoais;

- E tantas outras virtudes que nos levam a pensar primeiro no outro e depois em nós.

Tudo isso representa a essência da perfeição. Como ainda não conseguimos entender o significado moral dos Seus ensinamentos, Jesus nos propôs um modelo que nos

permite essa compreensão: apresentou o Pai como síntese absoluta da perfeição, inalcançável para nós, porque o Espírito jamais poderá igualar-se ao seu Criador. Essa busca sugere, portanto, a transformação moral que é possível de ser conquistada, apesar das nossas atuais imperfeições. Vamos pensar um pouco sobre isso:

1 – O homem é um ser criado para viver em sociedade, porque somente no contato com o outro é que ele tem a oportunidade de evoluir. Nessa troca, podemos aprender, ensinar, ajudar e sermos ajudados. O próprio Jesus mostra essa verdade quando pediu a Deus que ajudasse Seus discípulos, após a sua partida, sem, contudo, afastá-los do mundo. E que de outra forma poderiam levar os conhecimentos que o Mestre trazia se não fosse em contato com as pessoas? Mesmo pessoas virtuosas necessitam viver com os outros e como os outros, não importando se são bons ou maus, amigos ou inimigos. É importante sabermos que Deus nos criou para ajudá-Lo na transformação deste mundo, a partir da nossa própria transformação íntima, com trabalho e alegria pelas oportunidades que nos são oferecidas todos os dias.

2 – Então, se precisamos dos outros para evoluir, o *amor ao próximo* é um dos caminhos para essa realização. O que podemos entender por amar ao próximo? Companheirismo, solidariedade no sofrimento e na alegria, amizade nas situações embaraçosas, capacidade de perdoar, produzindo uma vinculação afetiva capaz de suportar os atritos e os conflitos de cada qual. Esse é um *amor diferente* daquele que oferecemos aos desafetos. E o que podemos oferecer a eles? O bem em troca do mal; a oração para que encontrem a mesma paz que buscamos; não nos alegrarmos com seus fracassos; enfim, ajudá-los mesmo que não saibam. E isso é bom? É, pois estamos

sendo tolerantes e tendo compaixão por aqueles que não nos querem bem e que ainda não compreendemos.

3 – Mesmo já tendo aprendido esses ensinamentos, precisamos agora colocá-los em prática: por exemplo, transmitindo, pelas nossas atitudes, aos que nos cercam, a grandeza dos ensinamentos de Jesus, porque nos transformamos nos novos semeadores das suas palavras.

E como fazer isso? Em primeiro lugar, acreditando na capacidade que cada um de nós tem de se modificar, e com isso modificando o que estiver ao seu redor; depois, não desistindo de ensinar, através do exemplo, a quem ainda não consegue aprender, levando esperança, fé e amor, mesmo que seja a corações envoltos em sentimentos infelizes. Talvez as palavras não os toquem, mas os exemplos, sim. É importante lembrarmos que em qualquer tempo e em qualquer lugar, onde existir um coração aflito e uma mente em desalinho, as lições do Mestre Jesus ali estarão como o pão que mata a fome, como a água que alivia a sede, como o remédio que cura todos os males do Espírito, nas palavras de Emmanuel.

4 – Outro ponto sobre o qual podemos refletir diz respeito às oportunidades de trabalho de que dispomos no presente, levando em conta as que perdemos no passado, para não cair nos mesmos enganos. Mas, antes de mergulharmos na aceitação das novas tarefas, seria bom examinarmos, com cuidado, se já compreendemos os nossos próprios deveres, ou seja, deveres morais para conosco, para com os que estão ao nosso redor e para com o meio no qual estamos vivendo e progredindo. Temos uma conta corrente com as Leis Divinas e é certo que não nos convém ficar em débito com ela. Precisamos estar atentos às dificuldades que temos na execução desses deveres, porque eles se acham em antagonismo com os

nossos desejos e nossos interesses pessoais. E temos dificuldades em cumpri-los porque estamos entregues ao nosso livre-arbítrio, ao direito que temos de escolher entre o certo e o errado, entre o fazer e não fazer.

E a luta torna-se grande, porque nossa consciência nos adverte que estamos no caminho errado e nos estimula a decidir pelo bem. O dever é sempre estimulado pela consciência e não pelas regras sociais. E quem ganha essa luta? Por causa do nosso grau evolutivo, quase sempre são os interesses pessoais, os caprichos, os desejos, enfim, o egoísmo, as regras sociais. O importante é não desistirmos de nós próprios, porque somos capazes de nos modificar: somos luzes, somos filhos de Deus. Somos capazes, sim, de nos transformarmos, alterando, também, para melhor, o meio em que vivemos. Já temos algum conhecimento dos ensinamentos de Jesus e não podemos mais esperar para fazer o que deve ser feito. Mãos à obra, então!

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), em setembro de 2006.

A verdade nos libertará, certeza de Jesus

"O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam em não me entregarem aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui." – Jesus (João, 18:36.)

Estas foram as palavras de Jesus a Pôncio Pilatos quando este perguntou ao Mestre se Ele era rei.

Jesus fala nesta passagem do reino de Deus e, a fim de entendermos a essência desse ensinamento, procuremos compreender o que essa expressão significa. Tomemos a expressão reino de Deus como sinônimo de felicidade plena (conceito espiritual) e felicidade como sendo igual à ausência de problemas (conceito humano).

Todos nós imaginamos que uma vida feliz é uma vida sem dificuldades, sem sustos ou medos. Enfim, uma vida sem preocupação. E isso é tão verdadeiro que costumamos dizer que a nossa vida, quando não existem tropeços, é um céu ou um mar de rosas. Por causa desse conceito de felicidade, muitos trabalhadores da seara de Jesus, enganados por ilusões transitórias, afastam-se da vida do mundo passando a viver uma existência contemplativa, esquecendo-se de que Jesus fez essa afirmação, mas não se afastou do planeta. Levou até o final a sua missão. Isto nos faz perceber, claramente, que a vida terrena é de fato cercada de dificuldades e só terá sentido vivê-la, se nos conscientizarmos disso. Então, a vida planetária e dificuldades caminham juntas. Se assim não fosse, Jesus teria afastado de si todos os obstáculos para que Ele mesmo não sofresse o que sofreu.

Existem ainda outros companheiros que acreditam ser a vida na Terra um mar de sofrimentos, e que só serão felizes quando passarem a viver no mundo espiritual. Costumam dizer: "Aí, sim, vou descansar". Entretanto, aprendemos através de leituras, palestras e cursos, enfim, das mais variadas formas de comunicação, que a vida espiritual não é um campo florido onde permanecemos na ociosidade, no gozo das benesses divinas, simplesmente pelo fato de não estarmos mais no corpo físico. Muito pelo contrário, já temos conhecimentos suficientes para saber que seremos lá o que formos aqui e que as benesses divinas virão de acordo com nossas reais necessidades.

Parece-nos, então, que o nosso conceito de felicidade está errado ou pelo menos não estamos entendendo o significado das afirmações de Jesus.

Vamos agora prestar atenção à segunda parte da frase: "mas agora meu reino não é daqui". Podemos perceber que em momento algum Jesus disse que Seu reino não seria na Terra. Ele afirma que naquele momento pelo qual o planeta passava, seu reino não estava estabelecido. Entretanto, a confiança dele de que em algum momento isso efetivamente aconteceria, não deixa margem de dúvida ao usar a palavra "agora". Ele confia nessa mudança através da transformação do homem, e tanto isso é verdadeiro que permanece nos amparando, curando nossas feridas morais, lembrando-nos que os problemas humanos no planeta são transitórios, apesar das enormes dificuldades que atravessamos.

Isto nos faz entender que a presença do reino de Deus em nossa vida está ligada à proposta de mudança do nosso ponto de vista em relação à verdadeira realidade, e não a que supostamente imaginamos que seja ela. E como poderemos realizá-la? Podemos, primeiramente,

estabelecer o que realmente necessitamos e não o que imaginamos necessitar para sermos felizes. Depois, com base nisso, determinar o que é possível fazer para que essa conquista aconteça: nossos limites e não nossas ilusões deverão nortear essas ações. É necessário não nos esquecermos de que tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém e que é importante conhecermos tudo, mas retermos apenas o bem, conforme nos lembra o apóstolo Paulo de Tarso.

Essas atitudes mentais modificantes nos levarão, certamente, a iniciar um maior conhecimento de nós próprios, ou seja, conhecermos a verdade sobre nós. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma postura mental difícil de ser mantida, mas não impossível de se conquistar. Necessitamos para isso de vontade firme e sensibilidade para perceber que a hora da mudança chegou. E, somando-se a isso, não ter medo de fazer o que deve e precisa ser feito.

Estamos cansados de sofrer, de sentir medo, de viver aflitos e às vezes desesperançados. É necessário iniciar a viagem para dentro de nós mesmos, a fim de que possamos aprender a nos conhecer e, nos conhecendo, aprendermos a nos amar.

Queremos sempre saber o que o outro sente, como pensa, e tememos encarar nossos verdadeiros sentimentos, nossos medos, nossos desejos. Passamos grande parte da nossa existência nos culpando por muitas coisas, punindo nosso corpo, tornando-nos infelizes. Por isso Jesus nos disse que conheceríamos a verdade e ela nos libertaria. Conheceríamos a verdade sobre nós mesmos e que esse conhecimento nos libertaria das culpas, dos medos das angústias. Porque, quanto mais nos conhecermos, mais nos amaremos e, conseqüentemente,

também amaremos o nosso próximo e a Deus.

O amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo exige de cada um de nós um caminho inverso a ser seguido – de nós para Deus – para atingirmos a felicidade plena e instalar para sempre o reino de Deus em nossos corações. O que isso significa? Significa que essa conscientização surgirá quando aprendermos a utilizar as informações recebidas como instrumentos para a nossa iluminação.

O reino de Deus, ao qual Jesus se refere como não sendo deste mundo de ilusões materiais, de necessidades vãs, onde o egoísmo e o orgulho têm morada fixa, pertence a todos aqueles que já praticam Seus ensinamentos, que não têm medo de se manterem firmes nessa escolha, concretizando caminhos novos, sonhando sonhos possíveis e tornando-os realidade. O reino de Deus pertence, sim, a todos aqueles que aceitaram o convite de Jesus de irem até Ele para aliviar suas dores.

Pub. - Jornal Espírita (FEESP) em junho de 2004.

Acalma meus passos, Senhor!

"A Deus tudo é possível." – Jesus (Mateus, 19:26)

Somos filhos de Deus e fazemos parte da Vida que pulsa no Universo. Qual crente poderá duvidar dessa afirmação? E é justamente essa condição que propicia a cada um de nós o uso das infinitas potencialidades inerentes e imanentes em nós e de nós, quando nos predispomos a trabalhar consoantes às leis universais, Leis de Deus, que harmonizam todos e tudo, entre si, na Criação.

Dificuldades fazem parte da existência, não importando tempo e espaço, e se assim não fosse qual o objetivo do Pai encaminhando-nos para o progresso? Todavia, se Ele nos criou para a felicidade plena, através das lutas experienciais às quais somos submetidos, por desvios cometidos remotamente ou não – pouco importando aqui se conscientes ou não –, também se faz necessário que aprendamos a colocar nossa mente acima delas.

As provas educativas pelas quais passamos são bênçãos redentoras que nos elevam e equilibram, e, enquanto não entendermos isso, enquanto não harmonizarmos nossos desejos com as nossas possibilidades, continuaremos a sofrer.

Quando pedimos a Deus, a Jesus ou aos bons Espíritos para acalmarem nossos corações e mentes, é importante que esse pedido vá acompanhado de uma migalha de vontade real, verdadeira, de que estamos fazendo o melhor que podemos para retornar ao equilíbrio, e não

estamos conseguindo. Sabiamente o estimado benfeitor espiritual Emmanuel nos alerta, dizendo: "Cada dia que se levanta é convite de Deus para que Lhe atendamos a Obra Divina, em nosso próprio favor. Se te exasperas, não Lhe assimilas o plano. Se te afeiçoas à gritaria, não Lhe percebes a voz".¹⁰⁸

Todo esse estado mórbido desequilibra mente e corpo e nos fechamos à ajuda que poderia vir dos planos mais elevados. O preço do sacrifício é grande, mas temos alguns recursos dos quais podemos nos utilizar para dar condições à Espiritualidade de sermos atendidos nos momentos aflitivos:

- Pare, silencie e ore. Nessa atmosfera de silêncio e oração, poderemos sentir a presença amiga daqueles que nos amam e guiam;

- Esvazie a mente de pensamentos sombrios. Busque na sua lembrança momentos bons, alegres, de paisagens harmoniosas que ficaram arquivadas na sua memória, ou até mesmo a imagem de sua flor preferida. São tantas lembranças felizes das quais nos esquecemos, porque valorizamos as tristes, as desequilibradas, as angustiosas... É importante revertermos esse quadro sombrio, e somente nós temos condição de fazer isso, tendo em vista que as recordações são somente nossas e de mais ninguém;

- Receba cada dia que se inicia como uma promessa de vitória do amor em favor do bem, da paz em favor da equidade, da alegria em favor do otimismo. Você faz parte do Universo e seu pensamento equilibrado irá ao encontro de outros que vibram na mesma sintonia, engrossando a

108 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição – Editora CEC – Uberaba/MG – 1955 – lição 33.

atmosfera benéfica que transformará o planeta;

- Prepare-se para o repouso. Desligue-se de acontecimentos menos felizes, não importando de onde venham e entregue a solução de problemas, que só poderão ser resolvidos mais adiante, nas mãos do Criador – diz a sabedoria popular que a noite é boa conselheira –, porque quando dormimos para o Bem, poderemos encontrar, por inspiração dos amigos espirituais quando retornarmos ao corpo físico, a solução tão desejada para as dificuldades que nos inquietam. Siga confiante e nada tema. Mãos intangíveis nos guiam;

- Busque abrigo no recanto pacífico da consciência. Se fazemos, verdadeiramente, tudo aquilo que podemos e sabemos para o nosso progresso espiritual e para o progresso daqueles que estão ao nosso redor, teremos segurança para aguardar com calma, porque é na consciência que o Pai habita e a Ele nada é impossível.

Aceitar os problemas do mundo, recorda-nos Emmanuel, e superá-los pela força do nosso trabalho e da nossa serenidade é a fórmula justa de aquisição do discernimento.¹⁰⁹

Por essa razão, o apóstolo Paulo de Tarso deixou para nossa reflexão e entendimento, na Carta aos Romanos, capítulo 12, versículo 2, o seguinte ensinamento: (...) *"transformai-vos pela renovação de vossa mente, para que proveis qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus"*.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – fevereiro de 2007.

109 _____ Fonte Viva – 31ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – 1988 - lição 107.

Amor e temor

"O perfeito amor lança fora o temor." - (João, 4:18)

O homem teme a Deus e teme seus desafetos. Diz que ama a Deus e não tolera seus adversários, não importando em qual plano da vida estejam. Contraria ele, certamente, o Maior Mandamento ensinado por Jesus, ou seja, o de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. O Evangelho é farto de recomendações no sentido de amarmos os nossos irmãos na subida evolutiva que efetuamos nas existências, entre dificuldades e tentações. É certo que as palavras do Evangelho não se reportam aos companheiros amados e felizes com os quais convivemos harmoniosamente, mas, sim, àqueles que ainda respiram conosco a mesma atmosfera, exigindo de nós auxílio fraterno e seguro.

Mas quem são esses irmãos? Emmanuel, estimado benfeitor espiritual, diz que são "os doentes que reclamam remédio; os infelizes que pedem consolo; os fracos que esperam defesa; os ignorantes que anseiam o esclarecimento; os desajustados que necessitam compreensão"¹¹⁰; e tantos outros desafortunados de luz que pedem ajuda e entendimento fraterno. O interessante nesse nosso aprendizado é que não percebemos ou ignoramos esses irmãos, muitas vezes bem próximos de nós, em nosso ambiente doméstico.

Pede-nos o Mestre, todavia, que amemos as criaturas do Pai em todos os níveis da Natureza e, principalmente, a

110 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 14ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – lição 86, 1996.

nós próprios que somos Sua criação. E, entretanto, não nos amamos. Não nos amamos porque não nos respeitamos: sobrecarregamos nosso organismo com todo tipo de viciação, envenenamos nosso Espírito e nossa mente com sentimentos e pensamentos de baixo padrão vibratório, e fazemos isso também com os outros. E se não sabemos nos amar, não sabemos também amar o próximo, e não conseguimos, portanto, amar a Deus. Então, esse sentimento que dizemos sentir não é amor verdadeiro! Mas como poderemos saber se o sentimento que temos e que julgamos ser amor, de fato o é?

Vejamos: Se procuramos nossas satisfações pessoais, buscando o gozo próprio no trabalho do outro, isso é egoísmo disfarçado e não amor. Por exemplo, frases como: *não fico se você não ficar, não vou se você não for, não gosto de ficar só porque sinto falta da sua companhia*, e tantos outros – cada um de nós teria com certeza uma relação interminável – mostram bem os nossos reais sentimentos; buscando almas afins, não para ajudá-las a evoluírem e a crescerem – e até para serem melhores que nós – mas para atormentá-las com exigências de todas as ordens, com ciúme, com crueldade mental e física, levando essas criaturas a amarguras infernais e frustrações de todos os tipos, isso é egoísmo e está longe de ser amor.

Quando assim procedemos, não podemos dizer que amamos, porque o amor verdadeiro não exige recibo, não manda fatura... O amor perfeito não estipula salários de gratidão e tampouco se isola, apenas cuidando do objeto amoroso, de maneira particular, sem que outros seres, também necessitados de carinho e afeto, possam ter sequer uma migalha desse amor. O amor verdadeiro não se isola. Ao contrário, se expande sem medo, sem receios, pois confia em Deus e compreende que Ele traçou

caminhos diferentes para Suas criaturas, a fim de prosseguirem na senda evolutiva do aprimoramento espiritual. Entende que a felicidade não é igual para todos e que amar significa ajudar, compreender, abençoar e sustentar os corações queridos, no degrau evolutivo de luta que lhes é próprio.

Muitos de nós, por estarmos ainda presos às algemas desse amor imperfeito, por medo de amar e de nada receber em troca, por receio da solidão, aguardamos ser amados e auxiliados pelos outros, segundo as determinações desse amor imperfeito. Preferimos, muitas vezes, um amor sem qualidade do que um viver individual em equilibrado amor. Preferimos quantidade à qualidade. Encontramos quase sempre nessa nossa escolha a solidão a dois, a três, e quantas vezes, apesar de cercados por outras pessoas, não compartilhamos de suas vidas ou, então, são elas que não se interessam pelas nossas.

Jesus, nosso amoroso condutor, mostra a cada um de nós, através de Seus ensinamentos, a necessidade de termos confiança para avançar e exercitar a fagulha divina da fé, do amor incondicional que temos, dessa luz que insiste em brilhar dentro de nós e que por medo não permitimos. Sem a confiança, sem a certeza de que estamos no caminho certo, porque amparados pelo amor de Deus, ficamos inclinados à dúvida, ao pessimismo e à fraqueza moral. Se sabemos tanto, se nos informamos mais ainda, como poderemos vencer esse temor que toma conta de nossas vidas e engessa nosso caminhar? Jesus é a resposta. E é no atendimento ao seu convite amoroso para amarmos indistintamente a todos como irmãos, que aprenderemos definitivamente a simplesmente amar, superando as dificuldades tão temidas sem razão.

Em qualquer instante de incerteza, não admitamos que

dúvidas nos assaltem a mente, pois entre o amor e o temor não existe neutralidade. Se escolhermos amar o outro, teremos adicionado em nossas vidas a paz e a alegria que tanto almejamos.

Diante desse quadro, é indispensável uma retomada de caminhos, com a revisão de propósitos e valores morais, abandonando de vez esses medos para aprender a amar. Amar com abnegação e ternura, permanecendo entre a esperança que não cessa de nos impulsionar para frente e o serviço incessante pela vitória do bem. Quando assim amamos, de maneira equilibrada e perfeita, nos colocamos, inegavelmente, sob a tutela Daquele que nos ama incondicionalmente, que nos ergue e nos coloca triunfantes nos cimos de luz, para que realizemos maiores tarefas em nome do Divino Amor.

Lembra Emmanuel, mais uma vez, que “na Terra, Jesus é o Senhor que se fez servo de todos por amor, e tem esperado nossa contribuição na oficina dos séculos. A confiança dEle abrange as eras, sua experiência abarca as civilizações, seu devotamento nos envolve há milênio... Em razão disso, como adotar a aflição e o desespero, se estamos apenas começando a ser úteis?”.¹¹¹

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – março de 2004.

111 _____, lição 167.

Amparo & sustentação

... *"mas, livra-nos do mal"*.¹¹²

Quantos de nós já não pronunciamos essas palavras, seja em estado de preocupação verdadeira, seja pedindo ao Pai para nos colocar a salvo de perigos e tentações na vida diária? O Evangelho mostra que em dois momentos Jesus faz essa solicitação a Deus: no primeiro, foi no Pão Nosso que nos ensinou ao encerrar o Sermão da Montanha, dizendo "não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal"; e depois, no Sermão do Cenáculo ou última ceia, como é conhecida essa passagem, quando, despedindo-se dos discípulos, fez a oração que ficou gravada na mente dos queridos amigos, conhecida como Oração dos Discípulos, na qual roga a Deus para que não os tirasse do mundo, mas que os guardasse do mal.

Nessas duas oportunidades Jesus roga o amparo e a sustentação para todos nós e não o nosso afastamento do mundo. E por que Ele age assim? Para entender isso é necessário compreender o homem no meio em que ele vive. O homem é um ser biológico, enquanto matéria; um ser psíquico, enquanto Espírito; e um ser social, enquanto relacionado com outros. Assim, quanto mais evoluímos, mais aumenta a nossa interdependência com as outras pessoas. Por isso, o progresso só acontece quando há trabalho em grupo, ajuda mútua. Sozinhos, nos embrutecemos e nos debilitamos, porque somos seres gregários, criados para viver em sociedade, equipados com todos os instrumentos que possibilitam tal convivência.

112 Mateus, 6:13.

Dessa forma, vamos ajudando os que estão ao nosso redor – desde que o queiram – e sendo ajudados, aprendendo com os outros o que ainda não sabemos e ensinando aquilo que já sabemos, amando e sendo amados. Com isto em mente, é fácil perceber que só seremos úteis vivendo em grupo.

Então, quando Jesus nos ensina na Oração Dominical, para que Deus nos livre do mal, e pede a Ele que não afaste os seus discípulos do mundo, mas que também os proteja do mal, deixa claro que os homens não precisam isolar-se a pretexto de melhor servir a Deus. Se no passado o isolamento de homens que até hoje são reverenciados era para despertar esse mesmo homem para os problemas da alma, hoje, esse comportamento “sem finalidade prática, sem proveito para os semelhantes, expressaria egoísmo e acomodação à boa vida. Significaria fuga ao trabalho”.¹¹³

O mundo é, sem sombra de dúvida, a nossa grande escola, e pelas dificuldades que passamos, pelos obstáculos que superamos para realizar a vida material, as lutas íntimas que travamos nos fazem criaturas cada vez melhores... Diante disso, podemos entender que é “impossível o ensinamento, fugindo à lição. Ninguém sabe, sem aprender”.¹¹⁴ Assim, muitas vezes, fugimos das dificuldades, criamos ilusões fantasiosas, necessidades vãs, fazendo de conta que a vida é sempre um mar de rosas, um céu sem nuvens; ou revoltamo-nos, não aceitando as condições nas quais vivemos, esperando, em ambos os casos, que em algum momento um milagre

113 PERALVA, Martins. *Estudando o Evangelho*, 6ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1992 - cap. 5, p. 40

114 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 14ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1996 - lição 57.

aconteça e que a solução dos nossos problemas surja, sem que precisemos nos esforçar para isso. É preciso atenção às nossas escolhas para não complicarmos, ainda mais, a presente encarnação.

Citando judiciosa afirmação de Emmanuel, é importante observarmos ao nosso redor para reconhecer "onde, como e quando Deus nos chama, em silêncio, para colaborar com ele no desenvolvimento das boas obras, na sustentação da paciência, na intervenção caridosa em assuntos inquietantes para que o mal não interrompa a construção do bem, na palavra iluminativa ou na seara do conhecimento superior, habitualmente ameaçada pelo assalto das trevas".

Todavia, o que encontramos ainda, é um grande número de discípulos do Evangelho que, ao entenderem, ainda que de forma incipiente, a luz espiritual, recusam-se a continuar aprendendo, tendo em vista a ideia enganosa de que já sabem o suficiente. Quantos continuam fugindo do estudo, do aprimoramento de seus conhecimentos, do trabalho redentor, até mesmo como uma forma de protegê-los da intervenção de outras mentes não evangelizadas, em seu dia a dia?! Mas, se não aprenderam, não vivenciaram; e se não vivenciaram, não podem dar testemunhos da sua evolução.

Quantas tarefas para as quais fomos encaminhados e as recusamos?! Quantas adiamos, mesmo sabendo que não poderíamos realizá-las?! E recuamos, assim, diante do esforço que nos levaria para frente. Declaramo-nos desejosos da união com o Cristo, mas abandonamos os irmãos necessitados de amparo, muitas vezes dentro do próprio ambiente doméstico, esquecidos de que o Mestre amado, em momento algum, afastou-Se da humanidade terrena. Estimamos a oração que Ele nos ensinou, mas nos

esquecemos de que rogou ao Pai que nos libertasse do mal, mas não nos afastasse da luta.

Lembra-nos Emmanuel que a sabedoria do Cristianismo não consiste em isolar o aprendiz na santidade artificialista, e, sim, em fazê-lo no campo de luta ativa de transformação do mal em bem, da treva em luz e da dor em bênção. A fidelidade que muitos dizemos ter ao Cristo não significa adoração eterna em sentido literal; significa, sim, espírito de serviço até o último momento das nossas forças físicas.

Em relação aos discípulos, no Sermão do Cenáculo, Jesus dirige-Se a Deus dizendo que Ele não pede que sejam tirados do mundo, mas, sim, que sejam guardados do mal, pois sabia das dificuldades pelas quais eles passariam, das lutas que enfrentariam, após sua morte, e que poderiam impedir os discípulos de dar prosseguimento à Sua tarefa. Tudo isso poderia criar um precedente perigoso para as futuras realizações do Evangelho. E o que seria de nós, hoje, se os Seus ensinamentos benditos não tivessem chegado à nossa vida...

Tanto eles, ontem, quanto nós próprios, hoje, não prescindimos das lutas terrenas, porque elas corrigem, aperfeiçoam e iluminam os Espíritos necessitados, que retornam ao corpo físico para prosseguir sua jornada iluminativa. O certo é que "(...) ninguém pode dar testemunho de valor espiritual se não vive provas difíceis, dramas intensos, complicados problemas... Ninguém pode dar testemunho de resistência moral se não sentiu o impacto de fortes tentações, sobrepondo-se, no entanto, a todas elas, pela inabalável determinação de vencer, pelo desejo de realizar-se"¹¹⁵, ao menos aqueles que ainda

115 PERALVA Martins. *Estudando o Evangelho*, 6ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1992 - cap. 5 - p. 41.

estão atrelados à vida material grosseira, como é o caso da humanidade que vive sobre este planeta.

É prova difícil viver no mundo, sabemos; mas não impossível. Por essa razão o pedido de Jesus, tanto em uma quanto em outra oração, é exortação à vigilância, para que não venhamos sucumbir ante o mal, nas suas mais diferentes manifestações, pois o mal, em qualquer circunstância, é desarmonia à frente da Lei e todo desequilíbrio tem como consequência a dificuldade e o sofrimento. Mas, independentemente de tudo isso, fortalecidos pelas eternas lições do Excelso amigo, nos converteremos, como muitos já o fizeram, em exemplos vivos e atuantes de amor e trabalho no bem!

Com o tempo e a misericórdia divina que nos dão novas chances de recomeço através das vidas sucessivas, teremos aprendido a valorizar as oportunidades de luta redentora, vencendo nossas imperfeições morais, e nos transformando em verdadeiros discípulos de Jesus, levando paz, consolo e reconforto aos necessitados que encontrarmos pelo caminho.

O Apóstolo Paulo, na Carta aos Romanos, capítulo 12, versículo 21, traz consoladoras palavras: pede que não nos deixemos vencer pelo mal, mas que vençamos o mal com o bem, pois, passada a tempestade, tudo se encaminha para o reajustamento e a harmonia...

Roguemos, pois, ao Pai de infinita bondade, que continue nos assistindo em nossas lutas. Que ampare nossos pequenos passos, para que mais adiante, amparados pelos ensinamentos de Jesus, consigamos avançar com firmeza em direção ao Seu amor.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 280.

Ante a luz da verdade

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." - Jesus. (João, 8:32)

A palavra do Mestre é clara e segura. Mas o que quis dizer com "conhecereis a verdade"? Pretendeu dizer que no momento em que percebermos o sentido da vida e que o sentido da vida significa crescer em serviço e burilamento constantes, compreenderemos que estaremos livres das amarras que ainda nos prendem a posições fantasiosas da realidade.

Vamos imaginar um bloco de mármore bruto que, sob as mãos do escultor e de ferramentas adequadas, é transformado em obra a ser admirada pela beleza. E a pedra agradece ao instrumento que a maltratou, mas que tirou das suas entranhas o que tinha de mais sublime: a beleza. Ou então, vamos nos lembrar da lagarta feia, asquerosa de quem muitos fogem e que, sob as leis da Natureza, se transforma em bela borboleta, agradecida ao feio corpo com que a Natureza lhe preparou voo tão feliz. A pedra e a lagarta somos nós que sob o trabalho das leis de Deus nos transformaremos em seres luminosos, gratos ao Pai Criador que nos deu os instrumentos para nossa transformação: a inteligência, o livre-arbítrio e todas as suas leis – leis de amor, justiça, progresso e trabalho –, que representam as oportunidades que necessitamos para trabalhar em nós próprios em busca da beleza interior.

Quando Jesus completa seu ensinamento, alertando que o "conhecimento da verdade nos libertará", sabia que inevitavelmente caminharíamos para essa descoberta. O

Mestre conhecia a alma humana e não ignorava a dificuldade que temos, ainda hoje, de afastar o véu que cobre nossa percepção em relação àquilo que deveria ser feito. Preferimos fazer o que julgamos ser melhor, e não o que é mais útil para nosso crescimento espiritual. Temos o direito de escolher qual a nossa posição diante da luz, mas também o dever de assumir as consequências dessa escolha. Esse direito de escolha, esse livre-arbítrio, é que permite ao homem edificar, traçar, conscientemente ou não, o caminho que desejar para a sua existência.

No início de nossa evolução espiritual, nossas escolhas são limitadas, mas, à medida em que crescemos, evoluímos, maiores direitos de fazer certas escolhas vamos adquirindo e, assim, tomando conta lentamente das nossas vidas, passamos a ter o comando de nosso caminhar. Tal qual a criança no início da vida. Entretanto, quanto mais direitos temos de escolher, maiores responsabilidades assumimos ante essas preferências. Se voltarmos à nossa infância, poderemos nos lembrar das brincadeiras perigosas que fazíamos, colocando em risco a vida dos outros e a nossa própria, sem atinar com os perigos que essas escolhas traziam. Todavia, crescemos. Hoje, evitamos situações perigosas, porque sabemos e prevemos riscos a nós e aos outros. Mas, fazemos isso, por quê? Porque já vivemos experiências o suficiente que nos ensinaram a ver um pouco além do fato presente. E se hoje evitamos algum problema, é porque já aprendemos. Se hoje não roubamos, não é porque temos medo de ser presos: é porque não faz sentido para nós apoderarmos de algo que não nos pertence.

É isso que acontece em relação a todas as nossas escolhas, sejam pelos nossos pensamentos, palavras ou ações. É por ainda estarmos caminhando, fazendo

escolhas, às vezes certas, às vezes erradas, que Jesus nos deixou seus ensinamentos.

O sentido da vida não pode estar preso à visão estreita que ainda temos, quando nos prendemos apenas a aspectos da verdade, seja ela política, científica, filosófica ou religiosa. Acreditamos que parte da verdade seja a verdade inteira. Isso é o mesmo que dizer que alguém é mais ou menos honesto ou que uma mulher esteja meio grávida. Por termos essa visão parcial das coisas é que nos entusiasmamos com “aspectos da verdade” e partimos proclamando os méritos, estendendo aos outros as lições recebidas, sem percebermos que a verdade libertadora, proclamada pelo Divino Amigo, é aquela. E só nos tornaremos verdadeiramente livres para agir, quando pudermos discernir o bem do mal, a verdade da mentira, a luz da sombra. É da atuação de cada homem, plenamente livre, que formará no futuro as coletividades prósperas e harmoniosas, resultado do trabalho de todos, restaurando a justiça e a fraternidade.

Jesus sabia, ao nos passar Suas palavras, que um dia nossas escolhas estariam harmonizadas plenamente com a Verdade Divina, com as deliberações superiores. Penetrar nessa verdade é compreender as obrigações que nos competem. Sabemos o que devemos fazer, mas nos recusamos porque nos dá trabalho, ou porque nos convém adiar para outro momento com vistas a outros interesses. Compreender essa verdade, à qual Jesus nos chama, é modificar o próprio entendimento da vida, transformando-a num campo de responsabilidade para com o que há de melhor. É importante lembrar que colheremos hoje ou amanhã o fruto de nossas obras. Logo, se podemos colher frutos doces, por que plantar sementes de frutos amargos?

Fazer o que deve ser feito nem sempre significa o que

desejaríamos fazer ou que gostaríamos de fazer. Com a liberdade que já conquistamos, abusamos da força, esmagando os fracos, os oprimidos e os humildes, quando é regra geral das relações humanas que o mais forte proteja e ampare o mais fraco. E se alguém pensar: "Eu não faço isso", ou, "Eu não sou assim", vamos olhar para dentro de nossos lares e ver o que fazemos com nossa força. Usamos mal nossa inteligência, confundindo os menos esclarecidos, buscando vantagens pessoais, seja com os que compartilham conosco da nossa intimidade, seja com companheiros de trabalho ou com irmãos que nos são desconhecidos. Sem as aquisições elevadas, baseadas nos ensinamentos de Jesus, a liberdade nos leva, pelas nossas imperfeições, a enormes débitos diante da Lei Divina e à vivência de amargas aflições, já nesta encarnação. Assim, quando cumprimos fielmente o dever que nos cabe, quando nos integrarmos pelo coração e pela inteligência aos preceitos morais e fraternais do Evangelho, seremos livres e seremos livres porque nossa consciência nada nos cobrará.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP), março de 2006.

Apascenta

"Pedro, apascenta as minhas ovelhas." - Jesus (João, 21:17.)

Cada companheiro de serviço cristão deverá considerar-se instrumento nas mãos do Mestre Jesus, a fim de que a sublime melodia do Evangelho se faça irrepreensível para a vitória do bem, lembra nosso estimado benfeitor espiritual Emmanuel.

O problema da não disseminação dos ensinamentos do Cristo sobre o planeta não está na dificuldade de seu entendimento, mas em nós próprios, receptores imperfeitos da perfeita e ilimitada sabedoria do Celeste Emissor.

O que isso significa? Significa que, apesar de existirem instrumentos diferentes que emitem sons também diferentes, a melodia é a mesma. Somos esses instrumentos e, o Evangelho, a sublime melodia. Então, quando um instrumento está bem afinado, as notas que saem dele são claras e a música é imediatamente identificável. Porém, mal cuidado, as notas são dissonantes e a melodia ininteligível.

O músico também é um instrumento e, como tal, necessita ser cuidado com desvelo. Assim, podemos ter um bom músico que, descuidado, não realiza a interpretação que se espera dele. Por outro lado, um músico pouco talentoso, esforçando-se para superar suas limitações, acaba realizando um bom trabalho. O que podemos concluir disso é o seguinte: ainda que o

instrumento esteja bem afinado, se o músico que o usa não estiver também, nada acontecerá de bom e de útil.

Assim é com a mensagem de Jesus. Temos à nossa disposição vários instrumentos para transmitir o luminoso sentido dos ensinamentos sublimes do Excelso Amigo. E o que fazemos com esses recursos na condição de divulgadores do Cristianismo?

Em determinado momento das nossas reflexões, perguntamos a nós mesmos: "Que tipo de músico eu sou? De quais instrumentos disponho para tocar a sublime melodia e, principalmente, em que estado estão esses instrumentos?". Talvez sejamos um músico não muito ruim, mas que está se esforçando para melhorar seus conhecimentos e entender melhor a partitura divina.

Quanto aos instrumentos, pude perceber que, na esfera material, disponho de todo o meu corpo: mãos, braços, pés, olhos, ouvidos, a fala; mas, também, entendi que isso não é suficiente e, buscando a memória, dei-me conta de que a nossa inteligência, a nossa vontade, os bons sentimentos que procuramos desenvolver em nós são recursos benditos com os quais o Mestre espera podermos espalhar a Boa Nova, através de exemplos adequados.

Acabei por entender que todos nós somos instrumentos e músicos ao mesmo tempo, através dos quais, o Pai amoroso permite que a Verdade, trazida por Jesus, seja levada a quem precisa: consolando, reconfortando, agasalhando, sanando a fome e a sede, ensinando e amando, não importa a quem, onde ou quando... Sabemos que, mesmo administrando conselhos aos outros, ainda não encontramos nossa própria direção. Mas temos de ajudá-los para que, através desse exercício, possamos encontrar o nosso caminho.

Temos fé, mas também temos dificuldades para tolerar os desvios do próximo. Outras vezes, bondosos e confiantes, fugimos ao estudo e à meditação, favorecendo a ignorância, as interpretações errôneas e descabidas de uma Doutrina que é só amor, consolo e reconforto.

Mais além, transformamo-nos em conselheiros excelentes, mas não santificamos os próprios atos, não realizando a necessária harmonia entre o falar e o agir. Outras vezes, ocupamos tribunas com um verbo brilhante na pregação; mas contamos piadas menos dignas ao invés de nos esclarecermos para a educação dos sentimentos.

Alguns de nós estimam a castidade do corpo, mas enlouquecem pela aquisição fácil do dinheiro. Enquanto outro, ao contrário, ainda que tenha conseguido desprender-se das posses materiais, cultiva verdadeiro incêndio na carne.

Escrevemos páginas que expressam as diretrizes dos ensinamentos de Jesus e não conseguimos usufruir da intimidade do Mestre; mas é preciso ampliar a cultura espírita, e por isso prosseguimos sem temor... Ainda somos imperfeitos, é verdade, mas estamos tentando, a cada dia, ser melhores. E é isso que importa a Deus. É isso que Jesus espera de nós. Então, como podemos perceber, apesar de todas as dificuldades e da nossa indiscutível imperfeição de seguidores do Evangelho Redentor, é preciso continuar caminhando. Isso acontece porque ainda falta coerência entre os ensinamentos de Jesus e as nossas atitudes no dia a dia. Por essa razão somos aprendizes e nada mais que aprendizes do Cristo.

Esse foi o motivo que levou o Mestre a fazer o apelo a Simão Pedro para que continuasse Seu apostolado, e ele se reveste, ainda hoje, de significativo convite a todos nós.

Somos hoje esses discípulos, com a tarefa de prosseguir exemplificando o amor, a fraternidade, a solidariedade indistintamente, como Jesus fazia, acolhendo todos como irmãos, filhos do mesmo pai.

O pedido que Jesus fez a Pedro é o mesmo que ainda faz a cada um de nós, no recesso de nossas consciências: que apaziguemos tudo o que estiver ao nosso redor, sem gritos, castigos ou imposições; sem abandono dos infelizes ou flagelação dos rebeldes; sem lamentações ou desesperos; que sustentemos os companheiros mais necessitados que nós mesmos, numa clara demonstração do amor ao próximo, mesmo que seja alguém com quem ainda não conseguimos uma convivência fraternal.

E nas palavras judiciosas de Emmanuel, encontramos orientação segura para o nosso posicionamento em relação aos ensinamentos deixados: lembra-nos para não desanimarmos diante da rebeldia, e que não condenássemos o engano alheio, pois a lição renovadora surgirá adiante para todos nós... Fala ainda da necessidade de educar sempre, de ajudar o próximo ao invés de criticá-lo, e acima de tudo de sermos trabalhadores fiéis à causa que abraçamos, sendo exigente conosco e amparando os corações frágeis e enfermiços que nos acompanham no caminho da evolução.

Quando plantamos o bem, o tempo se encarregará da germinação e do desenvolvimento desse bem. É urgente aprendermos a não analisar destruindo qualquer iniciativa de crescimento dos que estão ao nosso redor, pois o inexperiente de hoje pode ser o mentor de amanhã. Cada um de nós tem qualidades positivas que precisam e devem ser destacadas. E gostamos disso. Por isso, meus irmãos, sigamos em frente, pois a vida se encarregará do resto.

O planeta, como já percebemos, não é paraíso terminado e, por essa razão, estamos longe da angelitude. Mas não importa em qual posto estejamos na vida: obedecendo ou administrando, ensinando ou aprendendo, é indispensável afinarmos o nosso instrumento de serviço com o diapasão do Mestre, se não quisermos lhe prejudicar as obras.

Segundo Emmanuel, para Jesus, o importante é saber se O amamos, porque, com amor, as demais dificuldades se resolvem. Se o aprendiz do Evangelho Redentor, que somos todos nós, tiver suficiente quantidade dessa essência divina, a tarefa mais árdua converte-se em apostolado de bênçãos promissoras.

É imperioso, dessa forma, reconhecer que as nossas conquistas intelectuais valem muito, que nossas indagações são louváveis, mas que, em verdade, somente seremos eficientes colaboradores de Jesus se tivermos amor. O Mestre foi claro quando asseverou para os aprendizes, que tão somente os que O amarem saberão trilhar-Lhe o caminho e guardar-Lhe os ensinamentos.

Mas Ele também sabe que um dia a fraternidade será soberana entre todos, a paz reinará no planeta e, finalmente, teremos aprendido.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), junho de 2013.

Aproveita

"(...) Se alguém diz eu amo a Deus e não ama seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, que não viu?" (I João, 4:20)

Hoje veio-nos à mente a sublimidade e o amor de Deus por todos os Seus filhos e ficamos pensando que entre o berço e o túmulo, entre o nascer e o morrer tantas vezes quantas forem necessárias, nessas inúmeras vindas e idas, na conquista da evolução espiritual, tudo acontece para nos tornarmos pessoas cada vez melhores. Somos, portanto, com recursos que nos facilitam o caminhar no tempo, viajantes na eternidade da vida... E não podemos desperdiçar esses benefícios, ao contrário, necessitamos colocá-los a nosso serviço e a serviço de todos aqueles que nos acompanham na caminhada evolutiva.

O Pai, em Sua infinita misericórdia, concede-nos o tempo, o conhecimento e as oportunidades para que tenhamos mais segurança nesse processo. Todavia, não fornece tão somente os instrumentos; mostra-nos, também, o caminho através do ensinamento de Jesus de que devemos amar ao próximo como a nós mesmos, de fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem. Eis aí a expressão mais completa da caridade, porque ela resume todos os deveres para com o próximo. E não se pode ter, neste caso, guia mais seguro do que, tomando como medida, fazer aos outros o que se deseja para si.

Quando Jesus convida todos nós à prática da caridade, não deixa nenhuma dúvida ou indecisão a respeito do que pretendia. Ensinava o amor aos discípulos,

e esse ensinamento ainda ressoa em nossos ouvidos, porque, diante de uma situação que exige tomada de posição, sabemos o que fazer, ainda que não tenhamos consciência disso. As eternas palavras do Mestre Jesus estão gravadas em nosso coração. Então, não basta dizer onde está o Cristo, onde estão Suas palavras; é indispensável mostrá-Lo na Sua própria exemplificação. Quantos de nós, na busca do Mestre, percorremos templos e altares, mudando de crenças, imaginando que, percorrendo outro caminho, O encontraremos. Entretanto, um pouco mais adiante, percebemos que mudamos apenas o trajeto e não a perturbação que toma conta do nosso ser, como também não encontramos alívio na angústia da procura.

A vida é processo de crescimento da alma ao encontro da Divina Grandeza, diz Emmanuel. É importante, por isso, aproveitarmos as lutas e as dificuldades do caminho para nos expandirmos, dilatando nosso círculo de relações e de ações. Prossegue o estimado benfeitor espiritual, lembrando que as oportunidades para construção do bem procedem de Deus; mas o aproveitamento está em nós.

Temos urgência em aprender para poder esclarecer aqueles que ainda estão mergulhados na ignorância da luz; necessitamos entesourar bens morais, tesouros perenes para melhor ajudar aqueles que nos procuram o coração amoroso; é imprescindível crescer em entendimento para proteger a quem necessita e, sobretudo, educar os nossos sentimentos para sermos servidores mais conscientes e mais úteis na Seara do Senhor.

As bênçãos recebidas precisam e devem ser compartilhadas, espalhadas para iluminar o caminho dos que estão ao nosso redor e dos que nos seguem os passos. Somos responsáveis pelos que nos acompanham, e será

através dos nossos exemplos que cumpriremos as tarefas às quais fomos chamados a executar.

Todos os pedidos que fazemos ao Alto são válidos, mas é na prática do “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” que nos elevaremos e teremos condição de nos tornarmos pessoas melhores, mais fraternas e mais felizes.

O discípulo sincero sabe que dizer é fácil, mas que é difícil revelar os propósitos de Jesus. Sabe o que é preciso fazer antes de ensinar ou de falar. E para ensinar ou garantir a nossa crença no divino Amigo, é fundamental alcançarmos a essência dos Seus ensinamentos, examinando o seu conteúdo e, a partir daí, colocá-los em prática no esforço diário, na busca da elevação espiritual.

E que essência é essa? É sermos compreensivos – já que temos algum conhecimento desses ensinamentos – com aqueles que ainda os ignoram; vigilantes e pacientes, serenos e bondosos com os enfermos de todos os quilates, estejam eles entre nossos familiares, amigos, companheiros de trabalho ou, simplesmente, aqueles que nos cruzam o caminho. Em síntese, o exercício da caridade para com todos, buscando o amor fraterno, espontâneo, ardente e puro. Entretanto, muitos de nós demoramos no problema sem encontrar a solução.

O que fazer, então? Onde está o Cristo? Emmanuel recorda-nos que é necessário buscá-lo no santuário interior. É necessário que, individualmente, ouçamos o aviso do apóstolo João e nos enchamos de ardente caridade, uns com os outros.

Muitas vezes, não entendemos ainda a caridade, a não ser aquela que distribui ou reparte algum pão aos desfavorecidos da sorte, através de recursos monetários,

ou ainda que aguarda as grandes catástrofes para fazer o bem. Quantos de nós, em verdade, só nos movimentamos quando estimulados pelas campanhas publicitárias através da mídia? Evidentemente, não podemos discutir as intenções louváveis daqueles que ainda assim agem, mas é preciso que entendamos que a dádiva da caridade precisa ser tão extensa quanto sua sublimidade.

O apóstolo Paulo de Tarso indica-nos que a *"a caridade, expressando amor cristão, deve abranger todas as manifestações de nossa vida"*. Dessa maneira, estender a mão e distribuir reconforto é apenas o início da execução dessa tarefa interior. Todas as potências do Espírito devem estar presentes nesse processo, porque existe caridade, também, no falar com doçura e espírito fraterno; no ouvir com atenção aquele que nos fala, para que ele sinta que suas palavras são importantes para nós; há caridade no impedir com tranquilidade e equilíbrio que alguma mente desavisada escolha caminhos tortuosos, às vezes, de difícil retorno; de favorecer toda iniciativa de trabalho evolutivo, não importa quem seja – amigo ou desafeto –; há caridade no esquecer a ofensa recebida para não perturbar e desarmonizar nossa saúde física e mental; e no recordar, sempre, que não estamos sozinhos no trabalho com Jesus.

Meus irmãos, procuremos o Mestre dentro de nós, realizando o trabalho a que fomos chamados a executar, por mais humilde que pareça, pois não importa, em verdade, qual atividade cada um de nós exerce nesta existência redentora. Em qualquer uma poderemos fazer o que Jesus nos ensinou. E mesmo que não nos entendam a caminhada, Deus nos acompanha o devotamento o tempo todo.

Necessário se faz que tenhamos gravado em nossos corações o chamamento do meigo Rabi da Galileia, para

que, ao pronunciarmos o Seu nome, não nos esqueçamos de atender a Sua recomendação de nos amarmos uns aos outros como Ele nos ama.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) – agosto de 2013.

Autoevangelização e empatia

"*Antes sede, uns para com os outros, benignos.*" - Paulo¹¹⁶.

No dia a dia, somos impelidos a diferentes ações para avançarmos no caminho: sentimos, estudamos, ensinamos, trabalhamos, falamos, conhecemos etc. Todavia, é importante que cada uma dessas ações seja realizada com clareza a fim de ser aproveitada ao máximo, para que não se perca a oportunidade.

Emmanuel lembra, por exemplo, "que é preciso estudar com clareza para aprender com entendimento"; "conhecer discernindo para ensinar com bondade".¹¹⁷ Não é difícil entender essas colocações porque, diariamente, todos nós somos constrangidos à ação, e é pelo que fazemos que cada um de nós estará decidindo sobre seu destino. Ascender à luz ou descer à treva é escolha individual e intransferível.

A vida é constituída de pontos de vista, sabemos nós, como também não ignoramos que ponto de vista não representa a verdade total, real. Por isso mesmo, ela, a vida, constitui-se em uma trincheira de lutas, uma vez que muitos buscam defendê-lo de forma desesperadora. Os convites de Jesus tornam-se, assim, um mergulho real dentro de nós para mostrarmos, a nós mesmos, a nossa posição diante da luz, diante da verdade – ponto de vista ou realidade total? – e esse mergulho só terá sentido se

116 PAULO (Efésios, 4:32.).

117 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 20ª edição - Editora CEC - Uberaba/MG - 1995 - lição 44.

pretendermos, efetivamente, entender o porquê da vida, com o objetivo claro de crescer em serviço e burilamento constantes.¹¹⁸

O direito inalienável de escolhermos o bem e o mal, o certo e o errado, a luz e a treva, nos é dado por misericórdia divina e, também, com ele nos é concedida a oportunidade de conhecer a solidariedade, a fraternidade e a harmonia. Nossa busca nesse terreno de batalhas, de posse desses recursos, é o conhecimento dessa verdade total, real, com a harmonia e com as esferas superiores. No dia em que conquistarmos isso, teremos aprendido a executar, com fidelidade, o pensamento de Jesus. Estaremos integrados, através do coração e da razão, aos preceitos morais do Evangelho.

Penetrar nessa verdade é compreender as obrigações que nos competem, renovando o próprio entendimento, transformando esse campo de batalha, em que mergulhamos para defender pontos de vista individuais ou grupais, em campo de responsabilidade com a melhor ação, pequena ou grande, do copo de água pura ao silêncio contra o mal, do favor gratuito de algumas moedas ao livro nobre dado com amor. Tudo é trabalho. Tudo é ação no bem.¹¹⁹

Hoje, vivendo cada um no seu campo de lutas acerbadas, mostra que o Evangelho está deturpado em nossas mentes: forte é quem esmaga o fraco; humilde é quem se deixa humilhar; inteligente é quem age com esperteza e enganação; o não matará está longe do entendimento verdadeiro, porque permanecemos matando sonhos,

118 _____ *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 31ª editora FEB - RIO DE JANEIRO/RJ - 2005 - lição 173.

119 _____ . *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 14ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1996 - lição 39.

esperanças, e os bens da Natureza... Todavia, ele é claro e seguro em suas afirmações. É o código de conduta, por excelência, que nos garante um caminhar sem tropeços.

Judiciosamente, o apóstolo Paulo nos deixa a lição: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é em vão”. (I Coríntios, 15:58.)

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 421.

Com ardente amor

"Mas, sobretudo, tende ardente caridade uns com os outros." (I Pedro, 48)

Na carta acima citada, o apóstolo Pedro envia aos novos cristãos da Ásia, convertidos do paganismo, palavras de esperança, convidando-os a permanecerem firmes na sua fé, pois estavam sofrendo perseguições por parte dos seus vizinhos pagãos. O apóstolo recomenda que mantenham uma vida exemplar dentro dos ensinamentos de Jesus, para que essa nova jornada se dignifique pelas suas ações. Mas que, também, sejam constantemente caridosos uns com os outros; que contem aos companheiros as graças recebidas, para que todos saibam que cada um estará recebendo de Deus aquilo que realmente for necessário, porque o Pai não abandona nenhuma de suas criaturas.

Quando Pedro nos chama a todos, e não somente o povo asiático, à prática da caridade, não deixa nenhuma dúvida a respeito do que pretendia Jesus quando ensinava o amor aos Seus discípulos, porque não basta dizer onde está o Cristo ou onde estão suas palavras. É indispensável mostrá-Lo na própria exemplificação. Quantos de nós, em busca de Jesus, percorrem diferentes templos e altares, mudam de crença imaginando que em outros caminhos O encontrarão... Mais adiante, nessas caminhadas, entendemos que não basta mudar o trajeto porque a perturbação, o medo, a angústia que tomam conta de nós permanecem ali, conosco, assombrando nossa existência, sem que qualquer alívio nós tenhamos conseguido.

Demoramos no problema sem encontrarmos a solução.

O que fazer então? Onde está o Cristo? Emmanuel, estimado benfeitor espiritual, nos recorda que é necessário buscá-Lo no santuário interior; é imprescindível que, individualmente, ouçamos o aviso do apóstolo Pedro e nos plenifiquemos com ardente caridade uns com os outros.

Muitos de nós não entendem, ainda, a caridade, a não ser aquela de ordem material; todavia, essa dádiva precisa ser tão extensa quanto à sublimidade na qual ela vem envolta. É o apóstolo Paulo de Tarso que afirma a necessidade do ato caridoso abranger todas as manifestações de nossa existência. Entendemos assim que distribuir o conforto material é tão somente o início dessa tarefa que nos levará a encontrar o Excelso amigo em nós.

Sob este ponto de vista, tudo que fazemos ao outro de bom e de bem pode ser compreendido como caridade. Por exemplo: quando falamos com doçura e espírito fraterno palavras que toquem o coração, estamos sendo caridosos; ao procurarmos ouvir com interesse o que o outro fala, quando é só do que ele necessita, sem dizermos palavra alguma, estamos sendo caridosos; ao impedir com tranquilidade que almas atormentadas cometam desatinos, estamos sendo caridosos.

Assim é todas as vezes que estimulamos a iniciativa de trabalho evolutivo na aquisição de valores morais, não importa qual seja ele, ou quando esquecemos a ofensa sofrida para que não perturbemos nossa saúde mental e física, estamos sendo caridosos conosco e com o irmão em desequilíbrio. Mas, principalmente, recordar sempre que necessitamos da caridade de companheiros para nos auxiliarem, pois nunca estamos sozinhos no trabalho com Jesus.

Falar com desenvoltura sobre o Mestre, ensinar seu Evangelho com acerto e honestidade, crendo sinceramente nos ensinamentos Dele, não basta. É preciso ir além. É necessário vigiar constantemente nossos pensamentos, porque será através dessa vigilância que nos protegeremos de nós mesmos pelas vibrações pessimistas contínuas de doenças, queixumes, lamentações e derrotas que emitimos – muitas vezes sem percebermos –, que nos enfraquecem e nos tornam alvos fáceis para o domínio de outras mentes, tão enfermigas quanto as nossas e que transitam nas mesmas faixas vibratórias. Só nos blindaremos se criarmos ao nosso redor um escudo protetor contra esses ataques.

A oração que fazemos chamando sempre por Deus, por Jesus ou por Seus emissários amorosos, é importante porque nos fortalece, mas é na prática do amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos que nos aprimoraremos, buscando ser pessoas melhores e mais fraternas. Precisamos “cristianizar” nossa existência presente e isto não significa mudanças externas, mas reformarmo-nos para o bem no campo do Espírito.

Todos nós que buscamos essa transformação interior sabe o quanto é difícil revelar, pela prática diária, os propósitos do Divino Amigo: fazer o bem antes de ensiná-lo a outrem; ser fraterno, antes de aconselhar o outro. Buscar alcançar a essência dos seus ensinamentos, longe da superficialidade da letra, examinando seu conteúdo espiritual, e a partir daí colocar em prática no esforço diário vai requerer de cada um de nós grandes sacrifícios. Será que estamos dispostos a tantas renúncias?

A caridade teórica existe e por isso é necessário buscarmos o amor fraterno, espontâneo, ardente e puro ao qual nos conclama o apóstolo Pedro. Procurar e encontrar

o Mestre em nós é realizar com afinco o serviço ao qual fomos chamados a executar nesta existência, por mais humilde nos pareça, porque é nela, nessa tarefa, que poderemos pôr em prática os ensinamentos que Jesus nos transmitiu. Se não nos entenderem, paciência. Deus nos acompanha em nosso trabalho de devotamento.

Pub. – Revista Espírita Internacional, em março de 2009.

Confiança e trabalho

"Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo." (Tiago, 4:15.)

(...) "Age para o bem, sabendo que apenas o bem guarda força bastante para o sustento da paz".¹²⁰

Se imaginarmos o mundo como um templo respeitável, onde cada pessoa permanecesse em estado de adoração contínua, certamente, de nada adiantaria, pois os problemas que surgissem, fossem quais fossem eles, não seriam resolvidos e o mundo, que nos foi confiado, morreria.

A cada dia da nossa existência somos abençoados com infinitas possibilidades de fazer o bem, o útil ou o nobre, e somente a incorporação dessa atitude, no nosso dia a dia, será capaz de promover e sustentar a paz, iniciada sempre – já tantas vezes – dentro de nós.

Se não estamos em paz conosco, não somos capazes de fazê-lo com o mundo, porque nenhum culto exterior, mesmo cuidadoso, não importa a crença, salvaria o planeta ou nosso mundo íntimo.

(...) "Se o conhecimento superior já te clareia o espírito, não desconheces que todas as realizações estão subordinadas à Divina Supervisão."¹²⁴

O conhecimento que possuímos – vale lembrar que são migalhas diante da Sabedoria de Deus – é o que temos

120 XAVIER, F. C. – Palavras de Vida Eterna – ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição – CEC Editora – Uberaba/MG – lição 105 (1), lição 5 (2) e lição 106.

para ofertar a Ele, aguardando que Sua misericórdia nos conceda a oportunidade de compartilhá-lo com nossos companheiros de jornada. O conhecimento nobre exige atividade nobre – “A fé, se não tiver obras, é morta em si mesmo e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”. (Tiago, 2:17).

Dentro e fora de nós a fé deve reinar sublime. De nada adiantam orações primorosas, louvores e cânticos se, ao nosso redor, existem campos de trabalho ao desamparo. Fundamental se torna, portanto, a materialização desse conhecimento.

“Não te creias, desse modo, em comunhão com a Divina Majestade, simplesmente porque te faças cuidadoso no culto externo da religião a que te afeiçoas.” Emmanuel com clareza adverte a todos nós da necessidade de estabelecermos, em nossa vida, os binômios: Prece – Trabalho; Santuário – Oficina; Cultura – Caridade e Ideal – Realização. Jesus é o exemplo indiscutível e não há como fugir dessa realidade.

“A criatura humana dispõe de livre-arbítrio para criar o destino, porém, cada individualidade, nesse ou naquele plano de existência, atua num campo determinado de tempo.”

Cada criatura encontra-se, por ora, em um momento evolutivo próprio, o que nos mostra que – se quisermos ver – não é possível cobrar do outro o que ele ainda não tem para nos dar. É como pretender que uma criança que se inicia nas primeiras letras leia e compreenda um texto complexo. É como querer que amemos a Deus quando, na verdade, mal conseguimos amar o próximo.

Continuamos, ainda, de situação em situação, nos queixando de Deus, da sorte, do abandono dos santos de

nossa devoção, dos nossos guias espirituais, culpando o outro pelas nossas aflições, com tempo sobrando para lamúrias e queixumes, sentindo-nos perseguidos e desamparados, sem terminarmos o serviço pelo qual nos responsabilizamos e repetindo as mesmas lições, como aluno que não aprende. Insistimos em não aceitar a ideia de que somos os gestores de nossa existência, mas, sim, subordinados passivos de ordens superiores. Tão mais fácil culpar o outro – não importando quem ou o que seja... Tão menos trabalhoso que aceitar a realidade, refazendo caminhos...

Entretanto, o tempo – Ah, o tempo!... –, nosso grande aliado, vem em nosso socorro. Todos nós paramos um dia para o exame das nossas obras: tiranos, santos, malfeitores ou heróis... Porque, indiscutivelmente, em cada um de nós, a consciência se apresentará, frente à Justiça Divina, a nos cobrar exame e reparação. É a Vida a nos dizer: “Basta! Não mais”.

Por tudo isso, mister se faz que formemos nossos planos de ação – com erros, acertos ou novos aprendizados – na busca da elevação, tudo fazendo, tudo usando, seja inteligência, autoridade, palavras, laços afetivos, dinheiro, atendendo ao Bem, pois, crendo ou não, aceitando ou não, a verdade é que caminharemos com nossa tarefa até o ponto em que Deus permitir.

Somente quando aprendermos – e aprenderemos! – a confiar na Lei da Vida, é que reconheceremos que tudo é patrimônio divino.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo, em outubro de 2017.

Confiemos em Deus, confiemos em nós

*"Urge, porém, renovar atitudes mentais na obra a que fomos chamados, aprendendo a confiar no Poder Divino que nos dirige."*¹²¹

O evangelista Mateus, no capítulo 6, versículo 31, registra as seguintes palavras de Jesus: "*Não andeis inquietos*". O que isto significa hoje em dia em um mundo onde aflições, angústias e medos fazem parte de um viver infeliz, para todos aqueles que habitam esse planeta tão sofrido pela iniquidade, ganância e desamor? Jesus não recomenda com essas palavras a indiferença ou a irresponsabilidade frente aos graves problemas da era moderna, consequência do despreparo que temos frente a eles. Ao contrário, é severa advertência a todos aqueles que, por causa do pessimismo crônico que toma conta do campo mental da humanidade terrena, se despreocupam ante o acervo do serviço a realizar.

O combate a esse estado mental de desânimo deve ser incansável a fim de renovar nossos pensamentos, aprendendo a confiar em Deus e em nosso trabalho de transformação íntima, na lavoura do Senhor, dentro da ordem natural que nos orienta a ascensão espiritual.

Em todos os lugares encontramos derrotistas intransigentes, que conseguem enxergar baixezas por todos os lados, desconfianças e inabilidades em todas as criaturas. Inquietam-se com a presença de pequenos obstáculos e têm seus mundos íntimos tingidos de negro.

121 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 14ª ed., FEB, Brasília/DF- lição 86.

Mas, também, encontramos pessoas em pleno trabalho nas mudanças íntimas necessárias, a nos darem força na luta contra espinheiros – às vezes dentro do próprio lar –, quase sempre indispensáveis para aprendermos a confiar no Divino Poder. Por essa razão, Deus espera de cada um dos Seus filhos o amor como contribuição na oficina dos séculos vindouros.

Há milênios Jesus devota Seu amor e nos envolve para que não percamos a confiança no Pai, Nele e em nós mesmos. E se Ele se fez servo de todos por amor e se tem esperado que crescamos em sua direção, como adotar a aflição e o desespero se estamos apenas começando a servir?

Somos filhos de Deus e fazemos parte da Vida que pulsa no Universo. Dificuldades são características da existência, mas é imprescindível que coloquemos nossa mente acima delas para abençoar a prova redentora que nos eleva e equilibra. Seja qual for a perturbação que ora nos assalta, acalmemos nosso coração e aguardemos, trabalhando naquilo que temos de fazer, da melhor maneira possível. O importante é confiar na nossa capacidade de encontrar a serenidade nesses momentos, buscando assimilar o Plano de Deus para nós.

Muitas vezes, a dúvida sobre nossa capacidade de suportar tantos problemas nos assola e acabamos por nos entregarmos ao desânimo e ao pessimismo infundado. Todavia, se confiamos no Pai que nos orienta a existência, conseguiremos retornar ao equilíbrio do corpo e da mente. É difícil? Certamente! Mas dispomos de alguns recursos que podem nos devolver a confiança. Parar o movimento do corpo e da mente, recorrendo à oração, fonte bendita de paz; trocar os pensamentos sombrios por possibilidades de esperança na solução do problema; receber cada

amanhecer como promessa de vitória; preparar-se melhor para o repouso noturno, afastando ideias de desequilíbrio, não importam as origens, com a leitura de uma página edificante; evitar atritos; ouvir música que nos inspira bons sentimentos e leveza no coração. Tudo isso pode nos levar a um recanto pacífico da consciência onde Deus habita, lembrando-nos que para Ele nada é impossível.

Encaremos os obstáculos de ânimo firme e procuremos estampar o otimismo na nossa alma, para que não fuçamos dos compromissos assumidos perante a existência. Confiemos em Deus, confiemos em nós, servindo, pois é necessário materializar nossa confiança em trabalho nobre. Por essa razão, é impossível separar prece e trabalho, ideal e realização, porque quando temos certeza da Providência Divina em nossa jornada, transformamos essa certeza em obras, sejam elas grandes ou pequenas, reconhecendo que tudo é patrimônio de Deus e que o nosso trabalho é instrumento de crescimento para nós e para os outros.

Na Carta aos Hebreus, capítulo 10, versículo 35, o apóstolo Paulo de Tarso nos alerta: "*não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão*", num convite para não jogarmos fora a confiança que nos alimenta o coração. Muitas vezes, diante do vício que parece vitorioso, dos descrentes ferrenhos que desencorajam nossa crença vacilante, nos constrangemos. Todavia, se aceitamos Jesus por nosso Divino Mestre, precisamos aprender a receber e aceitar o mundo como um educandário que nos revela, enquanto estivermos no corpo físico no qual habitamos, um imenso campo de aprendizagem.

Em cada ato de fé e de esperança que realizarmos, não permitamos que a dúvida se interponha como sombra entre a nossa necessidade e o poder do Pai Celeste. Aquele

que confia em Deus e em si mesmo consegue perseverar na realização dos ideais mais nobres, e não permite que as energias que procedem de si sejam engessadas. A dúvida no plano exterior, altamente desejável, muitas vezes pode auxiliar a experimentação neste ou naquele setor, a fim de conseguir os melhores resultados; mas a hesitação no mundo íntimo poderá dissolver as melhores energias.

Não podemos duvidar da nossa capacidade de vencer os obstáculos, porque nossa existência na Terra nos mostra quadros aflitivos de desequilíbrios, no jogo dos interesses humanos. A imortalidade é nossa herança divina e a carne é tão somente nossa veste. Tudo passa, todos passam. Ficará somente nossa confiança em Deus, em nós e no futuro de que a existência presente realizada com Jesus nos esperará sempre justiceira, no dia de amanhã.

No livro *Fonte Viva*¹²², o respeitado benfeitor Emmanuel afirma que *"quem duvida de si próprio perturba o auxílio divino em si mesmo e que ninguém pode ajudar àquele que se desajuda. Compreendendo o dispositivo de confiança que deve nortear-nos para frente, insistamos no bem, procurando-o com todas as possibilidades ao nosso alcance"*. E prossegue no convite: *"Avançar sem vacilações, amando, aprendendo e servindo infatigavelmente – eis a fórmula de caminhar com êxito, ao encontro da nossa vitória. E, nessa peregrinação incansável, não nos esqueçamos de que a dúvida será sempre o frio do derrotismo a inclinar-nos para a negação e a morte"*.

Ao nosso redor caminham os corações que se vinculam à presente reencarnação e que dependem das nossas atitudes frente às dificuldades inerentes a ela. Assim,

¹²² _____ *Fonte Viva* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 31ª ed., FEB, Brasília/DF - lição 128.

diante desses obstáculos, pensemos neles primeiro, pois, servindo, cumprimos nossa tarefa. E em qualquer instante de incerteza, não permitamos que a dúvida se instale em nosso íntimo, paralisando nossa capacidade de ajudar.¹²³

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) – fevereiro de 2020.

123 _____ *Palavras de Vida Eterna* – ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª ed., Editora CEC, Uberlândia/MG – lições 33 e 106.

E agora, por que te deténs?

"Pois aquilo que o homem semear, também ceifará." – Paulo (Gálatas, 6:7)¹²⁴

Muitos de nós, beneficiários do Evangelho, permanecemos presos a obstáculos de toda sorte "na península nebulosa da queixa", conforme assevera o benfeitor espiritual Emmanuel. Lastimamos não haver recebido nos dias de juventude e de facilidades materiais os ensinamentos reveladores da luz evangélica. Todavia, na maturidade da existência terrena, continuamos a praticar os mesmos atos infelizes, sustentando as mesmas tendências perniciosas que impedem nosso crescimento espiritual.

Insistimos na manutenção da exterioridade de quem se dispõe a ajudar o próximo, mas, quando chamados ao serviço ativo, encontramos mil desculpas para não nos apresentarmos: é a falta de tempo, de recursos materiais, de saúde, de forças... A contradição entre o parecer ter vontade de ajudar e o realizar de fato está sempre nos cercando. Quando há oportunidade de serviço e a saúde está perfeita, não temos tempo; quando doentes, sentimos falta de não sermos convidados a ele, porque ouvimos dizer que o trabalho no bem ajuda a termos saúde. Essas manifestações destrutivas precisam ser combatidas em nossa personalidade se desejarmos nos manter a salvo de envolvimento espiritual que mais nos adoecem física e espiritualmente.

Existe muito trabalho na seara do Pai Celestial, em

124 ATOS, 22:16.

qualquer tempo, em qualquer situação, em qualquer lugar. As possibilidades de se fazer alguma coisa, qualquer coisa, em benefício do próximo e de nós mesmos, está presente ao nosso redor. Todo dia é dia de semear. Todo dia é tempo de colher.

No evangelho de Mateus, capítulo 9, versículo 37, Jesus afirma enfaticamente aos discípulos: "A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros". Os ensinamentos do Mestre são dirigidos, principalmente, à turba de corações desalentados e errantes que se assemelhava, segundo a narrativa do evangelista, a um rebanho sem pastor: fisionomias tristes, olhos suplicantes... O símbolo da seara realmente grande usado por Jesus representa um alerta para repensarmos nossas atitudes diante do chamamento que o Evangelho nos faz, frente à imensidão de dores e do nosso acomodamento. As palavras benditas do Excelso amigo permanecem no mundo por bendita dádiva celestial com o propósito de nos enriquecer, entretanto, a percentagem de pessoas realmente dispostas ao trabalho é muito reduzida.

É preciso erguer os olhos e nos levantarmos desse comodismo no qual nos mantemos e colher valores novos, enriquecendo-nos, nutrindo-nos através de um trabalho laborioso de iluminação espiritual. Mas, para que isso aconteça, mister se faz que nos elevemos a esferas mais altas, buscando conhecimentos superiores, verdades eternas que proclamam, segundo Emmanuel¹²⁵ "que a felicidade não é um mito; que a vida não constitui apenas o curto período de manifestações carnis na Terra; que a paz é tesouro dos filhos de Deus".

Envolvendo tarefas nobres, o trabalho espiritual pesa,

125 XAVIER, F. C. – *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 14ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – 1996 - lição 10.

consideravelmente, na contabilidade divina, pois será através dele que a Justiça Divina atuará ante o indefectível tribunal da consciência. Em qualquer posição na qual estejamos e em qualquer tempo no qual nos situemos, estamos cercados pelas possibilidades de serviço com Jesus. E é para todos nós, que já recebemos as dádivas divinas dessas oportunidades, que o apóstolo Paulo de Tarso pronunciou o desafio que ele próprio recebeu: E agora, por que te deténs?

“Chegastes no tempo em que se cumprirão as profecias à transformação da Humanidade. Felizes serão os que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e movidos apenas pela caridade.”¹²⁶

Se já sabemos que a Vida não termina no túmulo porque o Espírito sobrevive ao corpo, se já assimilamos algum conhecimento das lições benditas trazidas por Jesus, por que tanto medo em agir diferente de alguns até hoje? Necessário se faz refletirmos e identificarmos em nós os fatores que impedem nossa renovação. O apóstolo dos gentios reviu seus conceitos e aceitou seguir Jesus, mesmo sofrendo todas as humilhações pelas quais passaram os primeiros cristãos. Hoje, não precisamos mais sofrer tudo o que sofreram, pois eles nos abriram os caminhos. Então, por que tanta resistência?

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo, em novembro de 2017.

126 KARDEC, Allan - *O Evangelho segundo o Espiritismo* – 37ª edição - Cap. XX, item 5 – 1989.

E Jesus prossegue ensinando...

No Evangelho de Lucas, Capítulo 6, versículo 46, encontramos a grande pergunta que Jesus nos faz: "E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos digo?"

Parece-nos, diante da pergunta que não basta crer nas palavras de Jesus para vivermos em paz, em harmonia. É necessário colocar em prática Seu ensinamento maior, o de "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Aguardamos todos, certamente e sempre, a ocasião propícia para isso. Esperamos tantas vezes para sermos envolvidos por sons ou visões celestiais para darmos início ao trabalho de amor que nos compete executar.

E se o Mestre nos assegurou que a fé remove montanhas, também nos orientou que a fé sem obras é morta. Assim, quantas vezes responsáveis por trabalhos que na nossa estreita visão consideramos insignificantes, seja em nosso lar, na nossa labuta para o sustento, ou ainda em alguma tarefa assistencial, aguardamos que algo aconteça e que venha nos tirar da mesmice em que colocamos nossa existência, para nos dizerem que não merecemos aquele trabalho, pois fomos feitos para tarefas maiores, com maiores responsabilidades. Nossos pensamentos passeiam, assim, entre a preguiça e a vaidade e acabamos por abandonar a tarefa ou, quando não, a realizá-la mal.

É preciso que acordemos para os ensinamentos evangélicos e que aprendamos de vez que não importa a

função que estejamos exercendo, naquele momento, no plano geral das tarefas humanas, pois em qualquer lugar e em qualquer posto, seja ele de comando ou de subalternidade, sempre podemos praticar as orientações que o Evangelho nos transmite. Cada palavra que Jesus plasmou na atmosfera terrena dirige-se a todos nós, ontem, hoje e sempre, independentemente de onde possamos estar ou do que estejamos fazendo. E se cremos em Deus como Pai de Infinito Amor e de Infinita Bondade e Misericórdia, e se aceitamos a condição de Seus filhos, portanto dotados de essência divina, só poderemos nos realizar se estivermos edificando esse amor em nós e em torno de nós.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), em março de 2000.

E os fins?

"Mas nem todas as coisas edificam." – Paulo (I Coríntios, 10:23.)

Aprendemos com Kardec e os Espíritos amigos que não basta não fazer o mal; é preciso fazer o bem; e para fazer o bem é necessário atitude firme, vontade real de pensar e agir, com vistas à utilidade de suas ações, em benefício do próximo...

Todo discípulo sincero do Evangelho compreende, antes de tudo, as obrigações que lhe são devidas e que recolherá aquilo que houver semeado.

Afirma André Luiz, estimado orientador espiritual, no livro *Estude e Viva*, capítulo 21, psicografado por Chico Xavier, que não há vida sem responsabilidade, porque todo ser tem direitos e obrigações; que não há ação sem testemunha, uma vez que somos todos participantes da Vida Universal; reafirma ele que não há bem ou mal gerado espontaneamente, pois todo ato surge após o autor; como também não há erro com razão, porque só a verdade é lógica.

Sob esse ponto de vista, podemos dizer que sempre existiram homens indefiníveis, que se não fizeram o mal a alguém, também não beneficiaram pessoa alguma. Por essa razão, as coisas do caminho precisam ser analisadas com bom senso, para que não se percam na inutilidade. Como Deus não cria nada inútil, melhor será revermos nossos pontos de vista nas escolhas que fazemos.

O apóstolo Paulo lembra-nos que *"nem todas as coisas*

edificam". Assim, no momento de repouso do corpo, seria interessante que cada um de nós perguntasse a si próprio, quanto à qualidade de sua colaboração no serviço, nas palestras, nas relações afetivas, nessa ou naquela preocupação da vida comum, do nosso dia a dia...

A criatura necessita indagar a si mesma o que fez, o que deseja, a que propósito atende e a que finalidade se destina. Faz-se indispensável examinar-se, sair da vida voltada somente para interesse material e erguer-se para tomar conta, ser dona, do próprio caminho.

Compreendemos com Emmanuel que é lícito ao homem dedicar-se a este ou àquele campo de atividade. Por exemplo: um homem pode "*dedicar-se à literatura ou aos negócios honestos do mundo, e ninguém poderá contestar o caráter nobre daqueles que escolhem, conscientemente, a linha de ação individual no serviço útil*".¹²⁷

Entretanto, será justo conhecer os fins daquele que escreve e os objetivos de quem negocia. Esse questionamento é válido, porque nada adiantará uma obra literária repleta de belas palavras, de entusiastas teorias, se essas palavras vierem vazias de pensamentos construtivos, que possam elevar a alma de quem a produz. De que adianta uma obra literária ser um sucesso se nada acrescenta no crescimento moral e intelectual de quem a lê? De que adianta o cofre do negociante estar repleto com valores conquistados honestamente se está parado, aguardando a disputa dos herdeiros? Sabemos do quanto obras não edificantes podem trazer de desequilíbrios às mentes mais frágeis!

Evidentemente, nesses casos, as realizações foram

127 XAVIER, F. C. "*Pão Nosso*" – ditado pelo Espírito Emmanuel - 17ª edição - Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – 1996 - lição 28.

lícitas e ninguém pode duvidar; mas, em ambas oportunidades, seus autores perderam tempo precioso, esquecendo-se da utilidade benéfica de suas obras, porque ambos só serão beneficiados nos Céus se libertarem os valores que administram, em louvor do trabalho que dignifica, da educação que eleva, da beneficência que restaura e da fraternidade que sublima.

*"Ainda não se viu um homem no mundo, cercado de tesouros infrutíferos, que se livrasse, tão somente por isso, das leis que regem o sofrimento e a enfermidade, a velhice e a morte"*¹²⁸, recorda Emmanuel. E alerta, ainda, para a necessidade de respeitarmos os princípios divinos do bem para todos; de confiarmos trabalhando e de caminharmos servindo, porque o Senhor jamais nos deixará ou nos desampará...

Todavia, sabedores dos nossos deveres e atentos às leis que regem nossas livres escolhas, estejamos certos de que cada um de nós, independentemente da posição que ocupemos no mundo – social, profissional ou econômica –, saberemos aproveitar essa liberdade. Aprenderemos, com o tempo, a realizar com dignidade, honestidade e desvelo as tarefas que nos foram confiadas, sejam elas de juízes, administradores ou simples subalternos.

Assim, se respeitarmos o outro na sua *"tarefa de progresso e ordem, luz e bem, no lugar que lhe é próprio"*¹²⁹, também nós receberemos da Providência divina as possibilidades para nossa evolução, e entenderemos que se formos aplicados nas boas obras, estaremos *multiplicando nossos talentos*, aproveitando as infinitas

128 _____ *"Palavras de Vida Eterna"* – ditado pelo Espírito Emmanuel - 20ª edição - Edição CEC, UBERABA/MG – 1995 – lição 142

129 _____ *"Fonte Viva"* – ditado pelo Espírito Emmanuel - 31ª edição - Editora FEB – Rio de Janeiro /RJ – 2005. - lição 60.

oportunidades das quais nos fizemos responsáveis ante o Pai Celestial.

Outro aspecto que precisamos observar é que existe o homem bem-intencionado, refletindo em melhores caminhos, alimentando ideias superiores, inclinando-se à bondade e à justiça. Porém, se essa boa intenção não se ligar à esfera da realização imediata, na ação reta, não haverá qualquer benefício para si e para os outros, porque as conquistas enobrecidas, que o Espírito imortal houver conquistado, carregará para onde for. São os inalienáveis valores morais que suavizarão sua caminhada no futuro.

Por tudo isso, não podemos nos esquecer das doações da nossa esfera íntima. Assim, é importante perguntarmos a nós mesmos: - Que temos de nós próprios para dar? Que distribuímos com nossos companheiros de luta diária? Que espécie de emoção estamos comunicando aos outros? Que reações provocamos no próximo? Qual é o estoque de nossos sentimentos? Que tipo de vibração espalhamos?!

É necessário meditar no bem, todavia é imprescindível executá-lo. Assim, usando e abusando do livre-arbítrio, do direito de escolher seu caminho de progresso espiritual, vamos colhendo derrotas amargas ou vitórias, de acordo com o grau de experiência conquistada. Por isso mesmo é importante observarmos o que estamos fazendo, não nos esquecendo de subordinar nossos desejos a Deus, nas tarefas que por algum tempo nos foram confiadas no mundo. E a Misericórdia Divina vai permitindo, dessa forma, que todas essas vivências venham para enriquecer nossa sensibilidade, aprimorar nosso caráter, fazendo desabrochar novas faculdades, a fim de que nossas alegrias, conquistadas nas árduas lutas evolutivas, se dilatem e conquistemos, assim, nossa almejada felicidade.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) em novembro de 2011.

Em que estou melhorando?

"Porque não faço o bem que quero, mas, o mal que não quero, esse faço." Paulo (Romanos, 7:19)

Em que estou melhorando? Quais conquistas interiores, mesmo de pouca expressão, já consegui?

Via de regra, buscamos valorizar tão somente os largos passos que já demos e nos esquecemos de que no caminho evolutivo a renovação é feita de pequenos sucessos, às vezes imperceptíveis para nós, mas que se destacam para aqueles que convivem conosco. Os grandes obstáculos já aconteceram porque nos municiamos, intimamente, para conseguir esse feito. Essa conquista representa, entretanto, a soma de pequeninas vitórias que nos permitiram, através do fortalecimento da nossa vontade e da nossa fé superar essas dificuldades maiores com maior coragem.

Muitos daqueles que convivem conosco perguntam como podem eles, também, conquistarem essa aquisição espiritual. A orientadora espiritual Ermance Dufaux responde dizendo que "a única postura que nos assegurará a mínima certeza de que algo estamos realizando, em favor de nossa ascensão espiritual, na carne ou fora dela, é a continuidade que damos a projetos de renovação que idealizamos. Os obstáculos serão incessantes até o fim da existência, não nos competindo nutrir expectativas com facilidades, mas, sim, a coragem e o otimismo indispensáveis para vencer um desafio após o outro". ¹

E para não desistirmos, para não abandonarmos esses

projetos é que necessitamos de Jesus para nos amparar e encorajar na continuação de nossas lutas. Os convites contidos em Seus ensinamentos são um alerta constante para compreendermos a necessidade de renovação na nossa forma de pensar e de agir em relação ao outro, pois ainda não entendemos o que fazem o bem e a caridade, posto que ainda não entendemos, também, esses ensinamentos na sua essência. Essa dificuldade é natural por não conseguirmos nos libertar, no momento evolutivo no qual nos encontramos, do egoísmo que nos faz pensar no "eu quero" e no "eu tenho", vivenciando com essas atitudes nossos caprichos e desejos infantis. Daí a desvalorização ou a não observação dos pequenos avanços que fazemos em direção às conquistas espirituais mais elevadas.

Mas, como tudo caminha em direção ao Pai, também nós estamos caminhando e dia virá em que tudo isso terá ficado para trás, assim como ficou a nossa infância física. Neste momento, é importante entendermos que sendo a caridade uma forma de expressão do Amor, ela deverá ser mais extensa dentro de nós, isto é, deve abranger todas as manifestações da nossa vida. Sendo uma expressão do Amor, torna-se para nós o mais valioso recurso para iniciarmos essa conscientização. Ela não deve ser restrita a algumas atitudes, mas deve abranger todas as nossas iniciativas. Por exemplo, encontramos algumas pessoas cordatas e calmas dentro de uma casa de oração, ou numa reunião social, ou mesmo dentro do seu ambiente de trabalho e, no entanto, aborrecem-se em seus lares, porque as coisas não acontecem conforme seus caprichos e desejos. Será que poderemos nos identificar com essas pessoas?

Lembra-nos Emmanuel que quando estendemos a mão

e distribuímos ajuda material, já estamos iniciando a prática da caridade, mas que não devemos nos esquecer – colocando em prática o ensinamento de Jesus – que existe também caridade no ouvir e no calar; existe caridade no impedir e no favorecer; que podemos ser caridosos no esquecer – pelo perdão às ofensas recebidas – e no recordar – pela gratidão aos benefícios de que fomos alvos.¹³⁰

A nossa própria evolução fará com que aprendamos a conciliar nossa boca, nosso ouvido, nossos pés e nossas mãos com o trabalho no bem, sem qualquer exigência. Sem perguntar a quem ajudamos, qual é a sua crença religiosa, ou sua classe social, sua escolha política, como nos explica Jesus na Parábola do Bom Samaritano. O Mestre de Amor veio nos ensinar esse Amor. Sentimento que altera nosso comportamento e nossos valores.

No capítulo 15 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, encontramos uma passagem muito significativa sobre a caridade, segundo o Apóstolo Paulo. Está em uma carta que ele escreveu a um dos povos da Ásia. Em determinado trecho, diz que, mesmo que ele falasse as línguas dos homens e dos anjos, mesmo que pudesse conhecer todos os mistérios, que tivesse toda fé que pudesse transportar montanhas – conforme ensinou Jesus –, se não tivesse caridade, não seria nada. Lembra ainda que entre as três virtudes: fé, esperança e caridade, a caridade é a maior delas. Afirma isso porque ela está ao alcance de todos, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, porque independe de crenças particulares. É por essa razão que uma das bandeiras do Espiritismo é “Fora da Caridade não há salvação”, pois se apoia num princípio universal.

130 OLIVEIRA, Wanderley. *Reforma Intima sem Martírio*, ditado pelo Espírito Ermance Dufaux – 1ª edição – INEDE Editora – pp. 19 e 34.

Todavia, qualquer renovação pretendida é um trabalho que terá de obedecer a uma sequência, pois as “viciações do ego, repetidas durante várias experiências corporais e que cristalizaram a mente”¹³¹ nos domínios do orgulho exagerado, farão com que, inúmeras vezes, tenhamos que recomeçar revendo caminhos, escolhas, atitudes. O nosso orgulho nos dará uma leitura ilusória da nossa capacidade de vencer obstáculos em direção à renovação.

Supondo que somos mais capazes que os outros para realizarmos mais rapidamente essas novas aquisições, poderemos cair, como efetivamente caímos, na dura realidade de que precisamos primeiro nos compreender de maneira transparente; depois, nos aceitar, detectando em nós as expressões do orgulho e do egoísmo que tanto nos surpreendem, para depois, em terceiro lugar, aprendermos a lidar com elas.

Não tenhamos pressa! É verdade que ainda temos que caminhar, mas também é verdade que muito já avançamos.

A formação do homem de bem é a meta fundamental da doutrina dos Espíritos e Jesus nos convida, constantemente, a essa busca. Necessitamos para isso de uma vontade ativa, ou seja, de fazermos o bem e não somente desejá-lo para nós e para os outros (qualidade positiva) e de compreendermos que não basta tão somente deixarmos de fazer o mal – a inércia e a negligência estão na base dessa atitude (qualidade negativa) – mas que é preciso fazer o bem. Todos pois que praticam a caridade em qualquer uma de suas manifestações são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto ao qual pertençam.

131 XAVIER, F. C. *Pão Nosso*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – lição 31.

Em torno da palavra falada

"Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz. Vede, pois, como ouvis." – Jesus¹³²

Em todos os lugares surgem pessoas que abusam da palavra porque ainda temos dificuldade em controlar nossa língua. A palavra tem força e, uma vez tendo sido dita, não será possível apagá-la. Entretanto, o falar não pode ser dissociado do ouvir. São duas faculdades que se completam, porque são interdependentes entre si. Se é importante o cuidado com o que dizemos e o como dizemos as coisas, também o é com o que ouvimos e o como ouvimos aquilo que nos é dito. A palavra é forte fio condutor, tem força, e uma vez dita não poderemos mais conter-lhe o caminho, porque na outra ponta desse fio está o receptor, o ouvinte e, por isso mesmo, ela pode ser captada e espalhada como bálsamo ou veneno, paz ou discórdia, luz ou treva. Se de um lado temos quem fala, do outro surge quem escuta, ambos responsáveis por suas atitudes. Por isso disse Jesus que o homem fala do que está repleto o seu coração. E quem ouve também.

Quando atentos, observando as pessoas ao nosso redor, poderemos perceber que dentro do nosso lar, ou mesmo fora dele, escutamos os mais variados comentários acerca de tudo e de todos. São comuns as discussões sobre o que acontece com a Natureza, sobretudo em uma época em que estamos acordando para a necessidade de preservá-la; comentários sobre os atos, fatos e boatos em

132 LUCAS, 8:17-18.

torno das autoridades constituídas; observações sobre a vida alheia – pública ou privada –, esquecendo-se de que a vida do outro, como a própria palavra diz, é do outro e não nossa; escutam os opiniões diferentes, coerentes ou descabidas, sobre os mais diversos assuntos, sejam eles na esfera da ciência, da política, da filosofia, da arte ou da religião.

Todavia, podemos, ainda, observar que não é somente no campo intelectual que surgem descalabros, desequilíbrios, ao lado de colocações ponderadas e lúcidas. A própria sociedade é um verdadeiro campo de batalha nesse aspecto. De um lado, temos Espíritos nobres semeando bem e luz e, de outro, os semeadores da discórdia, da maledicência, da calúnia, perturbando a harmonia e o progresso de todos e de tudo.

O Apóstolo Paulo nos recorda, em sua carta a Tito, Capítulo 2, versículo 1, que devemos falar para o bem em atendimento à recomendação de Jesus, e para termos os ouvidos atentos àqueles que nos falam. Porque, muitas vezes, seremos chamados a falar nas mais diferentes situações: entre os bons, para falarmos do bem, do belo, do amor; entre os maus, tentados a caluniar, a julgar levemente, destacando a maledicência como foco nas conversações. Assim, de desastre em desastre, vamos criando, em torno dos próprios passos, todas as desventuras que formos construindo no nosso caminhar, pois falamos hoje e pagamos a conta amanhã. Isso é da lei. Semeadura e colheita. Dependência perene... Resultado das nossas escolhas..., mas, se já possuímos algum conhecimento evangélico e se não desconhecemos os valores do Espírito, precisamos ficar atentos para não usarmos o verbo, contrariamente, às orientações de Jesus. Falar o que o outro quer ouvir é fácil. Replicar-lhe o

argumento, atendendo aos nossos interesses, também, não é difícil. Mas, ouvir-lhe com paciência e entendimento e falar-lhe com “a prudência amorosa e com a tolerância educativa, como convém à sã doutrina do Mestre, é tarefa complexa e enobrecedora, que requisita a ciência do bem no coração e o entendimento evangélico dos raciocínios”.¹³³

De tudo isso, podemos concluir que o problema não está no comentário em si – quem fala responderá pelas consequências que provocar –, mas na forma como o recebemos, tendo em vista que reagiremos a ele de acordo com nosso entendimento e sentimento. Por isso se faz tão importante compreender a nossa postura diante desse fato: Como estamos respondendo ao que ouvimos? Estaremos convertendo-o no bem ou no mal? Estamos espalhando, em consequência daquilo que escutamos, alegria ou sofrimento para aqueles que estão junto de nós? Ouvimos com malícia, ou caridade? A resposta honesta e transparente a essas questões é que nos dará a correta medida de como e o quanto estamos evoluindo, espiritual e moralmente, nesta nossa jornada planetária, no campo das relações interpessoais.

Emmanuel lembra que precisamos aprender “a lubrificar as engrenagens da audição com o óleo do amor puro, a fim de que nossa língua traduza o idioma da compreensão e da paciência, do otimismo e da caridade, porque nem sempre o nosso julgamento é o julgamento da Lei Divina e, conforme asseverou o Cristo de Deus, não há propósito oculto ou atividade transitoriamente escondida que não hajam de vir à luz”.¹³⁴

133 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 14ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1996 - lição 16.

134 _____ *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 20ª edição - Editora CEC - Uberaba/MG - 1995 - lição “Palavra Falada” - p. 122.

Porém, como não dá para fazer tudo de uma só vez, a proposta é a que, num primeiro momento, aprendamos a controlar a língua, para depois modificarmos a recepção do que ouvirmos, em atendimento ao convite de Jesus: caridade no ouvir, caridade no falar.

Consoante a essa recomendação do Amado Mestre, Irmão X, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, narra uma pequena história com o título Os Três Crivos, que transcrevemos. Diz-nos ele:

Certa feita, um homem esbaforido achegou-se a Sócrates e sussurrou-lhe aos ouvidos:

– Escuta, na condição de teu amigo, tenho alguma coisa muito grave para dizer-te, em particular...

– Espera!... – juntou o sábio prudente. Já passaste o que vais me dizer pelos três crivos?

– Três crivos? – perguntou o visitante, espantado.

– Sim, meu caro amigo, três crivos. Observemos se tua confiança passou por eles. O primeiro é o crivo da verdade. Guardas absoluta certeza, quanto aquilo que pretendes comunicar?

– Bem – ponderou o interlocutor –, assegurar mesmo, não posso..., mas ouvi dizer e... então...

– Exato. Decerto peneiraste o assunto pelo segundo crivo, o da bondade. Ainda que não seja real o que julgas saber, será pelo menos bom o que me queres contar?

– Hesitando, o homem replicou:

– Isso não... Muito pelo contrário...

– Ah! – tornou o sábio – então recorramos ao terceiro crivo, o da utilidade, e notemos o proveito do que tanto te aflige.

- Útil?!... - aduziu o visitante ainda agitado - Útil não é...

Bem - rematou o filósofo num sorriso -, se o que tens a confirmar não é verdadeiro, nem bom e nem útil, esqueçamos o problema e não te preocupes com ele, já que nada valem casos sem edificação para nós...

Aí está, meu amigo, a lição de Sócrates, em questão de maledicência...

Pub. - Revista Internacional de Espiritismo (Matão) - janeiro de 2009.

Fé e obra

"Um homem tinha dois filhos. Chegando ao primeiro disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele responde: Irei, Senhor; e não foi. O segundo disse: Não quero. Mais tarde, tocado pelo arrependimento, foi." - Jesus

Esta passagem, narrada na Parábola dos Dois Filhos (Mateus, 21: 28-32), mostra Jesus perguntando-nos, através dos discípulos: "Qual dos dois fez a vontade do Pai?" Duas personalidades revelando, sem dúvida, as suas qualidades em palavras e ações. O interessante nessa questão proposta por Jesus é a possibilidade de desdobramentos no que se refere às atitudes que temos, sem que, necessariamente, apresentemo-nos tão somente como personalidades da luz ou da sombra.

São muitas as nuances que surgem quando somos defrontados com situações que exigem uma tomada de decisão. A própria parábola mostra essa possibilidade quando, de um lado, temos o filho que aceita a tarefa e não comparece para sua execução, e, de outro, o filho que nega, mas que muda de atitude após pensar melhor. Com base nisso, podemos observar três situações bastante comuns – os desdobramentos podem ser maiores ainda –, no momento evolutivo no qual nos encontramos, e que nos permite refletir um pouco sobre elas.

Temos, de um lado, o trabalhador que crê, simplesmente, porque lhe disseram que era preciso crer em um ser superior, sem a escolha pela razão; de outro, aquele que crê pelo entendimento e não obra; e por

último, aquele que não crê, mas que, raciocinando com lógica, num grande esforço intelectual, discernindo e refletindo sobre o convite ao trabalho no bem, transforma o “não quero” em ação produtiva.

Na primeira situação, temos aqueles trabalhadores que espalham inquietação e desânimo, pois iniciam um trabalho de caridade – qualquer que seja – e logo o abandonam porque o mundo não presta – por que vou esforçar-me? – ou porque não nasceram para executar tarefas que não tenham destaque; ou porque não se acham dignos de posição de evidência, e quando chamados a testemunharem essa humildade, logo se revoltam; ou porque, aproximando-se qualquer fé religiosa à espera de benesses imediatas, e não conseguindo, afastam-se alegando que tudo é mentira. Essas criaturas transitam entre lamentações e queixumes, de um altar para outro, de uma igreja para outra, com tempo suficiente para se sentirem perseguidas e desconsideradas. Nunca terminam a tarefa pela qual se responsabilizaram, lembrando o aluno que estuda continuamente sem aprender a lição.

Na segunda, surgem aquelas criaturas que creem e, ainda assim, vivem em paisagem improdutiva sem nada realizarem de útil a si e ao próximo. É o trabalhador de fé inoperante.¹³⁵ Recorda Emmanuel que podem ser comparados a motores preciosos dos quais ninguém se utiliza e que acabam por enferrujarem. Que são fontes que não se movimentam para fertilizar, nem o campo íntimo, nem o que estiver ao seu redor, e, estagnadas, sem utilidade, ficam repletas de lodo. São, enfim, luzes que não se irradiam. Na verdade, nessa situação, somos sementes guardadas que, sem serem cultivadas, não têm qualquer

135 _____ Lição 39.

serventia; ou aqueles seres que afirmam ter esperança nas obras que uma tora, que possuem, possa apresentar – móveis, casas, obras de arte etc. – sem que se disponham a usar as ferramentas necessárias para que isso ocorra. Certamente essa tora ali ficará, indefinidamente, até a sua desintegração.

E por fim, na terceira situação, temos os trabalhadores que tardam, que demoram a aceitar o convite ao trabalho no bem, mas, afinal, mudam sua forma de pensar e acabam por se tornarem, na maioria das vezes, grandes obreiros na Seara Divina.

"Qual dos dois fez a vontade do Pai?" – pergunta Jesus. "O segundo, responderam os discípulos", e ele completa o ensinamento, dizendo: "Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entrarão primeiro que vós no Reino de Deus".

A fé é sempre o caminho, mesmo que ela não seja ostensiva. A caridade – trabalho no bem – é o fim. A fé na essência é a semente de mostarda do ensinamento evangélico que crescerá na proporção do trabalho de elevação que realizarmos em nós. É a semente transformada em obras, beneficiando a tantos... Nas palavras de Emmanuel¹³⁶, a fé sem obras constitui embriaguez perigosa que nos convida a aguardarmos benesses sem esforço pessoal. É a atitude do assalariado que aguarda o pagamento sem ter trabalhado.

É importante não esquecermos que, quando nos dedicamos à ação, colocamos em movimento energias cósmicas que são acrescidas do poder divino. A nossa fé, nesse momento, é em Deus, que nos sustenta a tarefa, e

136 XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 16ª edição, Editora FEB, Brasília/DF – 1988 - lição 26.

em nossa capacidade de realização. A fé precisa ser revelada ao mundo através de nossas obras para a felicidade de muitos, pois somos cooperadores do Pai na construção de um mundo melhor. O nosso amor, através do trabalho, estimula o amor do outro. A nossa paz, conquista pessoal e intransferível, constrói a paz entre aqueles que nos cercam. A caridade nos nossos passos, através do exemplo, despertará a caridade no caminhar do outro. E com nossa fé inabalável na providência divina, semearmos a fé ao redor de nós mesmos.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo, novembro de 2006.

Filhos da luz

"Andai como filhos da luz" – Paulo. (Efésios, 5:8)

Cada criatura dá sempre notícias da própria origem espiritual. Se temos uma identidade como cidadãos, que determina local, data e ano de nascimento, a cor da pele, dos olhos, tipo de cabelo, e que nos tornam únicos entre bilhões de seres que caminham pelo planeta, por qual razão seria diferente em se tratando de nossa identificação espiritual? E por origem espiritual entendemos o estado evolutivo, o progresso moral que já tenhamos conseguido, resultado de nossas experiências vivenciadas até a presente encarnação.

Como cada um de nós tem uma história que lhe é própria, essa identificação, perante as leis divinas, é intransferível e se transforma numa espécie de impressão digital que imprimimos no Universo, e que nos identifica perante o Pai Celestial e Suas leis. É assim que nossos atos, palavras e pensamentos constituem informações vivas de como anda nosso campo mental em relação aos ensinamentos que Jesus veio nos trazer.

O Cristo não apareceu na Terra para ficar restrito a esta ou àquela crença, a este ou àquele povo, mas, sim, para transformar e aperfeiçoar vidas, com os próprios exemplos, com o próprio sacrifício, sob a inspiração do Pai Criador. E como tal, será sempre o Senhor da nossa existência, levando-nos com segurança em direção ao Reino dos Céus que, invariavelmente, queiramos ou não, começa dentro de nós.

O Apóstolo Paulo conclama-nos a andar como filhos da luz, como cristãos. E o que isso significa? Significa que não podemos dizer que somos cristãos se não conseguimos, ainda, praticar os ensinamentos que o Mestre nos legou. Senão, vejamos.

Se somos envolvidos em constantes pensamentos de aflição, de angústias, acabamos por envolver, também, a quem nos ouve, em atmosfera de desequilíbrio; se estamos mergulhados em tristezas, espalhamos desânimo em nossos passos; se cultivamos a irritação constante, muitas vezes sem motivos aparentes ou reais, bloqueamos todos aqueles que, gentilmente, procuram aproximar-se de nós; se mantemos o coração endurecido frente ao sofrimento do próximo, nunca alcançaremos a confiança daqueles que transitam conosco pelos caminhos da vida; se ainda mantemos afeição à calúnia e à maledicência, distribuindo veneno, contribuindo para que o mal e o desequilíbrio sejam alimentados em toda parte por onde transitamos, dificilmente conseguiremos amizades sinceras de companheiros bem-intencionados.

A nossa aproximação com o lado escuro da vida, ainda que não consigamos nos libertar disso, nesta existência, por causa do grau de comprometimento com o passado de escolhas infelizes que fizemos, não significa que não possamos nos libertar dessas correntes com esforço, perseverança e fé na Providência divina. Apesar de escolhermos, muitas vezes, o caminho mais tortuoso, imaginando-o o mais fácil, não significa que não possamos traçar novo padrão de vida.

É justo lembrar, por conta disso, das autoridades religiosas da época de Jesus, a quem Ele tanto advertia, chamando-os de hipócritas. Eram homens que como nós, hoje, cumpriam seus deveres públicos e privados,

respeitavam as leis estabelecidas, reverenciavam Deus e atendiam os preceitos da fé. Mas, para Jesus, a justiça que praticavam, assim como nós, hoje, deixava a desejar. Esquecemos ou não damos importância ao exame da qualidade de nossas ações diárias. Adoravam o Pai Eterno, mas não vacilavam em humilhar o irmão infeliz, julgando-o, continuamente, através de preconceitos de todos os quilates; repetiam as palavras das orações, mas não entregavam seus corações a Deus; eram corretos nos ritos religiosos, mas não desciam do pedestal do orgulho para ajudar o próximo, para perdoá-lo ou pedir perdão.

Mas, hoje, um pouco mais esclarecidos das nossas obrigações perante as leis divinas, temos condição de perguntar a nós mesmos: que escolha estamos fazendo para nós em todos os caminhos pelos quais transitamos? De que forma estamos conduzindo nossa existência? É para mudar esse padrão de vida, que o amor de Jesus nos conclama. Quando o Mestre encontra nosso coração transformado em santuário, nosso caminhar evolutivo é totalmente modificado. Não há mais na nossa vida espaço para adoração improdutivo e fé sem obras.

E ainda que possamos ser vistos por muitos, inclusive por aqueles que compartilham conosco do ambiente doméstico, como desajustados, tolos ou místicos, temos a consciência de que somos aprendizes do Evangelho, trabalhadores da Seara bendita que procuram dar novo sentido às suas existências.

O que era prazer ontem, hoje nada mais significa. Se tínhamos uma meta a ser alcançada, e hoje, entendendo que era ilusão, simplesmente deixamos de lado. Buscamos outras metas, com outros roteiros mais consistentes, mais reais...

Jesus levanta-nos e sustenta-nos para essas novas tarefas e, aos poucos, vamos dando conta do arrimo no qual nos tornamos para as dores alheias. Somos os aprendizes do amor do Cristo, firmes na fé e resignados diante das dificuldades que por ora não podemos modificar.

O estimado benfeitor espiritual Emmanuel, em exaltação aos trabalhadores da Seara divina, diz, com muita propriedade, que são felizes aqueles que espalham a esperança, e são bem-aventurados os seguidores do Cristo que suam e padecem, dia a dia, para que seus irmãos se reconfortem e se alimentem do Senhor.

Afirmou Jesus, destacando nossa condição de filhos da luz: "*Resplandeça a vossa luz diante dos homens*" (Mateus, 5:16). A ordem do Mestre de todos nós é para que iluminemos, através da prática dos Seus ensinamentos, a noite da ignorância, da maldade, da insensatez que envolve povos, instituições, pessoas... É impossível encontrar o caminho da libertação sem a luz do Cristo, sem o exemplo que já temos condição de dar, ainda que aprendizes do Evangelho de amor que Ele nos trouxe.

Mas, como não poderemos agir sozinhos, necessitamos do auxílio dos Mensageiros divinos para nos ajudarem a ajudar o próximo. E como poderão eles nos encontrar se não irradiarmos de nós, pela modificação das nossas predisposições íntimas, a luz necessária para isso?

Não ignoramos ser possível caminhar com luz alheia durante certo tempo, mas, por quanto tempo, sem que a queda nos encontre, sem que os donos dessas luzes se afastem para outros caminhos que ainda não podemos percorrer, porque não temos méritos para isso?

Como podemos observar, *nossa necessidade básica,*

nas palavras de Emmanuel, é "a de luz própria, de esclarecimento íntimo, de autoeducação, de conversão substancial do 'eu' ao Reino de Deus".¹³⁷

Difícilmente encontraremos alguém que não tenha passado por tentações, quaisquer que sejam elas, e atravessado períodos de desesperanças, de aflições imensas e de lutas que pareceriam inglórias. "Mas, hoje, todos nós, uns mais, outros menos, estamos transformados ao clarão das verdades divinas. Se ontem estávamos atolados em nevoeiros de desequilíbrios, hoje, certamente, podemos caminhar para frente, renascidos no amanhecer do conhecimento para o trabalho da luz."¹³⁸

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), maio de 2013.

¹³⁷ XAVIER, F. C. *Caminho, Verdade e Vida*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – 1997 – lição 180.

¹³⁸ _____ *Palavras de Vida Eterna*, ditado por Emmanuel - 20ª edição – Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ – 1995 – lição 143.

Herdeiros da Terra

"Bem-Aventurados os mansos porque eles herdarão a Terra." (Mt, 5:4.)

"Bem-Aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus." (Mt, 5:9.)

"O homem deve progredir. Sozinho, ele não pode porque não tem todas as faculdades; é-lhe preciso o contato dos outros homens. No isolamento, ele se embrutece e se debilita."¹³⁹

Toda Criação divina, não importa qual seja ela, depende da colaboração do outro e até mesmo do sacrifício de uns para a sobrevivência dos outros. É assim na Natureza, pois, entre as espécies, algumas precisam servir de alimento para que outras possam continuar. Uma árvore, por exemplo, precisa do Sol, do vento, da chuva para se desenvolver. A terra serve de recurso para que as formas que vivem sobre o solo e sob ele possam continuar existindo. Algumas espécies de animais são predadores de outras para que, nos dizem as Ciências, aconteça o equilíbrio entre elas.

Da mesma forma que existem recursos na Natureza para que o equilíbrio se faça, também entre nós eles existem. É sobre esses recursos que Jesus nos fala nessa bem-aventurança, convidando-nos a praticá-los em sua plenitude.

Percebemos, então, que em toda a Criação não existe isolamento entre seus indivíduos. Portanto, para progredir,

139 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos* – questão 768.

crescer material e espiritualmente, o homem necessita viver em sociedade, e contar com a bondade e o carinho do outro. Assim é quando nascemos, enquanto estamos sobre o planeta e quando morremos. Tantas vezes, enfermigos e aflitos, precisamos encontrar o equilíbrio para suportar as lutas diárias... E onde encontrá-lo senão junto das pessoas que estejam dispostas a nos ajudar?

Mas a quais recursos Jesus se refere nesse ensinamento? Fala-nos do recurso da simpatia que ajuda e compreende aquele que erra. Diz-nos da bondade que concede essa ajuda e perdoo, porque somos tão devedores quanto o que erra, amplia a misericórdia no mundo e fortalece a fraternidade entre todas as criaturas.

Quase sempre falamos em paz e não a praticamos; falamos em fraternidade e pouco a exercitamos; e quando nos predispomos a isso, não nos damos conta de que ela deve ser iniciada em nosso lar, através da bondade para com todos os que nos cercam, tratando os companheiros que nos acompanham, no cadinho doméstico, como tratamos nossos amigos ou convidados.

Muito falamos e pouco fazemos, e não conseguimos realizar quase nada daquilo que dizemos, porque nos falta paciência, virtude que é base de todas as outras. Falta-nos paciência para ensinar os outros, aprender com os outros, ouvir e compreender a todos que, assim como nós, caminham com as mesmas dificuldades e, às vezes, até maiores que as nossas, em direção ao Pai. Nem sempre damos ao outro o direito de pensar, agir e experimentar as oportunidades que a vida oferece, de forma diferente de nós. Poucas vezes, respeitamos cada pessoa e cada coisa em seu tempo, lugar e condição, procurando equilibrar nosso corpo e alma.

Nesse ensinamento, convite amoroso à mansidão e à doçura, Jesus sintetiza todos os sentimentos contrários à violência e todo desejo do homem que luta pela paz. Mas onde está essa paz tão desejada pelos homens de bem? Joanna de Ângelis lembra a todos nós que a paciência pode ser considerada a ciência da paz, porque ela representa a sua exteriorização e utiliza instrumentos não violentos para atingir seus objetivos. Assim, o homem que possui um coração manso traz essa paz dentro de si, porque a tem na sua consciência, pois sabe ser justo e tolerante com o justo e o injusto; com o bom e o mau; com quem acerta e com quem erra, pensando e agindo com coerência, procurando exercer a não violência no trato com os outros e com tudo aquilo que estiver ao seu redor. Para esse homem, qualquer dificuldade que surja em sua vida é tolerável, pois sabe esperar com paciência a chegada da solução. Não fica inerte, ocioso, mas compreende que, se estiver fazendo a sua parte, Deus também estará fazendo a Dele.¹⁴⁰

Entretanto, para que essa paz se instale, definitivamente, em nossos corações, é preciso ir buscá-la e revelá-la ao mundo através de atitudes de amor para com todos. Quando somos violentos com os outros ou com aquilo que nos cerca, estamos sendo violentos, certamente, conosco em primeiro lugar, e não conseguiremos a paz interior que tanto almejamos, como se fosse possível apenas ter desejo sem lutar para conquistá-la.

Por que Jesus disse que “herdarão a Terra aqueles que forem mansos”? Porque os que hoje assim procedem, já

140 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e o Evangelho - à luz da psicologia profunda*, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis - 1ª edição - LEAL Editora - 2000, pág. 69.

estão vivendo nela. Vivendo em plenitude os ensinamentos do Cristo, Suas promessas se cumprem ao herdarmos a Terra, agora transformada pelo sentimento de amor para com todos.

*"Do alto do monte, tomado de tristeza pelas desventuras humanas, o Senhor ensinava às multidões os meios de conquistar, com o trabalho por que passavam, o Reino de Deus. E a todos recomendava resignação na adversidade, mansidão nas lutas da vida, misericórdia no meio da tirania e higiene de coração para que pudessem ver Deus."*¹⁴¹

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – agosto de 2005.

¹⁴¹ SCHUTEL, Cairbar – Parábolas e Ensinos de Jesus – Casa Editora O Clarim, 14ª ed., Segunda Parte, pág. 130.

Jesus e nós outros

Todos nós desejamos estar ao lado de Jesus no trabalho de iluminação pessoal, quando buscamos realizar algo em razão da fé que possuímos. Esse desejo surge quando prestamos atenção no convite que Ele fez à multidão de aflitos e desalentados, proclamando que poderia nos aliviar se fôssemos até Ele. Disse o Excelso amigo: "Vinde a mim! Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei comigo, que sou manso e humilde de coração". Esse apelo vibra ainda nos dias de hoje, percorrendo todos os séculos de iniquidades, barbáries, desesperanças e opressões que marcaram e permanecem marcando o caminhar da Humanidade que vive sobre esse planeta.

Com "Vinde a mim!", o Mestre espera que O procuremos para a aquisição do ensinamento divino. Entretanto, nem todos os aflitos e desesperados pretendem renunciar ao objeto que os levam a aflições, desesperos e inquietudes. Preferem manter-se na sombra, fugindo do encontro com a luz.

Declara Emmanuel que "a maioria dos desalentados chega a tentar a satisfação de caprichos criminosos com a proteção de Jesus, emitindo rogativas estranhas. Todavia, quando os sofredores se dirigem sinceramente ao Cristo, conseguem ouvi-LO no silêncio das suas consciências que, despertas, entendem que é preciso parar e buscarem novos caminhos, fazer escolhas diferentes daquelas que os levaram ao sofrimento e ao vazio existencial.

O Mestre desceu para servir, a fim de aprendermos a trocar a sombra pela eterna luz; chegou das estrelas para

a manjedoura a fim de se fazer servo de todos, ainda que fosse o governador do mundo. De benfeitor, tornou-se perseguido; de Emissário do amor, transformou-se em vítima da ira, pois vinha colocar as coisas e as pessoas nos seus devidos lugares, segundo a Lei de Amor e não de acordo com a pequenez dos desejos e caprichos pessoais. Humilhou-se e apagou-se para que o homem se eleve e brilhe para sempre.

Muitos de nós, em relação ao trabalho na seara de luz, exigem que estejam cercados por companheiros iluminados, que não cometam erros, esquecendo-se da trajetória de Jesus que, do berço à cruz, para obter colaboradores iniciais de sua obra, foi obrigado a semear novos valores nesses homens, através de exemplos, palavras e pensamentos. Será que nós outros não devemos também agir como Jesus, dando exemplos de conduta ilibada e irrepreensível? Como exigir do outro o que nós mesmos ainda não temos para dar? Quantos de nós anseiam por dias sem problemas, um dia com céu azul e sem nuvens, tranquilidade e realizações de todos os sonhos? Evidentemente, ninguém se recusaria a tais momentos e, se possível, várias vezes durante a existência terrena. Mas, quando assim sonhamos, não querendo dificuldades ou apreensões, esquecemo-nos de que o amado Mestre, Nosso Senhor Jesus Cristo, passou pelo mundo vivendo dias e noites de trabalho e preocupações, incompreensão e fraqueza entre os próprios colaboradores.

Muitas vezes solicitamos entendimento e solidariedade nos momentos difíceis; desejamos ser o alvo das atenções, das considerações e do respeito alheio, ainda que nada tenhamos feito para merecer tais deferências, sentindo-nos desprezados, porque nada disso acontece e nossos desejos e caprichos não são atendidos. Será que nesses momentos

nos lembramos de que Jesus esteve absolutamente sozinho, experimentando a dor maior que a nossa? Será que nos recordamos da humilhação pública que sofreu com a bofetada, o coité e o ridículo?

Até quando, nas nossas ilusões fantasiosas de prepotência, arrogância, desprezo pelos outros, vamos nos esquecer que Jesus, servindo a todos com amor igual, sem preferências, foi tido à conta de feiticeiro e agitador comum? Até quando, exigindo tratamento distinto, com privilégios, deferências, vamos permanecer dormindo diante do quadro de seminudez de Jesus, entre dois ladrões, alvo do sarcasmo e desprezo da multidão?

A moral de Jesus é estranha para nós ou será que é o homem que estranha a moral ensinada por Ele? Ele trouxe uma doutrina de compreensão e bondade, ternura e compaixão que não pode ser comparada a qualquer atitude de agressividade dentro e fora de nós, seja essa agressividade ostensiva ou disfarçada. Sua proposta é de uma revolução espiritual, pois coloca a humildade acima do orgulho, o altruísmo acima do egoísmo e a compreensão e a bondade acima da intolerância. Como podemos perceber, são atitudes que contrariam nossos interesses pessoais e nossos desejos. Seu convite é de autoiluminação através da terapia espiritual, ou seja, da transformação dos nossos sentimentos, modificando comportamentos desajustados em comportamentos saudáveis.

Todos os ensinamentos que Jesus nos deixou nos convidam a aprender para resolver aquilo que é verdadeiramente importante para nós, e não o que supomos ser.

O Excelso Amigo ainda trabalha para nós, desde o primeiro instante da formação desse planeta abençoado,

que nos acolhe para mais uma reencarnação. Incansável, o Mestre permanece servindo e amando, sem recompensa, sem cobranças, estendendo Sua mão a todos os cansados e aflitos, buscando instituir o Reino de Deus em nossos corações, para que nos edifiquemos e crescamos em direção ao Pai Celeste.

Se Deus é nosso Norte, Jesus é o caminho, balizado pelos Seus ensinamentos, a nos conduzir com segurança, sem medos ou angústias, ao encontro do Celeiro de Amor que alimenta o Espírito, que sedenta nossa sede de justiça, que cura nossos males do corpo e da alma.

Quando o Mestre disse: "Vinde a mim, vós todos que estais fatigados e eu vos aliviarei", impôs, para a sua assistência e para a felicidade que promete aos aflitos, uma condição, condição essa implícita no exemplo que dava. Essa condição é a da própria lei que Ele ensina: o amor e a caridade para com todos. Ninguém como o Cristo espalhou na Terra tanta alegria e fortaleza de ânimo. E assim como nós esperamos por ele, Ele, igualmente, espera por nós.

O mundo se transformará para melhor se os homens também se transformarem. O Mestre precisa da cooperação de servidores encarnados para a Sua lavoura de luz, pois, se a Humanidade terrena não pode iluminar-se e progredir sem o Cristo, o Cristo não dispensa os homens na obra de soerguimento e sublimação do mundo. Amemos e trabalhemos, purificando e servindo sempre.

Lentamente, vamos avançando, fortalecendo virtudes e enfraquecendo as imperfeições morais. A nossa incapacidade de compreender, e muito menos de aceitar a necessidade de transformação das nossas predisposições íntimas, é natural, pelo momento evolutivo em que nos

encontramos. O Mestre sabe disso e por isso envia, a cada momento, oportunidades benditas de trabalho e renovação. Assim, onde estiver um seguidor do Evangelho, lembra o benfeitor espiritual Emmanuel, aí se encontra um mensageiro do amigo Celestial para a obra incessante do bem, pois **Cristianismo, meus irmãos, significa o Cristo em nós.** Que saibamos, então, aproveitar cada oportunidade.

Mundo, campo de trabalho!

"E disse-lhes: vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens." - Jesus (Mt, 4:19.). "Então lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes." - (Jo, 21:6.)

“Os círculos cristãos permanecem repletos de estudantes que se classificam no discipulado de Jesus, com enorme entusiasmo verbal, como se a ligação com o Mestre estivesse circunscrita a problema de palavras”, conforme judiciosa afirmação do benfeitor espiritual Emmanuel, na lição 58, do livro *Fonte Viva*, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Em verdade, a vida de cada um de nós é um conjunto de deveres distribuídos para conosco, para com a família e para com a humanidade inteira. E convenhamos, não é tão fácil desempenhar tudo isso com a aprovação plena das diretrizes evangélicas. Mas é preciso começar e, para isso, é imprescindível aparar nossas arestas, garantido o equilíbrio, para ajudarmos os que nos cercam e servir a comunidade na qual estamos inseridos. Se não nos retificarmos, semeando primeiro em nossa gleba e depois ajudando o próximo, mostrando como semear, conforme nos ensina Jesus na Parábola do Semeador, não mudaremos nosso roteiro e, a bem da verdade, já estamos ficando cansados de tantos desvios.

Para buscar a sublimação com o Cristo não há outro caminho a não ser ouvir Seus ensinamentos, assimilá-los, e nos dispormos com firmeza a vivenciá-los... É importante

reafirmar isso, porque facilmente encontramos aprendizes do Evangelho carregando consigo o peso das provas redentoras, sem seguir o Mestre, entregando-se à revolta, ao endurecimento, e tendo a fuga como a melhor escolha... Outros, parecem ligados a Jesus nas frases bem elaboradas e entusiasmadas, sem carregarem a cruz que lhes cabe, abandonando-a em portas alheias.

São aquisições difíceis de serem conquistadas, mas necessárias se quisermos atingir a verdadeira comunhão com o Divino Amigo. Sem a aceitação dos impositivos do bem e a obediência aos padrões do Senhor, permaneceremos imantados ao planeta sem qualquer condição de levantar voo em direção à liberdade espiritual.

Devemos nos empenhar em sair do casulo do orgulho e do egocentrismo aos quais nos recolhemos, procurando nos integrar num sistema existencial caracterizado pela convivência fraterna: interação e auxílio ao próximo. Não basta, portanto, o esforço da aquisição do desenvolvimento das virtudes. É preciso ir além, muito além... Sair de nós e caminhar em direção aos necessitados de amparo, não importa quem, quando e nem onde.

Os novos tempos nos convocam a colaborar na obra divina de melhoria espiritual da humanidade, em que se procura eliminar o egoísmo que, como chaga moral, neutraliza os mais valorosos impulsos de progresso. Neste sentido, a Doutrina Espírita fornece os instrumentos do entendimento, do reequilíbrio e da sensatez, necessários ao agir com acerto.

Toda tentativa de burlar a Lei Divina transforma-se em desastroso espetáculo de dor, angústias e culpas. A remissão será, então, a única alternativa possível ao

retorno do equilíbrio.

Se a cada recomeço, ainda que de sofrimentos, conseguirmos compreender que falimos como usufrutuários das benesses divinas, a caminhada à recomposição será mais leve, caso contrário, estaremos somando aos débitos que já fizemos com a contabilidade divina, novas dívidas que tornarão cada recomeço um fardo cada vez mais pesado.

Ainda permanecemos indisciplinados, administrando ou obedecendo ao Cristo, interpretando-O como se Ele fora conivente com nossas rebeliões individuais. Todavia, em momento algum, encontramos qualquer programa de Jesus nesse sentido. E nem poderíamos saber, ainda que tentemos, na busca de quem queira nos ouvir e acreditar, o que o Governador da Terra fará com nosso planeta redimido.

Assevera Emmanuel¹⁴² que o Mestre nunca Se apresentou como reformador de políticos, viciados pelas más inclinações de governadores e governados de todos os tempos. Ao contrário, anunciou-nos a Celeste Revelação para nos salvar e nos libertar dos próprios enganos, afastando-nos do egoísmo que ainda nos prendem ao chão do materialismo.

Nossa posição hoje, diante do Cristo, é de iniciantes do apostolado evangélico: "Cristo libertando o homem das chagas de si mesmo, para que o homem limpo consiga purificar o mundo. O reino individual que puder aceitar o serviço libertário do Salvador encontrará a vida nova".¹⁴³

O Espírito da Verdade afirma³ que estamos no tempo

142 XAVIER, F. C., *Vinha de luz*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 14ª edição – Editora FEB – Brasília/ DF – Lição 58 - 2005.

143 *Idem, ibidem*.

em que se cumprirão as profecias referentes à transformação da humanidade e que serão felizes todos aqueles que tiverem trabalhado no campo do Pai com desinteresse e movidos apenas pela caridade. Mas infelizes daqueles que pelo abandono da tarefa retardaram a hora da colheita, porque serão levados no turbilhão. *"Nessa hora clamarão: Graça! Graça! Mas o Senhor lhes dirá: por que pedis graça se não tivestes piedade de vossos irmãos, se vos recusastes a lhes estender a mão, e se esmagastes o fraco em vez de socorrê-lo? (...) Nada tendes a pedir."*

Se somos cooperadores de Deus, é necessário sermos Seus fiéis trabalhadores. O Pai ajuda as criaturas através da própria criatura. A desculpa de que alguns se proclamam pecadores, e tão maus que se sentem inabilitados ou incompetentes para qualquer serviço na obra cristã, faz com que seja esquecida a necessidade que temos de trabalhar na própria melhoria, e que somente através do concurso amoroso em benefício do próximo, atingiremos o nosso objetivo.

Mas as portas da colaboração com o divino amor permanecem abertas constantemente, e quem se dispuser ao trabalho com as Altas Esferas, ouvirá o chamado para o serviço no bem.

Como podemos observar, o amor ao próximo é a base segura na qual nos formaremos para a construção da nossa evolução espiritual. Temos sido filhos perdulários, dependendo preciosas energias em numerosas existências, desviando-nos para caminhos obscuros em terrenos perigosos de onde sairemos para pesadas retificações reencarnatórias.

Todavia, já possuímos alguns conhecimentos, pela misericórdia divina, que nos alertam, mostrando que já é

tempo de cooperarmos fielmente com Deus, no desempenho dessa tarefa humilde no mundo, nosso campo de trabalho.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), em maio de 2020.

Na conquista da liberdade

"Fostes chamados à liberdade, mas não useis a liberdade, favorecendo a devassidão; ao invés disso, santifiquemos a liberdade, através do amor, procurando servir." Paulo (GALATAS, 5:13.)

Meditemos na liberdade com que o Cristo nos libertou das algemas da ignorância e da crueldade, pois é dessa liberdade que o apóstolo Paulo nos fala.

Ninguém na Terra foi mais livre que o Divino Mestre. Livre até mesmo da posse, da tradição, da parentela, da autoridade. Entretanto, ninguém mais do que Ele se fez escravo dos Desígnios Superiores, para beneficiar e iluminar o mundo, assevera o benfeitor espiritual Emmanuel, no livro *Palavras de Vida Eterna*, lição 133.¹⁴⁴

Fala-se muito em liberdade para os jovens, pede-se liberdade para as crianças, mas, se tivermos um olhar atento ao que acontece ao redor das nossas vidas, perceberemos a necessidade da disciplina para um crescer saudável e seguro. O volante sem obediência às leis do trânsito, por exemplo, leva a desastres dolorosos para todos os envolvidos.

Buscar a liberdade em Jesus é vivenciar Seus ensinamentos. Não é tê-lo apenas ao nosso lado, mas dentro de nós. É compreender o significado das Suas palavras de que estaria conosco até o final de todos os séculos, até que aprendêssemos. Somos milhões de seres

144 XAVIER, F. C. – *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição, Edição CEC, Uberaba/MG – lições 17, 28 e 133 – 1995.

que passam pela vida como se fosse um parque de diversões. Olhamos tudo e não percebemos nada. Experimentamos um pouco aqui, um pouco ali, sem nos darmos conta do que ocorre em torno de nós. E podemos citar o descaso, o desprezo ou a indiferença com o que acontece com a Natureza da qual somos parte integrante, pois precisamos dela para sobreviver.

Assim, presos às algemas da indiferença e da preguiça, muitos de nós não se recordam de fazer algo pelo bem coletivo, necessitando sempre de alguém que nos acorde para essa realidade, para a liberdade que temos de realizar algo pela comunidade na qual estamos inseridos. E não falamos de grandes realizações, mas de pequenas atitudes que sirvam de exemplos para aqueles que nos acompanham nesta jornada sobre o planeta que nos recebe tão gentilmente nessa nova reencarnação. É o papel no chão, é o uso indevido de vagas reservadas aos idosos e cadeirantes; é o saco de lixo na via pública, entupindo os bueiros; é o uso indevido de lugares reservados a passageiros especiais no transporte coletivo; é o desrespeito, enfim, com tudo aquilo que é de todos nós, como se fosse propriedade particular.

Os benfeitores espirituais alertam para um fato bastante interessante em relação a isso: se já temos algum conhecimento evangélico, podemos, além de fazer a nossa parte, ajudar esses companheiros, que ainda se encontram algemados em ilusórias fantasias, a se reerguerem. E a melhor maneira é mostrar a eles que é possível, sim, fazer alguma coisa pelo semelhante, pela vida que pulsa ao redor.

Emmanuel, lembra, ainda, que não basta recomendar a alguém que faça isso ou aquilo, desta ou daquela forma. Quem receita virtude e serviço deve preparar o

entendimento do outro através do exemplo. É semelhante ao professor que exige do aluno a leitura de um texto, sem ensiná-lo a ler.¹⁴⁵

A advertência do apóstolo Paulo sobre o uso da liberdade é bastante expressiva, porque o maior valor da independência relativa que desfrutamos reside na possibilidade de nos ajudarmos mutuamente, glorificando o bem, exaltando o amor ao próximo, como o Excelso Amigo nos convida a fazer.

Somos invigilantes em relação às nossas condutas do dia a dia, e poderemos ser surpreendidos por pessoas que procuram nos constranger a ler a cartilha da realidade pelos seus olhos – e não pelos nossos –, e a interpretar os ensinamentos do cotidiano pelas suas cabeças – e não pelas nossas. Desfiguram os preceitos da verdade, fantasiam fatos, armam ciladas para nosso orgulho e nosso egoísmo – ainda tão presentes nesta existência planetária –, levando-nos à rebelião, ao pessimismo, à viciação e à inutilidade. Somos alvos fáceis porque ainda não despertamos para a verdade do Cristo que nos convida, constante e incansavelmente, à modificação de nossas disposições íntimas para o crescimento espiritual. Somos renitentes, porque insistimos em saber mais do que Ele; em imaginar que conhecemos mais nossas necessidades do que Ele; e em pensar que temos muito tempo pela frente e que é preciso “aproveitar a vida”.

Convém, pois, nos acautelarmos para não sermos limitados na nossa liberdade de agir, pensar e sentir. Jesus nos converte em filhos emancipados da Criação e não em escravos de sistemas fantasiosos. Melhor será ficarmos vigilantes em relação ao que Jesus nos ensinou, sem

145 _____ - *Fonte Viva*, 31ª edição, FEB, Rio de Janeiro/RJ – lição 172 – 2005.

deturpações, sem ilusões vãs, sentindo, verdadeiramente, a necessidade de encontrar essa ampliação em amor e sabedoria, através do trabalho no bem, do conhecimento da verdade que liberta e da iniciativa de procurar o melhor caminho para nos tornarmos bons.

Insiste Emmanuel em lembrar que o homem gozará sempre de liberdade condicional e, dentro dela, poderá alterar o curso da própria existência pelo bom ou mau uso de semelhante faculdade, nas relações com os outros. Todavia, é forçoso reconhecer que são poucos os que usam da liberdade que possuem de forma edificante.

É possível destacar algumas situações em que isso acontece: diante do ofensor, escolhemos a represália, mesmo que mentalmente; diante da calúnia, preferimos o revide; diante de momentos de incompreensão, no lugar da fraternidade e benevolência, reclamamos reparação. Deus concede, sim, relativa liberdade a todos nós, mas observa-nos a conduta. Por tudo isso, é importante entender que, se quisermos ser livres, precisamos aprender a obedecer, assimilando do Cristo o senso de disciplina, trabalhando na extinção dos vícios e imperfeições morais, combatendo nossa rebeldia às leis divinas, tão presente nas atitudes que mantemos, porque queremos ter nossos caprichos e desejos atendidos, independentemente de serem úteis ou não para a necessária evolução espiritual.

Essas atitudes de desalinho em relação aos ensinamentos do Mestre mantêm-nos, ainda, presos às coisas da Terra, escravos de sentimentos contrários ao amor que Ele veio nos ensinar, fazendo com que permaneçamos padecendo aflições, angústias, medos... A ingratidão, a incompreensão, a hipocrisia são algumas algemas pesadas que nos retêm nesses estados de

desequilíbrio e sofrimentos. Precisamos sair da sombra do "faço o que quero" para a liberdade do "devo servir", que gera progresso e sublimação.

"É justo refletir sempre quanto a tudo isso, porque somente quando atendemos, em tudo, os ensinamentos vivos de Jesus, é que poderemos quebrar a escravidão do mundo em favor da libertação eterna." – afirma o estimado benfeitor espiritual.

E se já alcançamos um raio de luz do Evangelho, avancemos na direção do Divino Libertador, Nosso Senhor Jesus Cristo. Sabemos que não é fácil tal viagem, mas, com determinação, conseguiremos, ainda que pelo caminho possamos encontrar quem nos convide à indisciplina e à estagnação. O Mestre está no leme e nós temos força para remar. Prossigamos, pois!

Pub. – Revista eletrônica O Consolador – edição nº 574.

Na renovação de cada dia

"Ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova dia a dia." - Paulo (II Coríntios, 4:16.)

Na segunda carta ao povo de Corinto, em trecho bastante significativo, Paulo de Tarso, o apóstolo do Cristo, afirma a superioridade dos ensinamentos de Jesus, a necessidade de transformação das consciências, o viver pela fé, pelo Espírito - essência desses ensinamentos - e não pela escrita e atos exteriores. Insiste que a renovação da alma se efetua pelo trabalho que ela realiza para o bem de todos. Fala de suas atribulações, demonstrando a grandeza de sua alma, dizendo textualmente: *"somos atribulados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não aniquilados; embora em nós, o homem exterior (referência ao corpo físico) vá caminhando para a ruína, o homem interior (referência ao Espírito) se renova dia a dia"* (...) *"O que se vê",* prossegue ele, *"é transitório, mas, o que não se vê, é eterno"*.

A afirmação de Paulo é correta. Jesus havia dito que cada um receberia de acordo com o que tivesse realizado de bem e de bom, de nobre e justo para si e para todos aqueles que lhe compartilhassem a existência. Por esta razão, o trabalho espiritual de renovação, de transformação na forma de sentir, pensar e agir é, segundo o ponto de vista de Jesus e da afirmação do apóstolo, material importante para o nosso aperfeiçoamento evolutivo. Para tanto, não poderemos nos deixar iludir pela transitoriedade da matéria e, sim,

procurarmos fincar a semente do amor e da caridade em nossos corações, amando e edificando em nosso íntimo a humildade, a mansuetude, vigiando nossos pensamentos e orando para que Deus ilumine nossos caminhos, com a determinação e a real vontade de cumprir os compromissos assumidos com a Espiritualidade maior.

Em virtude da Lei de Progresso, tendo cada Espírito a possibilidade de conquistar o bem que lhe falta e libertar-se do mal, de acordo com seus esforços pessoais e a sua vontade, resulta que o futuro estará aberto para qualquer criatura. E isto é, sem dúvida, uma grande notícia. Visto desta forma, o sofrimento é inerente à imperfeição, como a felicidade é inerente à perfeição. Cada um leva, portanto, em si próprio, onde quer que se encontre, as consequências naturais das suas escolhas ilusórias. Por exemplo, a doença decorrerá dos excessos, e, o tédio, da ociosidade.

Então, o mal e o bem que praticamos são resultados das boas ou das más qualidades morais que possuímos. Pela Justiça divina, as atribulações, as dificuldades pelas quais passamos, nesta encarnação, vão variar segundo a natureza e a gravidade das escolhas que tivermos feito ou fizermos ainda. De qualquer modo, independentemente de sermos Espíritos cordatos ou rebeldes às leis divinas, Deus nunca nos abandona.

Entendemos, assim, que para melhorar a vida futura – muitas vezes ainda nesta existência – precisaremos nos desfazer das imperfeições morais da vida presente, pois *"cada dia tem sua lição, e cada experiência deixa o valor que lhe corresponde"*, segundo leciona Emmanuel, no livro *Fonte Viva*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, lição 141. Todavia, o trabalho de renovação das disposições íntimas vai exigir, de todo aquele que se

proponha a executá-lo, perseverança e determinação. Perseverança, por causa da necessidade da repetição contínua e sistemática na correção do desvio feito nos caminhos da existência, e determinação para que não se abandone o comprometimento com essa nova atitude.

Importante notarmos que as ideias fantasiosas que temos sobre renovação deixam-nos presos, acorrentados a outros erros, e iludidos na certeza de que a estamos realizando. Isso é um alerta para que repensemos, mais uma vez, nas nossas predisposições diante dos problemas da vida e das pessoas com as quais convivemos. Quase sempre, por desconhecimento, apenas trocamos o nome, o rótulo de antigos enganos, que insistimos em manter – nos agrada tal situação –, distorcendo o verdadeiro significado de tal fato. Esse engano, parece-nos, está ligado a essa noção equivocada de que estamos, realmente, comprometidos com a mudança, mas não estamos ainda.

As situações, nas quais somos chamados a dar testemunho daquilo que já aprendemos – e quase sempre supomos que já o fizemos –, constituem-se em excelentes vitrines para essas observações. São armadilhas que surgem para que nos testemos, para que tenhamos um parâmetro da nossa evolução, para que possamos medir o quanto, ainda, a paciência, a tolerância com as diferenças, o entendimento fraterno a quem nos agride, a capacidade de perdoar e esquecer e tantos outros, que imaginávamos já dominar, estão longe do ideal da prática amorosa que Jesus nos ensinou. São decepções que infligimos a nós mesmos e que sacodem a nossa acomodação, no pouco que fizemos, mas que supomos ser muito. É importante lembrar aqui que qualquer avanço na senda do progresso é louvável e, às vezes, requer muito esforço de quem o executa.

O que não pode ocorrer é a estagnação desse movimento renovador, com a justificativa de que muito já foi feito. Isso nos desequilibra e nos adoce física e emocionalmente, permitindo que, inúmeras vezes, sejamos alvos fáceis de aproximação de outras mentes em desalinho, sejam elas encarnadas ou desencarnadas. Por essa razão, a superação de sentimentos inferiores, sob o ponto de vista de Jesus, como os de revide, vingança, vaidade, personalismo, por exemplo – expressões do egoísmo na vida de relação –, é de vital importância para a recuperação e manutenção do equilíbrio e da harmonia no âmbito da vida íntima. É essa condição que nos permitirá não ser feridos pelas situações aflitivas e conflitantes que nos cercam, proporcionando outro olhar sobre essas armadilhas, um olhar com objetividade, dando a cada situação o justo peso de importância. Poderemos citar, como exemplo, o sofrimento de uma mãe porque o filho deixa o quarto desarrumado, enquanto fica ouvindo música, esquecendo-se de dar graças a Deus por ele estar em casa e não perdido nas ruas pelo vício.

Para que isso ocorra, faz-se mister buscar conhecer nossos sentimentos – raiz de nossas escolhas –, dimensioná-los, estabelecendo prioridades para serem trabalhadas, com foco nas suas transformações, partindo do mais simples e, portanto, do mais fácil – aquele mais imediato, mais próximo, que está mais claro para nós – para o mais complexo e mais difícil. Um exemplo comum: a maneira diferente de fazer as tarefas gerando brigas; objetos fora de lugar. São situações às quais é dada uma importância que elas realmente não têm. O mais importante nesse processo, em última análise, é ter a coragem de identificar esses sentimentos malsãos, iniciar a tarefa de renovação e, depois, permanecer nesse caminho.

Passeando entre a luz e a sombra, a razão e a emoção, nunca acertaremos a rota se não nos comprometermos com a mudança e perseverarmos nela, mesmo que tenhamos de refazer os passos mil vezes.

Muitos de nós creem que somente a fé em Deus seja suficiente para que essas mudanças ocorram. Entretanto, a proposta de renovação, a qual Jesus nos convida a realizar, transcende a simples fé divina. Ela vai além e toca na essência do Espírito, na vontade genuína de realizá-la. Daí a presença dessas duas forças transformadoras em nós: a fé humana e a fé divina, porque, ainda que se aceite a soberana presença de Deus em nossa vida; ainda que a fé nos leve a adorá-lo em Espírito e Verdade; ainda que a Natureza O revele através das belezas que nos cercam, se não O sentirmos e mostrarmos isso ao mundo, através de nossas atitudes, nada terá sentido. Aceitar a Sua presença e não vê-lo no próximo é cegueira mental; adorá-lo em Espírito e Verdade e só colocá-lo em altares terrenos é diminuir-lhe a majestade; e vê-lo revelado em Suas obras e não entendê-lo é olhar-se no espelho e não o reconhecer em si mesmo, pois somos uma de suas obras.

É na busca dessa identidade com o Criador que reside nossa luta renovadora. "*O Pai e eu somos um só*", disse Jesus, mostrando que, somente pela superação de nós mesmos e da materialidade na qual insistimos em permanecer, seremos livres e nos reconheceremos, finalmente, como filhos de Deus.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 609

No auxílio a todos

"Pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida justa e sossegada em toda a piedade e honestidade." – Paulo¹⁴⁶

Se observarmos nossas conversas e nossas preces, poderemos notar que, na maioria das vezes, nos lembramos das dificuldades e das aflições dos menos felizes no mundo. Quase sempre nossos pensamentos e palavras se voltam para os enfermos, para os desesperados, afundados na miséria ou vitimados por flagelos naturais ou públicos. Para essas criaturas somos capazes de relacionar suas necessidades e tentar ajudá-las, na medida das nossas possibilidades.

Todavia, Paulo, nessa carta ao seu amigo e companheiro de luta Timóteo, nos lembra que não são apenas os menos afortunados que precisam das nossas preces ou dos nossos pensamentos amorosos, mas, sobretudo, aqueles que de posse dos cargos de mando ou de riquezas imensas são muito mais tentados aos erros que os primeiros. A oração, marco renovador de nossas forças, propicia-nos, sobremaneira, a oportunidade de nos voltarmos para essas criaturas que, sob o peso da autoridade, comandam, dirigem, orientam, esclarecem e instruem. Esquecemo-nos, quase sempre, dos tormentos que vivem esses corações quando precisam decidir o destino de tantos, arcando, perante as leis dos homens e as Leis de Deus, com a carga de responsabilidade sobre

146 PAULO, I Timóteo, 2:2.

suas escolhas.

Longe deveríamos estar da cobiça que esse poder confere, pois não ignoramos que, a cada um sendo dado segundo as suas obras, nos levará a tentações e provas ocultas de toda espécie, das quais, dificilmente, como coletividade, tomamos conhecimento. Quantas dúvidas, quanto desespero abrigam, muitas vezes, esses corações encaminhados a essas tarefas. Quantas vicissitudes experimentam que muitas, podemos ver, acabam por se refletirem nas decisões que tomam.

Se examinarmos nossa vida diária e prestarmos atenção às inúmeras vezes que tivemos de fazer escolhas, que não envolviam apenas a nós, nossa vida, mas a vida das pessoas que nos cercam; e se nos lembrarmos das imensas dificuldades que experimentamos pelo medo de errar, pela incerteza de se estar fazendo ou não o melhor, é fácil entendermos a proporção das dificuldades daquele que é encaminhado à eminência do poder, e que deve fazer escolhas que envolvem, muitas vezes, uma nação.

A própria história da humanidade nos mostra esses homens levando seus rebanhos como pastores enlouquecidos, carregando aflições de todos os tipos, que se projetam sobre as ovelhas que deveriam conduzir nos caminhos do equilíbrio e da prosperidade.

De um lado, os condutores desequilibrados; de outro, homens conduzidos que recolhem para si essas atitudes - como se fossem corretas -, sem se darem conta de que estão sendo atirados às calamidades físicas e morais, a moléstias coletivas de longo curso, que atrasam a evolução e atormentam a vida. Homens que não colocam, sob o crivo da razão, a lógica de suas escolhas, sejam elas de comando ou, simplesmente, de aceitação.

O Apóstolo Paulo lembra, em sua carta, que esses homens também são nossos irmãos, conduzidos à excelência do poder e da fortuna, da administração ou da liderança, carregando, em todos os momentos, tentações e provas de todas as espécies e levando consigo, através de estados conscienciais de luz ou sombra, as consequências advindas dessa condução.

Recorda-nos, também, Emmanuel, das vezes em que, examinando a conduta desses companheiros, nessa ou naquela circunstância difícil, condenamos suas dificuldades morais, esquecendo-nos dos dias de cinza e de pranto em que o Senhor nos susteve a queda a poucos milímetros da derrota. Porém, mais grave do que isso, é acreditarmos que não mais teremos problemas pela frente, julgando com severidade e impiedosamente, como se fôssemos incapazes de cometer os mesmos enganos, se colocados na posição do outro, envolvidos nas mesmas circunstâncias e experimentando as mesmas dúvidas.

Todo serviço que deixarmos incompleto na retaguarda encontrar-nos-á no caminho, para que o terminemos. E “qualquer que seja esse remate a ser feito, em todas as nossas lutas, o fecho do amor, em nome de Jesus, será o selo da paz a nos nortear a jornada”.¹⁴⁷ A pedra que atirmos em telhado alheio voltará com o tempo sobre nosso próprio teto; assim como o veneno que destilarmos sobre a esperança de quem quer que seja retornará sobre nossa esperança, nos testando a resistência. E quantos de nós já não experimentam, hoje, do próprio veneno?

Emmanuel diz: “Não nos esqueçamos, pois, da oração pelos que dirigem, auxiliando-os com a bênção da simpatia e da compaixão, não só para que se desincumbam

147 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 20ª edição - Edições CEC, Uberaba/MG - 1995 - Lição 39.

zelosamente dos compromissos que lhes selam a rota, mas também para que vivamos, com o sadio exemplo deles, na verdadeira caridade uns para com os outros, sob a inspiração da honestidade, que é a base de segurança em nosso caminho”.¹⁴⁸ E se a nação é conjunto de cidades, se a cidade é um agrupamento de lares e se o lar é um ninho de corações, não nos iludamos, pois, ao pretender imaginar que apenas aqueles que estão na posse do poder temporário têm obrigações com a sociedade. Cada um de nós, no nosso lar, é o responsável pela harmonia e pelo progresso de todos os outros que compõem esse grupo.

A harmonia começará, sempre, no íntimo do nosso ser: “Não faço nada para não ter trabalho depois” – e isto é inércia e não harmonia –, quando deveria ser: “Porque procuro modificar minha forma de ver o outro para, procurando ser uma pessoa melhor, compreender suas dificuldades, seus limites e, através do meu exemplo, ajudá-lo a evoluir junto comigo”.

Lembra-nos ainda, mais uma vez, o Instrutor Emmanuel que mesmo havendo razões de queixa, que sejamos a cooperação para que o equilíbrio seja restaurado e a consolação que refaz esperanças, ainda que espinhos nasçam e se espalhem. É imprescindível reafirmarmos, a cada dia, o compromisso do serviço junto a Jesus, silenciando sempre onde não possamos agir em socorro do próximo. Só podemos cobrar dos outros aquilo que já faz parte da nossa forma de viver e de entender o mundo e as pessoas. Vamos assim, antes de criticar, examinar como procedemos em nosso círculo de existência.

Por sermos todos Espíritos endividados com as leis

148 _____ Lição 40.

Divinas, não nos esqueçamos de que ninguém fugirá ao julgamento da Lei Eterna. Desta maneira, quando nos recolhermos em preces ou quando em reuniões esclarecedoras, lembremo-nos de pedir, de suplicar a Deus, inspirados na prece do Espírito Cerinto, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, em novembro de 1955:

“Não pelos que choram, mas pelos que fazem as lágrimas. Não pelos que padecem, mas supliquemos bênçãos para todos aqueles que provocam o sofrimento. Não lembremos a Deus os fracos da Terra, mas recordemos quantos se julgam poderosos e vencedores. Não intercedamos pelos que soluçam de fome, mas roguemos amor para os que furtam o pão.

Elevemos nossos pensamentos ao Senhor Todo Bondoso... e não entreguemos a Ele os que sangram de angústia, mas sim os que golpeiam e ferem.

Não peçamos pelos que sofrem injustiças, mas roguemos por aqueles que são empreiteiros do crime. Não apresentemos a Ele os desprotegidos da sorte, mas roguemos Seu amparo aos que estendem a aflição e a miséria. Não imploremos o favor de Deus para as almas traídas, mas supliquemos o socorro para os que tecem os fios envenenados da ingratidão.

Ergamos nossas súplicas ao Pai compassivo para que Ele estenda suas mãos sobre os que vagueiam nas trevas... E roguemos a Ele que anule o pensamento insensato; que cerre os lábios que induzem à tentação; que paralise os braços que apedrejam e que detenha os passos de quem distribui a morte.

Rogamos, em verdade, Senhor, por todos nós, os filhos do erro, porque somente assim, Pai de Misericórdia,

poderemos construir o paraíso do Bem com todos aqueles que já O compreendem e obedecem a Suas leis eternas, porque justas e verdadeiras, a fim de que se extinga o inferno daqueles que, como nós, se atiram desprevenidos aos loucos redemoinhos do mal”.

Que o Mestre Jesus nos guarde nas decisões acertadas e nos inspire para que continuemos lutando na melhoria de nós próprios.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), em outubro de 2009.

No deserto do silêncio

"E ele lhes disse: vinde vós aqui, à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco." (Marcos, 6: 31.)

No livro *Caminho, Verdade e Vida*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, lição 168, o estimado benfeitor Emmanuel adverte: *"Nossa mente sofre sede de paz, como a terra tem necessidade de água fria. Vem a um lugar à parte, no país de ti mesmo, a fim de repousar um pouco. Esquece as fronteiras sociais, os controles domésticos, as incompreensões dos parentes, os assuntos difíceis, os problemas inquietantes, as ideias inferiores. Concentra-te, por alguns minutos, em companhia do Cristo, no barco dos teus pensamentos mais puros, sobre o mar das preocupações cotidianas... Basta que te cales e Sua voz falará no sublime silêncio".*

Com este convite ele nos conclama à calma para a reflexão: estamos cansados de fazer e desfazer caminhos? As perturbações dos ambientes que frequentamos nos angustiam? Sentimentos contraditórios que passeiam entre a luz e a sombra atormentam nossos corações? Tudo isso é natural se levarmos em conta o momento evolutivo pelo qual todos nós, habitantes deste mundo de provas e expiações, estamos passando. Em verdade, testemunhamos dolorosas recapitulações por escolhas infelizes, mal conduzidas, em passado longínquo, ou nem tanto, sendo muitas delas na atual experiência terrena, que nos trazem tantas aflições.

Todavia, ante a lição, é preciso buscar o entendimento sobre ela através da meditação. Se temos sofrimentos em

nossa existência, também temos luzes e é preciso reconhecê-las pelo coração. O apóstolo Paulo de Tarso, na II Carta a Timóteo, capítulo 2, versículo 7, diz que é preciso examinar, refletir sobre o que ele, Paulo, diz, porque o Senhor nos dará entendimento em tudo, se prestarmos atenção aos ensinamentos de Vida Eterna que Ele nos envia, porque em retribuição à nossa real vontade de melhora pessoal, tudo entenderemos.

"Vinde vós aqui, à parte, a algum lugar deserto, e repousai um pouco", asseverou o Mestre a todos os discípulos do Evangelho, de todas as épocas. E cabe a cada um de nós, individualmente, aprender o caminho para esse lugar onde Jesus nos espera para o repouso devido ante as lutas diárias. Entretanto, se necessitamos encontrar o caminho para esse refúgio, da mesma forma precisamos saber que "lugar à parte é esse". Sem dúvida, como todos os ensinamentos evangélicos, esse também vem como símbolo precioso, representando nosso coração, santuário íntimo, sempre sequioso de amor e luz. Em momento algum se referiu Jesus aos desertos do mundo ou a lugares comuns na Natureza, que favoreçam a meditação. Ele vai além, muito além. Refere-se ao lugar silencioso dentro de nós mesmos, onde ouviremos Sua voz doce e amorosa para o reconforto do nosso espírito.

O convite para buscarmos esse lugar em nós é cada vez mais oportuno nos dias que se seguem. Em todos os cantos da Terra, sejam nas ruas, estradas, transportes coletivos, existe uma multidão de seres que vão e vêm angustiados, temerosos pelos interesses imediatistas, sem tempo e sem vontade para a recepção do alimento espiritual. Quantas pessoas atravessam a existência terrena famintas pelas posses materiais, pelas aventuras emocionais, voltando sempre desiludidas ou entediadas?

Nunca houve tantos templos de pedra para as manifestações de religiosidade cujos dirigentes, muitas vezes, só se preocupam com a manifestação externa, com os ritos que atraem tantas criaturas ingênuas que, na busca de soluções imediatistas para seus problemas, deixam-se enredar pelas vilanices desses exploradores da fé, que deveriam levar o reconforto, o consolo e o esclarecimento a elas.

O mundo moderno facilita a vida de todos nós com o progresso que proporciona, porém, é verdade, também, que nunca se viu tanto sofrimento, tanta desesperança, discórdias, medos, guerras...

Os ensinamentos de Jesus não se fixam no mundo externo e, sobre isso, Emmanuel afirma judiciosamente no livro *Fonte Viva*, lição 147, o seguinte: *"Como acontecia nos tempos da permanência de Jesus no apostolado, a maioria dos homens permanece no vaivém dos caminhos, entre a procura desorientada e o achado falso, entre a mocidade leviana e a velhice desiludida, entre a saúde menosprezada e a moléstia sem proveito, entre a encarnação perdida e a desencarnação em desespero". (...)* *"Refugia-te no templo à parte, dentro de tua alma, porque somente aí encontrarás as verdadeiras noções da paz e da justiça, do amor e da felicidade reais, a que o Senhor te destinou".*

Todo discípulo do Evangelho precisa de coragem e de real vontade para realizar os serviços de redenção em si mesmo. Esse caminho é repleto de espinhos e a preparação para essa caminhada vai requerer algumas renúncias e alguns sacrifícios, e por isso mesmo a disciplina, o estudo, o esforço e o próprio trabalho serão importantes ferramentas para o sucesso da empreitada. Essa carga, na maioria das vezes, assusta, e muitos

desistem antes mesmo de começarem. Por isso muitos são os escolhidos e poucos os que se apresentam. É um trabalho diário para que aprendamos a nos renovar no espírito do Mestre, compreender Seus ensinamentos e o nosso semelhante. Para que isso aconteça, mister se faz que o silêncio íntimo aconteça, na mente e nos lábios, a fim de ouvirmos as sugestões de amor que emanam do Alto, nos retemperando com as energias da misericórdia e da bondade.

A nossa escolha em querer encontrar o caminho desse lugar à parte, em nós, é absolutamente solitária, porque o quando e o como Jesus entrará em nossas vidas será, sempre, tarefa de cada um.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), em junho de 2019.

Nos domínios da humildade

"... Aquele, portanto, que se humilhar e se tornar pequenos como esta criança será o maior no reino dos céus..."¹⁴⁹

De que maneira podemos entender este convite de Jesus, se o progresso é uma lei natural e se o nosso destino é evoluir? Como poderemos conciliar o ensinamento evangélico com a realidade da lei do progresso, que podemos constatar em toda a Criação?

Basta para isso observarmos a evolução que se processa em todos os reinos da natureza. É suficiente que prestemos atenção à própria história da Humanidade e o quanto temos evoluído, desde o homem das cavernas, que pouco diferia de um animal irracional, até o homem da civilização científica e tecnológica. Entretanto, se no campo intelectual o homem conquistou tão grande evolução, no campo moral não ocorreu o mesmo. Eis aqui a razão do sofrimento humano: somos todos vitimados pelo nosso próprio comportamento, distanciados que estamos das leis de Deus.

No Evangelho de Mateus, capítulo 18, versículos 1 a 5, no qual encontramos a passagem acima citada, Jesus nos alerta para a necessidade de despertarmos, em nós, as virtudes da humildade e da simplicidade. Muitos justificam suas atitudes prepotentes e arrogantes, dizendo não se humilharem e nem se rebaixarem diante de ninguém, porque só os que sabem se impor vencem no mundo.

149 Mateus, 18:4.

Pobres companheiros que, envoltos no véu do orgulho, ignoram que a humildade a qual Jesus se referia nada tem a ver com servilismo! Na Excelência de sua pedagogia, quando o Mestre nos ensina, simplesmente, que “todo aquele que se eleva será rebaixado”, reporta-se ao sentimento do orgulho, porque toda elevação pessoal que tem por base o orgulho é ilusória. Assim, todo aquele que utiliza o mal como alavanca de elevação, será rebaixado, pois só o bem que cultivamos em nós é indestrutível e nos oferece base sólida para todas as realizações.

Humildade é sentimento contrário ao orgulho. É o sentimento que tem a possibilidade de fazer o homem entender sua real posição no mundo, posição essa de eterno aprendiz frente à Sabedoria de Deus, nosso Pai Criador. É o sentimento capaz de levar o homem a compreender que, mesmo conhecendo muito, não deve humilhar quem pouco sabe; a perceber que, mesmo conhecedor de muitas coisas, outros existem que sabem mais. A criatura humilde tem a capacidade de ensinar sem demonstrar sabedoria e de auxiliar sem que o outro se sinta humilhado.

A vida em sociedade estimula a competição, longe de ser uma competição saudável, tem levado as criaturas a perderem o bom senso, a razão e a se comportarem como se vivessem não entre companheiros, mas entre adversários. Nas situações comuns da vida, julgam ter “vencido”, na maioria das vezes, os que fazem uso da esperteza – no sentido pejorativo do termo –, esquecidos de que todas as posições são transitórias e que, mais cedo ou mais tarde, acabarão rebaixados de suas posições por não possuírem a base sólida do amor. São como construções nas areias da ilusão material que o tempo desfaz, mas que ficarão gravadas na sua consciência de

Espírito imortal, reclamando por reajuste. Enquanto o orgulho for uma alavanca para nos elevar, seremos rebaixados por deixá-lo nos conduzir a uma suposta elevação sobre o nosso próximo. A nossa vitória só será real quando conquistarmos a elevação sobre nós mesmos, na consciência daquele que diz: hoje, eu cresci em conhecimento; hoje, eu sou melhor do que fui ontem; hoje, eu sou mais paciente, tenho mais coragem moral, sou mais prudente, sou mais calmo; hoje, eu cresci nos meus valores afetivos, nas minhas qualidades...

A elevação que tem por base o amor – quando lutamos para vencer as próprias limitações, superando o egoísmo, a ambição descabida, o desejo de superioridade irresponsável – é elevação legítima, da qual jamais seremos rebaixados, porque toda conquista espiritual é tesouro inalienável do céu. Todos os ensinamentos de Jesus têm por objetivo a nossa elevação espiritual, visando à nossa felicidade, à nossa liberdade e nos conduzindo a uma vida renovada.

Posto isto, podemos destacar três momentos da vida comum de Jesus, no convívio com Seus discípulos, que encontramos no *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. VII, itens 3 a 6, quando Ele aproveita para nos ensinar a humildade.

No primeiro momento, Seus discípulos Lhe perguntam: “Quem é o maior no reino dos céus?” E, Jesus, chamando entre eles um menino, diz que, se não se tornassem como aquele menino, não poderiam entrar no reino dos céus. Aponta a criança como símbolo da inocência e da pureza. O reino dos céus está dentro de nós. É um estado de espírito no qual a criatura – que vive em harmonia com as leis de Deus – sente uma alegria íntima, uma felicidade que a nossa linguagem é incapaz de traduzir. Assim,

liberta-se dos sentimentos inferiores e reflete a pureza de coração.

No segundo, a mãe de dois de Seus apóstolos, Tiago e João, pede a Jesus para que seus filhos se assentem, um à Sua direita, outro à sua esquerda no Reino, ou seja, ela pediu a Jesus que desse poder a seus filhos. E Jesus responde: "Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que hei de beber?" Jesus, por compaixão e amor à humanidade havia assumido, entre nós, uma missão de grande sacrifício que o levaria a martírio da crucificação. E aquela mãe amorosa não sabia o que estava pedindo para seus filhos.

Desta passagem do Evangelho, podemos extrair, ainda, uma outra lição: quantas vezes almejamos situações de superioridade, julgando-as como um grande bem e nos aborrecemos por não conquistarmos aquilo que desejávamos? Mas será que estávamos preparados para assumir uma posição superior? Quantas vezes, em prece, pedimos a Deus a realização de algo que queremos muito e, como não vemos o nosso desejo se realizar, imaginamos que sequer fomos escutados, quando, na verdade, não atendimento à nossa situação é justamente o socorro da Providência Divina em nosso benefício, evitando consequências que não poderíamos suportar. Quando os discípulos pedem esclarecimentos ao Mestre Jesus acerca de suas dúvidas, Ele explica que aquele que vem para servir, que é humilde e simples de coração, que reconhece a Sabedoria do Pai Criador, que não se vangloria e nem exige homenagens na Terra, mas que trabalha no silêncio de sua consciência em benefício do próximo, que aguarda a recompensa do céu e não a dos homens, este será grande no céu, porque se fez pequeno na Terra.

No terceiro momento, Jesus, na casa de um fariseu,

observando como se comportavam os convidados, ensinou que, quando fôssemos convidados para uma festa, não nos colocássemos em posição de destaque, tomando assento entre os primeiros lugares, para que, ao chegar outro convidado mais considerado, o anfitrião não necessitasse nos pedir para ceder o nosso lugar a ele, tendo que nos assentarmos nos últimos lugares. Mas, ao contrário, que buscássemos os últimos lugares, para que fosse motivo de glória o anfitrião nos convidar a lugar de maior destaque.

Eis a valorização da humildade, pois só aquele que compreende a sua condição de Espírito imortal pode ser humilde; e só pode ser humilde aquele que compreende que a sua posição de superioridade é acréscimo de responsabilidade espiritual para produzir o Bem, para amparar, para servir. Emmanuel nos lembra, a propósito desse tema, o seguinte: "Auxiliar a todos para que todos se beneficiem e se elevem, tanto quanto nós desejamos melhoria e prosperidade para nós mesmos, constitui para nós a felicidade real e indiscutível. Ao leste e ao oeste, ao norte e ao sul da nossa individualidade, movimentam-se milhares de criaturas, em posição inferior à nossa. Estendamos os braços, alonguemos o coração e irradiemos entendimento, fraternidade e simpatia, ajudando-as sem condições. Quando o cristão pronuncia as sagradas palavras 'Pai Nosso', está reconhecendo não somente a Paternidade de Deus, mas aceitando também, por sua família, a humanidade inteira".¹⁵⁰

"Bem-Aventurados os pobres de Espírito, porque deles é o reino dos céus", quer dizer que os humildes já desfrutam da bem-aventurança, porque Jesus não diz que deles *será* o reino dos céus, mas, sim, "porque deles é o

150 XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 16ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1988 - lição 104.

reino dos céus". A partir do momento em que modificarmos a nossa postura de orgulho diante da vida, já poderemos sentir-nos, imediatamente, muito mais felizes, porque bem-aventurados. Por esta razão, Jesus ensinava incansavelmente o princípio da humildade como condição essencial à felicidade prometida.

Pub. no Jornal Espírita (FEESP), novembro de 2009.

Nossa conta particular ante a contabilidade divina

"Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à paz pertence!" – Jesus¹⁵¹

No versículo em epígrafe encontramos Jesus junto à cidade de Jerusalém, exclamando essas palavras numa referência a toda a infelicidade que se abateria sobre ela. É notório que o Mestre tinha conhecimento de todas as aflições pelas quais a humanidade terrena passaria, por conta do endurecimento de seu coração e, por essa razão, podemos dizer que elas não se referiam, apenas, à cidade material, mas a todos os homens que, como a cidade, estavam destinados à ruína pela degradação em todos os setores da experiência evolutiva.

Mas o que significam essas palavras de Jesus? Vamos, por alguns instantes, imaginar como seria o mundo se cada um conhecesse o que lhe pertence para a paz interior, ou seja, o que cada um de nós tem que possa nos trazer paz. Entretanto, como desenvolvemos uma atitude de total desatenção a esse imperativo da vida, terminamos por perder tempo precioso em atritos dolorosos, através dos quais acabamos por adquirir débitos imensos diante das Leis Divinas.

Sabemos que um gesto ou uma palavra são capazes de movimentar energias poderosas, desequilibrantes ou tranquilizadoras, de alegrias ou de tristezas, de paz ou de guerras, e essas palavras de Jesus nos convidam a pensar nas oportunidades de serviço que estamos deixando

151 LUCAS, 19:42.

passar.

Por alguns momentos, ainda, atentemos para a afirmação do Divino Amigo quando nos diz "*ao menos neste teu dia*". Ao menos hoje, agora, vamos prestar atenção a esse chamamento amoroso. Observemos quais são os serviços dos quais podemos dispor para atender à solicitação do Divino Amigo, e podermos, dessa forma, avaliar o tempo que – consciente ou inconscientemente – perdemos no cultivo de outros valores, não olvidando de que, para o Espírito diligente, sempre há convites ao trabalho.

Diante desse chamamento, torna-se necessário procurarmos compreender nossos deveres, ou seja: nossos compromissos morais aos quais estamos sujeitos em relação a todos aqueles que nos cercam. Compete a cada um de nós meditarmos a respeito disso, lembrando que "*o homem encarnado dispõe de um tempo glorioso que é provisoriamente seu, dado pelo Altíssimo, em favor de sua própria renovação*".¹⁵²

É razoável procurar-se compreender a essência dos atos que praticados nas atividades diárias, porque, mesmo obedientes às leis humanas, é imprescindível examinarmos a qualidade do que fazemos para que, no mecanismo da vida do qual somos peça da engrenagem, não estejamos sendo fator de ferrugem ou de atraso no relógio do tempo.

É da Lei de Deus que toda sementeira será devolvida; assim é preciso agir com cuidado em cada dia, porquanto o bem ou o mal, tendo sido semeados, crescerão junto de nós, de conformidade com as leis que regem a vida. E podemos dizer o mesmo daqueles que se revoltam diante

152 XAVIER, F. C. *Pão Nosso*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 17ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - lição 38.

das dificuldades, das nuvens que surgem no horizonte: nuvens de contrariedades, de projetos que não deram certo, de esperanças desfeitas e, sem perceber, acabam envenenando as fontes da própria vida. Desejaríamos, todos nós, um céu azul no horizonte, um Sol brilhante durante o dia e um céu estrelado à noite. No entanto, as nuvens aparecem e a perplexidade nos assalta. Urge, todavia, que fiquemos atentos a esses momentos de sombras. A existência terrena impõe angústias e aflições a todos aqueles que lhe vivem a experiência. Porém, é conveniente que guardemos a serenidade e a confiança nesses momentos, pois é nessas sombras, comuns na luta planetária, que o Pai oculta lições profundas, através das quais nos fala sábia e amorosamente.

Não ignoramos a imortalidade do Espírito que habita em nós e, como tal, é fácil imaginar que uma única existência não seria o suficiente para aprendermos tudo o que necessitamos a fim de sermos criaturas melhores e mais felizes. Melhores, porque precisamos de tempo e oportunidades para aprender a desenvolver as virtudes que Jesus veio nos ensinar. E se não tivermos esse tempo e essas oportunidades, não conseguiremos refazer nossas escolhas equivocadas, retomando o caminho do amor. Felizes, porque ao cuidarmos de cumprir nossas obrigações, poderemos sentir que todos os fantasmas de nossa inquietude são afastados, e que grande parte dos problemas sociais do mundo poderia ser resolvida naturalmente.

É, portanto, necessário que cada um conheça o que lhe toca, para que a tranquilidade individual se estabeleça em seu íntimo, e perceba que, ao cuidar de sua própria conta particular, ou seja, de seus créditos e de seus débitos com as Leis Divinas, estará, certamente, colaborando para que

todos, ao seu redor, cuidem também das suas próprias contas, sem que nos transformemos em policiais do Evangelho. Quando assumimos a postura de zeladores da conta alheia, estamos nos candidatando a invasores da felicidade e da tranquilidade do próximo e, certamente, nos preparando para o ingresso em campos de grande sofrimento.

Mas Jesus não se cansa de nos convidar à prática do bem. Os apelos do Mestre continuam e se renovam a cada instante. Aqui é um livro amigo que nos revela a verdade de maneira silenciosa. Ali é um amigo generoso que insiste em que mudemos nossas atitudes, tendo em vista as realidades luminosas da vida. Acolá é a doença no próprio corpo ou em pessoa querida que nos alerta para a necessidade de mudanças, valorizando mais o tempo que dispomos para o trabalho de renovação. E o que dizer, ainda, dos nossos pais, dos nossos mestres, do sentimento religioso que nos consola e que está sempre nos impulsionando ao exercício do amor. Tudo isso não são convites à prática do Bem?

O convite ao bem sempre nos acompanhou, mas dificilmente o percebemos. Por rebeldia, os homens costumam rir, caminhando – voluntariamente - na direção de desencantos, de frustrações e desesperanças que, com o tempo, os obrigarão a equilibrar seus pensamentos. E se isso acontecerá, queiramos ou não, por que esperar que a necessidade se instale, que a dor tome conta de nosso ser, que a sombra nos açoite sem piedade, quando podemos seguir, calmamente, por estradas de luz e sem vacilar, em direção ao Pai Criador? E por qual razão criamos tanta dificuldade para atender a esse chamamento? Porque temos o direito de escolher entre o certo e o errado, entre o fazer e o não fazer. Temos também uma consciência que

nos estimula e nos sustenta, para que decidamos, sempre, pelo certo e, como ela é antagônica às seduções dos interesses e às seduções do coração, quase sempre sucumbimos.

Diante disso, seria bom perguntarmos: obedecemos a quem? Aos impulsos baixos da natureza ou aos apelos do Mestre para o serviço de autoelevação? Se ainda não conseguimos definir a quem estamos submetidos, melhor parar e refletir para verificar se não estamos transformando *obediência que salva em escravidão que condena*. Para que o homem não se perdesse, Deus estabeleceu gradações evolutivas no caminho até Ele. Instituiu a lei do autoesforço na aquisição dos supremos valores e determinou que esse homem aceitasse Seus desígnios, sem rebeldia, para que pudesse ser, verdadeiramente, livre. Entretanto, o homem preferiu construir sua própria escravidão, organizando seu cativeiro através de desmandos, da posse material, da ganância, da vaidade, do orgulho e tantos outros sentimentos que nos ligam a condições de inferioridade.

Temos hoje plena consciência das nossas imensas dificuldades para praticar o Evangelho, rota segura para o sucesso de nossos esforços evolutivos. Entendemos que ninguém poderá realizar por nós o que nos compete. E é justamente por termos consciência de tudo isso, graças ao conhecimento evangélico-doutrinário que já possuímos, é que não podemos mais adiar o que precisamos fazer. E o que é que precisamos fazer? A resposta surge clara diante do nosso tema: *ajustar nossa contabilidade particular com as Leis de Deus*.

Seria interessante lembrar, para finalizarmos, o que o Evangelho pergunta: Se não houvesse dificuldades, se não tivéssemos opositores, se não nos sentíssemos

abandonados, se nunca fôssemos criticados ou ridicularizados, se os entes amados não nos trouxessem problemas ou se nunca fôssemos induzidos às tentações de todas as espécies, de que maneira lograríamos entesourar as luzes da experiência que nos fortalecem a alma?

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo – Matão/SP
– outubro de 2008.

O caráter atual da simbologia da candeia

"Ninguém, pois, acende uma luzerna e a cobre com alguma vasilha, ou a põe debaixo da cama; põe-na, sim, sobre um candeeiro, para que vejam a luz os que entram. Porque não há coisa encoberta que não haja de saber-se e fazer-se pública." ¹⁵³

Parece estranho ouvir Jesus dizer para não se colocar a candeia debaixo do alqueire ou da cama, segundo Lucas, e ao mesmo tempo falar por parábolas. Incoerência de Jesus? Contradição nos ensinamentos? Jamais! É necessário entender que essa afirmação é uma orientação para as nossas atitudes, em relação aos conhecimentos que possuímos, sejam eles quais forem. O Mestre convida-nos a não escondermos a luz da verdade, mas, sim, deixá-la visível para que outras pessoas possam se orientar por ela. O ensinamento evangélico é mais uma parábola, como muitas que Jesus usava para tornar compreensíveis as verdades que desejava transmitir.

Mas o que é uma parábola? Na acepção geral do termo, parábola é uma narrativa. Nesse caso, não temos uma narrativa propriamente, mas uma comparação. As verdades nela contidas são de cunho moral. As comparações com a vida cotidiana e os interesses materiais foram utilizadas com maestria por Ele, para que seus ensinamentos pudessem ser compreendidos. As que fazem parte dos Evangelhos, portanto, contêm preceitos morais. Podemos dizer, então, (...) "que Parábola Evangélica é uma instrução alegórica, exposta sempre com um fim

153 Mateus, 13:10-15.

moral, como um meio fácil de fazer compreender uma lição espiritual”¹⁵⁴.

Entretanto, aqueles que não buscam a ideia espiritual – a essência moral – desses preceitos, mas tão somente sua forma, desprezando o fundo, não encontram a doutrina do Cristo e, por essa razão, ela se conserva oculta até hoje.

Assim, quando os discípulos perguntaram a Jesus por que falava por parábolas, Ele lhes disse: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não, pois não estão em condições de compreenderem certas coisas; veem, olham, escutam e não entendem. Dizer-lhes tudo, agora, seria inútil”.¹⁵⁵

Jesus tratava o povo como se trata uma criança, cujas ideias ainda não estão desenvolvidas. Aguardava que a inteligência crescesse para poderem compreender tudo que seria revelado, gradualmente. Isto é, “todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência de quem o recebe”, e porque há pessoas que uma luz muito viva pode ofuscar sem esclarecer.¹⁵⁶

Assim como acontece a cada indivíduo, a Humanidade também passa por períodos da infância, da juventude e da maturidade. Cada coisa deve vir a seu tempo, pois tudo que é plantado fora da estação não produz. Mas aquilo que é guardado por prudência, cedo ou tarde, será revelado, quando o homem, com a inteligência desenvolvida, procurar, por si só, descobrir. Pela inteligência o homem compreende, se guia e racionaliza sua fé. É por isso que Jesus falava para não pôr a luz debaixo da cama, pois sem

154 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus* – 14ª edição – Casa Editora O Clarim, Matão/ SP – 1ª parte, As parábolas e sua interpretação.

155 Lucas, 18: 16-17.

156 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – cap. 23, item 1 a 7 e cap. 18, item 15 – 1989.

a luz da razão, a fé enfraquece.

Todavia, existem aqueles que colocam a luz da verdade escondida. São aqueles que querem dominar esses conhecimentos, essas descobertas. São as religiões que sempre tiveram seus mistérios e cujo exame ainda proíbem; são as pesquisas na área da saúde que por razões comerciais não são trazidas à luz.

Jesus estava certo. Não existe mistério absoluto, pois tudo aquilo que estiver oculto será descoberto. Ele só deixou oculto o entendimento das questões abstratas da sua doutrina. Tendo feito da humildade e da caridade, a condição expressa da salvação, tudo que disse e fez, a respeito, é claro, explícito e não deixa dúvida.

Ele veio nos trazer regras de conduta que precisavam estar claras para que pudessem ser seguidas, e isto era o essencial para aquelas pessoas, ainda ignorantes das coisas do Espírito e tão essencial para nós que, mesmo após vinte séculos, ainda não as compreendemos, porque vêm de encontro aos nossos caprichos, desejos e interesses pessoais.

Aos discípulos que já estavam mais adiantados moral e intelectualmente, podia iniciá-los nos princípios mais abstratos. Por isso disse: "ao que já têm ainda mais se dará e terá em abundância". Mas, mesmo para eles, algumas coisas não foram reveladas. Somente mais tarde, a ciência e o Espiritismo vieram desvendar alguns pontos obscuros da doutrina do Cristo.

E, ainda hoje, muita coisa está sendo revelada, com prudência, pelos Espíritos encarregados dessa tarefa. Pretensão fantasiosa, ousadia ou ignorância de alguns imaginarem que a Doutrina dos Espíritos será superada e que nada mais tem para desvendar?

Pub. – jornal O Clarim (Matão) – agosto de 2007.

O caráter sagrado das palavras de Jesus

"As palavras que eu vos disse são espírito e vida." – Jesus (João, 6:63.)

Nunca é demasiado comentarmos a importância e o caráter sagrado da palavra. Em cada época e em todos os lugares surgem no mundo grandes Espíritos que manejam a palavra que impressiona multidões. Não falamos apenas de discursos que, muitas vezes, enganaram e enganam indivíduos e até nações com promessas vãs, com teorias falsas que encontram identificações em mentes sintonizadas com essas ilusões, ou ainda discursos que prometem liberdade sem obrigações e, portanto, sem responsabilidades.

Não nos referimos apenas ao discurso falado, mas também à palavra escrita. Homens existiram e ainda existem que, através de seus pensamentos expressos em palavras, exaltam uma época, uma nação, ou ainda narram as experiências de um povo através de suas transformações sociais.

Cada um desses homens falou sempre para um tempo determinado, para um povo determinado, ou mesmo para alguns povos. Mas esse tempo passa e, na maioria das vezes, as palavras se perdem ou são deturpadas; os povos se renovam e as novas experiências que são vividas tornam as anteriores ultrapassadas. Para termos uma ideia desse processo de transformação, lembremos as mudanças tecnológicas que vivenciamos no passado e as de agora. As máquinas de um ano atrás já são obsoletas hoje. Assim, qualquer narrativa que exalte as descobertas de

ontem servirá para sabermos como foi nosso passado, como tudo se iniciou, mas não serve para atender nossas necessidades de agora.

No entanto, as palavras de Jesus transcendem tudo que seja tempo ou espaço. Vão além de qualquer obra literária ou artística que exalte as belezas de uma época ou de um povo. Ultrapassam plataformas políticas ou verdades filosóficas, frutos sempre da mente humana e, portanto, imperfeitas. As palavras do Mestre dirigem-se a todas as criaturas da Terra, no momento exato, estejam elas neste ou naquele campo evolutivo.

Pelo caráter universal que elas possuem é que a Doutrina Espírita as reflete, porque são verdadeiras em qualquer lugar e em qualquer tempo. O Espiritismo não observa os ensinamentos de Jesus porque deseja uma reforma superficial como muitos movimentos religiosos o fazem, com vistas a simples mudanças exteriores. Ao Espiritismo não basta desmontar uma casa e, usando o mesmo material, modificar-lhe as disposições, dando-lhe nova fachada. A Doutrina propõe algo muito maior, mais profundo. Propõe-nos não somente desmontar a casa das nossas falsas crenças e medos, mas também trocar o material da construção e criar novas formas.

E de que maneira podemos fazer isso sem ficarmos ao relento, já que ainda necessitamos de apoios? Acreditamos poder responder levando a questão para dentro de nossa casa, no nosso trabalho doméstico ou profissional. Quando nos propomos a fazer faxina nos nossos armários ou nas nossas mesas, não podemos tirar tudo, de uma só vez, para depois tentar organizar, recolocando nos melhores lugares. Sabemos que o caos se instalaria. O que fazemos, então? Limpamos um lugar de cada vez. Jogamos fora o que não nos interessa mais, reformamos outras que ainda

poderão nos ser úteis, mas, principalmente, limpamos o lugar para que possa receber coisas novas que estavam guardadas, pois nossas gavetas estavam tão lotadas de coisas inúteis – seja por medo de jogar fora ou porque não nos havíamos percebido de sua inutilidade – que não havia lugar para mais nada.

Assim é com nossa mente, quando pensamos em renovação, em transformação. Estamos recebendo novos ensinamentos – princípios espíritas – que constituem um sistema renovador a nos indicar o caminho correto. É um roteiro de ação, de diretriz no aperfeiçoamento de cada um. Na verdade, o novo material de construção está chegando; são os novos objetos que irão a seu tempo para as gavetas. Só que, antes de usá-los, temos que limpar os espaços onde eles ficarão.

Quando recebemos os ensinamentos que Jesus nos oferece através do Espiritismo, na maioria das vezes, nos colocamos diante deles como se fosse um espetáculo de beleza: ou choramos, porque nutrimos apenas a fonte de nossa emotividade, ou nos penitenciamos, nos sentindo culpados diante de nossos próprios erros. Porém, é preciso ir além das lágrimas e das culpas. É imprescindível que aprendamos, diante dos ensinamentos do Divino Amigo, a pensar sobre eles, a nos purificar na prática deles, a nos reerguer, entendendo que somos todos aprendizes do Seu Evangelho; mas, sobretudo, que aprendamos a servir ao próximo, esteja ele dentro dos nossos lares, no trabalho, nos transportes coletivos, nas filas de espera. Isto não importa. O que importa é vivenciar os ensinamentos que Jesus nos deixou.

Quando temos sede ou fome, buscamos saná-las na fonte material. Quando adoecemos, buscamos a cura da moléstia através de remédios específicos. Assim também

acontece com as necessidades da nossa alma, com os nossos desequilíbrios morais. Tanto a necessidade física quanto a espiritual não são diferentes em parte alguma e em tempo algum. Sempre existiram porque o Espírito é imortal.

A lição do Cristo para todos nós, quando diz que suas palavras são o espírito e a vida, isto é, a água e o pão da alma, é comparável à fonte que mata a sede e ao pão que alimenta o corpo. As palavras do Divino Amigo são o fator equilibrante de nossos desajustes morais e o medicamento para nossa alma ferida. Por isso Seus ensinamentos não se perdem no tempo nem no espaço. Em qualquer lugar, onde haja um coração aflito e uma mente em desarmonia, as lições de Jesus ali estarão. Como o pão, como a água e como o remédio, elas são fundamentais à vida.

Prestemos atenção, portanto, quando lidarmos com as palavras benditas que Ele nos deixou, seja em relação a nós próprios, seja em relação aos outros. Viciamos nossos corpos como viciamos nossas almas e, muitas vezes, fazemos isso com as pessoas que nos cercam. Quantos trocam a água pura pelas bebidas excitantes e quantos preferem lidar com a ilusão perniciosa em se tratando dos problemas espirituais. O alimento do coração, para ser efetivo na vida eterna, baseia-se na realidade simples e não nos deslumbramentos da fantasia que procede do exterior.

Cheio de abnegação e amor, Jesus sabe alimentar todos os homens. Fiquemos, pois com Ele.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 97.

O outro filho

"Mas, respondendo ele, disse ao pai: eis que te sirvo, há tantos anos, sem jamais transgredir um mandamento teu, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos." (Lucas, 15:29)

Esta frase faz parte da Parábola do Filho Pródigo que o evangelista Lucas narra no capítulo 15, versículos 11 a 32. Muitos de nós conhece a parábola, a história que Jesus imaginou para que, através dela, pudesse nos dizer da imensa generosidade do Pai Criador para com todas as Suas criaturas. Nesta história o Mestre nos fala de um pai que tinha dois filhos. O pai, aqui representando Deus, e os filhos, a humanidade.

Conta ele que um dia, um dos filhos pediu que sua parte na herança lhe fosse dada, pois desejava conhecer o mundo e não mais viver preso à fazenda que o pai possuía, e onde ele e o irmão trabalhavam. E assim foi feito. O rapaz partiu e vivendo, desde então, uma vida dissoluta, consumiu rapidamente os recursos que possuía. Após anos de sofrimento, dor, fome e miséria moral e física, lembrou-se que, na época em que viveu no lar paterno, os empregados do seu pai possuíam uma vida melhor que a vida que ele levava nesses dias.

Entendeu que junto do pai ele tinha fartura e amor, apesar do duro trabalho que realizava; arrependido, inicia a viagem de volta, buscando o que supostamente imaginava haver perdido. Quando o pai o vê, ainda no caminho, aproximando-se das terras que lhe pertenciam, vai ao encontro de braços abertos, entregando-lhe um

manto que representava, na parábola, a renovação espiritual daquele filho; um anel que simbolizava a comunhão dessa criatura perdida com ele, seu pai; e sandálias para seus pés cansados que representam o caminhar seguro que seu filho teria dali para frente. Além disso, manda matar o melhor novilho e convida a todos para as comemorações pelo retorno do filho amado.

Esta é a primeira parte da história que nos mostra que, independentemente das faltas que possamos cometer, Deus, nosso Pai Criador, sempre nos receberá de braços abertos quando, arrependidos, queiramos retomar o caminho de volta em direção ao Seu amor. O filho arrependido representa um lado da Humanidade que embora tenha perdido a condição de filhos, nos mostra que Deus nunca perde a condição de Pai a nos acolher, porque somos todos Suas criaturas. Não importa onde estejamos, seja no mundo físico, seja no espiritual, Ele nunca nos abandona.

O filho pródigo, o filho arrependido da parábola, significa para Jesus a criatura que, depois de passar pela experiência dura do mal que praticou, volta ao Criador, consciente da necessidade de seguir Suas Leis, para gozar do Seu amor. A lei de Deus é igual para todos e ela não pode ser boa para o bom e má para o mau. Ela é, na verdade, sempre boa porque é justa e assim tem a condição de transformar o mau em bom e o bom em melhor. Para o Pai não há privilégios porque não há exclusões. Para todos faz nascer o Sol, faz brilhar as estrelas e faz a chuva cair.

Jesus prossegue contando que o outro filho, o que havia permanecido com o pai, que trabalhava nas suas terras e cumpria todas as suas determinações, retornava à casa vindo do campo, e ouvindo a música e notando a

alegria no ambiente doméstico, perguntou a um dos empregados o que estava acontecendo. O empregado lhe diz que seu irmão retornara e o pai, em comemoração ao fato, estava dando uma festa, tendo mandado matar um novilho para a festividade. Diante disso, revoltou-se, dizendo que não entraria na casa. O pai do jovem foi avisado e veio ter com ele para saber o que se passava. Com indignação o rapaz respondeu: "eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com meus amigos".

Encontramos de um lado o filho que retorna mais experiente e arrependido ao convívio do lar, e, do outro, um irmão que apesar de correto mostra-se egoísta, censurando os sentimentos do pai e reclamando do que nunca recebera. Ele que sempre estivera ao seu lado, fiel aos seus serviços, atento aos seus interesses, guardando lealdade, nunca teve qualquer atenção especial, ou privilégios, ou agradecimentos por todos os anos que ali permaneceu, enquanto que o outro, depois de dilapidar sua herança, é recebido com alegria e festa.

No livro *Palavras de Vida Eterna*, Emmanuel coloca, nesse momento, algumas ideias sobre as quais seria interessante meditarmos. Diz que, de maneira geral, os crentes apenas enxergam o filho que abandonou o lar paterno, que provocou escândalos, tonando-se credor de todas as punições; e raramente conseguimos enxergar a conduta egoísta do irmão que permaneceu sob o teto familiar. "Observando a generosidade paterna, os sentimentos inferiores que o animam sobem à tona e se mostra como realmente é: reprova a alegria paternal, procedendo como quem lastima o dever cumprido; apresenta-se fiel aos serviços do pai e, contudo, lhe critica

os gestos – trabalha como ele, é verdade, mas anseia escravizá-lo aos próprios caprichos; atende-lhe os interesses, vigiando-lhe o pão e a prata; guarda lealdade, mergulhando-se na ideia de evidência e de herança; explode em ciúme e queixa diante da grandeza de sentimentos do coração paterno. Julga-se mais detentor dos merecimentos do que o outro, e com isso tenta limitar a bondade dele”.¹⁵⁷

Também nós nos sentimos colocados, perdidos mesmo, nesse misto de crueldade e carinho, de sombra e de luz. Também nós, muitas vezes somos justos e injustos, ternos e agressivos, companheiros e censores. Também nós desejamos o Pai somente para nós, satisfazendo nossos caprichos e vontades. E é assim que estamos hoje no caminho da fé. Por essa razão, o estimado benfeitor espiritual nos convida a analisar a nossa atitude em relação a Deus.

Diante dessa parábola e do convite do orientador espiritual, nos perguntamos: Será que somos esse tipo de homem egoísta representado pelo filho que permaneceu ao lado do pai? Emmanuel nos responde que somos sim. Não porque sejamos maus, mas porque diante do bem-estar e da alegria dos outros, nos revoltamos e sofremos, pois sentimos ciúmes, inveja; desejaríamos que fôssemos aqueles a usufruírem dessas benesses, pois nos acreditamos mais merecedores que outros.

Esse homem egoísta é muito comum nos quadros da vida e representa a outra parte da humanidade na história do Filho Pródigo. O homem egoísta é o homem que ainda luta contra a luz que teima em se instalar dentro dele. Luta da animalidade que existe em cada um de nós – por ainda

157 _____ *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição – Editora CEC – Uberaba/MG – 1995 – lição 98.

estarmos presos aos valores materiais – contra a espiritualidade que inicia seu despertar em nós – por desejarmos nos tornar pessoas melhores a cada dia. São milhares de anos de sombra que nos envolve contra a pequena chama de luz que começa a brilhar em nós e a dissipar essas sombras. É a luta do homem velho, preconceituoso, intolerante, cruel, contra o homem novo, o Ser cósmico, ligado a Deus definitivamente.

Jesus termina a história contando que o pai respondeu ao filho egoísta o seguinte: “filho, tu sempre estás comigo, e tudo que é meu, é teu; entretanto, cumpria regozijarmos e alegrarmo-nos porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e se achou”.

Emmanuel nos diz que, “lendo a parábola com atenção, ignoramos qual dos filhos é o mais infeliz, se o pródigo, se o egoísta, mas atrevemo-nos a crer na imensa infelicidade do segundo, porque o primeiro já possuía a bênção do remorso a seu favor”.¹⁶¹

E nos alerta: “Se te sentes ligado à Esfera Superior por teus atos e diretrizes, palavras e pensamentos, não te encarceres na vaidade de ser bom. Não te esqueças, em circunstância alguma, de que Deus é Pai de todos, e se te ajudou para estares com ele, é para que estejas com ele, ajudando aos outros”.¹⁵⁸

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) – março de 2002.

158 XAVIER, F. C. *Pão Nosso*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição – Editora FEB – Brasília/DF – 1996 – lição 157.

O talento da coragem

"E, tendo medo, escondi na terra o teu talento..." –
(Mateus, 25:25)

Essa referência evangélica faz parte de uma das parábolas mais conhecidas que encontramos no Novo Testamento: A *Parábola dos Talentos*, como aparece designada no Evangelho de Mateus ou a *Parábola das Minas*, como está no Evangelho de Lucas. Independentemente do título que tenha, o conteúdo é o mesmo, ou seja, a nossa responsabilidade moral, espiritual e material diante da vida. Ela se divide em duas, tendo a segunda parte servido de alvo para que Emmanuel nos trouxesse a mensagem desta lição. Para entendermos essa parte, vamos procurar refletir um pouco sobre toda ela, a fim de não perdermos a oportunidade de tão precioso estudo.

A parábola – história que Jesus contava usando os costumes do dia a dia do povo como exemplo para fazer-se compreender – narra a história de um senhor de grande fortuna que, precisando ausentar-se por longo tempo, chamou três servos e entregou a cada um deles uma quantia diferente em moedas que deveriam ser devolvidas a ele quando regressasse. Assim, entregou ao primeiro cinco moedas, ao segundo, duas, e ao terceiro, uma. Tempos depois retornou, e pediu aos três a devolução dos bens que havia deixado sob seus cuidados.

O primeiro apresentou-se trazendo as cinco moedas e mais outras cinco que havia ganhado, por aplicar com critério o que lhe havia confiado. Contento com o lucro que

o servo obtivera para si, disse-lhe que, por haver se saído bem em tarefa pequena, daria a ele agora maiores tarefas. O segundo, a quem ficara o encargo de guardar duas moedas, também se apresentou diante do senhor com o valor dobrado daquilo do qual fora depositário. Feliz com o desempenho do segundo servo, entregou a ele tarefa muito maior que a anterior, pois sabia que ele tinha condição de executá-la, já que havia sido diligente na pequena. O terceiro servo, aquele que ficou encarregado de zelar por uma moeda, apresentou-se diante do senhor e lhe disse que, tendo medo de perder o que lhe havia sido confiado, escondeu-a na terra até que ele voltasse e estava naquele momento devolvendo-lhe a única moeda que lhe fora entregue. Apesar de contar com apenas uma moeda, foi incapaz de fazê-la dar lucros, pois, temeroso, não tivera coragem de lutar para valorizá-la.

Evidentemente, o senhor, aborrecido com o insucesso do servo, expulsou-o dos seus domínios, deixando-o à mercê de seus próprios medos e temores, para que aprendesse a valorizar o pouco que tinha, transformando esse pouco em muito.

A lição de Jesus não deixa dúvidas com relação às nossas atitudes diante das possibilidades que temos de trabalhar em benefício nosso e dos que nos cercam. Melhorar para progredir é a senha do Pai Criador para a nossa evolução. Para que esse progresso se realize através do nosso trabalho, Deus distribui Seus bens para que todos, segundo suas capacidades de percebê-los e captá-los, possam multiplicá-los em benefício de muitos. Assim, alguns adquirem talentos que outros não possuem, para que cada um, dentro das suas possibilidades, faça com que se multipliquem e que, quando compartilhados, também uns com os outros, gerem o progresso a todos.

Na questão 804 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta aos Espíritos superiores por qual razão não deu as mesmas aptidões para todos os homens, que é necessária a variedade das aptidões para que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento das suas forças físicas e intelectuais. Torna-se fácil, portanto, imaginar, para efeito de exemplo, que aqueles que receberem como talento recursos materiais poderão permutar seus valores com outros que sejam dotados de talentos que lhes faltem, tais como uma aptidão artística, ou intelectual, ou ainda um dom moral, necessários todos eles ao bem-estar da própria vida.

Verdadeiramente, quando dizemos que nem todos recebem os bens divinos na mesma quantidade, não é porque Deus privilegia uns em detrimento de outros, mas, sim, porque ainda não conseguimos recebê-los da mesma maneira. Pela nossa própria evolução moral, não temos condições, muitas vezes, ainda, de perceber a presença desses recursos em nossas vidas. E por essa razão, acreditamos que Ele seja injusto porque dá muito a uns e pouco a outros.

O Pai coloca todos os bens à nossa disposição para que possamos usufruir deles, mas como cada um tem capacidade diferente para recebê-los, independentemente da quantidade, como fala a parábola, teremos de prestar contas daquilo que tivermos captado. Se é pouco ou muito não fará nenhuma diferença na balança divina. O que vai contar será sempre a maneira como empregarmos esses valores. Por causa do nosso egoísmo, culpamos Deus pela nossa pouca "sorte", sem percebermos que cada um de nós só consegue captar esses bens segundo a sua capacidade individual. Assim, acusamos os que nos

cercam, porque nos perseguem; lamentamos a vida que temos, porque não nos dá maiores oportunidades e, em tempo algum, admitimos a nossa indolência, a nossa preguiça ou o nosso medo de lutar para melhorar o que já conseguimos conquistar.

Desejamos maiores recursos materiais quando, na verdade, não conseguimos sequer administrar o pouco que temos. Lamentamos não ser chamados para executar tarefas de maiores responsabilidades quando, na realidade, mal conseguimos realizar com zelo as obrigações mais simples do dia a dia. Almejamos tarefas de maior destaque e culpamos os outros por não sermos designados para trabalhos mais relevantes nos setores espirituais. Mas, se não alcançamos a harmonia no nosso lar, porque não sabemos consegui-la, ou porque temos medo de enfrentar a luta doméstica para conquistá-la, de que modo teremos condições de dizer ao outro como alcançá-la? Vamos examinar as nossas consciências e procurarmos descobrir que tipo de servos somos, ou, mais importante ainda, que tipo desejamos ser.

Emmanuel nos lembra na lição que “existem muitas pessoas que se acusam pobres de recursos para transitar no mundo como desejaria. E recolhem-se à ociosidade, alegando medo da ação”. Tem, assim, “medo de trabalhar, medo de servir, medo de fazer amigos, medo de desapontar, medo de sofrer, medo da incompreensão, medo da alegria, medo da dor”, e alcançam o fim da vida terrena como seres que apenas tiveram as sensações físicas do corpo, mas que nada fizeram para enriquecer a existência. Quase sempre, essas criaturas tornam-se campeãs da preguiça e da inutilidade, pois, sob o pretexto de serem menos favorecidas, ignoram até as condições básicas de higiene de seus corpos, da limpeza do local

onde moram, permanecem debruçadas na janela da ociosidade, mais preocupadas em ter medo ou culpar os outros, a se queixarem indefinidamente de suas mazelas, sem vontade de se reergueram e iniciarem um processo de faxina física e mental.

Estamos colocados no lugar certo, no tempo certo, com as pessoas que podem nos ensinar se quisermos aprender e realizando a melhor tarefa para nosso crescimento. Desse modo, por mais rude que possa nos parecer a tarefa que nos coube no mundo, não temamos e façamos dela o nosso caminho de progresso e renovação.

O querido instrutor espiritual Emmanuel nos esclarece na lição que “por mais sombria seja a estrada a que foste conduzido pelas circunstâncias, enriqueça-a com a luz do teu esforço no bem, porque o medo não serviu como justificativa aceitável no acerto de contas entre o servo e o Senhor”. Somos usufrutuários de patrimônios que pertencem ao Pai, e nos encontramos, no presente momento, no campo das oportunidades, negociando com os valores Dele. Fiquemos pois, mais atentos aos negócios que estamos realizando com os recursos que nos foram confiados no mundo, por algum tempo.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) – em setembro de 2004.

Observemo-nos

"Aquele que diz permanecer nele, deve também andar como ele andou." - (I João, 2:6.)

Essa passagem faz parte de uma carta na qual João pretende fornecer, àqueles que queriam caminhar com Jesus, o testemunho dos apóstolos, mostrando suas lutas íntimas para reformularem seus sentimentos. João conchama a todos a lutarem contra a fragilidade da natureza humana, e não se acomodarem a ela. Diz-nos, também, que o verdadeiro Cristianismo está na observância do mandamento do amor que o Mestre renovou, lançando novas luzes sobre ele, e que "aquele que diz conhecê-Lo, e não guarda os mandamentos, é mentiroso, pois não há nele a verdade". Se pretendemos cooperar com o Cristo, e nos colocarmos em posição de aprendizes, é imprescindível sintonizarmos a estação de nossa vida com o Seu Evangelho Redentor.

Quando Jesus atribui a si próprio a qualidade de Caminho, Verdade e Vida, não fez, certamente, uma declaração de ordem pessoal, mas referiu-se à mensagem que trouxera ao mundo em nome de Deus, nosso Pai. Reportou-se aos ensinamentos, ao roteiro que traçava a moral que nos conduziria à perfeição, isto é, a tudo que Ele exemplificava. O Evangelho é o Caminho que o aprendiz segue, porque, seguindo-o, não nos perderemos nas estradas sombrias da incompreensão, do inconformismo, da injustiça e de tantos outros sentimentos que abrigamos ainda em nossos corações; é a Verdade, porque seus ensinamentos são verdadeiros e, portanto, eternos –,

podem passar séculos, milênios, que as palavras nele contidas permanecerão vivas, atuais, para sempre; é Vida porque a alma se alimenta dele, e quem o pratica viverá para sempre, pois representa a vida que o seguidor de Jesus deve viver.

Entretanto, agora perguntamos: quantos de nós, que se propondo ser aprendizes do Evangelho, conseguem, verdadeiramente, permanecer ao lado do Mestre e, principalmente, andando como ele andava praticando, vivenciando e exemplificando cada ensinamento que transmitia? Muitos de nós se encantam com as palavras do amado Mestre, emocionam-se ao ouvir as histórias de sua vida, mas quantos, realmente, sentem no coração, no íntimo do seu ser, o chamamento à prática desse Evangelho? Quando nos propomos a trabalhar em Seu nome é necessário que nos observemos, atentamente, e busquemos saber se falamos uma coisa e exemplificamos outra.

Dessa maneira, muitas vezes, afirmamos viver com a bondade de Jesus e não hesitamos em nos atirmos contra os semelhantes, através da maledicência e da crueldade. Muitos de nós garantem compreender o otimismo de Jesus através de sua fé inabalável nos desígnios de Deus; entretanto, diante dos problemas que nos afligem a existência, entregamo-nos ao pessimismo e ao desespero, na certeza de que o Pai nos abandonou e que estamos sozinhos. E o que dizer das vezes em que proclamamos a fraternidade do Cristo, dizendo da nossa admiração pelo amor que espalhava, onde quer que fosse, e, no entanto, incentivamos a discórdia e a separação?

Jesus tinha uma vida simples e da mesma maneira passava seus ensinamentos. Admiramos essa simplicidade no Mestre, mas conseguimos complicar os problemas que

nos surgem no caminho evolutivo. Emmanuel nos adverte que se nos confessamos aprendizes do Evangelho, observemos nossos próprios passos, e busquemos escutar no íntimo do nosso ser as palavras do Mestre Condutor de nossa existência, convocando-nos a ter coerência entre o que prometemos e o que realizamos, entre o ideal e o esforço. Quem segue o Cristo vive seu apostolado. Entre o ideal que é viver Seu Evangelho e o esforço que despendemos para vivê-lo, fica a pergunta que Jesus, incessantemente, nos faz: "Que buscais?" É imprescindível meditarmos sobre o que realmente buscamos, e qual é a qualidade do nosso esforço no cumprimento dos deveres que nos competem, não importa quais sejam eles. Lembremo-nos que o nome de Jesus está empenhado em nossas mãos. Procuremos compreendê-Lo para que possamos nos afeiçoar a Ele e, verdadeiramente, amá-Lo.

Quando o apóstolo João declara: "aquele que diz permanecer nele deve também andar como ele andou", pretendeu dizer tão somente que quem se afirmar como seguidor de Jesus deve lhe imitar a conduta, buscando viver na exemplificação em que o Mestre viveu. Para que possamos, assim, vivenciar, mister se faz que analisemos o que fazemos; que observemos o que dizemos; que meditemos em torno das nossas aspirações mais ocultas, procurando a resposta à indagação do Mestre Amigo: "Que buscais?"

Entretanto, mesmo que a dúvida nos assuste e o medo faça morada em nossos corações, continuemos sem temor, servindo e cooperando, porque, mesmo vacilantes, Ele espera que cada um de nós O ajude a melhorar o lugar onde vivemos. E, a partir de nosso lar, das pessoas que estão mais próximas de nós, esforcemo-nos para não decepcionar esse Querido Amigo que sabe que, mais cedo

ou mais tarde, com mais ou menos sofrimentos, estaremos ao Seu lado. Como sabemos que todo dia é tempo de renovar nossas aspirações e que todo instante é recurso de começar o melhor, não vamos deixar para amanhã as renovações que possamos fazer hoje.

E que renovações são essas? Vejamos. Dizemos, muitas vezes, que não aguentamos mais o clima de luta na experiência doméstica; entretanto, se fizermos força no cultivo da renúncia que beneficia a harmonia, transformaremos nossa casa em um refúgio de amor. Dizemos, tantas vezes, que não suportamos mais o amigo desajustado; mas, se fizermos força no exercício da tolerância, é possível conseguirmos convertê-lo, amanhã, em colaborador ideal. Desanimados, dizemos, muitas vezes, que não adianta ensinar o bem; no entanto, se fizermos força para exemplificar o que ensinamos, atingiremos realizações de valores incalculáveis. Dizemos estar desistindo da caridade ante os golpes da ingratidão, mas, se fizermos força para prosseguir, encontraremos na caridade a perfeita alegria de servir.

Como podemos sentir, não é fácil seguir o Mestre; mas, se já estamos a caminho, por que não fazê-lo? Meus irmãos, que Jesus nos ampare na nossa real vontade de lhe seguir os passos; e fortalecidos pelo Seu amor, que nunca nos abandonou, roguemos ao Pai que nos abençoe as propostas de mudança e de crescimento que buscamos a cada dia em nossas existências.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) - abril de 2003.

Pão da alma

"Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?" – Paulo. (I Coríntios, 5:6.)

Ninguém vive só porque, se assim fosse, Deus não nos teria criado como seres gregários, necessitando viver em sociedade para que, juntos aos outros, pudéssemos evoluir. É no encontro com o outro que posso ensinar – quando alguém quer aprender; aprender – quando me disponho a aceitar que não sei tudo; a ajudar – quando encontro alguém que queira ser ajudado; e, principalmente, ser ajudado – quando me aceito limitado física e espiritualmente.

Justamente pelo fato incontestado de necessitarmos viver cercados por outros seres – a família representa a síntese desse agrupamento – é que nos achamos magneticamente ligados ou associados uns aos outros. A consciência desse estado real é tão importante que precisamos saber que espécie de forças estamos projetando para aqueles que nos cercam, direta ou indiretamente, bem como quais forças estamos captando desses companheiros, sejam eles encarnados ou desencarnados. Mister se faz perguntarmos a nós próprios: que escolhas estamos fazendo para nós? De que forma estamos conduzindo nossa existência?

Emmanuel recorda que "Nossa vida é sempre fermento espiritual com que influenciemos as existências alheias" ¹, embora estejamos mais preocupados com as escolhas que os outros fazem. Somos, em suma, uma imensa multidão de seres sonolentos, preguiçosos demais e vaidosos em excesso para percebermos que, muitas vezes, gestos

insignificantes alcançam o outro, provocando inesperadas decisões pelas quais, queiramos ou não, somos corresponsáveis.

A atmosfera espiritual ao redor dos nossos passos, da qual somos construtores e gestores, mistura-se à de outras pessoas – encarnadas e desencarnadas –, engrossando-as com elementos positivos ou negativos que as equilibram ou desarmonizam. Assim, palavras, atos e atitudes – nosso corpo tem linguagem muito expressiva – geram comportamentos em quem nos ouve, lê ou vê, provocando imitações, interferindo, muitas vezes, na elaboração das forças mentais dos nossos semelhantes.

Se interferimos, também absorvemos essas forças – lei de fluxo e refluxo – e a única forma segura de evitarmos sugestões menos felizes é aceitar, sempre, as orientações para o bem, praticando-as, vivenciando-as, a cada dia da nossa existência, sem temor, num processo de multiplicação dessas ações. Daí a importância de percebermos a forma pela qual estamos dirigindo nossa existência, que escolhas estamos fazendo.

O Capítulo 18, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*,¹⁵⁹ é muito rico nessa advertência. É um convite a pensar sobre essas questões, porque temos muita dificuldade em saber se estamos certos ou errados, se devemos ou não fazer determinada coisa; enfim, temos tantas dúvidas que nos sentimos como crianças diante de muitos brinquedos sem saber qual escolher para brincar. E é por conta disso, que ainda precisamos dos ensinamentos de Jesus, como orientação e sustentação nas nossas determinações.

159 KARDEC, Allan – O Evangelho segundo o Espiritismo, 37ª edição – 1989 – Capítulo 18.

Entretanto, se essas determinações têm origem na ideia e se a mente é o berço dela –, não importa onde estivermos ou quando – então, mudando-se a ideia, muda-se o homem, melhorando-se o mundo. Emmanuel é claro quando afirma que aquilo que geramos na mente é fermento espiritual, porque estabelece atitudes que geram hábitos, passando a governar expressões e palavras, “através das quais a individualidade influencia na vida e no mundo”.¹⁶⁰ E ele prossegue: “Acautela-te, pois, com o alimento invisível que forneces às vidas que te rodeiam. Desdobra-se-nos o destino em correntes de fluxo e refluxo. As forças que hoje se exteriorizam de nossa atividade votarão ao centro de nossa atividade, amanhã”.¹⁶¹

Não sem razão, Herculano Pires, deixou-nos essa joia para reflexão: “Deus no Centro (*considerando a palavra Centro como o Universo – grifo meu*) é Deus em nós, ajudando-nos a crescer com o fermento da fraternidade que Ele, pouco a pouco, aumenta em nossa medida de farinha, na proporção em que a farinha do nosso egoísmo absorve o fermento e se transforma no pão que nos alimenta a alma”.¹⁶²

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 558.

160 XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel - 3ª. edição, Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ - 2005, lição 76.

161 _____, lição 108.

162 PIRES, J. Herculano, *O Centro Espírita*, São Paulo/SP. 4ª edição – LAKE Editora, São Paulo/SP - 1992, Capítulo V, p. 41.

Parábola do joio

*"O joio está para o trigo, assim como o juízo humano está para as manifestações superiores."*¹⁶³

Menos popular que algumas das parábolas narradas por Jesus, esta é de uma riqueza incalculável quando podemos, à luz da doutrina Espírita, buscar a essência do que Ele propôs de ensinamento, por trás das palavras. E foi isso que nos moveu e nos levou a encontrar em três obras os subsídios para entendê-la.

Três autores que não deixam qualquer dúvida sobre a clareza, o entendimento e a coerência que precisamos encontrar quando, independentemente do estudo que realizamos de qualquer passagem evangélica, buscamos entender Jesus. São eles Cairbar Schutel, Huberto Rohden e o benfeitor espiritual Emmanuel.

A parábola do joio é bem interessante, porque do ponto de vista material ela parece paradoxal, como muitas parábolas o são e, por isso mesmo, algumas questões podem ser levantadas: que lavrador deixaria a plantação cheia de ervas daninhas? Quantos proibiriam de colher o mato? Ainda que do ponto de vista material essas questões possam ser levantadas, do ponto de vista espiritual ela é muito mais ampla.

Todas as vezes que nos propomos a estudar para compreender o que o Mestre quis dizer em qualquer um dos Seus ensinamentos, precisamos buscar o objetivo que O

¹⁶³ SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus* - 14ª edição - Casa Editora O Clarim - Matão/SP - 1997 - 1ª Parte, p. 5.

moveu. Conseguimos compreender com nossos estudos que o objetivo em questão é o estabelecimento do espírito de fraternidade que, nas palavras de Cairbar Schutel, está contido no amor a Deus e ao próximo, no merecimento pelo trabalho, pela abnegação, pelas virtudes ativas. Afirma ainda que a fraternidade é o único sentimento capaz de resolver as questões sociais e estabelecer a paz no mundo.

Entretanto, como em qualquer convite ou orientação vindos de Jesus, não é possível permanecer no significado literal, na letra, mas buscar também a essência contida nessas palavras. E qual é, pois, a essência da parábola do joio, objeto de nossa reflexão?

Pela mistura das palavras do Cristo e pelas alterações que o homem viria fazer, atendendo desejos e interesses pessoais e de grupos, era necessário que a Verdade - o trigo - e as deturpações - o joio - amadurecessem juntas para, então, separá-las de suas exterioridades.

Voltemos à análise: como toda história que Jesus contava estava repleta de alegorias necessárias ao entendimento do povo de Sua época, esta também apresenta elementos que precisam ser traduzidos, por assim dizer. Senão, vejamos: o feixe é representado pelos débitos individuais e coletivos; o campo, o mundo da humanidade; o trigo sugere os homens bons ou os ensinamentos benditos, enquanto que o joio significa os homens maus ou a deturpação dos ensinamentos divinos. Mas aparecem também os homens dormindo, representando o desinteresse em relação às palavras do Excelso Amigo, a inconsciência do Espírito que dorme diante da vida espiritual. Jesus fala ainda da queima do feixe que significa a imensa paciência do Criador na espera que os homens amadureçam, acordem para a verdadeira vida: a vida do

Espírito.

Deus não fez o homem nem bom nem mal. Criou-o simples e ignorante de Suas leis, mas depositou na sua consciência a "semente" da evolução para que na "estação" propícia ela germinasse. Foram necessários milênios incontáveis para que, de posse do livre-arbítrio, esse homem tivesse a possibilidade de escolher entre fazer o bem ou o mal, o certo ou o errado, de fazer alguma coisa ou simplesmente não fazer nada. Por tudo isso ele é o único ser na Natureza que possui essa bipolaridade: o direito de escolher entre o Céu e o Inferno, que ele mesmo constrói para viver. Sob o enfoque de Huberto Rohden¹⁶⁴, o homem pode tornar-se bom espontaneamente e não compulsoriamente. Tornar-se bom por escolha. Esse homem bom, esse ser-bom deve ser o resultado voluntário do *querer* e não o compulsório do *dever*. Tem todas as condições de ser mau, e escolhe ser bom. A parábola não diz que Deus extermina o joio, porque, em verdade, ele se extermina a si mesmo pelo não cumprimento das leis divinas.

O estimado benfeitor espiritual, através da bendita psicografia de Francisco Cândido Xavier¹⁶⁵, diz que Jesus não retirou do homem as oportunidades de crescimento e santificação possíveis. Insiste o amigo espiritual que o joio não cresce por relaxamento do Divino Lavrador, mas, sim, porque o Celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem. Por essa razão, a colheita não é igual para todas as sementes lançadas no chão. Há que se esperar, porque cada espécie tem seu dia e sua estação.

164 ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas* - 12ª edição - Editora Martin Claret - São Paulo/SP - 1997 - p.41.

165 XAVIER, F. C. *Vinha de Luz* - 14ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/RJ - 1996 - Lição 107.

O mesmo acontece conosco. Surgindo o tempo certo de cada um e de cada coletividade, exige-se a extinção do joio, através de processos transformadores. Jesus saberá se Seus ensinamentos foram recebidos em vão. Essa é pedagogia do Cristo: respeito de realizar cada um, ao seu tempo, o seu "destino". Mestre dos mestres, educador por excelência, facilitou nosso caminho para sermos criaturas melhores. Mostrou como fazê-lo, oferecendo inumeráveis exemplos, ajudando-nos a remover os obstáculos existentes.

Para o educador encarnado, para todo aquele que tem responsabilidade de transmitir conhecimentos, valores, não importando sua área de atuação, ou sua tarefa nesta encarnação, a única coisa certa a fazer é autoeducar-se para não se deixar contaminar pela vaidade do sucesso positivo ou pela frustração do insucesso.

Necessário se faz que cada um de nós seja o exemplo vivo da prática do evangelho, deixando luzes nos nossos passos, como tantos outros já o fizeram, indicando o caminho que hoje trilhamos com mais leveza.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, edição nº 458.

Parábola do Rico e de Lázaro

É um ensino alegórico, representativo do que se passa no plano espiritual, para afirmar que a nossa vida além-túmulo é uma consequência justa e equitativa da nossa existência na Terra.

A parábola fala do abismo entre os que livremente pautam suas escolhas no bem, no nobre e no belo e os que também, livremente, insistem em permanecer em atitudes de desequilíbrio, deboche e insensatez frente aos convites de mudanças propostos por Jesus. É a escolha de cada um e, por isso mesmo, o Mestre nos fala das imutáveis leis divinas e de como o homem é o próprio criador do seu céu e do seu inferno. Eis a parábola:

Um rico vivia luxuosamente em seu palacete, vestindo-se com finas roupas e banquetecendo-se esplendidamente todos os dias. À porta de sua residência, jazia um pobre homem de nome Lázaro, coberto de feridas e com fome. Desejava catar as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhas dava, e ele não podia mover-se para apanhá-las. Um dia, o pobre Lázaro morreu e foi levado pelos anjos, ao seio de Abraão. Algum tempo depois, o rico também morreu e “foi sepultado”.

O texto conta que, no inferno, o rico “levantou os olhos”, *não os olhos materiais, mas os do Espírito* (destaque nosso), seguindo-se estranho diálogo entre ele e Abraão – *representante do mundo espiritual, das regiões mais elevadas*.

No meio dos seus sofrimentos, o rico pede a Abraão que mande Lázaro lhe refrigerar a língua com uma gota de

água, para aliviar um pouco suas agonias. Abraão, porém, nega-lhe o pedido, acrescentando que há um “abismo” entre os do inferno e os das alturas, de maneira que não há possibilidade de trânsito entre os dois níveis. Em seguida, pede que mande Lázaro à casa de seu pai, para que conte aos cinco irmãos o que está acontecendo, para que não tenham que vir para o mesmo lugar. Mais uma vez, Abraão diz que eles têm Moisés e os profetas e que se eles não conseguem ouvi-los, como escutarão alguém que já morreu?

Como todas as parábolas de Jesus, esta também tem endereço certo.

O que se faz necessário, antes de qualquer coisa, é compreender o conceito de rico, segundo o ponto de vista do Mestre, pois a parábola fala de um rico egoísta e avaro, que não sabe aplicar de forma justa a riqueza que Deus colocou, transitoriamente, em suas mãos. Em momento algum, refere-se aos ricos que fazem com que suas fortunas sejam fonte perene de bens, e que favorecem a todos que estão ao seu redor. E o Evangelho adverte-nos que o homem não possui de seu senão aquilo que pode levar deste mundo. O que ele encontra ao chegar – e o que deixa ao partir – goza durante sua permanência na Terra; mas, desde que seja forçado a deixar, é claro que só tem o usufruto. Por ser mero depositário, administrador dos bens que Deus, por misericórdia, colocou em suas mãos, terá de prestar contas de como esses bens foram empregados.

Para entender melhor essa parábola, precisamos separar seus trechos.

1 – Assim, quando Jesus narra que há um abismo entre o inferno e o céu, não se refere, certamente, à

impossibilidade de uma conversão após a morte, como se os sofrimentos fossem eternos e os gozos dos habitantes celestes sem fim.

O texto não menciona uma só palavra, algo como “conversão” do sofredor. O que o rico pede é somente alívio das penas; não se mostra arrependido. Pensa em aliviar seu mal, sem se converter da sua maldade. Continua igual como era na vida planetária.

Segundo o ponto de vista de Jesus, o que o rico sofredor pede não é possível em face da Lei de Justiça. Enquanto a maldade perdurar no seu íntimo, o mal persistirá nos seus atos e pensamentos.

O interessante é que ele não solicita nova encarnação para a remissão dos seus enganos; não solicita que seus irmãos mudem a conduta diante de Lázaro redivivo, mas que eles não venham a sofrer o que ele está sofrendo. Diante da solicitação, Abraão fez ver que eles não estão com vontade de se converterem, pois sequer atendem a Moisés e aos profetas.

2 – Podemos perceber que a pretensa dissociação entre culpa e pena, entre causa e efeito, entre maldade e mal, é absolutamente impossível em face das leis divinas. Por isso, Abraão diz existir um grande abismo entre uns e outros.

É importante salientar que esse abismo não é criação de Deus, mas é cavado pelo próprio homem. Deus não fez nenhum céu e nenhum inferno para o homem. É o livre-arbítrio humano o responsável por eles. Por essa razão, céu e inferno não são lugares geograficamente localizados no além-túmulo, mas, sim, estados da consciência, criações humanas que determinam sofrimentos ou bem-aventuranças.

Jesus nos disse que o Reino dos Céus está dentro de nós e o reino do inferno também pode estar. Portanto, é tolice imaginar que desencarnados tornam-se anjos, se não mudarmos nossa mentalidade enquanto estivermos encarnados. Somos o que somos, aqui e além.

A morte do corpo não destrói os sentimentos inferiores, negativos, que abrigamos no Espírito. Quem vivia ligado às coisas da matéria, sem se incomodar com as coisas de Deus, continuará, no plano espiritual, a ser alguém ligado à matéria e agora sofrendo.

Por essa razão, existe esse abismo entre os dois mundos da parábola. Então, enquanto esse homem materialista não modificar seus sentimentos, retornará ao círculo da matéria, tantas vezes quantas forem necessárias, até que se modifique.

A cada nova vivência, será despertado para novos valores. "Somente um novo compreender, um novo querer, um novo viver é que podem redimir o homem de suas maldades, e, finalmente, todos os seus males." ¹⁶⁶

3 - A parábola do rico avarento e do pobre Lázaro encerra, ainda, outra visão: Há quem pense que o sofrimento seja fator de redenção. Nenhum sofrimento em si redime o homem, mas, sim, a atitude do homem face ao sofrimento: desespero, revolta ou aproveitamento da lição bendita. Dois caminhos e uma escolha... Um encara as dificuldades com otimismo, porque tem fé na Providência Divina, nos bons Espíritos e em si mesmo. Sabe que é filho de Deus com infinitas possibilidades de vencer, em cada fase evolutiva, apesar das dificuldades inerentes a ela. O outro, revolta-se ante os problemas: não aceitação,

166 ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas* - 12ª edição - Editora Martin Claret - São Paulo/SP, 1997, p. 35.

desesperança; transfere para os outros, inclusive a Deus, as responsabilidades que lhe são próprias. Nós, agindo dessa forma, acabamos por acrescentar um quadro de desequilíbrios forjado por nós mesmos, fruto das nossas escolhas descabidas, com desejos e caprichos de todas as ordens. Com essa atitude, perde-se o fruto da bênção que poderia aliviar e até mesmo anular as penas em reencarnações vindouras.

O Mestre nos ensina, então, a entender o valor educativo das aflições. No início doem, machucam a alma, como o aluno que é reprovado. Mas, após vencer as primeiras provas, as lutas seguintes transformam-se em alimento espiritual, porque entendemos que só através do trabalho diário de renovação contra as nossas imperfeições, podemos nos melhorar. Portanto, "o simples fato de ser rico não constitui obstáculo irremovível para os Espíritos que descem à Terra, assim como as palavras de Jesus não representam a proclamação automática da salvação dos pobres de bens materiais".¹⁶⁷

O "*é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus*" não significa o rico de bens materiais, mas o rico em orgulho, egoísmo, avareza, cobiça. Quantos ricos há que podem ser considerados Lázarus da parábola; e quantos pobres podem ser considerados os ricos.

O sofredor da parábola não se converteu com os sofrimentos pelos quais passava. Podia querer e não o fez. A alma sem o corpo físico pode converter-se quando quiser, pois o livre-arbítrio, o direito de escolhas é atributo do Espírito e não da matéria.

167 GODOY, Paulo Alves. *As Maravilhosas Parábolas de Jesus* – 9ª edição - Editora FEESP – São Paulo/SP – 2008 – p.74.

A ideia comodista e irresponsável de que “a carne é fraca” sucumbe diante dessa afirmação. A carne não é fraca; fraco é o Espírito que não luta contra as tentações.

E onde buscar a força, a coragem para essa luta? Em Jesus. Na prece sentida, acreditando que não há órfãos na Criação e que somos capazes de vencer as atribulações.

“Vinde a mim vós todos que estais atribulados e eu vos aliviarei.” Busquemos, pois, Jesus.

Pub. – Revista Virtual O Consolador, edição nº 255.

Pedras do caminho

"Amai vossos inimigos..." – Jesus (Mt, 5:44.)

Essa afirmativa de Jesus pede reflexão e análise especial. Diz para que amemos nossos adversários, porque ninguém precisa nos lembrar de amar aqueles que têm para conosco gestos carinhosos e palavras ternas, com quem compartilhamos interesses comuns e alegrias mútuas, pois isso é fácil.

Com essa atitude, nada acrescentamos de útil ao esforço que realizamos para o nosso progresso espiritual. Aliás, na Terra, só traduzimos o verbo amar sob tal forma de exteriorização. Todavia, o amor pode resplandecer sem essa exteriorização superficial. Alguém duvida do amor de Deus por nós? Quem, em sã consciência, duvida de que foi o amor de Jesus por nós, e a esperança que deposita na nossa capacidade de nos transformarmos em luzes que O fez vir até nós em sacrifício? Amar aqueles que nos caluniam e ofendem, obrigando-nos ao sacrifício íntimo do entendimento fraterno, da compreensão do limite evolutivo em que o outro se encontra – certamente o mesmo que o nosso – para que a harmonia prevaleça, isto, sim, é manifestação inequívoca de amor, e tem inestimável valor perante o Pai.

Ele próprio, ao nos confiar duras tarefas e rudes experiências junto àqueles com quem compartilhamos a existência, seja neste planeta ou em outros mundos, mostra-nos a Infinitude do Seu Amor para com todas as criaturas. Todavia, impossível pretender amá-los como amamos os queridos do nosso coração.

Então, o que Jesus quis dizer com isso? Que convite é esse que não conseguimos compreender? Qual a essência do ensinamento desejado? O Apóstolo Paulo, na Carta aos Romanos, Capítulo 12, versículo 21, dá-nos a resposta ao escrever: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem". Diante da assertiva, parece-nos claro que não basta apenas deixar de fazer o mal, mas é fundamental fazer o bem; que não é suficiente não termos uma atitude negativa, mas torna-se indispensável desenvolvermos atitudes positivas. Seria o mesmo que termos uma "meia-bondade" – desculpa educada – ou sermos mais ou menos honestos sem, contudo, penetrarmos no nosso campo íntimo para a transformação necessária, mantendo-nos, somente, na superfície do sentimento.

Podemos citar alguns exemplos significativos dessa "meia-bondade", seguindo a orientação de Emmanuel: 1 – o favor adiado; 2 – a reprovação de permeio com o elogio, o nosso tão conhecido e exaustivamente praticado "bate e assopra"; 3 – esquecer deliberadamente o prêmio pela conduta correta em qualquer atividade exercida; 4 – continuar ajudando os que não nos ofendem, porque é mais fácil e mais agradável; e 5 – desculpar sem modificar o íntimo, o tão comum "perdoou, mas não esqueço".

Todos os nossos pensamentos, ações e palavras estão nas raízes dos sentimentos que abrigamos em nosso mundo íntimo – a boca fala do que tem no coração. Quando encarnados, por conta do grau evolutivo em que nos encontramos, nossos pensamentos oscilam entre o altruísmo e o egoísmo, a prodigalidade e a sovinice que provocam distúrbios mentais, gerando doenças no âmbito do espírito e do corpo, muitas vezes de difícil diagnóstico.

O mal que está dentro de nós, e que se exterioriza por nossas ações e palavras, retorna a nós, em cumprimento

da Lei de Causa e Efeito ou Lei de Ação e Reação, com grandes prejuízos. O Evangelho nos pede: "*Perdoai vossos inimigos*", "*Orai por aqueles que vos caluniam e perseguem*", para que aprendamos a não ter mais que pedir perdão a Deus ou ao próximo pelos nossos erros, porque não teremos mais ofendido ninguém.

O evangelista Pedro perguntou a Jesus quantas vezes deveríamos perdoar aquele que nos ofende e o Mestre respondeu setenta vezes sete, estabelecendo, assim, a infinitude de vezes que devemos praticar o perdão. Em momento algum Jesus espera que possamos, por ora, amar nossos adversários ou desafetos como amamos nossos amigos, porque Ele sabe que um dia, queiramos ou não, estaremos todos juntos, trabalhando na Sua seara de Amor, como irmãos que somos.

Assim sendo, o que podemos fazer, hoje, dentro da nossa limitação, em atendimento ao convite divino? Parece-nos que: 1 – não devolver o mal com o mal; 2 – orar, verdadeiramente, para que eles possam conquistar, como também estamos tentando, a felicidade e a paz; 3 – não nos alegrarmos com seus fracassos, mas torcer para que progridam e que mais rapidamente compreendam o mal que fazem aos outros e a si mesmos; 4 – ajudá-los, mesmo que não saibam disso. E se pouco pudermos fazer, que sejam as nossas preces a ajudá-los a se reerguerem. Lembra Emmanuel que não basta cerrar os punhos e esbravejar contra a sombra noturna. É preciso acender uma luz.

É imprescindível e urgente a renovação para melhor. Necessitamos crescer para a Vida Superior e nos convertermos "*em auxiliares preciosos da divina iluminação do espírito, na convicção de que a sementeira do exemplo é a mais duradoura plantação no solo da alma*".¹⁶⁸ E prossegue o benfeitor espiritual acrescentando que precisamos aprender com o Cristo a ser mensagem persuasiva do amor para que se estabeleça, entre os homens, o domínio da eterna luz.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), em janeiro de 2009.

168 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – Editora CEC, 20ª edição. Uberaba/MG, 1995 - Lições 30 e 31.

Prometer é barganhar com Deus

"E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa." – Paulo (Hebreus, 16:15.)

De qual promessa o apóstolo Paulo nos fala? Na promessa que Jesus nos fez, em nome de Deus, quando disse que alcançaríamos o reino dos Céus e que a paz divina faria morada, para sempre, em nossos corações. E é com a autoridade de quem fala em nome do Criador, que o Mestre nos conclama à conscientização das leis que veio nos ensinar para que, através da prática da caridade, a promessa se cumprisse.

Mas, se o apóstolo nos fala de paciência, por que citamos a caridade como a porta aberta ao cumprimento da lei? Porque a paciência é base de todas as virtudes e, por essa razão, necessitamos desenvolvê-la dentro de nós. É importante não perdermos de vista essa ideia, pois, para alcançarmos a promessa que Deus nos fez, através de Jesus, de que herdaríamos o reino dos Céus, precisamos ter esperança. E onde se encontra a base dela senão na paciência para aguardarmos?

Todavia, nos defrontamos, nesta altura da nossa reflexão, com um problema: como aguardar o cumprimento dela? De que modo precisamos nos comportar para conquistarmos essa benesse?

Qualquer promessa que fazemos ao outro nos parece barganha, troca de favores. E assim também nos comportamos com Deus, com Jesus, com os benfeitores espirituais. É um constante toma lá, dá cá. Prometemos

não mais fumar se... Prometemos não falar mal da vida alheia se... Aguardamos que a primeira parte seja feita para que possamos fazer a nossa. E por aí vamos, incansavelmente, prometendo e não cumprindo. Como Deus não faz a sua parte... Primeiro o pedido deve ser realizado para depois realizarmos a nossa promessa. Tratamos o Criador, Jesus e os benfeitores espirituais com a mesma infantilidade com que lidamos com a nossa responsabilidade diante da vida. Devem sempre estar à nossa disposição no atendimento aos nossos caprichos e desejos.

Justamente por termos essa postura diante das promessas que fazemos é que Emmanuel nos alerta para observarmos de que forma estamos aguardando a promessa do Pai. Lembra-nos o querido instrutor espiritual que desde tempos remotos – em qualquer parte e em qualquer tempo –, todos esperamos ter os nossos lares abençoados, as possibilidades para que possamos cumprir nossos deveres, nosso trabalho reconhecido, nossos ideais elevados atendidos e, principalmente, uma colheita farta.

Entretanto, não basta desejar e esperar que as coisas aconteçam. Esperar não significa inércia, muito pelo contrário, significa persistir sem cansaço, porque representa o triunfo definitivo.

Prossegue Emmanuel: nesse processo de conquista deve existir também um objetivo. Mas, além do objetivo, é necessário existir uma meta que represente a exteriorização desse objetivo. Tomando um exemplo material: todas as vezes que pensamos em objetivo, nos vem à mente o bem material. Desejamos uma televisão (objetivo), mas precisamos de recurso financeiro (meta). Entre os dois há um esforço constante na busca dessa realização.

Entretanto, nosso objetivo agora é a ligação com o Cristo e com as promessas que Ele nos fez. E quais são essas promessas senão as bem-aventuranças? Bem-aventurados os mansos e pacificadores, porque herdarão a Terra. Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados. São esses os nossos objetivos, e Emmanuel¹⁶⁹ nos pergunta de que modo poderemos materializá-los com o Cristo. Vejamos: a) em qualquer circunstância é necessário esperarmos com paciência, pois se há sofrimento em nossos sonhos, se há incompreensão ao redor dos nossos desejos, e se a dor e a ingratidão nos visitam a alma, melhor será aguardarmos; b) chorar significa perda de tempo, de minutos preciosos no trabalho para a conquista. Maldizer as dificuldades não nos facilitará o entendimento da solução que já se encontra a caminho; c) se alguém nos ofendeu, é perda de tempo nos desgastarmos por alguém que já é tão infeliz; d) se alguém nos prejudicou, será tolice nos vingarmos, porque essa criatura já está assinalada pela Justiça Divina.

Assim, se sofremos com paciência, é porque estamos tirando do momento de aflição que experimentamos (transitório) lições benditas. Na Natureza o tempo traz muitas surpresas e, para nós também, quando não nos precipitamos e entendemos que cada um está em um momento diferente de crescimento espiritual. Por causa disso, cada um entende de forma diferente os ensinamentos de Jesus e, como nós, também eles esperam pelas promessas que Jesus nos fez.

Tenhamos, pois, paciência conosco e, sem constrangimentos, voltemos sobre nossos passos para corrigir o erro, a fim de que, a partir dessa atitude,

169 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição – Editora CEC - Uberaba/MG – 1995 - Lição 68.

possamos aprender a ter paciência com o próximo. Estamos, na verdade, aprendendo a limpar o caminho que nos leva ao Pai.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP) - março de 2003.

Reforma íntima, já!

E disse-lhes: "Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai para que não entreis em tentação".¹⁷⁰

No Monte das Oliveiras, o crepúsculo anunciava a chegada da noite, momento sublime convidando à meditação. Jesus, na companhia de Simão Pedro, João e Tiago, alcançou o monte para viver a derradeira hora com os discípulos amados. Sabia que ali mesmo seria preso, sentenciado e condenado ao calvário. Solicitou o Mestre aos companheiros que permanecessem em oração e vigília, junto com ele, para que tivesse a glorificação de Deus no supremo testemunho. Afastou-se e, colocando-se em prece, a pequena distância, pôde ser observado em toda a sua sublimidade por aqueles corações que o ouviam e amavam. Narra Lucas¹ que, sem motivo que pudesse ser explicado, os três adormeceram no decurso da oração, enquanto Jesus orava fervorosamente, mesmo diante de tão grande dor que se avizinhava.

Pensemos um pouco: O sono, conhecido por nós, é necessário para o refazimento das nossas energias físicas. Ele é indispensável à vida humana a fim de restaurarmos as condições orgânicas para a continuação da nossa vida material. Obviamente, o ensino de Jesus não se referia a ele.

Essa passagem evangélica remete-nos, assim, a duas reflexões que devem ser expostas por estarem ligadas à nossa condição atual de eternos aprendizes da Sabedoria

¹⁷⁰ Lucas, 22:46.

Divina. A primeira é uma chamada à conscientização das tarefas que estão sob nossos cuidados. Diz Emmanuel² que o aprendiz do Evangelho deve ser “o campo de trabalho do Reino, onde se esforçará, operoso e vigilante, compreendendo que o Cristo prossegue em serviço redentor para o resgate total das criaturas” – “Nenhuma das ovelhas de meu Pai se perderá”.

Todavia, não ignoramos a presença de inúmeros companheiros – e quantas vezes nós próprios! – com atividades alicerçadas nos ensinamentos cristãos, a permanecerem dormindo nas conveniências pessoais, geralmente ligadas a interesses mesquinhos, nas vaidades efêmeras. Os chamamentos transitórios iludem-nos e fazem com que o tempo seja gasto em futilidades. Malbaratamos as oportunidades valiosas que nos são oferecidas para nosso crescimento espiritual e permanecemos voltados apenas para as questões pessoais que nos afetam o cotidiano. O Mestre fala, então, de um sono diferente. Refere-se o Excelso Amigo ao sono da indiferença, do descaso, do comodismo, da invigilância diante dos deveres que nos competem.

Com propriedade, ainda, lembra Emmanuel que “falam do Cristo, referem-se à sua imperecível exemplificação, como se fossem sonâmbulos inconscientes do que dizem e do que fazem, para despertarem tão só no instante da morte corporal, em soluções tardias”.¹⁷¹ Somos os discípulos de hoje que esquecem o mandato do qual somos portadores, que se inquietam pela rápida execução dos seus desejos e caprichos, procurando aproveitar cada momento da existência como se fosse o último, acreditando que os dias correm depressa demais, sem

171 XAVIER, F. C. *Caminho Verdade e Vida*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição - Editora FEB – Rio de Janeiro/RJ - 1997 – Lições 87 e 88.

tempo para tantos prazeres materiais a serem experimentados.

Esquecemos que a vida é eterna e que o tempo no corpo físico, ante essa eternidade, é quase nada. E ao despertarmos no mundo espiritual, obreiros distraídos que somos, os trabalhadores ausentes de suas obrigações, sob a cobrança das próprias consciências, choramos e clamamos pelo reencontro da paz do Cristo. "A minha paz vos dou. Não a paz do mundo, mas a minha paz."

Assim, como Jesus, ao ver os discípulos dormindo, lhes disse: "Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai para que não entreis em tentação", também o discípulo invigilante ouve, nos refolhos da sua consciência, a voz do Senhor dizendo a Pedro: "Então, nem por uma hora pudeste velar comigo?"¹⁷². E se não conseguimos, ainda, permanecer uma hora com o Cristo, na prática dos seus ensinamentos, como pretender a união com Ele para sempre?

Todo cristão sabe que a Terra só se libertará do império do mal se todos nós, trabalhadores do bem, ajudarmos Jesus com nossos recursos. Mas, para que isso ocorra, Ele precisa de auxiliares que cumpram seus deveres, nas atividades diárias e justas, como exemplos vivos, dando testemunhos em toda parte.

Somos, meus irmãos, os Lázarus modernos a quem o Cristo chama: Acorda! Levanta! Sai!

Acorda para a consciência de que és um ser espiritual, imortal, criado por Deus para viver na plenitude do Seu Amor.

Levanta dessa ociosidade que te prende às algemas

172 Mateus, 26:40.

materiais, que te limita a mente e te engessa no passado.

Sai do egoísmo que te bitola a visão do cosmo e te faz imaginar que és o centro do Universo.

Sai do “eu” fantasioso e amplia a mente para tudo que esteja ao teu redor, sê estrela, sê homem.

Abandona a velha estrutura que te mantém atado a valores antigos de cor, religião, posição social, e entrega-te a Deus, como ser cósmico que és, ser divino com luz própria e infinitas capacidades de voar para a felicidade plena.

Meus irmãos, Jesus desceu à Terra para deixar uma mensagem que tem, na sua essência, um alerta à necessidade de transformação das nossas predisposições íntimas, em relação à vida, com vistas ao nosso aprimoramento moral e espiritual. Sem essa modificação, ficaremos, simplesmente, estacionados nos caminhos da vida, convivendo e praticando todas as espécies de vícios, de desregramentos, endurecendo nossos corações aos ensinamentos benditos. E o maior problema que enfrentamos com esse sono da alma é a nossa imensa disponibilidade para as coisas materiais e a total falta de tempo, vontade, interesse, de disposição, de jeito para as coisas do Espírito. Com uma vida repleta de contradições, com diferentes tipos de sentimentos negativos a fazer morada em nós, é esperado que nos defrontaremos na vida espiritual, quando deixarmos o corpo físico, com as dificuldades de não termos amalhado os tesouros imperecíveis do céu: valores morais, valores perenes.

Dissemos que seriam duas reflexões sobre a narrativa de Lucas e Mateus. Vamos encontrar a segunda, num conto de grande beleza, de Humberto de Campos.⁴ Diz o querido Instrutor Espiritual que após o episódio do Horto

das Oliveiras, onde dormira com seus companheiros – não atendendo ao pedido de Jesus para a oração e a vigília – no momento em que o coração amoroso do Mestre mais necessitava de assistência e afeto, João, o filho de Zebedeu, implorava, em lágrimas, que Ele perdoasse seu descuido da hora extrema. “Certa noite, após as reflexões costumeiras, sentiu ele que um sono brando lhe anesthesiava os centros vitais. Como numa atmosfera de sonho, verificou que o Mestre se aproximava. (...) Precedendo suas palavras do sereno sorriso dos tempos idos, disse-lhe Jesus:

– João, a minha soledade no horto é também um ensinamento do Evangelho e uma exemplificação! Ela significará, para quantos vierem em nossos passos, que cada Espírito na Terra tem de ascender sozinho ao calvário de sua redenção, muitas vezes com a despreocupação dos entes mais amados no mundo. Em face dessa lição, o discípulo do futuro compreenderá que a sua marcha tem que ser solitária, uma vez que seus familiares e companheiros de confiança se entregam ao sono da indiferença! Doravante, pois, aprendendo a necessidade do valor individual no testemunho, nunca deixes de orar e vigiar!...”¹⁷³

Assim, necessário se faz que, enquanto nos encontrarmos no corpo físico, não durmamos em espírito, desatentos aos convites de Jesus. É fundamental para a nossa proteção e sustentação que nos levantemos e nos esforcemos, porque é “no sono da alma que se encontram as mais perigosas tentações, através de pesadelos ou fantasias”.¹⁷⁵

173 XAVIER, F. C. *Boa Nova*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos - 25ª edição - Editora FEB - Rio de Janeiro/ RJ - 1999 - Capítulo 27.

Pub. – Revista eletrônica O Consolador, em novembro de 2015.

Salva-te a ti mesmo

*"Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação."*¹⁷⁴

Se formos buscar no dicionário o significado real da palavra salvar, não iremos encontrar, certamente, o termo tornar-se divino ou santo que, de alguma maneira, pudesse nos transformar em pessoas sublimes ou que nos fornecesse, no dizer de Emmanuel, "um passaporte para a intimidade com Deus". Entretanto, com isso em mente, muitos buscam os templos de fé preocupados com a prática dos ritos exteriores, com presença assídua, imaginando que apenas isso lhes dará a condição de se salvarem. Sua intimidade com Deus está quase sempre no número de vezes em que praticam as obrigações rituais.

O que pensarmos, então, de um homem que nos atos públicos religiosos mantém-se contrito, passando aparência de retidão e, no santuário doméstico, permanece mergulhado em palavra de baixo calão? Ou ainda daquele outro que se declara temente a Deus diante de multidões, preocupado em exteriorizar sua fé, mas que a preguiça toma conta no trabalho? E temos, ainda, outros companheiros que dizem confiar na Misericórdia e Justiça Divinas, mas que diante da dor mostram-se desesperados. São fiéis no que lhes facilita a vida e blasfemam quando não conseguem o que desejam. No conceito dessas criaturas, certamente, estarão a salvo ao deixarem o corpo físico, porque cumpriram com todas as obrigações do seu credo religioso.

174 PAULO, II Coríntios (6:22).

Como cada um de nós encontra-se em momentos diferentes de evolução e entendimento das coisas divinas, é natural que muitos de nós ainda assim ajam. Por essa razão, o Evangelho nos lembra, continuamente, a preocupação de Jesus em conscientizar as pessoas para a necessidade de cuidarem menos dos rituais exteriores e mais das coisas do coração. Era da tradição naquela época – e toda tradição estava contida na lei – lavar as mãos antes de se comer o pão. Em determinada ocasião, Jesus foi censurado por não fazer tal gesto e a explicação que ele deu a seus opositores, escandalizando-os, foi a de que “o que entra pela boca, desce ao ventre e se lança em lugares escusos; mas as coisas que saem pela boca vêm do coração e são essas coisas que tornam o homem imundo. É do coração que saem os maus pensamentos, a blasfêmia, a mentira, o adultério”.

Entretanto, do pouco que já conhecemos dos ensinamentos evangélicos, parece-nos que Jesus continua querendo um pouco mais de cada um de nós, e não somente as obrigações ritualísticas. Vamos entender isso: voltemos, então, ao nosso dicionário e lá vamos encontrar o sinônimo de salvar como sendo livrar de ruína ou de perigo, conservar ou ainda abrigar. Nenhum desses significados exime o homem da responsabilidade de melhorar-se. E quando Cristo nos fala em salvação, Ele nos conclama à renovação e ao aprimoramento individual em qualquer circunstância, e isso, certamente, inclui o lar, o local de trabalho, a via pública, pois é no contato com os semelhantes que temos as maiores e melhores oportunidades de crescimento.

Pretender que bastariam as atividades do culto exterior para salvar-se, acreditando que é essa a concepção evangélica de salvação, é imaginar que, quando um doente

é salvo da morte, ele não necessita mais continuar nas tarefas da sua existência, ou seja, lutando para vencer obstáculos e tentações; ou então, esperar que um navio, salvo de perigo iminente, não precisasse mais continuar sua viagem até seu destino, conforme nos esclarece Emmanuel. Temos aí a ideia errônea de que salvar-se será livrar-se de todos os riscos, na conquista de uma suprema tranquilidade. E quantos de nós já tivemos essa ideia, não é verdade? Lembra-nos, Emmanuel, mais uma vez, que colocar alguém a salvo não é “situá-lo na redoma da preguiça, distante do suor da marcha evolutiva”, e o Evangelho não deixa dúvidas a respeito do erro nessa concepção, sendo muitos os exemplos que nos dá.

Após a morte de Jesus, o receio tomou conta de muitos dos apóstolos. Tinham consciência das suas tarefas, mas os homens eram hostis e as circunstâncias, em que deveriam trabalhar, bastante desanimadoras. Muitos deles, salvos de seus medos e inseguranças, prosseguiram seu trabalho, apesar de todas as dificuldades, levando os ensinamentos de Jesus onde fosse possível. O próprio Pedro, a quem Jesus chamou de pedra de sustentação na propagação do Cristianismo, salvo de sua indecisão, trabalhou até idade avançada. Muitos daqueles que foram chegando para o serviço da Igreja que nascia, conheceram aflição, martírio, lapidação e morte. Paulo, o grande apóstolo de Jesus que salvo da crueldade com que perseguia os novos cristãos, foi impelido a trabalhar na própria renovação, levando, com enormes sacrifícios pessoais, os ensinamentos do Mestre aos mais longínquos lugares, implantando o Cristianismo no seio de povos pagãos.

Assim, conforme o ensinamento de Jesus, salvar é, sobretudo, regenerar, instruir, educar e aperfeiçoar para a

Vida Eterna. Quando o Evangelho afirma que Ele veio salvar os pecadores, é imprescindível que entendamos que Ele não veio e não virá, como acreditam muitos, arrebatando os filhos de Deus da lama da Terra para que imediatamente brilhem entre os anjos do Céu. É necessário que compreendamos que, desde a época do Cristo – pelas suas palavras e, sobretudo, pelos seus exemplos –, o homem vem acordando para a verdadeira fraternidade e redenção e, com isso, modificando a moral do planeta. A salvação do homem não está na sua subida aos Céus por favoritismo religioso, mas, sim, no seu trabalho incessante no Bem, para que se elimine o mal do mundo. Jesus nos salvou, sim, porque nos ensinou como nos erguer das trevas para a luz.

E é essa luz que estamos buscando. Já podemos dizer que fomos tocados pelas verdades evangélicas e que, certamente, a salvação já terá chegado até nós. Isto não significa, entretanto, que podemos dizer que estamos investidos de títulos angelicais, quando ainda somos criaturas humanas com necessidade de aprender, evoluir, acertar as nossas escolhas e, sobretudo, de nos modificar.

A salvação da qual falamos é em seu sentido real, ou seja, aquela que vem do Alto para que, nos conscientizando das nossas obrigações, nos coloquemos diante da Lei do Progresso com disposição para abraçá-la e cumpri-la.

“O tempo que perdemos nos lamentando sobre o tempo perdido, faz com que percamos mais tempo ainda.”¹⁷⁵ Paulo de Tarso, o Apóstolo, diz-nos: “eis agora o tempo de salvação”, para a corrigenda de nossos erros e o aproveitamento da nossa vida.

175 XAVIER, F. C. *Palavras de Vida Eterna*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 20ª edição - Edição CEC, Uberaba/MG – 1995 - Lição 153.

Para todos nós, esse tempo, esse dia da salvação é
AGORA.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), em maio de 2003.

Seguir a luz para encontrar o caminho

"Temos, porém, este tesouro em vasos de barro para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós."¹⁷⁶

Se formos ao dicionário, encontraremos a palavra pedra como sinônimo de dureza. Entretanto, Jesus recorreu a ela, muitas vezes, para significar firmeza. Ele próprio chamou Pedro, Seu discípulo, de "rocha viva de fé". Cada um de nós admira essa firmeza de fé, não importa de onde venha. O que não podemos é repousar sobre a firmeza alheia, esquecendo de construir nossos próprios alicerces.

Tudo na vida convida o homem ao trabalho de seu aperfeiçoamento e iluminação. Dizemos a todo instante que acreditamos em Deus, no Seu poder, na Sua bondade e na Sua justiça. Mas, também, a todo instante, só temos fé quando Ele cura nossos males, alivia as dores e as aflições, ou quando estamos relativamente felizes ou em paz. No Deus que permite que as tentações nos rondem a existência; que nos convida a lutar contra elas, tendo por suporte a firmeza de nossa fé; que testa essa firmeza quando nos envia padecimentos como experiências imprescindíveis ao nosso crescimento, nesse Deus não temos fé.

Muitos possuem assim a singular disposição em matéria de fé: hoje creem, amanhã descreem. Ontem, se entregavam a firmes manifestações de fé; entretanto, porque alguém não se curou de algum mal, hoje perdeu a

¹⁷⁶ PAULO, II Coríntios, 4:7.

confiança, e se entregou ao longo caminho da negação. Ontem, iniciaram a prática do bem com fé e vontade, através do serviço e do consolo aos que sofrem; mas alguém lhes tocou com os espinhos da ingratidão, e hoje, abandonam o serviço e os propósitos de fazer o bem.

Não compreenderam, e muitos de nós ainda não compreendem, que o exercício do amor não pode cansar o coração. Apesar de laboriosamente conquistarmos ou buscarmos conquistar os talentos da fé, do conhecimento superior, o dom de consolar e a capacidade de servir, nada disso nos pertence. O poder da fé, o esclarecimento através do conhecimento, a capacidade de consolar e servir na Seara do Mestre são bênçãos de Deus. É Dele o poder e não nosso. Quando compreendemos isso, entendemos também que nosso planeta não é lugar só de alegrias. Encontramos, ao contrário, lágrimas e penas amargas em todos os cantos. Entendemos, também, que os problemas da alma não estão circunscritos a dias ou a semanas terrenas, e nem podem viver acondicionados a deficiências físicas. Os problemas da alma são problemas de vida, de renovação e de eternidade. Se nos cansarmos de ter fé, de ter esperança, de praticar o bem por causa do mal que nos cerca, seja em nós mesmos ou no ambiente em que vivemos, como conseguiremos colher com nossas próprias mãos os benefícios que estão reservados para nós no futuro?

Até alcançarmos triunfo pleno sobre nossos desejos malsãos, sofreremos na vida, seja no corpo de carne ou além dele, os flagelos da tentação. Não é fácil nos desligarmos das forças que nos prendem aos círculos menos elevados da vida. Por essa razão, a vida continua semeando luz e oportunidade para que não nos falem os frutos da experiência. Se a tentação nasce de nós porque

ainda estamos imersos em nossos impulsos instintivos não dominados, o chamado à educação e ao aprimoramento vem de Deus.

Devagar, o trabalho e a dor, a enfermidade e o término da vida terrena nos fazem reconsiderar os caminhos até agora percorridos, impulsionando nossas mentes para a Esfera Superior. Quando compreendemos que as aflições são um mal necessário, compreendemos, também, que o remédio que nos ajudará a suportá-lo é a firmeza de nossa fé na justiça divina e no Seu infinito amor por todos os Seus filhos.

Apesar de nossa origem divina, mil obstáculos nos separam da Paternidade Celeste: o orgulho nos cega; o egoísmo nos tranca o coração; a vaidade nos ergue falsos tronos de favoritismo indébito, nos afastando da realidade; a ambição inferior nos lança em abismos de fantasias destruidoras; a revolta forma tempestades sobre nossas cabeças; a ansiedade nos fere a alma. E através desses sentimentos conflitantes e aflitivos, com os quais julgamos pertencer ao corpo físico, nos esquecemos de que todo patrimônio material que nos circunda representa empréstimos de forças e possibilidades para descobrirmos a nós mesmos e nos valorizarmos como filhos do Pai Criador. "É o conflito da luz e da treva em nós mesmos", e, por essa razão, Emmanuel nos orienta a "seguirmos a luz para acertarmos o caminho".

"Todos os talentos que conquistamos, toda a capacidade de poder servir e todo fortalecimento das virtudes, sentimentos contrários às imperfeições que são os obstáculos a nos separar da Vida Superior", na feliz definição do Apóstolo Paulo, "transportamos no vaso de barro da nossa profunda inferioridade, a fim de que saibamos reconhecer que todo amor, toda santificação,

toda excelência e toda beleza da vida não nos pertence de modo algum, mas, sim, à glória de nosso Pai, a quem nos cabe obedecer e servir, hoje e sempre". Pela Sua infinita bondade, empresta-nos, oferece-nos todas as oportunidades, para que possamos crescer, evoluir e progredir espiritualmente em direção ao Seu amor.

Tudo que precisamos conquistar para nos tornarmos criaturas melhores está aí, às nossas vistas. Por não enxergarmos as possibilidades oferecidas, permanecemos mergulhados na amargura, na infelicidade e no desânimo, colocando-nos como vítimas e não como agentes na manutenção desse estado. Culpamos os outros, à vida e a Deus, por não nos darem oportunidades de melhoria. Quase sempre, esperamos que a solução venha do Alto, como chuva de luzes, resolvendo todos os nossos problemas, arrancando-nos dessa apatia que sentimos diante das dificuldades, aliviando nossos padecimentos, sem precisarmos nos levantar, arregaçar as mangas e partir para o trabalho.

Não temos fé na Providência Divina? Às vezes temos, mas é uma fé vacilante. Fé daquele que só crê porque consegue ajuda momentânea e transitória. Quando acaba o efeito da ajuda, termina a fé. É difícil compreender que se a aflição é proporcional à falta cometida, o benefício, também, será proporcional ao mérito do nosso trabalho.

Deus não tem dois pesos e duas medidas. A fé é um estado de graça, bênção divina que precisa ser fortalecida a cada dia, e isso só acontece quando transformamos essa fé em obras no bem, a começar por nós mesmos.

Pub. – jornal O Semeador (FEESP), em maio de 2002.

Semeaduras e Colheitas

"Ao que tem, se lhe dará ainda mais, e terá em abundância; à pessoa que não tem, será tirado até o pouco que tem." (Mateus, 13:10-14)

Essa frase de Jesus aparece em vários momentos no Novo Testamento, mas tem destaque nas Parábolas do Semeador, dos Talentos (Mateus) ou das Minas (Lucas) e do Joio; e nos ensinamentos "Buscai e achareis", "Ajuda-te e o Céu te ajudará". Mas é, sobretudo, nas três parábolas que encontramos o chamado que o Mestre faz para o entendimento do livre-arbítrio e do seu uso. E dentre elas nosso destaque é a Parábola do Semeador.

Assim, vamos nos lembrar de uma passagem na qual o Sublime Benfeitor falava com o povo quando sua mãe e seus irmãos chegaram, procurando-O, e alguém Lhe disse: "Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te". E Ele respondeu a quem Lhe trouxe o aviso: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" E estendendo a mão para os discípulos disse: "Eis minha mãe e meus irmãos, porque qualquer um que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe". Jesus estabelece naquele momento o parentesco divino entre todos, e destaca a necessidade de escolhermos o bem, o amor e a verdade para estarmos em harmonia com Deus e com os ensinamentos que derrama sobre nós.

No mesmo dia, saindo de casa, sentou-se à beira do mar e grande multidão reuniu-se perto dele. Por causa disso, entrou em um barco, acomodou-se e falou a eles

muitas coisas por parábolas, e dizia: "Eis que um homem saiu a semear..."

O Mestre descreve o que vai acontecendo com as sementes que, na verdade, são elementos figurativos que bem representam a forma como a Palavra Divina chega ao entendimento dos homens:

- a) Jogadas à beira do caminho, as aves as comem;
- b) Atiradas nas pedras, até brotam, mas, como não têm raízes firmes, morrem;
- c) Lançadas no meio dos espinhos, eles se encarregam de sufocar o crescimento, mesmo que germinem;
- d) Mas, jogadas em terra fértil, brotam fortes, desenvolvem-se, dão flores, frutos e cada fruto produz mais trinta, sessenta ou cem.

No livro *Parábolas e Ensinos de Jesus*, Cairbar Schutel refere-se à Parábola do Semeador, como a parábola das parábolas, porque sintetiza os caracteres predominantes em todas as almas e, ao mesmo tempo, ensina a distingui-las pela boa ou má vontade com que recebem as boas novas espirituais. Dessa forma, temos as almas que são "beiras de caminho", ou seja, onde passam todas as ideias grandiosas, como pessoas nas estradas, sem gravarem nenhuma delas. São as pedras impenetráveis às novas ideias, são os espinhos que sufocam as verdades, como as plantas que não permitem o crescimento do que quer que seja ao seu redor. São homens e terras improdutivas.

Mas também temos, ao lado dessas almas, aquelas de boa vontade, que recebem a palavra de Deus e a colocam em prática. Terra fértil que acolhe a semente bendita da qual resulta boa produção.

No tempo evolutivo no qual vivemos, temos todas essas características em nós mesmos. Qualidades que já podem produzir bons frutos, mas também dificuldades que não permitem a germinação da boa semente. Como todo esse processo evolutivo é longo e demorado, exige de cada um de nós o exercício da paciência, da perseverança e da coragem para lutar contra as próprias dificuldades, em acertos e erros contínuos, até que aprendamos a escolher somente o bem.

Entendemos que a "semente" é a palavra de Deus, mas seu aproveitamento não é uniforme, em razão da variedade de seres que habitam o planeta. Dessa forma temos uns mais propensos ao bem, à caridade e à fraternidade, e outros mais inclinados ao mal, ao egoísmo e ao orgulho. Uns mais atentos às coisas do Céu e outros mais apegados aos bens da Terra, ao transitório e fugaz. Portanto, segundo Jesus, a terra que recebe a semente representa o estado intelectual e moral de cada um: seja beira de caminho, pedregal, espinhal ou boa terra... Por exemplo, o amor que se transforma em outro sentimento ou perde seu encanto e poesia, ou simplesmente desaparece, é por negligência exclusiva do seu "cultivador" e não de Deus. Era pouco e, após a transformação, ficou sem nada. Se fosse verdadeiro, teria sido multiplicado.

Podemos acrescentar, ainda, que nem todos que pregam a Palavra o fazem tal qual ela é: Simples e despida de formas enganosas. Encontramo-la revestida de tantos mistérios, de dogmas, de retórica que, embora a Palavra permaneça, fica enclausurada na forma, sem que se possa ver o fundo, a essência. Muitos a pregam por interesse, por vaidade e grande parte por egoísmo. Não dissipam as trevas, endurecem corações ao invés de abrandá-los, não anunciam a Palavra, mas fazem dela um instrumento para

receberem ouro ou glória. Como têm pouco a dar, acabam por esvaziar a oportunidade que lhes foi dada, pelo Pai, de espalhar o entendimento, a fraternidade, a solidariedade, enfim, o Amor ao próximo...

A Palavra não pode ser rebaixada. Ela deve estar acima de nós mesmos – nos dizeres de Cairbar Schutel - “porque aquele que despreza a Palavra, anunciando-a ou ouvindo-a, despreza seu Instituidor e, como disse Ele: ‘Quem me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a Palavra que falei, ela o julgará no último dia’”. (João, 12: 48.)

Voltemos a Jesus: Assim que encerrou a narrativa sobre o Semeador, os discípulos perguntaram ao Mestre por que falava através de parábolas. E Ele respondeu: “Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas àqueles não lhes é concedido. Pois ao que se tem se lhe dará, e terá em abundância, mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso vos falo por parábolas; porque vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem; porque o coração deste povo está endurecido”.

Esta afirmação de Jesus parece paradoxal. Como dar mais a quem já tem e tirar daquele que pouco tem? O Mestre era incoerente? Vamos pensar em um exemplo, com valores materiais, que pode ilustrar nosso tema: Um homem adquire boa posição financeira. Se é imprevidente e malbarata os bens conquistados, perderá o que já obtivera, confirmando a assertiva de Jesus. Mas, se esse homem toma providências, sensatamente, para estabilizar a boa posição, conservando-a para o bem de todos, consolidará seu bem-estar. Com os tesouros do Espírito o problema é o mesmo, mas é preciso que fique claro que o ensino de Jesus é figurado, pois Deus jamais tirará o bem

que lhe foi concedido. É preciso ver o ensinamento pelo espírito. Não é Deus quem retira daquele que pouco havia recebido, mas é o próprio Espírito que, pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando a migalha que caiu no seu coração.

O Evangelho segundo o Espiritismo dá outro excelente exemplo: O filho que não cultiva o campo que o trabalho do pai conquistou, para deixar-lhe de herança, vê esse campo cobrir-se de ervas daninhas. As perguntas que os Espíritos superiores fazem e que necessitamos responder a nós mesmos são:

1 – Foi seu pai que lhe tirou as colheitas que ele não preparou?

2 – Se ele deixou a sementeira morrer nesse campo por falta de cuidado, deve acusar o pai pela falta de produção? Evidente que não! Deve acusar, sim, a si próprio, que é o verdadeiro responsável pela própria miséria.

Por outro lado, terá também a chance de se arrepender e retomar o trabalho e plantar a boa semente escolhida entre as más. Cuidar, zelar, arrancando as ervas daninhas que podem sufocar a nova sementeira. Isso dá trabalho? Dá e muito! Vale a pena? Vale, porque a colheita será imensa. Estamos plantando para nós mesmos, hoje, com vistas a um futuro de muita felicidade.

Mas o ensinamento do Mestre ainda aparece na Parábola dos Talentos, que tem a mesma significação da Parábola das Minas, e é importante lembrar-se disso por causa da conclusão que Jesus dá à narrativa dessa parábola: *"Tirai, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez. Porque a todo que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o*

servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão) São Paulo, novembro de 2009.

Servidores imperfeitos

"Como se conhecerá o que se toca com a flauta ou com a cítara?" - Paulo. (I Coríntios, 14:7.)

O dicionário define a palavra instrumento como sendo um objeto qualquer que é utilizado na execução de uma tarefa. Em sentido figurado, também coloca como sendo um intermediário. A Doutrina Espírita afirma que somos instrumentos espirituais – intermediários –, através dos quais Deus promove o progresso da Humanidade, seja do ponto de vista material ou espiritual, mesmo que, aparentemente, possa parecer o contrário.

Em Sua misericórdia, o Pai, também, nos fornece recursos pessoais (instrumentos) para que possamos, individualmente, promover esse progresso em nosso próprio benefício ou em benefício de tudo e de todos que estejam ao nosso redor. E um dos mais importantes recursos que temos é o livre-arbítrio que, associado à inteligência e à vontade, pode transformar-se em elemento de elevação ou de paralisação – se bem que temporária – da nossa marcha evolutiva.

Para entendermos melhor essa ideia, tomemos os instrumentos de uma orquestra como exemplo. Divididos em diferentes tipos, categorias e naipes, produzem, também, sons diferentes. Se os ouvirmos, separadamente, tocando a mesma melodia, seremos capazes de identificá-la, porque todos eles estão devidamente afinados e as notas saem limpas, perfeitas. Mas, se o instrumento não estiver bem cuidado, em ordem, para tal execução, certamente essas notas soarão dissonantes e a melodia

não poderá ser identificada. Por outro lado, temos, ainda, a qualificação daquele que irá usar o instrumento. Se for bom músico e tiver em suas mãos um bom material, a beleza da música será sentida por todos. Se for um instrumento mal cuidado ou de qualidade duvidosa, ele poderá tirar algum som, mas será com muita dificuldade e bastante desagradável. O oposto também aparece quando temos um mau músico, utilizando um instrumento precioso e não conseguindo, por mais que se esforce, fazê-lo produzir bela melodia.

Estamos, hoje, na condição de músicos, tendo à nossa disposição vários instrumentos para transmitir o luminoso sentido dos ensinamentos de Jesus. É imprescindível, diante dessa realidade, perguntarmos: "O que fazemos com os recursos na nossa condição de divulgadores desses ensinamentos?" Podemos administrar conselhos aos que nos procuram ou nos ouvem, e não temos, na maioria das vezes, condição de encontrar nossa própria direção e nem de indicá-las aos outros; mas é justamente essa tarefa que nos mostrará, no seu devido tempo, somando-se os nossos esforços, por onde for, apesar de todas as pedras do caminho.

Temos condição de levantar tribunas com o verbo brilhante da pregação, entretanto, longe dela, contamos piadas menos dignas e comentamos, através de juízos menos caridosos, as escolhas alheias, ao invés de nos esclarecermos para a educação dos nossos sentimentos. Perdemos nosso tempo, ocupando-nos do que compete aos outros. Todavia, é na repetição da lição evangélica que vamos aprendendo a disciplina da caridade e o entendimento do que Jesus quis dizer com: "Ama teu próximo como a ti mesmo".

A capacidade de escrevermos páginas que expressam

as diretrizes dos ensinamentos do Cristo não nos falta, mas caluniamos ou criticamos quem não pensa como nós, na prática ostensiva da intolerância, negando os princípios benditos da doutrina que Jesus nos trouxe – e que abraçamos como forma de vida: a doutrina da afabilidade, da mansuetude, da doçura e da compreensão. Entretanto, precisamos continuar escrevendo para que ampliemos a nossa cultura espírita.

E por assim agir é que não conseguimos, ainda, compartilhar da intimidade do Cristo em nossa vida. Por quê? Por falta de coerência entre os ensinamentos Dele, que nos propomos a divulgar, e as nossas atitudes. Na nossa condição de servidores imperfeitos necessitamos aprender a ouvir a música celeste que emana de Deus e que tem Jesus como seu grande maestro. Ainda não conseguimos compreendê-la, mas, quando pudermos, permitiremos que ela toque os nossos corações.

No Evangelho de João, Capítulo 21, versículo 17, Jesus perguntou a Pedro pela terceira vez: “Simão, filho de Jonas, amas-me?” Tão significativa essa pergunta... Em nenhum momento Ele questionou o entendimento que o discípulo tão amado tinha sobre o que deixava para ser espalhado ao mundo. Somente queria saber se ele O amava, deixando perceber, nessa pergunta, o entendimento que, com o amor, as demais dificuldades se resolveriam.

Assim, se o aprendiz da Boa Nova possui uma migalha que seja dessa essência divina, sua tarefa, por mais árdua possa parecer, converte-se em apostolado de bênçãos promissoras, como recorda Emmanuel¹⁷⁷. Expor o pensamento de Jesus – salvaguardando nossa limitação

177 XAVIER, F. C. *Caminho Verdade e Vida*, 17 ed. Rio de Janeiro/RJ, Federação Espírita Brasileira, 1997, lição 97.

evolutiva – é tarefa abençoada, não importa se no aconselhamento, na tribuna, nas aulas ou na escrita, informando e esclarecendo, consolando e reconfortando estaremos comprometidos com o Mestre em difundir as verdades evangélicas com caridade, equilíbrio e limpidez de intenção. Se somos flautas ou cítaras pouco importa, porque o que conta, realmente, é estarmos afinados com o mesmo diapasão, sob a regência do Grande Maestro, Nosso Senhor Jesus Cristo, para a execução da Divina Sinfonia do Amor.

Pub. – Jornal Espírita (FEESP) – julho de 2007.

Trabalhos e trabalhadores

O tema chama a atenção para duas colocações importantes, que dizem respeito às nossas atitudes perante os ensinamentos evangélicos, e as escolhas que fazemos, ainda que tenhamos algum conhecimento deles.

Uma delas lembra que os trabalhadores do mundo se classificam em diferentes posições, mas que o campo é um só; a outra reporta-se a uma frase de Jesus, dita aos discípulos, referindo-se ao Evangelho que Ele trazia. Disse o Mestre: "*A sementeira é realmente grande, mas poucos os ceifeiros*"¹⁷⁸, ou os colhedores, como entendemos, fazendo referência ao consolo que Seus ensinamentos traziam e a presença de poucos trabalhadores para recolherem essas benesses.

Em relação à primeira, incontáveis são os trabalhos ligados ao estômago, como incontáveis são os trabalhadores que permanecem ligados às emoções relativas ao sexo. Ambos têm fundamento sagrado, mas não podemos e não devemos permanecer parados em uma ou outra expressão. É preciso levantar os olhos e ver acima das regiões nas quais estamos mergulhados. Necessitamos pensar que existem zonas mais elevadas de onde poderemos colher valores novos, atendendo a nossa própria existência.

Cada um de nós é um celeiro, no qual armazenamos a colheita que houvermos feito em nossas viagens reencarnatórias. É chegado o momento de limparmos esse

178 XAVIER, F. C. *Pão Nosso*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 17ª edição – FEB – Rio de Janeiro/RJ – lição 148.

celeiro e renová-lo com as benesses que houvermos colhido, frutos de semeadura cuidadosa.

A semeadura é nossa, a colheita é nossa e o celeiro é dádiva divina, que precisamos cuidar. Estamos falando do Espírito que é abrigado pelo corpo, corpo esse que permite a esse mesmo espírito progredir, evoluir, adquirir valores morais perenes, para que se afaste cada vez mais das zonas inferiores da matéria grosseira e ganhe asas para voos mais altos, em direção a mundos mais elevados.

A experiência da vida não se resume apenas em comida e continuidade da espécie, ou simplesmente prazer, pois dia virá em que o próprio espírito pedirá algo maior, algo que possa lhe trazer calma, equilíbrio e sustentação nos momentos difíceis da vida planetária. É a busca de iluminação espiritual, que cada um de nós necessitará, mais cedo ou mais tarde, porque o que é somente material já não nos satisfará mais. Só que essa busca vai requerer, também, de cada um de nós a disposição firme, a perseverança para alcançar o objetivo e o fortalecimento da fé para que, independentemente dos obstáculos e tentações, possamos prosseguir sem medo.

Tudo no mundo reclama entendimento... Tudo na vida pede nosso esforço...

É neste ponto que a frase de Jesus, dita aos discípulos, necessita esclarecimento: existe o trabalho e existem os trabalhadores. Ainda que estes sejam diferentes, aquele é um só. Ainda que surjam trabalhadores em diferentes posições e atividades, o campo é um só. É a seara do Pai, porque tudo pertence a Ele. Tudo emana Dele e pode ser transformado em nossas mãos, pela Sua Infinita Misericórdia, em benesses para nós e para os outros. Jesus é o Celeste Trabalhador, agindo em nós e a nosso favor, a

fim de aprendermos a ser instrumentos e companheiros Dele no cumprimento da obra divina em nós.

São as Leis do Trabalho e do Progresso que regem o Universo. Todavia, há milhões de pessoas que se sentem dispensadas da glória de servir; criaturas essas que veem o trabalho como humilhação, como sofrimento e, por isso mesmo, buscam todo tipo de facilidades delituosas, desperdiçando as horas, voltadas tão somente para a realização dos seus desejos e caprichos, imitando o poço de água parada que se envenena por si próprio.

Infelizmente, temos, também, muitos aprendizes do Evangelho, que almejam grandes realizações de um dia para outro. Diz Emmanuel que esses companheiros – e será que não somos eles? – querem "*a coroa da santidade, o poder da cura, a glória do conhecimento superior, as edificações de grande alcance*".¹⁷⁹ Entretanto, não basta desejar. Tudo na Natureza obedece a uma sequência da qual ninguém escapa, pois não é possível pular etapas.

Prossegue Emmanuel dizendo que a árvore vitoriosa na colheita foi antes um arbusto frágil; que a catarata, capaz de movimentar turbinas poderosas, é um fio de água no nascedouro; e que a construção de um edifício não pode dispensar o serviço da pá e da picareta, do tijolo e da pedra.

Por essa razão, é de vital importância, para garantirmos o prosseguimento nos caminhos da evolução, que abracemos os deveres humildes e simples, por mais árduos que possam ser, pois é através do amor que lhes dedicarmos que atingiremos, no devido tempo, o ideal de progresso que tanto almejamos. Após as pequenas, as

179 XAVIER, F. C. – *Fonte Viva*, ditado pelo Espírito Emmanuel – 31ª edição – FEB – Rio de Janeiro/RJ – lição118.

grandes tarefas virão espontaneamente ao nosso encontro.

Nenhum trabalhador do campo divino carrega fardo maior do que aquele que ele pode suportar, embora, tantas vezes, iludidos, acredite poder fazê-lo. Fardo pesado exige ombros fortes. Tarefa de grande responsabilidade moral exige preparação adequada, crescimento e desprendimento, em benefício do próximo.

O apóstolo Paulo, na Segunda Carta a Timóteo, capítulo 2, versículo 15, deixa sábias e justas palavras para que acordemos diante dos convites ao trabalho que Jesus nos faz. Diz ele: *"Procura apresentar-te a Deus aprovado como o obreiro que não tem de que se envergonhar"*.

O mundo é departamento da Casa Divina. A cátedra para quem fala e a enxada para quem planta não são elementos de divisão humilhante, mas, tão somente, degraus para cooperadores diferentes. O caminho para a elevação, este sim, é igual para todos. Solo ou livros são somente instrumentos diferentes, mas a essência do serviço é a mesma: apresentar-se diante do Pai como obreiro aprovado na tarefa que lhe foi confiada.

Jesus trouxe o Evangelho para que permanecesse no mundo com a finalidade de enriquecer o espírito humano, mas são tão poucas as criaturas dispostas a trabalharem na sua conquista, enfrentando dificuldades, surpresas que surgem no meio da jornada, com devotamento e fidelidade ao Cristo.

Se de um lado temos a escassez de trabalhadores comprometidos com o Evangelho, de outro, apresenta-se uma multidão de desesperados, aflitos e iludidos, que continuam atravessando séculos sem nada realizarem para si mesmos e para os semelhantes. Com isso, esses poucos tarefeiros veem-se onerados em virtude de tantos famintos

de pão espiritual. Mas é preciso observar que sem a determinação de buscarmos, por si próprios, o alimento da vida eterna, ficam aguardando que chegue até eles o trigo já beneficiado e o pão já pronto.

Lembra Emmanuel que *"esse quadro persistirá na Terra, até que bons consumidores aprendam a ser bons ceifeiros"*.¹

Jesus é Semeador Divino e, Suas palavras, sementeira profunda. Nossos corações também são terrenos a serem cultivados. Se são pedregosos, cheios de espinhos ou solo fértil, onde caem as sementes amorosas do Mestre amigo, mesmo que ainda não O compreendamos em Sua plenitude, diferentemente dos homens, Ele acredita na nossa capacidade de nos transformarmos, e transformarmos o que existe ao nosso redor.

Essa capacidade de olhar mais além, de perceber a centelha divina que existe em nós é que faz com que o Excelso Amigo nos aguarde. Ele sabe que nos reergueremos de onde estivermos, com dificuldades, lutas, ultrapassando obstáculos, mas com vistas no futuro.

Se ontem semeamos e hoje colhemos, e se desejamos colheita farta e de qualidade no futuro, precisamos aprender a escolher melhor e a recolher essas benesses que emanam de Deus para todos. Evidentemente, é preciso trabalhar para isso, afinal, não estamos trabalhando para nós mesmos?

Pub. – Revista Internacional de Espiritismo (Matão), setembro de 2012.

Tribulações

"Também nos gloriamos nas tribulações" – Paulo (Romanos, 5:3.)

Comentando Paulo de Tarso os favores recebidos do Plano Superior, com muita propriedade não se esquecia de acrescentar o seu júbilo nas tribulações. O Cristianismo está repleto de ensinamentos sublimes para todos os tempos. Muitos aprendizes não lembram o apóstolo da gentilidade senão em seu encontro divino com o Messias, às portas de Damasco, fixando-lhe a transformação sob o hálito renovador de Jesus, e muitos companheiros se lhe dirigem ao coração, mentalizando-lhe a coroa de espírito redimido e de trabalhador glorificado na casa do Pai Celestial.

A palavra do grande operário do Cristo, entretanto, não deixa margem a qualquer dúvida, quanto ao preço que lhe custou a redenção. Muita vez, reporta-se às dilacerações do caminho, salientando as estações educativas e restauradoras, entre o primeiro clarão da fé e o supremo testemunho. Depois da bênção consoladora que lhe reforma a vida, ei-lo entre açoites, desesperanças e pedradas. Entre a graça de Jesus que lhe fora ao encontro e o esforço que lhe competia efetuar, por reencontrá-lo, são indispensáveis anos pesados de serviço áspero e contínua renúncia.

Reparemos em nós mesmos, à frente da luz evangélica. Nem todos renascem na Terra, com tarefas definidas na autoridade, na eminência social ou no governo do mundo, mas podemos asseverar que todos os discípulos, em

qualquer situação ou circunstância, podem dispor de força, posição e controle de si próprios. Recordemos que a tribulação produz fortaleza e paciência e, em verdade, ninguém encontra o tesouro da experiência, no pântano da ociosidade. É necessário acordar com o dia, seguindo-lhe o curso brilhante de serviço, nas oportunidades de trabalho que ele nos descortina. A existência terrestre é passagem para a luz eterna. E prosseguir com o Cristo é acompanhar-lhe as pegadas, evitando o desvio insidioso. No exame, pois, das considerações paulinas, não olvidemos que, se Jesus veio até nós, cabe-nos marchar desassombradamente ao encontro dele, compreendendo que, para isso, o grande serviço de preparação há de ser começado na maravilhosa e desconhecida "terra de nós mesmos".

Indicação, por ordem alfabética, dos Livros Bíblicos

LIVROS

ARTIGOS

ATOS

12:10 invisível	Reflexões sobre o auxílio do
14:10	A cada um seu cuidado
19:5	Não vim para batizar

JOÃO

I, 2:6	Observemo-nos
I, 4:20	Aproveita
4:18	Amor e temor
6:63 palavras de Jesus	O caráter sagrado das
8:32	Ante a luz da verdade
12:48	Semeaduras e colheitas
14,15,16 e 17	Os Sermões de Jesus
15:7 Jesus em nós	A constante presença de
18:36	A verdade nos libertará
21:6	Mundo, campo de trabalho
21:17	Apascenta

LUCAS

2:14	Mensagem de Natal
6:14	E Jesus prossegue ensinando
8:17 e 18	Em torno da palavra falada
10:9	A cura verdadeira
11:41	Moeda de troca
15:11 a 32	O outro filho
18:14	A cura verdadeira
19:42	Nossa conta particular
22:46	Reforma íntima, já!

MARCOS

4:23 e 24 viagem do Espírito	Parábola do Semeador,
6:31	No deserto do silêncio

MATEUS

4:19	Mundo, campo de trabalho
5,6,7 e 24:2	Os Sermões de Jesus
5:4	Herdeiros da Terra
5:9	Herdeiros da Terra
5:16	Filhos da Luz
4:44	Pedras do caminho
6:13	Amparo e sustentação

6:13 confiemos em nós	Confiemos em Deus,
7:24 a 27	Os dois fundamentos
9:37	E agora, por que te deténs?
11:28 a 30	Jesus e nós outros
13:13 e seguintes viagem do Espírito	Parábola do Semeador, a
13:10	Semeaduras e colheitas
13:10 a 15 simbologia da candeia	O caráter atual da
18:4	Todo aquele que se eleva
18:4	Nos domínios da humildade
19:26 Senhor!	Acalma meus passos,
21:28 a 32	Fé e obra
23:25	Os Sermões de Jesus
25:25	O talento da coragem

PAULO

Coríntios I

1:14 a 17	Não vim para batizar
4:16	Na renovação de cada dia
5:6	Pão da alma
10:23	E os fins?
15:58 empatia	Autoevangelização e

14:7

Servidores Imperfeitos

Coríntios II

4:7
o caminho

Seguir a luz para encontrar

6:22

Salva-te a ti mesmo

13:7

Reflexões sobre o cotidiano

Efésios

4:29

O expositor espírita

4:32
empatia

Autoevangelização e

4:32
benignidade

Reflexões sobre a

5:8

Filhos da luz

Gálatas

5:1

Liberdade segundo Jesus

5:13

Na conquista da liberdade

6:7

E agora, por que te deténs?

Hebreus

10:35
confiemos em nós

Confiemos em Deus,

16:15
Deus

Prometer é barganhar com

Romanos

5:3

Tribulações

7:19

Em que estou melhorando?

8:39

Parábola do mordomo infiel

Timóteo I

2:2

No auxílio a todos

Timóteo II

12:15

Trabalho e trabalhadores

PEDRO

I, 40:8

Com ardente amor

TIAGO

2:17

Confiança e trabalho

4:15

Confiança e trabalho

Referências bibliográficas

1 - ANDREA, J. *Forças Sexuais da Alma*. 6 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1991

2 - _____ *Palingênese, a Grande Lei (reencarnação)*. 4ed. Petrópolis: Sociedade Editora Espiritualista F. V. Lorenz. 1990

3 - BIBLIA DE ESTUDO ALMEIDA – revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 1999

4 - BOZZANO, E. *Pensamento e Vontade*. 8 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1998

5 - CALLIGARIS, R. *As Leis Morais*. 6 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1991

6 - _____ *Parábolas Evangélicas*. 11 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1991

7 - DELANNE, G. *O Fenômeno Espírita*. 3 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1997

8 - DENIS, L. *Depois da Morte*. 5ª Parte. 19 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora.

9 - _____ *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 1 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 2007

10 - _____ *O Espiritismo na Arte*. 2 ed. RJ: Publicações Lachâtre. 1994

11- FRANCO, DIVALDO P. *Estudos Espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 3 ed. RJ: Federação Espírita Brasileira Editora. 1983

12 - _____ *O amor como Solução*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal Editora. 2006

13 - _____ *Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia Profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 19 ed. Salvador: Leal Editora. 2000

14. _____ *Amor, Imbatível Amor*, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis - 8ª edição - Editora LEAL - Salvador/BA - pp. 242 - 243

15 - GODOY, Paulo A. *Quando Jesus Teria Sido Maior*. 2 ed. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo Editora. 1990

16 - _____ *O Evangelho Pede Licença*. 3 ed. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo Editora. 1997

17 - _____ *Os Quatro Sermões de Jesus*. 5 ed. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo Editora. 2005

18 - _____ *As Maravilhosas Parábolas de Jesus*. 9 ed. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo Editora. 2008

19 - KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 37 ed. São Paulo: Editora LAKE. 1997

20 - _____ *O Livro dos Espíritos*. 86 ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita. 1994

21 - _____ *A Gênese*. 14 ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita. 1992

22 - _____ *O Livro dos Médiuns*. 45 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1982

23 - OLIVEIRA, Alkindar - *Decálogo do Expositor Espírita. Revista Espírita de Campos, out/dez -1997.*

24- OLIVEIRA, W. *Mereça Ser Feliz*. Pelo Espírito Ermance Dufaux. 2 ed. Belo Horizonte: INEDE. 2003

25 - _____ *Reforma Íntima Sem Martírio*. Pelo

- Espírito Ermance Dufaux. 1 ed. Belo Horizonte: INEDE. 2003
- 26 - PERALVA, M. *Estudando o Evangelho*. 6 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 1992
- 27 - _____ *O Pensamento de Emmanuel*. 4 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1991
- 28 - _____ *Estudando a Mediunidade*. 20 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1998
- 29 - _____ *Evangelho Puro, Puro Evangelho*. 1 ed. Belo Horizonte: Vinha de Luz. 2009. Organização Basílio Peralva
- 30- _____ *Promessas*. O Reformador, junho de 1957 - editora FEB.
- 31 - PEREIRA, Yvonne A. *Dramas da Obsessão*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1996
- 32 - _____ *À Luz do Consolador*. 3 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1998
- 33 - PIRES, J. Herculano. *Agonia das Religiões*. 4 ed. São Paulo: Pandeia. 1994
- 34 - _____ *O Reino*. Estande de Bolso EDICEL 2. São Paulo: EDICEL
- 35 - _____ *O Centro Espírita*. 4 ed. São Paulo: LAKE. 1992
- 36 - _____ *Revisão do Cristianismo*. 3 ed. São Paulo: Paideia.
- 37 - _____ *Introdução ao Espiritismo* (organização e notas). Textos de Kardec. 1 ed. São Paulo: Pandeia. 2009
- 38 - RIGONATTI, E. *O Evangelho dos Humildes*. 17 ed. São Paulo: Editora Pensamento. 1997
- 39 - _____ *O Evangelho das Recordações*. 10 ed.

São Paulo: Editora Pensamento. 1999

40 - RIZINNI, Carlos T. *Evolução para o Terceiro Milênio*. 11 ed. Sobradinho: EDICEL. 1994

41 - ROHDEN, H. *Sabedoria das Parábolas*. 12 ed. São Paulo: Editora Martin Claret. 1997

42 - _____ *O Sermão da Montanha*. 2º Volume de Sabedoria do Evangelho. São Paulo: Editora Martin Claret.

43 - SCHUTEL, C. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 14 ed. Matão: Casa Editora O Clarim. 1997

44 - _____ *O Batismo*. 7 ed. Matão: Casa Editora O Clarim. 2015

45 - SCHUBERT, Suely C. *Obsessão/Desobsessão*. 12 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1998

46 - VIEIRA, W. *Conduta Espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 18 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 1995

47 - XAVIER, Francisco C. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 11 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 1989

48 - _____; VIEIRA, W. *Sexo e Destino*. 16 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1966

49 - _____ *O Espírito da Verdade*. Por diversos Espíritos. 10 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1997

50 - _____ *Estude e Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 6 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1986

51 - _____ *Palavras de Vida Eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 20 ed. Uberaba: Edição CEC (Comunhão Espírita Cristã). 1995

52 - _____ *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 16 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1988

53 - _____ *Religião dos Espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 8 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1990

54 - _____ *Vinha de Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 14 ed. Rio de Janeiro Federação Espírita Brasileira Editora. 1996

55 - _____ *Caminho, Verdade e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 17 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1997

56 - _____ *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 25 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1997

57 - _____ *Pão Nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 17 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1996

58 - _____ *Coletânea do Além*. Por Espíritos diversos. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo Editora. 2001

59 - _____ *Dos Híppies aos Problemas do Mundo*. 3 ed. São Paulo: Editora LAKE.

60 - _____ *Vida e Sexo*. Pelo Espírito Emmanuel. 13 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1991

61 - _____ *Seara dos Médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 8 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 1993

62 - _____ *Nos domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 20 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 1992

63 - _____ *Ação e Reação*. Pelo Espírito André Luiz. 12 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 1987

64 - _____ *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 17 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Editora. 1995

65 - _____ *Jesus no Lar*. Pelo Espírito Lucio. 33 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira. 2005

66 - _____ *Encontro Marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 13 ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira Editora. 2009

67 - _____ *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 8 ed. Brasília Federação Espírita Brasileira Editora. 1989

68- _____ *Alma e Luz* – pelo Espírito Emmanuel – Editora IDE, lição 20.

69 - *Revista Internacional de Espiritismo* – fevereiro de 2005, Casa Editora O Clarim, Matão, SP, págs. 20 e 21.

70 – Revista *Galileu*, abril de 2001, nº 117 – O que aconteceu depois da Páscoa.